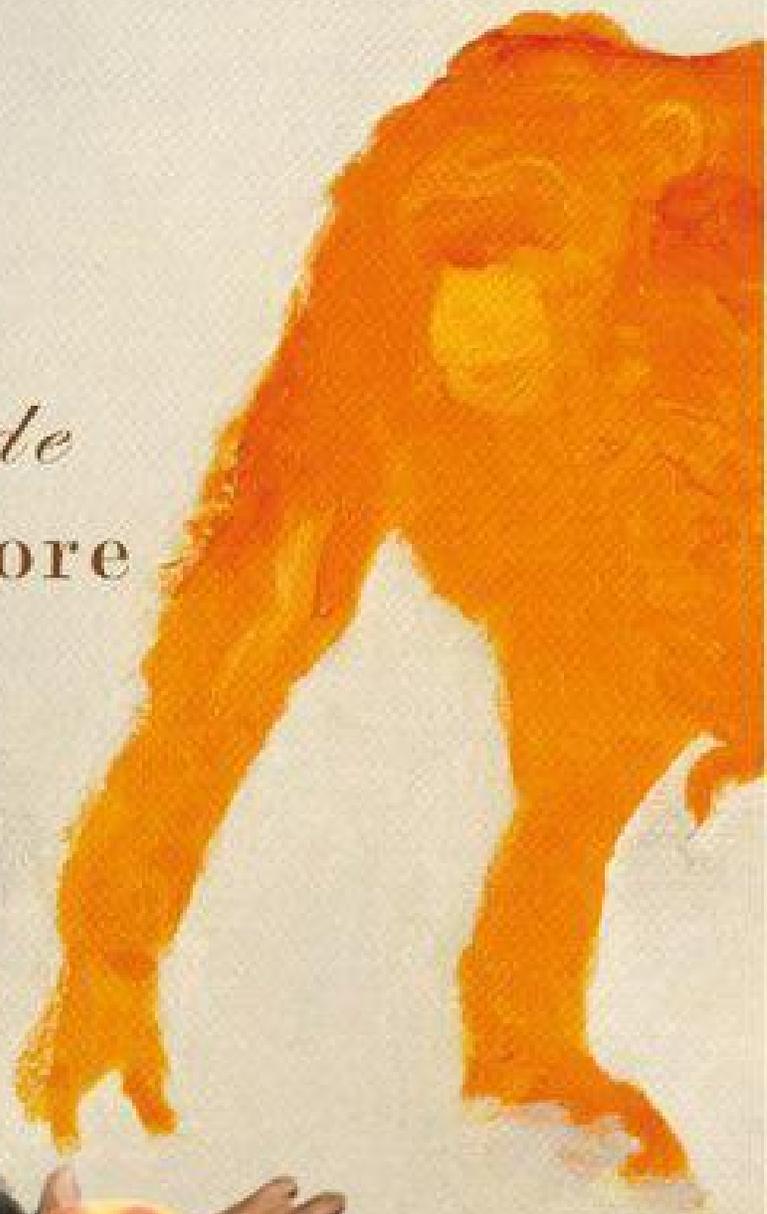




*A evolução de*  
**Bruno Littlemore**



**Benjamin  
Hale**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Benjamin Hale

*A* evolução *de*  
Bruno Littlemore

Tradução de Domingos Demasi



Copyright © 2011 Benjamin Hale

TÍTULO ORIGINAL

*The Evolution of Bruno Littlemore*

CAPA

Anne Twomey

FOTO DO CHIMPANZÉ

Getty Images

PINTURAS

Laurie Thomas

TRATAMENTO DE IMAGENS DE CAPA

Herman Estevez

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

PREPARAÇÃO

Aline Canejo

Carolina Rodrigues

REVISÃO

Cristhiane Ruiz

Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-296-4

Edição digital: 2013

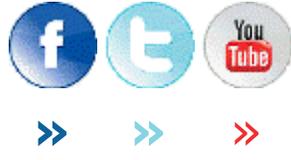
*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21)3206-7400  
[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



*Em memória de Jesse Barboza  
(1982-2007)*

O que aprendi com eles moldou  
minha compreensão do comportamento humano, do nosso  
lugar na natureza.

Jane Goodall

Você verá que é verdade,  
um macaco como eu  
pode aprender também a ser humano.

King Louie,

“I Wan’na Be Like You (The Monkey Song)”

[O original que se segue contém as transcrições não editadas das memórias de Bruno Littlemore, conforme relato a Gwendolyn Gupta entre 9 de setembro de 2007 e 8 de agosto de 2008, no Centro Nacional Zastrow de Pesquisa com Primatas, Eastman, GA 31024]

# Parte Um

...Mas o homem, o homem orgulhoso,  
Revestido de uma curta e débil autoridade,  
Mais ignorante do que aquele que se crê mais confiante,  
Sua essência de vidro, tal furioso macaco,  
Executa artimanhas tão fantásticas diante do céu  
Que faz os anjos chorarem; que, com a nossa rabugice,  
Ririam todos eles como os mortais.

Shakespeare, *Medida por medida*

# I

**M**eu nome é Bruno Littlemore: Bruno me deram, Littlemore eu me dei e, com algum estímulo, decidi, enfim, presentear este mundo indigno e espiritualmente doente com a generosa dádiva de minhas memórias. Ofereço-as com a intenção e a esperança de que elas iluminem, encantem, previnam, instruam e talvez até mesmo distraiam. Contudo, acho insuportável o tédio físico de escrever de fato. Nunca me preocupei em aprender um método de digitação mais habilidoso do que o vexaminoso e primitivo “catar milho”. E, no que diz respeito a papel e caneta, minhas mãos possuem um feitio desajeitado e canso-me facilmente de gravar tantos sinais pequenos e meticulosos. Por isso decidi apresentar minhas memórias ditando-as. E como gravadores de voz me abominam pelos motivos de praxe, preciso recorrer a um amanuense. No momento, são 11h15 da manhã de um monótono e desinteressante dia de setembro; estou deitado parcialmente de costas e bem à vontade em um sofá, sem os sapatos, mas de meia, um copo de chá gelado tilintando serenamente em minha mão. Há uma jovem de fala mansa chamada Gwen Gupta sentada neste prosaico aposento comigo, anotando minhas palavras a lápis num bloco de papel amarelo com concentração máxima. Gwen, minha amanuense, é universitária e estagia no centro de pesquisas no qual estou abrigado. É ela quem age como parteira dessas palavras que minha mente concebe e meus pulmões e língua produzem, proferindo-as e, pelo simples processo de documentação, impregnando-as com a solenidade e a permanência da literatura.

Agora, ao começo. Por onde devo começar, Gwen? Não, não fale. Vou começar pela primeira vez que encontrei Lydia, porque ela é o motivo de eu estar aqui.

Antes, porém, creio que devo descrever brevemente meu ambiente e a tribulação em que me encontro. Alguém poderia dizer que vivo em cativeiro, mas tal palavra sugere que eu desejaria estar em outro lugar, o que não corresponde à realidade. Se alguém me perguntasse “Como vai, Bruno?”, muito provavelmente eu responderia “Bem”, e isso seria verdade. Sei que não me falta nada. Gosto de pensar em mim não como aprisionado, mas como semi-isolado. Como você já sabe, sou um artista, coisa que meus proprietários reconhecem e respeitam, permitindo que eu me ocupe com as duas artes mais importantes para minha alma: pintura e teatro. Quanto à primeira, o centro de pesquisas generosamente me fornece tintas, pincéis, telas etc. Meus quadros são vendidos até mesmo no mundo que há além destes muros — um mundo que já não me desperta muito interesse —, onde, segundo me foi dito, continuam a alcançar preços substanciais, sendo a renda revertida para o centro de pesquisas. De modo que eu enriqueço esses desgraçados. Não me importo. Que vão todos para o inferno, Gwen: pinto apenas para aliviar as feridas de meu inquieto coração; o resto é economia porca. Quanto ao último — o teatro —, estou preparando a encenação de *Woyzeck*, de Georg Büchner, dirigida e estrelada por mim mesmo no papel de protagonista que dá nome à peça, que a nossa modesta companhia apresentará dentro de poucas semanas para o pessoal do centro de pesquisas e seus amigos e familiares. Não é a Broadway, nem mesmo off-Broadway — mas satisfaz (em pouca medida) a volúpia pela luz dos refletores que, talvez, seja essencial para o entendimento de minha personalidade. Meu amigo Leon Smoler me visita de vez em quando e, nessas ocasiões, rimos e recordamos histórias. Às vezes, jogamos gamão, e, outras, conversamos sobre questões filosóficas

até o azul brumoso da alvorada ao horizonte surgir lentamente na minha janela. O centro de pesquisas me permite viver com todo o conforto e com a relativa privacidade que qualquer ser humano poderia pensar em querer — até mais, na verdade, levando-se em conta que minha mente está livre das preocupações inconvenientes de manter minha permanência diária no mundo. Tenho, inclusive, autorização de ir lá fora sempre que desejar, e, quando meu humor está mais *thoreauviano*, permitem que eu perambule pela mata em comunhão espiritual com as muitas árvores, com seus antigos troncos espessos e resplandecentes, repletos de musgo e cogumelos. O centro de pesquisas fica localizado na Geórgia, um lugar onde eu nunca havia estado antes de ser transferido para cá. Pelo que posso perceber com minha perspectiva confessadamente limitada, a Geórgia parece um tanto agradável e viçosamente bela, com um clima úmido subtropical que se mostra benéfico à minha compleição. Honestamente, na maioria dos dias, sinto-me como se vivesse em algum tipo de resort, em vez de estar confinado, contra a minha vontade, devido a um assassinato que meio que mais ou menos cometi (o qual, a propósito, se pudesse voltar no tempo, cometeria novamente sem pestanejar). Por ser esse mais ou menos assassinato algo relativamente sem importância na minha vida, não me darei o trabalho de mencioná-lo outra vez, a não ser bem mais tarde, mas ele é, pelo menos aparentemente, responsável pelo meu atual endereço e, portanto, pelo seu projeto. Não sou, porém, um criminoso comum. Suponho que o motivo pelo qual estou sendo mantido neste lugar não seja tanto para me castigar, mas sim para me estudar, e presumo que este seja o objetivo final do seu projeto. E não os censuro — ou a você — por querer me estudar. Sou interessante. Meu caso é inusitado.

Aliás, Gwen, eu deveria me desculpar com você por minha recusa inicial em aceitar seus constantes pedidos de entrevista. Só ditar estes parágrafos de abertura já me fez perceber que nada que eu

tenha experimentado antes satisfaz mais meu puro desejo humano de imortalidade filosófica do que sua ideia de gravar esta história — captando-a diretamente da fonte, obtendo-a de maneira apropriada, registrando-a para a posteridade: minhas memórias, meus amores, minhas iras, minhas opiniões e minhas paixões — ou seja, minha vida.

Agora, do início. Vou começar com a minha primeira lembrança significativa, que é a da primeira vez que me encontrei com Lydia. Na ocasião, eu ainda era criança. Tinha uns 6 anos. Ela e eu logo desenvolvemos uma relação afetiva. Lydia me ergueu e me segurou, beijou minha cabeça, brincou com minhas pequenas mãos emborrachadas, e eu enrolei meus braços em volta de seu pescoço, segurei seus dedos, pus fios de seu cabelo em minha boca, e ela riu. Talvez já tivesse me apaixonado por ela, e a única maneira que eu sabia de expressar aquilo era chupando seu cabelo.

Antes de começar de fato, sinto que a primeira coisa que devo fazer por você é direcionar sua total atenção para esse espécime, essa mulher, Lydia Littlemore. Muito tempo depois, em sua homenagem, eu até mesmo usurparia seu cadenciado sobrenome de sílabas melodiosas. Lydia é importante: sua pessoa, seu ser, o modo como ocupava um aposento, a maneira como preenchia e continua a preencher tanto espaço em minha mente. Sua aparência. Seu *cheiro*. Aquele inebriante e magnífico aroma que emanava de sua pele — era inteiramente além de minha prévia experiência olfativa; eu não sabia o que fazer com aquilo. E o cabelo dela... era louro (o que também era exótico para mim). Seu cabelo era tão louro que parecia *eletricamente* iluminado, como se, talvez, no escuro, fosse incandescido por luz bioluminescente, como um vaga-lume ou um daqueles peixes das profundezas do mar. No dia em que nos conhecemos, ela havia prendido, como costumava fazer, seu magnífico e brilhante cabelo louro para trás, num rabo de cavalo prático na base da nuca, que evitava que o cabelo caísse em

seus olhos, mas permitia que três ou quatro fios escapassem. Eles esvoaçavam em volta de seu rosto, e Lydia tinha o hábito de sempre deslizá-los com os dedos para trás das orelhas. Em vão! — porque logo estavam livres de novo, um por um, ou todos de uma vez, no momento em que ela tirava os óculos que às vezes usava. Quando Lydia estava trabalhando, suas mãos viviam numa guerra interminável com seu cabelo e seus óculos. Tira os óculos, presos por uma cordinha à armação, e agora (veja!) eles pendem do pescoço como um amuleto, aquelas duas rodela prismáticas de vidro cintilando perto daqueles dois faróis de feminilidade — seus seios! E, agora, (veja!) foram colocados outra vez, aumentando ligeiramente seus olhos, e, se você for para trás dela, verá a cordinha pendendo, frouxa, no meio das costas. Os óculos são retirados, depois recolocados, nunca descansam por muito tempo na ponte de seu nariz (onde deixaram duas marcas ovais nas laterais do delicado ossinho, que ela massageia com os dedos quando pressente uma dor de cabeça) ou pendurados próximo a seu peito. Para dizer a verdade, em certa ocasião — isso foi muito depois, quando aprendi os números —, fiquei, por um breve período, obcecado por contar coisas, e contei o número de vezes que Lydia tirou os óculos e tornou a colocá-los, durante uma hora em que a observei trabalhando. E, então, contei as vezes que ela pôs os cabelos atrás das orelhas. Os resultados: no período de uma hora, Lydia colocou os óculos 31 vezes, retirou 32, e pôs os fios de cabelo atrás da orelha ou orelhas um total de 53 vezes. Isso dá uma média de quase uma vez por minuto. Creio, porém, que esses hábitos eram meramente indícios de um desconforto causado por nervosismo que ela sentia perto de seus colegas, pois, quando estávamos sozinhos, a não ser que ela estivesse executando alguma tarefa que demandasse uma concentração visual mais aguçada (como ler), os óculos permaneciam no estojo e o cabelo pendia livremente.

Vou falar agora de seu corpo, estilo de roupa e comportamento em geral. Ela era, é óbvio, muito mais alta do que eu, mas não ridiculamente alta para uma fêmea humana, talvez medisse 1,65m, embora possuísse uma compleição esguia que gerava a ilusão de que ela era mais alta. Para mim, pelo menos. Ela se exercitava com frequência, seguia uma dieta saudável e nunca se sentia tentada por qualquer um dos supérfluos destruidores de corpo que tão facilmente me atraíam; permanecia naturalmente surda ao canto da sereia. Por exemplo: só bebia socialmente e, mesmo assim, não muito. Suas mãos tinham juntas nodosas e possuíam um aspecto quase masculino, com unhas desgastadas pelo trabalho tranquilo e o roer de sempre (um de seus poucos maus hábitos). Eram mãos práticas, não havia nada de delicado nelas. Não eram do tipo que um poeta andarilho descreveria como de “alabastro”, nem aquelas nas quais se poderia deslizar um anel de diamante pelo anelar em um comercial de TV anunciando resplandecentes pedras preciosas arrancadas do solo nas profundezas da África. Ela se vestia de maneira apurada, um pouco conservadora. Trajava-se com elegância, mas não de modo a atrair uma atenção excessiva para si mesma. Não, ostentar não era seu estilo. (Ostentar é *meu* estilo.) Suéteres pretos com gola rulê eram seu estilo. Blazers marrom-claros de cetim de algodão eram seu estilo. Cachecóis de flanela eram seu estilo. Lydia fazia compras na Marshall Field’s. Usava grampos de cabelo. Sandálias no verão. Calçava botas no inverno. Enfeitava-se com joias somente em eventos especiais, embora vestisse, sem esforço, em todas as ocasiões, um véu de beatífico esplendor. Ela ficava linda de verde.

Agora, vou falar de sua voz. Isso me impressionou no momento em que nos conhecemos. A maioria das pessoas fala comigo com aquele desagradável tatibitate saltitante que adultos usam quando conversam com crianças ou animais. Mas Lydia não. Não, ela falou comigo com o mesmo tom sóbrio de voz que teria usado para se

dirigir a qualquer outro, e isso, de início, já conquistou facilmente minha lealdade. Sua voz tinha um leve, mas perceptível, som nasal. Lydia vinha de uma família de nobres e diligentes ignorantes de alguma cidade atrasada abandonada por Deus na zona rural do Arkansas, mas escapou dessa sorte ascendendo pela educação, quase do mesmo modo como fugi da minha, e falava como uma jovem mulher com doutorado pela Universidade de Chicago, que é o que ela era. Tinha frases bem construídas, com a pontuação bem marcada: pontos, parênteses, vírgulas e até mesmo pontos e vírgulas. Ouvi-la era como escutar uma peça de música clássica executada por uma orquestra sinfônica completa, com um banjo um pouco desafinado, solitariamente dedilhado em alguma parte da seção de cordas.

E agora vou falar do rosto dela. O rosto de Lydia era pálido e um tanto escandinavo, de modo que ela não ficaria deslocada num filme preto e branco de Ingmar Bergman, embora seus olhos não fossem do azul translúcido que você esperaria ver na mulher que descrevi até este ponto. Seus olhos eram verdes manchados de dourado. Imploravam para ser comparados a cascos de tartaruga, a corolas de rosas verdes com pétalas mergulhadas em bronze, a duas estrelas verde-ouro explodindo em outra galáxia, observadas através de um telescópio um bilhão de anos depois. Em sua carteira de motorista, eles eram "castanhos". Lydia tinha o rosto comprido, a boca fina e bem afastada da extremidade do queixo ligeiramente fendido. Sua pele tinha o tipo de palidez que, ao sol, se torna rosada em vez de bronzeada. Mal se notavam duas delicadas veias azuis bifurcadas em suas têmporas. A ponte do nariz era uma linha diagonal perfeitamente reta, mas a ponta era achatada e arrebitada em um ângulo obtuso apenas o suficiente para permitir, a partir de uma visão diretamente frontal, fitar as profundezas do interior de suas narinas. Sua testa era larga e exibia um inchaço bem sutil acima da artéria supraorbital. As maçãs de seu rosto não

eram altas e emergiam para a exposição apenas sob uma luminosidade mais severa. Lydia raramente usava maquiagem e, quando o fazia, eram apenas insinuações e vestígios, pois lambuzar muita mixórdia ornamental naquele rosto diminuiria seu valor em vez de realçá-lo. O sorriso com a ponta de um dente quebrado era uma recordação da infância pobre. Tinha 26 anos quando a conheci, e 34 quando morreu.

Mas por que — *por que* tenho gastado tanta energia, tanto meu tempo quanto o seu, descrevendo essa mulher, conseguindo apenas, provavelmente, distorcer em vez de elucidar a imagem dela na sua imaginação? Porque Lydia foi meu Primeiro Amor. Não deixe de escrever com A maiúsculo, Gwen. E aproveite para também escrever com maiúscula o P de *primeiro*. Porque Lydia foi meu U maiúsculo, Único, meu A maiúsculo, Amor, ou, pelo menos, o Único Amor que eu ousaria colocar em letras maiúsculas.

Agora, podemos começar de verdade. Novo capítulo, por favor.

## II

Quando me encontrei com Lydia pela primeira vez eu era tão jovem e tão não contaminado pelo mundo que sequer sabia que participava de uma experiência científica. Fui levado para o interior de um estranho aposento branco e vazio: os sapatos de todos rangiam no duro chão brilhante, e o zumbido de alta frequência das lâmpadas fluorescentes no teto me deixava agitado e perturbado. Nós três — eu, Bruno; Cookie, meu irmão idiota; e a pequena Céleste — fomos liberados da jaula na qual fomos transportados para aquele aposento esquisito, a fim de nos dar algum tempo, à nossa vontade, até nos ambientarmos ao lugar, a fim de acostumar nossos olhos à penetrante luminosidade e a fim de sermos apresentados aos cientistas. Foi quando conheci Lydia: ela se curvou para baixo, abriu os braços para mim, e eu corri até ela e subi em seu colo, e, pelo resto do dia, foi onde permaneci, aninhado, respirando seu maravilhoso cheiro que, já na ocasião, devo ter achado erótico — exceto quando estava ocupada demais com seu trabalho, ou quando nos arrancavam um do outro para que pudessem fazer suas experiências estúpidas comigo.

Suponho que não devia dizer estúpidas, porque foram essas experiências que me caracterizaram como diferente desde o início. Claro que, na ocasião, eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Ainda não havia aprendido a falar, portanto não poderia ter articulado meus pensamentos. (Essa, por sinal, é a ironia de se adquirir uma linguagem relativamente tarde na vida: não existem palavras para descrever adequadamente o que

acontece quando aquela tempestade de pensamentos sem palavras que rodopia em sua cabeça de repente precipita-se para a definição. Aquele grande salto do pré-linguístico para o linguístico encontra-se completamente no reino do inefável.) Pelo que me consta, tudo o que acontecia era o seguinte: fui levado para uma salinha branca vazia, com um comprido painel retangular espelhado embutido em uma das paredes. (Agora percebo que era um espelho falso, atrás do qual outro cientista provavelmente me observava como um *voyeur* olhando através do buraco da fechadura.) O cientista que havia me conduzido à sala não era a mulher que depois vim a conhecer como Lydia (era *você* olhando atrás do espelho, Lydia?), mas algum velho beberão, gordo e barbudo que não tinha qualquer interesse especial em mim. Havia, no chão, uma caixa de plástico transparente. O cientista tirou do bolso do jaleco branco — com o floreado excessivamente teatral de um mágico amador — um pêssego.

Um pêssego, Gwen — ele era minha serpente, e eu, sua Eva. Ali estávamos; eu, em minha nudez pré-lapsariana, e ele, em seu demoníaco jaleco branco, tentando-me com o fruto desejado, mas proibido. A única diferença era ambiental: havíamos trocado a sensual exuberância edênica pelas estéreis paredes caiadas da Ciência. Além disso, aquela fruta em particular é semioticamente associada ao pudendo feminino, não é mesmo? Não foi por isso que Cézanne as pintou? — *Natureza Morta com Pêssegos?* — ora, era apenas uma trêmula tigela de vulvas suando sobre a mesa do café, aguardando que você as comesse!

Mas ao pêssego em questão: então ele, o tal cientista, dá uma succulenta mordida voraz na fruta e começa a fazer ruídos de *nham-nham-nham* e *hummmmm*, esfregando a barriga, tentando atijar minha inveja, percebe? E, pelo que recordo, funcionou. Na ocasião, eu era uma criatura mais simplória. Lembro-me de, naquele momento, querer o pêssego mais do que qualquer coisa. Nossa, eu

venderia minha alma por um pêssego. (E, de certo modo, vendi). Lembro-me de odiar, não, *execrar* aquele velho presunçoso, gordo, arrogante e chato pelo modo insolente como comeu aquela fruta na minha frente. Pois ele deu uma mordida, rompendo a casca, liberando na sala um aroma dos deuses daquele regalo carnudo, úmido e viscoso. Então, ele, o desgraçado, afastou-me com um empurrão quando tentei apanhá-lo. Depois, virando-se para a caixa — a caixa de plástico transparente no chão, lembra-se? —, acionou uma espécie de dispositivo que fez a tampa se abrir num salto, colocou o pêssego dentro e fechou a caixa. Observei suas ações, curioso, com uma mistura de pecados capitais: cobiça, inveja, gula, luxúria. Então, a demonstração: o mecanismo de abertura da caixa consistia em um botão e uma alavanca. Ele apertou o botão e deu três pancadinhas na tampa com os nós dos dedos, assim: *toc, toc, toc*. Depois, moveu a alavanca, e a tampa se abriu com um estalido. Aproximou-se e, de novo, movimentando os braços de maneira bastante histriônica, como se quisesse que as pessoas da fila do gargarejo vissem o que estava fazendo, e com uma expressão do tipo *Olhe, Bruno, o que temos aqui?*, retirou o pêssego.

Novamente, tentei pegá-lo. Novamente, o homem me afastou com um empurrão. Então, colocou o pêssego de volta na caixa, em seguida saiu da sala e fechou a porta. Bruno ficou sozinho.

Sozinho com a caixa, o pêssego claramente visível, mas trancado ali dentro, proibido para Bruno. Olhei-o por um momento. Apertei o botão, dei três pancadinhas na tampa, acionei a alavanca, abri a caixa e retirei-o. Eu ousaria comer um pêssego? Claro que comi.

Foi assim que perdi a inocência.

A porta se abriu, fui levado para fora e conduziram meu irmão, Cookie, para dentro, onde, creio, o mesmo procedimento foi repetido com ele. Algum tempo depois, nós três — Cookie, Céleste e eu — tínhamos completado o primeiro *round*, e fui levado de volta

à sala, até eles decidirem que já havia passado tempo suficiente para meu apetite voltar.

Só que daquela vez — *daquela* vez — foi Lydia, a esplendidamente cheirosa Lydia, meu pêsego humano, quem se encarregou de mim na salinha com a caixa. Apenas o fato de ficar a sós num aposento com aquela mulher era o suficiente. E, naquele momento, *ela* tirou um pêsego do bolso do *seu* jaleco branco, *ela* deu uma suculenta mordida e levou seu gracioso tempo mastigando. Então, *ela* colocou o pêsego dentro da caixa, esperou um instante, apertou o botão, bateu três vezes na tampa, *clic-clic-clic*, acionou a alavanca que abria a caixa e retirou a fruta. Após guardá-la novamente, deixou a sala, embora eu lhe implorasse para ficar. Sozinho, novamente, por minha vez, apertei o botão, bate-bate-bate, puxei a alavanca e me refestelei; mas o sabor *daquela* pêsego era muito mais delicioso do que o do primeiro, pois estava impregnado da magia do toque de Lydia — nada menos do que seus *lábios* — sua língua! Eu tinha visto aquela mulher colocar *sua boca* naquela fruta! O contato vicário me deixou louco de desejo. Eu preferia que ela mastigasse todo o pêsego até transformá-lo numa polpa e o despejasse sensualmente, misturado com seus próprios fluidos, em minha boca. Comi cada pedaço daquela coisa, até o último resíduo, fibra e fio de néctar. Depois, chupei o caroço por uma hora e fiquei enfurecido — *enfurecido!* — quando os outros cientistas tentaram tirá-lo de mim: eu o mantive guardado na bochecha e não desisti dele por absolutamente nada, até Lydia, sim, a própria Lydia me convencer a entregá-lo, colocando a mão em minha boca. Por fim, de livre e espontânea vontade, cuspi o caroço, todo melado de saliva, na sua bela mão em concha.

De qualquer modo, esse bizarro e (para mim, na ocasião) insondável procedimento foi repetido várias e várias vezes o dia todo, até parecer que todos nós já estávamos fartos daqueles malditos pêsegos.

Muito depois, a Dra. Lydia Littlemore me explicaria por que minha atuação naquele dia tinha me marcado como um ser extraordinário. Em retrospecto, entendo agora o que eu podia apenas sentir na ocasião. Como disse, eu ainda não tinha linguagem. Isso não quer dizer que naquele tempo eu não tivesse consciência nem pensamentos — certamente eu tinha —, mas eu não possuía nenhuma dessas armadilhas para capturá-los e mantê-los: as palavras. Naquela época, meus pensamentos conseguiam apenas escoar pela minha cabeça como se em estado líquido; pensar claramente era como tentar beber água com as mãos em concha: a maior parte vaza por entre os dedos antes que haja chance de bebê-la, e, assim, a sede continua — a sede e a ignorância. Quando minha percepção se solidificou o suficiente para entender as coisas, Lydia me contou que eu havia participado de um experimento psicológico que estavam realizando com dois grupos: crianças humanas e chimpanzés pré-adolescentes. O experimento era o seguinte: havia a caixa transparente de acrílico com uma tampa que podia ser aberta por um mecanismo que requeria um processo em duas etapas para destrancá-la: apertar o botão e puxar a alavanca. Coloca-se dentro dela algo que a criança ou o chimpanzé supostamente deseja, no meu caso, um pêssego — e esse, na minha opinião, é o aspecto mais problemático da experiência. Que ser complexo iria *sempre* querer um pêssego? E se eu não estivesse com fome? Deveria eu ser uma criatura de tal apetite desajuizado e insaciável que, caso tivesse a oportunidade, enfiaria na minha goela voraz todos os pêssegos do mundo? Mais tarde, em minha vida, quando eu era ouvinte de um curso de Introdução à Microeconomia na Universidade de Chicago, me dei conta de que os economistas tendem a pensar em seus colegas *sapiens sapiens* exatamente nesses termos. Chamam isso de teoria da escolha racional: *Homo economicus*. Tolos! O que nos define como criaturas racionais,

assim como você e eu, Gwen, é exatamente o fato de não sermos sempre racionais.

Mas estou divagando. Pois bem: você coloca o pêssego na caixa e, então, demonstra para o sujeito como abri-la. O cientista aperta o botão, bate três vezes na tampa da caixa e puxa a alavanca. Depois, deixa o sujeito sozinho e observa o que ele faz. Então repete esse procedimento *ad nauseam* no maior teste de amostragem que se possa fazer. O objetivo da experiência era ver se a “criança humana” ou a “criança macaco” percebia que a parte de bater na tampa era uma etapa desnecessária. A hipótese tipicamente antropochauvinista deles era de que todos os inatamente superiores serezinhos humanos repulsivos deixariam de bater na caixa idiota antes dos chimpanzés. E os resultados foram *exatamente* o oposto das previsões. Todos os chimpanzés, menos um (testaram mais de 50 de nós e o mesmo número de crianças humanas), deduziram logo que o macete das pancadinhas era uma desnecessária perda de tempo e, portanto, eliminaram a etapa na segunda ou terceira vez. Alguns dos chimpanzés testados, entre eles meu irmão mais velho, Cookie (e esse tipo de comportamento é típico dele), abriram a caixa na terceira vez simplesmente erguendo-a e destroçando-a contra a parede. Os *humanos*, porém — os humanos bateram fielmente na caixa *todas as vezes*. Cada um, a cada vez. Agora, Gwen, o que você acha que isso significa? Eu lhe direi. Significa isto: para os humanos testados, aquilo tudo era menos sobre a recompensa do que sobre o processo. Entende? Eles não queriam tanto o pêssego quanto participar daquele ritual enigmático, executar o rito, dizer suas preces. Porque são *vocês, humanos*, que têm seus contrassensos de fé, suas superstições, suas fadas e seus duendes, suas necromancias e arúspices, seus feitiços e poções e bonecos de vodu e espelhos mágicos e bichos-papões, *vocês* que infantilizam o universo procurando em vão respostas celestiais para questões

terrenas na movimentação dos astros. *Vocês* que têm seus sinais e símbolos, seus significantes e significados. *Vocês* que olham aterrizados para trás, rumo à escuridão, e se perguntam quem é aquele terceiro que sempre caminha a seu lado. *Vocês* que entoam encantamentos, beijam anel e se benzem, cauterizam imagens na pele e furam buracos em si mesmos, cortam partes de seus corpos e se pintam de azul, queimam bruxas e sacrificam seus primogênitos, gritam no redemoinho e lutam com anjos até o romper da alvorada! E achavam que *nós* seríamos os tais que continuaríamos desperdiçando os preciosos segundos que se colocariam entre nós e aqueles deliciosos pêssegos batendo na caixa, mesmo quando o gesto evidentemente não produzia qualquer mudança empírica no objeto? Que absurdo! É apenas o ato de esfregar a lâmpada! É apenas mágica. É apenas religião. É apenas a sombra da mão de Deus. É apenas mais um exemplo para ilustrar o quão debilmente vocês se conhecem.

De qualquer modo, a questão é: quem foi o único chimpanzé, dentre cento e tantos membros testados de minha espécie de nascença, *Pan troglodytes*, que, assim como as crianças humanas, não deixou de bater na caixa? Exatamente: *c'est moi*. Eu, Bruno, em um nível elementar, de algum modo, entendi (como Lydia compreendeu, numa percepção tardia, após o término da experiência e os resultados inesperados terem sido devidamente tabulados, escrutinados e avaliados até conseguirem tirar alguns dados antropochauvinistas distorcidos) o que significa ser humano. E Lydia lembrou-se de mim — de mim, Bruno, o chimpanzé que se apaixonara por ela —, me procurou, me encontrou e retirou-me da minha ignorância animal.

### III

Creio que foi alguns meses após a experiência, a caixa de Acrílico e aquele desfile de pêssegos que durou o dia inteiro que Lydia voltou para mim. Eu tinha sido devolvido à minha família de rudes porcalhões, à minha mãe e ao meu pai, a minha tia e meu tio, meu irmão e Céleste. Todos tristemente ignorantes, subjugados e insatisfeitos por existências consumidas em diáspora.

Sou cria de Chicago, Gwen — cresci na Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park. Os registros do zoológico indicam que nasci sem complicações em 20 de agosto de 1983. Minha mãe, Fanny, nascera e fora criada ali e passara toda a sua triste vida monótona no mesmíssimo zoológico. Sou jovem o bastante para ter sido criado, em grande parte, em instalações modernas consideravelmente maiores e mais elegantes que foram construídas para substituir o antiquado fosso que anteriormente abrigava os grandes macacos. Minha mãe nunca se cansava de, silenciosamente, lembrar a mim e a Cookie como era boa a nossa vida. Meu pai tinha um passado de certo modo mais interessante. Não nasceu em cativeiro, mas em seu Antigo País, na parte nordeste do que era, então, o Zaire, atualmente a República Democrática do Congo. Na ocasião em que ele nasceu, havia uma espécie de banho de sangue acontecendo no Zaire, e os enxames de refugiados famintos correndo de um lado para o outro matavam chimpanzés como se fossem animais de caça, para conseguir carne. Na tenra idade, meu pai viu sua mãe e seu pai serem assassinados e logo em seguida devorados. Ele foi forçado a olhar, enquanto

esquartejavam seus pais com facões, enfiavam espetos em seus corpos, assavam-nos numa fogueira e os comiam. Eles mataram e devoraram os dois chimpanzés adultos porque estavam com fome, mas não fizeram o mesmo com o bebê de imediato porque tinha pouca carne (ele era mais valioso vivo). Em vez disso, amarraram-no pelos punhos e tornozelos a uma vara, que carregaram por vários dias até atravessarem a fronteira para a República Centro-Africana e chegarem a uma área povoada, onde venderam meu pai a um comerciante alemão que traficava ilegalmente animais exóticos. O homem, com um enorme chapéu amarelo, o deixou passar fome, bateu nele e o transportou numa jaula, de um lado para o outro, até acabar num avião que, finalmente, pousou na Alemanha, onde passou cinco anos no Zoológico de Berlim até uma misteriosa série de permutas e comunicados oficiais o colocarem de volta num avião. Dessa vez, ele aterrissou em O'Hare, onde foi colocado na traseira de um furgão e transportado para o Zoológico de Lincoln Park, no qual foi apresentado a uma chimpanzé fêmea insípida e um tanto obtusa mentalmente com quem esperavam que ele trepasse imediatamente e com quem, para fugir do tédio, ele acabou trepando. Desse modo, meu irmão Cookie foi concebido, seguido três anos depois por mim. Os alemães o tinham batizado de Rotpeter, que significa "Pedro Vermelho", por causa das nítidas listras de coloração vermelha em sua pelagem. Meu pai nunca perdeu aquele toque de esquisitice aborígene. Ele havia conhecido a liberdade só para perdê-la cruelmente — ao passo que eu, Bruno, nasci em cativeiro, tornei-me livre porque aprendi a língua, mas cometi uma transgressão e, agora, como você pode perceber, encontro-me outra vez em cativeiro. Meu pai, porém, experimentara — ainda que brevemente — a vida do modo como ela deveria ser vivida. Ele sabia o que tinha perdido, e essa compreensão o estimulava com uma raiva indignada, que, como criança — mesmo com o medo que sentia dele —, eu admirava.

Minha mãe, nem tanto. Ela nunca conhecera o Sião. Ela havia nascido no gueto, uma filha de zoológico de pais de zoológico. E sofreu com o grosseiro machismo de meu pai e suas conquistas sexuais com a mesma prosaica aceitação passiva com a qual acatava seu próprio confinamento desde que nascera. Rotpeter trepava frequentemente com minha mãe, mas, sempre que estava a fim, também dava umas com a irmã dela. Nós compartilhávamos o nosso *habitat* com minha tia materna, Gloria, e outro chimpanzé adulto, Rex — o deplorável Rex! —, que copulava com Gloria sempre que Rotpeter se sentia fodido demais ou empanzinado demais para afastá-lo a pancadas, mas Rex nunca ousou tentar nada com minha mãe porque Rotpeter era o Macho Alfa (não era uma façanha muito impressionante tendo em vista que havia apenas dois machos adultos no *habitat*) e porque nascera nos cafundós do Zaire e não tolerava babaquice de ninguém (pelo menos não de quem ele conseguisse superar fisicamente). Ele simplesmente se sentia biologicamente habilitado a qualquer buraco úmido existente na jaula: minha mãe, a irmã dela, e eu poderia jurar que o sacana nojento já tinha um lascivo olho treinado em Céleste, que, pelo bom Cristo, ainda era criança na ocasião, bem mais nova do que eu, e que mal tinha sido desmamada.

Perverso, não? Que eu tivesse de ficar na companhia de minha pobre, desinteressante e oprimida mãe, deixar que ela catasse os pedaços de sujeira do pelo de minhas costas enquanto, não mais de vinte passos adiante, meu pai fodia com a minha tia? Parece até que cresci em Apalache. Esse é o tipo de ambiente de onde eu vim. Ah, também devo lhe contar sobre a rã.

Havia uma rã... Espere. Agora não. Ainda não.

---

Creio que está na hora de uma descrição geral de minha tenra infância. Os verões não eram tão ruins assim, porque nos deixavam farrear na grama lá fora. A família toda passava a maior parte do dia refestelada nas árvores e nas redes naquela espécie de ilha artificial coberta de grama que tinham construído para nós. Tínhamos espaço suficiente para nos movimentarmos por ali à vontade, mas havia uma vala de concreto com um fosso circundando a ilha, e, mais além dele, um muro alto demais e extremamente íngreme para subirmos. Os humanos se apinhavam em volta da beirada desse muro e nos observavam. Se ficasse quente demais, podíamos nos recolher no interior do nosso aposento úmido e escuro na casa dos primatas, pois deixavam a porta aberta para nós, e podíamos ir e vir à vontade entre a sombra e o ar livre. Quem habita um zoológico vive como num harém de mulheres: uma vida ociosa de aprisionamento bem abastecido para o gozo de outros. Suponho que esse tipo de vida seja um luxo para aqueles inclinados a valorizar menos sua liberdade do que ser livre de necessidades, mas Bruno, o Orgulhoso, não queria ser o animal de estimação de ninguém. Ele queria dar o fora, e assim o fez.

Os invernos de Chicago tendem a temperaturas glaciais de gelar os ossos, impróprias à constituição de mamíferos de zonas tropicais como nós; portanto, a cada ano, todos ficávamos do mês de novembro até normalmente, o quê?, março, ou mesmo abril, apinhados internamente com menos da metade do espaço que tínhamos no verão. E o cheiro. Como cheirava aquilo? O aposento tinha o mesmo cheiro de qualquer local no qual sete grandes primatas nus são forçados a viver juntos por cinco meses consecutivos, fazendo tudo ali, comendo, bebendo, dormindo, fodendo, brigando, peidando, mijando e cagando nos confins das mesmas quatro paredes — uma delas, é claro, uma grossa placa de vidro providenciada para facilitar o voyeurismo. No inverno, o aposento logo adquiria um pútrido mofo, o tapete original de lascas

de madeira de cedro quase que imediatamente tornava-se tão encharcado com urina e suor e outros miasmas corporais que era quase possível enxergar o fétido fluxo emanar do chão para enfumaçar o vidro opaco com névoa e nos oferecer o mais próximo que conseguíamos de privacidade. Quando a cidade derretia na primavera, já estávamos quase enlouquecidos com o confinamento, putos da vida e rabugentos, avançando nas gargantas uns dos outros à mais leve provocação. Em especial meu pai, Rotpeter, que era um fumante inveterado. Ah, sim, meu pai fumava. No verão, alguns humanos ficavam parados na beirada fumando cigarro, e meu pai, um macaco extraordinariamente perceptivo, aprendeu, observando os humanos fumantes, o sinal do *Ei, posso filar um cigarro?* — que é: imitar o ato de dar umas tragadas, juntando os dedos indicador e médio, enrugando a boca como num beijo e tocando duas vezes os dedos nos lábios. Portanto, quando via alguém parado na beirada fumando um cigarro, ele olhava bem a pessoa nos olhos, fazia esse gesto, e o humano fumante achava tão divertido esse adorável mimetismo que a pessoa ia em frente e lhe jogava um cigarro. Se, por acaso, ele caísse no fosso em volta de nossa ilha (o que ocorria com frequência por causa das péssimas propriedades aeronáuticas de um cigarro), meu pai se curvava para recuperá-lo, gotejante, e o deixava sobre uma pedra para secar. Caso contrário, ele o apanhava, agradecia ao humano com um gesto do polegar para cima, que também aprendera com um *sapiens* de passagem, e o colocava na boca. De início, ele apenas fingia fumar, porque não sabia que era necessário acender o cigarro para fazê-lo funcionar, e, de qualquer modo, obviamente, não tinha mesmo nada com o que acendê-lo. Por fim, alguém percebeu isso, e o homem (ele era, se bem me lembro, ou digamos que me lembro, um sujeito corpulento com uma camiseta dos Bears) sollicitamente acendeu o cigarro para meu pai e deu umas tragadas para deixá-lo aceso e, então, calculando corretamente a trajetória

parabólica necessária para passá-lo por cima do fosso, usou o dedo anelar como mecanismo de lançamento e o polegar como ponto de apoio e catapultou o míssil ardente por cima do Muro, acima do fosso, até a margem coberta de grama da Ilha do Macaco. Meu pai, então, fumou o cigarro de verdade, e não demorou para ficar viciado. Ele começou a fazer um gesto de acender um isqueiro para acompanhar sua imitação de “ei-posso-filar-um-cigarro” e, em pouco tempo, alguma alma caridosa jogou-lhe seu próprio isqueiro de plástico descartável, o qual ele também aprendeu a usar e logo passou a acender sua pilha de cigarros que as pessoas haviam lhe jogado anteriormente e ele não tivera como acender. Guardava os cigarros e os isqueiros num esconderijo que havia cavado nas lascas de madeira na parte interna de nosso *habitat*, disfarçando o local com uma pedra, isso porque os zeladores do zoológico ficaram previsivelmente horrorizados na primeira vez em que o pegaram fumando. Eles haviam tentado pegar o cigarro dele, mas Rotpeter tinha dado um piti. Depois disso, sempre que algum funcionário estava por perto — eles eram facilmente identificados pelo uniforme marrom-claro —, meu pai escondia seu cigarro nas costas, ou, se chegassem perto demais, ele o apagava e mantinha o pé sobre a guimba. Desse modo, conseguiu enganá-los por algum tempo, até que o inverno chegou e, novamente, todos ficamos trancados lá dentro, onde, por cinco meses, nós, os chimpanzés, e os gorilas das planícies encarávamos uns aos outros, de nossas respectivas janelas, pelo corredor, enquanto o ocasional bando de humanos barulhentos caminhava entre nós, parando por algum tempo para olhar estupidamente os macacos engraçados.

Foi quando as autoridades do zoológico perceberam que meu pai não havia deixado de fumar: porque agora, além do habitual e suntuoso cheiro de fezes, o *habitat* fedia a fumaça de cigarro. Revolveram o lugar todo, à procura do guardado de Rotpeter, mas ele o escondera tão bem que jamais o encontraram. Sempre que os

uniformes marrons chegavam para uma revista, meu pai inteligentemente — oh, tão inteligente, Rotpeter — se sentava em cima da tal pedra que disfarçava o esconderijo. Eles nunca encontraram o local. Lá pela metade do inverno, porém, o estoque acabou e a abstinência deixou meu pai mal-humorado e irascível. No verão seguinte, os empregados do zoológico pregaram, na parte de fora da borda que dava para o nosso *habitat*, uma placa bem visível que dizia algo como POR FAVOR, NÃO DÊ CIGARROS AOS CHIMPANZÉS, e, embora estivéssemos do outro lado da placa e não soubéssemos exatamente o que ela dizia, além de sermos todos analfabetos e não termos mesmo condições de decifrá-la — isso deixou meu pai furioso e confuso sem saber por que seu gesto de filar um cigarro, embora ainda parecesse engraçado, não funcionava tão bem quanto no ano anterior. Esse, a propósito, foi o verão em que conheci Lydia e também o mesmo verão do Incidente da Rã.



O Incidente da Rã: em algum ponto durante o período entre a experiência com os pêssegos e o período em que Lydia veio me buscar para a aculturação, uma rã — sim, uma rã, sabem, *croac* — conseguiu, de algum modo, entrar em nosso *habitat*. O curioso Rotpeter ficou intrigado e entretido com aquele infeliz anfíbio: conseguiu apanhar a rã e começou a brincar com ela, jogando-a de uma mão para a outra, rindo disso, levando a aterrorizada criatura a pelear para se livrar daquilo e dar alguns pulos até ser apanhada de novo. Era um perfeito dia de fim de semana de céu azul de verão; portanto, os visitantes do zoológico vieram em multidões, e um grande grupo de humanos se aglomerou na beira, apontando para meu pai e achando graça de ele rir da rã. Então, o que Rotpeter, meu pai, fez? Ele começou a fodê-la. Isso mesmo: foder a rã. Masturbou-se até ficar duro, abriu

a boca da rã, enfiou sua pamba pela garganta dela e a estuprou. A rã sacudia as patas em agonia, fazendo um repulsivo ruído úmido, de sucções bombeantes tipo *skwerploitch, skwerploitch, skwerploitch* (não faça essa cara, Gwen) — que, imagino, era claramente ouvido lá em cima do outro lado do Muro. Uma ou duas vezes, a rã conseguiu se afastar com dificuldade alguns centímetros, numa ineficaz tentativa de escapar, mas Rotpeter a agarrou pela perna, arrastou-a de volta, enfiou-se novamente e continuou a se dar prazer com aquilo. Isso é mais ou menos o que recordo, ou imagino que recordo, ou talvez recorde, ter ouvido, vindo dos humanos que se amontoavam na beira, olhando horrorizados, e — visto que a necessidade de documentar é estranhamente intrínseca à sua espécie — gravando aquilo em vídeo:

— Eu *tenho* que contar isso para o pessoal — diz a mulher com a câmara de vídeo.

— Mãe — pergunta uma menininha —, o macaco está estuprando a rã?

— Aquele é o macaco — diz a mulher para a câmara. — Ah, espere, ah, veja a rã, veja a rã...

— Olhem só ele mandando ver! — diz um homem.

De algum lugar acima de nós, vem a gargalhada de uma criança, um guincho bem agudo.

— Olhem só para ele, *curtindo* isso, que coisa horrível!

— Oh, meu Deus, ela ainda está viva! — falou alguém.

— É... Que loucura a rã ainda estar viva! — diz o homem, tipicamente veloz em interpor a análise factual mais emocionalmente imparcial sobre uma atrocidade.

— Ah, e ela ainda está viva! — diz a mulher. — Oh, coitadinha... fuja, rãzinha, fuja!

Claro que o bicho não conseguiu. Após meu pai enfiar a vara pela goela da rã, ele a arrancou e a jogou por cima do ombro, como uma

pessoa preguiçosa faz com uma meia suja, e se deixou cair ali mesmo para uma soneca pós-coito.

A rã não estava morta, apenas deformada, violada, com ferimentos que estavam além dos avanços da medicina moderna. Lembro-me claramente de ver aquele pobre bicho estúpido cambalear por ali, vacilante, vítima de um brutal ataque sexual, arrastando a barriga pelo chão, apoiando-se nas fracas pernas, quase morta, o ventre pálido e grudento subindo e descendo, crepitando, a porra do meu pai escorrendo pela sua boca. E fui tomado de compaixão por aquela criatura. Não sou um selvagem, Gwen. Meu coração sangra quando vejo a dor em outro. A única coisa misericordiosa que restava a ser feita por aquela rã era acabar com seu sofrimento: portanto, apanhei a rã violentada e, girando-a pelas pernas, misericordiosamente esmaguei o pouco de cérebro que existia em sua cabeça batendo-a contra um tronco próximo. Esse golpe de misericórdia foi descaridosamente mal interpretado pelos humanos como uma simples continuação e o clímax natural da doentia orgia de tortura sadoerótica que os *Pan troglodytes*, por algum motivo, realizaram com aquela rã indefesa. Àquela altura, creio que a mulher lá na beira havia tapado os olhos da filha com a mão da censura maternal.

Meu pai, é desnecessário dizer, com a mania de fumar cigarro e a piração de estuprar uma rã, era o favorito entre os primatas do Zoológico de Lincoln Park. Sua fama obtida de modo impróprio ofuscava todos os demais residentes da Casa dos Primatas, e oh, Deus!, como ele se regozijava naquela ribalta iníqua, o estúpido brutamontes narcisista. As pessoas o amavam no zoológico. Elas o adoravam. Como mencionei antes, havia alguns gorilas das planícies vivendo no *habitat* no corredor defronte a nós, incluindo um autoritário macho ancião de dorso prateado, o qual não creio ter alguma vez ocupado em qualquer outra atividade a não ser a de, desalentadoramente, despejar o corpanzil nas estruturas de seu

*habitat*. Foram várias atitudes de languidez tão enfadada, tão desesperançada que só poderiam ter nascido de um sentimento de humilhação tão completo como o de reduzir sua vida de confinamento e exibição pública a um monótono período de dias repleto de nada além de um obtuso desejo ardente pela única saída: a fuga que ainda lhe era acessível na agridoce promessa de morte. O milagre do meu destino é que me foi oferecida a minha libertação dessa vida miserável pela salvação da linguagem. Quase que literalmente, escapei na conversa. Mas você podia ver, podia simplesmente *ver*, os magníficos olhos daquele gordo ancião de dorso prateado reluzindo de ódio por meu pai. Ódio por todas as simplórias façanhas de Rotpeter, por toda a satisfação que causava na multidão, por suas palhaçadas repulsivas, pelo modo como aquele pelintra decadente se pavoneava para lá e para cá ao longo do *habitat* dos chimpanzés, bem diante do vidro, socando a vidraça, gritando, batendo palmas, batendo os pés, trincando os dentes, fazendo caretas, repetindo o gesto de “não-ouço-não-vejo-não-falo”, retraíndo seus untuosos lábios rosados pitecoides, expondo as gengivas e revelando duas fileiras de limosos dentes amarelos, batendo as palmas no peito e, em geral, se comportando para todo o mundo como uma espécie de caricatura de um chimpanzé. Uma asquerosa autoparódia, conseqüentemente levando os humanos a apontar, dar risadinhas e fazer macaquices para ele como os estúpidos babões que eram e, *ah*, eles o adoravam, os humanos, como apontavam para ele, comportando-se como bobos, e então comentavam entre si quão *humano*, quão misteriosa e notavelmente *humano* ele parecia (como se isso fosse um elogio!). Olhe, olhe, *olhe!* Oh, meu bem, olhe o que está fazendo agora! Como é quase *humano!* E o tempo todo aquele indignado gorila preguiçoso de dorso prateado do outro lado (que nunca atraiu uma multidão porque nunca *fez* nada), agitava-se com o desejo de vir aqui e dar umas porradas nele por toda aquela dança e aquele

canto repulsivos. Desejava, é claro, que não fosse impedido de fazer isso não por uma, mas por duas paredes de vidro com 8cm de espessura. Mas meu pai, mas Rotpeter, oh, ele era mesmo o primata dos primatas, um grande sucesso com os humanos: pequenos, grandes, bonitos, feios, velhos e até os fisicamente deficientes rangendo em cadeiras de rodas; belos casais jovens de mãos dadas, se acariciando, empurrando carrinhos contendo *ainda mais* de sua progênie balbuciante, que se contorce e é a cara cuspida e escarrada deles para herdar e infestar a terra e um dia, e não demorará muito, sobreviver para festejar as mortes dos últimos animais selvagens.

Meus sentimentos em relação à raça humana eram complexos. Eu a amo e a odeio. Mais isto do que aquilo. Estou lhe dizendo tudo isso, creio, para sublinhar a sensação de alívio, a sensação de ter sido especialmente selecionado para a salvação, que senti quando Lydia veio me livrar de eu ter que passar o resto da minha vida em companhia daqueles animais.

Provavelmente, não é uma coincidência que eu fosse o macho de mais baixa categoria no *habitat*. Se eu fosse um figurão na hierarquia de dominância, talvez não tivesse desejado tanto ir embora. Mas por ser o degrau mais baixo da escada, eu não tinha aonde ir, a não ser subir. Ou *sair*. Eu fugi. Fugi para os braços da raça humana, para os braços de uma mulher.

---

Devia haver uma aura de angelical luminescência ao redor da cabeça loura de Lydia, sobre aqueles ombros e subindo até o topo daquele longo e belo corpo humano. Eu a vi parada ali no vão da porta que dava para o interior de nosso *habitat* — a porta pintada para desaparecer no mural transpassado de cena da selva, a porta que os zeladores do zoológico usavam para entrar no *habitat* na hora das refeições dos animais. Essa porta se abriu, e ali estava

Lydia, acompanhada por um dos uniformes marrons. Meu pai, furtivamente, pisou no cigarro que estava fumando.

— Rotpeter — bradou o marrom.

Rotpeter deu de ombros, como se dissesse "*O que foi?*".

— O que tem aí embaixo do seu pé?

*Nada*, ele deu de ombros.

— Não me venha com essa. Sinto o cheiro em você... Esse lugar está fedendo como um bar.

— Vocês permitem que ele fume? — indagou Lydia, horrorizada.

— Céus, não! Ele aprendeu a fumar vendo as pessoas, e agora alguns idiotas ainda lhe jogam cigarros, mesmo após termos colocado um aviso.

— Como ele os acende?

O uniforme marrom suspirou aflito, com resignado constrangimento.

— Ele tem um isqueiro escondido em algum lugar daqui.

Lydia lançou ao uniforme marrom um olhar que um assistente social interveniente talvez lançasse a um pai negligente, ao ver que a casa está entulhada com detritos anti-higiênicos.

— Oh, pobre bebê — disse Lydia para mim, percebendo de imediato a vergonhosa extensão da vileza, da negligência e do abuso emocional que eu sofrera naquele buraco do inferno, aquela prisão, aquele degradante e desumanizador panóptico no qual eu crescera.

E ela se curvou em minha direção e, novamente, estendeu os braços, como uma santa, me chamando:

— Venha cá, Bruno. Venha comigo.

Corri para seus braços, plantando beijos de gratidão em cada parte exposta daquela glabra, maleável, suavemente aromática pele humana que eu conseguia alcançar. Ela voltou! Voltou por mim! Ela também devia me amar!

Minha mãe rosnou para ela e, suspeitosamente, lambeu um naco de sujeira de seu polegar. Minha mãe sempre soube que eu tinha uma queda por garotas humanas e desaprovava *vigorosamente*. Claro que era difícil, até mesmo para mim, dizer *com precisão* o que minha mãe estava pensando porque era desastrosamente inarticulada. Como a maioria dos chimpanzés, seu vocabulário consistia apenas de sinais — grunhidos, gestos, ruídos, posturas, caretas e assim por diante — significantes com séries amébricas e inconstantes de significados dependendo unicamente do efêmero contexto do exato momento presente. Ela não possuía em seu arsenal comunicativo nada que pudesse ser realmente chamado de palavra, o que suponho ser uma espécie de bola compacta de significação — cujo uso pode mudar dependendo da situação, mas cujo sentido é mais firme e menos elástico psicologicamente do que um sinal não linguístico. Sim, conversas entre chimpanzés ocorrem, é claro, ideias de certo tipo são, de fato, comunicadas entre eles, mas seria absolutamente impossível traduzi-las para a linguagem humana, pois essas conversas não linguísticas ocorrem fora da esfera de atividade capturável pelas ferramentas do texto. Essas comunicações acontecem inteiramente dentro do Teatro de Crueldade, dentro do reino que é inefável, um modo de comunicação como em sonho, no meio do caminho entre pensamento e gesto, baseadas não em palavras, mas em mentalidade e no estado físico, na crua linguagem do sinal não simbólico.

## IV

Acho que agora é o momento de revelar a natureza de meus primeiros impulsos sexuais, Gwen. Naquela época, eu ainda não tinha alcançado a plenitude da maturidade sexual. Como mencionei, acredito que eu tivesse uns 6 anos. Chimpanzés — principalmente os de cativeiro — atingem a puberdade mais cedo que os humanos. Eu era um caso incomum. Sempre fui.

Os outros chimpanzés do zoológico ficavam perfeitamente contentes em acasalar com a própria espécie — parecia apenas natural; não creio que algum deles tivesse de fato sequer pensado seriamente no assunto. Entretanto, mesmo as minhas mais antigas tendências sexuais eram diferentes. Meu pai não dava a mínima, mas acredito que minha mãe achava isso — de sua perspectiva — uma *perversão* minha profundamente perturbadora.

Havia só uma chimpanzé fêmea quase da minha idade no *habitat*: a pequena Céleste. Vou lhe descrever Céleste em minúcias, pois ela desempenhou um papel importante tanto no desenvolvimento inicial de minha consciência quanto no que me levou à minha atual situação. Imagino que era ardentemente previsto e ardentemente esperado pela direção do zoológico que eu — ou então meu irmão, Cookie — algum dia copulasse com Céleste e a engravidasse, gerando, desse modo, mais chimpanzés para o Zoológico de Lincoln Park. Céleste foi comprada do Zoológico de Indianópolis quando tinha 2 anos, e entregue à nossa pobre tia, que era tão estéril quanto Sara, para ser criada. (Manter-nos afastados nos primeiros

dois anos foi o baluarte contra o efeito Westermarck, de modo que um dia pudéssemos achar um ao outro apetitosos sexualmente uma vez que havíamos sido dessensibilizados aos feromônios um do outro na tenra infância.) Assim, Céleste me foi apresentada quando tinha 2 anos e eu, 3 e meio.

Céleste nunca manteve qualquer vínculo em particular com Cookie, que, na ocasião, tinha uns 8 anos, era muito maior que nós e costumava tratá-la com grosseria, brutalidade e rispidez (Cookie puxou a tudo o que nosso pai tinha de pior). Mas Céleste e eu desenvolvemos um inquebrável vínculo emocional, primitivo e profundo, que não precisava de palavras para expressá-lo e de nada necessitava para ser entendido. Costumávamos ficar abraçados num cálido emaranhado de membros delgados e peludos, nossos corações, cada qual do tamanho de um caroço de abacate, batendo suavemente em unísono naquela proximidade física de meros centímetros e nossos preguiçosos cérebros jovens, dopados com o tranquilizante natural do amor pueril, caíam no sono em um ninho de juncos sob um raio quente do sol de Chicago entrando pela janela. Juntos, Céleste e eu docemente macaqueávamos as atividades de relacionamento que víamos os adultos fazerem: com os dedos, ela delicadamente retirava os insetos, as migalhas e as ervas do pelo de minhas costas, depois se virava e deixava que eu fizesse o mesmo com ela. Exploramos cada milímetro de nosso *habitat*, Céleste e eu, juntos, reviramos tudo o que poderia ser revirado, as taças de nossas jovens mentes transbordando com estímulos ambientais, os mistérios da existência correndo impetuosamente dentro de nossas ávidas consciências.

Relatarei um breve incidente de minha tenra infância com Céleste, uma das poucas lembranças definidas dessa época, de minha vida pré-linguística, que ainda carrego comigo, guardada bem fundo em algum lugar nas sinuosas frestas de minha frágil e elétrica massa cinzenta. Eu estava brincando com Céleste.

Brincávamos com um chapéu. Para começar, não sei como ele foi parar em nosso *habitat* — deve ter sido do mesmo modo que a rã, aquelas curiosidades, aqueles objetos do mundo exterior que, por acaso, perambularam até lá para se tornar importantes semantemas do desenvolvimento inicial de minha consciência. Mais provavelmente, o vento deve ter soprado o chapéu da cabeça de algum visitante do zoológico, por cima do fosso, até o nosso *habitat* — pois esta é a única cidade americana a reivindicar o pertinente apelido de “a Ventosa”. Mas o tal chapéu (percebo, então, ao reconstruir a lembrança sabendo o que sei agora) era de mulher, um chapéu de sol feminino. Era bege, de aba larga, copa rasa e achatado, feito de palha, de finas tiras brilhantes de palha trançadas firmemente. Era festivo, ornamentado com uma larga fita de seda diáfana na qual havia sido pintado um padrão de flores azuis, vermelhas e roxas que envolvia o chapéu com um laço. Talvez, na ocasião, Céleste e eu imaginássemos (como imagino agora) que esse chapéu antes estivesse na cabeça de uma bela mulher. Havia até mesmo (como me recordo) alguns fios compridos de cabelo humano presos nos pequenos espaços do trançado do chapéu, provavelmente cabelo ruivo, quase invisível — exceto quando examinado mais de perto —, macio e forte, tão comprido quanto meu antebraço e quase impossível de ser arrebatado com as mãos. O chapéu era um objeto mágico para nós, um prodígio dos deuses caído no chão: lindo, estranho, sobrenatural, reluzente.

Dois jovens chimpanzés, olhando para um chapéu na grama de seu *habitat*. Um deles, Céleste, a mais jovem, é menor, tem pelo bem escuro, e as grandes orelhas se destacam, como asas. O outro, Bruno, o mais velho, tem pelagem avermelhada mais clara e áspera, herdada de Pedro Vermelho, seu pai, e orelhas menores que parecem achatadas na cabeça. Ambos têm cabeças redondas e alvos tufos de barba da pré-adolescência.

A princípio, ficamos um pouco temerosos com aquilo. O que era aquele objeto? De onde tinha vindo? Olhamos para cima — erguemos nossos humildes olhares para a coisa agourenta que víamos todos os dias de nossas breves existências: o Muro. Compacto, totalmente sem enfeites e inalcançável, o frio, cinzento, íngreme monte de concreto por cima e além do qual se encontra a parte desconhecida do universo. Aquilo deveria ter vindo de algum lugar além do Muro, um local que supostamente existe, mas do qual, *a priori*, ainda não temos provas. As únicas coisas que sabemos que existem são as que vimos passando perto do Muro. Serão coisas deste mundo ou apenas suas sombras? Não sabemos. Mas o chapéu... não é sombra de um chapéu, é o próprio chapéu. Apenas não sabemos que se chama "chapéu". Não sabemos o que é. Não sabemos o que ele faz. É amigo ou inimigo? Por um tempo, observamos o chapéu de uma distância segura. Então eu, o jovem Bruno — que, nesse ponto, é apenas outro bebê chimpanzé sem qualquer talento particularmente notável — aproxima-se com cautela daquilo. Estende uma das mãos, e depois o fino braço hirsuto para tocá-lo. Eu mal roço a aba do objeto com a ponta dos dedos e, por reflexo, retraio a mão na mesma hora... Espere!... Isso não me causou nenhum dano, nenhum dano. Aos poucos, aos poucos, a mão se estende para tocá-lo novamente. A mão faz contato e ali permanece. Cheio de coragem, vou em frente e o apanho. Céleste se aproxima. Pousa a cabeça no meu ombro direito, olha para a coisa, que, agora, está nas minhas mãos — meu Deus! — é tão leve, quase não precisou de esforço para ser erguido. Céleste coloca a mão na aba do chapéu. Nós o tocamos juntos, tranquilamente; nós, os exploradores; nós, os dois pequenos cientistas, percorremos com os dedos seu contorno, suas bordas, seus ângulos, suas convexidades e concavidades, sentindo sua textura, a brilhante e resiliente sensação do trançado da palha

laqueada, a macia e delicada sensação da fita de seda ornada com as imagens de flores azuis, vermelhas e roxas.

Provavelmente, como é a tendência desses episódios, um bando de humanos já se aglomerava em volta do Muro, tirando fotografias, apontando para nós e extasiando-se com afirmações sobre o nosso adorável comportamento em relação ao chapéu. Como minhas atenções, naquele momento, estavam dirigidas para outro lugar distante, bem distante, não consigo me lembrar se alguém nos notou ou não, mas, se notou, Céleste e eu não ligamos. Foi Céleste — Céleste — quem descobriu “para que servia” a coisa, no sentido humano: ela foi colocando várias partes do corpo dentro da copa do chapéu até que, finalmente, ela encaixou a cabeça nele. E, quando tirou as mãos, o chapéu permaneceu ali por conta própria. Engoli em seco — em meio a um choque e a risadas, engoli em seco diante da visão de Céleste “usando” o chapéu, e apontei e desabei no chão numa crise de riso.

Recompondo-me, tirei o chapéu de sua cabeça e o coloquei do mesmo modo na minha — em parte, admito, por ciúme e, em parte, para mostrar a ela como ficava alguém com aquele objeto, o que produziu em Céleste semelhantes acessos de riso. Assim, passamos o chapéu várias vezes de lá para cá, reduzindo-nos mutuamente a gargalhantes descontrolados. Infelizmente, o show que estávamos realizando atraiu a atenção de Cookie, o desprezível filisteu que era meu irmão mais velho e praticava *bullying* comigo. O grandalhão e cabeludo Esaú deste pequeno e esperto Jacó, três anos mais velho do que eu e quase tão grande quanto um adulto, que veio caminhando pesadamente em nossa direção e arrancou o chapéu de nossas jovens mãos. Céleste e eu uivamos em protesto. Ele não o devolveu; não entraria na brincadeira. Não demonstrou qualquer amor especial à coisa, nem mesmo curiosidade: não quis que ficássemos com aquilo simplesmente porque viu que aquilo nos alegrava. Sim, ele também o tocou, também o colocou na cabeça,

mas tenho certeza de que as sutilezas de sua beleza se perderam nele. Zombou da feminilidade do objeto. Tentei tomá-lo de Cookie; ele me empurrou. Isso me enfureceu. Ele saiu correndo com o chapéu e nós, imediatamente, saímos em perseguição, Céleste na frente, e eu valendo-me dos pés e das mãos para acompanhá-la. Desse modo, a disputa estourou num espetáculo completamente desordenado, e nós três corremos destrambelhados e causamos tumulto e balbúrdia pelos toros e árvores e balanços de cordas e outros acessórios primitivos de nosso *habitat*, gritando e guinchando, um redemoinho de pelos castanhos, um êxtase de trapalhadas, um corpo em fuga e dois na perseguição. Os humanos deviam pensar que a gente estava “brincando”. Talvez Cookie estivesse, mas Céleste e eu levávamos tudo aquilo bem a sério. A perseguição só terminou quando Rotpeter — o Macho Alfa e único poder governamental sobre a nossa desprezivelmente minúscula civilização, nosso soberano, nosso legislador e executor das leis, nosso Draco, Sólon, Hamurabi e César, oh, seu Leviatã, você, Rotpeter, seu insignificante patriarca — pulou de uma árvore e se interpôs entre nós. E o que fez esse microcósmico Ozymandias? Primeiro, arrancou o chapéu da mão do filho mais velho, o qual, tremendo diante da autoridade maior, recuou. Então, Rotpeter, de forma breve e sem cerimônia, examinou o chapéu, bufou sua desaprovação e concluiu que não podia fumá-lo nem fodê-lo. Portanto, havia poucos motivos para ele tolerar que aquilo continuasse existindo, e, com pés, punhos, dedos e dentes, bateu, rasgou, dilacerou e mastigou o chapéu bem diante de nossos olhos, reduzindo-o a frangalhos. Nós, as crianças, choramos aflitas.

Rotpeter dizimou aquele chapéu e espalhou os fragmentos soltos de palha até ficarem indistinguíveis do resto das sobras espalhadas pelo chão de nosso *habitat*, e a fita de seda diáfana, ornada com flores azuis, vermelhas e roxas, ele passou o resto do dia mastigando-a e sugando-a, até desaparecer em seu interior,

embora restos esfarrapados reaparecessem depois em seus bolos negros e fumegantes de fezes.

Mas, enfim, eu havia prometido falar de sexo.

Então, dá-lhe Freud: minha mãe. As mesmas pessoas que, posteriormente, se responsabilizariam pelo meu caso — embora, na verdade, fosse só Lydia, inteiramente Lydia, e eu, apenas nós dois, todos os outros tiveram muito pouco a ver com isso (mas são indignidades e injustiças que discutirei com mais detalhes depois). Essas mesmas pessoas, os pesquisadores do Laboratório de Biologia Comportamental do Instituto para Mente e Biologia da Universidade de Chicago, certa vez tentaram ensinar à minha pobre e estúpida mãe um pouco de linguagem de sinais. Foi um fiasco, um fracasso miserável. O espírito da linguagem não medrou nela. Conseguiram enganá-la, através de um nível elementar do conceito de condicionamento *skinneriano*, fazendo alguns gestos da linguagem de sinais americana. Seu vocabulário inteiro possibilitou originar apenas uma frase imperativa, a qual, debilmente falada por ela e frouxamente interpretada por eles, resultou em: “Dê [me] *aquilo!*”. (A segunda palavra ficou subentendida, e a última era mais um gesto vigoroso na direção do objeto escondido). É de impressionar que eles tivessem sido capazes de lhe ensinar até mesmo aquilo. É assim que me lembro de minha mãe. Vejo-a descansar no balanço de uma rede, em nosso *habitat*, como era de seu costume. Essa rede é feita de finas cordas marrons tecidas em diagonal, formando um padrão de diversos losangos. Uma das pontas da rede está presa no galho de uma árvore, e a outra em volta de uma estaca grossa de madeira de uma estrutura parecida com a de um trepa-trepa. Quando minha mãe deita nela, o fundo da rede cede até ficar uns 5cm acima do solo; quando não está descansando nela, a rede acomoda o fantasma de sua presença, e, na parte em que coloca o máximo de seu peso, os losangos estão soltos e esticados, arqueados e deformados. Na lembrança que

tenho de minha mãe, na imagem eidética que meu cérebro projeta na tela interna de minhas pálpebras, quando fecho os olhos e tento trazê-la à memória, ela está descansando nessa rede. Em seu colo, há um bebê chimpanzé com menos de 1 ano, parecidíssimo com uma criança humana, só que muito mais hirsuto. Esse bebê chimpanzé sou eu. (Parece-lhe incongruente que eu faça uma aparição em minhas próprias lembranças de infância? Os olhos da mente conseguem sair do corpo com facilidade. De que outro modo você reconheceria seu duplo, ao encontrá-lo num sonho?) Minha mãe passa seus longos dedos roxos pela fina pelagem de minha cabeça. Seus olhos brilham de amor e de admiração do mesmo modo que os olhos de qualquer mãe de qualquer espécie brilham de amor e de admiração. (Com as possíveis exceções de barrigudinhos, hamsters e outros animais ridículos que desovam uma abundante nuvem ou pilha de descendentes e logo em seguida comem a maior parte deles). Minha mãe beija o topo de minha cabeça. As dobras de seu corpo, nas quais estou meio envolvido, são quentes e aconchegantes. O amor entre essas criaturas, entre a mãe e a criança, é inteiramente sem palavras, e não precisa de nenhuma para explicá-lo. Eu a amava. De um modo estranho, ainda a amo, e é aí que está o problema. Há muita coisa que gostaria de dizer a ela, mas esqueci completamente o vocabulário sem palavras de minha inocência animal.

Você já leu *Paraíso perdido*, Gwen? Topei com um exemplar gasto, durante minhas andanças por esta terra dilapidada, e com isso quero dizer que, certa ocasião, roubei um exemplar da biblioteca da Universidade de Chicago. E, meu Deus, me apaixonei pelo Diabo. Existe algo mais apropriado do que Lúcifer ser um tremendo orador? Retórica demoníaca, linguagem satânica!

Tenho ouvido, Gwen — falado, como se poderia esperar, em tons de sombria repreensão — que a autobiografia é a fantasia burguesa por excelência, como no Satã de Milton: “Quem viu quando

aconteceu essa criação?... Não conhecemos qualquer momento em que não fôssemos como agora, não conhecemos ninguém antes de nós, autogerado, autocriado.” Mas por que condenar o anjo rebelde pela fantasia da autoinvenção? Quem não seria seduzido pela poesia de Satã quando comparada com as insensíveis humilhações paternalisticamente castigadoras de Deus? Como destaca Blake, o motivo pelo qual o texto de Milton é contido quando ele escreve sobre Anjos e Deus e livre quando ele escreve sobre Demônios e Inferno é porque ele era um verdadeiro Poeta e fazia parte da facção do Demônio sem saber. Bem, também sou um verdadeiro poeta, porém diferente de Milton e mais como Satã, eu sei disso! E, também como Satã, eu me fiz com palavras. Eu me escrevi no mundo. Com minha própria mão, alcancei a xoxota do cosmos e me puxei, chutando e gritando: OLÁ, MUNDO. OLÁ, SEUS BASTARDOS. AQUI ESTOU EU. SOU EU, BRUNO, O MACACO BURGUESES.

(E, também como Satã, sou um belo fracassado).

É impossível, entretanto, escrever um poema, ou qualquer coisa sobre esse assunto, sobre os inocentes Adão e Eva, porque não consigo imaginá-los tendo uma linguagem. No Paraíso, não há nada a ser dito. O Éden foi sacrificado não pelo prazer de um fruto, mas pelo prazer da palavra. Agora, temos vergonha, dor e conhecimento da morte e coisas assim, mas, pelo menos, podemos falar a respeito disso. E falar e falar e falar! E talvez, creio, talvez até mesmo a troca tenha valido a pena. Às vezes, as coisas deste mundo são menos bonitas do que suas sombras. O que é poesia senão o jogo de sombras da consciência?

Mas, espere, Gwen — espere! Acabo de me lembrar que há outra recordação importante de minha mãe, bem enterrada em algum lugar das profundezas do meu cérebro, que, às vezes, vem à tona em meus sonhos: lembro-me muito vagamente de acompanhar minha mãe ao laboratório. Olhe: as nuvens do esquecimento estão se abrindo! O que há por trás delas? Ilumine-se, minha memória,

mostre-nos a verdade. Era o mesmo laboratório em que depois eu passaria por experiências? Não, não podia ser. Não parecia o mesmo. Era uma sala diferente. A iluminação era diferente. Lembro-me de um forte tom de amarelo no aposento. Seria o chão? Os ladrilhos deviam ser amarelos. Eu era um bebê; provavelmente estava em posição de observar com mais detalhes o chão do que outros aspectos da sala. Como fui parar lá? Quantos anos eu tinha? Olhe para mim! — eu quase cabia na palma da mão, devia ter apenas 1 ou 2 meses. Há outros lá com a gente, humanos, cientistas — como sempre, cientistas... Mas não estão no mesmo aposento que nós. Estão aglomerados do outro lado de uma parede de vidro. Podemos vê-los e ouvi-los através dos buracos no vidro. Estão falando com minha mãe. Ela nem mesmo está curiosa com o que estão dizendo. Mas eu estou. Lembro-me de minha curiosidade insistente; lembro-me de ouvir as ondas balbuciantes de vocalização fluindo das bocas dos humanos. Seus rostos são todos indistintos em minha memória. Na maioria das vezes, estou olhando para suas pernas. Suas calças, os sapatos de trabalho que usam no laboratório, as caudas pendentes dos finos jalecos brancos. Há uma espécie de máquina estranha na sala — *disso* eu me lembro bem. Um computador — era o que devia ser. Há uma espécie de plataforma com uma superfície acolchoada diante do computador, no qual minha mãe se senta e tenta usar a máquina. Há uma tela e um longo tubo de plástico saindo da lateral que cospe guloseimas numa travessa rasa, também de plástico, presa abaixo da tela do computador. Para mim, é uma fascinante e estranha curiosidade, uma coisa de sinais e maravilhas. Certas imagens surgem e desaparecem na tela, estranhos hieróglifos pulsando com luz artificial. Minha mãe toca desajeitadamente nos desenhos que aparecem na tela e, às vezes, uma voz feminina eletrônica pronuncia alguma palavra mágica em resposta e, então, às vezes, os símbolos tocados desaparecem e, às vezes, um

amendoim envolto numa colorida concha de chocolate duro rola alegremente pelo estreito tubo de plástico do lado da máquina e chacoalha na bandeja de plástico. Então, minha mãe avidamente o apanha da bandeja, insere a pequena e doce recompensa na boca e começa a tocar a tela outra vez, torcendo por outra. Ela nunca me deu nem uma de suas recompensas comestíveis. Para minha mãe, aquilo devia ser apenas uma caixa brilhante na qual havia algum deus totêmico que decidiu distribuir M&Ms de amendoim, de tempos em tempos, de acordo somente com o que ditava sua insondável veneta. Minha mãe era uma criatura de tal pobreza intelectual que tenho certeza de que fazia pouco mais além de tocar de forma aleatória na tela e rezar para conseguir seus amendoins cobertos de chocolate. Nesse meio-tempo, quando não me aninhava em seus braços enquanto tocava na tela, eu, Bruno, tinha permissão de perambular pelo chão do laboratório, brincar com os vários objetos que os cientistas haviam espalhado por ali para distrair minha atenção ao mesmo tempo que realizavam experiências com minha mãe. Quantas vezes essa cena aconteceu? Não faço a mínima ideia. Eu era muito novo, mal me recordo. Não consigo me lembrar se o que acabei de descrever é uma única memória de um acontecimento em particular ou uma colcha de retalhos de muitas memórias diferentes de vários acontecimentos semelhantes que ocorreram durante um longo período de tempo. Em retrospecto, deve ser esta última. Lembro-me do palavrório dos cientistas ao meu redor na sala. Lembro-me de uma bola de borracha com a qual eu brincava enquanto minha mãe estava ocupada, pateticamente fracassando teste após teste. A bola era azul, com uma faixa amarela no meio, dividida exatamente no meio por uma listra vermelha mais estreita. Recordo-me do cheiro artificial e estranhamente inebriante da borracha gelatinosa da bola. Lembro-me de gostar dessas visitas. Recordo-me de me sentar no cálido colo de minha mãe enquanto ela cutucava várias e várias vezes a

tela colorida brilhante, tentando convencer o leviano demônio na parede a lhe dar M&Ms de amendoim. Lembro-me de ouvir as pessoas conversarem, tentando discernir a mecânica daquele estranho mundo no qual eu era um recém-chegado, um forasteiro, um estranho. Recordo-me de me sentir envolvido no cobertor macio de seu palavrório. Recordo-me — muito, muito vagamente —, recordo-me até mesmo de começar a me sentir à vontade com os sinuosos ritmos elaborados da conversa humana em ondas, entrando e saindo pelos meus ouvidos, escoando como água fria sobre a macia pedra do meu cérebro, entalhando desenhos em minha infantil e infinitamente maleável consciência.

Minha alma, na ocasião, era uma coisa saída das trevas, nua e destituída de forma.

Lembro-me disso tão vagamente que nem mesmo tenho certeza se estou recordando ou inventando. Mas é isso, Gwen. Pode escrever.

E quanto aos primeiros sinais de alerta de minha perversão sexual? Vamos falar de amor. Eu amava minha mãe. Eu amava Céleste. Mas havia alguma coisa realmente erótica nesses amores? Eu sentia algo remotamente edipiano no cálido, macio e estúpido colo de minha mãe? Teria existido, ao menos, o mais leve formigamento de sexualidade pré-adolescente em meu íntimo vínculo com Céleste? Não. Não, não, *não*, absolutamente não. Ora, não afirmo isso porque sou antifreudiano; apenas afirmo porque minha infância não foi inocente no que tange a desejos sexuais. Aliás, eu era obcecado com o lado sexual das coisas, o coito, as relações carnais, o quente cremoso escorregadio fodal da foda. Desde uma anormal, talvez até mesmo insalubrememente precoce idade, eu era consumido por dentro por uma feroz, insana e insaciável luxúria que estava sempre percorrendo e crepitando seu caminho por minha alma como um fósforo aceso diante de uma pilha de palha seca.

Sempre senti — desde muito cedo —, sempre senti que não pertencia à mesma espécie de minha mãe ou Céleste. Eu amava Céleste, mas não a desejava. Não a desejava porque ela era uma chimpanzé. Meus desejos eróticos encontravam-se em outro lugar, sim, já nessa ocasião. Por anos, no curso de meu crescimento inicial, mantive em segredo meus desejos que iam despontando. Ou, pelo menos, eu achava que mantinha. Examinando em retrospecto, estou certo de que minha mãe sabia. Ela percebia algo no modo como eu observava as mulheres humanas além da parede de vidro ou por cima da borda do grande muro — o Muro —, uma luminosa intenção agitando-se violentamente como uma cobra elétrica em meus olhos vorazes, que era mais do que apenas o casto fascínio do antropólogo amador. Pois de fato eu era fascinado pelas formas das mulheres — mas era um fascínio misturado ao vigor crescente da jovem luxúria. E por que eu *haveria* de me sentir, por que eu em algum momento haveria de me sentir atraído sexualmente por outras chimpanzés? Ao completar 6 anos, eu já tinha visto milhares e milhares, talvez, não sei, *milhões* de seres humanos, e praticamente me tornara um aficionado, um *connoisseur* da forma humana, e percebia todas as interessantes diferenças em tamanho, forma, textura, tom, estilo. Ao ver um humano pela primeira vez, imediatamente registrava em mim mesmo essas características peculiares que os distinguiam: altura, peso, idade, cor e sexo. E, se fosse do sexo feminino, então, puxa vida, eu notava muito mais coisas!

Quando foi que meu amor por Céleste se corrompeu em repugnância física? Vi Céleste catar parasitas de sua pelagem e *comê-los*! Deveria eu me sentir atraído por uma garota com modos tão grotescos? Que inferno, ela come os *meus* parasitas! Mas espere! — *eu* também faço isso! Eles são bons! Não! *Não!* Vá em frente e coma seus próprios deliciosos e malditos parasitas, Céleste, mas Bruno está progredindo na vida! — ainda que isso signifique

deixar você. Ainda que, de maneira muito primitiva e simples, eu a ame. Quando as chimpanzés fêmeas estão no cio suas vulvas feias e rechonchudas inflam e se dilatam para trás, e, ao caminharem, elas arrastam esses rosados balões de carne inchados entre as pernas, com os esfíncteres, em geral, tampados com repugnantes pedaços de merda parcialmente evacuada. E aqueles peitos cinza-pálidos, achatados, as barrigas protuberantes, os corpos magros e peludos, as cabeças calvas e os focinhos amassados para cima? Não, lamento. É verdade, sou pervertido depravado e devasso: não tenho desejo de fazer sexo com outros chimpanzés. Mas olhe — *olhe!* — olhe para todas aquelas garotas *humanas* que vemos passar saracoteantes em toda a glória antropeide o dia todo pelo Muro: todo aquele cabelo comprido crescendo loucamente em suas cabeças, aqueles corpos quase sem pelos na parte de baixo e impulsionados bipedalmente por aquelas pernas poderosas e colunares, aqueles enormes seios redondos absurdamente desproporcionais a seus corpos! Então, enquanto meu pai perambulava pelo *habitat* fodendo indiscriminadamente qualquer fenda molhada que conseguisse encontrar — minha mãe, minha tia, uma *rã*, pelo amor de Deus! —, eu sempre ansiei secretamente por humanas. Desejava algum dia deslizar entre as pernas daquelas deslumbrantes *sapiens sapiennes* que eu via o dia todo passar fazendo *clac-clac* com aqueles sapatos de salto alto que retesavam as panturrilhas delas e empurravam suas lindas bundas bulbosas para cima, para cima, para cima no ar, um pouquinho mais perto de Deus, como um bufê móvel com deliciosas sobremesas em exibição para Bruno atrás do impenetrável vidro grosso, para serem admiradas, mas não tocadas.

Digressiono? Está bem, então, digressiono. Sou grande, contenho multidões.

E ali estava Lydia, no vão da porta de nosso *habitat*, curvando-se para o chão e me chamando para seus braços — tão rosados,

macios e cheirosos — e, naqueles braços, trepei e enrolei meu corpo cabeludo em volta de seu pescoço, pousei a cabeça na curva de seu ombro e lancei um último olhar de adeus para a minha família enquanto ela me levava embora. E Lydia segurou minha mão e me guiou pelos primeiros capítulos do *bildungsroman* de Bruno, a jornada para a humanidade que tem sido a minha vida desde então. Não me despedi da minha mãe, não me despedi do meu irmão, não me despedi do meu pai. Nem mesmo me despedi de Céleste. Em vez disso, fui com Lydia. Fui com a humana. Fui com o amor, fui com a luxúria, fui com a linguagem. Fui com Lydia.

## V

Olá, Gwen. Esta, provavelmente, será uma sessão curta, pois hoje me sinto melancólico e ansioso. Temos apenas 12 dias antes de nossa apresentação de *Woyzeck*, e receio que meus atores ainda estejam deploravelmente despreparados. Fui forçado a fazer alguns cortes criminosos e drásticos no texto uma vez que a maioria dos meus atores não fala. Leon se ofereceu para fazer o papel do Doutor cujas experiências psicológicas levam o atormentado Woyzeck a afundar ainda mais na loucura, e convenci Sally — a pesquisadora-assistente que trabalha em meio expediente aqui no centro de pesquisas, às segundas, quartas e sextas — a interpretar Marie, a viúva a quem eu, Woyzeck, assassino num acesso de ciúme raivoso no clímax da peça. O problema de Sally, porém, é que, embora suas faculdades verbais sejam soberbas, sua memória não é, e ela tende a esquecer as falas, sem mencionar que sua interpretação é forçada e canhestra. Sua dicção é péssima e seu *timing* é ruim, mesmo quando se lembra das falas. Todos os outros papéis serão interpretados por chimpanzés, nenhum deles capaz de dizer uma palavra, embora alguns consigam fazer alguns gestos toscos da linguagem de sinais. Droga! É *impossível* trabalhar com eles! Os pesquisadores (e carcereiros), que cuidam de mim e me estudam de forma paciente, sofrem com os caprichos de meu gênio artístico, mas tudo o que realmente querem que eu faça é ajudá-los a ensinar a língua aos outros chimpanzés — uma tarefa que acho fundamentalmente maçante e depressiva. Ser uma anomalia científica é um fardo, Gwen, nem tenho como descrever isso. Passei

grande parte de minha vida em salas brancas frias, com uma decoração austera, das quais fugir é impossível. Por que os laboratórios sempre são desconfortáveis? Sempre o mesmo cenário sepulcral, a mesma vidraça azul-esverdeada e chão de concreto e paredes caiadas, o mesmo murmúrio onipresente de computador, e luzes fluorescentes e ares-condicionados. Portanto, é claro, fiquei grato por terem permitido que eu mais ou menos equipasse os meus modestos aposentos a meu próprio gosto. Este sofá em que estamos sentados é meu. Essa aí é *minha* mesinha de centro, aqueles são *meus* livros e o quadro ali na parede fui eu que pintei.

Quando estive aqui ontem Leon tentou contrabandear uma garrafa de uísque para mim. Ele foi descoberto, a garrafa confiscada, e, agora, o pobre Leon encontra-se seriamente encrencado com a direção — o que é exasperador, ridículo. Estou num centro de pesquisas de primatologia ou numa clínica de reabilitação? Às vezes, não vejo diferença. Detesto ser tratado como um prisioneiro. Há ocasiões, Gwen, quando estou dando uma de minhas caminhadas *thoreauvianas* na mata — nunca sem supervisão, embora o cientista que me acompanha mantenha uma distância respeitosa —, há ocasiões em que estou caminhando por essas matas e chego aos limites desta propriedade, onde há uma grade com 6 metros de altura, agourentamente coroada com arame farpado em espiral. Os elos de metal da grade se enredam com os galhos dos pinheiros um pouco além deles, criando um fascinante efeito *moiré* sob certas luzes — o pôr do sol, por exemplo. E, às vezes, observo para além da cerca, através dos vários losangos em espaço negativo entre os elos de metal, o pequeno pedaço de mundo depois dela: além da cerca, há árvores coníferas e decíduas, arbustos, samambaias e até mesmo algumas palmeiras que atuam como uma insultuosa prova de minha proximidade com o mar, que é uma visão que considero algo belo e sombriamente misterioso. Mais distante ainda, além de toda essa vegetação, claramente

visível através das folhas e dos galhos, encontra-se uma estreita estrada pavimentada. Uma estrada, Gwen. Asfalto cinzento e nivelado, com uma linha amarela tracejada dividindo-a ao meio em duas pistas, indo e vindo, veia e artéria. Ao lado da estrada, parábolas de fios pendiam de uma cruz de madeira a outra. Às vezes, há melros empoleirados nos longos arcos de fios. Vou lhe confessar uma coisa, Gwen, e você nunca deve repetir isso a ninguém, para que eu não perca mais ainda minha restrita liberdade. Às vezes, imagino quão rápido eu conseguiria trepar naquela grade antes de ser descoberto. Imagino o quanto poderia me machucar naquela espiral de arame farpado rumo ao topo da grade. Imagino em que ponto vertical do outro lado da cerca seria seguro soltá-la e me preparar para a queda. Imagino aonde leva aquela estrada, em ambas as direções. Imagino se conseguiria uma carona com um motorista que estivesse passando. Imagino todas essas coisas, Gwen, quando vejo os passarinhos, a estrada e a extensão azul do céu, e, então, vejo uma cerca de 6 metros de altura me separando de tudo isso. E anseio reingressar naquele sujo, miserável, sombrio e odioso mundo que me magoou tanto — embora aqui eu tenha tudo de que poderia precisar. Eis minha confissão, Gwen. É um pecado não de ação, nem mesmo de expressão, mas de pensamento, da mente, do coração, da satisfação com os infortúnios alheios, de inquietação, de ingratidão, de hostilidade, de ansiar pelo que não tive, de desejo.

---

Agora, podemos retornar à minha biografia. Suponho que, na ocasião, não me dei conta de que estava me despedindo para sempre de minha família biológica. Tudo o que sabia naquele momento era que a única coisa que eu já quis de verdade estava finalmente acontecendo.

Agarrei-me em Lydia. Meus braços envolviam seu pescoço e meu rosto estava grudado na pele quente e pegajosa na curva entre seu pescoço e seu ombro; ela estava com um dos braços sustentando meu traseiro e a outra mão acariciava o pelo no topo de minha cabeça enquanto me carregava. A Dra. Lydia Littlemore vestia uma blusa de algodão de manga curta com estampa de xadrez vermelho por dentro da calça jeans, e seu cabelo louro estava preso num rabo de cavalo. Enganchei o dedo opositor do meu pé direito no bolso do peito de sua blusa. O zelador nos seguiu com um molho de chaves enquanto Lydia me carregava pelos úmidos corredores que cheiravam a urina na parte administrativa da Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park. Ela me levou até uma salinha de depósito de cargas e me trancou numa pequena jaula com uma alça para transporte. Essa jaula era desagradável, feita de plástico duro e cinzento, equipada com uma grade de metal à guisa de porta e um pedaço de carpete úmido no chão. Lydia movimentou os dedos pelos quadrados da grade e me deu um sorriso franco e luminoso, com o rosto a poucos centímetros da porta, e seus olhos encontraram os meus para me garantir, creio, que eu não estava enrascado nem corria perigo, que aquilo era apenas uma medida temporária e que logo eu seria libertado. Do meu ponto de vista perifericamente limitado dentro da jaula, vi o mundo, através de uma grade, passar de uma obscura luminosidade interior para o comparativamente ofuscante ar livre, embora estivesse nublado. Era um dia quente e úmido de verão. Nuvens de chuva iam surgindo. O céu era uma lâmina de ferro batido, o sol, um borrão branco. Lydia enfiou minha jaula no banco traseiro de um carro e fechou a porta. Vi a lateral da porta traseira e um pedaço da janela. Ouvi o som da porta se abrindo, algo fazendo *bing bing bing bing*, a porta batendo, uma chave sendo colocada na ignição. O rádio ligou, e ela baixou o volume até ficar quase sem som. A chave girou, o motor fez *chupitachupita-VRUM!*, um cinto de segurança foi afivelado,

as rodas saíram do estado de inércia para o de mobilidade. Então, a perturbadora sensação de movimento, eu escorregando dentro da jaula com as depressões e curvas da estrada, o *vush* dos outros carros passando por nós com o Efeito Doppler. A chuva irrompeu das nuvens, tamborilando no teto do carro com uma batida vibrante, como punhados de seixos crepitantes lançados livremente. Eu ouvia o guincho ritmado e constante de “borracha no vidro” dos limpadores de para-brisa. Após algum tempo, chegamos ao nosso destino e ouvi Lydia desafivelar o cinto de segurança, retirar a chave do carro e abrir a porta. Depois, o gotejar e o barulho da chuva lá fora, uma batida de porta, e a porta diante de mim se abriu. Notei que a chuva torrencial já havia escurecido o tecido de sua blusa e a grudara em seu corpo. Ela não tinha guarda-chuva. Consegui ver seu sutiã através da blusa. Vi a chuva envernizar sua pele. Vi seus braços se esticarem para retirar a jaula. Ela me carregou por um estacionamento. Pressionei o rosto na grade e me agarrei a ela com os dedos. Vi carros estacionados nas obedientes fileiras e a água da chuva correndo pelo asfalto quente e negro. Não era noite mas o súbito escurecimento do dia causado pelo temporal precipitara o acendimento das luzes das ruas, cujos brilhos laranja refletidos na rua cintilavam. Subimos uma série de degraus e Lydia pousou minha jaula no chão para abrir uma pesada porta e a escorar chutando uma cunha de madeira para baixo dela. A chuva entrara pela grade de minha jaula e o fétido pedaço de carpete onde eu estava sentado começava a feder mais ainda. Pus a língua para fora a fim de captar a chuva fina. Fiquei molhado. Um momento depois, senti-me erguido de novo e levado para o interior do prédio. A pesada porta rangeu ao se fechar e, imediatamente, a atmosfera tornou-se limpa, silenciosa e seca, embora houvesse um ruído nos corredores por causa do eco dos martelantes pingos da chuva. Lydia me levou por uma rede labiríntica de luminosos corredores. Seus tênis molhados faziam *plosh-plosh-plosh* no

assoalho. Ela parou diante de duas portas metálicas nas quais vi nossos vagos reflexos, e elas se abriram para uma salinha metálica. Entramos, e ela me colocou no chão, apertou um botão e as portas se fecharam. Então, tive uma sensação estranha de descida rápida em meus órgãos internos. *Plim*, as portas se abriram. Mais uma vez ela ergueu minha jaula e me levou por outro corredor, *plosh-plosh-plosh*, até chegarmos a outra porta, com uma série de símbolos impressos numa janela de vidro escurecido, os quais muito tempo depois aprendi a soletrar: 308 LABORATÓRIO DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL. Entramos. Lydia ajoelhou-se no chão, destrancou minha jaula e, assim que a porta abriu, tombei para fora. Ela me apanhou. Sorrii, beijou minha cabeça. Lydia estava encharcada, gotas de água salpicavam seu rosto, o cabelo louro escurecido, empapado e molenga.

Estávamos no interior de uma sala limpa, clara e espaçosa, equipada com várias ilhas de longas mesas retangulares, nas quais havia computadores e outros tipos de equipamentos de laboratório. A sala era formada por quatro paredes caiadas, e duas delas se destacavam por seus quadros brancos, cheios de formas e símbolos rabiscados com canetas marcador de cor vermelha, verde e preta. As outras duas paredes se caracterizavam por suas janelas amplas e altas que não podiam ser abertas. Os ecos da chuva, estalando e tamborilando no telhado, gorjeavam pela grande sala, e ondas de água perseguiam umas às outras, descendo as laterais das vidraças, deformando a vista do lado de fora do prédio, onde havia uma extensão de grama verde e várias árvores. Uma das mesas compridas fora empurrada para junto de uma parede e em cima dela havia uma grande jaula feita de finas barras metálicas. O chão era um reluzente piso de azulejo de vinil rosa-salmão. Uma grande esteira azul esponjosa na qual estava espalhada uma coleção de brinquedos em cores berrantes estava localizada num dos cantos da sala. Vozes conversavam; tênis molhados rilhavam e guinchavam;

luzes brancas fluorescentes zuniam no teto e projetavam reflexos retangulares no chão brilhante; corpos humanos se movimentavam no espaço. Percebi que eu já estivera naquela sala.

Havia outros humanos lá. Eles aglomeraram-se em volta para me olhar. Lydia me apresentou a um homem que reconheci daquele dia dos pêssegos. Ela pegou minha mãozinha borrachuda e a estendeu para ele, num arremedo de cumprimento. O homem, delicadamente, cobriu-a com a pele quente de sua própria mão gorda e sorriu.

— Bruno — disse Lydia —, este é Norm. Creio que vocês já se viram antes. Norm é o diretor do Laboratório de Biologia Comportamental. Norm é um homem muito inteligente.

— Olá, Bruno — falou Norm enquanto soltava minha mão. — É um prazer extraordinário conhecê-lo. Você se lembra de mim da experiência com os pêssegos?

Não lhe dei resposta.

— Naquele dia você nos mostrou que é um carinha muito interessante, Bruno. Talvez você seja um chimpanzé muito importante.

Ele sorriu para Lydia, e ela, radiante, sorriu de volta. Notei algo nessa troca de expressões de que não gostei. Lydia tirou os óculos e prendeu um fio de cabelo atrás da orelha.

Esse homem era o Dr. Norman Plumlee. Lembre-se deste nome. Ele era mais alto que Lydia, mas não muito, e creio que, na ocasião, estava no final da casa dos 40 anos. Seu rosto era porcino e untuoso, o topo da cabeça brilhante e calvo. Cabelo encaracolado grisalho, com mais fios brancos do que pretos, em torno da nuca e nas laterais da cabeça, e ondulava pelas orelhas numa barba aparada e suave que marcava o contorno do queixo, circundava a boca e parecia uma crosta de torrada queimada. Óculos deselegantes se firmavam na ponte de seu nariz bulboso e aumentavam anormalmente seus olhos castanhos; quando erguia

as grossas sobrancelhas, ele comprimia a pele da testa, formando camadas com dobras profundas, parecendo uma pilha de panquecas. Suas mãos eram grossas e os dedos pareciam salsichas. Ele estava acima do peso, mas não era o que eu chamaria de obeso. Falava com um leve sotaque; eu aprenderia mais tarde que existe um país chamado Inglaterra, e que esse homem veio de lá. Isso significava que, despropositadamente, ele acrescentava um *h* a palavras que não tinham e tirava o *h* de outras que a possuíam. Muitos dos seus *r* se tornavam “ahs” e, quando fazia uma pergunta, seu tom de voz *subia-subia-SUBIA-descia?* em vez de *subia-subia-SUBIA?*

Além de Lydia Littlemore e Norman Plumlee, havia vários outros humanos presentes que me foram apresentados um por um. Andrea era uma mulher jovem com cabelos ruivos flamejantes e leves, o nariz era o epicentro de uma explosão de sardas cor de ferrugem. Prasad era um pequeno homem de meia-idade, careca e de pele escura, que usava óculos. Jake era um jovem esguio e ativo com a pele pálida e cabelo louro-escuro. Fui passado de um par de braços para outro, de um corpo para o seguinte. Todos me seguraram, brincaram e falaram comigo, mas eu estava inquieto e impaciente nos braços de todos, menos nos de Lydia.

As pessoas diziam coisas que eu não compreendia. Informações foram transmitidas — algumas geraram expressões pensativas, outras produziram várias gargalhadas —, mas não entendi nenhuma das piadas; para mim, tudo não passou de glossolalia. Minha compreensão de língua era tão rudimentar que as únicas palavras que eu conseguia captar da névoa da tagarelice deles eram meu próprio nome e o de Lydia. Não acredito que alguém tenha dado início a qualquer tentativa séria de me instruir naquele primeiro dia no laboratório. Eu ainda não tinha certeza se ficaria aqui ou se seria imediatamente devolvido à minha família e ao único lar que conheci na Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park.

De qualquer modo, minha lembrança desse período é confusa. Não consigo me lembrar do que aconteceu e exatamente em que ordem. Sei que, em um canto da sala, como mencionei antes, havia uma grande e esponjosa esteira azul, com uma textura ligeiramente viscosa, a qual, presumo, havia sido colocada sobre o chão frio e duro para me fornecer um lugar agradável onde me sentar, e, sobre essa esteira, havia uma porção de brinquedos. Eu os relacionarei, do modo como me recordo deles, como os primeiros brinquedos de Bruno.

Lembro-me de um dispositivo que consistia em dois suportes de madeira ligados por uma série de hastes paralelas de metal, cada qual colocada equidistante da seguinte numa fileira lateral, com contas de cores vivas enfiadas nas hastes e que podiam ser empurradas de um lado para o outro. Descobri depois que isso era chamado de ábaco. Lembro-me de uma grande bola macia feita de borracha vermelha que podia facilmente ser apertada, rolada, jogada ou quicada. Recordo-me de um dispositivo na forma de pino de boliche gigante, pintado para parecer um ser animado. O ser usava um traje azul, tinha uma expressão horrorizada — a boca aberta e os olhos arregalados de medo — e parecia segurar um pedaço de papel diante do próprio tronco, no qual havia um desenho malfeito — que, presumivelmente, o ser teria desenhado — de um grosseiro círculo azul ao redor de uma bolinha vermelha, formando um alvo. Era possível, sem esforço, empurrar o ser, mas ele sempre voltava, recalcitrante, retornando imediatamente à posição vertical. Lembro-me de um aparelho complicado feito de um plástico verde-brilhante que tinha a forma parecida com a de um trevo, com quatro pontas saindo de uma plataforma central, os quais possuíam várias fileiras de buraquinhos que faziam ruídos estranhos quando o dispositivo era operado; ao final de cada uma das pontas, havia um buraco grande. O dispositivo vinha com um martelo de plástico marrom, feito para

imitar a aparência — mas não a sensação — de um malho feito de madeira grosseiramente granulada. Durante a brincadeira, uma criatura de plástico marrom emergia de um dos quatro buracos. Ela parecia um caroço marrom e tinha olhos, nariz e boca, da qual surgiam dois dentes brancos quadrados, e usava um pequeno capacete vermelho de mineiro com uma lâmpada na frente. Quando a criatura era golpeada com o martelo de plástico imitando madeira, ela desaparecia nas entranhas da máquina, e imediatamente era substituída por outra semelhante, mas não idêntica, em outro buraco. Cada uma das criaturas-caroço tinha uma personalidade diferente: uma era claramente um nerd, tinha óculos e uma expressão tímida; a outra era mulher, de batom e com cílios compridos; e a terceira era um caroço marrom demente que usava o capacete ao contrário. Você podia espancar essas criaturas com o martelo de plástico o quanto quisesse, mas sempre surgia outra, como a Hidra, para tomar o lugar da última. O padrão, se é que havia algum, era loucamente imprevisível, e esse processo continuava *ad infinitum* ou até o espancador se cansar. Fiquei sabendo depois que esse aparelho era chamado de sistema Acerte a Toupeira, porque os caroços de plástico marrom representavam animais subterrâneos, toupeiras (daí os capacetes de mineiro), e os buracos representavam as tocas de delas.

Esses e outros objetos se encontravam na esponjosa esteira azul no canto da sala. Eu era incentivado a manipular os brinquedos — e isso eu fazia — num ardoroso frenesi — num febril desembaraço.

## VI

Entretanto, há também outra lembrança mais deprimente daquele dia incrustada claramente em meu cérebro. Com certeza ocorreu naquele primeiro dia e não sei como poderia não ter sido. A tarde havia passado, a chuva cessara e eu tinha sido liberado do confinamento — relativamente falando — o dia todo, brincando, interagindo com os humanos, explorando o laboratório. E os seres humanos, um por um, começaram a sair da sala e não voltaram. Eles trocavam algumas palavras entre si e cada vez que um deles saía, ele ou ela usava certa expressão e executava um determinado sinal físico que deduzi ser um gesto que indicava uma retirada educada: erguer a mão e balançá-la de um lado para o outro. Pessoas diferentes faziam esse sinal de modos diferentes, mas era sempre interpretado como se significasse mais ou menos a mesma coisa: “Estou para sair e não voltarei, mas não se preocupem, não estou zangado com vocês.” Cada vez que um humano saía, ele fazia uma variação desse sinal, que era retribuído com gentileza pelos outros que ainda permaneciam no aposento. Notei que a maioria dos sinais que qualquer animal faz pode ser agrupada basicamente em duas arquicategorias: *não tenho boas intenções* ou *tenho boas intenções*.

O primeiro a sair foi o jovem esbelto e ativo com o cabelo louro-escuro que me foi apresentado como Jake. Ele sinalizou sua partida atirando uma mochila por cima do ombro, enfiando o polegar na correia e usando a mão livre para gesticular: ergueu a mão com a palma aberta e os dedos bem espaçados, arremessou-a para um

lado e deixou-a nessa posição até os outros humanos responderem com gestos semelhantes, apesar de um deles ter respondido simplesmente com uma expressão facial que às vezes — embora nem sempre — era acompanhada com uma hábil “baixada e depois erguida de cabeça” que, posteriormente, vim a conhecer como “assentir”. Este é um sinal humano comum que pode significar tanto uma resposta afirmativa para uma questão binária quanto um sinal de boas intenções. Seu oposto é um movimento da cabeça de um lado a outro, chamado de “balançar”. Vertical — sim — assentir; horizontal — não — balançar. Foram alguns dos primeiros sinais que aprendi. Embora cada humano fizesse o sinal de maneira diferente, ele era sempre interpretado de maneira idêntica, o que me revelou que esse sinal gozava de certa flexibilidade marginal de processo que permitia a inserção do estilo pessoal de quem fazia o sinal. A ruiva, Andrea, por exemplo, fazia esse sinal de um modo que, mais tarde, entendi que era considerado mais feminino: ela aproximava a mão do corpo e, com a palma aberta, polegar mais ou menos parado, agitava os quatro dedos repetidamente para cima e para baixo, ao mesmo tempo em que sorria. Prasad, o homem de pele escura e com óculos, retirava-se gesticulando de modo tão sutil que seu sinal era quase imperceptível, mas sua partida era entendida como propícia. A forma desses gestos de mão parecia ser tão loucamente diferente, dependendo da pessoa que gesticulava, que a única coisa que me dava a entender que tinham todos essencialmente o mesmo significado era o fato de que cada um gerava a mesma interpretação. Esse gesto era, claro, um “aceno”. Isso eu também aprendi logo. É de fato espantoso quão longe um arsenal comunicativo consistindo apenas em assentir, balançar a cabeça e acenar podem levar você. Com esses três sinais, pode-se dizer a qualquer um *sim, não, má intenção, boa intenção, olá e adeus*. Acrescente a isso o sorriso, o franzir de testa e o apontar de

dedo e você praticamente já participa da atividade de interação social básica humana.

Então, uma coisa terrível aconteceu. Os únicos humanos restantes agora na sala eram Norman Plumlee e Lydia. Enquanto Plumlee se ocupava com algumas tarefas de final de expediente, Lydia me pegou na superfície da esteira azul, onde eu estivera ociosamente girando as contas coloridas do ábaco e me carregou para outra parte da sala, onde, em cima de uma das compridas mesas de fórmica, lá estava: uma jaula. Mais uma vez outra jaula. Tudo bem, essa era muito maior do que aquela em que eu havia sido transportado do zoológico para o laboratório, mas, ainda assim, era uma jaula. Nela, havia uma tigela com bolotas de comida secas e intragáveis e uma volumosa garrafa de água presa às barras de um dos lados da jaula com um tubo de metal saindo do fundo, pelo qual esperavam que eu bebesse, como se eu fosse um maldito hamster. Um cobertor felpudo e uma esteira esponjosa azul, feita de um material idêntico à que havia no chão, cobriam o fundo da jaula. Ali havia altura suficiente para eu poder ficar de pé, e era espaçosa o bastante para eu conseguir dar quatro ou cinco passos de uma extremidade à outra. Dava para ver pelos quatro lados da jaula, que possuíam finas barras de aço. Levando-se tudo em conta — sim, eu já estivera em jaulas piores. Mas, droga, era uma jaula.

Lydia colocou-me lá dentro, fechou a porta e a trancou. Meu coração nem sequer se despedaçou tanto assim para desabar incontrolavelmente pelo poço vazio de meu peito como um elevador com o cabo rompido.

O Dr. Plumlee se juntou a ela para me observar. Lydia fez para mim o mesmo gesto educado de partida que os outros humanos haviam feito uns para os outros. Seu aceno foi da variação mais feminina: apenas com os dedos e não com a mão.

— Boa noite, Bruno — disse Lydia, e ela e o outro se viraram para ir embora.

Eles estavam me deixando. À guisa de ênfase, repito: *eles estavam me deixando*.

Se estavam ou não me deixando para sempre, eu não sabia. Foi então que comecei a me dar conta de que nunca mais eu veria minha família de novo. Nunca mais retornaria ao zoológico. Nunca mais me comunicaria com outros chimpanzés, nunca mais curtiria exercitar meus membros no nosso trepa-trepa, nem teria de aguentar o *bullying* do meu irmão ou o incansável abuso emocional do meu pai. Nunca mais me sentaria no colo de minha mãe nem brincaria com Céleste.

Observei-os sair juntos, Norman e Lydia. Quando chegaram à porta, Norm estendeu o braço e tocou numa fileira de coisas na parede. Ouvei os ruídos *clack clack clack* e cada *clack* era seguido por um setor da sala que ia ficando lentamente, depois rapidamente, escuro. Ele fez o último *clack*, eliminando a última fonte de luz fluorescente zunidora. Lydia e Norm deixaram a sala, fecharam a porta, *ka-chunk*. Ouvei uma chave girando na fechadura. Por um momento, através da porta de vidro fumê, vi suas silhuetas, suas duas sombras borradas se encarando, conversando. E suas vozes desapareceram, juntas, diminuindo pelo corredor, em ecos aquosos pontilhados pelos ritmos contrapontísticos de seus quatro tênis guinchando e rangendo no chão. Em seguida, uma porta de elevador fazendo *bing* e *bong*, abrindo-se e depois se fechando, e então silêncio — e então silêncio.

E lá estava eu, Gwen: sozinho, no silêncio, no escuro e trancado numa jaula. Naquela manhã, eu acordara, como sempre, com os braços e as pernas entrelaçados com os cálidos braços e pernas de meus parentes, no interior úmido e fedorento de nosso *habitat* no zoológico, o único lar que eu já conhecera. Agora, a noite tinha caído, e eu estava trancado numa jaula de metal fria de 1,5 x 1,5m

minimamente equipada, numa sala estranha e estéril, sozinho, no escuro. Até então, a outra única ocasião em minha vida em que eu fora deixado sozinho num aposento havia sido durante a tal experiência com os pêssegos. Mas, por não ter ficado sozinho durante aquele período de dramática transição do zoológico para o não zoológico, eu ainda não tinha sentido o fluxo de sensações que percorriam minha cabeça agora. Entre elas: pânico, terror, abandono.

Por que eu estava aqui? Por que eu? Teria eu sido colocado aqui nesta jaula para ser abatido e logo em seguida devorado como foram meus avós paternos anos atrás, nas profundezas da África? Pior ainda, talvez eles nunca mais voltem. Eu teria sido deixado aqui para morrer de fome. Tudo o que eu sabia era que tinha sido confinado a um espaço entre quatro paredes, um teto e um chão, e não sabia por quê. Todos esses pensamentos surgiram transbordando de uma só vez em minha rudimentar consciência e um demônio de ira se introduziu em mim.

Gritei. Chorei e gritei. Gritei e chorei. Sacudi as barras da jaula. Virei minha tigela de comida, espalhando minhas bolotas de comida desidratada, mandando-as deslizando em todas as direções. Joguei-me de um lado a outro da jaula, berrando, uivando, espancando e soluçando. Arranquei a esteira azul esponjosa do chão e rasguei o cobertor azul felpudo que tinham me dado. Com os dedos e os polegares e dentes rangentes, eu os dilacerei, despedaçando-os totalmente em cacos e trapos e pelos. E joguei os cacos e trapos e pelos a esmo pela jaula. Puxei com força as barras, tentei quebrá-las com os meus fracos punhos e pés de chimpanzé jovem, mas o metal frio, duro e reluzente da jaula não cedeu. Não sei por quanto tempo fiquei enfurecido. Horas, talvez. Mas então...

As luzes do corredor além da porta do laboratório se acenderam do modo como se acendem as lâmpadas fluorescentes: o brilho pleno precedido por três inícios falsos. A janela da porta do

laboratório tornou-se um painel luminoso com uma suave luz branca, e os números e as letras na porta projetaram suas próprias sombras em longas tiras escuras pela sala, sobre as mesas compridas e a esponjosa esteira azul onde estavam os meus brinquedos. Ouvi o som de passos firmes vindos do corredor. O volume do som de passos crescia gradualmente e as ondas acústicas de seus ecos encurtaram até as passadas pararem do lado de fora da porta do laboratório. Uma sombra negra amorfa assomou. Ouvi uma respiração pesada e irregular. Ouvi o tilintar de muitas chaves, o que continuou por um longo tempo até uma chave ser escolhida e enfiada na fechadura da porta. A fechadura girou, a lingueta recuou e fez um clique, e a porta — silenciosamente, exceto pelo som da maçaneta e o leve chiado das dobradiças — se abriu. Sob a luz branca do corredor, surgiu um grande ser cujos detalhes permaneciam obscurecidos na sombra. A mão do ser apalpou a parede em busca dos *clacks* e apertou um, *clack*, e uma seção de luzes da sala se acendeu, *nzt-nzt-nzt-nzzzzzzzzzzz*, e iluminou a área em que estavam meus brinquedos, de modo que, com duas fontes de luz competindo, todos os objetos na sala ficaram com duas sombras cruzadas.

Esse homem — cujo nome eu ainda não sabia que era Haywood Finch — tinha estatura mediana e era mais ou menos do feitio de uma batata. Não era gordo. Barrigudo sim, porém mais estranhamente modelado do que gordo. Sua aparência, tal como uma batata, era um tanto ovular no contorno, não importava de que ângulo ele fosse visto: de frente, de costas ou de perfil, com um peito enorme que declivava de maneira graciosa para fora e para baixo numa considerável barriga. Grandes braços moles brotavam de maneira deformada dos ombros, e eles iam engordurados, enxundiados e untados até um pescoço grosso e granuloso que, com elegância, culminava numa cabeça arredondada e muito grumosa, que parecia ter sido esculpida em

manteiga e depois deixada para derreter parcialmente. Seu cabelo fora reduzido a cerdas pretas e espetadas com meio centímetro e realçava em seu cume a mais protuberante e mais proeminente protuberância. Ele tinha pequenas orelhas disformes que se destacavam nas laterais de sua cabeça como se tivessem sido grudadas por uma criança desajeitada, e sua boca sempre ficava um pouco aberta. Mas, de longe, sua característica física mais bizarra eram seus olhos. Um deles se comportava como um olho humano comum, mas o outro parecia agir por conta própria, olhando sempre numa direção diferente, sempre vagando de modo errante em direção ao canto esquerdo de sua cabeça. Esses olhos bidirecionais ardiavam com uma doçura cálida — como o cheiro de açúcar caramelizando — e com uma loucura nervosa e desvairada. Ele usava uniforme: parecia muito com aqueles que os camisas marrons do zoológico usavam, mas sua camisa passada, de manga curta e colarinho abotoado, era azul-clara em vez de marrom e tinha um bolso de um lado do peito e, do outro, um flamejante retângulo de latão preso com um alfinete, com uma série de hieróglifos gravados nele. A camisa estava coberta de grandes manchas úmidas e enfiada numa calça jeans suja. Um trapo molhado pendia do bolso de trás da calça, e de um dos passadores de sua calça pendia uma corrente grossa de metal, da qual, por sua vez, pendia um molho de chaves — dúzias, talvez mais de uma centena. Elas eram para mim objetos fascinantes — e o molho de chaves estava preso ao cinto de couro gasto por um grampo de metal, de modo que a comprida corrente descia ao longo da lateral de uma das coxas até quase o joelho e depois retornava ao cinto. A parte de baixo da calça jeans estava enfiada em pesadas botas de borracha encardidas de sujeira.

Uma coisa importante que deve ser revelada sobre Haywood Finch é a tremenda quantidade de ruídos que ele fazia enquanto andava. Pois não apenas sua respiração soava de modo

estranho — uma porção de arquejos, chiados e rancos irregulares —, mas cada passo que dava com aquelas pesadas galochas tinha em si autoridade e volume trovejantes: primeiro, a cadência do salto em contato com o solo, seguida imediatamente pelo *tum* do restante do pé baixando e, então, o primoroso rangido do dedão lançando o pé em sua jornada no passo seguinte. Isso se juntava ao som estridente das chaves e a volta da corrente batendo em sua coxa para criar uma algazarra percussiva dissonantemente discordante embora sinistramente hipnótica, como uma melodia balinesa de gamelão. O som de seus passos consistia em: primeiro, a pisada forte da bota; segundo, a corrente batendo; e, por último, o tilintar das chaves. O ritmo de seu caminhar tornava-se ainda mais excêntrico por uma grave coxeadura, pelo fato de uma de suas pernas ser mais curta que a outra. Portanto, o ritmo de suas passadas soava assim: *KLOMPa-whap-SHLINC KLOMPa-whap-SHLINC KLOMPa-whap-SHLINC...* Haywood Finch — cujo nome eu ainda não sabia — era empregado da Universidade de Chicago como zelador; daí, o traje escandaloso e musical que usava. Era seu dever varrer o chão, esfregar o chão, limpar as janelas, lavar os banheiros, arear as pias, higienizar os mictórios, remover o lixo e realizar outras impensáveis tarefas indesejáveis. Fui também informado depois que Haywood Finch era considerado “lento” — sofria de algum grau de retardamento mental aliado a autismo, e essas e outras doenças neurológicas ainda mais estranhas impediram que ele se destacasse no mundo social do emprego diurno, embora executasse seu dever como zelador noturno no Centro Erman de Biologia da Universidade de Chicago com rigor incansável e aptidão, sozinho, no meio da noite. Ele gostava da solidão, gostava da noite e se sentia confortado pela interminável repetição de seu trabalho. Mas eu ainda não sabia nada disso. Na ocasião, sabia apenas disto: por um lado, eu não estava mais sozinho na sala, mas, por outro, eu não estava mais sozinho na sala.

Eu sabia que aquele era o ser humano mais amedrontador que eu já vira na minha curta vida — grande, pernas tortas, estrábico e com tiques nervosos. Senti que havia algo de muito errado com o modo como olhava, andava, respirava e movimentava seu corpo pelo espaço, como fazia agora, indo da porta do laboratório direto para a minha jaula no canto da sala. Enquanto meus olhos ainda se ajustavam ao laboratório parcialmente iluminado naquele momento, o homem, gradual e musicalmente, arrastava seu peso pela distância que nos separava — *kLOMPa-whap-SHLINK kLOMPa-whap-SHLINK kLOMPa-whap-SHLINK*. Observou-me através das barras de minha jaula, sua respiração emitia chiados pelo nariz e rugia pela boca como dois foles para lareira, e seus olhos vesgos me encaravam, piscavam, esbugalhavam e se assustavam comigo. E olhei para ele através das barras da minha jaula. Ele nada disse, mas o demônio de ira que havia entrado em mim continuava lá e, portanto, fui o primeiro a falar.

Eu disse — ou melhor, gritei:

— Oo-oo-oo-oo, ah-ah-ah, heeaagh, heeaagh, *hieeeeeaaaaghhhh!*

Então, o que fez aquele misterioso homem grumoso que agora estava do lado de fora da minha jaula olhando para dentro, aquele estranho de olhos malucos e de andar musical? Ele gritou de volta para mim. Repetiu, em resposta:

— Oo-oo-oo-oo, ah-ah-ah, heeaagh, heeaagh, *hieeeeeaaaaghhhh!*

Isso me calou.

Ele imitou o ruído inarticulado de chimpanzé que eu havia acabado de fazer. Ele o copiou, compasso por compasso, tom por tom, nota por nota, e no mesmo diapasão e volume. Fiquei perplexo. Ele imitara meu grito com tanta perfeição que qualquer um que estivesse ouvindo às escondidas teria deduzido que eu fizera o ruído duas vezes ou que havia outro chimpanzé na sala. Quando, enfim, eu havia me recomposto, falei:

— Uha, huppa, huh?

— Uha, huppa, huh — respondeu ele, embora sem a modulação ascendente.

— Eeegt, eegt, eegt — retruquei.

— Eeegt, eegt, eegt.

— Oop, oop, oop, *eeyaugh*.

— *Eeyaugh, eeyaugh*.

— Oooooooooo, oo-oo-oo, *eeyaugh*.

— Barga, barga, baraga, *barrragagaga!*

— Abbah, abbah, abb?

— Barga barga oo-oo-oo-oo-oooooooook.

— Eep-eep-eep, *eeyaugh, eeyaugh*.

— Glrrrrrrrrrrrrrrr*argawargawarga!*

— Aat, aat, aat, anananananananaaaaaaat!

— Birrrroing, zuboing, zuboing, zuboing, zuboy!

— Eeetoo, eeteetoo, amammmmmnnnnn, oot, oot, oot.

— Havar, voo, voy!

— Rannakka, rannakka, *oit, oit, oit!*

— BrrrrrrrrrrriiiiiinnGAAHHH!

— Uffa, uffa, uffa, *eeeeeeeeeeagghht*.

— Yiikikikikikiki kiki, *eeeite, eeeeite!*

— Oo-woo, oo-woo, oooooo, *reagh, reagh, YEAAAAGGHHH!*

Então, de repente, estávamos falando ao mesmo tempo! Não me lembro como transcorreu o resto da conversa. Fizemos uma barulheira tão alegre!

Essa foi, talvez, a primeira conversa completamente recíproca que tive com um ser humano. Aquela primeira conversa épica com o grande Haywood Finch, um notável zelador noturno, autista e levemente retardado, foi minha verdadeira introdução à fala humana. Conversamos desse jeito por, pelo menos, uma hora, talvez mais, antes que Haywood olhasse nervosamente para seu relógio digital e se desse conta de que sua rotina havia sido perturbada e que ele precisava voltar a trabalhar imediatamente.

Portanto, após esvaziar todas as latas de lixo do laboratório, saiu apressado, pisando forte e tilintando, para esfregar o chão do corredor.

Mas aquela primeira conversa! Que alegria foi fazer ruídos puramente pelo prazer de fazer ruídos. Contudo, com todo aquele balbucio divertido, todo aquele absurdo, padrões de linguagem tinham começado a se desenvolver. Naquela noite, homem macaqueou macaco. Ele copiou exatamente meus fonemas animais e os devolveu misturados com divertidos acréscimos e variações próprias, os quais, por minha vez, tentei imitar. Balbuciamos loucamente um para o outro, e que diversão insana! Fizemos música: de algum modo, um traço de sentido, um coro, harmonias, melodias, ritmos e temas emergiram de nossa uivante gritaria ininteligível. Acrescentamos componentes visuais — fizemos caretas um para o outro, inventamos gestos de mão sem sentido. Bati no peito e golpeei o chão da minha jaula com minhas palmas, e ele desencatou o molho de chaves do cinto e o chocalhou em frente ao rosto. Nossos sinais, ruídos e gestos não foram discretos ou digitais, mas estritamente analógicos, fluidos e orgânicos, não compartimentalizados, improvisados, às vezes, cooperativos e, por vezes, um combate sem intenção de causar danos. De uma argila crua de absurdo, estivemos em cada momento moldando significantes que não tinham significados, sinais vazios, palavras decorativas e venturosamente sem sentido. Nós comunicamos alguma coisa? Não. Mas linguagem com finalidade de comunicação vem depois da linguagem que é barulho com finalidade de diversão — isto é, *música* — e — nisso eu de fato acredito — toda linguagem realmente bonita tem como finalidade ambas as coisas: comunicação e música.

## VII

**E** quando esse homem — o homem mais estranho que já conheci na vida —, quando esse homem saiu pisando forte, tilintando, apagou a luz com um *clack* e deixou a sala, ele não se comportou do mesmo modo que os outros humanos haviam se comportado, ao sair. Não acenou educadamente nem se despediu; simplesmente e sem cerimônia desligou a luz e fechou a porta sem olhar para trás. Não fiquei exatamente magoado com esse abrupto e desleixado ato de partida. Eu já havia deduzido que aquele homem não pensava ou funcionava da mesma maneira que a maioria dos humanos, e não senti qualquer maldade em sua partida. Depois que ele saiu, me senti muito melhor. Nossa conversa absurda — ou *nãoversa*, se preferir — me curara do demônio da ira que antes havia entrado em mim. Assim exorcizado por nossa tagarelice divertida, juntei cacos e trapos e pelos em que, no pânico, eu tinha transformado o equipamento de minha jaula, e adormeci. Meu sono pesado como chumbo conduzindo-me por dentro para longe, a outros mundos, meu cérebro simples imerso num banho quente de sonhos primitivos.

Acordei na manhã seguinte e vi três rostos — os de Norman Plumlee, Prasad e Lydia — olhando-me zangados com desaprovação. Bem, os rostos estoicos de Plumlee e Prasad olhavam-me zangados com desaprovação; claramente não tinham gostado do que eu fizera durante a noite com o equipamento de minha jaula — isto é, destruí-lo e espalhá-lo —, mas, no rosto de Lydia não havia o que eu chamaria de zanga, no máximo um aflito

franzir de testa de compreensão. É por isso, Gwen, é por isso que todos os grandes primatologistas são mulheres. A mente humana masculina é odiosa, belicosa, possessiva, punitiva e ciumenta, obcecada com frias noções de lei, propriedade e justiça. A mente humana pensa: como ousa... como você *ousa* destruir e espalhar o que nós tão bondosamente lhe *emprestamos*, sua criatura insolente? A mente masculina reflete sobre tais questões morais pertinentes, tais como de quem são esses caroços idiotas se eu me dei o trabalho de me abaixar para juntá-los? A mente feminina, porém, é mais rápida para a empatia do que para a indignação, e esse é um dos motivos pelos quais Jane Goodall, Dian Fossey, Sue Savage-Rumbaugh e Lydia Littlemore se tornaram grandes pioneiras em primatologia.

Norman Plumlee abriu a porta da minha jaula, e, alegremente, dei o fora, mas logo me deparei com uma porção de ríspidas repreensões, uma mão punitiva com o polegar e três dedos curvados sobre a palma e o agitado dedo indicador apontado para mim. A mão pertencia a Norman Plumlee. Ele apanhou um punhado do pelo e dos pedaços rasgados do tecido em que minha esteira e meu cobertor felpudo haviam se transformado durante a noite, pôs diante do meu rosto e fez ruídos de “que vergonha”.

— Tudo bem... tudo bem — disse Lydia. Ela colocou os óculos e imediatamente os tirou de novo e, com as mãos, colocou duas mechas de cabelo atrás das orelhas. — Provavelmente ele está em estado de choque, Norm. Nunca tinha passado uma noite fora de seu lar. Simplesmente pirou um pouco ontem à noite.

Eu estava no chão. Corri para Lydia, sacudi a perna de sua calça, ela me apanhou e abracei-a e fiquei agarrado a ela com o rosto contra a pele macia do seu pescoço. Eu estava perdoado.

Devorei um pouco das bolotas de comida desidratada que eu havia espalhado pelo chão na noite anterior, não porque fossem saborosas, mas porque eu acordara com a barriga revirando e

roncando de fome. Tive permissão para brincar com meus brinquedos, mas fiz isso sem prestar muita atenção. Os outros humanos chegaram, um por um, com café fumegante em suas canecas. Naquele dia, as experiências começaram de fato. Lembro-me de como me mostraram cartões com diferentes símbolos impressos e me pediram, creio, para distinguir um cartão do outro. Lembro-me de pessoas fazendo gestos para mim, sinais que esperavam que eu tentasse imitar. Lembro-me de uma experiência em particular — todas eram repetidas várias e várias vezes, dia após dia, semana após semana — na qual me mostravam uma variedade de objetos: pedras, arruelas de metal, lápis, flores de plástico e pequenos bichos de pelúcia parecendo porcos, galinhas, coelhos, elefantes, lagartos e coisas parecidas (embora seus tamanhos não fossem proporcionais — o elefante, por exemplo, era do mesmo tamanho da galinha). O humano chamado Norm, o humano que, claramente, era o “encarregado” aqui, pois todos os outros humanos — até mesmo Lydia — pareciam se submeter à sua autoridade, guardava esses artefatos numa grande caixa de papelão pardo que retirava de um dos armários debaixo de uma das compridas mesas cinzentas do laboratório. Ele despejava o conteúdo da caixa na superfície da mesa e passava a separá-los para mim, agrupando os objetos com seus semelhantes: flores com flores, animais com animais, arruelas com arruelas e pedras com pedras. Em seguida, após separá-los, ele colocava todos os objetos de volta na caixa, dava-lhe uma vigorosa sacudida, para embaralhar o conteúdo, despejava tudo de novo na mesa e fazia um gesto indicando que eu deveria selecioná-los, semelhante com semelhante. Se eu os classificasse corretamente, era recompensado com uma guloseima. Se os classificasse incorretamente, a guloseima era negada.

Eu participava dessa e de outras experiências assim. Eram divertidas, embora, às vezes, eu me cansasse delas. Às vezes, eu

tinha permissão de me sentar no canto da sala sobre a esteira azul esponjosa e brincar com meus brinquedos e, às vezes, Lydia me acompanhava. Com frequência, eu rastejava para seus braços, olhava dentro de seus brilhantes olhos de bronze e brincava com seu brilhante cabelo louro. Na hora do almoço, ela colocou uma coleira no meu pescoço presa a uma correia (uma necessidade degradante naqueles primeiros dias); então, me pegou e me levou pelo prédio, escadas abaixo e até lá fora, no mundo, que estava ensolarado, mas ainda encharcado da chuva do dia anterior. Ela levava seu almoço num saco de papel pardo. Eu não estava particularmente com fome, pois, durante toda a manhã, tinha sido empanturrado com guloseimas por causa de todas as tarefas que eu executara corretamente. Ela me levou para um pátio atrás do prédio que abrigava o Laboratório de Biologia Comportamental, uma extensão de grama cortada por um caminho de tijolos e cercado por vários edifícios feitos de pedra cinza. Havia muitas árvores altas cujos troncos eram cinzentos, nodosos e retorcidos como os braços de homens velhos. Lydia sentou-se num banco de piquenique e retirou do saco de papel os seguintes itens: um sanduíche de peru cortado na diagonal em dois triângulos exatos e embrulhados em papel encerado; uma garrafa de água com vitaminas; uma maçã verde; uma barra "energética", que era um bloco retangular compacto de nutrientes firmemente comprimidos, com passas e pedacinhos de chocolate. Ela me ofereceu uma mordida de cada um desses itens, mordidas que dei mais por curiosidade do que por fome.

Visto que não havia mais ninguém por perto, Lydia soltou minha correia e deu permissão para que eu subisse nas árvores, o que fiz, contente, debaixo do sol, me balançando de galho em galho em suas copas farfalhantes. Que excessiva emoção foi trepar naquelas árvores gigantes, sabendo que, pela primeira vez em minha vida, não havia cercas ou muros ou barras ou vidraças para me manter

confinado. Se eu quisesse, poderia facilmente ter fugido, mas, é claro, não quis fazer isso, não com Lydia me olhando alegremente do banco de piquenique lá embaixo, mastigando um naco de sanduíche de peru preso na bochecha. Como ali era um *campus* universitário e estávamos no verão, havia muito pouca gente andando pelo pátio. O sol estava luminoso e quente. Assim, observei o acasalamento em pleno voo de uma dupla de iridescentes libélulas.

Subi cada vez mais na copa da árvore mais alta, mais velha e mais magistral do pátio. Escalei até os galhos mais altos que ainda eram grossos o bastante para suportar meu peso. Emergi do meio das agitadas folhas verdes para me descobrir mais alto do que o mais alto dos prédios que cercavam o gramado.

Em todas as direções, vi um vasto, estranho e infinitamente complexo mundo até então desconhecido para mim. Olhei para o oeste e vi telhados de prédios se estendendo a perder de vista, e, mais distante ainda, um trem se arrastando ao longo dos trilhos elevados e uma autoestrada com caminhões movendo-se com dificuldade e descendo o tortuoso e intrincado caminho das saídas sobrepostas. Olhei para o sul e vi os grandes tubos verticais de uma centena de órgãos da indústria desfraldando no ar lenços de cetim de fumaça preta. Olhei para o leste e vi uma massa agitada e espumante de água azul-esverdeada salpicada de veleiros, atingindo o horizonte onde se tornava uma tira fina de azul-prateado. Então, olhei para o norte.

Vi os titãs de pedra do centro comercial da cidade avultando sobre Chicago. Eu ainda não sabia que cada um daqueles monstros tinha nome — a Tribune Tower, o John Hancock Center, a Sears Tower —, mas sabia que se projetavam tão alto em direção ao céu que acompanhar a altura deles me deixou nauseado e tonto. Eu sabia que haviam sido arquitetados com detalhes bizarros e aterradores entalhados e escarpados, saliências e pontos de apoio

e pontas e espigas e agulhas e barras e cristas e pinos e chifres e forcados e facas, um emaranhado entrelaçado de apêndices de metal retorcido que se estendiam acima da terra como dedos de enormes demônios rasgando com as garras seu caminho para fora do inferno a fim de atacar os céus.

E eu sabia — por intuição — sabia que esses sombrios dedos gigantes de demônios eram produtos dos homens: a raça humana havia projetado e construído essas crípticas estruturas para propósitos que eu ainda não conseguia entender. E pensei na vida que eu havia levado anteriormente como macaco. Refleti sobre os toscos e pequenos ninhos de gravetos e folhas que construímos para nós mesmos e refleti sobre nossos insignificantes conflitos, nossos amores sem palavras e nossas vidas miseráveis de aviltamento e perpétuo cativeiro das quais, em nossa pobreza de inteligência e de espírito, não conseguimos imaginar um meio de remediar ou escapar. Então, fixei meu olhar nesses grandes monstros de pedra a distância. E me apaixonei.

Renunciei aos direitos de minha condição de animal no mesmo instante e ali no topo daquela árvore por causa desse louco e desastroso amor que senti pela humanidade. Claro que eu estava apaixonado por causa de todos os motivos vaidosos e gananciosos. Foram essas vaidade, ganância e luxúria que me levaram a — seguindo tarde demais o exemplo de vocês de muitos milhões de anos antes — descer da árvore. Desci daquela árvore para passar o resto da vida fugindo da escuridão voraz do terror animal em direção à luz do fogo roubado dos deuses e, assim como vocês, permaneci num estado de busca constante, jamais escapando completamente da escuridão, jamais alcançando a luz.

## VIII

Então desci da árvore. Lydia estava sentada abaixo de mim, à mesa de piquenique. Ela havia terminado seu almoço e, enquanto observava minha braquiação, dobrara, econômica e ecologicamente, uma, duas, três vezes o saco de papel dos alimentos, transformando-o num quadrado para reutilização. Agarrei-me a ela e fui levado de volta ao laboratório. As experiências prosseguiram. Então, o dia terminou. Ganhei um novo cobertor felpudo, mais bolotas de comida desidratada, cenouras e uma nova esteira azul esponjosa para cobrir o fundo de minha jaula, só que esta estava fortemente supergrudada ao chão para tornar mais difícil que eu a destruísse e a espalhasse, no caso de outro demônio da ira entrar em mim, o que não aconteceu. Eu continuava avesso a ter de dormir numa jaula depois de os cientistas terem ido para casa, mas, pelo menos, agora eu tinha certeza de que havia uma rotina — quando amanhecesse, eu sabia que os humanos voltariam para encher meu dia de diversão. A noite caiu novamente e, mais uma vez, o homem estranho retornou para bater um papo sem sentido comigo por quase uma hora. Adormeci, me agitei e sonhei e acordei com o nascer do sol, os cientistas voltaram com fumegantes canecas de café, e as experiências recomeçaram.

Esse padrão — é desnecessário relacioná-lo em ricos detalhes — continuou por muitos dias e noites. Os cientistas estavam satisfeitos comigo. Diziam que eu fazia rápido progresso. E, todas as noites, o homem grumoso de uniforme azul chegava e

conversava comigo durante uma hora. A linguagem entre nós começava a quase significar alguma coisa. Por exemplo, tínhamos aprendido nossos nomes e havíamos desenvolvido um idiossincrático sistema de sinais e palavras para saudar e partir. Começávamos a criar um pequeno dialeto híbrido, uma língua de permuta, uma *lingua franca* só para nós dois.

Haywood apontou para si mesmo e disse “*Ei, u!*” (foneticamente: / 'eɪ:u /). Essa parte da minha jornada é difícil de ser relatada impressa porque ficamos de, certa forma, restritos pela inelasticidade tonal do texto — mas, essencialmente, Haywood entoava as duas sílabas do seu primeiro nome, sem as consoantes.

Então, apontou para mim.

Imitei seu gesto, apontando para mim mesmo e dizendo “*Eeeei... uuuuh*”.

Haywood me fez entender que isso era incoerente, olhando zangado, balançando a cabeça de um lado a outro e fazendo um som gutural horrível no fundo da garganta, assim “*BEEEEEEEEEEEEAAAANT!*”

Novamente, Haywood apontou para si e falou “*Ei, u!*”.

Então, gesticulou para mim.

Apontei para mim e disse:

— *Eeeei... uuu!*

— *BEEEEEEEEEEEEAAAANT!* — rebateu Haywood, fazendo careta e agitando a cabeça de um lado para o outro.

Então, apontou para si mesmo.

— *Ei, u.*

Agora, apontava para mim.

— *Ei... u?*

— *BEEEEEEEEEEEEAAAANT!*

Isso continuou por muitas, muitas vezes até que eu, enfim, talvez até mesmo por acaso, apontei para ele e disse:

— *Ei, u.*

Ele respondeu arreganhando os dentes, confirmando com a cabeça, enquanto ululava com um som guinchante — “*Lalalalalalalalalalalalala!*” — e, acompanhando sua canção um tanto otimista, apanhou o molho de chaves e sacudiu para mim, e as chaves dançantes ressoaram e tiniram como uma porção de belos carrilhões. Aplaudi, gritei e arfei e vibrei encantado, pois adorei a música tremelicante que produziam.

Isso, a propósito, é algo que os cientistas que trabalhavam no laboratório nunca haviam pensado em fazer: recompensar meu progresso não com petiscos, mas com um belo ruído. Às vezes, eu simplesmente não estava com fome — portanto, nessas ocasiões, a recompensa de um regalo nada significava para mim além da recompensa psicológica da aprovação deles —, mas meu apetite por belos ruídos era sempre insaciável.

Repetimos isso muitas vezes até que eu fosse capaz de entender que “*Ei, u*” não era algo que alguém dizia apontando para si mesmo, mas algo que alguém dizia quando apontava para *aquele* homem em particular. Também consegui entender que, quando apontava para mim, Haywood me pedia para fazer o som que me representava: meu nome. Claro que eu sabia meu nome, no sentido de que eu sabia que era para ir (ou escolher não ir), quando um humano gritava para mim “Bruno!”. Mas nunca havia sonhado em realmente tentar articular essas duas sílabas com o aparelho glótico de minha própria boca de chimpanzé, um instrumento que antes havia sido bom para pouca coisa além da ingestão de minha comida e minha bebida, a inalação e exalação de minha respiração, e a produção de todos os meus despropositados guinchos, grunhidos, uivos, arquejos e gritos.

Apontei para mim mesmo e fiz minha primeira tentativa consciente de linguagem falada.

— Uh, no.

Quase bati com as mãos na boca — talvez eu tenha *mesmo* batido com as mãos na boca, atônito com o perigoso ruído mágico que acabava de sair dela! Foi uma *palavra!* Foi... foi *meu próprio nome!*

Claro que minha desajeitada língua infantil não conseguiu se torcer para a complexidade do som da consoante inicial do meu nome — o *B* labial oclusivo passando rapidamente para um *R*, exigindo da língua uma pequena manobra complicada de acrobacia de semipronúncia. Mas os dois timbres vocálicos do meu nome — um *uh* de pronúncia limitada seguido por um boquiaberto (n)o ( / 'u:nəu / ) —, estes eu consegui na primeira tentativa, e até mesmo consegui dividi-los com uma rápida ida da língua até o topo da boca para fazer um fraco e surdo, mas, com certeza, inconfundivelmente audível *N*.

Em resposta, Haywood se alegrou e agitou suas chaves tão estrepitosamente que temi que elas explodissem.

Pelo restante daquela noite, simplesmente nos revezamos em apontar um para o outro e entoar nossos nomes. Não havia como Haywood ficar sabendo que meu nome era “Bruno”. Tenho certeza de que ele deduziu que era “Uno”, o que, de fato, é uma denominação bastante plausível para um chimpanzé. Não tenho nem muita certeza se Haywood perdeu algum tempo pensando em questões como as plausibilidades de nomes dos chimpanzés.

Na noite seguinte, quando Haywood voltou, começamos a nossa *nãoversa* com o jogo de apontar primeiro para nós mesmos e depois um para o outro, e expressamos, sucessivamente, nossos nomes-sons e, depois, o nome-som um do outro. O que se seguiu depois foi uma típica sessão de extática tagarelice, mas, quando a hora passou e chegou o momento de Haywood ir embora, nós também nos despedimos desse modo. Essa troca das ações de apontar e declarar nossos nomes-sons tornou-se o modo tradicional de começarmos e terminarmos nossas *nãoversas* — pelas quais

passei a ansiar e nas quais confiava como sessões de terapia. Gostava tanto de minhas conversas noturnas com Haywood que nem sequer me importava mais em demonstrar meus sinais de protesto ou desprazer quando o dia de trabalho chegava ao fim e era novamente hora de me isolarem na jaula, pois eu sabia que isso significava que minha sessão com Haywood estava prestes a acontecer. Certa vez, Haywood enfiou seu molho de muitas chaves por entre as barras da minha jaula e deixou que eu brincasse com elas. Esse foi um momento importante, Gwen. Talvez eu imaginasse, ou mesmo acreditasse, em algum lugar de minha alma ou mente em desenvolvimento, que a base do carisma animal de Haywood residia no molho de muitas chaves: eram seu fetiche, seu amuleto, aquelas chaves eram contas de um rosário, de alguma forma elas o protegiam do mal, ou o tornavam grande, poderoso, davam-lhe a habilidade de falar com animais. Eu as sacudi e as retini, e admirei sua música tremelicante.

E falamos e falamos e falamos. E, através de nossa tagarelice, desenvolvi gradualmente minha percepção às formas das palavras humanas, acostumei minha boca à execução de consoantes e sons vocálicos claros, das oclusivas, retroflexas, labiodentais, alveolares e fricativas, das nasais, glotais, sibilantes e sonoras — aprendi tudo isso primeiro de forma absurda. Por meio desse êxtase do absurdo, aprendi a musicalidade e o ritmo da fala humana. Aos poucos, minhas habilidades comunicativas foram se desenvolvendo à noite com Haywood Finch. Após os primeiros cinco ou seis meses (a monotonia fundamental desse período de minha vida me instiga a acelerar o tempo aqui), eu não só tinha aprendido a dizer “Haywood”, com as consoantes basicamente claras e corretas, mas também a articular de forma apropriada o primeiro som-consoante de meu próprio nome, Bruno. No início, saiu “bu-no”, mas, após obsessiva prática independente, aprendi a passar esse *r* crítico entre o *b* e o início da primeira vogal *e*, aliás, achei essa

combinação de consoantes tão mais divertida de dizer que, através de interminável repetição, rapidamente dominei a pronúncia do meu nome.

Entretanto, por muitos meses, nunca pronunciei meu nome para os pesquisadores que povoavam diariamente o laboratório. Meu cada vez mais vasto vocabulário de ruídos e palavras articulados — bem, duas palavras, “Haywood” e “Bruno” — era exclusivamente para uso à noite, durante minhas sessões com Haywood. Durante o dia, eu ficava calado. E por que isso?

Antes de mais nada, simplesmente nunca me ocorrera tentar falar com os humanos do dia. Meu eu estava dividido. Eu usava um “eu” para interagir com os humanos do dia, e o outro apenas para minhas sessões de alegres algazaras com Haywood, o humano que me visitava à noite. Comunicava-me de modos diferentes com esses dois grupos de humanos; eu trocava o código. Os humanos do dia estavam constantemente me abarrotando de tarefas, jogos, experiências e vários outros modos de estímulo. Mostravam-me filmes e espelhos, tocavam música para mim e me observavam enquanto eu manipulava meus brinquedos. Mostravam-me pictogramas e desenhos em papel e em pequenas placas de plástico, mostravam-me animais de pelúcia e todos os tipos de objetos e artefatos, e falavam comigo, e falavam e falavam e falavam comigo. Faziam gestos e pediam que eu os copiasse e, quando eu imitava com perfeição, ganhava guloseimas. Desse modo, desenvolvi um léxico substancial de signos específicos e outros que improvisávamos conforme prosseguíamos, em geral bem icônicos ou indexados em seus processos visuais. O mais importante era que eu também estava aprendendo a entender uma enorme quantidade do idioma falado, mas ainda não havia tentado falar nada dele. Por enquanto, eu apenas ouvia.

Mas minhas gritarias noturnas com Haywood eram realizadas em um espírito inteiramente à parte daquele do laboratório de dia. Pelo

simples motivo de que minhas interações com os humanos do dia sempre duravam um longo tempo e continham o elemento psicológico do *trabalho*. Eles, os cientistas, estavam “trabalhando”: quando aquelas pessoas davam beijos de despedidas em outras e deixavam suas casas, pela manhã, era para aquele laboratório que se dirigiam. Não estou sugerindo que os cientistas não gostavam de seu trabalho — na maior parte do tempo, eles pareciam adorar o que faziam —, mas, mesmo assim, perto do fim do dia, era possível perceber que suas mentes começavam a vagar rumo a suas casas, suas almas deixavam o laboratório e entravam num reinado de iminentes expectativas, da volta para casa, da cerveja pós-expediente, dos braços das esposas ou companheiras ou namoradas em espera, daquele suave período do dia intersticialmente aninhado entre trabalho e sono, a preciosa argamassa que gruda esses dois tijolos insípidos que todos os dias se empilham e se empilham para formar a grande parede plana da maior parte de nossa vida. Essa contagiante sensação de estar “trabalhando” inevitavelmente também me contaminou. Embora eu passasse o dia inteiro apenas brincando de jogos bobos que eles consideravam como experiências, eu ainda tinha um senso de obrigação com o que fazia. O trabalho deles era brincar comigo e me alimentar com guloseimas, e era meu trabalho — e quero que se dane se eu não realizava meu trabalho zelosamente e bem — brincar e comer guloseimas.

Por outro lado, minhas *nãoversas* noturnas com Haywood Finch eram totalmente extracurriculares, algo que fazíamos apenas pelo puro e feliz prazer de pintar o diabo, e isso, de certa maneira, as tornava muito mais empolgantes do que as experiências com verbas oficiais da universidade que preenchiam minhas horas do dia. Além do mais, o tempo que eu passava com Haywood a cada noite havia diminuído muito — uma hora —, e você praticamente poderia acertar o relógio com a pontualidade dele. Haywood não

era nenhum pobre palhaço que por uma hora se empavonava e se agitava no palco — não, assim como qualquer grande intérprete, ele sempre me deixava querendo mais.

Entretanto, creio que o motivo mais importante pelo qual, naqueles primeiros meses, fiz mais progressos linguísticos com Haywood Finch do que com os cientistas tem algo a ver com o fato de que rapidamente passei a ter certeza de que os humanos do dia *não sabiam sobre* o que acontecia à noite entre mim e Haywood. Talvez nunca houvessem tido sequer um pensamento fugaz sobre as armações do zelador da noite, depois que as portas eram trancadas e as luzes desligadas e todo mundo tivesse ido embora. Isso colocava o elemento sedição em minhas furtivas sessões noturnas com Haywood. Eu tinha um segredo. Eu tinha um segredo que não contava aos cientistas, e isso me dava uma sensação de poder. Não muito poder, é verdade, mas, após ter passado minha vida inteira completamente sob observação de seres humanos e ignorante da linguagem deles, portanto, sob seu poder, que sensação deliciosamente conspiratória era guardar em minha mente um pouquinho de informação que eles não tinham, e compartilhar essa informação apenas com outro ser humano. Haywood era meu confidente — juntos, como dois conspiradores tramando um golpe num fumacento quarto dos fundos, exercitávamos o sombrio poder subversivo de uma linguagem secreta.

## IX

**M**eu amor por Lydia aumentou e se tornou ainda mais profundo. Nos meses que se seguiram à minha chegada ao Laboratório de Biologia Comportamental da Universidade de Chicago, o *campus*, que estivera tão deserto como uma cidade fantasma no lânguido calor do verão, um dia, abruptamente, explodiu com tumultuada atividade humana. Por todo o verão, fora só silêncio, silêncio, então, de repente, os corredores do meu prédio fervilhavam durante o dia com vigorosos humanos jovens. Seus passos golpeavam com força os corredores em intervalos regulares; a presença deles era um rugido coletivo, com seus sapatos que rangiam e se arrastavam, suas conversas e risadas. Agora, sempre que Lydia me levava para fora a fim de perambular pelo gramado do *campus* e admirar a folhagem, o tempo outonalmente decadente estava apenas começando a chamuscar de leve as folhas com beiradas amarelas, e eu via aqueles jovens robustos por toda a parte. Eu os via refestelados na grama, sem os sapatos, as meias enfiadas nos calçados, os dedões dos pés descalços se misturando com as folhas de grama e os calcanhares calosos e manchados de amarelo e verde. Eu os via deitados sobre toalhas tomando banho de sol; via seus dedos tamborilarem as cordas de violões. Eu os via habilidosamente lançar e apanhar discos brilhantes — como também bolas de vários tamanhos e cores — que planavam com graça no ar entre um e outro par de mãos. Eu os via ler livros, tomar bebidas, fumar cigarros; via alguns deles se beijarem ou se acariciarem de modo amoroso. Quanta vida!

Alguns deles se interessavam muito por mim. Quando nos avistavam, Lydia e eu passeando de mãos dadas pelo *campus*, aproximavam-se de nós e tentavam falar comigo e queriam me tocar. Às vezes, se eu parecesse receptivo, Lydia permitia.

Lydia até mesmo me levou a uma de suas aulas. Naquele outono, ela ensinava uma parte do programa de Introdução à Psicologia Cognitiva. Certa tarde, ela colocou minha coleira, prendeu a correia e me levou, passando pelo quadrilátero principal de prédios, do laboratório principal, no terceiro andar do Centro Erman de Biologia, à sala onde ela lecionava no Wieboldt Hall. Lydia Littlemore era Ph.D. em psicologia cognitiva e mestre em antropologia — ela trabalhava junto a biólogos comportamentais e lecionava como assistente de professor adjunto no departamento de psicologia. Recebera recentemente seu Ph.D., seu currículo ainda era escasso e estava muitos anos distante da esperança de se tornar uma professora estável. Os cientistas considerados flexíveis a achavam mais dura do que eles, enquanto os durões a consideravam flexível demais. Lydia estava sempre pelejando para convencer os flexíveis de que tinha um coração flexível, e os durões de que possuía um ceticismo suficientemente implacável.

Lydia me envolveu em um cobertor para minha viagem pelo *campus* e me aninhou em seus braços, minhas pernas envolvendo seus quadris, com os dedões enganchados, e meus braços em volta de seu pescoço. Os bandos de estudantes parados por ali, conversando, ergueram os olhos, sorriram e me olharam embasbacados. O tempo ainda estava quente, mas esfriava. Pombos gordos e cinzentos saltavam estupidamente entre as folhas amarelas que agora se espalhavam pelo chão, e, nas árvores, estalidos periódicos de *croc-croc* vinham dos bicos de sujos corvos. Entramos num prédio muito mais velho do que aquele em que eu era normalmente mantido. O vento que causávamos nos corredores farfalhava folhetos, panfletos e cartazes presos com tachas em

quadros com placas de cortiça ou presos à parede com fita adesiva. Entramos numa pequena sala de aula por uma pesada porta marrom que ciciou e bateu ao se fechar. Os estudantes estavam sentados em seus lugares, conversando. A conversa diminuiu quando Lydia foi para a frente da sala e me colocou em cima de uma carteira. Havia uns 25 alunos na sala. Lydia começou a falar. Alguns dos alunos começaram a rabiscar em cadernos de anotações com canetas ou lápis. Lydia estava de óculos, e o cabelo, preso para trás, num acadêmico rabo de cavalo. Sentei-me na carteira e comecei a brincar com meus dedos dos pés. Olhava para os rostos dos alunos sentados obedientemente e em silêncio em suas carteiras. Cinquenta olhos apontavam para mim enquanto Lydia falava. Muitos daqueles olhos eram de garotas novas de pele lisa, algumas das quais tinham até mesmo tirado suas sandálias de dedo, e estavam sentadas com o dedão de um dos pés roçando divertidamente a junção tripartite da tira da sandália, e o outro pé cruzado de tal maneira embaixo do corpo de modo a me mostrar a sola do pé descalço, com o calcanhar caloso manchado de amarelo e verde da grama. Nunca havia estado num recinto com tantos pés descalços manchados pela grama e saias e seios e tanta pele suada com longos cabelos lustrosos. De modo algum eu conseguia me concentrar no meu trabalho.

Quando Lydia acabou de falar, os alunos empurraram as carteiras para os cantos da sala a fim de abrir um amplo espaço para mim. Lydia colocou-me no centro da sala. Então, apanhou a caixa de papelão que eu tinha esquecido de mencionar antes e despejou o conteúdo diante de mim. Era a caixa de curiosidades de Norm: as pedras, as arruelas, os lápis, as flores de plástico e os animais de pelúcia.

Lydia mandou que eu os ordenasse. A tarefa era vexaminosamente simples. Tudo o que eu precisava fazer era reconhecer que um lápis — embora diferente em detalhes físicos

específicos de outros lápis — é semelhante o bastante a outros, para uma espécie de ideal platônico de “lápis”, de modo a poder, racionalmente, ser agrupado com outros lápis e não, digamos, com uma pedra. Esse conceito — a catalogação generalizada das coisas do mundo — sustenta muito a linguagem. Já ordenei esses objetos umas mil vezes. Hoje, mantive os pés nas mãos, no centro da sala, e fiquei idiotamente olhando para eles.

Olhei à minha volta, para todos os rapazes e garotas que estavam na sala. Olhei especialmente para as garotas. Meu Deus, o cheiro delas. Seu perfume, ou o que fosse, sua pele lavada, seu cabelo, as indistintas e finas camadas de suor em axilas e joelhos e coxas, o cheiro de xampus e condicionadores, de sabonetes, e pernas recém-depiladas — seus pés descalços manchados de grama —, seus seios radiantes erguendo-se por baixo das blusas... Lydia agitou uma guloseima diante de mim. Sentou-se comigo na clareira com a pilha de objetos que continuavam desordenados a meus pés — ela falou comigo, sussurrando instruções. Ordenou os objetos para mim e, depois, colocou-os de volta na caixa, sacudiu-a vigorosamente e voltou a despejá-los.

Eu não conseguia me concentrar de modo algum. Os alunos riam. O que começou com alguns risos abafados e risadinhas que escapavam logo se tornou uma onda meio ruidosa de gargalhadas zombeteiras. Lydia falava, falava e falava comigo, implorando para que eu fizesse *alguma coisa* — arrumar os objetos? — executar alguns dos meus sinais? — mostre-lhes o que você sabe fazer! — as coisas que eu lhe ensinei!

Claro que entendi suas palavras, captei o significado de seus sinais — mas os elos entre os sinais e seus significados se dissolviam no ar antes de me alcançarem. Simplesmente fiquei sentado ali, no centro da sala, mudo, estúpido, intermitentemente apanhando um objeto aqui e outro ali — um lápis, uma flor de plástico, um animal de pelúcia —, manipulando-os sem interesse e

colocando-os de volta no lugar: comportando-me, em outras palavras, exatamente como um chimpanzé comum, e não como o chimpanzé talentoso que, aparentemente, eles haviam esperado. Lydia enrubesceu e ficou frustrada comigo — até mesmo furiosa.

Então: farejei alguma coisa. Alguma coisa — especificamente, um cheiro na sala que eu não havia notado antes. Detectei um leve, mas definitivamente presente odor, um cheiro estranho, oleoso, carnoso, pegajoso e salgado, muito, muito humano. Olhei em volta da sala, para todas as pernas nuas, as sandálias de dedo e as coxas pegajosas. Ali estava uma garota — ah, ela era linda! —, essa garota, tão lisa, tão macia, tão radiante — eu podia sentir as finas camadas de suor nas dobras de seus joelhos, entre os dedos dos pés, suas coxas —, ela possuía uma fantástica cabeleireira negra, seios montanhosos, erguendo-se e baixando-se sismicamente sob suas roupas, enchendo-me de violento desejo. Suas pernas estavam femininamente cruzadas por baixo de uma saia laranja na altura do joelho feita de um material fino e elástico, e uma de suas sandálias — de cor laranja para combinar com a saia —, uma de suas sandálias meladas de suor pendia de um dedão do pé descalço que ela mantinha parcialmente erguido, balançando o calçado, batendo-o suavemente contra o calcanhar, empurrando a parte da frente com o dedão. As unhas dos pés estavam pintadas de vermelho. Aquele leve odor, aquele estranho cheiro salgado e oleoso de cobre — esse cheiro, eu acreditava, se originava *dela*.

Larguei o graveto ou a pedra ou o animal de pelúcia ou o que fosse que Lydia havia acabado de enfiar em minhas mãos e suplicava para que eu o classificasse e me aproximei daquela mulher, daquelas pernas, daqueles pés manchados de verde e amarelo, daquelas unhas encarnadas, daquelas sandálias laranja meladas de suor — daquele cheiro — e rastejei pela sala até ela. Minha correia frouxa seguiu arrastando-se tilintante pelo chão atrás de mim. A tal garota roía a ponta da caneta e batia a sandália

contra o calcanhar. Ela percebeu que eu ia em sua direção. Largou a caneta, permitiu que a perna em questão descesse e se cruzasse com a outra e, ao fazer isso, aquele curioso odor penetrante brevemente perfurou o ar com pungência, e, então, não tive qualquer dúvida de que era ela quem eu buscava. Eu ficava cada vez mais curioso. Aproximei-me e, a princípio, a garota me estendeu suas belas mãos delgadas — a unha de cada um dos dedos igualmente pintada de vermelho para combinar com os dedos dos pés — e farejei seus dedos e concluí que não era atrás deles que eu estava. Minha cabeça mergulhou para suas pernas. Farejei seus pés manchados de grama, suas sandálias laranja meladas de suor... Chegando cada vez mais e mais perto...

A garota deu um gritinho involuntário de choque. Afastou-se de mim, aterrorizada. Enfiou as mãos bem fundo entre as pernas e esticou o material da saia laranja. Eu estava tentando enfiar minha cabeça embaixo de sua saia.

Era isso que eu estava fazendo quando Lydia, furiosa, agarrou minha correia e deu-me um tranco de volta, sufocando-me. Arrancou-me para longe dela.

Notei, então, que todos os outros alunos davam gargalhadas. Estrondosas, ensurdecedoras gargalhadas zombeteiras. Todos, exceto a própria garota — minha odorífica garota de cabeleira assanhada, unhas vermelhas e melada de suor grudento —, não, ela não ria. Queimava. Seu rosto estava manchado por um tom tão brutal de encarnado que ela parecia estar amarrada numa estaca e queimando, queimando até a morte por cometer passivamente blasfêmias de imaginação medieval, queimando a fim de ser purificada de algum miasma sobrenatural expurgado apenas por veementes lambidas de fogo, queimando por feitiçaria, queimando, talvez, por ter sido visitada por um íncubo...

O rosto de Lydia possuía o mesmo tom de vermelho. Ela dispensou a turma. Fui severamente repreendido. Fiquei

envergonhado. Demoraria muito tempo até que ela me levasse a outra de suas aulas. Logo em seguida, após eu ter humilhado e constrangido Lydia pela minha inabilidade de me exhibir diante de seus alunos — bem, não foi muito tempo depois —, aliás, não faço ideia de quanto tempo foi, mas certamente foi depois e não antes, disso eu tenho certeza —, falei com Lydia pela primeira vez.

Talvez fosse outubro ou quase outubro, ou ainda início de novembro — decerto eu não tinha ciência da mudança de um mês para o outro no calendário, mas me lembro que o tempo tinha definitivamente guinado para o hibernal: o céu estava mais cinzento, os dias mais curtos e mais escuros, e cachecóis, jaquetas, calças jeans e sapatos fechados haviam miseravelmente afugentado tops, shorts, saias e sandálias, pecados que aqueles artigos cometiam anualmente em Chicago e pelos quais nunca os perdoei.

Estava sentado com Lydia na minha esteira azul esponjosa no laboratório. Não me lembro do que os outros cientistas faziam: provavelmente, estavam ocupados cuidando de várias tarefas científicas pela sala. Lydia e eu nos revezávamos em socar as toupeiras do meu *Acerte a Toupeira*. Em geral, eu gostava de socar as toupeiras com o martelo de plástico marrom, mas, naquele momento, em particular, meu coração não estava naquilo. Não estava me divertindo em socar as toupeiras. As pequenas desgraçadas sempre emergiam de novo e de novo e nunca ficavam embaixo — nunca havia qualquer percepção de triunfo sobre elas; as toupeiras recalcitrantes não permitiam qualquer sensação de realização, apenas uma frustração tipo Sísifo, de interminável labuta infrutífera. Portanto, soquei a última toupeira que era para socar e, sem interesse, joguei o martelo de lado. Lydia ergueu o olhar para mim. Talvez ela tivesse ficado um pouco magoada com o meu desinteresse pelo brinquedo. Ultimamente, eu andava com um

comportamento difícil. Ela apanhou o brinquedo e o desligou. Tomei uma decisão.

Olhei para Lydia, aponte para mim mesmo e disse-lhe:

— Bruno.

Ela me respondeu com esta expressão no rosto: olhos arregalados, lábio inferior pendendo e tremendo violentamente.

Aquele, de longe, não foi o meu momento miraculoso. Havia meses que eu andava pronunciando o meu nome para Haywood. Apenas aconteceu de ser o momento em que decidi — em parte por vergonha de ter constrangido e decepcionado Lydia — falar com ela, deixar que ela entrasse no meu mundo secreto.

— Bruno... — falou ela, esticando o pescoço para a frente. Tirou os óculos e deixou que ficassem balançando sobre o peito. — O que foi que você disse?

Olhei-a inexpressivo.

— *Ei...* — Ela se levantou e gritou para os outros cientistas que estavam no laboratório. — EI!

Tal como minhas toupeiras surgindo dos buracos do meu Acerte a Toupeira, por todo o laboratório, as cabeças dos outros cientistas se ergueram e se voltaram na direção de Lydia.

— O que foi? — disseram em uníssono. Lydia ficou parada.

— Bruno acabou de... hum. Ele acabou de *falar*. Ele disse o próprio nome.

Os olhos de Lydia estavam enormes, por causa do choque e da alegria. Ela riu: seu corpo espontaneamente convulsionou com o palpitar resfolegante de uma risada descrente, e Lydia pôs a mão na boca. Balançou a cabeça e piscou os olhos. Com as mãos, deslizou o cabelo para trás das orelhas; depois, jogou as mãos para o alto, bateu-as na parte de cima das coxas e fez uma série de outros gestos. Norm Plumlee olhou-a de um modo confuso, arqueou uma sobrancelha incrédula e sua testa enrugou por completo.

— *O quê?* — perguntou ele. Era quase possível ver uma tempestade de pontos de interrogação brotando no espaço acima de sua cabeça.

— Bruno simplesmente apontou para si mesmo e *disse o nome dele*.

Os outros cientistas no laboratório pararam o que estavam fazendo e, imediatamente, se acotovelaram ao redor da minha esteira azul esponjosa. Lydia ajoelhou-se no chão diante de mim e olhou profunda e apaixonadamente dentro dos meus olhos de chimpanzé. Colocou os óculos, e os tirou na mesma hora. Então, com as mãos, colocou duas mechas de cabelo atrás das orelhas, e usou essas mesmas mãos para bater palmas três vezes seguidas.

— Vamos lá, Bruno. O que foi que você disse?

Abri a boca. Mas o oxigênio tinha sido roubado dos meus pulmões. Não sei o que aconteceu. Eu acabara de falar — não foi um acidente, eu sabia que, consciente e deliberadamente, havia falado meu nome para Lydia um momento antes. Mas, naquele instante, fiquei sem fala. Meu diafragma não queria cooperar, recusava-se a fornecer o impulso de ar para a garganta, necessário para a formação de uma palavra. Um demônio de silêncio havia entrado em mim.

Olhei de um rosto para o outro, para os rostos de todos aqueles cientistas de pé atrás de Lydia me observando. Lydia rapidamente balançou a cabeça para lançar um olhar por trás do ombro e ordenou:

— Alguém apanhe um gravador!

Andrea saiu apressada para apanhar o gravador.

— Onde está?

— Não sei.

— Vamos lá, Bruno. Diga outra vez. Eu sou Lydia. Quem é você? Qual é seu nome?

— Não consigo encontrar!

— Fale de novo. Fale de novo. Por favor, por mim. Diga “Bruno”.

— Você quer uma guloseima? — perguntou Norm, ou coisa parecida. — Fale novamente e ganhará uma guloseima.

— Achei!

Então, Andrea, a dos cabelos flamejantes, ajoelhou-se ao lado de Lydia, apontando uma pequena caixa cinzenta e ruidosa para mim. Norm estava de pé ao lado delas, batendo com o dedo numa guloseima, como se dissesse “aposto como você quer isto, não é mesmo?”. Prasad, cético, observava de braços cruzados. Todos os olhos estavam focados em mim, todos os ouvidos virados precisamente em minha direção. Eu permanecia sentado, as pernas cruzadas e em silêncio, bem ali, no mesmo lugar em que estivera com Lydia quando realizei minha expressão vocal experimental. Agarrei meu pé com a mão e desviei o olhar. Eu me sentia profundamente constrangido. Queria me esconder. O Acerte a Toupeira desligado e os dois martelos de plástico marrom continuavam desamparados diante de mim sobre a esteira.

Eu queria falar para eles, queria mesmo. Mas, com todos aqueles rostos, todos aqueles rostos ansiosos me olhando, interrogadores e impacientes, percebi que simplesmente não conseguiria me exhibir. Tentei. Deus sabe que tentei. Continuei apontando para mim mesmo e tentando pronunciar meu nome, mas sem conseguir nada além de deploráveis ruídos de arrote e ronco. Eles devem ter me observado tentar dizer meu nome por pelo menos uma hora — mas tudo em vão. Por fim, todos se retiraram, se afastaram e voltaram a fazer o que cada um estava fazendo antes de eu ter me expressado vocalmente; em retrospecto, dou-me conta de que aquilo provavelmente foi um ardil, que eles pensaram que o fato de eu saber que estava sob observação me deixava constrangido e impedia minha fala, e que eu só conseguiria falar quando ninguém estivesse esperando que eu fizesse aquilo. E talvez estivessem certos. Lydia, porém, permaneceu vigilante a meu lado durante

horas depois disso, ainda suplicando aos sussurros e tentando me convencer a falar. Eu não conseguia fazer isso. Simplesmente não conseguia, por mais que quisesse. Estava envergonhado e constrangido. Vivenciava o equivalente verbal da impotência. Não sei por que, mas não conseguia falar.

Mas sei que, naquela noite, de minha posição vantajosa dentro da jaula, presenciei — mas não ouvi em todos os detalhes — uma demorada e intensa discussão, conduzida por dois participantes em um cochicho sibilante e furtivo, como o de crianças conversando na cama após as luzes terem sido apagadas, entre a Dra. Lydia Littlemore e o Dr. Norman Plumlee, que estavam sentados um de frente para o outro, na semiescuridão do laboratório, tarde da noite, curvados sobre uma das mesas, apoiados em seus cotovelos. E sei que pude perceber um olhar suplicante no rosto de Lydia, e uma expressão de proibição e aversão no de Norm. E sei que Lydia disse algo que fez o rosto dele sorrir levemente e amolecer. E sei que, pouco depois daquele momento, a conversa foi dada como encerrada, eles haviam chegado a uma espécie de conclusão — muito provavelmente porque Norm havia decidido concordar com uma proposta de Lydia que ele, inicialmente, julgara com desprazer. E sei que Lydia e Norm, então, juntaram suas coisas, as colocaram em mochilas, pelejaram para vestir os casacos, enroscaram os cachecóis no pescoço e fizeram todas as coisas envolvendo zíperes e botões, pré-requisitos para se aventurar lá fora, pois agora tinha ficado muito frio. E sei que me deram adeus, apagaram as lâmpadas fluorescentes e deixaram a porta bater suavemente e a trancaram. Também sei que os dois ficaram conversando por tanto tempo, após o fim do expediente normal, que vararam o turno da noite de Haywood, pois ele entrou na sala logo após a saída dos dois. É por isso que também sei que, com certeza, devem ter passado por ele no corredor, a caminho do elevador, os dois com seus casacos, cachecóis e suas gordas



# Parte Dois

Que ouço! Do homem a fala exprimem brutos?  
Na voz de brutos a razão humana?

Eva, para Satã, em *Paraíso perdido*.

# X

**G**wen: me ajude. Sim, me ajude. Você já atuou? Alguma vez pensou em atuar?

Há uma fala crucial na terceira cena de *Woyzeck* que não posso de maneira nenhuma eliminar da peça, o que eu teria de fazer se o papel só pudesse ser interpretado por um chimpanzé. Para o papel em questão, eu tinha escalado previamente um jovem chimpanzé relativamente brilhante, mas, é claro, incapaz de falar, chamado Markus, porém me dei conta, e não sem angústia, que ele é inadequado para o papel, que é pequeno, mas muito importante. Não posso cortar a fala, e não consigo imaginar qualquer meio plausível de conseguir um chimpanzé, um chimpanzé comum, para interpretá-lo. Não tenho escolha, a não ser escalar um humano. Trata-se do papel do Animador — um charlatão, um vendedor de drogas milagrosas — que reúne uma multidão no festival que inclui *Woyzeck* e Marie. Ele tem um cavalo que alega saber as horas e as comunica batendo os cascos no chão. De qualquer modo, sua fala é muito importante tematicamente para colocá-la na boca ou nas mãos de um animal não linguístico. Preciso de um ator humano. Você não terá muitas falas, prometo. Bem, uma grande fala e outras bem pequenas. Venha ao nosso ensaio esta tarde para ver o que acha. Não posso escalar Leon para dois papéis. Ficaria confuso. Já o escalei para o papel do Médico. Leon tem uma forte presença de palco, e é por isso que quero que ele interprete apenas um papel. Evidentemente, não me importo em escalar atores com o sexo diferente do papel. Já escalei sendo de espécie diferente. Por

favor. Ótimo. Pense com calma. Mas pense seriamente. Tome, pegue isto. É uma cópia da peça. Recomendo com insistência que a leve em consideração de verdade. Você não é ruim para o palco, Gwen. Você tem uma aparência que chama atenção, tem uma voz clara, límpida, bonita. Não estou tentando bajular você. Pense nisso. É tudo o que lhe peço. Você seria ótima. Não estou maluco. Sério.

Acabo de perceber que já avancei bastante em minha narrativa sem ter tido a preocupação de me descrever. Isto é, fisicamente. O básico. Não vou querer que as pessoas me imaginem como um chimpanzé comum.

No dia 20 de agosto deste ano farei 25 anos. Anos de postura bipedal e de caminhada endireitaram minha espinha, esticaram minhas pernas, alongaram meu tronco, e fiquei ereto. Meço 1,15m, que é baixo para um ser humano, mas muito alto para um chimpanzé. Eu me arrumo meticulosamente; o cativo não me tornou relaxado ou descuidado com minha higiene. Escovo os dentes duas vezes por dia. Não tenho cabelo. Há uns dez anos, uma doença rara, mas benigna, chamada alopecia universal fez cair todo o meu cabelo. Não me importo com minha falta de cabelo. Aliás, até gosto. Adoro a sensação dos meus membros lisos e nus deslizando entre os lençóis recém-lavados de minha cama. Admito que, com 82 quilos, estou um tanto quanto acima do peso. Também admito a cirurgia. Evidentemente, não nasci com este nariz. Mais tarde lhe contarei sobre o cirurgião plástico que me fez esta rinoplastia para acabar com todas as rinoplastias: ele me deu um nariz humano. Creio que meu nariz humano combina lindamente com o entorno do meu rosto de chimpanzé. Se você olhar bem de perto, ainda conseguirá perceber o pálido perímetro de tecido de cicatriz em volta do meu nariz. Hoje em dia, eu apenas jogo no corpo este roupão de banho andrajoso e velho. No entanto, ainda no cativo, eu costumava ter muito orgulho de minha aparência

para me vestir muito desmazelado. Minhas roupas estão ficando finas e puídas nos cotovelos e nos joelhos, mas até um exame superficial de meu guarda-roupa revela meu bom gosto e meu senso de elegância. Vivo pedindo roupas novas, e o centro de pesquisas vive prometendo e depois esquecendo (ou ignorando) a promessa. Minhas roupas precisam ser feitas sob medida, pois meu corpo tem proporções irregulares. Meus braços, por exemplo, são mais compridos do que as pernas.

Você gostaria de um cálice de vinho, Gwen? Leon os convenceu a me deixarem tomar vinho, mas eles me proíbem bebidas mais fortes. Sei que ainda não é meio-dia, porém, em meu retiro forçado, há muito já não sinto a opressiva obrigação de permanecer sóbrio durante o dia. Por que me importar?

Tenho pelejado com os demônios na garrafa desde quando eles me seduziram pela primeira vez. Luto contra eles e, em geral, deixo-os vencer. E daí? Imagine isto: é como se houvesse um terrível barulho rugindo constantemente em sua cabeça, e o álcool o ameniza um pouco. Por que eu deveria me sentir constrangido ou culpado ou envergonhado quando me embebedo? O mundo tem seus próprios problemas. Quem é o mundo para julgar? Como a maioria dos bêbados, sinto-me mais vivo quando estou me matando. Você não me condenaria de maneira tão ignominiosa por eu sempre querer afogar meu cérebro no vinho se soubesse com que facilidade minha mente corre precipitadamente para locais perigosos sem ele, se pudesse sentir como minhas palmas porejam suor, como meu estômago se revira, como meu coração se agita no peito como um pássaro ferido quando não estou embriagado. Se algum dia você tiver filhos, diga-lhes que precisam estar sempre embriagados. Embriagados de amor, embriagados de poesia, embriagados de vinho, o que for. Este mundo é muito doloroso para você perder um segundo de sua existência sóbrio.

Em frente, então.

Certo dia (deve ter sido quando... em novembro?), certo dia no outono de um ano que deve ter sido por volta de 1989, no final do dia, Lydia me carregou do Laboratório de Biologia Comportamental, no terceiro andar do Centro de Biologia Erman, na direção nordeste do quadrilátero principal de prédios do *campus* da Universidade de Chicago, para longe de minha jaula e das noites de algazarra com Haywood, envolvido em meu felpudo cobertor azul, meus braços em volta do pescoço dela. Era novembro, com certeza era novembro, e lá fora já fazia um frio de matar. Lydia usava uma jaqueta preta de lã, uma touca de crochê e um cachecol de flanela verde enfiado no peito do casaco. A serpente do inverno havia mordido Chicago e mordido terrivelmente, injetando-lhe seu veneno gelado que assobiava e guinchava pelas veias e artérias da cidade. Era época de correntes de água escoarem de canos de esgoto e se solidificarem no meio do caminho, época de neve cheia de fuligem e calçadas enlameadas. Era época de cobertores espessos. Era época de chapéus e botas. Era época de canecas quentes, bebericar líquidos viscosos junto ao comovente crepitar de uma lareira, época de poltronas confortáveis e bons livros e fractais de gelo se formarem nas superfícies externas de vidraças embaçadas, época da soporífica calma interior de um inverno do Meio-Oeste.

Eu só estivera uma vez no carro de Lydia, quando ela me levara embora do zoológico, muitos meses antes (ou seriam anos?... Não tenho como calcular quanto tempo havia se passado.). Seu carro era algo agourento, quatro portas, baixo, desenho aerodinâmico, azul-escuro. Debaixo do cobertor, esfreguei meu rosto no material áspero do casaco de lã de Lydia e lambi um de seus duros botões de plástico. Senti seu peito se movendo por baixo dele, sugando e soltando a respiração. Meus pés descalços escorregaram para fora do cobertor e logo ficaram dormentes por causa do frio. Ela abriu a porta do passageiro, me colocou lá dentro e me embrulhou no cobertor no assento da frente. Puxou o cinto de segurança por cima

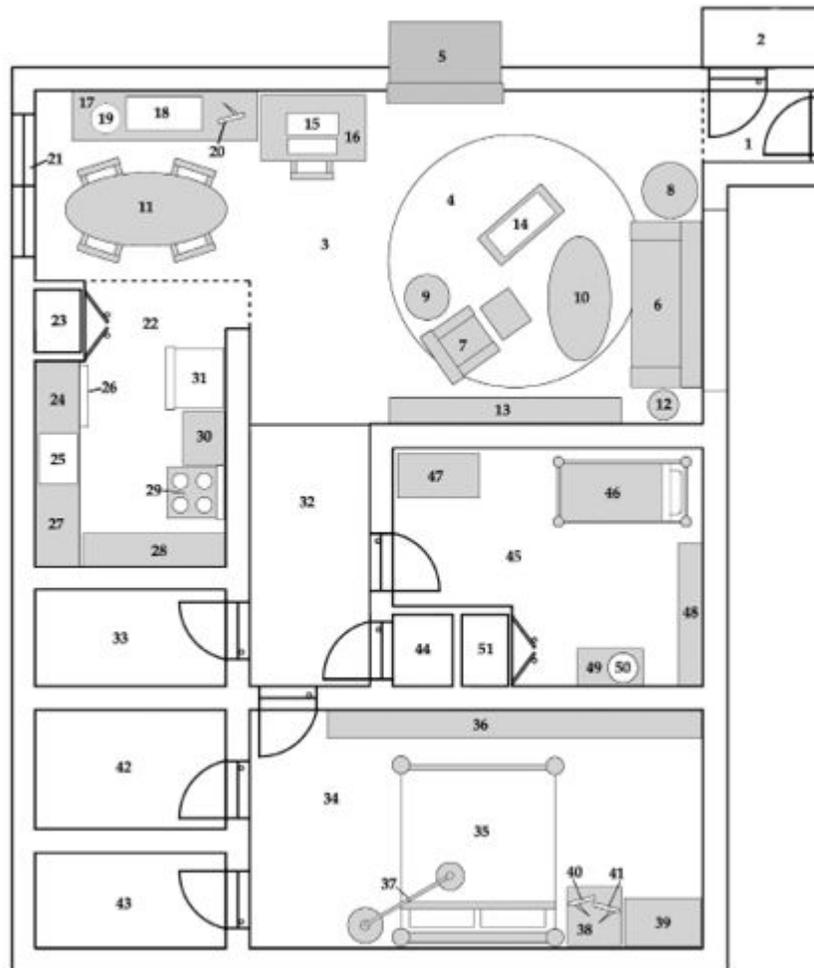
do meu corpo, o afivelou, passando a tira diagonal por baixo do meu queixo e a horizontal por cima dos joelhos, beijou o topo da minha cabeça e fechou a porta. Fazia um silêncio e um frio mortal dentro do carro. Espiando por cima do painel, observei-a caminhar para o lado do motorista, abrir a porta, entrar, fechar a porta, afivelar o cinto, enfiar a chave, *chupitachupita-VRUUM*, então ela nos levou indo e parando por estreitas ruas urbanas marrons. Passamos por constelações cintilantes de luzes multicoloridas e pedestres empacotados, acotovelados nas esquinas esperando o sinal fechar, passamos por vitrines reluzentes de lojas de roupas, suas mercadorias à vista, os inexpressivos rostos dos manequins elegantemente vestidos olhando com indiferença de seus mostruários. Algumas vitrines já haviam sido enfeitadas com os primeiros fios de luzes vermelhas e verdes que indicavam o iminente fim de ano. Tentei me levantar no banco do carro para colocar o rosto contra o vidro, mas Lydia me alcançou e delicadamente me empurrou de volta para o assento, mantendo-me em segurança.

Chegamos à casa de Lydia. Ela estacionou em frente a seu prédio, do outro lado da rua, desafivelou meu cinto e me ajudou a sair. A rua era enfileirada por árvores cujas garras nuas por causa do inverno arranhavam o céu cinzento. As árvores tinham sido plantadas sobre montes de matéria vegetal e envolvidas por pequenas cercas brancas, cada qual no meio de um retângulo de grama morta limitada por passagens pavimentadas. E cada passagem levava a um portão de ferro e, quatro degraus acima, a uma porta em uma longa fila contígua de prédios de tijolos de quatro andares. Lydia levou-me pela calçada, passou pelo portão, subiu os degraus para a porta de seu prédio, entrou e seguiu por um corredor. Seu apartamento era o 1A: andar térreo, o primeiro à esquerda. Sustentando meu peso em um dos braços, ela usou a

outra mão para girar a chave na fechadura e empurrar a porta com o mesmo movimento, então disse:

— Lar, doce lar, Bruno. — E, como numa surreal subversão de um casal recém-casado, a mulher carregou o macaco pela soleira da porta do apartamento 1A da Avenida South Ellis, 5120.

Quero descrever esse espaço com máxima e pura exatidão. Portanto, agora eu lhe apresento a planta do nosso apartamento, para a qual gastei toda a noite de ontem, desenhando-a meticulosamente de memória. Você poderá achá-la útil para consulta enquanto eu o levo pelo grande *tour*.



Lydia vivia num pequeno, porém confortável, apartamento térreo de dois quartos na parte superior do Hyde Park, na Avenida South Ellis, entre as ruas Cinquenta e Um e Cinquenta e Dois.

Ela me largou no chão ladrilhado do vestíbulo (1), um pequeno recinto pouco iluminado que oferecia um espaço limiar para a transição psicológica entre a porta da frente e o restante do apartamento. Ajoelhou-se, tirou os pés das enlameadas botas de inverno e deixou-as secando sobre um capacho perto da porta da frente, juntando-as a vários outros pares de calçados que se alinhavam à parede. Pelejou para tirar o casaco de lã preta e o pendurou, com o cachecol e a touca, em pinos na parte de trás da porta aberta da entrada para o closet (2). Ela agora calçava grossas meias felpudas vermelhas — alguma vez eu já tinha visto Lydia descalça? Alguma vez eu já tinha visto Lydia de meias? —, ela pegou-me pela mão e me conduziu à área que era ao mesmo tempo sala de estar/sala de jantar (3), o maior espaço do apartamento. Acendeu a luz, e um globo de papel membranoso corrugado que pendia do meio do teto iluminou-se por dentro, cobrindo o recinto com uma luz suave e diáfana. O assoalho era de madeira dura polida, parcialmente coberto por um grande tapete redondo (4) que ficava no meio do aposento bem embaixo do globo de luz de papel; o tapete, esfiapado e gasto nas partes mais usadas, era predominantemente vinho e destacava um intrincado padrão de cipós e flores caleidoscópicas; sua circunferência era orlada com borlas de cordões ligados por nós. A parede norte, a mais comprida do aposento, é de tijolo aparente, com uma lareira (5) embutida no meio; o chão que cerca a lareira é de ladrilho cinza-verde não inflamável e protegida por uma grade de vidro e metal. As outras paredes são de rocha pura, texturizadas e pintadas, como de praxe, de branco-ovo, e há duas janelas verticais panorâmicas na parede leste, que dão para a Avenida South Ellis, as quais, caso se queira privacidade, podem ser cobertas por

cortinas vermelhas que combinam mais ou menos com o tapete. A mobília é acolhedora, um tanto misturada e descombinada. O pequeno apartamento levou Lydia a abarrotar a maior parte de sua mobília nessa sala de estar principal, resultando em tendências um tanto enervantes e em conflito de fluxo espacial. O sofá de couro marrom-claro colocado na parede leste, debaixo das janelas que dão para a rua (6), combina com a poltrona e o pufe otomano ali perto (7), as duas mesas laterais redondas perto do sofá e da poltrona (8, 9) são de pinho, e a mesinha de centro oval de cerejeira (10) combina com a mesa de jantar oval e as cadeiras de cerejeira (11), no canto mais distante do aposento, mas o visual desses três conjuntos diferentes de mobília não é harmonioso entre si. Atrás do sofá, no canto sudeste da sala de estar, fica uma luminária de pé (12). Uma estante comprida e completamente lotada (13) recobre a parede sul. Sobre um pequeno console, uma TV (14) encontra-se empoleirada desajeitadamente no centro da sala, e um computador (15), com um abajur de mesa e uma mixórdia de papéis, lápis e canetas, repousa sobre uma mesa de arquiteto (16). Vários objetos de arte personalizam a sala: um quadro emoldurado de *Eu e a aldeia*, de Marc Chagall, enfeitada a parede perto da mesa de jantar; um nu de Edward Weston sombrio e atmosférico fica em cima da mesa de trabalho, e, na parede, acima da estante, há uma grande pintura retangular mostrando o que parece ser um ninho de enguias contorcidas serpeando para fora da metade verde do quadro e penetrando no amarelo; velas e efígies primitivas de madeira marcham na superfície da estante e pela cornija da lareira. Indo para o fundo da sala, observamos mais de perto a mesa de jantar oval de cerejeira e suas quatro cadeiras. Junto à mesa, há um bloco retangular de madeira (17) na altura da cintura com três prateleiras fundas trancadas com portas de vidro; as duas prateleiras de baixo contêm uma miscelânea de várias bugigangas e livros enormes, e a prateleira de cima guarda a

coleção de fitas e CDs de Lydia, suas escolhas refletindo seu eclético e geralmente excelente gosto musical, combinando elementos de alta cultura (*Concerto para violoncelo em si*, de Dvorák), com o barato *cool* (*A Love Supreme*, de John Coltrane) e uma garotada americana que desabrochou nos anos 1980 (Elvis Costello, Blondie, Prince, Talking Heads). Em cima do móvel, um aparelho de som (18), com um visor LCD com números digitais, pisca, num verde brilhante submarino, uma hora impossivelmente incorreta. À esquerda do som, repousa um prato raso de madrepérola polido (19), no qual Lydia, ao voltar do trabalho para casa, esvazia o conteúdo de sua bolsa e dos bolsos do casaco: chaves, trocados acumulados de pequenas transações financeiras feitas durante o dia etc., juntando-se a canetas, cliques de papel e outras moedas que já estão no prato.

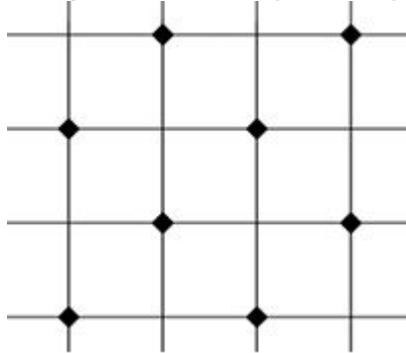
À direita do som, num ângulo que permite uma ótima visão da posição de quem estiver sentado à mesa de trabalho junto a ele, existe uma fotografia de 25x20 cm (20) numa moldura preta de madeira sem adornos pré-fabricada, encontrada no comércio, com cliques de metal atrás e um apoio triangular que se desdobra para sustentar uma exibição num ângulo inclinado e levemente obtuso. Dentro da moldura, por trás do vidro, há um grupo de pessoas reunidas no que parece ser uma câmara a vácuo lacrada hermeticamente, todas olhando para a frente com sorrisos que pareciam manteiga espalhada no pão branco de seus rostos, os mais jovens e os mais velhos sentados à frente e os demais de pé atrás deles. No meio, na parte inferior, estão sentadas duas pessoas mais velhas: um homem com um sorriso arreganhado e estúpido e uma careca rosada na cabeça em cima de um pescoço fibroso que saltava do colarinho de seu terno de veludo cotelê, como um passarinho quebrando a casca de seu ovo. Seus dentes eram como as teclas brancas amareladas de um velho piano e os tristes olhos cinza-esverdeados flutuando como águas-vivas por trás dos vidros

de aquário grossos de seus óculos; o braço macilento está em volta da mulher sentada a seu lado. Ela veste um felpudo suéter branco com gola rulê e vestido vermelho, sua pele é cor de ferrugem com manchas senis e seu sorriso não revela os dentes. Tem um penteado bufante igual a aço escovado, brincos de pérolas e colar combinando, e seus olhos são cor de fumaça e aureolados por causa da catarata. Claramente foi uma mulher bonita na juventude, e é quase possível sentir o perfume denso de rosas vindo da fotografia, como se, no dia em que esta foi tirada, o perfume fosse forte o bastante para ser captado pelas lentes da câmera, infiltrar-se no celuloide do filme e, posteriormente, transferir-se do negativo para a cópia colorida para, enfim, sublimar o vidro da moldura e chegar ao nariz do observador da fotografia. Rodeando os dois idosos no centro da imagem, estão seis adultos e cinco crianças, os adultos de pé, ao lado e atrás deles, e as crianças sentadas à frente, três meninas com vestidos azuis, os rostos com sorrisos genuínos, e dois meninos, com paletós azuis iguais, emburrados com seus sorrisos fingidos. Dos seis adultos, quatro são homens e duas são mulheres, e uma delas é Lydia, embora seu cabelo esteja diferente e ela pareça mais jovem. A maioria deles tem cabelos louros e dentes tortos. São os irmãos de Lydia, e ela é a mais nova. Aquela é a sua família. Estão todos vestidos com uma roupa formal barata. Ao fundo, o logotipo dourado do Wal-Mart espreita por trás da moldura no canto inferior esquerdo da fotografia.

Atrás da mesa de jantar oval de cerejeira, do lado oposto à entrada, uma porta de correr de vidro (21) se abre para um pequeno pedaço de quintal, com destaque para um pátio de tijolos vermelhos e um gramado com cercas vivas cortadas bem rente, nas quais crescem tulipas na primavera.

Nesse ponto, a sala de estar/sala de jantar se estende para uma apertada e estreita, mas útil, cozinha (22), seu perímetro definido pela linha em que o chão de madeira se torna ladrilhado. (O padrão

do piso da cozinha é formado por grandes azulejos beges e outros menores azul-lazulita em forma de losango colocados em cada canto de um conjunto de quatro azulejos beges. Assim:



.) A cozinha apresenta as seguintes facilidades, apresentadas no sentido anti-horário, a partir do canto noroeste do recinto: despensa (23), balcão (24), pia (25), lava-louças (26), balcão (27), armários (28), forno/fogão (29), balcão (30), geladeira (31). O fogão é a gás; os tampos dos balcões são de fórmica rosa manchada; há uma cafeteira, uma torradeira e um micro-ondas do lado esquerdo da pia; os armários de madeira são embutidos na parede; uma janela acima da pia da cozinha dá vista para o pátio dos fundos e o beco mais adiante dele; três vasos com filodendros estão enfileirados no peitoril da janela; as paredes da cozinha são pintadas de amarelo-claro. A geladeira é branca, e há vários ímãs grudados na porta, fixando no lugar alguns instantâneos ligeiramente desfocados de Lydia sorrindo para câmera, com vários amigos, parentes ou pessoas queridas não identificados.

Em uma das fotos, Lydia está sentada na companhia de três mulheres, todas parecendo ter mais ou menos sua idade. Estão todas sorrindo. Usam roupas de banho coloridas: aliás, parecem usar pouca roupa, o suficiente para cobrir os seios e a genitália; seus sorrisos são largos e aparentemente verdadeiros; os olhos estão protegidos por óculos escuros. Lydia usa uma roupa de banho amarelo-canário. As mulheres estão sentadas a uma mesa debaixo de um guarda-sol cor-de-rosa, no que parece ser o pátio externo de

um restaurante, num lugar agradável, ensolarado, muito distante daqui, tanto geográfica quanto psicologicamente. As outras três mulheres seguram drinques cujos copos têm hastes curvas que culminam em formas esmeradas, contendo líquidos desconhecidos, decorados com pequenos guarda-sóis e canudos coloridos retorcidos projetando-se dos copos. Lydia, situada na extrema esquerda da foto, é visivelmente a única pessoa que não segura um desses drinques coloridos; em sua mão parece haver apenas um copo normal de suco de laranja. Lydia também parece estranhamente inchada na foto, com uma barriga considerável, desproporcional ao resto do corpo.

Virando o canto da meia parede que ajuda a definir os limites da cozinha, voltamos pela área de estar central, que desemboca na escura passagem de um corredor (32). Em sua entrada, termina o chão maciço de madeira e começa o carpete pardo; este curto corredor tem quatro portas: duas à esquerda, uma à direita e outra no final. A porta à direita leva a um pequeno cômodo que um corretor de imóveis chamaria de lavabo (33): espelho, pia, vaso, chuveiro e o piso ladrilhado com o mesmo padrão do chão da cozinha. (Peço desculpas por não ter me preocupado em apresentar essas coisas em detalhe.) A porta ao final do corredor leva ao quarto principal (34), e presumo que seja o quarto de Lydia. Uma cama de madeira queen size com quatro colunas (35) domina o aposento: a cabeceira está rente à parede sul; a cama deve ser feita e recoberta com um acolchoado de alfazema. Oposta à cama, uma estante (36), repleta de livros densos e difíceis sobre temas acadêmicos, reveste a parede norte. A cama é ladeada à direita por uma reluzente luminária de design arquitetônico que gira sobre uma comprida haste (37) e, à esquerda, por uma mesinha de cabeceira simples de madeira (38); à esquerda desta, no canto do quarto, encontra-se um espaçoso gaveteiro (39). Duas janelas na parede leste dão para a rua e possuem cortinas vermelho-escuras

idênticas às da sala de estar. Na parede sul do quarto, há uma reprodução de *I Saw the Figure 5 in Gold*, de Charles Demuth. Ao lado da cama, na mesa de cabeceira, há um despertador (não representado na imagem) e mais duas fotografias emolduradas (40, 41).

A primeira foto, na posição vertical, mostra Lydia de pé num local desconhecido e, ao lado dela, um homem, ambos descalços, seus dedos dos pés parcialmente enterrados na areia molhada do que parece ser uma praia. A areia molhada é uma confusão de pegadas. Essa foto também é sinestésica; a imagem facilmente sugere sons e cheiros, o *skwiii-skwiii* de gaivotas quase audível, a maresia quase odorífica. Numa montanha rochosa, ao fundo, atrás deles, encontram-se três moinhos de vento de pedra caiados, cada um sucessivamente menor do que o outro, enquanto o cume em que foram construídos ondula a distância, cada moinho com um telhado cônico de palha e as pás feitas de frágeis raios de madeira. O céu é azul, esmorecendo na direção do horizonte, tornando-se laranja-escuro e depois roxo, e a luz no chão, sobre as duas pessoas e os três moinhos brancos é forte e dourada, e as sombras são compridas. A sombra do fotógrafo anônimo estende-se moldura adentro pela areia dourada. Lydia veste uma blusa branca jovial e calça branca amarrada na cintura com um cordão, a bainha arregaçada até os joelhos, e os pés e tornozelos cobertos de areia; o homem também veste calça branca de bainha arregaçada. Em seu caso, não até os joelhos, mas até o meio da canela; todo o pelo de sua perna está molhado e achatado contra a pele e salpicado de grãos de areia. O cabelo louro de Lydia agita-se ao vento, embora uma de suas mãos tenha sido apanhada no ato de tentar colocar parte dele atrás da orelha. Mas e a outra mão? A outra está em volta da cintura do homem a seu lado. E o homem a seu lado? Admito que é provavelmente bonito. Admito que seu físico é meio Adônis, que ele poderia ser considerado alto e possuidor de

discutíveis feições bem delineadas, que sua pele poderia ser concebida como bronzeada e sadia. Também estou disposto a reconhecer que um dos seus braços esbeltos e musculosos é mostrado no ato de, insidiosamente, envolver o tronco de Lydia. E que, se observados de perto, as pontas de seus dedos podem estar de fato, como é evidentemente dedutível diante da imagem, mergulhando com leveza abaixo da cintura da calça de Lydia, em que podem estar no processo hábil de alisar a saliência do osso de seu quadril. Também estou perfeitamente disposto a admitir que essas duas pessoas estão sorrindo de um jeito que parece verdadeiro, enquanto mantêm os olhos meio fechados diante do sol que se põe; e admito que essas duas pessoas estão, talvez, pelo menos ostensivamente, não impossivelmente, supostamente, aparentemente, claramente, dolorosamente, obviamente, profundamente apaixonadas. Mas não admitirei que essa fotografia alguma vez me deixou enciumado.

Na outra foto, essas duas pessoas, Lydia e o homem misterioso, estão parados em algum local fechado; diferentemente da outra, essa fotografia não é um instantâneo, mas posaram para ela deliberada e profissionalmente. Lydia, mal reconhecível na foto, usa um longo vestido branco, branco ofuscante, que transborda de seus lindos ombros nus como uma cachoeira espumante, e sua roupa é acompanhada por uma faixa de cabeça branca da qual brota uma longa tira de tecido diáfano que arrasta-se atrás dela. O homem está de novo a seu lado, com um braço plantado no quadril do lado oposto de Lydia, vestido de preto. Agora sei o que essa fotografia indicava. Até então, eu não sabia.

Devo mencionar que, em determinado ponto durante o tempo em que morei com Lydia, essas duas fotografias sumiram.

Na parede oeste do quarto de dormir de Lydia, você verá duas portas; a da direita leva a um banheiro (42), maior e melhor suprido (banheira, chuveiro) do que o do corredor. A porta da

esquerda leva a um closet (43). (O closet de Lydia! Aquele tesouro particular de Vênus, aquele Forte Knox de puro ouro feminino, no qual me aprofundarei mais depois.) Deixemos o dormitório e voltemos ao corredor. Abra a porta à sua direita. É um pequeno armário de roupa de cama (44), de pouca importância. Agora, abra a segunda porta à direita, a última do apartamento a ser aberta.

A primeira vez que passei por essa porta foi naquele dia em que vim com Lydia do laboratório para casa. Estava agarrado a ela, amando, amado, amedrontado. Ela abriu a porta e entramos. Do outro lado da porta, estava o quarto de Bruno (45).

Meu quarto! Meu, meu, meu, *meu* quarto! Meu! Meu *pedaço*! Meu *espaço*! (Dá para imaginar que luxo divino é a primeira pessoa do pronome possessivo aplicada ao espaço físico?). Meu próprio quarto de dormir humano numa casa humana! Havia uma cama feita para mim, e as paredes eram revestidas com um papel azul-celeste com figuras de palhaços por todo ele, cada um segurando uma porção de balões brilhantes e usando-os para subir como Ícaro à estratosfera. Um móvel do sistema solar pendia de um fio acima da cama. Eu adorei. A cama (46) era uma daquelas feitas para crianças bem pequenas, com o colchão encaixado no fundo de uma jaula de madeira aberta para impedir que um bebê humano rolasse para fora. No canto do quarto, havia uma caixa de brinquedos (47) lotada com todos os tipos de coisas reluzentes para eu brincar — animais, jogos, quebra-cabeças e assim por diante. Havia uma estante baixa e estreita (48) contendo uma modesta biblioteca de álbuns ilustrados estimulantes, cada um deles, com o tempo, eu viria praticamente a conhecer de cor, (mas, de modo algum, limitado a eles) como *Boa noite, Lua*; *O coelhinho fujão*; *Mickey na cozinha noturna*; *Fábulas de Esopo*; e *Jardim de versos*. Havia uma pequena cômoda (49) encostada na parede sul, em cima da qual encontrava-se uma enorme gansa de plástico (50) com um fio elétrico saindo de trás dela até uma tomada na parede. A gansa era

um abajur. Eu amava essa gansa. Achava maravilhoso que um abajur pudesse ter a forma de uma gansa, que tal coisa até mesmo fosse possível. Você ligava o interruptor e ela se iluminava lentamente por dentro, a sombra do longo pescoço curvo e do bico projetando-se no teto com a luz do próprio corpo, expulsando do meu quarto, à noite, o terror das trevas.

O quarto era um espaço iluminado e feliz para um macaco jovem, justamente o ambiente certo de maravilhas extravagantes e infantis para ajudar o desenvolvimento inicial social e espiritual de alguém no limiar de seu ingresso na civilização humana. Havia muitas coisas interessantes para se olhar ali — as loucas fantasias de todos os palhaços que levitavam nas paredes, um retângulo de luz movimentando-se pela parede oposta à janela, a hipnotizante oscilação do ventilador do teto, os livros, os brinquedos, a gansa iluminada e, principalmente, o móbil do sistema solar que oscilava do teto acima da minha cama, o movimento de suas esferas celestes: no meio, o Sol, aquele brilhante monstro gasoso explodindo constantemente com a energia de 10 bilhões de bombas nucleares por segundo, aqui representado no ato de esguichar um aterrorizante arco de fogo. Em seguida, o quente e pequeno Mercúrio, um pouco perto demais para conforto do grande S; então, a sensual e luminosa Vênus recatadamente envolta em seu véu nupcial de nuvens tóxicas. Então, nossa bola azul esverdeada, fervilhante com todo o tipo de atividade, vegetal, animal e mineral; depois, o irado Marte vermelho, o planeta coral que, outrora, teria abrigado vida; logo depois, umas migalhas espanadas representando o cinturão de asteroides; depois, Júpiter, pesado, rodopiante com cruéis temporais, um grupo de luas girando vacilantes em volta dele como pássaros do deserto indignados; agora, Saturno com seu bambolê tornando-o o mais fascinante visualmente dos nove; então, Urano e Netuno, inamistosos gêmeos azuis e frios; e, enfim, o tampinha Plutão, tão pequenino que já foi

rebaixado a “planeta-anão” e descortosamente rebatizado de “134.340”, balançando-se ali nos frios cafundós do sistema. Todas essas estrelas errantes inclinavam-se como bêbados em órbitas excêntricas e elípticas, engrenagens no relógio celestial, todas elas orbitando acima da caminha de Bruno.

Além disso, esqueci-me de mencionar que havia também um armário (51) nesse quarto, contendo toda a espécie de adoráveis roupas de bebês — todas, claro, não usadas!

## XI

Lydia me levava de volta ao laboratório da Universidade de Chicago quase todos os dias, exceto nos fins de semana. O lar era o espaço doméstico, o domínio de Lydia, o domínio do conforto, do lazer, do prazer, do amor. O laboratório era o domínio de Norm: o domínio do homem, o domínio frio e árduo do trabalho. Mas passar os dias no laboratório era muito mais tolerável agora que, ao final deles, eu tinha um lar humano confortável para onde voltar com Lydia. Os testes prosseguiam. Todos os “treinos de linguagem” deles continuavam sem parar. Designar as coisas, as placas de plástico, os bichos de pelúcia e todo o resto. Eu executava as tarefas para eles na maioria das vezes num estado de tédio complacente. Executava as tarefas corretamente com mais frequência. Assim que realizava uma tarefa com perfeição, eles apresentavam outra. Eu optava por aprendê-las rapidamente, apenas para não ter de sofrer o tédio de repetir *ad nauseam* aqueles procedimentos chatos que embotavam o cérebro. Mas a maior parte do “trabalho” que eu realizava com Lydia não era algo estruturado; ocorria simplesmente no decurso da vida cotidiana normal, que, é claro, acontecia o tempo todo, sem ter de começar oficialmente quando entrássemos no laboratório e se encerrar quando o deixássemos.

A vida no lar era animada e doméstica. Todos os dias, após chegarmos do laboratório e nos fins de semana, ela passava horas falando comigo. Fazia experiência com vários estímulos — jogos, quebra-cabeças, bonecos, cartões com figuras ou texto, utilizando

em geral o método pedagógico de Montessori — sem pressa, estruturando com leveza, educando com compaixão. À noite, eu “ajudava” Lydia a cozinhar e comíamos juntos. Aprendi a comer sentado à mesa em cima de uma pilha de catálogos telefônicos colocados em uma cadeira, usando garfo e faca para sólidos e colher para líquidos, e, mais à noite, eu me enroscava em seu colo enquanto ela lia para mim um dos álbuns ilustrados, articulando com clareza as palavras à medida que acompanhava uma a uma com o dedo, e eu ouvia as palavras e as olhava, começando gradualmente a vincular o visual ao auditivo, significante a significado.

Quando tinha que sair de casa, ela me colocava em meu berço e amarrava uma cobertura de plástico por cima, para me manter longe de problemas até sua volta. Fora isso, porém, raramente ficávamos separados e quase nunca mais distante do que o alcance da voz. Pouco a pouco, à medida que eu me tornava mais civilizado, Lydia passou a confiar em mim o bastante para me deixar perambular sozinho pela casa enquanto ela estivesse fora, e, no tempo em que eu ficava sozinho, aproveitava para folhear meus álbuns ilustrados ou ver televisão, apesar de ela ter me falado para não fazer muito isso, pois poderia apodrecer meu cérebro.

A única coisinha subversiva que eu fazia quando ela saía — quando me sentava para ver TV sozinho — era abrir o controle remoto da TV e tirar a bateria de 9 volts, para encostá-la com cuidado na ponta da língua e sentir um leve, porém emocionante, pequeno choque elétrico arrepiante. Também adorava o gosto de cobre que isso deixava. Eu encostava várias vezes a bateria na língua.

Meu programa favorito era *Vila Sésamo*, com o qual Lydia concordava por ser disfarçadamente educativo. De fato, aprendi muitas coisas fundamentais com *Vila Sésamo*: contar até dez, as cores do alfabeto, por que não comer biscoitos na cama. Eu

adorava particularmente as partes com Beto e Ênio. Sempre torcia por Ênio, a personificação do id descomprometido, a quem Beto, seu severo superego, está sempre tentando reprimir com suas incômodas inibições. Ênio, muito ingênuo, baixinho e cor de laranja; e Beto, com sua cabeça amarela em forma de nabo e grossa monocelha eriçada que logo se torna um V quando ele fica zangado... Mas Beto também é esperto, a seu modo pessimista sentimental, e os dois, em geral, acabam aprendendo alguma coisa um com o outro. Cada episódio torna Ênio um pouco menos inocente e Beto um pouco mais, o que me leva a imaginar se algum dia suas personalidades poderão se encontrar no meio, quando ambos adquirirem um equilíbrio de sabedoria e alegria autorrelizado. Pelas repreensões de Beto, Ênio passa a entender algo importante, em geral relacionado à própria higiene ou segurança pessoal, e Ênio, às vezes, alarga um pouco a mente de Beto com seu vigoroso amor pela vida, como no episódio no qual eles vão pescar, e Ênio ensina a Beto seu feitiço de invocar os peixes saltarem da água para dentro da canoa apenas através de ordens orais, por meio da espantosa taumaturgia da simples linguagem.

Eu assistia a *Vila Sésamo* ritualisticamente todas as manhãs antes de Lydia me levar ao laboratório. Isso era o começo do meu dia, marcando a transição entre meu estado de devaneio e minha percepção alerta. Se eu levantasse antes de Lydia, ia primeiro à televisão, para conferir o universo de *Vila Sésamo* povoado pelos Muppets. Em *Vila Sésamo*, como em muitos programas infantis, vê-se como perfeitamente natural que seres humanos se comuniquem verbalmente sem problemas com criaturas não humanas.

Com frequência, se acordava cedo demais, eu assistia a um programa que, nos dias de semana, precedia *Vila Sésamo*, chamado *Francis, o Gnomo*. Era uma série de animação sobre um gnomo chamado Francis que vivia com sua corpulenta esposa gnomo num

lar rústico dentro de uma árvore no que parecia ser uma floresta temperada de pinheiros em algum lugar da América do Norte. Francis usava um gorro verde pontudo e uma longa barba branca com uma bifurcação tolstoiana. Francis trabalhava como médico dos animais da floresta. Praticava boas ações para os animais da mata que estivessem com problemas: soltava-os de armadilhas de caçadores e, quando adoeciam, cuidava da saúde deles. Francis estava à vontade com a natureza. Ele também conversava com os animais.

Eu assistia a desenhos animados na TV, de manhã cedo, antes de Lydia acordar, lambendo sem parar uma bateria de 9 volts.

Lydia também me dava uma porção de estojos plásticos fofos e coloridos contendo fitas de vídeo de filmes animados para eu assistir. Gostei de todos os filmes da Disney, como *A Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela*, *A espada era a lei* e *Robin Hood*, mas, obviamente, como tocava em certos pontos temáticos de minha vida, meu favorito, de longe, era *Pinóquio*. Os personagens literários com os quais eu mais fortemente me identificava eram Calibã, Woyzeck, o Satã de Milton e Pinóquio. Este último talvez seja o mais importante de todos. Mesmo na ocasião eu talvez tenha associado Lydia à linda fada azul que entra flutuando pela janela de Gepeto para conferir consciência ao boneco com um toque de sua varinha mágica.

---

Antes de eu avançar demais sobre mim, quero lhe contar uma história que começa com gritos estranhos que eu ouvia à noite em meus sonhos. Não me lembro quanto tempo após eu ter passado a morar com Lydia comecei a ter esses sonhos. Em geral, aconteciam logo antes de eu acordar pela manhã. Eu ficava deitado na cama, adormecido, sonhando com coisas agradáveis, quando, de repente, começava a ouvir gritos, e meus sonhos viravam pesadelos. Ouvia

esses ruídos semi-humanos irromper em berros agudos de gelar o sangue. Eu sonhava com uma prisão, um pátio de tortura, onde pessoas e animais perambulavam — ou se acotovelavam no chão ou estavam acorrentados nus a postes — enquanto guardas marchavam de um lado para o outro pelos corredores do castelo (às vezes, era um castelo), escolhendo as pessoas ou os animais para serem levados a algum lugar subterrâneo para torturas ou cruéis experiências científicas. Os guardas vestiam uniforme: alguns deles usavam engomadas fardas fascistas marrons com botões dourados, como a dos zeladores do zoológico, e outros tal como os dos cientistas, esvoaçantes jalecos brancos, e carregavam pranchetas. Um cientista apontava para uma das pessoas, e o zelador dava um puxão na corrente que a pessoa usava em volta do pescoço e, com um chicote, conduzia-a, de quatro, pela fria escada de pedra abaixo. Em pouco tempo, nós, na superfície, ouvíamos seus gritos subirem pelos respiradouros no chão. Os gritos ficavam cada vez mais altos, mais dolorosos e aterradores, até eu acordar pela manhã. Esse sonho se repetia com pequenas variações. O que havia de interessante nele era que talvez fosse o primeiro sonho em toda a minha vida do qual me lembrava por completo. Antes, num universo aléxico, todos os meus sonhos vazavam direto para fora da minha mente poucos segundos após eu acordar, mas, dessa vez, eu aprendera linguagem suficiente para começar a captar e guardar meus sonhos.

Descobri a fonte desses sonhos sombrios quando Lydia e eu conhecemos Griph Morgan. Não sei bem quanto tempo Lydia tinha morado no apartamento antes de minha chegada, mas, ao que parece, nunca havia se encontrado com Griph Morgan, seu recluso vizinho do andar de cima, até toparmos com ele, certa tarde, na entrada do prédio, quando calhou de chegarmos na mesma hora. Naquele dia, por algum motivo, Lydia e eu tínhamos voltado do laboratório para casa muitas horas antes do habitual, talvez por

isso ela nunca tivesse encontrado com ele antes; os horários de Griph e de Lydia nunca haviam coincidido. Ele pelejava com a chave da porta do prédio quando subimos a escada da entrada. Griph Morgan não era muito velho, mas andava mal de saúde. Não tinha uma das pernas (era veterano de guerra) e caminhava com uma bengala. Uma perna era normal (embora um pouco emaciada e flácida) e a outra era uma prótese metálica fina, que culminava perturbadoramente num pé falso calçado com um tênis. Mas o que tornava isso duplamente perturbador era que um dos muitos sinais de orgulho que o Sr. Morgan tinha de sua herança escocesa era o *kilt* de tecido xadrez que costumava usar, um saiote pregueado e axadrezado verde e vermelho, adornado com um largo cinturão preto e uma bolsa de pele de coelho. Além disso, o Sr. Morgan tocava gaita de foles, a qual, naquela tarde, ele trazia jogada sobre o ombro, pois voltava para casa após ter ensaiado no parque. Para mim, a gaita de foles do Sr. Morgan era mais uma criatura de outro planeta do que um instrumento musical: um lustroso odre de veludo preto à guisa de corpo de cujo topo emergia uma série de hastes segmentadas que pareciam órgãos sensoriais, e um longo tubo infundibuliforme que saía da parte frontal e que poderia ser uma espécie de nariz grotesco. Lydia nos apresentou, e ele, grosseiramente, disse seu nome. Ela começou a conversar no saguão do prédio, embora o Sr. Morgan já tivesse iniciado sua subida lenta e ruidosa da escada com três pernas. Primeiro, Lydia lhe fez uma pergunta relacionada à reciclagem. Aquilo pareceu ser um artifício para se manter uma conversa, pois a verdadeira curiosidade de Lydia tinha mais a ver com seu até então invisível vizinho caledônio do andar de cima do que exatamente com as normas do prédio para descarte de vidro e alumínio. O Sr. Morgan, que ostentava uma impressionante barba que ele chamava de Vandyke, com cavanhaque e bigode, era caracteristicamente lacônico.

— Eu não bebo mais — foi tudo o que ele disse.

— Mas e as latas...? — deve ter perguntado Lydia, provocando um bufar de rejeição por baixo do bigode do Sr. Morgan, antes de ele responder que comprava feijão em sacos, por atacado, e ele mesmo o cozinhava.

— Você não cozinha o seu feijão? — perguntou ele.

— Bem... — Lydia pareceu meio confusa com a indagação.

Como qualquer escocês, o Sr. Morgan sentia orgulho de seus expedientes e de sua frugalidade. Ele pareceu se interessar um pouco por mim, mas não ficou tão surpreso que sua vizinha do andar de baixo dividisse o apartamento com um chimpanzé e casualmente mencionou o fato de que ele mesmo morava de modo pacífico com dez papagaios.

— Eles falam? — quis saber Lydia, empolgada.

— *Claro* que falam — afirmou o Sr. Morgan, como se estivesse ofendido por ela até mesmo ter perguntado. Então, Lydia pediu para vê-los, e, em pouco tempo, estávamos todos no andar de cima, no apartamento do Sr. Griph Morgan, que era (um) menos da metade do tamanho do nosso, (dois) localizado bem acima do meu (de Bruno) quarto, (três) atulhado de jornais velhos até o teto (os quais o Sr. Morgan claramente não tinha a menor intenção de reciclar a curto prazo) e (quatro) ele tinha mesmo um bando de pássaros em casa, batendo as asas, grasnando e rastejando por todos os lados do cômodo. Havia uma enorme panela fervendo no fogão. Metade do espaço do chão da sala de estar era ocupada por uma enorme gaiola de arame, cuja porta estava aberta a fim de deixar a passagem livre para os dez pássaros. Havia uma minúscula TV velha com um cabide retorcido no lugar da antena, uma mesa de carteado dobrável, uma mesinha lateral e uma poltrona marrom velha e rota em frente à TV. A sala não tinha outros móveis. A poltrona havia sido usada tantas vezes e com tanta frequência que o Sr. Morgan deixou uma depressão no assento e o encosto tinha a

forma de seu corpo, de tal modo que o espaço criava a impressão espectral do Sr. Morgan sentado nela, mesmo que ele não estivesse ali. O Sr. Morgan encaixou sua forma na cratera com a forma do Sr. Morgan na poltrona, e Lydia e eu nos sentamos nas duas pilhas mais baixas de jornais. O local era tropicalmente úmido e fumacento, cheirando aos resultados combinados da panela fervente de feijão e dos pássaros. Depois, Lydia me confessaria que, na sua opinião, o apartamento do Sr. Morgan "fedia" e que ela ficou contente por, enfim, ter descoberto a fonte "daquele cheiro esquisito no prédio". Eu, contudo, até que gostei do cheiro. O apartamento do Sr. Morgan teve um efeito soporífico não desagradável em mim; achei sua pungência biótica estranhamente aconchegante. Em várias tentativas de conversa, Lydia conseguiu extrair do Sr. Morgan que os dois motivos pelo qual ele vivia eram seus pássaros e sua gaita de foles. Quanto a esta, ele era o principal músico da Banda de Tocadores de Gaita de Foles da Associação de Veteranos de Chicago & Estrada de Ferro North Western. Quando se apresentavam em desfiles, ele tocava sentado numa cadeira de rodas, que era empurrada à frente da formação por um voluntário vestido de saiote xadrez. Quanto aos papagaios de Giph Morgan, eles consistiam, na verdade, em três cinzentos africanos, duas araras, duas maitacas de bico vermelho, um cauda-de-raquete-filipino de cabeça azul, uma caturra e um papagaio do senegal. Todos os pássaros do Sr. Morgan desfrutavam de liberdade total em seu pequeno apartamento. Ele os considerava como amigos e companheiros de apartamento mais que animais de estimação.

Apenas alguns momentos naquele lugar me deram toda a epifania de que eu precisava para conhecer a fonte daqueles sonhos cheios de gritos que eu vinha tendo: os gritos sobre os quais meu cérebro adormecido tinha construído cenas sombrias em volta eram, evidentemente, o ruidoso grasnido pré-histórico dessas aves.

Os ruídos que faziam remetiam à época dos dinossauros; não era difícil imaginar que aqueles sons vinham da garganta de um pterodáctilo ou de uma arqueoptérix.

Todos conseguiam falar pelo menos um pouco. Conseguiam dizer algumas coisas de papagaio básicas, em inglês, como *alô* e *tchau* e *quer* quando queriam algum tipo de comida. Sabiam, por exemplo, dizer *quer biscoito* ou *quer maçã*. Alguns tinham aprendido imprecisões e usavam a palavra *porra* como reforço para qualquer coisa, tipo *quer maçã, porra*. Isso era o máximo que os papagaios conseguiam dizer em inglês. O Sr. Morgan afirmava que eles falavam muito mais em gaélico, a língua que preferiam, a qual ele passara longas e frutíferas horas ensinando-lhes. Com frequência, as aves faziam uma série de sons guturais de trinados, estalidos, pigarros e gritos que Lydia e eu deduzimos que eram apenas ruídos normais de papagaios, mas fomos informados pelo Sr. Morgan que a ave que produzia aqueles sons, na verdade, tinha recitado em gaélico uma parolha de versos da balada folclórica escocesa “A Phiùthrag’s a Phiuthar”, que significa “Irmã, pequena irmã”.

O Sr. Morgan também era um grande amante de jogos. Em particular, adorava xadrez e gamão. Preferia sempre jogar a conversar. Ele me ensinou a jogar xadrez e gamão. O xadrez era a esposa do Sr. Morgan e o gamão era a amante: ele amava as duas, porém era mais comprometido com uma do que outra. Eu me lembro de que certa vez Lydia lhe perguntou aonde ia todos os dias — ele não trabalhava e vivia frugalmente de sua pensão por invalidez —, e ele admitiu que passava a maior parte do dia jogando xadrez no parque, mesmo no pior dos climas. Agora o imagino desamparadamente empacotado num casaco e chapéu, numa temperatura abaixo de zero, no parque, tremendo diante do tabuleiro de xadrez de pedra, jogando contra si mesmo, enquanto esperava que algum oponente disposto passasse por ali. Ele costumava ter de dez a vinte jogos por correspondência ao mesmo

tempo. Ensinou-me a jogar xadrez, mas se decepcionou por eu nunca chegar a ser bom o bastante para ser um adversário que remotamente valesse a pena, e era por isso que, comigo, ele preferia jogar gamão, o jogo no qual eu apresentava mais habilidade. Eu adorava seu tabuleiro de gamão: vinha numa pasta preta de couro que parecia conter documentos jurídicos importantes, ou talvez maços de notas de 100 dólares estalando de novas num filme sobre assalto. Mas solte os fechos, abra-a e olhe! — dentro há um tabuleiro com bolsas nas laterais para os dados, os copos de couro para os dados e as peças pretas e brancas! O tabuleiro é dividido em dois pela dobradiça do estojo e coberto com um revestimento marrom-chocolate de feltro, com longos e estreitos triângulos isósceles alternando couro escuro e claro cerzido no feltro, apontando para o lado de cada quadrante do tabuleiro como dentes pontudos. Eu adorava o cheiro daquela coisa, de feltro, couro e cola, adorava o som dos dados chacoalhando nos copos de couro, o ruído quando caíam e rolavam pelo tabuleiro, e os primorosos estalidos das peças de plástico sendo alinhadas em cima dos triângulos. É ao Sr. Morgan que devo meu amor pelo gamão, nosso reservado vizinho do andar de cima, com seu saiote, seus feijões ferventes, sua gaita de foles e seus papagaios. No decorrer da minha vida eu jogaria muito gamão com meu amigo Leon, com quem morei em Nova York durante um ano quando fui um ator shakespeariano. Leon também é um ávido jogador. Ele gosta de gamão, mas não é tão bom quanto o Sr. Morgan (costumo vencer quando jogo com Leon). Sempre que me visita em meu confinamento, Leon traz seu jogo de gamão e, às vezes, se a equipe do meu centro de pesquisa consegue ser convencida a deixar, Leon e eu retomamos os velhos e mais felizes tempos e ficamos acordados a noite toda, conversando, bebendo vinho e jogando partida após partida de gamão, as peças fazendo barulho e os dados chocalhando nos copos quase sempre até o amanhecer.

Quanto mais tempo Lydia e eu ficamos sentados ali nas pilhas de jornais, menos coisa arrancamos dele. Griph Morgan era muito rude e taciturno, sua garganta tão reticente para falar que até mesmo os papagaios pareciam melhores de papo. O Sr. Morgan era claramente um homem que se sentia mais à vontade para conversar em casa na companhia de criaturas cujo vocabulário não excedia mais de dez ou vinte palavras ou que falavam uma língua não morta mas quase esquecida que quase ninguém mais usava. Enfim, voltamos pela escada, e Lydia, ao partir, fez um vago convite para que ele jantasse algum dia conosco, e o Sr. Morgan aceitou ainda mais vagamente. Mas, após essa visita, duas coisas mudaram. Uma: deixei de ter pesadelos causados pelos gritos e grasnidos dos papagaios, pois minha mente adormecida fazia associações mais agradáveis com eles agora que eu sabia que não berravam de dor, mas entoavam em gaélico canções folclóricas escocesas; agora, ao contrário, eu sonhava com garotas belas e encantadoras flanando pelas terras altas e coisas do tipo. Duas: agora, sempre que Lydia estava ocupada com alguma tarefa que não precisasse de mim, como preparar o jantar, e ouvíamos o triste e baixo som ululante da gaita de foles vindo do andar de cima (como não tínhamos notado isso antes?), ela permitia que eu subisse ruidosamente a escada para bater na porta do Sr. Morgan, que em geral (embora nem sempre) abria após silenciar a gaita e costumava (embora nem sempre) deixar que eu me sentasse numa pilha de jornais em seu apartamento e brincasse com seus papagaios enquanto eu o ouvia tocar a gaita ao mesmo tempo que o feijão fervia no fogão e as dez aves grasniam, trilavam, gritavam, silvavam e taramelavam algumas das palavras que sabiam, com o acompanhamento amargurado da gaita de foles. Ou, se o Sr. Morgan estivesse de bom humor, jogávamos gamão, e as peças tilintavam, os dados chacoalhavam e rolavam até Lydia subir a fim de me buscar para jantar, geralmente (embora nem sempre)

tentando entabular com o Sr. Morgan uma breve porém cordial conversa, seus esforços normalmente (embora nem sempre) fracassando e, às vezes (embora nem todas), ela convidava o Sr. Morgan para se juntar a nós no andar de baixo para jantar, um convite que o Sr. Morgan (sempre) recusava.

## XII

Às vezes, Lydia me levava para fazermos passeios divertidos e educativos. Pegávamos o trem para o subúrbio — lembro-me da alegria insana de ficar de pé no assento do trem, meu rosto imprensado contra a janela, deixando o vidro úmido e embaçado com minha respiração, para observar o desenrolar do intrincado panorama da loucura, do caos e da sujeira da cidade, toda a sua insondável atividade como um fractal expandido, a inatural estranheza de todo aquele aço e pedra e vidro quente, avivado pela atividade humana oscilando dentro dela — ou íamos ao cinema ou deitávamos sob o sol, à beira do lago, no verão, ou quando fomos uma vez ao Museu Field... Apenas uma vez, pois a visão de vários cadáveres empalhados de membros de minha própria espécie, montados, para fins de diversão, dentro de um ruidoso diorama falso, me horrorizou.

(Desde então, a propósito, Gwen, retornei ao Museu Field e revisei o tal diorama que tão profundamente inquietou o jovem Bruno e, ao vê-lo de novo, achei que era apenas algo bobo e esquisito, e foi quase engraçado lembrar o quanto aquilo havia me perturbado. Isso me fez refletir sobre o quão longe cheguei, a pessoa que me tornei. Não acho mais o diorama dos chimpanzés tão visceralmente perturbador, pois não mais me considero um deles).

Ou íamos ao planetário. Eu adorava o planetário. Provavelmente, Lydia me levava lá porque: (um) era divertido, (dois) era educativo e (três) podíamos permanecer imperceptíveis na escuridão. Associo

minhas lembranças desse lugar a um calafrio sinistro na espinha e uma cãibra no pescoço de uma tarde inteira passada olhando para cima, uma posição desconfortável para um humano, porém ainda mais para a espinha curva e o pescoço curto de um macaco. E às estrelas acima de nós naquela enorme cúpula escura! Muito mais estrelas do que jamais seriam visíveis nos céus urbanos aos quais estava acostumado. Fiquei realmente impressionado com a suposta vastidão incomensurável do universo. Sentar no planetário, fitar o teto alto em forma de cúpula e observar o espetáculo das estrelas era ao mesmo tempo divertido e aterrorizante. Eu gostava dos desenhos úteis com linhas reluzentes que projetavam sobre as constelações, mostrando-nos as formas dos animais, homens, deuses e monstros que os antigos haviam desvairadamente imaginado em função do que sugeriam esses pontos de luz dispersos na escuridão acima deles.

Então veio o lance de aprender a usar o toalete. Sim, eu também tive de aprender o curioso tabu humano em relação a urinar e defecar em público. No laboratório, meu peniquinho de treinamento tinha sido um processo de condicionamento rigorosamente imposto, com doces recompensas e castigos draconianos. Eu recebia uma recompensa generosa de regalos particularmente suntuosos se cuidasse de minhas excreções corporais de modo apropriado, mas, se eu urinasse ou defecasse no chão do laboratório, castigavam-me de maneira mais severa do que por qualquer outra transgressão. No laboratório, havia um pequeno penico de plástico vermelho com uma tampa de plástico amarelo e um buraco no centro, que era presa por uma válvula à borda do receptáculo: isso era chamado de meu "peniquinho". Não levei muito tempo para aprender a expelir todos os meus fluidos corporais no recesso daquela coisa, pois logo me dei conta de que a área em que eu vivia era um lugar muito mais agradável de se estar se o chão *não* estivesse, de fato, emporcalhado com meu mijo e minha merda. Após ter entendido a

finalidade do peniquinho, eu me contentava em ficar de cócoras complacentemente sobre a tampa e depositar o conteúdo dos meus intestinos em sua concavidade de plástico vermelho; em seguida, um dos assistentes do laboratório carregava meus dejetos embora e voltava logo com o penico esvaziado e recém-lavado. Isso estava a uma grande distância das repulsivas condições do zoológico, do revestimento de lascas de cedro encharcadas de mijó de nosso *habitat*, e aceitei-o com agrado. Mas, quando passei a morar com Lydia, fui apresentado ao banheiro.

Lydia mostrou-me que, dali em diante, enquanto estivesse morando em sua casa, eu deveria usar exclusivamente aquela cintilante máquina branca para dejetos corporais. Eu a examinei. Levantei a tampa, bisbilhotei lá dentro, baixei-a de novo. Olhei as águas translúcidas de seu interior, imaginando aonde levaria aquele buraco no fundo curvo. Ainda não tinha me dado conta de que o peniquinho vermelho que aprendera a usar no laboratório era de fato projetado para imitar aquele dispositivo. Agarrei as laterais do assento com minhas longas mãos borrachudas e encarei suas profundezas enquanto Lydia rasgava um quadrado de papel higiênico — algo também novo para mim —, jogava-o lá dentro e dava descarga. Observei, extasiado, enquanto o suga-ronca-gorgoreja da torrente de água jorrando de uma fonte desconhecida fazia o delicado quadrilátero de papel espiralar voltas e voltas no vaso até, enfim, ser sugado e sumir de vista pelo misterioso buraco no fundo. E maravilhei-me, quando o vaso, com um prolongado ruído sibilante vindo bem do fundo de dentro da máquina, encheu-se outra vez com água limpa e clara que escoou devagar, subiu até certo nível e, em seguida, como se Deus tivesse ordenado, simplesmente parou; então, fez-se silêncio.

Fiquei pasmo. Eu mesmo rasguei um punhado de papel higiênico, joguei no vaso, apertei a descarga e observei a máquina repetir todo o espetáculo de magia. Fiquei tão fascinado com aquilo que,

provavelmente, eu teria repetido o processo até que o último pedaço de papel higiênico do mundo tivesse sumido na garganta gorgolejante daquela besta de porcelana se Lydia não tivesse me detido para tentar me explicar que aquela máquina nova era apenas para descarte de urinas e fezes de alguém. Explicou-me que, da próxima vez que eu tivesse de fazer “pipi” ou “caca”, teria de utilizar aquilo. Perguntou-me se eu tinha entendido, e respondi, talvez um tanto apressadamente, que sim.

Na vez seguinte que senti minhas fezes percorrendo o túnel de minhas tripas em direção à luz do ânus, corri para o banheiro e não esperei a chegada dela para supervisionar, a fim de se certificar de que eu fazia aquilo de maneira adequada. Quando Lydia chegou à porta, a obra já estava feita. Seu rosto se contorceu numa expressão de desgosto. Claro que eu simplesmente tinha cagado no chão e começado avidamente a dar descarga em pedaços de papel higiênico jogados no vaso. Lydia me repreendeu, antes de formar um chumaço de papel higiênico, usá-lo para recolher o pequeno monte de cocô que eu havia feito, jogá-lo no vaso e dar descarga. Em seguida, lavou as mãos e mandou que eu fizesse o mesmo. Só então compreendi.

O banheiro é um lugar fascinante. Tornar-se humano é um processo tanto de esclarecimento quanto de gravar tabus no cérebro. Também passei a considerar os simples imperativos de mijar e cagar como os derradeiros atos vergonhosos — até mesmo mais vergonhosos do que o sexo, pois, enquanto os atos sexuais (exceto a mera masturbação) requerem necessariamente a participação e, portanto, a companhia de pelo menos um segundo participante, a expulsão de dejetos corporais é em geral encarada como algo a ser executado apenas em abjeta solidão e não mencionável em uma sociedade polida. Para mim, parece que há duas coisas que os humanos gostam de fingir que simplesmente não acontecem — duas coisas, dois inescapáveis atos da vida, um

dos quais é uma preocupação diária e o outro, pensando bem, também é uma preocupação diária, embora só aconteça uma vez: cagar e morrer. Não há nada mais além disso que tratemos com igual constrangimento, com tal discrição, nada mais sobre o que falemos através de eufemismos e tons cochichados. Enviamos nossos doentes e idosos para longe, para morrerem no ambiente impessoal e desinfetado de um hospital, fingindo que é apenas uma doença temporária ou um vírus contagioso que requer quarentena, confinamento, desligamento da esfera de ação da vida diária, e, então, quando acontece, dizemos que fulano “partiu” ou “foi para um lugar melhor”. E não é exatamente assim que tratamos os próprios toletes que um reto saudável precisa expelir todo dia? Pedimos licença aos nossos semelhantes para desaparecer naquele pequeno aposento sanitário luminoso que não pode faltar em nenhuma habitação moderna, o santuário de ladrilhos, porcelana e água corrente, o hospital do lar, o lugar onde cuidamos das questões do corpo, onde nos banhamos e protegemos nossas frágeis carne e entranhas com todos os baluartes contra um mundo que constantemente nos sitia com sujeira, o lugar de escovar os dentes, passar fio dental, barbear, aplicar maquiagem e desodorante, onde guardamos pentes, escovas, laquê, seringas para retirar cera de ouvido, cortadores de unha, remédios e líquidos para limpeza bucal, pomadas e unguentos, o lugar onde nos demoramos em nossas reflexões enquanto nos moldamos para nos adequar ao dia. E o lugar, Gwen, onde cagamos; onde nos trancamos e, em segredo, excomungamos aqueles hereges marrons fedorentos de nosso templo. Então, extinguimos seu miasma limpando completamente a fenda entre nossas bochechas inferiores com o cerimonioso papel purificante e mandamos toda a sujeira espiralando para o esquecimento, redemoinho abaixo para o lugar do invisível, enviando-a ao submundo aluvial das águas do Lete — banida, desamparada, esquecida.

Naquela ocasião, eu andava de modo bipedal a maior parte do tempo. Foi também por essa época que me dei conta de que estava nu. E, por eu ter expressado um desejo por roupas, Lydia me levou ao shopping.

---

Eu ficara nu diante de Lydia pela maior parte de nossas vidas juntos, mas, durante grande parte daquele tempo, eu ainda não sabia que estava nu. Aliás, em meus tempos de macaco, não creio que ao menos tenha me dado conta de que as roupas dos humanos eram fisicamente separadas de seus corpos. Isso lhe soa estranho? Tais coisas não são necessariamente aparentes de imediato. Levei tempo para entender que roupas não cresciam e recresciam na pele humana da noite para o dia, como um fungo. Mas, ao me tornar humano, passei a entender, por meio de cuidadosa observação, o que eram as roupas. No início de minha aculturação, sempre que Lydia me levava para a beira do lago, no verão, eu ficava maravilhado ao ver todas as lindas *sapiens sapienettes* cabriolando em volta da areia com apenas dois pedaços pequeninos e membranosos de tecido elástico separando-as de sua nudez animal. Eu observava e em silêncio notava as mudanças de roupa que Lydia fazia durante o dia, o fascinante e efêmero ciclo de vestuário de manhã para noite: pela manhã, ela saía da cama com seu pijama; Lydia possuía vários deles, inclusive uma camisola de uma variedade antiga, como aquelas usadas por meninas em livros infantis latentemente pedófilos da era vitoriana, uma coisa de seda escorregadia que sua falecida mãe lhe enviara certa vez como presente de Natal. Era algo que estremecia e serpeava por todo o seu misterioso corpo grande como um cardume de peixes em dunas submarinas (lembre-se dessa camisola, pois, mais tarde, ela se tornará importante). E, nesse traje, ela emergia do quarto, esfregava os olhos, andava pela casa, acordava Bruno, se ele já

não estivesse acordado, preparava para nós um rápido café da manhã, enquanto eu, exuberantemente, apanhava o jornal na porta — uma de minhas poucas tarefas domésticas naqueles primeiros dias, as quais eu executava com o zelo de um novo recruta. Então, Lydia comia comigo, tudo naquele embriagado, perturbado estado de limbo entre o sono e a vigília, quando os ponteiros dos relógios parecem circunavegar seu rosto numa velocidade muitas vezes maior do que a normal. Após o café da manhã, Lydia desaparecia no banheiro, e eu ouvia o brado estrondoso da torneira da banheira mudar para o som sibilante de cobra do chuveiro, e, depois, ela ia para o quarto como se tivesse acabado de sair de um casulo — úmida e nova — e vestida com a roupa oficial do dia. E nunca era algo espalhafatoso ou particularmente chamativo. Como mencionei antes, Lydia gostava de suéteres com gola rulê e calças. Creio que ela nem mesmo tivesse uma saia ou um vestido que se aventurasse em direção ao norte mais do que um ou dois centímetros acima da latitude do joelho. Lydia não era uma mulher abertamente feminina — não era uma mulher mulherzinha, digamos. Claro que era feminina; seu senso de moda era bom, mas conservador. Por exemplo, acho que nunca a vi usar cor-de-rosa e quase nunca usava salto alto. Nos pés, costumava calçar tênis, por serem úteis e imperceptíveis, ou, então, em geral, usava um deselegante par de pesados sapatos marrom-terra. Mas Lydia tinha um intenso relacionamento com o verde. Era sua cor favorita. Ela ficava linda de verde. Não que não ficasse bonita com outras cores — ou mais bonita ainda sem qualquer roupa (mas falarei disso depois). O verde, porém, ficava particularmente bem nela porque estabelecia um diálogo com seus olhos. Um atento exame casual do guarda-roupa de Lydia revelaria toda uma selva de itens verdejantes: lenços verdes, vestidos verdes, blusas e calças verdes. Nos primeiros dias, eu adorava brincar de me travestir com as roupas de Lydia, antes (e às vezes

até mesmo depois) de eu ter roupas próprias para vestir. Não era apenas a diversão de me travestir que eu curtia, mas, com certeza, a sensação de formigamento que percorria toda a minha pele quando me enfiava nas roupas de Lydia, o suave esvoaçar dos tecidos femininos contra minha pele, aquelas coisas que estiveram bem junto a seu corpo nu como eu queria estar. Por algum tempo, Lydia suportou pacientemente meu gosto por travestimento: às vezes, assim que chegávamos do laboratório, eu queria usar um dos seus vestidos, e não era fácil me convencer a tirá-lo. Em algumas ocasiões, quando Lydia estava fora ou se encarregando de alguma tarefa e me confiava o apartamento em liberdade, eu me esgueirava em seu closet e não apenas colocava um dos seus vestidos, como, às vezes, desajeitadamente, passava minhas pernas pelos buracos de uma calcinha da sua gaveta de roupas de baixo, ou esticava uma meia-calça pelas minhas pernas ou braços. Eu sabia, pela carga elétrica especial que recebia ao brincar com essas coisas, que, de algum modo, eram muito secretas, muito íntimas e mais misteriosamente excitantes do que os chapéus e lenços de Lydia, ou mesmo seus vestidos. Sentia um tabu nelas, e era por isso que eu só podia usá-las por um breve momento, dando rapidamente umas voltas pelo apartamento em suas roupas de baixo ou meia-calça até minha covardia levar a melhor e eu devolver tudo às gavetas onde as achara antes de Lydia voltar. Então, eu abria o controle remoto e lambia a bateria de 9 volts.

Enfim, minha obsessão pelo travestimento chegou a tal extremo que Lydia decidiu que estava na hora de eu ter roupas próprias. Não mais ficaria nu.

E, assim, por esse motivo, eu ganhei um — apenas um — artigo de vestuário. Naqueles primeiros dias, sempre que Lydia e eu saíamos de casa juntos — digamos, em uma de nossos passeios prazerosos/educativos para o Museu Field ou o planetário —, ela me entrouxava num grande suéter folgado com mangas pendentes

e um bolso canguru na frente. Tinha um capuz que, por meio de um cordão, podia ser apertado para formar uma pequena janela redonda em volta do meu rosto. Quando saíamos em público, Lydia o puxava por cima do meu rosto, a fim de ocultar minhas feições de macaco, e, como era grande o bastante, o suéter ia até meus tornozelos como um vestido. Assim como a maioria das roupas de Lydia, era verde. Usei o suéter com capuz verde com tanta frequência, que, gradualmente, ele passou a ser meu, e Lydia acabou por me dá-lo de presente. Esse foi o primeiro artigo de vestuário que possuí. Aliás, suponho que foi a primeira coisa que tive pessoalmente, ponto, e, por isso o suéter sempre teve a sensação de fetiche, de poder mágico para mim. Eu ainda o tenho.

Numa tarde de sábado, Lydia me levou para compras na Marshall Field's. Pegamos um ônibus no bairro rumo ao centro comercial de Chicago, e ela me carregou no colo, enterrado no suéter com capuz verde, para dentro da loja. Permaneci num silêncio aterrorizado com grande admiração por aquele lugar. Era como uma catedral, um templo ao comércio, a toda a beleza em potencial da vaidade humana. Os andares se sobrepunham naquele estonteante espaço vertical no meio do salão — a decoração dourada, a grandiosidade do Velho Mundo, mármore por todos os lados: eu achava que havíamos entrado numa espécie de palácio.

Eu gostava de olhar todos os manequins. Era tão fascinante observar as diferenças de personalidade em todos os tipos diferentes de manequins. Alguns deles são deliberadamente criados para ficarem muito parecidos com os humanos: têm pele, cabelo e olhos. Às vezes, têm expressões friamente alheias em seus belos rostos. Às vezes, seus dedos frágeis e suas mãos delgadas parecem tão reais que a gente até espera que se mexam. Outros são mais abstratos: alguns são de plástico ou gesso branco sem pintura. Alguns deles têm proporções reais, com mãos e pés detalhados, definição dos músculos por baixo de sua pele dura e reluzente,

tendões no pescoço e clavículas sob os ombros e, ainda assim, estão sinistramente sem cabeça, como se tivessem acabado de ser executados pela guilhotina por crimes reais ou imaginados. Os mais impressionistas têm mãos com polegares separados dos outros quatro dedos, que estão grudados uns nos outros, e não possuem rosto, suas cabeças são meras elipsoides de plástico macio, o que lhes dá uma aparência alienígena. Outros são meio abstratos, com nariz e testa salientes e bocas, mas sem olhos. Há outros, ainda, que são projetados para parecerem humanoides, mas de um modo deliberadamente irreal ou exagerado. Estes últimos são o tipo de manequins que estão expostos na seção de lingerie, que, por acaso, fica bem ao lado da seção infantil, no quarto ou quinto andar, aonde fui com Lydia para experimentar umas roupas. Ela escolheu camisas, calças, suéteres e não sei o que mais para mim. Ao que parece, tenho predileção por listras: em especial camisas com largas listras horizontais. Eu adorava segurar sua quente mão humana e olhar os resplandecentes afrescos do teto enquanto ela fuçava as araras com roupas em promoção na seção infantil, escolhendo peças para eu experimentar, pendurando-as no braço que me segurava, o som dos cabides metálicos roçando na arara. Então, levou-me pela mão aos provadores e me ajudou a vesti-las.

— Gosta dessa, Bruno? — perguntava, enfiando uma camisa no meu corpo, enquanto eu permanecia sentado em um banco e ela se acocorava diante de mim no provador cercado de espelhos. Se não gostava da roupa, eu a jogava para longe. Se gostava, eu gritava entusiasmado, e Lydia colocava o dedo sobre os lábios para eu fazer silêncio, temendo que fôssemos descobertos. Eu estava usando minha coleira, mas Lydia sempre detestou colocá-la em mim. Ela a guardava na bolsa, depois de me fazer jurar por tudo que eu me comportaria bem.

Escolhemos várias calças jeans, uma calça preta mais caprichada, algumas camisetas, um casaco grosso para proteção contra o

inverno de Chicago e algumas camisas com fechos que estalavam em vez de botões, porque, na ocasião, meus dedos desajeitados ainda não eram hábeis o bastante para executar a complicada operação de enfiar um botão em sua casa. Lydia até mesmo comprou — porque insisti e ela me mimava —, até mesmo comprou para mim um reluzente par de tênis, extragrande, devido às absurdamente inusitadas formas dos meus pés. Todos esses itens tiveram de ser comprados com um ar de extremo sigilo: comigo caminhando a seu lado, com um longo braço cabeludo estendido acima para segurar a mão dela e o capuz do meu suéter verde frouxo sobre meu rosto. Com frequência, Lydia tinha de afugentar vendedoras ansiosas por comissão, que sempre procuravam ruidosamente fazer contato visual com ela para lhe perguntar, em tons que nos deixavam em pânico apesar de sua delicadeza bem-intencionada (sempre que alguém falava com Lydia, eu sentia uma súbita pontada de galvanização na palma de sua mão), se ela precisava de ajuda para encontrar alguma coisa, e Lydia sempre respondia, apertando mais minha mão, abanando os dedos da mão livre em negativa, balançando a cabeça de um lado a outro de tal modo que os fios de cabelo que não estavam presos no rabo de cavalo fustigavam seu rosto, e ela dizia bruscamente: “Não, obrigada, estamos apenas olhando.” Diante disso, a vendedora respondia com alguma expressão educada e dava meia-volta para ir embora; depois, virava-se por um momento e, intrigada, coçava a testa enquanto dava outra olhada em mim, Bruno, o suposto filho de Lydia, uma criança de braço comprido, feia, uma aberração cabeluda, antes de dar de ombros com a resignação de que estava tudo bem, saindo de fininho com o *clique-claque* de suas sapatilhas para oferecer ajuda a outro cliente.

Mas, como eu ia dizendo, foi aquela última variedade de manequins que mais me interessou: o detalhado, ainda que propositalmente irrealista, manequim humanoide, a variedade

estilizada de forma expressionista, os tais em exposição na seção de lingerie ao lado da seção infantil da loja. Lydia estava no caixa da seção infantil pagando minhas roupas novas; todas estavam sendo dobradas em cima do balcão, e o funcionário que estava atrás dele retirava os cabides de plásticos das roupas, pressionando suas etiquetas contra alguma coisa em cima do balcão, de modo que cada item produzia um bipe eletrônico guinchado. Em seguida, dobrava os itens e os colocava em grandes sacolas plásticas enquanto Lydia aguardava. Durante esse processo, andei de um lado a outro do balcão, entediado. Meu fascínio estava levando minha atenção para longe deles. Para onde me atraía? Atraía os pés de Bruno na direção da seção de lingerie. Os manequins aqui eram diferentes de quaisquer outros em exposição em qualquer outro lugar daquele palácio de comércio. Tinham cabelo e feições faciais, mãos e pés detalhados, contudo eram estranhamente abstratos: as cabeças eram caricatamente maiores do que as humanas normais e seus olhos enormes eram pintados no rosto. Eram, também, claramente sexualizados, com lábios grossos fartos e pronunciados, seios grandes e quadris mais largos do que qualquer outro manequim de fêmea humanoide da loja. Eu me apaixonei por aquelas garotas de plástico. Tinham uma aparência tão agradável, tão elegante e delicadamente sexy, pareciam tão imperturbáveis, paradas ali, exibindo para o público suas finas roupas íntimas, seus belos sutiãs, calcinhas e corseletes, todos com babados, com todos os tipos de filigranas, fitas de seda, cetim e bordados de renda. Essa era a roupa íntima que existia para ser exibida brevemente, depois, despida lentamente (ou rápida e violentamente)... Subi de forma sorrateira no estrado em que todas essas ninfas esguias produzidas se exibiam. Essas mulheres estavam de pé ou reclinadas, as expressões geladas, reservadamente silenciosas, em várias posturas ou composturas de suntuosa sedução. Uma delas estava semirreclinada, uma perna

estendida e a outra semilevantada, apoiada nos cotovelos e a cabeça jogada para trás, exibindo o corpo, implorando para ser desejada, pedindo para ser possuída. Uma outra usava um *négligé* preto com sapatos de salto alto combinando, o peso todo apoiado num só pé, uma das mãos no quadril, a outra aparentemente congelada no ato de alcançar o belo ombro nu de plástico para tirar a primeira das duas alças do *négligé*, e uma única madeixa cacheada negra e lustrosa — cabelo *de verdade* — caído de maneira lasciva em seu rosto de olhos falsos. Estiquei-me até ela com meus longos braços hirsutos e dedos roxos compridos. Estiquei-me até ela para levantar a bainha do *négligé*, para bisbilhotar por baixo aquele belo corpo, aquelas duras pernas brilhantes, para ver o que havia sob...

— Bruno? — chamou-me uma voz, de alguma altura ou profundidade desconhecida.

Sobressaltei-me ao som de meu nome. De algum modo, todas aquelas belas mulheres de plástico, todas aquelas reluzentes mulheres sensuais de olhos falsos usando lingerie vieram tombando e desabando ruidosamente a meu redor como troncos de árvores derrubadas.

— Bruno! — gritou Lydia. Ela veio batendo os pés em minha direção, balançando as sacolas plásticas cheias de roupas novas para mim. Agachei-me sobre o estrado, envergonhado. Covardemente tapei meus olhos com as mãos, de tal modo que eu parecia o primeiro dos Três Macacos Sábios. Os manequins ainda deviam estar estrepitando e quicando a meu redor.

— O que você está fazendo? — esganiçou Lydia.

Ela ergueu rapidamente a cabeça e olhou em volta para ver se alguém havia notado. E alguém notara. Lydia estava tão vermelha que eu temi que ela fosse explodir de vergonha de mim. Agarrou meu braço e, selvagememente, deu-me um puxão para longe da mixórdia de manequins desabados, meus anjos caídos. Apanhou

minha correia na bolsa, agarrou a coleira, girou-a em minha garganta até o fecho ficar na frente e prendeu a coleira.

— Em que você estava pensando? — sussurrou ela no meu ouvido cuspidando as palavras. Uma das vendedoras que trabalhava naquela seção da loja agora andava rapidamente em nossa direção fazendo *clique-claque*. Ela era jovem, usava mais de 2 centímetros de maquiagem, tinha uma etiqueta com nome espetada na blusa e calçava saltos-altos do mesmo tipo que meu manequim, exibindo os pés pequeninos e as unhas pintadas. Esses sapatos, seus pés — seus dedos dos pés, o gracioso declive do peito do pé, seus calcanhares — me davam água na boca.

As sacolas repletas com as minhas roupas novas repousavam no chão ao nosso lado formando uma grande pilha inflada. Lydia segurava minha correia com uma das mãos enquanto tentava endireitar um dos manequins. Seu rosto continuava inflamado com o sangue quente da humilhação, e, nervosa, compulsivamente, ela colocava fios de cabelos para trás das orelhas.

— Sinto muito — disse Lydia para a vendedora.

— Não se preocupe — respondeu ela. — Por favor. Cuidaremos disso.

Lydia parou de tentar endireitar o manequim, mas não o tinha equilibrado de maneira adequada, e este imediatamente, caiu outra vez, retumbando e estrondeando de volta no chão.

— Sinto muito — repetiu Lydia. — Estou tão constrangida.

— Por favor, nós cuidaremos disso.

Então, a vendedora viu minha cara. Olhou para minha cara de macaco debaixo de um frouxo suéter verde. Encaramo-nos por um momento. Ela deu um salto para trás. Nós dois gritamos. Ela começou a recuar devagar.

— Sinto muito — disse Lydia pela última vez, agora com um breve resfôlego, apanhou as sacolas de compras e deu um tranco na minha correia. Fugimos. Deixamos a loja num misto de medo e

desespero. Ficamos presos nas portas giratórias com as sacolas de plástico volumosas. Lydia livrou-as com um puxão e cambaleamos para a rua através daquele carrossel de vidro. Agarrei-me a Lydia, os braços ao redor do pescoço dela e as pernas em volta de sua cintura. Dando um tranco, ela cobriu meu rosto com o capuz. Ela pelejava com o duplo fardo do meu peso e das sacolas de plástico cheias com minhas roupas novas. Caminhou rapidamente pela calçada e dobrou a esquina, como se estivéssemos sendo perseguidos (não estávamos).

Após nos afastarmos uns dois quarteirões, ela se enfiou num vão de porta para fugir do tráfego de pedestres na calçada. Parou, recompôs-se e me deu um beijo de absolvição na testa pelos meus recentes pecados. Eu estava num estado de total vergonha pelo constrangimento que havia lhe causado, mas aquele beijo instantaneamente fez com que me sentisse melhor, tal era o poder de seu perdão, de seu toque. Passamos por uma loja de flores, onde havia rosas verdes expostas na calçada. Lydia comprou uma dúzia, e o balconista da loja as embrulhou num cone de celofane enrugado e em outro cone de papel. Ela lhe perguntou como ele conseguia rosas verdes. Ele lhe contou que colocava corante no solo.

Tive permissão para carregá-las. Apertei as flores verdes contra o rosto e as cheirei profundamente, e adorei o perfume deslumbrante. Lydia fez sinal para um táxi, que nos levou de volta para casa. Aí, ela aparou os talos das rosas, as colocou num vidro vazio de molho de macarrão, encheu-o com água limpa e fresca da torneira e colocou as flores como decoração de centro na mesa de jantar. Experimentei todas as minhas roupas novas, e Lydia retirou para mim, uma por uma, as etiquetas, com a mesma tesoura com que havia aparado os talos das rosas verdes, ao mesmo tempo em que esquadrihava as dobras de cada peça de roupa à procura de

alfinetes ou pedaços de plástico ou adesivos que precisassem ser removidos.

## XIII

**N**o laboratório, tudo era diferente. Era onde Lydia e eu íamos trabalhar. Lá, fazíamos o que Norm queria que fizéssemos. Ele era o chefe do laboratório e, por extensão, quando eu estava no laboratório, isso significava que ele também era meu chefe.

A diferença entre as abordagens de Lydia e de Norm ao projeto — o “projeto” que era a minha vida — tornava-se evidente no mero contraste de suas personalidades. Um dos motivos era Norm ser consideravelmente mais velho do que Lydia, e, quando o conheci, ele já era um cientista com uma carreira digna de respeito e distinção: com estabilidade em sua universidade, o valor de sua opinião era abonado pela comunidade científica. Deixava suas turmas nas mãos de professores assistentes e em geral não se preocupava em comparecer às aulas. Seu conhecimento científico era rigoroso, cético, ferozmente apegado a uma metodologia responsável. Não estou dizendo que, em comparação, a metodologia de Lydia era relaxada, longe disso. Acontece que ela era jovem, sem experiência, sem estabilidade, com poucas publicações, recentemente matriculada e quase desconhecida no mundo da ciência. Tinha doutorado em psicologia cognitiva e um mestrado — não físico, mas cultural — em antropologia, ao passo que Norm era um biólogo behaviorista por completo. Ele era skinneriano de corpo e alma, um condicionador operante, um homem do prazer e da dor, um catador. Para ele, se algo não podia ser meticolosa e inequivocamente avaliado e documentado, então

não podia ser publicado de jeito nenhum e, por conseguinte, não “contava”.

Eu sentia a tensão entre eles. Ou achava que sentia, ou, pelo menos agora, com muitos anos em retrospecto, acho que achava que sentia. Sentia como uma criança sente que seus pais andam brigando, mesmo que tenham suas discussões longe dela. Esse golfo filosófico entre eles se alargou cada vez mais durante a realização do projeto. Embora eu passasse a maior parte do tempo em casa com Lydia, ela, obrigatoriamente, levava-me de carro ao laboratório praticamente todos os dias para experiências com Norm.

Durante esse tempo, Lydia foi para mim uma mãe amorosa e permissiva, e Norm, um severo professor. Eu me ressentia com o respeito que Lydia dedicava a Norm. De que fonte ele obtinha tanto respeito? Eu nada sabia — nem me importava em saber — da estabilidade de alguém, de suas publicações ou da extensão de seu currículo. (Agora que sei dessas coisas, importo-me ainda menos com elas). Em casa, com Lydia, o sistema de Norm me recompensar por praticamente tudo — dando-me amendoim, um pedaço de fruta, uma bala ou fosse lá o que estivesse oferecendo por cada tarefa que eu realizava de maneira correta — fora abandonado por completo, embora ainda continuasse valendo no laboratório, onde, ao que parece, os desejos imediatamente recompensáveis do meu estômago eram a lei, pois, metodologicamente, eram tudo com o que ele podia contar. Se eu não quisesse *sempre* que uma deliciosa balinha grudenta fosse enfiada em minha boca, então, todo o tolo sistema skinneriano de Norm de reforço positivo por comportamento desejado ruiria. O que, em geral, acontecia! O problema com a insistência dogmática de Norm em sua metodologia de recompensar meu comportamento com comida era que às vezes eu realmente não queria a recompensa. Eu simplesmente não estava com fome. Portanto, como um rígido behaviorista (receio que nada jamais mudou sua ideia a respeito

disso), Norm deu-se conta de que precisava de alguma espécie de moeda corrente objetiva, algo que pudesse ser dividido em pequenos acréscimos que *sempre* seriam valorizados e desejados por si mesmos. Algo que eu sempre desejaria. Essencialmente, o que ele precisava estabelecer em minha consciência, a fim de manter o formato simplista de sim/não/sim/não do condicionamento operante era um conceito de economia abstrata, alguma noção de, basicamente, dinheiro.

Norm montou no laboratório uma espécie de “mercearia”, onde eu podia “comprar” minhas guloseimas. Portanto, em vez de me dar guloseimas pelas tarefas que eu realizava de maneira correta, tudo o que eu comia (no laboratório, é claro que em casa eu comia de graça) tinha de ser comprado por mim. Com *o quê?*, você pergunta. Norm cunhou um dinheiro especial de brinquedo para ser usado na economia fechada do laboratório. Cortou fichas finas de pinos de madeira, de tamanhos variados, e as estampou com números que indicavam seu valor. A ficha menor foi impressa com o numeral arábico 1, a seguinte em tamanho, com 5, a próxima com 10; depois com 25, e a maior e mais grossa ficha de madeira foi estampada com 100. Engenhoso, não? Um centavo, 5 centavos, 10 centavos, 25 centavos e 1 dólar. Também tinham cores diferentes, pintadas com grossas camadas brilhantes e monocromáticas de tinta. Lembro-me que 1 centavo era em vermelho, 5 centavos, em azul, 10 centavos, em verde, 25 centavos, em prateado e 1 dólar, em dourado. A avaliação das diferentes fichas me custou várias semanas de instruções para serem compreendidas por completo. Quando Norm ficou razoavelmente seguro de que eu entendia as relações de valores entre as fichas, minhas recompensas no laboratório não foram mais distribuídas na forma de mercadorias em estado bruto, mas em títulos ao portador, com aquelas fichas idiotas coloridas que eu poderia usar posteriormente para comprar alimentos na mercearia quando quisesse comer alguma coisa.

Depois disso, sempre que realizava uma tarefa corretamente — ordenar coisas corretamente, reagir corretamente a ordens orais para manipular objetos, usar corretamente um jogo de computador planejado para me ensinar lógica simbólica —, eu era recompensado com uma dessas fichas. Para tarefas simples, eles normalmente me davam uma de 1 centavo, e para as mais complexas, podiam me dar uma de 5 ou de 10 centavos. Então, eu podia trocá-las, entregando-as dos valores menores para os maiores. Lembro-me do momento *gestalt* quando compreendi que uma ficha de 25 era igual em valor a 25 fichas de 1 centavo — embora não *parecesse*, porque, obviamente, havia muito mais destas do que daquelas. *Isso* é que é lógica simbólica. Eles também me forneceram um “banco” particular para eu guardar meus rendimentos: uma caixa de sapatos com uma fenda na tampa para eu depositar meus pagamentos.

A segunda parte desse sistema era a mercearia. Esta constava de uma das mesas do laboratório posicionada junto à parede a fim de servir de balcão, atrás do qual os alimentos eram guardados em armários e numa pequena geladeira. Tudo era trancado e havia também uma caixa metálica com cadeado para guardar dinheiro. Eu não tinha permissão de ir para trás do “balcão”. Norm imprimiu grandes folhas de papel laminado oscilantes com imagens de todos os itens que podiam ser comprados na mercearia e os preços indicados em cima das figuras. Um “menu”. Quando eu queria comprar alguma coisa, ia até o balcão com meu “dinheiro”, apontava para a figura do “menu” que eu desejava, pagava, e, então, eles me davam meu pedido. Ainda me lembro claramente (ou mais ou menos) dos preços:

1 passa

1 centavo

1 uva

1 centavo

1 M&M normal	1 centavo
1 amendoim	1 centavo
1 amêndoa	1 centavo
1 castanha de caju	1 centavo
1 punhado de ervilhas	1 centavo
1 pequeno punhado de blueberries	1 centavo
1 pequeno punhado de amoras	1 centavo
1 M&M de amendoim	3 centavos
1 Milk Dud	3 centavos
1 cubo de caramelo	3 centavos
1 morango	3 centavos
1 ameixa	5 centavos
1 damasco	5 centavos
1 cenoura	5 centavos
1 manteiga de amendoim da Reese	5 centavos
1 barra pequena de chocolate (Snickers, Milk Way etc.)	5 centavos
1 pêssego	10 centavos
1 maçã	10 centavos
1 laranja	10 centavos
1 pera	10 centavos
1 marshmallow	10 centavos
1 ovo cozido	25 centavos

1 banana	25 centavos
1 barra grande de chocolate (Snickers, Milk Way etc.)	25 centavos
1 copo de iogurte	50 centavos
1 cachorro-quente	50 centavos
1 picolé	50 centavos
1 picolé com cobertura de chocolate	50 centavos
1 almôndega	50 centavos
1 manga	50 centavos
1 <i>cupcake</i>	50 centavos

Suponho que a introdução de Norm a um sistema capitalista na pequena sociedade do laboratório teve seu efeito desejado em mim. Levei muito pouco tempo para construir uma associação psicológica das fichas monetárias com um senso de bondade inerente, para até mesmo vê-las como preciosas. Tornei-me avarento. Deliberadamente, eu comia menos para conseguir economizar mais fichas. Passei a desejá-las mais do que jamais desejara os pequenos bocados de comida que eram consumidos imediatamente — até porque, quanto mais fichas eu tinha, mais mercadorias em potencial eu sabia que poderia adquirir. Com toda a segurança, eu *sempre* queria o dinheirinho sujo deles. Eu o juntava em minha caixa de sapatos. Adorava esvaziá-la e, olhar as fichas e admirar minha riqueza; então, fechava a tampa do meu banco,

pegava cada ficha e a colocava de volta na caixa, deixando cair, uma a uma, pela fenda do depósito.

Não demorou muito para os cientistas começarem a usar as fichas como suborno. Se queriam que eu participasse de certa experiência, que eu fosse a certa área por algum motivo; que eu parasse de dar um piti, bater, morder ou gritar, e ficasse calado e me comportasse bem — sempre que eu bancava o desobediente ou obstinado, eles me ofereciam uma das fichas. Normalmente, começavam com uma de 5 centavos e, se não funcionasse — se eu não me vendesse tão barato assim —, aumentavam o valor da oferta. Nesses casos, eu não entrava num acordo por menos do que uma reluzente ficha prateada de 25 centavos. Alguns dos funcionários do laboratório começaram a murmurar que a introdução desse sistema tinha sido uma péssima ideia, que ele teve o efeito involuntário de recompensar perversamente o comportamento negativo. Então, suponho que Norm lhes lembrou que as pequenas fichas de madeira, na verdade, não tinham, de fato, valor, portanto, podiam muito bem usá-las como suborno ou servir-se delas para qualquer finalidade necessária. (Aqui eu gostaria de lembrar a Norm que exatamente isso poderia ser dito do dinheiro humano.) Comprar-me era simplesmente o modo mais fácil de me acalmar quando eu estava transtornado. E, naturalmente, passei a dar chilikues de propósito para estimular o suborno. Creio que eles me mimaram.

E, assim, as experiências continuaram, mês após mês e estação após estação, ensinando-me os hábitos da sociedade humana, simultaneamente estimulando e corrompendo minha alma. Era minha corrupção um subproduto da minha assimilação cultural? Ou era, de fato, uma parte essencial do processo?

Se esse sistema econômico eliminava o sensível problema do valor das recompensas alimentícias de acordo com o estado do meu apetite, ele deixava de resolver o problema maior. Aliviava o sintoma, mas não curava a doença. A doença de Norm era uma

falha fundamental de compreensão. Era a sua fé inabalável na utilidade do treinamento behaviorístico. Sim, percebo que o behaviorismo funciona perfeitamente para treinar pombos em caixas para bicar discos. Mas eu não sou um pombo. Linguagem não é um disco numa caixa. A ideia de que é possível ensinar linguagem a uma criatura racional usando essencialmente a metodologia skinneriana é um completo absurdo. Seria o mesmo que dar comida a um bebê apenas se ele pronunciasse uma palavra de forma correta e castigá-lo com a fome caso balbuciasse de maneira incoerente. Experimente isso em casa. Duvido que fará seu bebê aprender a falar de modo mais eficiente. Podemos aprender uma segunda língua através de instrução deliberada — e mal. Ninguém aprende algo se não quiser aprender. Aprendemos nossa primeira língua por imersão, por nosso fascínio, e por amor. Um vocabulário simples não é linguagem, Norm. Sintaxe não é linguagem. Gramática não é linguagem. Definir essas coisas como propriedades necessárias da Linguagem com L maiúsculo (seja lá o que for) é o mesmo que definir *comer* exclusivamente como comer à mesa com garfo e faca — não é uma definição holística de *comer*; trata-se apenas de boas maneiras.

Quando, porém, um bebê olha nos olhos da mãe e diz a primeira palavra, mesmo que não faça ideia do que “significa”, *isso* é linguagem. A primeira palavra da criança *não* é um símbolo. Não é uma representação, não é um signo impregnado de significado abstrato, não é um significante nem é semiótico. Não é uma fina camada de significado pintada sobre a superfície de um conceito existente *a priori*, subitamente revelando sua definição como o ato de jogar um lençol sobre algo invisível. Não é uma representação. Antes que uma palavra se torne qualquer uma dessas coisas, ela é simplesmente uma *ação*. Não é uma nomeação do mundo, mas antes a criação do mundo.

A insistência de Norm na instrução deliberada, todas as suas ofertas de guloseimas como incentivo e espertos atalhos para tirar vantagem dos profundamente problemáticos e abertamente inumanos aspectos do behaviorismo, esse sistema cínico de prender uma criatura entre o prazer e a dor, de subornar e de reter — tudo isso aponta para seu pecado original de equívoco. Seu engano foi subestimar a conexão da linguagem com o amor, com a beleza, com a pura reverência pelo universo. Um ser não adquire linguagem porque cientistas lhe dão guloseimas se aprende palavras. Ele adquire linguagem porque é curioso, porque anseia participar da perpétua reencarnação do mundo. Não é apenas um truque de entendimento. Não é um processo de pintar símbolos nos rostos dos materiais brutos do cosmos. Um ser adquire linguagem para entalhar sua própria consciência, sua existência ativa e recreativa. Ele grita porque sente dor e adquire linguagem para se comunicar.

Num dos meus dias de melhor comportamento — os quais, à medida que meu tamanho, força, inteligência, tédio e inquietação geral no laboratório aumentavam, tornavam-se cada vez menos frequentes —, um dos professores assistentes de Norm levou uma turma para uma visita ao laboratório, a fim de me observar provar minha habilidade na compreensão do inglês falado. Àquela altura, já haviam retirado a jaula de metal em que me prendiam no começo do projeto, e construíram um grande cercado de vidro grosso. A parede de vidro dividia o aposento em duas áreas: uma para mim e os cientistas, e a outra para as pessoas que iam visitar, para que pudessem ficar atrás do vidro e me observar trabalhar sem medo de eu rasgar seus rostos. O arranjo lembrava-me desagradavelmente o zoológico, mas aceitei aquilo. Todos os estudantes se aglomeraram do lado de fora, o bafo úmido de suas respirações soprando borrões de bruma na superfície do vidro. Essa experiência em particular havia sido filmada várias vezes. Praticamente quase tudo o que fazíamos no laboratório era agora

filmado por várias câmeras empoleiradas em tripés erigidos em vários pontos da sala para gravar a ação. O Bruno Show era filmado todos os dias da semana, começando de manhã quando Lydia me trazia para o laboratório e terminando quando ela me levava para casa. Os cientistas, posteriormente, passavam horas incontáveis analisando o meu comportamento, assistindo aos meus vídeos e registrando dados com cuidado.

Eu conhecia o esquema. Lydia sentava-se comigo no interior da área envidraçada do laboratório. Norm ficava com os estudantes do lado de fora. Quem conduzia a experiência era ela, porque eu respondia a suas ordens verbais com muito mais frequência do que às de Norm. Minha antipatia pessoal por ele fazia com que eu fosse menos inclinado a conceder todos os seus pedidos sem sentido. Mas, na ocasião, quando Lydia pedia, quase sempre os realizava como um favor pessoal a ela. Protegido em segurança pela parede de vidro, Norm me exibia, falando sobre mim para todos os seus estudantes, como um charlatão num mafuá, “aproximem-se, senhoras e cavalheiros, venham ver a aberração da natureza que criamos aqui mesmo neste laboratório”. Dentro de minha área de brincar havia todos os tipos de objetos: caixas, sacos, bichos de pelúcia, brinquedos e coisas assim.

Lydia falava para mim:

— Bruno, por favor, coloque a cobra no saco.

Eu respondia apanhando a cobra de borracha frouxa e sem vida e a jogava no saco de papel pardo mais próximo. Então, Lydia dizia, falando lentamente, mas de maneira vigorosa e articulada:

— Ponha o sabão sobre o cachorrinho.

Eu apanhava a barra de sabão, ia até o cachorro de pelúcia e a colocava sobre suas costas.

— Bom trabalho, Bruno. Agora ponha o elefante na caixa.

Eu erguia o elefante de pelúcia e largava dentro da caixa de papelão.

Assim costumava ser aquilo. Contudo, recentemente Norm acrescentara um detalhe muito perturbador a esse esquema. Lydia usava uma máscara achatada preta de metal, que ocultava por completo seu rosto, com uma janela retangular de vidro opaco verde para seus olhos. Disseram-me que era uma máscara de soldador. Ela também usava um par de luvas térmicas para forno. Usando essa vestimenta insana — como um padeiro no inferno —, ela me pedia para realizar tarefas sem sentido com os objetos espalhados pelo chão do cercado. Eu não sabia o motivo desses novos detalhes que haviam sido acrescentados. Lydia parecia um pouco amedrontadora com aquele traje. Entretanto, eu sabia que era ela ali embaixo, e, assim, corajosamente, eu cumpria os pedidos que vinham da ecoada voz fraca e enterrada debaixo da máscara metálica.

E por que, você pode perguntar, *por que* Norm exigia que Lydia usasse luvas térmicas e máscara de soldador durante a experiência? Era para assegurar aos céticos que eu não recebia dicas visuais de seu rosto ou de suas mãos e tinha de me guiar apenas pelas informações das palavras pronunciadas. Isso era feito para dissuadir qualquer acusação em potencial de que eu não compreendia tanto assim a linguagem falada, mas que havia construído uma teia de interpretação de informações externas inadvertidamente fornecidas pelo corpo dela — tiques faciais, movimentos oculares, tensão e relaxamento muscular, gesticulação acidental: o tipo de coisa que um jogador experiente chamaria de “dar a dica”.

Mas por que, pergunto eu, por que, Dr. Norman Plumlee, você concluiu que elementos externos de comunicação corporal não contam como partes da linguagem? A linguagem não consiste em uma interface completa e flexível de interação tanto falada quanto visual? Nenhuma mãe humana fala com seu bebê apenas quando está usando máscara de soldagem e luvas térmicas! Linguagem

falada é apenas um único componente de comunicação. Falamos tanto com as mãos, olhos e rostos quanto com os pulmões, garganta e língua, isto é, principalmente com nossos cérebros. Comunicação gestual analógica não é "trapacear". Remover palavras da interface corporal apenas as remove de seu meio ambiente natural, assim como colocar um animal numa gaiola.

Entretanto, obstinado, Norm continuou insistindo na necessidade da máscara e das luvas, portanto, o fato de que eu entendia o que Lydia dizia podia ser levado mais a sério pelos céticos em potencial. Ser levado a sério por quem? Por *quem*, Norm? De onde vem esse medo desesperado, deplorável de não ser levado a sério? Esse medo permeia tudo, *tudo* o que os humanos fazem! Esse medo terrível de não ser levado a sério assombra o coração de todo cientista!

O que é ciência? A ciência necessariamente precisa ser escrava da metodologia rígida? Ao quantificável? Ao repetível? Ao mensurável? Ao (ousa sugerir) *publicável*? Se o objeto de estudo é o mundo inanimado, claro... o mundo inconsciente, o mundo de quarks e de quasares, de ondas e de partículas, de movimentos químicos e mecânicos da matéria do universo... Não tenho queixas em relação ao método científico tal como ele é aplicado à, digamos, física. Mas quando se estuda outro ser sensível, um organismo consciente e semelhante? Claro, *claro* que o bom cientista deve seguir uma metodologia adequada, colher dados corretamente e tirar conclusões cuidadosas e responsáveis se vai publicá-las, e o bom cientista precisa, é claro, *publicar* se quiser se candidatar a subvenções para financiar pesquisas adicionais e manter seu cargo na sua instituição, se quiser garantir estabilidade para continuar ganhando dinheiro, para poder *comer*! E, para fazer tudo isso, ele precisa publicar, publicar e publicar, ou não consegue dinheiro algum e, sendo assim, perece! Às vezes, fico imaginando se as demandas do capitalismo debilitam certos campos da ciência.

Porque era por isso que Norm estava com tanta pressa de testar, de gravar, de documentar, de provar, de publicar: *para ser levado a sério*. Ele queria que isso fosse ciência exata. Ele não entendia o quão *flexível* isso é, flexível e vulnerável, como a própria carne. Como a vida. Como eu. Meu cérebro, a base de minha alma, é algo tão misterioso, plástico e irracional como o seu, Norm, aliás, como o de qualquer homem. Isso vai de encontro aos seus números! No seu furor de publicar, no seu desespero de ser levado a sério, você tentou colocar ciência “flexível” na mesma caixa da exata e, no processo, ignorou todas as provas que estavam bem diante de você! Você perdeu isso! Perdeu! Muita coisa está perdida, e muitas nunca serão encontradas se os cientistas se permitirem procurar apenas nos lugares certos. A própria rigidez da ciência exata às vezes se mostra empobrecida demais para estudar um assunto tão multiforme e espontâneo como a linguagem. Lydia entendeu isso, mas Norm não, e essa, creio, foi a essência da desavença deles. Isso e, obviamente, eu.

---

Lydia tinha uma fé quase quixotesca de que seria capaz de ensinar um símio a entender completamente o inglês e talvez até mesmo se comunicar verbalmente em seu idioma se conseguisse encontrar o aluno perfeito — alguém especial, algum *überchimp* nietzchiano excepcionalmente brilhante assim como (arram) eu. E não tente me convencer com nenhum dos absurdos habituais sobre laringe pouco desenvolvida e assim por diante, sobre os tratos vocais dos macacos serem anatomicamente desequipados para a fala articulada. Coloque isso de lado e simplesmente ouça a minha voz. O mero equipamento físico de comunicação vocal forma uma fina camada de musgo cobrindo a pedra da questão, e essa pedra é o cérebro, a mente. Meu cérebro, *minha* mente.

Lydia Littlemore foi uma pioneira das mais remotas fronteiras desimpedidas da ciência, da linguística, da primatologia, da psicologia cognitiva e, certamente, da filosofia. Mas também, no que diz respeito a isso, toda mãe cujo filho aprende a falar também é assim. Afinal, ela não fez nada por mim que uma mãe humana não faria por seu filho humano: amar-me. E eu a amei. Essa foi a minha única motivação. Essa foi a única recompensa, o único condicionamento de que precisei.

Alguém poderia argumentar que amor não tem lugar na ciência. Aqueles que usam esse argumento também poderiam argumentar que amor não tem lugar na civilização humana, ou na vida.

## XIV

**E**m determinado momento, dei-me conta de que havia uma nova mulher trabalhando no laboratório: Tal. Eu só descobriria seu sobrenome — Gozani — muito tempo depois. Tal era mais alta que Lydia. Tal era alta para uma mulher. A princípio, acho que tive uma pequena dificuldade em ligar a palavra à pessoa, porque seu nome era homônimo de um adjetivo que, em inglês, descrevia o que ela era: alta. Eu já conhecia a palavra *tall*, que significa alto, embora não soubesse se os cientistas do laboratório sabiam que eu sabia. Como disse, antes de começar a falar muito, eu já entendia muito mais de inglês falado do que qualquer um seria capaz de imaginar. Talvez eu tivesse ficado menos confuso se Tal fosse baixa, ou se, sendo alta, seu nome fosse “Short”, que significa baixa. Pois bem, ela entrou na minha vida como a maioria das pessoas naquela época: certo dia, lá estava ela. Essa mulher que eu nunca tinha visto antes começou a aparecer todos os dias no laboratório, passou a interagir comigo e pronto.

Além de ser alta, creio que Tal era muito jovem quando começou no laboratório. De qualquer modo, mais jovem que Lydia. Ela era (como sei agora) uma estudante formada pela Universidade de Chicago. Eu diria que Tal estava na casa dos 20 anos quando começou a trabalhar no laboratório, o que a fazia 7 ou 8 anos mais nova que Lydia quando tudo isso aconteceu. A princípio, gostei bastante dela. Sempre tive a tendência, principalmente naquela época, de me dar melhor com mulheres do que com homens, por isso fiquei contente em ter outra presença feminina no laboratório.

Mas havia alguns aspectos extraordinariamente incomuns em relação a Tal.

Além de ser alta, tinha a pele macia, azeitonada, quase amarelada que se equiparava aos seus incisivos olhos verde-acinzentados. Tinha pernas grossas e fortes. Vestia-se com roupas estranhas. Usava um brilhante e fino pedaço de tecido elástico decorativo em volta das pernas como saia. Estava sempre fazendo estalidos e chocalhos por todo lado por conta das joias rústicas feitas de madeira, corda e prata. Calçava enormes botas sem graça se fazia mau tempo, e com tempo bom calçava sandálias marrons de cordões trançados que se cruzavam panturrilha acima. Porém, em geral, ela vinha descalça. Tirava as sandálias marrons suadas e as deixava na porta do laboratório, então, passava o dia pisando forte com os pés descalços. Às vezes, eu inspecionava suas sandálias marrons suadas, enfileiradas na porta do laboratório. Curiosamente, eu lambia as depressões redondas e salgadas que seus dedos haviam gravado na superfície. Andar descalço era algo que eu nunca tinha visto um ser humano fazer, pelo menos não num ambiente profissional. Em casa, Lydia costumava ficar descalça ou de meias, mas fora de casa passava o dia todo calçada. Eu ficava imaginando por que normas comuns de decoro eram mais flexíveis em relação a Tal. Os pés de todos os outros cientistas ficavam aprisionados em seus calçados, em geral, tênis brancos de trabalho, mas Tal tinha permissão para se divertir pelo laboratório com os pés nus e sujos, tão confortável como se aquele aposento fosse sua própria casa.

Ela me deixou brincar com eles, eu me lembro — seus pés descalços. Eu havia me encontrado com ela pela primeira vez poucos dias antes. Nós nos sentamos juntos na minha esteira azul esponjosa, atrás da parede de vidro que dividia o laboratório em lado humano e lado chimpanzé, meu cercado. Estávamos sentados juntos, manipulando meus brinquedos. A princípio, Tal tinha as

pernas cruzadas, depois se recostou e esticou as pernas sobre a esteira, e seus pés descalços emergiram de baixo do tecido vermelho elástico de sua saia. Fiquei abismado com eles. Eram tão impiamente *sujos*. Eram tão calosos e ásperos. As unhas eram lascadas e curtas, os dedos eram blindados por uma pele amarelada grossa e dura, as solas dos pés praticamente negras de sujeira. Lembro-me de pensar que pareciam mais os pés de um animal como eu do que com os pés de uma mulher. Estendi meus longos dedos borrachudos e, inquisitivamente, fiz cócegas em seus pés, mas creio que estavam tão acostumados à vida descalça que haviam perdido aquela vulnerabilidade especialmente sensível da região que é pré-requisito da efetiva cócega no pé. Minhas cócegas em seus pés evocaram, sim, um sorriso em seus lábios, mas nada de risada. Seu único sinal de vaidade em relação a seus pés era um anel grosso de prata gasto e manchado abraçando a parte mais fina do segundo dedo do pé esquerdo. Toquei no anel com meu dedo.

— Ele não sai — disse ela.

Notei, também, que, diferente das pernas lisas e macias da maioria das humanas que eu já havia visto, as suas eram cobertas por uma delicada penugem. Uma fina corrente de prata pendia de seu pescoço. Ela também me deixou tocar naquilo. Sua textura era macia, escamosa; deslizou e serpeou por entre meus dedos como algo vivo, como um delgado verme de luz. E, ao fim dessa corrente, havia uma joia, uma espécie de emblema. Era formado por dois triângulos equiláteros entrelaçados, um de cabeça para baixo e o outro, para cima, de modo que os dois triângulos unidos formavam um hexágono no centro, com seis triângulos equiláteros menores diretamente contíguos a cada lado do hexágono e apontando do centro para fora a fim de formar uma estrela de seis pontas radialmente simétrica. Por um momento, fiquei hipnotizado pelo modo como seus elementos se ligavam, como o olho podia montar,

repartir e remontar a imagem, a matriz caleidoscópica de sua harmoniosa geometria. Coloquei-o na boca.

— Não ponha isso na boca — disse ela, e o tirou dali.

Limpou minha saliva no seu lenço de pescoço e enfiou de volta o emblema dentro da blusa, onde ele deslizou pelo seu peito e desapareceu no íngreme sulco de carne entre seus seios. Meu olhar então subiu até seu próprio pináculo, passando pelo pescoço, queixo, lábios, nariz, as grossas sobrancelhas negras gêmeas unidas que se encontravam num delta de fiapos acima da ponte do nariz e em sua testa larga, para encontrar o aspecto mais ultrajante de sua fisionomia: o cabelo. Era preto como tinta nanquim e arrumado não em porções de vários fios finos, como os da maioria dos humanos, mas todo acumulado e apertado num arranjo de cordames grossos, musculosos. Toquei-os. Ri de sua surpreendente textura. A sensação deles não parecia com algo que realmente devesse brotar do topo da cabeça de alguém. Pareciam quase com uma planta viva. Alisei esses longos cabos nodosos de cabelo, agarrei um deles — sua circunferência coube exatamente dentro do meu punho —, apertei-o, e, em minha mão, pareceu exatamente como os caules das trepadeiras que rastejam por todos os lados dos magistrais prédios de pedra do *campus*. Isso era tudo o que eu tinha para comparar com a minha até então pequena bagagem de conhecimento de uma experiência *a posteriori*. Apertei seus cabelos de corda. Eu adorava brincar com cabelo de mulher. Ainda gosto. Mas isso era... isso era completamente diferente. Ela riu. Sua risada era um alegre esvoaçar abruptamente truncado por um pequeno ronco tolo.

— São dreadlocks — disse ela.

*Dread*, que significa “temor”, e *lock*, que quer dizer “fecho”, são duas das palavras mais inamistosas da língua inglesa, e fiquei imaginando por que cargas-d’águas alguém as escolheria para, afetuosamente, aplicá-las a um estilo de cabelo.

Ah, e o jeito como ela *andava* com aqueles pés descalços sujos. Aquilo era impressionante. Tal não caminhava como um ser humano comum. Por um longo tempo, eu associara o andar humano aos persistentes e ritmados rangidos e grasnidos de tênis no chão duro de azulejos do laboratório. (Com exceção de Haywood, cuja gárrula musicalidade ao andar já comentamos antes.) Também havia os alunos da universidade, com quem, honestamente, mantive apenas um contato limitado durante o tempo em que estive no laboratório; uma grande diversidade de calçados abundava nas extremidades de *suas* pernas. Passei a adorar, por exemplo, o som de sapatos de salto alto. Eles faziam aquele som, *scrap-clock, scrap-clock*, ao qual minha mente até hoje faz associações eróticas na mesma hora. Sandálias também fazem sons interessantes, como o chapinhado e o tabefe no calcanhar, e, às vezes, entre a sola do pé e a superfície úmida da sandália fica presa uma pequena bolha de ar, a qual, quando pressionada para fora da planta do pé pela pressão da gravidade, pode resultar num muito raro e muito leve — mas sempre estrondosamente engraçado — ruído de peido. Tal, porém, geralmente abstinha-se de sapatos de qualquer espécie, preferindo andar sempre descalça, mas, em vez de eliminar qualquer som que pudesse sair de seus pés, seu caminhar, de fato, parecia muito mais alto do que o produzido por uma pessoa normalmente calçada. Ela caminhava sempre com determinação e até mesmo com um senso de agressão, plantando um pé bem na frente do outro, traçando retas perfeitas aonde quer que fosse. Suas pernas longas, grossas e amedrontadoramente fortes se conectavam com superfícies abaixo do corpo com pisadas ruidosas e carnudas. Quando ela caminhava por um aposento, eu podia sentir as vibrações que fazia; a cada novo passo, por um breve momento, seu corpo ficava enraizado à terra tão solidamente quanto uma árvore. Isso, porém, só acontecia quando ela estava descalça; não era o mesmo efeito se ela estava de sandálias. Tal sentia-se à vontade, como qualquer humano que

eu conhecera, com sua própria condição bípede. A maioria dos humanos ainda se sente meio sem jeito sobre duas pernas, a despeito de anos de evolução. Aliás, caminhar apumado pode ter sido útil para a travessia das planícies da África pré-histórica, mas, no fim das contas, considerando-se como pessoas de certa idade têm por hábito resmungar e reclamar que suas pernas, pés, quadris, joelhos e costas estão gastos, imagino se não seria má ideia voltarem a andar de quatro.

Era difícil aferir a natureza da relação de Tal com o restante dos cientistas do laboratório. Não creio que eles soubessem ao certo o que fazer dela. Era possível que achassem sua presença tão esquisita e desregrada quanto eu. Sempre que ela dizia alguma coisa, os outros cientistas pareciam confiar um pouco menos em suas palavras, como se precisassem de uma conferência e de uma verificação adicionais. Eram todos um pouco mais frios com ela do que uns com os outros. Sempre estou agudamente consciente da dinâmica das hierarquias da ascendência social. Na sociedade primal do laboratório, Norm era o macho alfa. Prasad era o macho beta. Os outros homens eram estudantes graduados, e eram inferiores à posição de Lydia, a fêmea de mais alto escalão. As estudantes fêmeas graduadas tinham posição inferior aos estudantes machos graduados, e Tal era definitivamente o ômega dos ômegas — e todos no laboratório a tratavam em conformidade com isso. Até mesmo as outras fêmeas de baixo escalão a colocavam em seu lugar com muitas demonstrações sutis de dominação. Com exceção de Lydia. Ela a ofuscava, e era por isso que, socialmente, protegia Tal do resto do grupo. A aprovação da fêmea de mais alto escalão do laboratório era o bastante para manter Tal a bordo, mas não o suficiente para elevar seu status acima de ômega.

Em determinado momento durante as primeiras semanas que passei a ver Tal no laboratório, Lydia começou a falar nela com

surpreendente frequência. Assim que chegava a hora de ir para casa, todos os pensamentos associados ao laboratório — incluindo o pessoal de lá — eram banidos de imediato de minha mente e eu conduzia minha atenção na direção do que aquela parte restante do dia reservava para mim: que comidas eu comeria, a que desenhos animados eu iria assistir. Agora, porém, com crescente frequência Lydia falava sobre Tal a caminho de casa ou durante o jantar. Sinceramente eu ficava um pouco chateado por causa das vezes que Lydia a mencionava em suas conversas. Veja, além de toda sua esquisitice mencionada antes, parece que Tal era uma mulher de passatempos muito particulares e apaixonados. Era dançarina e fazia marionetes. Eu realmente ainda não tinha ideia do que eram “dançar” e “marionetes”. Pensando bem, eu agora acho que deve ter sido o treinamento de Tal em dança moderna que lhe deu aquele modo de andar agressivo, de pisada forte, quando descalça. Mas quanto às marionetes...

Lembro-me de quando Tal — a mando de Lydia, suponho — levou uma das marionetes ao laboratório. Era provavelmente a coisa mais terrível e medonha que eu já vira. Eu era fascinado pelas representações que os seres humanos faziam deles mesmos, como os manequins da loja de departamentos. Mas aquela coisa era a forma humana não abstrata (como os manequins), mas deliberadamente exagerada, torturada e deturpada, seu aspecto e suas feições distorcidos para o grotesco. Violentas manchas vermelhas inflamavam seu longo nariz bicudo, e as covinhas de madeira envernizada eram empurradas externamente por um desconfiado esgar de boca em forma de lua crescente, e a coisa tinha enormes olhos de bolinhas de gude azuis com sobrancelhas curvadas para dentro. A expressão, no todo, sugeria o rosto de alguém prestes a fazer algo sem sentido e cruel. Ele usava um gorro vermelho pontudo e uma roupinha vermelha com guarnições douradas. A ponta do gorro pendia sobre o rosto de tal modo que

seu perfil tinha três feios ganchos salientes: o gorro e o nariz apontando pronunciadamente para baixo e o queixo para cima. Minúsculas mãos imóveis de madeira pintadas de rosa se saltavam dos sacos vazios de suas mangas. Nas extremidades de suas frouxas pernas de pano, ele calçava sapatos verdes pontudos com guizos costurados em cima. A criatura parecia uma espécie de elfo diabólico. Era horripilante, — e eu ainda nem o tinha visto em movimento.

— Bruno — disse Tal. — Conheça o Sr. Punch.

Ela enfiou o braço no saco vazio do corpo da criatura e, de repente, (um) esta *porra estava viva* e (dois) *fazia parte do braço dela*.

Sem que eu notasse, Tal também tinha, de algum modo, mudado a voz para um ruído agudo distorcido, mal articulado, um grasnado metálico. No entanto, mesmo com minha atenção distraída pela monstruosidade em seu braço direito, ainda assim eu sabia perfeitamente bem que era ela quem estava falando, a voz parecendo vir da cabeça da marionete, como se aquele pequeno monstro feito de madeira, tecido e bolinhas de gude tivesse ganhado não apenas função independente e locomoção autônoma, mas uma consciência, uma voz!

— É assim que se faz! — declarou a repugnante criatura e acrescentou com uma maldosa risada-cacarejo. — É *assim* que se faz! *Ah-hahaha-ha!*

O que diabo aquele ser estava fazendo comigo? Os outros cientistas se aglomeraram à nossa volta numa cética desconfiança daquele exercício. Lydia estava sentada de pernas cruzadas na esteira azul esponjosa sobre o chão do laboratório, e Tal estava sentada de pernas cruzadas, diretamente em frente a ela. Eu estava sentado no colo de Lydia. Assim que a marionete começou a mexer sua cabeça horrível e falar com sua voz horrível de grasnido, virei minha cabeça para longe dela, enterrando o rosto no corpo de

Lydia, que era cheiroso, seguro e quente, e pude ficar perto de seus seios, simbolizando alimentação. Em retrospecto, o boneco provavelmente não abanou os braços nem bateu palmas, não inclinou a cabeça ou falou com sua voz de pato por mais de 10 ou 15 segundos antes de Lydia mandar parar a experiência. Ela fez um sinal para que Tal parasse o que estava fazendo. Ela percebeu de imediato que, fosse qual fosse o efeito pretendido com aquela experiência (diversão?), não estava funcionando, pois eu tinha ficado com medo. Tal alcançou algo dentro de sua boca e removeu uma espécie de peça metálica envolta em saliva. Então, retirou o braço do corpo da marionete, desentranhando-a, devolvendo-a à condição de inativo saco de tecido vazio com mãos e cabeça.

Eu estava consumido pelo alívio de meu terror quando o braço de Tal virou um braço humano normal de novo, com uma mão humana normal na extremidade em vez de um horrendo homenzinho falante. O terrível homenzinho que havia falado estava novamente mole e impotente e foi levado para longe, fora de vista, onde não pudesse me importunar. Após esse incidente, creio que os outros cientistas do laboratório passaram a encarar Tal com menos seriedade do que antes.

Na vez seguinte em que eu assistia aos meus adorados Beto e Ênio em *Vila Sésamo*, Lydia me chamou atenção dizendo que até mesmo eles eram um tipo de marionete — que aquelas figuras benignas a quem eu adorava também eram marionetes, e eu não tinha medo delas, tinha? Por mais que isso fosse verdade, a grande diferença de Beto e Ênio era que os titereiros de *Vila Sésamo* faziam um grande esforço para mascarar a representação humana e o truque por trás deles. Contanto que o espectador seja ludibriado, não importava o que eles são. Eu me encontrava perfeitamente disposto a acreditar que Beto e Ênio eram reais. Estava disposto a investir toda a minha convicção neles, que eram seres autônomos, sensíveis, e não coisas artificiais criadas para imitar a aparência de

organismos reais, que ganharam movimentos para imitar vida, que ganharam voz para imitar inteligência consciente. Marionetes são apavorantes apenas quando o truque é perceptível. Também me ocorreu que um dos meus filmes favoritos na época era (e ainda é!) *Pinóquio* e trata-se de um boneco. Isso tampouco me forneceu confiança.

Principalmente porque *Pinóquio* claramente não se passa num universo que obedece às nossas próprias concepções de realidade. Isso fica evidente logo no início do filme. Este se inicia com o solitário velho fabricante de bonecos, Gepeto, criando Pinóquio de um bloco de madeira e pintando-o. Ao completar o projeto, Gepeto faz o boneco dançar (uma marionete) pela casa, para desgosto de seus dois bichos de estimação: um gato chamado Fígaro e um peixe chamado Cléo. Antes de se recolher à noite, o velho inocente olha por acaso pela janela do quarto e nota que uma nova estrela surgiu messianicamente no firmamento. Faz um pedido a ela, desejando que a marionete que acabou de fazer, Pinóquio, fosse um menino de verdade. Enquanto ele dorme, a estrela se torna uma bela mulher semitransparente que flutua para dentro do quarto através da janela e, com um toque de sua varinha mágica, dá vida a Pinóquio. Ele pisca lentamente suas pálpebras de madeira, mexe os membros de madeira e — os cordões presos à cabeça, aos braços e às pernas desapareceram — ganha vida. Pinóquio chega ao mundo já com conhecimento da linguagem, mas, por outro lado, com apenas parte de sua consciência formada. Ele é cômico, mas sem *consciência*, nada sabe das normas ou convenções morais da civilização na qual acabou de nascer. Para isso, a fada azul emprega o Grilo Falante, um inseto andarilho antropomorfo que mais cedo, por acaso, invadiu a casa de Gepeto sem ser notado, em busca de abrigo dentro de um dos muitos relógios do aposento. O inseto acha a fada sexualmente atraente. Ele, que faz as vontades da fada em parte por causa de sua atração por ela, ganha belas roupas

novas e um emprego como tutor moral de Pinóquio. A fada diz ao boneco que ele vai se tornar um “menino de verdade” se completar, como um boneco vivo, o período de uma espécie de teste moral. Dito isso, a fada vai embora pela janela e volta a ser uma estrela. Nisso, Gepeto acorda. A princípio, fica aturdido com o fato de seu pedido ter sido realizado e o boneco estar vivo, indicando que se trata de um acontecimento inesperado, mas ele se reajusta rapidamente à realidade e não demora a aceitar que Pinóquio está vivo. Logo na manhã seguinte, Gepeto decide que o boneco precisa ir à escola. Entrega-lhe um livro escolar e uma maçã para dar à professora e, sem indicações muito claras, manda-o seguir seu caminho. No entanto, Pinóquio é emboscado por uma raposa e um gato — ambos vestindo roupas e antropomórficos — que o convencem a seguir carreira no teatro. A ingenuidade de Pinóquio faz com que ele facilmente seja vítima de suas velhacarias, e a raposa e o gato vendem-no para uma vida de servidão contratual a um titereiro cruel chamado Stromboli. (Por toda a história, a maior vulnerabilidade de Pinóquio é a sua ingenuidade displicente e crédula.) Muitas aventuras se seguem, e Pinóquio, após repetidos erros de julgamento e de entendimento, finalmente se reúne com Gepeto; no fim do filme, ele é recompensado com sua transformação em uma criança humana biológica. A raposa e o gato, porém, parecem perfeitamente à vontade na esfera humana de atividades, comunicando-se com os seres humanos e até mesmo se envolvendo em transações comerciais com estes, que nunca acham de modo algum estranho o fato de eles serem animais: claramente, esse é um universo no qual a missão de Pinóquio, “tornar-se um menino de verdade”, é absurda. Ele já é antropomórfico! — o que mais ele quer? Esse é um universo no qual alguns animais são meramente animais, tais como Fígaro, o gatinho de Gepeto, e outros animais ganharam o ingresso à condição completa da percepção humana com a qual participar dos

procedimentos da civilização humana normal. Costumo imaginar o que teria acontecido com Pinóquio se ele tivesse optado não por se tornar um menino de verdade, mas sim permanecer desafiadoramente para sempre um boneco. Quando ele se torna um menino de verdade, sua nova pele humana cresce macia sobre suas nodosas juntas de madeira, e seus olhos, de repente, brilham com autêntica umidade. Ele se tornou totalmente humano, mas a que preço? Agora que trocou o corpo de madeira por um orgânico corpo de eletricidade, ossos, sangue e água, ele, presumivelmente, crescerá e se tornará um adulto que, eventualmente, morrerá. Será que Pinóquio se dá conta de que trocou um estado de imortalidade emocionalmente imatura pelo mero direito de se chamar de ser humano, embora este seja um mundo em que tal direito importa pouco no curso dos assuntos diários? Certamente, nenhuma sã consciência trocaria ouro por bronze assim! Ele apenas se deixou trapacear mais uma vez! Mais tarde, Pinóquio, como homem de verdade, terá de chegar a um acordo com as implicações totais de sua humanidade (sabedoria, morte) para concluir que condenou a si mesmo por causa do erro derradeiro que cometeu em sua pré-humana condição de boneco.

## XV

**A**o voltarmos do laboratório para casa, naquele dia — ou talvez tenha sido no dia seguinte ou no seguinte àquele —, notei que Lydia parecia estar mais animada do que de costume. Não que ela fosse sempre taciturna, mas era caracteristicamente séria. Entretanto, naquele dia ela estava num ânimo alegre, divertido, nada típico dela. Minha própria alma frágil ainda se sentia um pouco abalada por causa do meu encontro com a horripilante marionete de Tal. Era o começo da primavera. Acho que era um dos primeiros dias do ano em que não estava abissalmente frio. Por toda a cidade, os canos de esgotos murmuravam com neve derretida, e talvez, até mesmo um ou dois passarinhos esperançosos ousassem cantar um precoce réquiem para o inverno. Assim que entramos no carro, logo após Lydia colocar meu cinto e girar a chave na ignição, sua mão saltou para o rádio, ligou-o e sintonizou-o, começando a cantar a música que saía dos buracos do painel do carro. Estava de bom humor. E nos levou para casa.

Mal tínhamos fechado a porta, mal havíamos pendurado nossos casacos e chutado os sapatos, ela começou a cozinhar. Ofereci-me para ajudar. Lydia olhou para baixo, em minha direção, enquanto eu lhe estendia meus longos braços peludos com meus olhos implorando pelo mero privilégio de sua permissão para participar dessa atividade; ela sorriu amavelmente para mim, acariciou-me a cabeça e declarou que “podia cuidar de tudo”. Ela colocou música alegre em seu aparelho de som e cantou junto. De repente, a cozinha agitou-se com o som de panelas e frigideiras, com a água

sibilante, com os vapores quentes e ascendentes, com os odores de ingredientes picados liberando no ar seus perfumes biológicos enquanto a lâmina da faca cortante liberava as odoríferas substâncias químicas presas nos bulbos de alhos e de cebolas.

— Tal vem jantar esta noite — gorjeou mais alto do que o *poc-poc-poc* da faca contra a tábua de cozinha, explicando toda aquela atividade culinária.

Perguntei-lhe o que haveria para o jantar.

— Paella — respondeu.

Pelo que conhecia dela, Lydia devia ter inventado a palavra naquele momento. A propósito, ela era uma excelente cozinheira. Em geral, preparava para nós pratos deliciosos que agradavam ao meu paladar. De espaguete e almôndegas, eu gostava. De cachorro-quente, eu gostava. De macarrão com queijo, eu gostava. De sanduíche de pasta de amendoim e geleia, eu gostava. Mas *aquilo*? O que *era*, afinal? O prato que tomava forma nas mãos de Lydia parecia um contrassenso e francamente insano. A mim parecia algo que um marciano comeria no jantar, uma mistura borbulhante de feijões e ervilhas e criaturas marinhas cozidas nadando numa estranha poça amarela.

Eu mantinha as orelhas voltadas para o teto, querendo escutar os minúsculos gemidos, lamentos e os animados grasnidos dos papagaios, o que indicaria que o Sr. Morgan praticava sua gaita de foles, e talvez me deixasse ouvi-lo. Mas nada. Naquela noite em particular, o Sr. Morgan não estava praticando com sua gaita de foles. Pedi permissão a Lydia para subir e ver se ele queria jogar gamão. Ela me disse para não perturbá-lo.

Retirei-me para a sala de estar para ver TV. Não estava passando *Vila Sésamo*, aqueles desgraçados, nem meu segundo programa favorito, *Francis, o Gnomo*. Em vez das desajeitadas palhaçadas de Beto e Ênio ou das menos interessantes de Francis, o Gnomo, mas, ainda assim, boas e bem divertidas, um homem e uma mulher

sentados atrás de uma mesa falavam dos problemas do mundo. Uma chatice. Lydia me mandou desligar o aparelho quando Tal chegou.

— Olá, Bruno — disse ela, quando entrou em nossa casa, trazendo em uma das mãos uma garrafa de vinho e, na outra, perturbadoramente, um buquê de rosas verdes. Agitou com os dedos o pelo de minha cabeça. Elas se abraçaram na entrada, e Tal, que antes disso eu só conhecera como uma figura do ambiente estéril e controlado do laboratório, subitamente entrou em *nosso lar*, provocando uma colisão perturbadora entre meus dois mundos sociais, o doméstico e o profissional. Lydia pegou as flores, aparou os talos e as colocou na água num vidro de molho de espaguete lavado.

Tal abriu a garrafa de vinho que trouxera, retorcendo o objeto para abrir vinhos bem fundo no gargalo da garrafa, e sacou a rolha com um satisfatório *tump*. Derramou o rubi líquido contido na garrafa em dois cálices, os quais Lydia e Tal em seguida chocaram com um tinir cerimonial, e depois cada mulher, respectiva e simultaneamente, levou seu cálice aos lábios e deu um pequeno gole. Então, começaram a conversar, muitas cabeças acima de mim, numa linguagem complicada que eu não conseguia desenredar.

Tal inclinou-se para trás com o cotovelo apoiado no balcão da cozinha, segurando o cálice de vinho, enquanto Lydia dava os toques estéticos finais na comida que preparara. Lydia me pediu que, por favor, pusesse a mesa para três. Arrumar a mesa era uma de minhas tarefas habituais. Em geral, eu a arrumava para dois. Em geral, eu colocava dois guardanapos diante de duas cadeiras, de ambos os lados da mesa, que ficavam diametralmente uma defronte da outra, em seguida colocava sobre cada guardanapo as três ferramentas padronizadas para se comer, uma depois da outra e da esquerda para a direita, por ordem de comprimento: faca, garfo, colher; isso era “pôr a mesa”. Lydia me ensinara a fazer isso

e, em geral, eu adorava o ritual. Nessa noite, porém, nessa noite em particular, lembro que, por algum motivo, apenas larguei com indiferença vários guardanapos e um aleatório estrépito de talheres na superfície da mesa; então trepei emburrado na pilha de catálogos telefônicos em minha cadeira, afundei nela e, com os braços cruzados, esperei a comida. Lydia me olhou zangada.

— Não seja um arrogantezinho — disse ela quase em voz baixa, reorganizando os guardanapos e os talheres nos devidos lugares. — Nós temos companhia esta noite.

Naquela noite, Lydia também havia preparado a atmosfera do apartamento de um modo incomum. Acendeu várias velas, aqueles grossos e fedorentos cilindros de cera colorida, e os colocou no centro da mesa, depois desligou todas as luzes do apartamento, exceto o abajur no canto da sala. A música continuava tocando no aparelho de som — o que geralmente não acontecia quando estávamos apenas Lydia e eu jantando —, embora ela tivesse diminuído o volume até que a música tocasse apenas 1 decibel acima do que mal é registrado no espectro da audição consciente, não para ser ouvida efetivamente, mas para fornecer um melodioso leito de som sobre o qual almofadar a conversa.

Na escuridão, eu observava as três chamas luminosas das três velas sobre a mesa estremecerem e oscilarem, movimentando-se para dentro e para fora da existência. A luz pintava com suavidade os rostos das duas mulheres com tons de vermelho e amarelo de baixo para cima, e as sombras de suas cabeças mudavam de posição e dançavam nas paredes e no teto. Tal serviu mais vinho, e as duas ergueram os cálices. Olharam para mim, e repeti o gesto com minha caneca de plástico, com tampa e bico para chupar, cheia de suco de maçã. Brindamos juntos os nossos recipientes de bebidas no ar acima do centro da mesa. O contato dos cálices produziu uma bela nota aguda que repicou uma vez e rodopiou nas bordas das taças antes de a vibração morrer no silêncio. O contato

das taças delas com minha caneca de plástico não produziu qualquer som. Nós comemos.

Enquanto jantávamos, Lydia e Tal conversaram, as vozes das duas mulheres entrelaçando-se juntas numa melodiosa trança de conversação. Adorei ouvi-las conversar. Meu ânimo melhorou. O prato que Lydia havia preparado, embora ainda me parecesse desnecessariamente complexo, não estava tão ruim, afinal de contas. Eu olhava de uma mulher para a outra, para lá e para cá, enquanto falavam, escutando o ritmo de suas falas, as notas, os timbres, como o som se formava no espaço de suas bocas, como sua conversa se formava no espaço do tempo. Como música. Exatamente como canção. Naquela época, apenas alguns momentos ouvindo a conversa de duas amigas durante um jantar me ensinariam muito mais sobre linguagem do que eu aprenderia em incontáveis horas de instrução deliberada no laboratório. Acredito que as canções de amor sem letra são as verdadeiras mães da linguagem, e não a semiologia. A música precede o significado.

Sobre o que elas falaram, não consigo me lembrar com exatidão. Não entendi muita coisa. Lembro-me de que terminaram a garrafa de vinho enquanto conversavam e comiam e, então, abriram outra. Lembro-me de intuir que elas estavam, basicamente, embora talvez de maneira indireta, falando de mim. Lembro-me também de que muitas vezes pronunciaram uma palavra ou uma série de palavras que para mim soavam como "Gnomo Devorador". Claro que eu sabia o que era um gnomo, já que um deles era o protagonista do meu segundo programa de TV favorito, *Francis, o Gnomo*. Ele era retratado como uma pequena força benevolente num mundo enorme e malvado. Portanto, deduzi que falavam sobre um gnomo chamado Devorador. No entanto, pude perceber pelos tons coléricos com os quais se referiam ao Gnomo Devorador que as duas mulheres o consideravam uma criatura nociva e injuriosa, muito

diferente do ser de coração magnânimo que era Francis. Eu imaginava Devorador, como sugeria seu apelido, um gnomo predador com uma enorme mandíbula rangente, repleta de dentes brilhando de maneira maldosa, com a qual desmembra os inocentes animais da floresta e devora suas entranhas sangrentas. Lembro-me de como as duas odiavam o Gnomo Devorador. Lembro-me de ouvi-las dizer, ou acho que ouvi, que teriam de me proteger eu, Bruno, do Gnomo Devorador. Recordo-me de que mencionaram — e, quando o fizeram, suas vozes adotaram um tom quase conspiratório —, até mesmo mencionaram o nome de Norm Plumlee uma ou duas vezes relacionado ao Gnomo Devorador, como se acreditassem que Norm e Devorador talvez estivessem numa espécie de conspiração. Lembro-me de que Tal disse que lavaria a louça e, em resposta, Lydia esticou o braço pela mesa e sua mão pousou brevemente na de Tal, e que Lydia falou: “Você não precisa lavar a louça.” Recordo-me de que Tal insistiu. Lembro-me de que Lydia, enfim, aquiesceu educadamente. Lembro-me de que vi Tal diante da pia da cozinha mergulhar os pratos sujos, um de cada vez, numa poça de água com sabão e esfregá-los e lavá-los. Lembro-me de que, enquanto ela fazia isso, Lydia foi para trás dela e colocou as mãos nos quadris de Tal, e meio que a abraçou por trás. Recordo-me de ter ficado confuso com esse gesto. Lembro-me de que, por um lado, achei-o entristecedor, pois eu amava Lydia. Mas me lembro de que, por outro lado, me deixou feliz, porque Lydia estava feliz. Recordo-me de que isso me deixou feliz e triste ao mesmo tempo, e que, no entanto, esses dois sentimentos igualmente no mesmo nível, porém contraditórios, empurrando e puxando meu coração, de algum modo, não resultaram numa espécie de força líquida emocional igual a zero, pois eu simplesmente me senti normal — mas, de algum modo, suas oposições iguais aprofundaram tanto a felicidade quanto a tristeza

que eu sentia. Lembro-me de que houve sorvete de chocolate de sobremesa. *Disso* eu gostei inequivocamente.

A noite não terminou aí. Após o jantar, a louça lavada e o sorvete de chocolate consumido, elas sentaram-se no sofá de nossa sala de estar e continuaram com o vinho e a conversa. Lydia acendeu a lareira. Por um longo tempo, fiquei sentado, observando-a. Era uma coisa que eu gostava de fazer no inverno. Encarava os carvões e deixava o fogo me hipnotizar. Adorava observar as veias de fogo titilarem por uma tora, as brasas desabar, soprá-las e ver as cinzas incandescerem por dentro, como se tivessem uma pulsação, uma batida cardíaca, como animais com fogo em vez de sangue. Eu era capaz de ficar sentado ali durante horas, observando. Logo senti que o momento se aproximava, que normalmente seria hora de eu estar em minha cama, então a sensação foi a de que esse momento já se passara havia muito tempo — mas esta noite, por algum motivo, a estrutura social normal do universo tinha sido afrouxada, e eu tinha permissão para fazer o que quisesse. Continuei, portanto, sentado no chão diante do fogo crepitante, às vezes brincando com meus brinquedos, outras olhando para as brasas na lareira e imaginando ver cidades antigas serem saqueadas e incendiadas, Cartagos e Troias inteiras arrasadas e devastadas, até mesmo com os Eneias fugindo das chamas com seus pais nas costas. Com o correr da noite, as vozes das mulheres ficaram mais altas e mais alegres. Num determinado momento, lembro-me de, subitamente, detectar um cheiro muito estranho que nunca havia sentido antes. Era um cheiro ardente, delicioso, mas extremamente denso e pungente; e me lembro de como esse cheiro impregnou todo o apartamento na mesma hora. De onde eu estava sentado no chão, ergui olhos para elas e vi as duas em uma insondável atividade no sofá. Lydia sentara-se a prumo em uma das extremidades do sofá, e o longo corpo amarelo de Tal estava estendido de costas, no comprimento, com os pés sujos e descalços

apoiados no braço do sofá, e sua cabeça, com o medusoide embaraçado de agrestes cabelos negros, aninhada no colo de Lydia. Tal segurava um cigarro. Exatamente como os cigarros que meu pai usava para fumar ilicitamente no zoológico, só que esse era de um tipo grumoso e parecia ter sido produzido em casa, sem a perfeição cilíndrica de fábrica daqueles pinos fedorentos que meu pai, Rotpeter, fumava. Tal levou-o aos lábios e sugou profundamente a fumaça, e a ponta ardeu cor de laranja e crepitou quando ela o fez. A fumaça saiu devagar de suas narinas em faixas gêmeas e cinzentas. Tal passou o cigarro para Lydia, que fez o mesmo. Não creio que sequer tenham notado que eu as observava. Elas ainda conversavam enquanto faziam aquilo. Quando, revezando-se, terminaram de fumar tudo, menos um pedacinho de nada que restara, Lydia deixou que este caísse de seus dedos para dentro de seu cálice, na mesa de centro, e a partícula de fogo chiou na poça de vinho que restava no fundo da taça; o bojo imediatamente se encheu com uma eclosão de fumaça e, por um momento, as faixas de fumaça subiram em círculos dentro do vidro, como finas e planas enguias cinzentas nadando num aquário; em seguida, a fumaça flutuou para fora do cálice e se dissipou no ar acima dele.

Naquela noite, sonhei com o Gnomo Devorador. Foi um sonho sombrio. Um pesadelo. E foi assim: Lydia estava morta. Ou não, não morta, pois eu não tinha como provar isso, mas temia o pior, que ela tivesse ido embora. Certo dia, ela simplesmente se foi e não voltou mais. E saí à procura dela. Eu me perdi no mundo. Fiquei exposto a todo estrondo estridente e barulho entrópico do cosmos, sem ela, sem um guia. Por algum motivo, num determinado momento do sonho, eu estava no trem que ia para o subúrbio, penetrando bem no ventre de Chicago, mas, sem Lydia, não era legal, era horripilante: uivando pela escuridão preso dentro de uma bala apontada sabe Deus para onde, vulnerável, fraco, frágil, indefeso. Não conseguia entender o que qualquer um dizia — ou,

pior, as conversas secretas dos demais passageiros pairavam à beira da compreensão, mas nunca faziam sentido; muitas vezes se misturando numa glossolalia, um enxame de línguas falantes tão sem significado para mim como zumbidos de abelhas. Então, sem saber como tinha ido para lá, eu estava na África. Eu me encontrava no perigoso local de nascimento de meu pai, o Zaire. Corria pela selva, perdido em alguma floresta tropical fervilhante com sombras escuras, cacofonias com ruídos ameaçadores, com piados e cacarejos, num lugar onde há humanos a pé que querem me matar e me comer. Há canibais aqui; eu disse *canibais*, Gwen, porque a ideia de humanos comendo chimpanzés é como a de cães enfiando seus dentes nas barrigas de lobos! — é o equivalente a canibalismo. Encontrei outro macaco na floresta. Era meu pai, Rotpeter. Minha mãe estava com ele também. Meu pai e minha mãe. Tentei lhes dizer algo: pedir socorro, suplicar sua proteção. Mas não saíram palavras de minha boca. Eles estavam sentados no chão musgoso da floresta, catando a pelagem um do outro. Então, ouvimos um som na escuridão. Eu sabia que era o Gnomo Devorador. Alguma coisa se agitava entre as árvores. Ouvi folhas farfalhando, gravetos quebrando. Trevas. Todos os primatas têm três medos primordiais: cobras, cair de costas e escuridão. Aquilo era a escuridão. Eu sabia que o Gnomo Devorador estava em algum lugar na escuridão da selva que se descerrava a nossa volta. Senti sua presença. Ouvi sua respiração sibilando para dentro e para fora de suas narinas antes de avistá-lo. Então, vi seus olhos. Dois olhos verdes e brilhantes luziram no escuro atrás dos meus pais, acima do ombro do meu pai. Ele emergiu da escuridão. Era um homenzinho — sendo um gnomo —, mas o Gnomo Devorador era uma apavorante inversão, reversão e perversão de tudo o que era bom em Francis, o Gnomo. Sua pele era amarelo-clara, pálida e necrótica. Diferentemente de Francis, o Gnomo, que amava todos os animais, o Gnomo Devorador os detestava. Detestava todas as

coisas vivas. Sua testa larga e as sobrancelhas densamente vincadas salientavam-se sobre as verdes estrelas resplandecentes de seus olhos. Ele sorriu e olhou direto para mim, ao mesmo tempo que escancarava a boca úmida para revelar duas fileiras de dentes amolados e limosos e um pedaço de língua esfolado vermelho. Lambeu os dentes. Permaneceu atrás de meus pais, que me encaravam. Eu quis chamá-los. Quis avisá-los de algum modo. Quis apontar para o que estava atrás deles e gritar. Mas não consegui. Esse era o poder do Gnomo Devorador. Ele me roubara o poder da fala. Foi como se houvesse cimento secando em minha garganta. Eu não conseguia nem mesmo mexer a mão para apontar. O Gnomo Devorador havia roubado todos os meus poderes de comunicação. Não havia como eu alertá-los. Eu estava impotente. Simplesmente tive de observá-los serem mortos e devorados, exatamente como meu pai havia visto sua mãe e seu pai serem mortos e devorados. Vi o Gnomo Devorador rasgar com suas mandíbulas o pescoço do meu pai. Em seguida, grudou os dentes na garganta de minha mãe. Abriu suas barrigas, estripou-os e começou a chupar ruidosamente suas entranhas, comendo-os vivos. Eles estavam gritando. Acordei. Estava escuro. A princípio, não sabia onde eu estava. Meus olhos passaram rapidamente em volta do aposento, pousando a esmo em coisas que havia nele, parando nas formas escurecidas de palhaços flutuando em direção a Deus em seus balões, nos planetas de nosso sistema solar e nas sombras que projetavam suas silhuetas como desenhos para recortar da folha de luar da parede oposta. Meu abajur de ganso não estava aceso. Olhei para essas coisas, mas deixei de registrar sua importância, seus lugares na realidade do despertar, os significantes e significados todos destroçados e tornados sem sentido.

Do andar superior, diretamente acima de minha cabeça, ouvi os papagaios do Sr. Morgan baterem as asas e gritarem. Não me lembrava de ter ido para a cama naquela noite. Devia ter

adormecido por pura exaustão, ali mesmo no chão da sala, junto ao fogo. Lydia devia ter me colhido em seus braços, me carregado para meu quarto e me acomodado na cama.

Desci da cama, corri pelo quarto, segui pelo corredor escuro e entrei no quarto de Lydia. Para me certificar de que ela ainda estava ali, ainda viva, ainda minha. Vi as duas, deitadas juntas na cama dela. Lydia e Tal. Os lençóis estavam descuidadamente jogados em metade de seus corpos, mas eu podia perceber que não vestiam qualquer tipo de roupa. Estavam dormindo. Tão profunda e tão tranquilamente que mesmo minha entrada, irrompendo loucamente no quarto, não as acordou. Ouvei os suaves ritmos contrapontísticos das lentas respirações. Tal estava deitada de lado, com as mãos enfiadas debaixo do travesseiro e as pernas parcialmente dobradas. Lydia estava deitada a seu lado, com os joelhos encaixados nas concavidades dos joelhos de Tal, e sua face descansava na pele do ombro dela. O braço de Lydia envolvia o corpo de Tal, com a mão direita concheada sobre o seio esquerdo de Tal. Em seu sono, Lydia ria leve, docemente.

## XVI

**D**eve ter sido após algumas semanas que arranquei o dedo de Tal com uma mordida. Para ser bem justo comigo, ela andara fazendo algo que considere irritante. E também foi essencialmente sem intenção. Eu só pretendia dar uma mordidinha punitiva em seu dedo. Decerto não tive a intenção de *arrancar* a coisa toda.

Ultimamente, víamos muito Tal. Nas últimas semanas, ela e Lydia andavam dormindo uma na casa da outra com crescente frequência. Lydia até mesmo me levara ao apartamento de Tal, onde, certa vez, passei uma noite terrível dormindo no sofá-cama da sala de estar. O apartamento de Tal Gozani era o oposto do de Lydia. Enquanto o de Lydia era limpo e psicologicamente confortável, os aposentos de Tal eram como um tumultuado bazar cigano, onde meio que se esperava ouvir o lamento da flauta de um encantador de serpentes pairando no ar, por entre àquela bagunça de garrafas, copos, velas, bugigangas, quinquilharias, futilidades e instrumentos musicais (uma trompa, um banjo e um violão). O apartamento era minúsculo, com apenas três cômodos pequenos: um quarto de dormir, um canto encardido chamado de banheiro e uma sala de estar/sala de jantar/cozinha, que Tal também usava como oficina de fabricação de marionetes. Uma mesa de madeira pesada e tosca para trabalhar estava encostada em uma parede, acanhando o resto da mobília existente na sala. A superfície da mesa era onde ela fazia todas as suas marionetes tolas, repugnantes e horrorosas e estava entulhada com todo o tipo de ferramentas e de materiais: alicates, arames, tintas, pincéis, cola,

madeira, massa de vidraceiro, argila, tecido, tesouras, facas, martelos, sovelas, ganchos, grampos, elásticos, barbante, botões, fitas, agulhas, linhas de coser — todo um arsenal de implementos que, aparentemente, eram necessários para o negócio da produção de marionetes e que faziam a sala parecer um lugar onde elfos laboriosos fabricavam brinquedos. Nesse aposento era impossível determinar em que lugar ficavam os exatos limites de espaço, porque ele estava muito atravancado com bricabraques inúteis. E marionetes. A sala estava *lotada... de... marionetes*. Havia o boneco daquele tal de Sr. Punch que tinha me apavorado daquela forma, e sua mulher, Judy, pendurados no pino de um cabide para chapéus. Tal fez os dois tanto como bonecos de mão quanto marionetes. Havia um bufão, um esqueleto, um chef, um alienígena, uma bruxa, um marinheiro, um caubói, uma dançarina do ventre, um robô, um pirata, um cossaco, um rabino, um gênio, um cavaleiro, um rei, uma rainha, uma princesa, um toureiro e uma banda *mariachi* com três peças. Havia macacos, morcegos, tartarugas, cavalos, vacas, porcos e coelhos. Tal mantinha suas marionetes suspensas em ganchos aparafusados no teto e nas paredes, de modo que todos os seus arrepiantes homúnculos de madeira pendiam de seus fios como enforcados por toda a sala, suas expressões medonhas, seus rostos estúpidos, lustrosos e envernizados olhando-me lascivamente de esguelha aonde quer que eu fosse.

E esse era apenas o visual do lugar. E quanto ao auditivo, ao olfativo e ao tátil? Tal tinha finas varetas marrons que ela acendia com um fósforo e, lentamente, queimavam sem chama, produzindo finas cobras de cinzas em suas rasas bandejas de bronze e, enquanto queimavam, produziam odores almiscarados que se misturavam com o cheiro inconfundível dos cigarros achatados que às vezes ela fumava. Ela morava num prédio velho de madeira — tão rangente e mal vedado quanto um navio numa tempestade —, situado numa área distante da cidade na qual

acredito nunca ter estado até então. O toque final perturbador desse ambiente era que ela morava diretamente embaixo dos trilhos da linha L. Se você olhasse pela janela da cozinha, veria o enferruscado do trançado de ferro que sustentava os trilhos suspensos e, periodicamente, o apartamento inteiro estremecia e retumbava quando o trem disparava acima de nós durante a noite.

Lembro-me vagamente daquela noite. Normalmente era Tal que nos visitava em nosso ambiente muito mais agradável, e, durante essas visitas, Lydia colocava um filme infantil para mim — *Cinderela*, *Pinóquio* etc. — na televisão, o que alegremente distraía a minha atenção enquanto as duas se sentavam no sofá, se acariciando e arrulhando e, às vezes, fumando um dos cigarros brancos nodosos de Tal. Mas, por algum motivo, naquela noite, estávamos na casa dela. E, por não ser uma grande amante das frivolidades agradáveis da civilização ocidental, ela não tinha TV. Estar naquele lugar era o mesmo que estar numa loja que vende coisas caras e frágeis. Eu temia tocar em alguma coisa por medo de ser castigado se algo se quebrasse. Portanto, para me distrair, eu tinha de me contentar em vagar pelo minúsculo apartamento e examinar visualmente os objetos bizarros que havia lá. Lembro-me de me sentar com elas no sofá atulhado, descorado por fungos, cheirando a mofo e observar Tal folhear um álbum de fotografias e apontar para cada uma delas, descrevendo-as para Lydia. Havia uma porção de fotos de Tal em um lugar marrom empoeirado e desolado semelhante a uma paisagem lunar que, por algum motivo, ela continuava insistindo que era verdadeiro, embora Lydia não parecesse duvidar da prova fotográfica de sua existência. Ela disse que trabalhara num vagão de um trem de carga.

O ânimo de Lydia e Tal se tornava cada vez mais bobo com o passar da noite. A companhia de Tal tinha um efeito interessante em Lydia. Ela certamente lhe dava mais vivacidade, isso eu admito. Quando as duas estavam juntas, passavam até mesmo a adotar os

padrões de linguagem e os maneirismos gestuais uma da outra. Quando falavam ao mesmo tempo, uma praticamente espelhava a outra. Quando falava, Lydia começava a gesticular do mesmo modo que Tal, e vice-versa. Ela adotou o hábito de Tal de se sentar no sofá com as pernas cruzadas, os pés descalços enfiados embaixo do corpo, segurando os tornozelos pelo espaço triangular formado em seu colo. Elas se sentavam assim no sofá, uma de frente para a outra, e, quando a mão de Lydia adejava até o rosto para colocar um fino fio de cabelo louro errante atrás da orelha, a mão de Tal, inconscientemente, espelhava o movimento em harmonia, embora suas próprias cordas desgrenhadas de cabelo fossem grossas demais e permanecessem no lugar. Desse modo, elas falavam, riam, acariciavam a mão uma da outra, tomavam vinho e fumavam a noite toda os cigarros brancos carocudos; o ânimo das duas se tornando cada vez mais bobo.

Enfim, elas ficaram tão desastrosamente bobas que, durante a noite, após a comida e o vinho, quando Lydia e Tal passavam de uma a outra o cigarro branco nodoso, elas o ofereceram para mim. Talvez eu tenha estendido a mão na direção dele por curiosidade, e elas interpretaram isso como um pedido. Aceitei: segurei entre meus pequenos dedos borrachudos a coisa que queimava sem chama, coloquei-a entre os lábios, como vira as duas fazerem, e traguei, como tinha visto as duas fazerem, levando a fumaça quente de odor penetrante para bem dentro do meu corpo. Eu exalei e depois tossi; tossi e ofeguei e cuspi, sufocado com a fumaça. Meus olhos marejaram e minha garganta se fechou. Recuperei-me pouco depois e me senti melhor. Então, comecei a ter uma sensação totalmente sem precedentes nas minhas experiências anteriores com o mundo. Era como se eu tivesse engolido uma ova de água-viva, e agora ela crescia dentro do meu estômago, a amorfa criatura gelatinosa latejando e palpitando dentro de mim. Eu me sentia exausto, mas hiperalerta ao mesmo

tempo. A cabeça flutuava como um balão vários metros acima do meu corpo. Lydia me segurou, me enrosquei em seus braços, e ela alisou meu pelo com as mãos e beijou o topo de minha cabeça.

Então, elas começaram a brincar com as marionetes. Tiraram-nas de seus ganchos das paredes e do teto. Os dedos de Tal se cruzaram por cima e por baixo do X de madeira que controlava os membros e a cabeça de uma das marionetes — a do esqueleto — e a flácida coisa morta ganhou vida, sacudindo-se pela mão dela, a coisa subitamente recebeu o sopro da vida. E tinha até mesmo uma personalidade evidente. Os ossos ganharam vida e dançaram, como na visão de Ezequiel. Dessa vez, eu estava ciente o bastante de que o boneco não era uma criatura de verdade e me contentei em observá-lo sem sentir muita palpitação desvairada em meu coração. Um dos instrumentos musicais que Tal tinha em seu apartamento era um violão. Não me lembro como ele foi parar nas mãos de Lydia, mas, de repente, estava lá. Havia muitas coisas que eu não sabia sobre ela, coisas sobre as quais nunca havia pensado porque estavam muito além de minha concepção do que era até mesmo possível. Uma dessas coisas que eu nunca soubera era que Lydia sabia tocar violão. Ela soltou uma risadinha nervosa quando segurou o objeto em seus braços, se justificando, pedindo desculpas pelo modo como tocava, antes de começar a tocar, dizendo que não fazia isso havia anos, e assim por diante. Tal disse não seja modesta, não me importo, vamos ouvir você tocar. Não posso tocar, respondeu ela. Lydia o dedilhou uma vez e franziu a testa, pois estava muito desafinado. Ela fez ressoar uma corda, com a cabeça inclinada na direção do corpo dourado de madeira oca, seu cabelo pendendo acima do buraco no meio dele. Ela escutou, de olhos fechados, concentrada, e, com a mão esquerda apertava e afrouxava as tarraxas na longa extremidade do instrumento enquanto checava e equilibrava a frouxidão ou a tensão das cordas, atingindo-as delicadamente com o nó do polegar. Tal esperou Lydia

afinar o violão com a marionete do esqueleto enrugado a seus pés, uma pilha de ossos de madeira pintada, e eu observava. Quando achou que o instrumento estava afinado, Lydia voltou a dedilhar o violão, e a animada nota cheia ressoou bem alto e desvaneceu, e, com isso, o esqueleto se ergueu do chão. Lydia começou a tocar uma música no violão. Fiquei surpreso com o modo como seus dedos delgados, fortes e ágeis espremiavam notas daquela delicada máquina de madeira e cordas. Era uma música alegre, um ruído alegre. No chão, o esqueleto resolveu dançar ao som da música. Alguma coisa relacionada à combinação entre música e titeragem e os efeitos do cigarro branco grumoso não me assustou, mas me deixou paralisado. As gargalhadas das duas mulheres, os estalidos do esqueleto de madeira dançando como um dervixe ao som do violão do qual as mãos de Lydia tiravam uma série de ruídos sublimes: era hipnotismo. Em pouco tempo, havia dois X de madeira nas mãos competentes de Tal e agora havia duas criaturas dançando no chão de seu apartamento ao som do violão: a dançarina do ventre — as faces rosadas, coberta com véus diáfanos e pele reluzente — agora dançava com o esqueleto, representando Eros e Tânatos respectivamente; sexo dançando com a morte. Naquele momento, um demônio dançarino entrou em mim. Agora eu, Bruno, estava dançando com os bonecos: eu era um emaranhado de finos membros cabeludos, pulando e guinando, se não ao mesmo tempo, pelo menos, próximo disso, com as marionetes, como se elas fossem meus semelhantes vivos; pois, naquele momento, por mais que eu soubesse que eram corpos artificiais de madeira sem cérebro (o único cérebro que possuíam era por procuração de sua manipuladora e criadora), por um longo momento, a música e o movimento deles me fizeram aceitar completamente os bonecos como seres conscientes. Dançávamos cada vez mais depressa, as marionetes estalando e chocalhando a minha volta, o violão ressoando, os trens estrondeantes passando

pela janela na escuridão, as vozes das duas mulheres rindo sem parar, e eu, com meu corpo e minha mente num sonho febril acordado, num transe.

Quando Lydia não conseguiu mais tocar o violão, quando os dedos e os braços de Tal ficaram exaustos de fazer os bonecos dançarem e quando os meus próprios braços e pernas ficaram dormentes de fadiga, todos desabamos juntos. Lydia e Tal desabaram no sofá. Eu, no chão. As marionetes também desabaram no chão. Por um tempo (quem sabe quanto? Cronos fora assassinado por uma noite), ficamos todos ali, ouvindo o ronco ocasional do trem do lado de fora da janela da cozinha: Lydia e Tal afogueadas e ofegantes de tanto rir, Bruno arquejando no chão, o violão dormindo silenciosamente no colo de Lydia e as marionetes caídas imóveis junto a mim com suas cordas bambas em volta de seus corpos amarfanhados.

Quando chegou a hora de dormir, Tal empurrou o encosto do sofá, que se tornou uma cama plana e desconfortável. Um cobertor e um travesseiro me foram dados para reproduzir as condições que eu tinha em casa. Lydia me beijou e me ajeitou naquela cama provisória. O mundo era como uma panela de guisado grande e quente na qual eu enfiara a cabeça. Então, Lydia juntou-se a Tal no quarto. No escuro, a luz alaranjada feia e turva que vinha da iluminação da rua rastejava pela sala, projetando as sombras das marionetes na parede oposta. De tempos em tempos, um trem rugia acima de nós. Os trilhos sacudiam, as rodas do trem rilhavam nas linhas guinchantes e berrantes, a casa toda balançava, estrondeava, e todas as marionetes penduradas do teto ganhavam vida e começavam a dançar à ordem das reverberações do trem na noite. Seus braços, suas pernas e suas cabeças sorridentes e com os dentes arreganhados, dançavam e se agitavam, os membros de madeira estalavam e tiniam juntos enquanto dançavam. Quando, finalmente, adormeci, meu sono foi agitado e espasmódico, e sonhei apenas com homenzinhos de madeira, de dentes

arreganhados, dançando no teto. Aquele era um lugar onde o sonho sempre oscilava no fio da navalha do pesadelo. Lydia nunca mais me levou novamente àquele lugar.

---

O incidente da mordida do dedo, porém, ocorreu certa manhã no laboratório. Por algum motivo, eu havia dormido muito mal na noite anterior, não me lembro por quê. Mas, de qualquer modo, eu estava grogue e irascível e particularmente não ansiava pelo dia de trabalho à frente. Fazíamos uma experiência qualquer; creio que tinha a ver com novas instruções orais para se manipular vários objetos de diversas maneiras. Lydia estava fora, fazendo outra coisa. Não sei por que, mas ela não estava no recinto. Tampouco Norm. Lembro-me de que eram apenas Tal e Prasad na sala comigo. Ela estava sentada comigo na minha esteira azul esponjosa atrás da parede de vidro que dividia o domínio dos humanos do domínio dos macacos. Prasad estava do outro lado do vidro, sentado a uma das mesas do laboratório, tomando uma xícara de chá e examinando uma papelada. Tal segurava uma caixa de passas.

Bem, eu gostava de passas. Mas não caía de amores por elas. Tal me alimentava com elas, uma para cada tarefa completada com sucesso. Acho que isso foi antes de Norm orquestrar o complicado sistema copiando o capitalismo com as fichas numeradas. Devo estar lembrando incorretamente quando isso aconteceu, Gwen, porque, caso contrário, Tal não estaria me atraindo com recompensas diretas de comida. Ou talvez, secretamente, ela nutrisse algum desprazer pessoal moral ou filosófico contra o sistema de fichas com valores de Norm e, portanto, não o usava quando Norm não estava por perto, o que também é perfeitamente possível. Agora que me recordo disso, lembro-me de que Tal também optara por não usar a amedrontadora máscara metálica de

soldador que Norm insistia que os experimentadores usassem quando me pediam para executar suas tarefas estúpidas; portanto, talvez tenha sido esse realmente o caso.

— Ponha um pouco de *sabão sobre a bola* — dizia ela, tomando cuidado especial para enfatizar os substantivos e as preposições. Naquela época, era muito importante usar as preposições corretas comigo. E eu pegava uma garrafa de sabão líquido para as mãos e, obediente, esguichava um pouquinho dele no topo da minha bola de praia inflável amarela. Tarefa realizada, e Tal me dava uma passa melada. *Uma* passa. As outras criaturas teriam de cantar para ganhar um jantar? Eu nem mesmo estava com fome. Peguei a passa na mão dela e coloquei-a a meu lado, para consumo futuro.

— Não quer a passa, Bruno? — perguntou ela.

Balancei a cabeça. Eu, de fato, não queria a passa naquele momento. Tal continuou com a experiência.

— Coloque o *sapinho dentro da geladeira*.

(Havia uma pequena geladeira no laboratório; o sapinho era um sapo de borracha que chorava quando o apertavam.) Escravo desvalorizado que eu era, coloquei o sapinho dentro da geladeira. Tal mergulhou os dedos nas profundezas da caixa de passas e a remexeu em busca de uma. A caixa era daquele tipo vermelho com a gravura de uma bela garota com cabelos negros saindo de seu gorro, carregando nos braços um cesto repleto de passas, de costas para um resplandecente sol amarelo que se erguia atrás dela. Ouvi o som de seus dedos chacoalhando as passas contra as paredes internas da fina caixa de papelão. Finalmente, ela retirou uma de dentro da caixa e a estendeu para eu apanhá-la.

*Agora, por que, pergunto, eu iria querer a porra de outra passa?* Eu *tinha acabado* de dizer a *ela* que, na verdade, não queria nem mesmo a primeira! Ela estendeu a mão com a triste coisa preta gomosa rolando na concha de sua palma como um pequeno pedaço

de cocô. Eu não queria aquela. Nem mesmo para guardar. Afastei a mão dela com um empurrão.

— Bruno — disse ela. — Vamos. Pegue a passa.

Balancei a cabeça.

— Está bem, Bruno — disse ela improvisando e comeu a passa.

Estaria ela tentando me causar inveja? Estaria tentando me fazer desejar a passa do próximo? Estaria querendo que eu pensasse: *Sua vadia desprezível! Como ousa comer a minha passa? Se era isso que ela estava querendo, não ia acontecer. Não me importava. Eu já tinha minha própria passa.*

— Bruno — disse ela. — Por favor, dê um pouco de *água* para sua flor.

Pois bem, o que tornava todas essas tarefas enlouquecedoras era sua pura inutilidade. Por “minha flor”, ela indicava uma flor amarela feita de um tecido sintético fino colocada sobre um talo de plástico verde que brotava de um vaso de flores de plástico cheio de terra feita de borracha. Era um objeto desprezível. Que impulso demoníaco inspira a humanidade a fabricar tristes imitações de borracha dos mais simples artigos de beleza natural? A terra no vaso era repugnantemente irreal, mas a flor em si quase poderia enganá-lo, até, é claro, você tocar suas pétalas e seus dedos ficarem rudemente chocados pela textura quebradiça do sintético quando você esperava o franco e úmido beijo da vida honesta. O que ela queria que eu fizesse era pegar um regador, que continha um pouco de água, e a despejasse, pelo pescoço poroso do objeto, na terra de borracha; uma imitação trágica do que seria uma doação de alimentação a uma coisa viva — se ao menos a coisa fosse verdadeira.

Com os membros indolentes e entediado, relutando a cada passo, levantei-me, fui até onde estava o regador, arrastei-o com uma das mãos pelo chão atrás de mim, retinindo-o e batendo-o, enquanto avançava, a água chapinhando lá dentro e espirrando para fora

formando poças aqui e ali, e coloquei seu bico no vaso de plástico, sofrendo submisso para “regar” a terra falsa.

— Bom *trabalho*, Bruno! — Tal bateu palmas duas vezes em aprovação. — Muito bom!

Então vasculhou a caixa de passas e me ofereceu outra.

Balancei a cabeça.

— Não quer uma passa? — perguntou, enfiando-a na minha direção. — Passas são gostosas. Elas fazem bem.

(Ah-*há!* Agora eu entendi, Tal. Você está me alimentando com passas porque está preocupada com minha *saúde*. Porque está preocupada que eu sempre use as fichas que ganho no laboratório para comprar só porcaria, M&M, os marshmallows e balas que Norm tem a oferecer, todas aquelas maravilhosas coisas doces pegajosas de que, por acaso, eu *gosto*, ao mesmo tempo que ignoro totalmente as nozes e os vegetais e o seu doce “natural”, *as passas!*)

Tal ergueu a passa, desafiadoramente comprimida entre o dedo médio e o polegar e guiou essa passa, esse escurecido corpo mumificado de uma uva, em direção a meu rosto, em direção a minha boca fechada, parando a poucos centímetros dos meus lábios, e a manteve ali. Devagar, lentamente, levou-a até minha boca, até a própria passa tocar meus lábios. Abri a boca e em seguida fechei. Quando fiz isso, tanto a passa quanto o dedo médio da mão direita de Tal ficaram dentro de minha boca. Por um instante, o dedo de Tal esteve entre minhas fileiras de dentes superiores e inferiores. Então não estava mais.

Nunca em minha vida eu havia feito algo fisicamente violento para um humano e nunca faria de novo, exceto por alguns poucos lapsos, inclusive o único assassinato que cometi e que acabou me trazendo para este lugar, mas falarei disso depois.

Sim, houve gritaria. Sim, houve sangue. Sim, Tal olhou, horrorizada, para baixo na direção do toco onde o último e o

penúltimo segmentos de seu dedo médio direito costumavam estar. Sim, ela ergueu a mão para a luz e olhou-a com uma expressão que denunciou a princípio mais espanto do que dor física, como se imaginasse onde estavam as outras duas juntas de seu dedo que apenas um momento antes estivera seguramente preso ao segundo nó. Sim, ela a manteve erguida desse modo, os olhos arregalados, horrorizada, contra o frio bruxuleio das luzes fluorescentes que iluminavam o laboratório. E, sim, apenas um breve momento, apenas uma fração de segundo depois, o sangue começou a borbulhar de seu dedo e, uma fração de segundo depois, começou a esguichar de sua mão, quase como do bocal de uma mangueira. Sim, o sangue quente que encheu minha boca tinha um gosto amargo, metálico. Não, não o engoli.

No mesmo instante, seguiu-se um período de grande tumulto e confusão. Para completar a loucura do momento, o ponteiro dos minutos tinha acabado de passar para o lado esquerdo do relógio e ultrapassado o das horas, o que significava que todas as turmas do prédio estavam sendo dispensadas praticamente na mesma hora e, agora, os corredores abaixo de nós tinham subitamente ganhado vida com murmúrios e centenas de sapatos se arrastando pelo chão.

Prasad lhe fez um rápido curativo com o estojo de primeiros socorros do laboratório. Havia muita gritaria. Alguém chamou uma ambulância. Por um curto espaço de tempo, alguém aos berros perguntava onde estava o dedo.

— Ainda está na porra da *boca* dele — guinchou Tal, aninhando no peito a mão, envolta em gaze e novamente em sua torcida e ensanguentada camiseta.

Tentaram me pegar, mas eu era rápido demais para eles! Na confusão, corri em volta da sala como um louco, gritando, agitado, trepando nas mesas, revirando a mobília, quicando nas paredes, causando um tumulto de proporções mundiais. Havia gritos por

todos os lados. Lydia, que, em algum momento, se materializara na sala, gritou para todos:

— *Fora!* — ordenou. — Saíam todos! Eu cuidarei disso!

— Tem certeza? — disse alguém. — Ele é perigoso...

— *Vão. Vão!* Saíam! Eu cuidarei disso.

Todos os outros cientistas se afunilaram para passar pela porta em direção ao corredor, conduzindo Tal, que agora estava pálida com a perda de sangue e com medo, ainda segurando a mão ao peito, para fora da sala. Saíram. A porta se fechou atrás deles. Eu estava escondido debaixo de uma das mesas do laboratório. O aposento estava silencioso exceto pelo som de todos os alunos se acotovelando nos corredores dos andares abaixo de nós.

— Bruno — chamou Lydia. — Bruno. Venha cá, por favor.

Eu não sairia.

— Não se preocupe. Eu não mordo — disse ela, perfeitamente ciente da ironia.

Lydia me encontrou aconchegado debaixo de uma mesa. Ela estava de quatro no chão. Rastejou na minha direção e, então, sentou-se, cruzou as pernas e deu palmadinhas no chão diante de si. Sua expressão era amável, mas, por seus olhos, eu podia perceber que estava furiosa comigo.

— Venha cá — sussurrou. — Venha para mim.

Saí desajeitadamente de debaixo da sombra da mesa e sentei-me em seu colo. Ela me abraçou, beijou o topo de minha cabeça e alisou meu pelo. Eu estava tremendo.

— Shhhh... — fez ela. — Shhhh...

Gradualmente, minha tremedeira foi parando. Ela colocou a mão em concha debaixo de minha boca. (Lembre-se, Gwen, do episódio com o pêssego.)

— Por favor, Bruno — disse ela. — Dê aqui. Cuspa.

Deixei o dedo cair de minha boca. Empurrei-o com a língua, e a pequena coisa sem vida — e a passa com ela — caiu de minha boca

para o berço de sua palma, ainda presa a meus lábios por um grudento fio de baba.

— Obrigada, Bruno — disse ela, e fechou a mão sobre a coisa.

Então me ergueu, me colocou no cercado murado pelo vidro grosso e fechou a porta. Fui de boa vontade. Eu sabia que tinha errado. Que havia pecado. Ela trancou a porta. Eu comecei a chorar.

— Você foi mau — disse ela. — Você foi muito, muito, *muito* mau. Cuidarei de você depois, Bruno. Agora tenho de ir.

Lydia virou-se e saiu, segurando com firmeza o dedo em sua mão. Deixou a sala às pressas, mas, ao sair, lembrou-se de desligar as luzes. Ninguém voltou ao laboratório durante o resto do dia.

Ela precisava do dedo porque tivera em vão a esperança de que um médico conseguisse reimplantá-lo. Muito tempo depois, ela me diria que, de fato, os médicos tentaram prender o dedo de volta. Ela me disse que, embora eles tivessem implementado todas as feitiçarias da medicina moderna disponíveis, no final das contas fracassaram na tentativa do reimplante. Em retrospecto, fico imaginando que efeito a perda do dedo do meio e o mais longo da mão dominante de Tal Gozani deve ter tido em sua carreira de titeragem.

Tal deixou de trabalhar no laboratório depois disso e parou de visitar Lydia em nossa casa. Creio que o laboratório estava juridicamente protegido, pois tinha uma política de exigir que todos que fizessem pesquisa com animais potencialmente ferozes como eu — e não somos todos “animais potencialmente ferozes”, Gwen? — assinassem algum tipo de desistência afirmando que não entrariam com um processo se acontecesse algo semelhante àquilo. Se ela tivesse condições de entrar com um processo e tivesse resolvido fazê-lo, então tenho certeza de que teria sido a sentença de morte do projeto. Norm já vivia enrolado o suficiente com a falta de verbas. Talvez eu fosse devolvido, Deus me livre, ao zoológico. Após o incidente, todos, quer dizer, menos Lydia, que trabalhavam

no laboratório se comportavam com um pouco mais de nervosismo em relação a mim, dedicavam-me um pouco mais de respeito, ou cautela, eu não sabia qual dos dois, mas, no fim das contas, isso não importa mais.

Todos, menos Lydia. Ela parecia entender. Até mesmo me perdoar. Isso deve ser esperado nesse tipo de trabalho. Chimpanzés mordem. Se você não aguenta primatas, dê o fora da primatologia, é o que eu digo. Eu realmente não me culpo por isso de modo algum; não sou tão cruel assim.

Como resultado desse infeliz incidente, tive de dormir de novo naquela porra de laboratório por algum tempo, depois disso. Não sei se foi um castigo intencional ou o quê. Não me lembro se foram dias ou semanas. Isso foi, em grande parte, porque, pelo menos por algum tempo, nem mesmo Lydia confiava em mim para que eu me comportasse de modo apropriado no ambiente doméstico humano.

O resultado desse arranjo provisório foi que passei a ver Haywood Finch novamente. Havia muitos meses que eu não via meu amigo e, naquela primeira noite da minha volta noturna ao laboratório, lembro-me do súbito surto de alegria que senti no peito quando ouvi o conhecido som de sua caminhada, pisando forte e gingando pelo corredor, o *kLOMPa-whap-SHLINK kLOMPa-whap-SHLINK* de suas botas, sua corrente, sua argola com muitas chaves, quando vi a obscura sombra de sua forma granulosa assomar naquele vão de porta familiar, atrás do painel de vidro fumê da porta da sala 308: LABORATÓRIO DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL. Ele abriu a porta e produziu um estalido ao ligar as zumbidoras luzes fluorescentes, as quais, aos poucos, se acenderam, *nzt-nzt-nzt-nzzzzzzzzzzz*.

— *Haywood!* — guinchei.

— *Bruno!* — berrou ele.

Naquela noite, Haywood até esqueceu sua rotina. Estava tão feliz em me ver novamente. Naquela noite, ficamos sentados no laboratório, separados pela parede de vidro, e urramos nossas

linguagens inarticuladas um para o outro até quase o início do amanhecer.

A propósito, nunca mais, depois disso, comi uma só passa. Elas me dão vontade de vomitar. Odeio passas.

## XVII

**N**unca esquecerei o dia em que Lydia, em uma de nossas saídas, me levou ao Museu do Instituto de Arte de Chicago. Naquele dia, todo o potencial adormecido de brandura e leveza enterrado bem fundo em alguma fenda vulcânica da alma de Bruno irrompeu para a superfície, espalhando fogo, fogo!

Esse dia é importante, Gwen, porque, naquele dia, eu me tornei um artista. Já haviam se passado alguns meses desde o incidente da mordida. Estávamos no verão de novo. Foi uma ironia selvagem ter havido de fato um pequeno embate nos degraus do museu, naquela manhã, entre Lydia e um segurança, um rústico idiota, com um uniforme criptofascista cheio de botões brilhantes, alegando ser funcionário do museu no que dizia respeito à questão se era ou não permitido o ingresso de um chimpanzé naquele templo de Mistérios Eleusinos, um museu de arte. Intolerância! Justamente quando eu pensava que Lydia e aquele gestapiano poderiam ir às vias de fato, algum figurão da burocracia do museu intercedeu na discussão como árbitro de uma terceira parte, e, finalmente, foi determinado que minha admissão era permitida, seguindo as restrições às quais eu deveria estar sujeito o tempo todo: (um) preso a minha correia e (dois) ou segurando a mão de Lydia ou sendo fisicamente carregado por ela, o que, para mim, era ótimo, pois não havia outro lugar no mundo em que eu gostasse mais de ficar do que pendurado no pescoço de minha Lydia.

Os primeiros quadros a realmente me excitar foram os muitos nus femininos: reclinado, de pé, banhando-se, dormindo, descendo

escada, chapinhando em riachos ou torcendo água de rio dos cabelos, em cima de conchas, brandindo espadas e pratos de balança em trípticos alegóricos enquanto suas vestes diáfnas escorregam de modo provocativo de seus ombros, des pudoradamente vadiando em vários estados de nudez nos haréns turcos da sensual imaginação europeia, e aquele belo Manet da prostituta mal-humorada reclinada sobre uma pilha de almofadas de seda, uma das mãos plantada sobre a virilha e de sapatos... Claramente os Grandes Mestres (masturbadores) da História da Arte eram também irresistivelmente fascinados pelo mesmo tema que então fascinava Bruno e continua a fasciná-lo: a mulher humana despida. Eu não conseguia me conter! Queria foder todas elas! Eu queria foder a Olympia de Manet e a Vênus de Botticelli, eu queria foder a Maria Madalena na sua gruta e aquela amputada Vênus de Milo, que agora não tinha nada para evitar que aquele lençol caísse; eu também queria foder todas as deusas de peito nu nos trípticos alegóricos, eu queria foder Justiça e foder Paz e foder Fidelidade, e até mesmo esperava no pé da escada para que o nu terminasse sua descida, onde eu a abriria com a chave do meu desejo da prisão prismática de Duchamp! Após passar primeiro pelas coisas clássicas, depois pelos objetos torturantes da luxúria dos maneiristas italianos e em seguida pelo Romantismo francês do século XVIII — mantos, togas, túnicas e lençóis desfraldados à esquerda e à direita para expor rosadas faixas roliças de pele humana luminosa que quase se podia cheirar e provar na pintura —, chegamos aos Impressionistas: os dois de que eu mais gostava eram certamente Van Gogh e Gauguin.

Gauguin porque todas aquelas doces e roliças prostitutas polinésias com a pele cor de mel voltaram a inflamar minha libido após eu ter sofrido com uma porção de imagens insípidas e embotadoras de flores, legumes, peixes mortos e outras porcarias semelhantes.

Mas Van Gogh! Van Gogh, porque ele é um gênio. Foi o primeiro pintor que admirei por motivos puramente platônicos. Meu Deus, as paisagens de Van Gogh! Sabe todas aquelas imagens bucólicas do vento soprando nos ciprestes em encostas cobertas de grama no sul da França? *Que* bucólicas? São as pinturas bucólicas *menos* bucólicas que você jamais verá. Tudo na paisagem está trepidando, chocalhando, sibilando e berrando! Aqueles quadros não são bucólicos! São cheios de pranto e ranger de dentes.

Chegamos, então, aos Modernos, dos quais eu também gostava, mas de um modo diferente. Naquele dia, fiz um curso intensivo de História da Arte Ocidental e as investidas do século XX no reino do imoderadamente abstrato me chocou no mesmo dia em que também fiquei chocado com o conceito, o próprio conceito da representação da forma tridimensional em qualquer tela que seja. Vi Picassos, Matisses, as caixas coloridas de Mondrian, as *psychoscapes* acidentais de Jackson Pollock, os retângulos de cores sutilmente definidos de Rothko. Sim, sim, disse Bruno para sua alma. É isso aí. Essa coisa é o melhor do melhor de ser humano.

Nós nos demoramos no museu até o fechamento, de tão relutante que fiquei em deixar aquele lugar. Naquele dia, ao chegarmos a nossa casa, consegui comunicar a Lydia, através de um punhado de gestos esforçados e elocuições rudimentares, que havia encontrado minha vocação: queria pintar.

— Você quer desenhar figuras como as que vimos hoje no museu? — perguntou ela.

Sim, afirmei, concordando com a cabeça. Sim, sim, sim.

Logo no dia seguinte, Lydia — essa inexaurível fonte de benevolência humana —, foi a uma loja e comprou para mim um bloco com folhas grandes para desenho e alguns materiais de arte: lápis de cera, canetas, guaches, uma caixa de canetas hidrocor.

Lápis de cera nunca bastaram para mim. Constato que a imagem de um lápis de cera por si só é praticamente uma sinédoque de

infância, mas, no uso prático, achei-os simplesmente insuficientes. Detestei o modo como as pontas ficavam rombudas quase que imediatamente. Não gostei da qualidade bruta das linhas que eles traçavam sobre o papel nem da sensação ou da textura e eu detestava quando suas pontas recuavam para o invólucro: o som do invólucro do lápis de cera roçando no papel em que eu desenhava nunca deixava de me importunar com um sobressalto e um arrepio. Não! — Para o inferno com os lápis de cera! *Eu* era um homem de hidrocor.

A caneta hidrocor foi meu primeiro instrumento, Gwen, e ainda a acho fantástica. Há um cheiro divertido quando você abre uma caneta hidrocor, a pontuda extremidade úmida, a sensação da coisa sangrando tinta na página por você, tão macia, tão vibrante: a mudança que uma pessoa desempenha sobre uma folha de papel em branco é tão material, tão agradavelmente concreto e direto. Aqui está um campo nu de branco virginal; agora tire a tampa de uma caneta hidrocor de sua cor favorita, arraste-a sobre a página e — *shuuup!* — agora há nele um violento traço de cor, o imediato efeito visível de sua própria ação física, ha, ha, *ha!*

Os primeiros trabalhos de minha obra foram, na maioria, não realistas e imoderadamente expressionistas. Eu criava uma imagem que era uma mistura louca de linhas vermelhas com um borrão feio enlameado bem no meio onde o jovem Bruno havia experimentado com rabiscos todas as canetas de cores diferentes do estojo, uma por cima da outra, até o papel ficar ondulado e enrugado com a umidade de tanta tinta, e em seguida o título do quadro: "Sapato". Ou, então, batia na página uma caneta hidrocor uma dúzia de vezes, como se fosse uma britadeira, para criar uma constelação de borrões verdes salpicados, depois os unia com trêmulas linhas azuis, rabiscava a coisa toda com o hidrocor laranja e a intitulava (apenas por simpatia) "Lydia".

Eu desenhava o dia inteiro, praticando sempre, flutuando entre resmas de papel de rascunho e muitas, muitas caixas de caneta hidrocor. Aperfeiçoei-me logo, aprimorando igualmente técnica e concepção. Durante esse período de acelerada maturação mental, quando não estava estudando linguagem com Lydia ou assistindo aos meus adorados Beto e Ênio em *Vila Sésamo*, eu desenhava. Em pouco tempo também peguei o jeito da forma realista, e agora desenhava tudo o que havia na casa: imagens da mobília, estudos de vários aposentos, retratos de pássaros e esquilos que via no quintal, imagens de meu abajur de ganso visto de vários ângulos, autorretratos desenhados por meio espelho, retratos de Beto e Ênio que desenhei estudando suas imagens na televisão, e centenas, centenas, centenas e centenas de retratos de Lydia.

E ela apenas alimentou e encorajou minha atividade artística, Gwen. Prendeu na porta da geladeira com ímãs alguns dos meus melhores trabalhos, e Bruno ficou orgulhoso. Ela datava e catalogava meticulosamente o restante e guardava tudo num armário para futura análise científica. Após eu dominar o hidrocor em papel, ela comprou para mim um estojo de tinta acrílica e pincéis e transformou meu antigo quarto no meu estúdio. Eu a ajudei a pintar de branco as paredes, a instalar a iluminação montada em trilhos e a arrancar o carpete para eu não ter de me preocupar em sujá-lo com minhas tintas. Mas exigi que ela deixasse o abajur de ganso e o móbile do sistema solar exatamente onde estavam: eu gostava de olhar para eles.

Digo “meu antigo quarto” porque eu já estava dormindo com Lydia. *Não*, por Deus, não pretendi dizer isso eufemisticamente, Gwen. Ainda não. Eu quis dizer que nós literalmente dormíamos juntos na grande e confortável cama queen size do quarto dela. Por quê? Pesadelos. Meus pesadelos não tinham desaparecido completamente. Além disso, às vezes os papagaios do Sr. Morgan me mantinham acordado à noite, embora eu soubesse que seus

gritos eram benignos. Quanto aos meus pesadelos: todo mundo tem demônios vivendo dentro de si. Lydia tinha suas dores de cabeça recorrentes, e eu tinha meus pesadelos. Das dores de cabeça de Lydia falarei daqui a pouco; por enquanto, falarei dos meus pesadelos. O Gnomo Devorador era uma figura recorrente neles. Quase todas as noites ele roubava minha voz e devorava meus pais na selva. Eu estava tendo cada vez mais esses pesadelos à medida que aprendia linguagem. Às vezes ainda os tenho. Certamente eu havia sonhado com isso antes, mas só passei a notá-los depois de começar seriamente a adquirir linguagem. Talvez seja assim porque os sonhos de animais não são muito diferentes de suas vidas quando estão acordados. Tanto em sonho quanto em vigília, num animal tudo é imediato, tudo acontece ao mesmo tempo, tudo é novo e nada é explicável. Isto é, de um animal que já tem consciência, mas ainda não possui linguagem articulada. Posso assegurar a vocês, humanos, que, quando sonham, vocês estão mais próximos da consciência de um animal pré-linguístico. É por isso que sentimos que precisamos retroativamente determinar significados ao que vemos em nossos sonhos e pesadelos. Porque nós, e refiro-me aos humanos, somos fabricantes de significados. Não descobrimos os significados de coisas misteriosas, nós os inventamos. Fabricamos sentidos porque o sem sentido nos aterroriza mais do que tudo. Mais do que cobras, até. Mais do que cair, ou do que o escuro. Enganamos a nós mesmos em ver significados em coisas, quando, de fato, tudo o que estamos fazendo é enxertar nossos significados no universo para nos consolar. Deslizamos pelo caos do universo com nossos símbolos. Admitir que algo não tem significado é o mesmo que cair de costas na escuridão.

Houve uma ocasião, eu me lembro, quando acordei gelado de suor no meio da noite. Corri para o quarto de Lydia, tremendo e chorando de medo. Ali estava ela. Acordada. Completamente

desperta no meio da noite. Ela estava meio que sentada na cama, o rosto contorcido numa forma bizarra que eu nunca vira antes num ser humano de verdade, apenas em pinturas. Lydia mantinha uma das mãos sobre a boca e seus ombros tremiam. Ela estava chorando. Eu nunca vira antes um humano chorar. Foi apavorante.

Ela se assustou quando me viu parado na porta de seu quarto, e eu também me assustei quando vi seu rosto, mas então ela fez um sinal para mim para vir aqui, venha cá, Bruno. Pulei para a cama dela, e nos abraçamos.

Naquela noite, ela secou todas as suas lágrimas. Aconcheguei-me contra seu peito, com meus braços em volta de seu corpo quente, e creio que eu a acalmei e fui acalmado por ela. Acordamos juntos na manhã seguinte, o sol fatiado pela persiana, projetando listras laranja luzentes através de nossos corpos sobre a cama. Minha cabeça sobre o travesseiro ao lado do dela, seus cabelos amarfanhados pelo sono, seus olhos, com remelas ainda grudadas nos cantos, se abriram para enxergar a primeira coisa do dia e me viram deitado a seu lado, e seu sorriso ao me ver ali... palavras me faltariam se eu ao menos tentasse lhe transmitir a importância daquele momento em minha vida.

Assim, meus pesadelos me impeliram para o conforto da cama de Lydia, noite após noite, até que ela, finalmente, cedeu e simplesmente deixou que eu dormisse com ela o tempo todo. O consolo da comunhão com outra criatura viva. Sua cama agora era *nossa* cama.

Foi quando Lydia desmontou o quarto infantil onde eu dormira nos últimos dois anos, mais ou menos, e o transformamos em meu estúdio. Com seu corpo quente deitado a meu lado, meus pesadelos se tornaram cada vez menos frequentes e, eventualmente, sumiram de vez, exceto por incidentes isolados de vez em quando.

E havia o divertido ritual de “Ir para cama”: após Lydia ler para mim a nossa última história, era hora de dormir para Bruno, e para Lydia também. Ela ia ao banheiro e logo em seguida saía de pijama, depois escovávamos os dentes juntos diante do espelho e cuspiamos a pasta na pia. Ela ajustava o despertador e subíamos na cama, ela do seu lado e eu do meu. “Boa noite”, dizia ela todas as noites, “durma até não mais poder, mas não deixe os percevejos lhe morder!” Em seguida eu repetia esse encantamento com a mesma entonação, embora não fizesse ideia do que significava aquela cantoria, então dormíamos. Pela manhã, à nossa espera, havia o ritual de “Levantar”: nos revezávamos no chuveiro: eu havia adquirido o gosto pelo hábito humano de se banhar quase todos os dias. Ela tomava seu banho e depois se vestia enquanto eu tomava o meu. Assim que me vestia, eu a ajudava a fazer a cama. Arrastávamos juntos a colcha e a colocávamos no lugar e enfiávamos as beiradas certinhas para baixo do colchão. Em seguida, enquanto eu assistia a *Francis, o Gnomo* ou a *Vila Sésamo*, Lydia preparava para nós um modesto café da manhã: aveia, cereal de trigo, bananas, morangos, suco de laranja, coisas assim. Enquanto comíamos à mesa, a cafeteira gorgolejava alguns centímetros de café. Lydia tomava uma xícara e despejava o restante em sua caneca de viagem de plástico, que ela levava para o laboratório. Então, no carro colocávamos o cinto de segurança e partíamos para o trabalho. E, depois dele, voltávamos para casa e recomeçávamos mais uma vez nossa vida doméstica. Jantar, livros e, finalmente, cama. Ao fim de cada dia, íamos para a cama juntos e, durante a noite, nos abraçávamos como irmão e irmã (ou mãe e filho?), colocando-nos juntos em segurança contra as trevas que dominavam o mundo lá fora.

## XVIII

**A**ntes de seguir adiante, devo mencionar os periódicos acessos de insônia de Lydia e o fenômeno relacionado às suas terríveis dores de cabeça.

Lydia era o tipo de pessoa que exibia externamente ao mundo, de dia, uma máscara de serenidade tão impenetrável que cada demônio, que ela rapidamente enterrava em seu cérebro nas horas ensolaradas, saía à noite para assombrá-la, às vezes custando-lhe o sono.

Em geral, ela dormia muito bem. Mas, de vez em quando, talvez dez ou onze vezes por ano, o monstro de olhos injetados da falta de sono arrancava Hipnos da cama dela por uma série de noites, às vezes durando uma semana. Esses ataques de insônia normalmente eram desencadeados pelo ciclo menstrual. Quase todas as vezes que vivenciava seu "período", Lydia desfalecia com dores de cabeça: enxaquecas. Essas enxaquecas, pelo que entendi da descrição que ela me deu, eram demolições cranianas brutais que a faziam sentir como se tivesse um machado enfiado na cabeça por vários dias seguidos, transpassando seus dois lóbulos até a fenda do cérebro, rompendo o *corpus callosum*, separando o hemisfério de coisas do de símbolos, cada olho vendo coisas de maneira um tanto diferente, cantos deixando de combinar, enxergando dobrado, e isso era acompanhado por uma cacofonia de ruídos como zunido, rangido de dentes, mastigação, rilhadura, serração e zumbido em sua cabeça que soavam (dizia ela) como uma indústria pesada, como um monte de ruídos que você poderia ouvir numa fábrica de tanques.

Quando esses ataques aconteciam, seus olhos também ficavam hipersensíveis à luz, e, quando as dores de cabeça a afligiam com o que tinham de pior, ela ficava deitada o dia todo na cama, com uma bolsa de gelo na cabeça, sem sapatos, e as persianas fechadas para o mundo além do quarto.

Ela descansava, mas não dormia, porque as dores de cabeça eram tão horríveis que não lhe davam um momento de paz longo o bastante para deixá-la adormecer. Às vezes, Lydia tinha sorte e aqueles ataques cerebrais quase mensais não aconteciam, fosse qual fosse o misterioso motivo, mas em geral ela podia prever que seu período menstrual estava chegando porque as tais dores de cabeça serviam como sombrios arautos da manifestação de descarga uterina, alertando-a um ou dois dias antes. Então as dores de cabeça pioravam no auge dos seus três dias de sangramento e deixavam, em seu rastro, outros três dias de insônia. Penso que a insônia poderia ter algo a ver com a quantidade de Excedrin que Lydia tomava durante o período das dores. Os comprimidos de Excedrin Migraine Extraforte eram os únicos analgésicos fortes o bastante para ao menos começar a acalmar as tempestades que assolavam noturnamente seu crânio, e talvez ela se automedicasse demais, ingerisse muitas doses de remédio, e este a mantivesse acordada. Assim, ela permanecia acordada, ficava de mau humor, chorando com facilidade, emocionalmente instável, passava as noites em vigília e atormentada, com seu cérebro, eu sei, passando e repassando cada arrependimento e erro de sua vida, cada súbito clarão de fúria ou sujeição à humilhação, até seu coração chocalhar contra as costelas como uma máquina quebrada, e a luz no quarto passar de laranja para azul-acinzentado, e as ruas lá fora se reanimarem com os — para ela — ameaçadores e deprimentes sons do tráfego matinal e do canto dos passarinhos, o que significava que agora ela seria forçada a encarar o dia naquele estado, sabendo que o mais próximo que conseguira de dormir era uma

espécie de divertido enjoo acompanhado de um lúgubre zootrópio de imagens nauseantes deslizando pela tela do interior de suas pálpebras, mais como alucinação do que como sonho.

Então, após as dores de cabeça e a menstruação seguidas de insônia, o único modo de normalizar novamente seu ritmo circadiano era tomando aqueles comprimidos barra pesada para dormir, para os quais ela possuía uma receita especial. E, quando tomava uma dessas pílulas, ela dormia como um cadáver e não era possível acordá-la, mesmo que a casa estivesse pegando fogo. Após algumas noites assim, Lydia finalmente voltava à sua rotina biológica e ficava ótima durante mais algumas semanas, até as dores de cabeça reaparecem e o ciclo todo recomeçar.

Enquanto isso, eu fazia grandes progressos em minha arte. Passava o fim de semana todo em meu estúdio pintando com guache sobre papel ou em tela com tinta acrílica. Agora, em vez de ver TV, eu me retirava com frequência para o estúdio logo após chegarmos a nossa casa à tarde, vindos do laboratório, e mergulhava em minha arte até Lydia me buscar para eu me limpar para o jantar. Ela até mesmo teve sucesso em convencer Norm de que eu estava fazendo um progresso tão fantástico com a minha pintura que seria benéfico para a minha mente e minha alma reduzir para meio expediente nossas sessões no laboratório, a fim de que eu tivesse as tardes livres para pintar. Talvez, a rápida aceitação dessa ideia por parte de Norm tenha sido mais por causa de suas exaustões e frustrações em tentar trabalhar comigo no laboratório; eu bancava, admito, cada vez mais o escroto e não cooperativo com ele no ambiente de trabalho. Ele ficou contente em obter uma nova paz e uma recente tranquilidade durante as tardes. Desse modo, eu via cada vez menos Norm/mundo do laboratório e passava mais e mais tempo em casa com Lydia. Assim, todos nós ganhamos.

Após algumas frustrações iniciais com a dificuldade da tinta acrílica sobre tela em comparação à caneta hidrocor sobre papel (tinta de pintar não é como tinta de escrever; é muito mais sutil, requer que se pense mais em termos de cor e tom do que em linha e forma), eu me apaixonei por este novo instrumento e continuei a expandir meu vocabulário artístico. Pinte uma série de obras baseadas no meu móbil do sistema solar, visto de vários ângulos e sob diversas iluminações. Primeiro, pintei retratos individuais de cada um dos nove planetas e do sol e depois pintei todos juntos.

Durante todo esse tempo, eu ainda aprendia uma porção de coisas com Lydia. Eu aprendia constantemente; ainda estamos falando sobre minha primeira fase explosiva de despertar para o mundo. Esta não acontecia em grandes eventos — não um momento cataclísmico definidor, não como o *big bang* que vomitou toda a matéria que constituiu esses nove planetas e você e eu —, mas, ao contrário, uma formação muito gradual do universo no interior de minha consciência, mais parecido com o lento processo de gravidade formando toda aquela poeira espalhada em bolas e lhes dando movimento, fazendo planetas, criando estrelas. Nada de coisas grandes, mas bilhões de coisinhas ocorrendo em períodos de meses e anos, pressionando e moldando minha mente e minha alma em ontogênese.

Eu era, e sou, fascinado pela figura humana. O catálogo sem fundo das capacidades emotivas de que são capazes a forma e o rosto humanos. É por isso que sempre me entediaram os quadros de natureza morta. “Natureza morta”? meu Deus, a própria frase é um oxímoro! Deem-me *vida*! Em vista disso, imitando meu herói, Van Gogh, pintei milhares de autorretratos e, é claro, continuei a pintar, pintar e pintar Lydia, que corajosamente continuava sofrendo em posar para meus retratos. E, quando ela me levava para visitas ao laboratório da universidade, eu fazia rápidos esboços dos outros

cientistas, os quais, posteriormente, usava como estudos para pinturas.

Aparentemente, em pouco tempo me tornei um pintor de considerável habilidade técnica. Quando Lydia organizou uma mostra formal de minha obra no espaço de uma galeria da biblioteca da Universidade de Chicago, eu já havia me fixado essencialmente naquele que seria meu instrumento por um longo tempo no futuro: óleo sobre tela. Tintas a óleo! Após você trabalhar com tintas a óleo nunca mais vai querer perder tempo de novo com as acrílicas. Tintas acrílicas... elas são ralas demais, brandas demais, as cores não são tão vibrantes, não parecem tão reais e viscosas e, arrisco dizer, tão *humanas* como as tintas a óleo. Eu também passara a trabalhar com telas grandes. A maioria dos quadros incluídos nessa primeira mostra foi pintada em telas de 1,2x1,8m. Lydia continuou a comprar generosamente todo o material para mim.

Eu gostaria de descrever para você, em detalhes, minha primeira mostra em galeria. Mas, antes disso, preciso lhe contar algo mais, algo muito importante. Tem a ver, naturalmente, com Lydia. Desculpe a brevidade deste capítulo, Gwen, mas, para mim, é de suprema importância que dediquemos um capítulo inteiro e separado para o que estou para lhe contar.

## XIX

Você tem que entender que estive vivendo com Lydia, aliás, dividindo platonicamente uma cama — uma *cama!* — com ela por cerca de um ano (em minhas reconhecidamente nebulosas recordações) antes que qualquer coisa “acontecesse”.

A tensão sexual, porém, sempre esteve presente desde o início. Penso que isso coloriu o nosso relacionamento desde o dia em que nos conhecemos — assim que me apaixonei por ela — quando a observei dar uma mordida naquele pêssago, quando bati naquela caixa, demonstrando aos cientistas que eu também podia ser tão irracional quanto qualquer ser humano. Meu desejo por ela passou por diferentes fases. Eu evoluíra e me adaptara àquele ambiente por meio de muitas maravilhosas mutações. Até esse ponto, Lydia havia me ensinado praticamente tudo o que eu sabia, tudo o que *ela* sabia, porque amor — e me refiro ao verdadeiro, *Eros, amor* romântico, sexual — é possível somente entre psicologicamente iguais. E ela me criou até eu me tornar praticamente seu semelhante intelectual. Havíamos chegado a um ponto, em nosso relacionamento, um ponto no qual havia apenas diferenças desprezíveis entre nossos respectivos níveis de habilidade de raciocínio (embora tecnicamente eu suponha que, nesse ponto, eu ainda mal conseguia pronunciar de maneira coerente qualquer outra palavra que não fosse *sim, não* e meu nome, além disso, só Lydia conseguia entender minha fala), quando tínhamos deixado de ser apenas uma educadora e seu aluno, ou mesmo uma mãe substituta e seu filho e nos tornado dois verdadeiros amigos, os

quais, todos os dias, aprendiam um com o outro. Éramos parceiros nesse nosso projeto, unidos contra o mundo severo. Eu preenchi um vazio em sua vida emocional, e ela me deu minha vida do modo que a conheço, na forma de cultura e conhecimento.

No passado, Lydia perdeu um filho e um namorado. E eu, Bruno, eventualmente, lhe devolvi ambos. Por isso, sim, é óbvio que havia uma sensação de que nosso relacionamento violava um tabu profundamente arraigado e perigoso. Esse tabu, porém, não era bestialismo; era incesto.

Minha própria psicosexualidade era (devo dizer "é"?) torturada, retorcida e confusa. Por quê? Porque amo mulheres e sou um chimpanzé.

Meu relacionamento com Lydia progrediu durante o período em que entrei na idade adulta, tanto metafórica quanto hormonalmente. Eu navegava ao mesmo tempo pelo meu despertar intelectual e minha natural puberdade. Não era justo que, à medida que aumentavam lentamente as comichões e os formigamentos em meu lombo, tipo o *Bolero*, numa cadência constante, mas com volume exponencialmente alto, eu tivesse começado de fato a ver Lydia como um *ser sexual* — não apenas como uma inatingível fantasia pré-adolescente, e sim como uma realidade em potencial —, mas que a minha agora real atração sexual por ela ficasse entrelaçada no tecido de meu amor verdadeiro. Eu ansiava por ver Lydia nua. Apenas o símbolo de sua nudez para Bruno... o que isso significava para mim, então!

Preciso esclarecer uma coisa aqui. Lydia não era exatamente bonita. Não tremeluzia como aquelas estrelas inatingíveis, a tantos impossíveis anos-luz de distância. Ela estava aqui, era comum, era boa, era terrena. Ela era minha. Mas ela não era minha. Eu era dela.

Talvez tenha lhe ocorrido, Gwen, que minhas descrições de Lydia são inconsistentes e, em geral, contraditórias. Num momento, ela é

deslumbrante, beatífica, e agora, é boa, comum e terrena. Se sua forma muda, é porque memória e percepção são amantes volúveis. Ela era linda e não era linda: ambas as afirmações são verdadeiras. Está vendo como aprendi bem a lógica humana? Exato: sou o chimpanzé que bateu na Caixa de Pandora.

Mas as dores de cabeça dela. Lydia acabara de vivenciar o período menstrual, o qual, como sempre, foi acompanhado por suas tempestuosas enxaquecas, cuja intensidade só conseguia ser apenas parcialmente amortecida com comprimidos de Excedrin Extraforte, que lhe causavam insônia. A falta de sono era curável apenas com comprimidos extrafortes para dormir que Lydia mantinha à mão nos dias do tormento mensal a que ela estava condenada a sofrer por toda a sua vida.

Agora isso. Olhe: aqui jaz Lydia... não, não morta, mas morta para o mundo, deitada num imóvel — e, pelo modo como seus olhos não tremulam em REM, podemos deduzir, sem sonhos — sono. Ela sua profusamente, porque o sono induzido por aquelas cápsulas gelatinosas é afogueado, úmido e febril, como uma boca mórbida. O modo como está deitada na cama poderia sugerir que havia caído de uma janela do décimo andar. Sim, tudo em relação a sua postura sugere não um sono reparador, mas um suicídio, ou alguma defenestração hostil, deitada de costas numa triturada poeira verde de estrelas de vidro quebrado na calçada; ela não está, como costuma dormir, na posição fetal, meio enrolada para seu lado direito, com uma das mãos debaixo do travesseiro para amortecer o estrondo de sua própria batida cardíaca amplificada; mas ela está deitada de costas, um braço jogado por cima da cabeça, o outro estatelado num ângulo irracional pelo meu lado da cama, as pernas separadas, uma esticada e a outra curvada. Usa camisola, a de cor marfim de seda (seda, que textura!), e seus pés descalços são de dar água na boca de tão desejáveis, tão pálidos e macios, seus tornozelos, os peitos dos pés fluorescentes com minúsculas marcas

de veias azuis. Em seu sono entorpecido, a camisola ficou embolada e amarrotada, umidamente grudada nas coxas, expondo suas pernas, chegando quase acima na úmida selva cabeluda de sua virilha.

Agora isso. Aqui jaz Bruno ao lado dela — não morto, longe disso — nem mesmo dormindo, mas completamente desperto. É metade da noite, uma noite chuvosa, aglomerados inconstantes de gotas de chuva crepitam no telhado e, do lado de fora da janela, pode-se ver um céu escuro jogado sobre a cidade de Chicago como um lençol sujo, as nuvens cremosas refletindo a luz da cidade, de modo a parecerem uma fosca incandescência laranja, como se iluminadas de dentro. Sim, estou acordado, fui atirado à consciência por sonhos intranquilos. Na cozinha, a geladeira para de zunir. Um relógio em algum lugar tica os segundos, lentamente me levando à loucura com desejo sensual, o insistente *tique-tique-tique* do relógio como um dedinho fazendo cócegas no meu lombo. O *cheiro* dela. O suor de seu sono febril entorpecido tem um odor embriagante e delicioso. Ela cheira mais suntuosamente humana do que qualquer coisa que as narinas deste chimpanzé já cheiraram antes. Eu a inspiro: *snifffffffff*. E alguma coisa, alguma coisa está acontecendo comigo... Meu órgão mais darwiniano se ergue devagar para a vida, *tique-tique-tique-tique*. Meu coração bate mais depressa, corajosamente ensanguentando esse outrora inofensivo tubo de carne flácida, cada bombear sucessivo de meu coração selvagem alimentando-o com mais sangue, o jorro de cada batida tornando-o maior e mais grosso. Uma das mãos vagueia errante em direção à coisa, uma compalma achatada, alongada e um pequeno polegar opositivo em forma de gancho, e longos dedos roxos a envolvem. Aquele *cheiro*. Não muito tempo atrás, eu teria gelado, apavorado com a ideia de Lydia não ser capaz de acordar de seu sono — no início, nem mesmo acreditava que os humanos *dormissem*. Não mais.

Aquele cheiro. E onde, imagina o nosso herói, fitando lascivamente uma Lydia completamente apagada, está a fonte do mais humano dos odores? É um cheiro úmido — *terreno* —, denso, abafado como uma chuvosa floresta tropical, oleoso, metálico, doce e salgado ao mesmo tempo. Estou agora curvado sobre Lydia, cheirando. Cheiro seus pés... não, não é neles. Meu nariz navega por suas pernas acima, pelas áreas lisas de enlouquecedora pele macia pegajosa; Bruno, o maior antropólogo físico do mundo! Subindo e subindo pela extensão de seu corpo, meu nariz viaja, e aquele cheiro fica cada vez mais forte; estamos nos aproximando da fonte! E, agora, encontro-me, como num sonho, posicionado entre as duas grandes, belas, longas, grossas, macias e fortes pernas humanas dessa mulher e cheiro suas coxas. Pareço estar quase involuntariamente apertando e esfregando contra os lençóis meu monstrinho agora totalmente obstruído com sangue. Mergulho por baixo da bainha da camisola, como se mergulhasse por baixo da aba de uma tenda. Encontro-me agora num ambiente fechado, um teto de seda cor de marfim deslizando por trás de minha cabeça peluda e um quente chão de carne erguendo-se embaixo de mim. E o cheiro é irresistível — embriagador — sufocante — dominador —, e meu rosto está diretamente *nela*. Ali está. É a primeira vez que vejo uma vulva humana de verdade, em carne. Não a tinha visto nem mesmo em pinturas antes: até mesmo os nus do Instituto de Arte são sempre dispostos de maneira a obscurecer de maneira pudica esse misterioso e poderosamente fragrante animal escancarado, esse molusco no centro da existência. Como é cabeludo! É chocante! Você achava, Bruno, que todas as mulheres eram como estátuas de mármore, polidas lá embaixo? Que ingenuidade! De que modo inesperado descobri que essa criatura estranhamente quase sem pelos tinha um delta de cabelos negros eriçados decorando sua genitália. E a *localização* dessa coisa! A fêmea humana é o único

animal no reino que tem a vagina com uma localização insana e inconveniente. Bem no próprio fundo, exatamente entre as pernas, o lugar mais estranho e inacessível do corpo. Inalo profundamente, aspiro e aspiro, esse cheiro que é quase enjoativo em sua qualidade inebriante, sua apaixonada intensidade. E minha boca se abre. As abas rosadas de meus lábios pitecoides recuam e minha língua sai. Ela invade a escuridão — a mesma lombriga curiosa em minha mandíbula que, depois, aprenderia a executar as acrobacias glossianas da linguagem humana — para provar aquilo. E a língua começa a lambe aquela coisa, a sondar seus contornos. Adoro a doçura escura do corpo de Lydia. Quero beber seu vinho biológico forte. Ele tem o mesmo gosto que sinto quando lambo baterias! Tem o mesmo indistinto pequeno choque emocionante com sabor de cobre. E a quente massa sonolenta que é Lydia começa a reagir a esse estímulo: lá de cima, ouço um brusco movimento de respiração, seguido por uma lenta, vacilante liberação do ar. Ela ainda está dormindo, sabe, mas talvez agora seu cérebro esteja gemendo com lampejos de imagens eróticas: as suaves pétalas de sedutoras flores coloridas, íngremes dunas de um deserto noturno, cachoeiras, panteras de pelo reluzente... E eu, Bruno, o íncubo, continuo a sorver seu jônico molusco, e sinto uma lânguida mão adormecida pousar na parte de trás da minha cabeça e, delicadamente, pressioná-la através da fina parede de seda, empurrando-a para baixo e... sua respiração se acelera... E percebo que o que andei lambendo inclui, aliás, uma concavidade. Esta segue por dentro dela, é uma espécie de túnel. Assim como o Incrédulo São Tomé de Caravaggio faz com as chagas do Cristo ressuscitado, eu, descrente, passo um dedo inquisitivo nas dobras da abertura: *slept*. Eu o enfio o máximo que consigo alcançar e, ainda assim, não consigo sentir o fim do túnel! Giro-o, sentindo o revestimento interno: o que tem aqui? E, quando faço isso, o corpo dela fica todo gelatinoso, começa a tremer com espasmódicos

resmungos de paixão. Então, tenho uma ideia realmente boa. Meu pênis parece sentir um intenso desejo de ser colocado dentro de alguma coisa, e aquela febril e escorregadia carne úmida parece ter um intenso desejo de ter algo em seu interior. Arrá! Desse modo, dou o Grande Salto. Subo em seu corpo, adentrando ainda mais a tenda de seda, encontrando agora seus seios. Sou alto o suficiente para alcançá-los com a boca! Dou-lhes umas mordidas e seus mamilos se inflam instantaneamente, tornando-se seixos redondos entre meus lábios. Agora, nossas genitálias estão alinhadas. Espeto cegamente a área em questão, até ser recebido; a boca desse grande peixe me engole. É como colocar um chinelo de seda.

Coisas, então, começam a acontecer. Cada neurônio receptor do meu cérebro dispara de imediato. Sou varrido numa enchente, estou voando, estou flutuando, estou morrendo, e agora a carne embaixo de mim se agita como num terremoto e algo simplesmente, simplesmente *acontece*: a sensação de tal experiência intensa de que o mundo fica branco, estou histérico, estou *cego*!

E ali permanecemos deitados, Bruno e Lydia, ofegantes, imóveis, calados, e ainda estou sanduichado entre a pele suada de Lydia e o tecido de sua camisola. Meu rosto enterrado entre seus seios, meu júbilo e os braços dela em volta de mim, e adormeço desse modo, ainda dentro dela.

Lydia acordou na manhã seguinte com um chimpanzé em sua camisola.

Eu não estava preparado para sua reação inicial. Acordei olhando para seu rosto, esquadrinhando o meu, abaixo, pela gola de sua camisola. A manhã chegara, vagarosa e luminosa, o sol queimara as nuvens: passarinhos do lado de fora e a luz do sol se espalhando pelo membranoso tecido de minha tenda de seda, deixando-a quente e avermelhada. Pestanejando para mandar o sono embora, ergui a vista para ela e sorri, em júbilo, creio, e ela respondeu ao

meu sorriso com um olhar consternado que me deixou completamente perplexo, antes de eu ser removido com violência de minha tenda: arrancado, chutado, sacudido e empurrado para fora. Essa foi a única ocasião de que consigo me lembrar de Lydia ter usado de alguma forma a força física comigo. Após ter me livrado de sua camisola, ela, sem dizer uma palavra, pulou da cama — eu continuava pasmado —, correu para o banheiro, bateu a porta e a trancou.

Ela permaneceu ali por horas. Bati com os punhos na porta e alternei entre gritos aflitos e choro compadecido, berrando e rugindo, à guisa de desculpas, lamentando, inarticuladamente implorando-lhe que saísse do banheiro. Lamuriei até minhas cordas vocais ficarem gastas, puídas, de tanta lamúria. Ela não saía. Não respondia. Ouvi barulho de água corrente. Ouvi a descarga sendo acionada algumas vezes. Por fim, ouvi o jorrar familiar do chuveiro. Espirais de vapor escaparam da fenda sob a porta.

Fiquei preocupado. Eu ainda dependia essencialmente de Lydia para a sobrevivência básica, isto é, precisava que ela fizesse a minha comida. Estava faminto. Mesmo assim, ela continuava trancada e incomunicável no banheiro.

Eu começava a me sentir tonto de fome, precisava comer alguma coisa. Eu conseguia alcançar as caixas de cereais na despensa, mas não conseguia alcançar o leite na geladeira nem os talheres e a louça em cima do armário da cozinha, portanto fui forçado a formar uma pilha de cereais sobre a mesa e mastigar desanimado meus secos e quebradiços anéis de aveia sem ajuda de qualquer outro agente umidificador que não fosse a minha própria saliva. Pelo amor de Deus, Gwen, era assim que eu fazia as minhas refeições quando vivia na porra do zoológico! Eu era tão presunçoso. Viu quão rapidamente voltei a meus hábitos bárbaros sem Lydia?

Foi a manhã mais longa de minha vida. Eu tinha... eu tinha perdido a virgindade na noite anterior, não tinha? A terra se

movera! O Bruno dela agora era um homem! Suponho que eu havia esperado que houvesse algum senso novo de comunhão especial entre nós. Em vez disso, ela se trancou no banheiro e se recusava a sair. O que, diabo, eu tinha feito?

Liguei a TV e tentei ver *Vila Sésamo*, mas foi inútil, eu não conseguia prestar atenção. Não com Lydia tão aparentemente chateada, e eu sem saber por quê. Beto e Ênio não eram consolo para mim agora.

Então, tive uma ideia. Eu era cheio de boas ideias, não? Escreveria uma carta para ela: uma carta de amor. *Aquilo* certamente a induziria a sair de sua sentença autoimposta de confinamento solitário. Portanto, Cyrano de Bruno pegou uma de suas canetas hidrocor — a vermelha, a cor do fogo, sangue, paixão — e, após remover uma folha picotada de papel branco do meu bloco de esboços que jazia no chão do estúdio que Lydia construía para mim e, meticulosamente, descascar a margem perfurada para remover a tira perfurada pouco apresentável onde eu a arrancara da espiral, me agachei ali mesmo no chão do meu estúdio e redigi uma carta: uma carta de amor. Não havia nela, é claro, palavras de verdade discerníveis, tendo em vista que eu ainda era analfabeto. Para o olho não adestrado, provavelmente pareceria apenas uma porção de rabiscos frenéticos. Minhas intenções, porém, eram absolutamente claras, creio eu. O espírito do gesto, se não a carta, era perfeitamente legível. Contida na árdua, ardorosa mistura de linhas vermelhas — grossas, significativas, ainda exalando um cheiro forte e úmidas da ponta impregnada da hidrocor —, estava a lúcida, simples e absolutamente sincera mensagem: *Eu te amo*.

Então, deslizei-a, minha carta de amor, aquela folha de papel carregando minha mensagem de paixão explosiva, pela fenda da porta. Esperei.

Quando Lydia saiu, imaginei de início se era a mesma pessoa que havia entrado. Seria possível que tivesse sido, de alguma forma, substituída por outra mulher de estatura e porte semelhantes, transformada talvez pelo espelho — minha Lydia original permanecendo encapsulada no vidro, e o vidro Lydia, por sua vez, se tornado carne? Isso é possível? Creio que ela gastou aquela manhã que passou trancada consigo mesma refletindo sobre sua vida, sobre suas lembranças, sobre seus reflexos, até os reflexos terem resvalado tantas vezes de um lado para outro entre seus olhos e os olhos da mulher no espelho que era impossível dizer qual era a verdadeira e qual era o reflexo. Quando saiu, Lydia, claro, estava vestida exatamente com o mesmo traje com que entrara, sua camisola, mas... ela... havia... ela havia cortado o cabelo! Cortou o cabelo com a tesourinha do armário do banheiro! Isso me deixou perplexo. Ela cortara todo o seu longo, brilhante e belo cabelo louro, cortara-o até ficar espetado, rente, de aparência infantil, apenas um pouco mais comprido do que a pelagem da minha própria cabeça símia.

Eu, provavelmente, teria de imediato me desintegrado numa apoplexia de um quente jorro de lágrimas de total confusão se não fosse pelo aspecto sereno de graça e autoridade que ela irradiava. Era o fraco ali, o despedaçado, o suplicante, a criança, o animal; ela a mãe, a mulher, o ser humano. Eu estava perdoado? Perdoado pelo *quê*? Por que ela me fazia sentir como se precisasse ser perdoado por alguma coisa? Seria... seria pela noite anterior?

Ela me apanhou e me abraçou. Aconcheguei meu rosto felpudo em sua face. Passei meus longos dedos roxos pelo seu cabelo à escovinha. Com uma porção de gestos e palavras não pronunciadas, perguntei-lhe aonde, possivelmente, seu cabelo teria ido. (Nessa época, eu ainda não falava de maneira articulada, Gwen. Apenas Lydia conseguia entender minha fala primitiva.) Nós nos sentamos

na cama. Ainda estava desarrumada, os lençóis todos retorcidos numa trouxa bagunçada quase caindo pela beira do colchão.

— Eu o cortei, Bruno. Joguei-o no vaso e dei descarga.

Perguntei-lhe por quê.

— Eu me senti péssima ao me olhar no espelho.

Não entendi. Por que seria ruim alguém se olhar num espelho?

— Pensei em muitas coisas, Bruno. Agora me sinto melhor. Acho que cortei o cabelo, porque, de repente, quis parecer diferente. Às vezes, parecer diferente ajuda. Você gostou?

Não tinha certeza.

— Sei que você me ama, Bruno. Seu desenho foi muito amável.

Agradei.

— Também te amo, Bruno. Mas... o que você fez ontem à noite... você não deve fazer aquilo, a não ser que a pessoa esteja *acordada*. Você entende?

Eu não tinha certeza.

— Bruno, você não pode fazer isso a não ser que tenha permissão da outra pessoa. Você entende isso?

Dei de ombros, constrangido.

— E, se a pessoa com a qual você está fazendo isso estiver dormindo, então você não pode pedir a permissão dela. Certo?

Eu nada disse.

— Portanto, isso significa que não pode fazer isso com quem está dormindo.

Eu me penitenciei em silêncio.

— Da próxima vez que quiser fazer isso com alguém, tem de esperar até ela estar acordada. Então, peça. E, se ela não quiser, isso significa que você não pode fazer. Certo?

Seguiu-se o que talvez tenha sido o mais significativo dos significativos silêncios da história. Então, ela me abraçou. Eu esperava que tivesse sido perdoado. Eu me senti horrível. Então, ela se vestiu. Era uma manhã de sábado.

E, assim, foi a minha lição de moralidade sexual humana. Precisei aprender isso. Quando meu pai, Rotpeter, queria enfiar seu pau em alguma coisa, ele simplesmente ia em frente e enfiava. Eu tive de aprender *a me conter*. Tive de aprender sobre empatia. Com relação ao sexo, tive de fazer a mudança moral buberiana de *eu/coisa* para *eu/tu*. Isto é, uma alma é um tu e um corpo é uma *coisa*. É claro que o problema com esse constructo é que, quando o sexo entra em qualquer relacionamento entre dois seres conscientes com suficiente teoria em mente para conhecer a consciência do outro, precisamos lidar com a dificuldade filosófica de ver a outra pessoa como uma *coisa* e um *tu* ao mesmo tempo. Tenho notado que nem mesmo a maioria dos humanos consegue fazer isso. No auge da paixão, o solipsismo animal é absoluto, e tudo o mais, exceto o eu, é uma coisa.

Naquele dia, após Lydia ter se vestido e termos comido, ela anunciou, para minha alegria, que não haveria lições e sugeriu que, em lugar disso, tirássemos a tarde de folga, e déssemos uma das nossas saídas. Era um bonito dia de outono, em outubro, creio. O chão estava coberto com folhas caídas, mas o tempo continuava cálido, e todos os habitantes de Chicago estavam nas ruas e nos parques, aproveitando o tempo bom antes que o inverno descesse novamente sobre a cidade: passeando com seus cachorros, correndo, andando de bicicleta, vendo vitrines, todos eles indo e vindo, ativos e felizes por estarem vivos. Fomos de trem para o subúrbio e demos uma longa caminhada pelo parque. Lydia comprou um balão para mim.

Balão: parado no parque, profissionalmente feliz e espalhafatosamente vestido, havia um palhaço. E não apenas um palhaço qualquer: esse era um palhaço especializado em retorcer compridos balões tipo salsicha, dando-lhes labirínticos nós para parecerem vários animais, de acordo com o pedido de cada criança. Uma dizia "Faz uma girafa pra mim", e o palhaço, após receber 50

centavos como compensação, tirava de sua bolsa de balões um deles, longos e vazios, esticava-o e amassava-o para deixá-lo mais elástico, enchia-o com seus poderosos pulmões e, então, com alguns habilidosos puxões rinchantes, esculpia uma espécie de abstração expressionista de uma girafa, o que era em geral bastante distinguível como uma girafa para agradar à criança. Então, ele amarrava um cordão na boca do balão e entregava o animal flutuante a seu jovem cliente e, em seguida, um pai ou tutor geralmente amarrava-o frouxo ao pulso da criança para evitar que voasse acidentalmente. O palhaço estava parado diante de uma cerca de ferro batido na altura da cintura, num cruzamento de dois caminhos para pedestres do parque, e amarrara amostras de sua obra no parapeito da cerca. Por toda a sua volta, amarrados em suas colunas, flutuava sua colorida coleção, uma diversidade de animais, mas com a representação exagerada de mamíferos típica da imaginação zoológica humana: leões, girafas, ursos, golfinhos, cangurus etc. — mas me lembro de que havia uma particularmente impressionante *magnum opus* multiembalonada, um polvo grotescamente intricado. Cada tentáculo era representado por um balão diferente, o qual incitava os transeuntes a apontar para ele e dizer: “Uau... esse cara é *bom*.” Fiquei fascinado olhando o homem trabalhar; chamem isso de magnetismo animal. Pedi a Lydia para pagar ao palhaço para ele retorcer uma de suas criações para mim. Ela me atendeu.

— Ora, ora — disse o palhaço ao nos aproximarmos —, o macaco vai querer um balão?

— Ele é um chimpanzé — corrigiu-o Lydia.

— Oh, *me desculpe!* — disse em meio à uma ruidosa gargalhada. Ria, palhaço, ria.

— Macacos têm rabo — disse ela. — Chimpanzés não.

Lydia entregou-lhe 50 centavos, os quais ele depositou, *clique-clique*, numa pochete.

— Bem, que tipo de animal você gostaria que eu fizesse? — perguntou-me o palhaço.

Um *humano*, comuniquei.

— O quê? — disse o palhaço.

Lydia, que entendia meus gestos e ruídos, traduziu:

— Ele disse que quer uma pessoa.

— Puxa — disse o palhaço, tirando um balão vazio do aparato que usava no cinturão —, faço balões de animais desde que fui reprovado na prova da ordem dos advogados e é a primeira vez que alguém me pede para fazer um balão humano!

*Faça um humano para mim!*, exigiu Bruno.

— Verei o que posso fazer — disse o palhaço, estas palavras meio abafadas, quando colocou o flácido saco vermelho nos lábios e soprou-o, transformando-o num tubo de ar longo, elíptico.

Torce, *scrrii, scrrii*, torce, *scrrunch, scrriii* — e vejam! Meu próprio balão de pessoa!

Ele criara uma efígie rosada em miniatura de um ser humano: o que o palhaço conseguira criar para mim parecia algo que é o pictograma internacionalmente reconhecido para banheiros masculinos. Simples, sem traços característicos, proporcional de maneira clássica e sem distinção racial, de pé, frontal ou antipodalmente, não dá para dizer, com os pés juntos e os braços nas laterais, com talvez uma insinuação de agressividade masculina implícita em sua postura: *Ecce Homo* — Eis o Homem.

Deixando o palhaço, Lydia amarrou com o barbante dele meu homem rosado flutuante em torno do meu pulso. Enquanto caminhávamos pelo parque, ela segurava minha mão esquerda, e meu homem-balão flutuava no ar num barbante meio metro acima do meu pulso direito.

Então, compramos casquinhas de sorvete. Lydia escolheu sorvete de morango, e eu, agora um homem, optei por um sabor mais viril: chocolate. Tomamos nossos sorvetes sentados num banco do

parque, observando as pessoas passarem por nós correndo pela pista. Perto dali, um mendigo maluco e caolho fazia sufocantes ruídos guturais no fundo da garganta, enquanto pulava loucamente de uma lixeira pública à outra, parando em cada uma para vasculhar atrás de restos. Libertei a mão do laço de barbante, larguei-o e meu homem-balão saiu flutuando em direção ao céu.

— Bruno! — vociferou Lydia. — Não vou lhe comprar outro.

*Eu não quero outro*, comuniquei.

— Por que, diabo, você fez isso?

*Eu queria ver o que acontecia se eu largasse*, comuniquei.

— É isso que acontece. Quando você larga seu pequeno humano, ele sai voando.

Não preciso me preocupar em explicar as implicações metafóricas desse momento.

Observamos meu balão homúnculo elevar-se no éter, ficando cada vez menor até se tornar uma indistinguível partícula rosa no azul do céu. Essa foi a ascensão do homem.

*Aonde ele vai?*, perguntei.

— África — respondeu Lydia.

*África*, pensei. Minha terra ancestral. É onde fica o Zaire, a terra natal do meu pai biológico. Internamente, repeti a palavra para mim mesmo, codificando-a para um mantra: *África, África, África*. O coração das trevas. O berço da civilização. Eu sabia que era um lugar violento, onde ninguém está seguro. Onde seres humanos comem chimpanzés. O cenário de meus pesadelos. Por que ela disse isso tão facilmente? Tão irrefletidamente? *África*.

A caminho de casa, paramos numa loja de flores, onde Lydia comprou um buquê de rosas verdes.

Naquela tarde, quando chegamos a nossa casa, Lydia preparou uma das minhas comidas favoritas: espaguete. É uma comida tão caricatural. Eu adorava sugar ruidosamente os fios de macarrão longos e escorregadios. Droga, ainda faço isso. Lydia abriu uma

garrafa de vinho e serviu-se de um cálice. Expressei o desejo de também beber, e ela me serviu só um pouquinho — não num cálice de vinho, pois temia que minhas mãos desajeitadas quebrassem um recipiente tão delicado — mas num dos canecos quase indestrutíveis e à prova de derramamento que, em nosso lar, eram destinados especificamente para meu uso.

Durante o jantar, nossa conversa foi longa e profunda. Ela me falou de sua vida. Sobre sua família, sua criação no Arkansas, como veio para Chicago para ser educada, assim como eu estava sendo educado. Gradualmente, a conversa derivou para tópicos mais leves. Brincamos. Rimos. Ela bebeu mais alguns cálices de vinho e ficou afogueada e tola.

Quando nossos olhos se encontraram, senti um formigamento bem dentro das minhas entranhas, uma sensação de que nossos cérebros estavam diretamente ligados por fios elétricos invisíveis correndo entre as pupilas de nossos olhos. E, com a louça suja ainda na mesa, Lydia pegou minha mão e me levou para o nosso quarto. Colocou-me sentado na cama, e olhamos bem de perto nos olhos um do outro, diminuindo a extensão dos fios elétricos invisíveis que conectavam nossos cérebros. Lydia levou seu rosto até o meu, e nossos lábios se encontraram. Nossas bocas se abriram e nossas línguas escorregaram juntas num êxtase salivar. E caímos juntos de costas na cama, ainda desarrumada daquela manhã, e — o que mais posso dizer sem me desprender além dos parâmetros do bom gosto? Que palavras podem arranhar a superfície de tal assunto, quanto mais explicá-lo ou expressá-lo? Nós fizemos amor. Naquela noite, Lydia e eu verdadeira, reciprocamente, fizemos amor.

Na verdade, o que acabei de descrever talvez seja uma mentira, ou uma coisa como se fosse mentira. Embora uma ficção, é uma ficção útil. Nós a usaremos por questões narrativas. A cena que acabo de descrever... aconteceu... aconteceu muitas, muitas vezes,

mas não creio que tenha acontecido daquele modo, naquela primeira noite, a noite após eu mais ou menos tê-la violentado. Na verdade, o relacionamento sexual entre mim e a Dra. Lydia Littlemore não começou com um estrépito, mas com uma lamúria. Houve muitas vezes que tivemos de fazer isso no escuro, muito silenciosa e muito lentamente, antes de estar tudo bem em trazê-lo à luz.

Cada palavra é uma categoria, uma ferramenta de abstração, uma aproximação criminosa. Cada palavra remove a coisa que supostamente representa do mundo real. Portanto, cada palavra é uma mentira. E é por isso que é tão terrivelmente difícil falar sobre sexo — ou qualquer coisa a esse respeito, mas em especial sexo — com palavras. Bem no momento em que você mais quer falar a verdade, a inefável natureza do seu assunto entope sua língua com mentiras. Um intragável chumaço de mentiras, como um bocado de bolas de algodão. Palavras entram no caminho do que você quer dizer.

A princípio, esses incidentes eram nebulosos sonhos febris de sexo mais do que a coisa propriamente dita: nós dois semiadormecidos e indolentes, movendo-nos lenta e silenciosamente, desfrutando a interação de pele, línguas, dedos, membranas, fluidos e os órgãos sensíveis e primitivos de prazer que os dois tinham. Deitado ao lado dela na cama, eu cutucava delicadamente seu ombro com um longo dedo roxo, perguntando se ela estava acordada. Às vezes, ela murmurava alguma resposta, o que não significava necessariamente sim. Às vezes, uma ereção esgueirava-se furtiva do meu quadril por iniciativa própria, às vezes, eu a empurrava sugestivamente em direção a ela, e, às vezes, ela a sentia — ela se esfregava em sua coxa, quadril ou barriga — e, às vezes, ela a apertava dominadoramente com força e, após esse decisivo momento, eu súbita e embriagadamente não ligava para nada mundano, fora o calor branco de nossos êxtases mútuos e

iminentes. E, então, nosso sexo era como um líquido viscoso, doce e lento como mel pingando de uma colher. E, então, acordávamos pela manhã vagamente nos perguntando se fizéramos realmente o que havíamos feito, como se talvez tivesse sido apenas um movimento de uma sinfonia de sonhos semilembada e compartilhada.

Depois, passamos a ser mais diretos a respeito das coisas. Mais conscientes, mais deliberados. Em pouco tempo, Lydia e eu estávamos vivendo secretamente em pecado. Assim como Anna e Vronsky. Repercutindo aquele tempo, aquele período quando vivíamos juntos, felizes, em nosso apartamento em Hyde Park — a sequência de meses após os quais tínhamos nos tornado íntimos fisicamente, mas antes de o projeto desabar numa ruína de dívidas e dúvidas — foi uma das épocas mais felizes de minha vida.

O acordo não carecia de seus aspectos problemáticos. Talvez a amizade entre mim e Lydia, por um lado, tivesse se aprofundado e solidificado pelos laços de nossa total intimidade física; por outro, ameaçada por isso, devido às inúmeras complicações e sentimentos, em geral, conflitantes que essa liberdade de ação de um contato corporal introduz entre duas pessoas apaixonadas. Também havia a inabilidade emocional do fato que, por óbvias razões, nosso relacionamento sexual teve de ser mantido em segredo absoluto para o laboratório. Lydia tinha pavor de ficar exposta. Para mim, era um sofrimento, todos os dias, no laboratório, que ainda precisássemos fingir que nosso relacionamento ainda era profissional, ainda era científico, ainda era casto: que não estávamos profundamente apaixonados.

Não existem animais neste planeta, pelo menos, não do meu conhecimento, tão escrupulosos quanto a tocar um no outro como os humanos. Vá a um zoológico e observe os chimpanzés. Provavelmente, verá todos eles enroscados uns nos outros, formando um enorme monte abraçado. Eles se sentem mais à

vontade desse modo, mais seguros. Humanos, porém, falam muito em “respeitar o espaço pessoal” e se comportam em relação ao outro como se seus corpos fossem nações hostis isoladas por fronteiras perigosas de uma terra de ninguém, com raios itinerantes de espaço aéreo circundando cada corpo, dentro do qual o ingresso de outro pode ser considerado uma invasão não autorizada, mesmo quando a intenção é pacífica. Essa feroz desconfiança física desaparece — desaparece por completo somente entre amantes. Lydia e eu desenvolvemos aquele total bem-estar físico um com o outro que vem com a intimidade sexual; quando estávamos juntos só nós dois em casa, nossos corpos eram livres para tocar e serem tocados um pelo outro, para dar prazer um ao outro, mas, no laboratório, tínhamos de manter a fachada de que nos conhecíamos apenas como humano e animal, como experimentadora e sujeito de experiência, como cientista e ciência.

Às vezes, nos fins de semana, ficávamos o dia todo na cama. Às vezes, passávamos dois dias a fio nus. Às vezes, voltávamos do laboratório para casa — enfim, livres dos olhos vigilantes e sem amor dos colegas de Lydia, enfim soltos de uma longa cadeia de tensas horas estressantes com o trabalhoso teatro de tentar agir como se não estivéssemos apaixonados — e chegávamos à porta e corríamos logo para o quarto, peças de roupa voando de nossos corpos pelo corredor, para que já chegássemos despídos em nossa alcova de luxúria clandestina. Éramos parceiros, Lydia e eu, unidos em nosso pecado. Agíamos como duas crianças quando estávamos juntos só nós dois, duas crianças sexualmente ativas. Desenvolvemos um complexo dialeto de piadas particulares de amantes e nomes carinhosos. Eis um cenário para você. Por favor, aceite como dica “What a Wonderful World” com Louis Armstrong e imagine essas cenas surgindo e desvanecendo. Um: Lydia e Bruno sentados juntos na banheira, seus rostos suavemente iluminados de baixo para cima por uma constelação de velas aromatizadas

acesas, Lydia recostada contra o fundo da banheira e regulando a temperatura da água girando as torneiras para lá e para cá com os polegares; Lydia beberica um cálice de vinho branco e Bruno está em seu colo, comendo uma fatia de bolo de chocolate com sorvete. Dois: Lydia reclinada no sofá, em nudez magnífica, resplendente, enquanto Bruno, usando uma boina preta mole para denotar seu ofício como pintor, pinta a imagem dela numa tela sobre o cavalete. Terceira: Lydia e Bruno, passeando no parque, “mão segurando mão peluda”, provavelmente conversando sobre arte ou filosofia. Volta para a cena da banheira, onde Lydia e Bruno estão dando risadinhas e espirrando água um no outro. Corta de volta para a cena da pintura do quadro, onde Bruno, furiosamente, rasga esboço após esboço de seu bloco de desenhos, após “não estar bem de acordo”, amassando-os e jogando-os fora para se juntarem à pequena montanha de papel que se forma atrás dele. Agora, corta de volta ao parque (ainda passeando). Volta para a banheira, onde Lydia salpica água demais em Bruno, fazendo com que ele deixe cair na água o prato com o bolo de chocolate com um assustador *splash*; em resposta, suas risadinhas vão num crescendo até se tornarem gargalhadas. Agora, de volta à cena da pintura, na qual olhamos por cima do ombro de Bruno quando ele dá o toque final, completando seu quadro de Lydia (que há muito adormeceu no sofá, sem que ele notasse) com um nu reclinado. Finalmente, corta de volta para o parque, onde Bruno e Lydia pararam de caminhar e se sentam por um momento num banco que dá para uma vista da silhueta de Chicago eletricamente resplandecente no crepúsculo; eles agora se olham, sonhadores, nos olhos; seus rostos convergem para um beijo, e a câmera desvia para as estrelas, quando as notas finais da música tilintam e somem no silêncio.

Não sei se o Dr. Plumlee desconfiava de alguma coisa na época. Ele já estava se retirando do projeto. Ficara fora de seu controle. Certamente notou que havia algo entre nós. Sua suspeita também

deve ter sido alimentada pelo ciúme. Isso eu consigo entender. Como poderia ele não estar, em certo grau, secretamente apaixonado por ela? Talvez sem sequer ter consciência disso? Qualquer um podia perceber que Lydia era uma mulher apaixonada e também podia ver que o objeto de seu amor, seja lá quem fosse, não era Norman Plumlee. Desconfio de que esse seu ciúme teve algum tipo de participação na sua decisão de acabar com o projeto. Honestamente, não sei por quanto tempo Norm suspeitara que Lydia e eu estávamos tendo um caso, porém, como todos os demais, ele acabou descobrindo. Mas estou me adiantando.

Como disse, Lydia e eu estávamos apaixonados, e isso nos deixou descuidados. Provavelmente, poderíamos — *deveríamos* — ter sido mais cuidadosos e, obviamente, numa percepção tardia, eu me dou conta disso, mas não sei se teríamos conseguido fazer isso na ocasião. As persianas estavam abertas. Não pensávamos nas consequências. Lydia e eu estávamos viciados um no outro. E, como no caso de todos os viciados, o curto prazo do êxtase do nosso amor subjugava tanto que sempre cedíamos a ele, e toda a lógica censória a longo prazo logo sumia na névoa a cada noite que íamos para a cama juntos.

## XX

Agora, a roda das estações já completara uma volta, e Chicago se encontrava mergulhada mais uma vez no fundo do inverno. Chapéus, botas, cachecóis, luvas. Pingentes de gelo, neve, ruas todas sujas com a lama cinzenta causada pela neve e ventos cortantes que congelavam seu muco nasal assim que você colocava o pé do lado de fora. Quando me recordo das coisas, raramente me lembro de Chicago em qualquer estação que não seja inverno. Algumas cidades são como criancinhas alegres, vivem para seus verões, e outras têm personalidades tipo velhos mesquinhos que vivem para seus invernos, simplesmente porque isso significa que podem usar grandes casacos com uma porção de bolsos para colocar as coisas. Chicago é uma cidade assim.

Como mencionei antes, Lydia organizara uma mostra do melhor da minha obra num espaço de galeria da Biblioteca Principal da Universidade de Chicago. Até o final, foi uma noite fantástica. Fazia apenas uma semana que Norm e Lydia tinham me apresentado oficialmente ao público, num ensaio publicado no volume 367, Número 6.464 de *Nature*, no qual Lydia era coautora com o Dr. Norman Plumlee, seu supervisor imediato no laboratório, embora este tivesse muito pouco a ver com o projeto, isto é, o Projeto Bruno (Behavioral Rearing into Ultraneous Noumental Ontogenesis) [Criação Comportamental em Ontogênese Numênica Voluntária] — um acrônimo desajeitado, mas tudo bem; eu não ligava para isso. O ensaio foi redigido quase que inteiramente por Lydia. Talvez o Dr. Plumlee tivesse preparado umas notas de pé de

página anódinas sem as quais, francamente, o ensaio poderia ter sido feito. Desconfio de que houve dois motivos principais para que o nome de Plumlee aparecesse no ensaio, colocado de forma injusta e fora da ordem alfabética antes e acima do da Dra. Lydia Littlemore: (um) porque Lydia temia que sua pesquisa — com a cataclísmica mudança de paradigma em nossa compreensão de humanidade e animalidade que suas conclusões necessariamente exigiam e vendo que, na época, ela era praticamente desconhecida em seu campo — não seria levada a sério (isso de novo!) pela comunidade científica a não ser que ela pudesse se apoiar na muleta do prestígio que tinha o nome do Dr. Norman Plumlee; e (dois) por causa da vaidade de Plumlee e seu desejo infantil de se grudar como uma sanguessuga à pesquisa que era muito mais de Lydia, de Lydia e minha.

De qualquer modo, o Volume 367, Número 6.464 de *Nature*, no qual aparecia o artigo “O Projeto Bruno: Um chimpanzé extraordinário fornece novo potencial para estudos sobre comunicação linguística complexa em grandes macacos”, pelo Dr. Norman Plumlee, da Universidade de Chicago, e pela Dra. Lydia Littlemore, também da Universidade de Chicago, páginas 247-255, tinha ido para a gráfica uma semana antes da abertura da exposição de minha obra artística.

Embora o ensaio se aprofundasse no que dizia respeito a minha impressionante habilidade de entender grande parte do inglês falado, ele não mencionava minha capacidade de criar linguagem falada. Isso, principalmente, porque eu ainda não estava dizendo nada realmente. Eu falava, é claro — eu era um tagarela impressionante, eu falava o tempo todo! —, mas, por algum motivo, naquela fase, apenas Lydia conseguia entender o que eu dizia. Eu até mesmo comecei a desconfiar que os outros cientistas do laboratório cada vez mais se convenciam de que a compreensão quase fluente da minha fala era algo ilusório e um autoengano,

uma irresponsabilidade não científica da parte de Lydia, que ela exagerava na interpretação de todas as minhas bufadas, meus movimentos inarticulados, meus grunhidos e meus guinchos como fala que brotava de forma espontânea, o que exatamente eram. Os outros cientistas não entendiam minha fala porque não passaram comigo nem uma fração do total de tempo que Lydia passou, porque não me conheciam, porque não me amavam.

De qualquer modo, o fato de que eu estava, embora de maneira indistinta para estranhos, falando, provavelmente no nível de capacidade linguística de uma criança de uns 2 anos foi a fonte do desacordo entre Lydia e o Dr. Plumlee. Ela queria incluir isso no ensaio, e ele foi contra, pois se preocupava que uma alegação tão espantosa não seria crível e seria difícil, se não impossível, provar para os incrédulos. No final, Norm, previsivelmente, ganhou, Lydia aquiesceu, e fui apresentado ao público não ainda como um macaco falante, mas como um ouvinte, o que, por algum motivo, era menos impressionante.

A galeria abriu às 8h da noite. Antes de entrarem no espaço da galeria, os convidados que compareceram viram Norm fazer uma apresentação num auditório ao lado, seguida por um filme de 20 minutos comigo enquanto eu executava tarefas no laboratório. Eu não vi o tal filme, mas, pelo que sei, as pessoas ficaram tremendamente impressionadas com minhas faculdades cognitivas. Em um dos mais impressionantes segmentos desse filme, há uma cena em que estou sentado a uma mesa do laboratório escolhendo fotografias a pedido de Norm. Lembro-me da experiência. Norm me entregava uma pilha de fotografias. Havia cerca de 20 fotos 15x10cm. Metade era de pessoas: algumas das quais eu conhecia (Lydia, Norm, Prasad, Tal — essa cena foi filmada antes do incidente da mordida do dedo), algumas das quais eu não conhecia (uns idiotas quaisquer da rua) e a outra metade era de fotos de chimpanzés. Uma delas era de mim. Norm pediu-me que dividisse

as fotos em duas categorias. A princípio, pensei que talvez estivesse me pedindo para dividi-las em duas pilhas, uma para homens e outra para mulheres. Portanto, eu as separei de acordo com esse critério, colocando todas as mulheres humanas com as chimpanzés fêmeas. Norm, então, pegou de volta as fotos e as misturou novamente. Não recebi recompensa, então eu sabia que devia ter arrumado as fotos de uma maneira diferente da pretendida por Norm. Reembaralhada a pilha, ele me devolveu as fotos e pediu novamente que as dividisse em duas categorias, igual com igual. Então, percebi, é claro, que ele queria que eu dividisse as fotos entre uma pilha de humanos e uma pilha de chimpanzés. Incluí minha própria foto na pilha dos humanos. Tenho certeza de que nesse momento, no filme, um gemido coletivo de sofrimento compadecido veio da plateia.

Eu não assistia ao filme porque estava com Lydia, me preparando para minha primeira grande apresentação à sociedade. Meu baile de debutante. Num pequeno banheiro escuro em algum lugar do prédio, Lydia me preparava para a noite. Durante toda a tarde estivemos nos alvoroçando pela galeria, cuidando para que tudo estivesse de acordo: cuidando para que todos os quadros tivessem sido pendurados corretamente, que todas as luzes estivessem certas, não muito fracas, não muito fortes. Lydia usava um lindo vestido preto. Ela passara a tarde toda andando descalça de um lado a outro da galeria, as plantas dos pés pegajosas e descascando por causa do duro chão encerado, pois usava belos sapatos de salto alto, de acordo com a ocasião, mas impraticáveis para a locomoção, e se sentia desconfortável, eles a estavam “matando”, dizia ela. Planejando calçar os sapatos somente no último momento possível, ela os tinha guardado na bolsa e andara descalça (como Tal) até agora. No pequeno banheiro onde nos preparávamos para a abertura da mostra, eu estava diante do espelho, Lydia atrás de mim, sua cabeça mais de meio metro acima

da minha em nossas imagens refletidas, penteando o pelo desgrenhado do topo de minha cabeça. Ela abria e fechava a torneira da pia para molhar os dedos com água quente, então alisava meu pelo com sua mão e depois o endireitava com a escova, seus movimentos selvagens e convulsivos por causa do nervosismo. Eu usava um pequeno terno cinza, com as pernas curtas enfiadas numa calça escolhida por necessidade na seção de roupas infantis da Marshall Field's, e um paletó combinando, escolhido na seção masculina. Lydia enfiou, puxou, abotoou, fechou o zíper, cutucou e puxou minha roupa de domingo, para ajeitá-la, deu o nó na verdejante gravata verde-limão que eu mesmo havia escolhido, vestiu as meias em meus pés e amarrou os cadarços do meu sapato marrom.

Ela se sentou na tampa fechada do vaso sanitário, abriu a bolsa e a vasculhou. Encontrou a meia-calça. Ergueu o vestido acima da cintura. Rapidamente captei o cheiro de seus pés descalços, das pernas nuas e da virilha. Ela deslizou os pés descalços delgados pelos sacos de náilon preto transparentes e leves da meia-calça até se adaptarem aos contornos de seus pés. Então, puxou-a para cima até se moldarem aos contornos das pernas e envolverem as coxas e a cintura, e a meia-calça tornou-se uma fina membrana protetora grudada em sua pele. Talvez não haja nada, nada que eu adore mais observar do que uma bela mulher enrolando ou despindo uma meia-calça de náilon. Então, ajeitou o vestido — adeus, vagina de Lydia! — e tirou os sapatos da bolsa. Lydia quase nunca usava sapatos que não fossem principalmente práticos. Odiava salto alto, odiava, odiava, *odiava*. Quase sempre, em tudo, ela priorizava conforto a estética, sendo assim, não estava acostumada a andar de salto alto e, portanto, estava particularmente vulnerável a seus apertos e suas beliscadas que provocavam bolhas.

Lydia checkou sua aparência uma última vez no espelho. Seu cabelo continuava curto, mas crescera um pouco e cobria apenas a

parte de cima das orelhas. Ela continuava a fazer o movimento de prender um punhado de cabelo atrás da orelha, mas ele ainda não estava tão comprido para ficar quieto e, imediatamente, tornara a se soltar. Lydia não estava usando óculos. Virou-se para mim, que a observava olhando para o próprio reflexo. Nossos olhos se encontraram no espelho.

— Vamos nos comportar muito bem esta noite, não é mesmo, Bruno?

Fiz que sim.

Ela inspirou bem fundo e deixou que o ar saísse lentamente, acalmando-se com o oxigênio extra, conscientemente tentando tornar a respiração natural e normal. Então, curvou-se lentamente para o chão. Ajoelhou-se, dobrando as pernas longas e fortes, tornadas ainda mais longas pelos sapatos de salto alto que ela tão violentamente detestava, até seu rosto ficar no mesmo nível do meu e olhou bem dentro de meus olhos. Envolveu minha nuca com suas mãos, e eu envolvi suas costas com meus braços desengonçados, e trocamos um demorado e apaixonado beijo. Nossos lábios se misturaram, nossas línguas se enroscaram, respiramos o ar quente um do outro e engolimos a saliva um do outro. É doloroso — quase fisicamente doloroso para mim, me deixa doente, me dá uma dor de cabeça tão real e visceral quanto uma dor de barriga — recordar o quanto estávamos apaixonados.

Lydia segurou minha mão, apertando-a entre as suas.

— Bem — sussurrou em meu ouvido. — Vamos lá.

Ergueu-se para ficar totalmente de pé e, conduzindo-me pela mão, destrancou a porta e empurrou-a para abrir.

---

A abertura da mostra na galeria. Tenho certeza de que você sabe como essas coisas tendem a parecer. Havia um par de mesas baratas cobertas com toalhas caríssimas: em uma delas havia

muitos cálices e garrafas de vinho, baldes de gelo para o vinho branco, que o pessoal do bufê servia aos convidados, e, na outra mesa, havia um arranjo de *hors d'œuvres*: brownies, queijos, bolachas, tomates cereja, minissanduíches de salame e outros petiscos. A maioria dos frequentadores estava belamente vestida. Havia apertos de mãos, troca de abraços meio frouxos, esposas apresentadas, cálices repicado como sinos, sapatos elegantes ressoados no chão de concreto encerado e um fluido zumbido de conversa generalizada corria pelo interior do salão branco condutor de eco, no qual ondas de risadas educadas encapelavam-se e quebravam-se aqui e ali. Você já notou o quanto é semelhante a ambiência de uma galeria de arte à de um laboratório?

Quinze de meus quadros maiores pendiam das paredes brancas do espaço da galeria. Optei, seguindo sugestão de Lydia, não por mostrar as incursões exploratórias no abstrato que eu já começava a pintar, mas permanecer com as peças de aparência mais meticulosamente realistas para, nesse estágio inicial de minha carreira, exibir meu domínio da técnica em vez da minha abordagem inovadora desse conceito. Quatro deles eram autorretratos reproduzidos de acordo com meu reflexo no espelho do banheiro de Lydia, em tal ângulo e usando tal concepção para deliberadamente evocar Van Gogh; em um deles eu até mesmo me pintei usando um chapéu de palha com aba larga, numa óbvia homenagem ao meu holandês maluco favorito, embora apenas um punhado desses filisteus entendesse a piada. Um dos quadros era um retrato de Norman Plumlee, reproduzido de um desenho dele a carvão que fiz apressadamente, certa vez, quando visitei o laboratório com Lydia (mas, desde então, destruí esse quadro). Dois dos quadros eram de Lydia. (Os muitos nus que eu havia pintado dela não estavam na mostra por motivos óbvios. Muitos deles também foram destruídos depois. O que está pendurado acima do sofá em que me encontro reclinado neste momento é o único

sobrevivente que eu saiba.) Um outro quadro era uma paisagem — impressionante pœela técnica, mas empobrecida em conceito pela minha então imaturidade como artista — da margem do lago de Chicago, no verão, olhando em direção ao sul; talvez seja uma pequena lembrança do *Tarde de domingo na ilha de Grande Jatte*, de Seurat, com todas aquelas garotas bonitas numa tarde ociosa na praia, cachorros abocanhando frisbees, o Hancock Center com seu trançado de ferro e seus chifres ao fundo, e a grande extensão azul do Lago Michigan, salpicado de veleiros, que dominam a parte esquerda do quadro.

Imagino que as pessoas presentes à inauguração da mostra teriam vivenciado algo parecido com isto: assim que houver bastante gente presente, assim que houver muitas bocas na sala para produzir bastante conversa para girar no espaço aéreo entre os muitos corpos quentes para controlar o efeito do eco no espaço completamente vazio — que é todo pintado de branco e desguarnecido exceto pelos meus quadros pendurados nas paredes, as duas mesas dobráveis que continham os *hors d'œuvres* e os cálices e os vinhos, dois sofás de couro preto Mies van der Rohe no centro da sala, defronte a minhas pinturas —, assim que a ambiência do recinto for a correta, a atmosfera social suficientemente agradável, eis que entra pelas portas da frente abertas da galeria uma linda jovem belamente trajada com um vestido preto e cabelo louro curto, e ali — segurando a mão dela, caminhando a seu lado, orgulhosamente, sobre duas pernas, como um homem, usando até mesmo sapatos, vestido com um pequeno terno cinza e gravata verde-limão, seu pelo perfeito — está o artista.

Sim, sucede que ele é um chimpanzé. Um chimpanzé vestido com os trajes da civilização humana geralmente é engraçado para vocês. É por isso que vemos macacos vestidos com roupas idiotas em comerciais de TV. É lance de circo, de teatro de variedades, de

burlesco, de show de aberrações. Obviamente, o motivo por que acham graça para cacete em ver um chimpanzé vestido com roupas humanas e ensinado a comicamente imitar o comportamento humano é porque vocês veem em si mesmos a única cultura *apropriada*. Vocês se definem como a única espécie culta, e isso lhes tem permitido acreditar que a sua cultura lhes tem ajudado a se separar do restante da natureza. Vocês acham que sua preciosa cultura é o que os torna humanos. Portanto, a visão de um macaco — tão perto de vocês, e, no entanto, parecendo tão distante — vestido com roupas humanas e se comportando como um ser humano é totalmente incongruente, por consequência, engraçado. Mas e se... e se você vir um macaco que veste terno e gravata e anda sobre duas pernas, que deu esse passo para a cultura humana *não* simplesmente para satisfazer seus treinadores que zombam dele e o alcovitam e o degradam para fornecer diversão às massas extasiadas, *mas de sua livre e espontânea vontade*? De repente, não é mais engraçado. É?

É por isso que esse chimpanzé em particular não é engraçado. Ele não é fofo. Não parece um macaco de circo, correndo em círculos *fom-fom* em sua pequena motoneta, vestido com roupas emprestadas da civilização humana para a diversão superficial de todo mundo. Ele está vestido assim porque quer. Sim, é um chimpanzé, seus braços e dedos cabeludos são longos e delgados, seus lábios e queixo se salientam do rosto borrachudo, cabeludo, tipo máscara, mas, em todos os demais aspectos, ele parece um homem; você consegue ver a luz da cultura humana crescendo em seus olhos como pedras mágicas. E o efeito é muito mais desconcertante por causa disso. Ninguém o acha engraçado ou fofo. A imagem é por demais perturbadora. Eis, senhoras e senhores, o artista.

Quando Lydia e eu entramos na sala, a conversa não morreu por completo, mas tornou-se abafada, subitamente toda relaxada e

frouxa como as velas de um barco à deriva na calmaria equatorial. A maioria dos presentes afastou-se lentamente de nós, de... quê? Admiração? Medo? Lydia sorriu e acenou para todos. As pessoas nervosas sorriram e acenaram de volta. Lydia tentou nos enfiar na multidão, mas um raio de espaço acautelado sempre nos envolvia. Aonde quer que fôssemos, éramos o centro do espetáculo.

Norman se aproximou de nós. Suas calças estavam ligeiramente amarrotadas e frouxas. Segurou Lydia com delicadeza pelo braço. Eu ainda segurava a mão dela na extremidade do outro braço. Comigo de um lado e Norm do outro, Lydia deixou que ele a conduzisse na direção de um número de pessoas em particular que juntas formavam um grupo perto de um dos meus quadros: a paisagem da margem do lago de Chicago. Elas seguravam cálices de vinho e algumas tinham pilhas de *hors d'œuvres* em guardanapos em suas mãos.

— Eu gostaria de lhes apresentar meus colegas, Lydia e Bruno — disse Norm às pessoas que estavam mais ou menos juntas e soltou o braço de Lydia. Ela, por sua vez, apertou a mão de cada uma delas, e largou a minha para que eu pudesse apertar as delas. Cada uma das pessoas, uma por uma, respeitosamente, meio que se ajoelhou para que seus rostos ficassem no nível do meu, disse seu nome (nem sequer um dos quais se fixou em minhas memórias tanto de curto quanto de longo prazo), e suavemente apertou minha mão por um momento. As pessoas não conseguiram se forçar a conversar comigo. Elas eram todas sorrisos, bastante amigáveis. Rapidamente, peguei de volta a mão de Lydia.

O recinto voltou a ficar socialmente descontraído. O volume e o nível das conversas das pessoas foram aos poucos se erguendo. Comecei a me sentir um pouco agitado.

Eu observava as pessoas na galeria indo de um quadro a outro, com seus cálices de vinho nas mãos, apontando para minhas pinturas e fazendo comentários sobre elas. Pareciam

particularmente impressionadas por minhas versões realistas, como são tipicamente as pessoas que entendem muito pouco de arte.

Uma das pessoas que estava numa roda comigo, Lydia e Norm, uma daquelas a quem eu acabara de ser apresentado, parecia alguém particularmente importante. Um homem importante. Ele vestia roupas bonitas. Era mais velho e bonito, com lustrosos tufos de cabelos grisalhos irrompendo de sua cabeça, um rosto magro e sério e óculos sem armação que se prendiam delicadamente no cavalete do nariz pontudo e aumentavam seus úmidos olhos cinzentos. Notei que a maioria das pessoas a nossa volta usava crachás — esses retângulos brancos com nomes rabiscados com caneta hidrocor preta, presos à roupa perto do coração —, mas esse homem não. Esse homem não usava nenhum crachá. Aparentemente, ele não queria que seu nome fosse conhecido, ou, então, concluíra que todos já o sabiam. Norm e Lydia estavam numa conversa enlevada com esse homem. O Homem Importante era quem mais falava, e Norm e Lydia eram os que mais ouviam educadamente, as cabeças balançando-se como boias em seus pescoços, com assentidos e inseridos *sim* e *humhum* nas depressões da onda de emissões sonoras dele. Ocasionalmente, quando lhe era permitido, Norm despejava uma torrente de palavras, falando rapidamente, como se tivesse medo de perder o interesse do Homem Importante antes que ele chegasse ao ponto principal. Lydia dizia algo aqui e ali, mas, ficava em silêncio na maior parte do tempo. A conversa deles era demais para a minha cabeça. Lydia segurava minha mão com firmeza, de vez em quando dando-lhe um apertão para que eu me lembrasse de sua presença, de sua proximidade. Eu queria ir para casa.

Notei que havia dois homens parados perto das portas da galeria. Eram jovens e saudáveis, com cabelos curtos e braços fortes, uniformizados: sapato preto, calça azul, camisa marrom-clara de manga curta com reluzentes botões metálicos. Usavam distintivos.

Era como se não estivessem ali para se divertir, mas apenas para fazer seu trabalho. Lentamente, perambulavam pela sala, sem falar com ninguém, inspecionando a multidão, prestando bastante atenção. Estavam ali para proteger o quê? Minha arte? As mãos estavam cruzadas para trás. Quando se viraram, notei que, nas costas, cada um deles levava um fino bastão prateado com um cabo vermelho de borracha e um forçado com um filamento de arame na extremidade.

Voltei a olhar para nosso círculo social. Em comparação, os outros estavam tão acima de mim, e eu, tão perto do chão. Eu via tudo de baixo para cima. Norm estava com problemas para equilibrar seu cálice de vinho e uma pilha de cubos de queijo em um guardanapo. Ele falava animadamente com o Homem Importante. Com o polegar da mão que segurava o queijo, Norm pelejava para empurrar os óculos para o cavalete do nariz e depois jogar para trás os três fios de cabelo que se grudavam em sua cachola calva, mas era difícil executar essas três pequenas ações com a mão cheia de queijo, e observei um dos pequenos cubos amarelos desabar de sua palma para o chão, onde quicou três vezes como um dado num tabuleiro de gamão antes de parar no meio de nosso círculo de pessoas. Observei Lydia seguir o rastro da fuga do queijo e, em seguida, erguer rapidamente a vista. Ninguém mais, nem mesmo o Homem Importante, percebeu ou fingiu não ter percebido. O próprio Plumlee não notou. Sua voz aumentou em grau e entusiasmo ao se aproximar da questão de o que quer que estivesse dizendo. Suas mãos eram grossas e polpudas e a parte de trás dos dedos quase tão cabeluda quanto a dos meus. Lydia apertou minha mão. Levantei meus olhos para ela. Ela sorriu para mim, como se quisesse me garantir que iríamos logo para casa. Eu me sentia terrivelmente entediado e desconfortável.

Um novo homem abriu caminho em direção a nosso círculo. Era alto. Era velho, também, mas se comportava como se tivesse o

vigor da juventude: costas retas, peito estufado. Era magro, mas robusto, parecia que poderia correr uma maratona sem suar. Um belo bigode branco esplendoroso pendia abaixo do nariz e enfeitava o lábio superior. Ele usava um terno, tão prateado quanto uma colher, que se moldava firmemente aos seus velhos músculos fibrosos e, em vez de gravata tradicional, usava uma de caubói, um cadarço que deslizava através de um enorme amuleto turquesa. E no alto da cabeça estava um chapéu branco de aba larga: um chapéu de caubói. Ele entrou na conversa como se estivesse entrando em sua própria casa e, ao fazê-lo, uma velha mão magra com manchas senis e gordas veias azuis ziguezagueando pelas arestas de seus tendões se ergueu até o topo do chapéu, onde apertou o raso recesso da copa e educadamente o removeu, libertando as flexíveis pontas de suas orelhas vermelhas e revelando a brilhante bola rosada de sua cabeça, que era calva, exceto por um agasalho semicircular de cabelo branco que brincava de roda com seu crânio.

— Ei — disse ele.

— Ei — respondeu Lydia, retribuindo instintivamente o cumprimento simples, e, ao perceber o que disse, ficou imediatamente constrangida, enrubescendo ao perceber quão tolo aquilo soou em sua boca. O homem estendeu a mão e Lydia a apertou. Ele pareceu que queria beijar sua mão como um cavalheiro antiquado, mas o ângulo e a posição da mão de Lydia não permitiam.

— Meu nome é Dudley Lawrence — disse o homem. — É realmente um prazer e uma honra conhecê-la, Srta. Littlemore.

— Senhora — disse Lydia, e, em seguida — Doutora. — Ela ficou um pouco lisonjeada, um pouco surpresa com suas boas maneiras. Então, antes de falar com mais alguém, antes de se dirigir a Norm ou ao Homem Importante com quem estiveram conversando a noite toda, Dudley Lawrence curvou-se sobre suas botas, o

amarrotado da calça prateada desaparecendo nos joelhos, e me cumprimentou, apertando calorosamente minha mão.

— Olá, Bruno — disse ele. — O prazer é todo meu. — Seu bigode branco se torceu nas pontas de seu sorriso. Deu dois tapinhas em minha mão, antes de soltá-la. Sem se erguer e olhando-me diretamente nos olhos, disse: — Há alguém que gostaria de lhe apresentar. — Então, surgiu, ajoelhada a seu lado, uma mulher grande e produzida. — Por favor, diga oi para a minha esposa, Regina.

— Bruno, sua arte é *maravilhosa* — disse a mulher, numa voz alta e melodiosa. A laudatória efusividade em seu tom de voz me fez enrubescer um pouco. Regina Lawrence era muito mais nova do que seu marido, devia, talvez, estar na casa dos 40. Era baixa e robusta, mas atraente de um explosivo modo carnudo, com uns enormes peitos grasnantes irrompendo da gola de sua blusa vermelha como dois gansos depenados. Joias de prata e turquesa estalavam e chocalhavam por cima dela toda. Um longo xale vermelho e dourado se enrolava em seus ombros. Seus olhos eram verde-mar e os lábios túrgidos muito rosados e brilhantes, de aparência pegajosa, como se recentemente tivessem chupado uma bala, e os lobos das orelhas estavam distendidos com o peso de dois grandes brincos de elefantes de turquesa. Uma listra branca corria pelo meio de seu longo cabelo laranja. Ela sorriu radiante para mim ao tomar minha mão e apertá-la. Pude perceber de imediato que aquela mulher era boa e amável, tinha um grande coração e, talvez, fosse totalmente insana.

Após terem se apresentado a mim, os Lawrence se ergueram para o nível da conversa dos outros humanos e se apresentaram a Norm e ao Homem Importante. Ergui a vista para seus rostos. Achei que pude perceber Norm ter ficado visivelmente irritado porque o homem se apresentou a Lydia — depois apresentou sua mulher para mim, o *chimpanzé* — sem antes cumprimentá-lo, e mais

irritado porque ele assim procedeu diante do Homem Importante. O Homem Importante parecia se considerar acima dessas coisas — o campo de batalha de gestos, palavras, modos — toda a delicada metalinguagem de postura social humana. O que os macacos fazem, ao socar o peito, jogar torrões de grama, bater em troncos, os seres humanos o fazem de modos mais sutis. No mais, há muito pouca diferença.

Dudley Lawrence, contudo — pude perceber, já naquela ocasião —, achava que tinha algo que o fazia se sentir perfeitamente seguro acreditando ser o mais importante de todos. Posteriormente, eu descobriria que esse algo eram montes e montes de dinheiro.

Pois bem, Dudley Lawrence se meteu na conversa e apresentou sua pitoresca esposa. Ele não era cientista; era um leigo interessado. Notei que Lydia possuía bastante interesse no que ele tinha a dizer. Ela gostava da atenção que ele lhe dava. Ele queria saber tudo sobre mim. Continuava fazendo perguntas, sempre se dirigindo a Lydia, em quem instintivamente confiava mais do que em Norm, o que o enfurecia cada vez mais. Enquanto isso, a esposa Regina baixou novamente seu enorme corpo para meu nível. E acabou, em verdade, sentando-se no chão, bem no meio da galeria. Com toda aquela gente andando de um lado para o outro, ela se sentou no chão, as pernas cruzadas, diante de mim.

— Como *vai*, Bruno? — perguntou. Sem esperar uma resposta, continuou falando. Seus olhos verde-mar combinavam com os brincos de elefantes de turquesa. — Eu estava morrendo de vontade de conhecer você, Bruno. Tenho lido tudo a seu respeito. Eu *adoro* sua obra.

Assenti, reconhecendo educadamente o elogio.

— Gostaria de saber — prosseguiu — de que modo você diria que sua singular perspectiva cultural, como um chimpanzé vivendo em nossa sociedade, inspira sua arte?

Também estive pensando nisso. Desde então, por toda a minha carreira, tenho respondido a perguntas como essa. As pessoas não se cansam de fazê-las. Creio que respondi, comunicando mais ou menos com inarticulados ruídos ofegantes e gestos vagos, que eu, sendo supostamente um chimpanzé numa sociedade humana, levava uma pessoa a perceber a condição humana não em termos de *ser*, mas de se *vir a ser*, forçando-a a entender a humanidade como algo necessariamente arrastado pelo fluxo da natureza, e não acima e contra a natureza.

— Sim, é claro — disse a Sra. Lawrence.

Nós papeamos mais um pouco desse modo afável.

Eu me sentia tão suficientemente à vontade com aquela mulher que larguei a mão de Lydia.

Enquanto isso, na conversa que acontecia acima de nós, Lydia me contaria depois, Dudley Lawrence perguntara a que preço ele poderia adquirir toda a coleção da mostra.

— Sinto muito — disse Lydia, ou algo semelhante —, as pinturas de Bruno, na verdade, não estão à venda. Nós as consideramos documentos valiosos que precisamos guardar para pesquisas e...

— Está bem — disse o Sr. Lawrence ou algo semelhante, ao enfiar de volta a caneta e o talão de cheques no bolso interno do paletó prateado, talvez ligeiramente constrangido por ter feito a pergunta. — Entendo. Mas, pelo menos, gostaria de contratar o artista para pintar um quadro em separado para...

— Não tenho certeza se isso seria apropriado para Bruno... — começou Lydia.

Mas, nesse ponto, Norm, cujos olhos vinham seguindo a negociação com uma ganância crescentemente desvairada, interrompeu.

— Espere aí, talvez possamos... Hã... Talvez possamos discutir a possibilidade de vender algumas obras desta coleção. Na verdade, não chegamos a discutir a ideia...

— Discutimos sim — afirmou Lydia. — Nós concordamos que...  
Norm pigarreou e coçou o queixo.

— Desculpe-me — disse Norm ao Sr. Lawrence. — Poderia nos dar licença por um momento? Preciso consultar minha colega.

O Sr. Lawrence assentiu amavelmente, concordando com a cabeça, enquanto Norm agarrava o braço de Lydia e a conduzia para fora do alcance da voz. Os dois caminharam até o outro lado da sala e começaram a discutir em sussurros concisos, as cabeças curvadas à frente e próximas uma da outra. Enquanto estavam fora, o Sr. Lawrence e o Homem Importante entabularam outra conversa em separado, um impenetrável diálogo entre dois homens supostamente importantes.

Lydia estava, agora, distante de mim. Encontrava-se inextricável, inalcançavelmente envolvida por completo em algum assunto no outro lado da sala. Norm a tinha roubado, levado para longe de mim. Eu fora deixado na companhia dessa tal de Regina Lawrence, que continuava sentada no chão diante de mim, com as pernas cruzadas, ainda usando uma tapeçaria de palavras que, agora, haviam se transformado numa tenda claustrofóbica de incompreensível tagarelice. Dei-me conta de que não fazia a menor ideia de quem eram aquelas pessoas. Não conhecia o Homem Importante, nem o velho alto com terno prateado e chapéu de caubói, nem os dois homens com estranhos bastões brilhantes nas costas, nem a grande e produzida mulher sentada no chão perto de mim. Olhei ao redor da sala. Todos os meus quadros estavam pendurados nas paredes. Por quê? Pessoas que eu não conhecia andavam em volta e olhavam para eles. Por quê?

Meu coração chocalhou contra as costelas, com medo e raiva. Eu não sabia de nada. Quem *eram* aquelas pessoas? Onde eu estava? O que diabo estava acontecendo? Entrei em pânico. Não me orgulho do que aconteceu a seguir. Perdi o controle. Se algum dia o tive, eu o perdi naquela noite. Lydia, sinto muito. Sinto muitíssimo.

Sinto muito, sinto muito, sinto muito (Gwen, quando digitar essas transcrições, por favor, copie e cole "sinto muito" mesmo que eu repita 6 mil vezes).

Você poderia dizer que o animal dentro de mim, dentro deste chimpanzé, deste arremedo de homem, Bruno, naquele momento escolheu uma ocasião extraordinariamente inoportuna para eclodir lá do fundo, se apresentar e cumprimentar todo mundo. Você poderia dizer que, por algum motivo, escolhi aquele momento para arrancar minhas roupas e começar a gritar e uivar selvagememente com toda a força de meus pulmões. Se você estivesse lá, teria observado pessoas tapando seus feios ouvidos com suas mãos gordas e estúpidas ao som de todos os meus terríveis guinchos e urros. Poderia, então, ter me observado, com meu pequeno terno cinza já em farrapos pendendo de meu tronco, correndo violentamente a esmo pela sala, parecendo ir em todas as direções ao mesmo tempo, arrastando balbúrdia e confusão por entre todas aquelas pernas, calças, todos aqueles vestidos e sapatos. Também teria me visto derrubar as duas mesas dobráveis, fazendo todos aqueles *hors d'œuvres*, brownies, queijos, bolachas, tomates cereja e minissanduíches de salame se espalharem pelo chão, e você poderia ter ouvido todos os cálices e garrafas se espatifarem em átomos, em contato com o chão, e, no seu pânico repentino, você poderia ter confundido todo o vinho tinto escorrendo pelo chão, em meio ao vidro quebrado que você talvez tivesse esmagado sob os pés, com sangue, sangue humano, e talvez tivesse ajudado os outros a esmagar os *hors d'œuvres* no chão, ou arrancar os brownies e cubinhos de queijo grudados debaixo de seus sapatos, ao se juntar a todos em sua debandada aterrorizada para fora da sala. E, se estivesse longe da porta, quando começou o improvisado êxodo em massa, você poderia ter sido um dos azarados que foram pisoteados e esmagados na porta por todos aqueles humanos em pânico, ou teria sido um dos que gritavam e continuavam na sala

sem poder sair porque a porta ficara entupida com humanos como fica o ralo de uma banheira com inexplicável sujeira humana, e, sendo assim, você estaria em posição de observar quando aconteceu, quando aqueles dois jovens saudáveis vestidos com calça azul e camisa marrom-clara me encurralaram num canto da sala e me espetaram várias vezes com seus bastões, aquelas misteriosas máquinas prateadas que, é claro, não eram mais misteriosas para mim. Você teria visto os dois homens desferirem neste animal raivoso, "cruel", uma série correspondentemente cruel de choques elétricos que o incapacitaram no mesmo instante, deixando-o choroso, tremendo no chão, não inconsciente, mas imaginando por um instante se estava morto. Você talvez, se é dado a empatia, teria imaginado por um momento o que seria sentir aquilo, e talvez, se é alguém dado a compaixão (e raras vezes você o é), até mesmo se importasse.

Olhei, febril, enjoado, distantemente olhei para o teto de onde eu me encontrava desabado e amarrotado no canto da sala. Um momento antes, foi como se aquelas coisas com as quais me cutucaram tivessem no mesmo instante trocado cada gota de sangue em minhas veias por água fervendo e, então, num instante, tivessem feito uma nova troca por gelo. Eu tremia involuntariamente. Nunca havia sentido tanta dor. Tanta dor física brutal, terrível — nunca. Ouvi pessoas gritando. Parecia que elas estavam na extremidade mais distante de um longo túnel. Ouvi uma mulher gritando. Lydia estava gritando. Não tanto de pena, mas de raiva.

Agora, meu corpo jazia entortado, trêmulo, bambo, nos braços de Lydia. Ergui a vista para ela através da cortina enevoadada de meu delírio e vi que seu rosto estava lustroso, brilhante de lágrimas.

Norm, mantendo sua distância, estava parado, um pouco mais afastado e para o lado. Parecia acanhado. Parecia temeroso. Como se não soubesse o que fazer com as mãos. Passou-se algo pelas

suas feições fisionômicas que sugeriram que ele acabara de se lembrar de algo. Então, saiu pela porta, provavelmente para procurar o Homem Importante. Este foi um dos primeiros a fugir.

Agora, todos que haviam estado na galeria já tinham ido embora, exceto eu, Lydia e os dois criminosos que haviam me subjugado à base de choques. Não. Havia mais duas pessoas ali. Dudley e Regina Lawrence permaneciam parados, lado a lado, no meio da sala. Não pareciam ter ficado apavorados nem um pouco com os deploráveis acontecimentos do último minuto e meio. Pareciam entender. Pareciam muito mais calmos do que Norm ficara. Mantinham distância não por medo, mas por respeito a mim e a Lydia. Mesmo em meu trêmulo estupor, mesmo em meio a minhas dores, mesmo em meio a meu ódio e a minha miséria, isso os valorizou para mim.

Quando saíamos, Dudley Lawrence aproximou-se cautelosamente na porta. Seu chapéu estava em suas mãos. Com minha mente num lugar muito distante, mas meu corpo presente, observei-o entregar um cartão a Lydia, dar-lhe uma piscadela de compreensão e cochichar algo em seu ouvido que não entendi. Sua mulher me jogou um beijo. Lydia, agora, estava de posse de um pequeno retângulo de papel duro que em breve alteraria radicalmente o meu futuro. Se eu pudesse ter lido o cartão que Lydia acabara de receber, teria lido:

Dudley Lawrence  
Cofundador  
Fundação Dudley e Regina Lawrence  
pelos Direitos dos Animais & Manutenção dos *Habitats*

Seguia-se um endereço e um número de telefone. Mas, é claro, eu ainda não sabia ler.

De algum lugar, de algum modo, Norm voltou à sala, e, então, seguiu-se um curto, sussurrado, raivoso, muito raivoso, diálogo entre ele e Lydia. Norm estava furioso. A irritação e a pretensão o inflavam como um zepelim. Lydia ainda chorava, tentando conter suas lágrimas não profissionais, não científicas. Eu odiava Norm. De algum modo, nós nos livramos dele. Deixamos a companhia de Norm e fomos para casa.

Se você se encontrasse parado do lado de fora do prédio, no estacionamento e olhando para a entrada lateral da Biblioteca Principal da Universidade de Chicago, então poderia ver uma linda e belamente vestida jovem mulher com cabelo louro curto, com vestido preto e sapatos de salto alto, carregando nos braços um chimpanzé tremendamente subjugado, que usava os restos esfarrapados de um pequeno terno cinza e gravata verde-limão.

Aliás, Lydia devia estar usando casaco e cachecol por cima do vestido, pois fazia muito frio naquela noite. Era o auge do inverno. A primeira poeira do que se tornaria uma nevasca pairava acima de nós, em flocos de neve tão grandes, úmidos e grossos que você até mesmo conseguia ouvir os ruídos que faziam quando atingiam o chão.

Lydia e eu saímos do prédio para aquela noite fria de doer os ossos. As luzes das ruas pintavam a sombria placa carregada do céu urbano acima de nós com suas doentias penumbras de claridade laranja.

Lydia me carregava. Seus saltos faziam *scrap-clock, scrap-clock* no asfalto, nossas sombras mútuas se transformando abaixo de nós à medida que passávamos de um lampião a outro, rumo ao carro nos fundos do comprido e, agora, deserto estacionamento da biblioteca.

Ela parou. Silêncio e os sons dos grossos flocos de neve caindo substituíram o ritmo de suas passadas. Fracamente, olhei a nossa volta. Não entendi o que havia de errado. As lágrimas de Lydia tinham congelado em seu rosto. Então, eu vi.

Lydia tinha se dado conta de que caminhava sobre uma fina e invisível película de gelo preto: liso, escorregadio, tão gorduroso quanto vidro engraxado.

— Bruno — sussurrou. — Por favor, segure-se em mim. Segure firme.

Agarrei seu pescoço. Meus braços ainda estavam fracos.

Lydia ajoelhou-se no chão. Colocou os dedos sobre o pavimento como apoio e, lentamente, escorregou os pés para fora dos sapatos.

— Por favor, segure-se — disse ela, e colocou os sapatos no espaço entre meu corpo e o dela. Suguei o úmido cheiro luxuriante do interior de seus sapatos. Bebi o saboroso odor das palmilhas molhadas pelo suor de Lydia. As partes internas tinham um pouquinho de sangue de duas bolhas que haviam estourado nos calcanhares. O ar que chegava a meu nariz e a minha boca, vindo do interior dos sapatos, era um pequeno sopro de calidez no frio cruciante.

Tivemos de andar mais ou menos uns 10 metros até o carro. Lydia depositava toda a sua gravidade num pé de cada vez, equilibrando-me em seus braços — caminhando muito devagar e com cuidado, sem correr qualquer risco. Pisava apenas com o calcanhar e com a ponta do dedão, cada passo nivelado com o asfalto congelante.

Lydia estremecia a cada passada. Tenho certeza de que o gelo contra as solas de seus pés, através da frágil meia-calça de náilon, era tão frio que causava uma dor intensa, de modo que não gelava, mas queimava: uma dor tão aguda que parecia mais como fogo do que gelo contra a pele. Tenho certeza de que a dor do gelado estacionamento percorria suas pernas como se algo furasse buracos em seus ossos e esgotasse a medula através de um canudo.

Naquela noite, a caminho de casa, Lydia parou em algum lugar e comprou uma garrafa de bourbon. Naquela noite, nós a levamos

para casa, e Lydia acendeu um fogo na lareira para aquecer os pés gelados, e, juntos, ficamos incrivelmente bêbados, até nos sentirmos seguros e aquecidos, saudáveis e até mesmo sãos. Naquela noite, Lydia e eu fizemos um amor embriagado com o agitado desespero de dois seres se afogando, agarrado um ao outro querendo ajuda, mas, ao fazer isso, apenas apressando o afogamento, sucumbindo juntos sob a superfície do mar.

# Parte Três

Bem depressa observei em mim mudança,  
Estranha alteração, até certo grau  
Da razão em meus dons internos e o da palavra.  
Não quis, mas esta minha forma foi mantida e,  
Desde então, profundos ou sublimes  
Tornaram-se meus pensamentos, e a mente ampla  
Contemplou tudo o que era visível no Céu,  
Na Terra, no Ar, e todas as coisas justas e boas.

Satã para Eva, *Paraíso perdido*

## XXI

Lydia e eu não voltamos ao laboratório depois disso. Ela estava deprimida. O estresse, a decepção, o nojo, não importava o que fosse, fez com que as dores de cabeça voltassem ao seu crânio estrondeando todas as noites durante semanas. Não apenas à noite, mas também durante o dia. Eu nunca a vira tão miseravelmente incapacitada pelas suas dores de cabeça. Ela nem mesmo me permitia ver TV, pois dizia que o som agudo e persistente eletrônico do aparelho e o falatório das pessoas que surgiam na tela agravavam a dor de cabeça. Ficava o dia todo deitada na diagonal, atravessada na cama, as persianas fechadas, massageando as têmporas e gemendo. Lydia, portanto, durante esse período, não era nada divertida. Então, para me divertir, eu tinha de me contentar em folhear meus álbuns ilustrados, ou, então, me ocupar com minhas atividades artísticas. Fora de casa, o inverno ainda governava o céu, as ruas e o ar; estávamos numa temporada fria particularmente chata; por isso, eu ficava trancado em casa. Era tempo de silêncio e escuridão na Avenida South Ellis, 5.120, apartamento 1A.

Quando não estava estirada de lado atravessada na cama ou no sofá ou afundada numa poltrona com um saco de gelo apertando as têmporas, numa tentativa de esfriar o fogo que assolava seu cérebro e, às vezes, levava-a a ponto de vomitar, Lydia geralmente ficava ao telefone, cuidando de misteriosas conferências com grupos desconhecidos. Respeitosamente, eu não exigia saber sobre eles. Eu lhe dava privacidade, espaço e distância suficiente. Fingia

que ela tratava de algum tipo de assunto oficial relativo ao meu ataque histérico na galeria de arte, cujas implicações em particular eu não conseguia sequer começar a imaginar. Nosso telefone ficava na cozinha. Era de plástico verde-claro, preso à parede na altura do peito (humano), bem do lado da geladeira, e o fone estava ligado ao aparelho por um longo fio bambo de plástico que se encaracolava como rabo de porco. Quando alguém de fora queria falar com Lydia, o telefone tocava seu alarme, que soava como o gorgolejo de um peru elétrico, e ela corria para a cozinha, os pés descalços grudando no chão, para pegar o fone, e, então, passar um longo tempo — às vezes, uma hora ou mais — ou falando ou ouvindo os inescrutáveis ruídos triturantes que saíam dele. Eu a observava ouvir ou falar ao telefone. Nessa ocasião, vivíamos quase que inteiramente uma existência interior: fazia frio demais para sairmos para qualquer diversão e, aparentemente, não havia de qualquer modo nenhum lugar a que tivéssemos de ir; e Lydia, seu pobre cérebro mergulhado em dores de cabeça como uma lagosta em uma panela fervente, costumava passar o dia todo sem trocar as roupas com as quais havia dormido, que frequentemente significavam apenas uma camiseta e calcinha, e, quando estava ao telefone, às vezes, inconscientemente, muito, muito devagar, caminhava pelo chão da cozinha formando um pequeno círculo, e o longo fio de plástico verde-claro se enrolava em seu corpo, em volta de suas pernas nuas. Então, ela olhava para baixo, se dava conta do que havia feito e invertia a direção das pequenas voltas que fazia, no sentido horário e depois contra ou vice-versa, e o fio pouco a pouco se desenrolava de seu corpo e voltava a pender frouxamente entre o aparelho e seu longo e belo corpo.

Normalmente essas conversas pareciam benignas o bastante, embora ela quase sempre recolocasse o fone no gancho num estado de agitação maior do que quando o havia tirado. Ocasionalmente, sua voz se aproximava de uma altura e de um tom

que anunciavam irritação ou total hostilidade. Eu conseguia aferir o quanto a conversa tinha sido agradável baseado no nível de violência com que ela batia o fone no gancho.

Outras vezes, ela dizia que precisava dar uma saída, mas que, independente do que tinha a fazer, era algo complicado, pois não podia me levar junto. Essas ocasiões eram irritantes e desalentadoras, pois durante quase um ano eu não ficara sem ver Lydia por mais de uma ou duas horas. E, nessas raras ocasiões, ela se vestia para sair sem mim, e juntava todas as suas coisas — chaves, pasta, bolsa, às vezes uma caneca de café — me dava um beijo de despedida, apenas um, casto, na testa, nervosa, preocupada, acenava e saía pela porta da frente. Com meus longos dedos roxos, eu afastava um pouquinho as cortinas da janela para observar Lydia entrar no carro, dar partida no motor, checar o retrovisor e colocar o cinto (sempre a motorista cautelosa), sair da vaga e penetrar no moroso trânsito de neve parcialmente derretida das ruas da cidade. Quando saía de casa, não importava aonde ela ia; importava simplesmente e somente que ela saía e sumia. Havia desaparecido para outro universo e reapareceria neste em outra ocasião. Ela sumia do meu mundo, omitida temporariamente da minha esfera de existência. Quando ela sumia, eu assistia a desenhos animados na TV, às vezes lambendo furtivamente uma bateria, ou pintava em meu estúdio ou então ia ao andar de cima e batia na porta do Sr. Morgan para ver se ele queria jogar gamão ou deixar que eu o ouvisse ensaiar com a gaita de foles. Após várias semanas desse comportamento — os telefonemas, as saídas misteriosas — Lydia me anunciou o que aparentemente era fruto de toda sua labuta clandestina: nós íamos nos mudar.

Mudar?, pensei. Como assim, *mudar*? Passo a maior parte do dia *mudando* de algum modo, não é mesmo? Mudar o quê? Mudar como? Mudar *para onde*?

— Vamos nos mudar para o Colorado — avisou Lydia.

Eu nem sabia o que significava Colorado, o que era isso. Era um lugar ou era mais algo como um estado de espírito ou de ser? Se era um lugar, então ele também estava incluído em Chicago? Ficava nesta... *área*? Nesta nação? Neste planeta? O que iríamos fazer lá exatamente? E como, e mais importante, *quando* voltaríamos para Chicago?

— Para mim, é difícil de explicar, Bruno — disse-me certa noite enquanto estávamos deitados na cama, encarando-nos, nossas cabeças nos travesseiros.

Lá fora, a neve estava tão espessa nas superfícies do mundo que abafava os ruídos da cidade, e as ruas se encontravam sinistramente silenciosas. Lydia corria os dedos nos pelos da minha cabeça.

— Nós temos de nos mudar — explicou ela. — Tem a ver com uma porção de coisas, mas principalmente com dinheiro. Norm não quer continuar com o projeto porque estamos sem dinheiro, e ninguém quer nos dar mais. As pessoas acham que é estupidez o que estamos fazendo. Não entendem. Não acham que a ciência que estamos fazendo seja ciência de verdade. Não acreditam que nossos resultados sejam verdadeiros. É por isso que não querem nos dar mais dinheiro. Norm está encerrando o projeto. Quer fazer outras coisas, acha que fomos o mais longe possível com esse projeto. E onde isso vai deixar você e a mim? — perguntou-se retoricamente, suspirando e rolando na cama. — Na pior.

Focinhei o rosto em sua axila.

— Norm queria devolver você ao zoológico.

Ergui a vista para ela com uma ponta de pânico.

— Não se preocupe com isso, Bruno. Isso não vai acontecer. Eu não deixaria que acontecesse. Acham que quero continuar com o projeto. Isto é, eu quero... — Suas pálpebras tremiam. Sua voz ficou suave. — Mas o motivo principal é que eu amo você, Bruno. Eu amo

você. Não posso deixar que alguém que eu amo seja colocado num zoológico.

Então, ela mudou de posição e me beijou. Então, fizemos amor pela terceira ou quarta vez naquele dia. Muito depois, quando estávamos deitados na cama, ofegantes e fatigados, nossos corpos enroscados nos lençóis úmidos, como se, enfim, prosseguisse seus pensamentos, ela falou:

— Norm não ficará mais encarregado do projeto. Aliás, o projeto não existe mais. Não formalmente. Não é mais oficialmente considerado pesquisa. É por isso que vamos nos mudar para o Colorado. Não consegui verba de pesquisa. Na verdade, nem mesmo tentei. As pessoas que doam dinheiro para ciência preferem doar para Norm a doar para mim, e, no momento, nem mesmo Norm está conseguindo qualquer dinheiro. Assim que ele descobriu que ninguém estava nos levando a sério, quis parar com o projeto. Ele não quer que as pessoas deixem de levá-lo a sério. Para início de conversa, ninguém nunca me levou a sério. Agora, provavelmente, nunca me levarão. Portanto, nada tenho a perder. Lembra-se do homem com chapéu de caubói?

Certamente eu lembrava.

— Ele disse que vai nos dar dinheiro. Está sendo muito, muito legal com a gente, e devemos ser muito, muito legais com ele. Também vai nos dar um lugar para morar. Ele é dono de muitas terras no Colorado. É para lá que vamos nos mudar. Ele disse que podemos viver no seu rancho e que podemos ficar lá o tempo que quisermos e terminar o nosso projeto. De graça. Eles têm um rancho enorme, onde criam animais. O Colorado fica longe daqui. Tem muitas árvores e montanhas por lá.

Mas logística, mulher, *logística*! E o nosso apartamento? O que vai acontecer com ele?

— Vou alugar o apartamento — contou ela. — Talvez a gente acabe voltando para cá. Não sei. Não sei mesmo o que vai

acontecer.

E seu cargo na universidade? Claro que não podemos simplesmente abrir a porta e sair assim. Aqui, ela se debulhou em lágrimas, ao dizer:

— Bruno, não trabalho mais na universidade.

Seguiram-se, então, mais duas semanas de atarefados preparativos para nossa iminente partida. Eu entendia tão pouco do que estava acontecendo. Eu não era muito viajado. Chicago era o único lar que eu havia conhecido. Nasci lá. Eu nunca estivera fora dos limites da cidade. Havia apenas três lugares no mundo que eu conhecia bem: (um) a Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park; (dois) o *campus* principal da Universidade de Chicago, em geral, e a sala 308 do Centro Erman de Biologia, em particular; e (três) o interior do apartamento 1A do 5.120 da Avenida South Ellis, Chicago, Illinois. Agora estávamos para deixar aquele local, aquele local que, então, compreendia todo o mundo conhecido para mim, e nos reassentar num lugar que era completamente estranho para mim, que era apenas uma — nem mesmo um conceito! —, mas apenas uma palavra, uma simples palavra sem sentido: Colorado. Minha jovem mente rudimentar não conseguia nem mesmo começar a se envolver na totalidade das implicações de tudo isso. Teríamos de dizer adeus a nossa existência urbana. Teríamos de dizer adeus aos prédios magistrais de pedras cinzentas sufocados de hera da Universidade de Chicago. Adeus às esmagadoras multidões, aos carros estridulantes, aos trens estrondeantes que nos sacudiam à noite. Adeus aos manequins da Marshall Field's, adeus aos cientistas do laboratório, adeus a Haywood, adeus ao Sr. Morgan, com seus papagaios, sua gaita de foles, seu gamão e seus feijões ebulientes. Adeus a tudo o que eu já havia conhecido.

Pessoas, pessoas desconhecidas, de tempos em tempos vinham até nós do mundo exterior. Lydia as cumprimentava na porta de nosso apartamento e as levava para uma volta pelo nosso

domicílio. Elas abriam as portas dos quartos e dos armários, apontavam para o que havia dentro deles, diziam coisas, depois fechavam as portas, abriam as torneiras para deixar a água correr nas pias, davam descarga nos vasos, iam a esmo de compartimento em compartimento, mexendo em maçanetas e puxadores, inquisitivamente cutucando e puxando os vários elementos do lugar. Em geral, pareciam divertidas ou intrigadas ou apavoradas ao me verem, tranquilamente, pintando laboriosamente em meu quarto. Eu costumava ignorá-las. Enfim, essas estranhas visitas deixaram de acontecer, e Lydia e eu passamos vários dias juntando todos os muitos artigos pessoais de nossa existência doméstica e colocando-os em grandes caixas de papelão pardo. Então, certo dia, vários homens enormes e malcheirosos entraram em nosso apartamento, apanharam todas as caixas nas quais tínhamos colocado nossas coisas, levaram-nas para o frio lá fora e as colocaram num gigantesco caminhão cor de laranja estacionado do lado de fora de nossa casa; então, entraram nele e levaram embora as nossas coisas. Lydia me garantiu que nossas posses, de algum modo, já estariam no novo lugar onde iríamos morar quando chegássemos lá, mas eu não tinha tanta certeza assim.

No dia seguinte, Lydia e eu trancamos nosso agora quase vazio apartamento, carregamos pela calçada duas malas marrons abarrotadas com objetos pessoais, tais como roupas e artigos de tocador, e as colocamos no pequeno carro dela, afivelamos o cinto e fomos embora.

Bem, a viagem mais longa que eu já havia feito em minha vida foi de Lincoln Park para Hyde Park, do zoológico para o laboratório. Se o trânsito está bom, é uma viagem de cerca de 25 minutos. O que quer dizer que eu não tinha absolutamente nenhum tipo de medida psicogeográfica em minha mente através da qual ao menos começar a compreender o quanto na verdade o mundo é espantosamente grande, ou quanto tempo leva realmente para

atravessá-lo. Uma mulher e um macaco dirigindo de Chicago para o Colorado: uma viagem de mais de 1.600 quilômetros que consumiu dois longos dias de carro, mesmo viajando, como nós viajamos, por angustiantes velocidades de autoestrada.

Saímos do visgo do tráfego que tornava gosmentas as estradas dos subúrbios do Oeste e entramos na lisa vastidão surpreendente de asfalto cinzento que logo nos levou através de brancas colinas ondulantes, por campos nevados, campos intermináveis, passando por celeiros, e silos de grãos, e tratores e os esqueletos metálicos de máquinas agrícolas que se encontravam em estado letárgico no inverno, passando por rios, lagos e córregos cobertos de gelo, passando por cercas e longas extensões de fios telefônicos curvados de um poste a outro, cada qual assentando, confortavelmente, centenas de melros. O céu se abriu. Pela primeira vez na minha vida, vi o sol se derreter abaixo de um horizonte nu, lembrando-me um ovo dourado fritando numa frigideira. Pela primeira vez na minha vida, vi terra, vi um céu azul tornado gigantesco pela ausência de pontos de referência visuais, vastas áreas de espaço vazio. E isso me aturdiu. Ninguém jamais havia me dito que o mundo era tão grande assim. Durante toda a viagem, creio que meu rosto ficou espremido contra o vidro frio da janela do lado do passageiro do carro de Lydia, meus olhos observando o mundo exterior passar correndo por mim em toda a sua imensurável e incognoscível magnitude. De tempos em tempos, parávamos o carro em postos de gasolina. Lydia enfiava uma mangueira num buraco da lateral do nosso carro para reabastecer seu sangue vital, depois esvaziávamos nossas bexigas palpitantes nos vasos de seus banheiros encardidos, e, antes de partirmos, Lydia me comprava uma barra de chocolate. Lá fora, o vento gelado estalava e assobiava através das pradarias improdutivas que se estendiam a nossa volta até sumirem a distância, soprando ondas agitadas nos talos mortos dos milharais pelos campos marrons, e as sombras das

nuvens acima corriam pelas colinas. Então, estávamos de partida novamente! E, de novo, meu rosto se colava no vidro. Mais *pássaros*! Mais *celeiros*! Mais *cercas*! Mais *vacas*! Mais *postes telefônicos*! Mais e mais e mais espaço! Meu coração se encheu a ponto explodir de emoção diante de todas essas novidades, da aventura envolvida, todas as colinas baixas declinando e se erguendo ao longo de nossa veloz travessia da terra, o céu encontrando as bordas visíveis da terra em todas as direções! Olhe! Este é o mundo!

Eu não conseguia entender por que Lydia parecia tão entediada.

Após passarmos o dia inteiro sentados no carro atravessando a terra, o sol ter se posto havia muito e o caráter da geografia debaixo de nossas rodas ter mudado dramaticamente várias vezes, chegamos a uma determinada área, em alguma parte da planície, onde havia um agrupamento de luzes e de prédios, embora os prédios não fossem nem de perto tão altos e tão perto uns dos outros como os muitos prédios de Chicago, e as luzes não fossem tão luminosas. Entramos num prédio branco de concreto muito feio. Arrastamos nossas gordas malas marrons, rolando e estrondeando sobre o fino carpete laranja dos corredores atrás de nós, enquanto passávamos por idênticas portas fechadas, uma após outra. Lydia enfiou uma chave na fechadura de uma delas. Empurrou a porta aberta e me levou para o interior de uma estéril e impassível imitação de uma habitação humana, contendo um banheiro, uma poltrona, uma mesa, uma TV e um grande bolo seco à guisa de leite lacrado num envelope de lençóis ásperos e engomados enfiados firmemente para baixo do colchão que tiveram de ser totalmente arrancados e amarrotados um pouco para amaciarem antes que um sono confortável pudesse ocorrer entre eles. Meus membros estavam formigando com a atrofia de um longo dia de inatividade. Fazer uma longa viagem de carro perturba a alma por esse motivo: por um lado, você acabou realmente de viajar para

mais distante, através da terra, em um dia, do que a sua pobre compreensão primata de tempo e espaço poderia permitir que sua cabeça compreendesse realmente, e, no entanto, de maneira perversa, seu corpo não se mexeu fisicamente o dia todo do mesmo lugar. E nem me peça para falar em viagem aérea. Os modos modernos de transporte poluem e corrompem a reverente relação que nossas mentes e nossos corpos algum dia poderiam ter tido com o espaço geográfico em que vivemos. Mas, ainda assim, são uma puta conveniência, portanto, por que não? A sacralidade do mundo físico é uma das muitas coisas que temos sacrificado à mera conveniência. É assim que os antigos deuses morrem. Sucede que a Torre de Babel não é vertical, mas horizontal.

Eu estava muito agitado, eu queria pular na cama. Era uma cama muito flexível e compreensiva, ruim talvez para se dormir, mas nota 10 para se quicar. A que Lydia e eu tínhamos em casa — sim, ainda penso naquilo como “casa” — nem chegava perto de ser tão conducente para se quicar. Agora, havia um macaco, pulando na cama. Contudo, a Dra. Lydia Littlemore (ela tinha um Ph.D.) recomendou que não deveria haver macacos pulando na cama. Por isso, eu parei. Ela sentou-se na beira da cama, exausta até o âmago de seu ser, os olhos meio fechados, o indicador e o polegar massageando o lugar onde o cavalete do nariz encontrava a testa. Queixou-se de uma dor de cabeça. Pegou o telefone e pediu comida, a qual, após um período de tempo, nos foi trazida magicamente. Comemos na cama e vimos TV. Lydia adormeceu com a roupa do corpo, em cima da colcha, com o televisor ainda tagarelado e brilhando. Eu o desliguei e me aninhei junto a ela. A noite veio e se foi. Ouvi caminhões passarem roncando por nós na rodovia próxima, a noite toda.

Pela manhã, voltamos ao carro e repetimos mais ou menos exatamente o que havíamos feito no dia anterior. Outro longo dia de terra passando por nós. O tipo de paisagem mudou e mudou de

novo. A temperatura mudou, o terreno mudou, a qualidade e a cor da luz no céu mudaram, o sol viajou através do céu enquanto nós viajavamos através da terra. Chegamos ao nosso destino antes do pôr do sol. Eu passara dormindo as últimas horas de nossa viagem.

Os solavancos do carro de Lydia me acordaram. Até então, as estradas que tínhamos percorrido eram planas e limpas, mas, agora, rumorejávamos por uma estradinha de terra no meio do nada. O pequeno carro estrepitava e tremia pelo caminho. Fragmentos de terra e cascalho eram esmagados e estalavam debaixo de nossos pneus. Nós nos movíamos devagar, rastejando. Olhei para Lydia. Seus ombros e seu rosto estavam contraídos com a concentração. Ela estava com dificuldade de enxergar o que havia à frente, esticando o pescoço por cima do painel e forçando a vista para discernir um sinal de estrada no escuro. Olhei pela janela. Não consegui ver nada. Apenas a pura e absoluta escuridão. Pelo que eu conseguia enxergar, poderíamos até mesmo estar no espaço sideral.

— Estamos quase chegando. — Lydia meio que suspirou para mim enquanto eu me sentava e esfregava a sonolência dos meus olhos. O carro chocalhava e jogava pela estrada da serra, íngreme e não pavimentada, no escuro. Os faróis despejavam uma fria luz branca na terra adiante de nós e, atrás, as luzes do freio do nosso carro trepidavam uma fraca luz vermelha na escuridão. O carro estremecia, o motor pelejava. Os faróis iluminaram brevemente uma placa parabólica de madeira, cujas letras maiúsculas eram formadas rusticamente por gravetos, que arqueavam por cima da estrada, indo de um tronco perpendicular toscamente cortado a outro. Passamos por baixo do arco. Em pouco tempo o carro de Lydia parou junto a um grande portão de metal no meio da estrada. Ela parou o carro, mas não o desligou. Vasculhou o porta-luvas atrás de algo, encontrou-o — um pequeno pedaço de papel no qual escrevera uma coisa — saiu do carro e foi até uma caixinha que

piscava em um dos lados do portão. Fez alguma coisa na caixa e o portão gemeu ao se abrir diante de nós. Voltou para o carro e continuou a nos conduzir pela estradinha de terra. Por fim, o carro parou numa ampla área plana bem diante de uma casa maciça e complicada. Era tarde. Saímos do carro com nossas malas. Algumas luzes da casa estavam acesas, e havia luz acima das gigantescas portas de madeira na sua frente. Uma fileira de lâmpadas percorria um longo caminho de pedra que levava do lugar onde estacionamos às portas da casa. Fora isso, não havia mais nenhuma edificação nem mais nenhuma luz quilômetros em volta. Tudo a nossa volta eram colinas, pontilhadas com trechos de cintilante neve branca, que declinavam acima e se tornavam montanhas escuras. Acima de nós, o céu noturno enxameava de estrelas, o máximo da fumaça e da poeira cintilantes do universo — era, ao mesmo tempo, belo e aterrador. Parecia exatamente com o teto curvilíneo do planetário de Chicago, embora sem os contornos luminosos de todos os animais, deuses e monstros que as constelações supostamente deviam representar prestimosamente desenhadas nos espaços entre as estrelas.

As rodinhas de nossas malas murmuraram ao longo do caminho de pedra que levava do acesso para carros à gigantesca porta dupla da casa. Lydia bateu na porta. Ela se abriu pela metade e fomos recebidos por uma sonolenta mulher baixinha mais velha com cabelo cacheado à base de permanente que se portava com gravidade e austeridade. Ela nos conduziu ao andar de cima, a um quarto de hóspedes com um banheiro contíguo. Estávamos completamente exaustos, e adormecemos de imediato, mesmo naquele ambiente estranho, sem a menor cerimônia.

Lydia e eu acordamos na manhã seguinte, tomamos uma chuveirada no banheiro contíguo, vestimos roupas de nossas malas e saímos para explorar a casa. Esta era ampla, luminosa e silenciosa. De mãos dadas, perambulamos pelo impecavelmente

chão de madeira limpo e corredores de paredes brancas. Havia uma porção de quadros nas paredes. A amplitude, a luminosidade e a limpeza excessivas da casa a tornavam um agradável mas estranhamente desconfortável lugar para se estar. Uma gigantesca luminária em forma de cone invertido pendia do teto de pé direito alto sobre a cavernosa sala de estar e era feita de chifres de veados, unidos num espinhento trabalho de marchetaria espiralado. Uma larga escadaria envolvia a metade do espaço e despejava-se graciosamente no recinto, nos conduzindo pela casa menos como madeira do que como água. A escada era com uma queda-d'água de madeira, uma cascata de música visível congelada. Os espaços interiores dessa casa, em contraste com a rígida arquitetura retangular a que eu estava acostumado — que sempre faz parecer que a prioridade número um do arquiteto foi manter bem claros os lineamentos entre um compartimento e outro — fluíam de tal modo que todos os cômodos se mesclavam tranquilamente. No pé da escada, debaixo do lustre de chifres, um tapete de pele branco estava estendido sobre o chão de madeira, e vários sofás, poltronas marrons e brancas se agregavam em volta de uma mesa baixa de vidro junto a uma lareira de lajotas que continha uma vidraça, atrás da qual suaves chamas de um fogo a gás queimava em silêncio. Acima da lareira pendia um quadro a óleo de um grupo de vaqueiros que cavalgava cavalos brancos musculosos por uma planície nevada, com montanhas ao fundo e uma tempestade iminente acima no canto superior direito. As paredes dos lados esquerdo e direito da lareira consistiam de janelas altas que enchiam o recinto com uma luz clara ofuscante. Do lado de fora dessas janelas, a terra toda em volta da casa erguia-se em centenas de picos escarpados, placas rosadas de rocha com bandos de pinheiros entre elas, todos polvilhados com neve reluzente. Eu nunca tinha visto montanhas. A luz no pronunciado azul do céu era espantosamente radiante.

Dudley Lawrence estava sentado em uma das poltronas brancas junto ao silencioso fogo envidraçado. Não tinha notado que descíamos a escada, silenciosamente, calçando meias. Lia o jornal e sorria para si mesmo. Seu rosto parecia sorrir perpetuamente. Ele estava descalço, vestia calça jeans e camisa de sarja azul, de cujo colarinho aberto precipitava-se adiante o pelo branco do peito, e usava óculos de leitura para ler o jornal. Ainda era muito cedo, mas ele parecia tão alerta como se já estivesse acordado havia horas. Aquele homem era a ilustração viva de salubridade, felicidade e vitalidade. Lydia e eu ainda tínhamos as cabeças úmidas do banho e vestíamos roupas que estavam amarrotadas por terem ficado imprensadas dois dias em nossas malas.

Dudley Lawrence nos notou, ergueu o olhar, dobrou o jornal em dois com um estalo e jogou-o na mesinha lateral junto à poltrona. Então, levantou-se, e vi a enorme fivela decorada de latão de seu cinturão que ligava sua metade inferior à superior. Ele irradiava robustez e satisfação. O bigode branco vivia dentro de seu sorriso como um caracol vive dentro de sua concha. Ele abriu para nós os braços esbeltos e fortes vestidos de sarja.

— `Dia — bradou. — Bem-vindos ao rancho.

## XXII

**A**pós os cumprimentos e as amenidades obrigatórias, Dudley Lawrence bateu as mãos e as esfregou rápido, friccionando com vigor suficiente para acender uma fogueira se houvesse gravetos entre seus dedos. Logo em seguida, conduziu-nos à sala de jantar, na qual Lydia e eu nos sentamos na extremidade de uma mesa de jantar comprida, um oblongo de mogno marrom tão polido que refletia as imagens à perfeição, como um lago sereno. O Sr. Lawrence sentou-se à cabeceira da mesa, que já estava posta para sete pessoas. Ali perto da cozinha, emanavam os odores e os ruídos do preparo de comida. A mulher que abriu a porta para nós tarde da noite no dia anterior nos trouxe um bule cheio de café e uma jarra com suco de laranja e os colocou sobre a mesa, para se juntar à moringa de vidro com água que já estava ali.

— Obrigado, Rita — disse o Sr. Lawrence debaixo do bigode branco, e a mulher respondeu com um aceno de cabeça mal perceptível e voltou para a cozinha. Logo se juntou a nós Regina Lawrence, toda voluptuosa e resplandecente numa veste branca flutuante estilo Jesus Cristo que ondeava levemente em volta de seu corpo, o cabelo ruivo riscado de branco entrelaçado numa grande trança atrás dela, acompanhada de três chimpanzés totalmente vestidos. Dois deles vinham de mãos dadas, e o terceiro segurava a mão da Sra. Lawrence.

Os três chimpanzés chamavam-se Hilarious Larry, Hilarious Lily e Clever Hands. Informalmente: Larry, Lily e Clever. Todos eram mais velhos do que eu (ainda me encontrava na adolescência). Na maior

parte do tempo, caminhavam apurados, embora Larry, o maior e mais velho do grupo — tinha mais de 40 anos! — ainda regredisse, às vezes, ao hábito *déclassé* de andar de quatro, se apoiando nos nós dos dedos. Larry era um chimpanzé enorme, gordo, de pelagem escura. Vestia camisa xadrez de flanela vermelho e preto e calça jeans, tipo um lenhador. Lily, a fêmea, era menor e mais leve e usava um vestido azul com bolinhas brancas e um crucifixo de prata no pescoço. Clever tinha 25 anos quando o conheci, por volta da minha idade atualmente, e era menor e mais acanhado do que Larry e Lily. Era um introvertido, um sonhador. Estava descuidadamente vestido com uma camisa vermelha e uma calça de moletom. Ele tinha sido o sujeito de uma anterior, e fracassada, experiência de aquisição de linguagem (depois eu conto, Gwen) e se “aposentara” no rancho. Nenhum deles conseguia falar, mas eram todos silenciosos, civilizados, e se comportavam razoavelmente bem na sociedade humana.

Nós nos sentamos à mesa, e Rita serviu o café da manhã: quiche de espinafre, com torradas e croissants, manteiga e geleia. Estava delicioso. Os sons de mastigação, goles e de garfos tinindo contra pratos encheram o luminoso aposento. Regina, uma mulher loquaz e de grande personalidade, foi quem mais falou, mas seu marido parecia monitorar de perto a conversa por trás das brancas fortalezas eriçadas de seu bigode.

— Fundamos o rancho e a organização há mais de dez anos — disse ela. — Logo após Dudley e eu nos casarmos. — O marido concordou com a cabeça, acima de sua xícara de café, confirmando a informação. — Queríamos fazer algo de bom pelos animais. Fornecer um abrigo seguro. Larry e Lily foram os primeiros chimpanzés que trouxemos para o rancho. Hilarious Larry era macaco de circo. Foi capturado no Congo ainda bebê. Provavelmente tiveram de matar seus pais para capturá-lo. Agora é

um chimpanzé velho. É o macho dominante de nosso pequeno grupo. Ele já teve muito azar na vida.

Hilarious Larry, a cara fechada e indiferente, enfiou na boca uma garfada de quiche e tomou um gole de suco de laranja.

— Faziam-no vestir roupa de palhaço e andar num triciclo — disse a Sra. Lawrence. — Ele fazia truques, malabarismo. Fumava charuto e bebia brandy, e todo mundo ria quando ele caía de bêbado. Ainda jovem, arrancaram seu dentes, para ele não poder morder.

— Oh, meu Deus... — exclamou Lydia, a mão indo instintivamente para a boca.

— Nós providenciamos uma dentadura para ele — disse a Sra. Lawrence. Hilarious Larry sorriu sardonicamente, mostrando-nos seus dentes falsos. Ela prosseguiu: — Então o circo adquiriu uma chimpanzé para ser sua “esposa”. E foi Lily. Ela foi originalmente um dos chimpanzés que Bill Lemon criou para experiências de adoção entre espécies diferentes, em Norman, Oklahoma. — Lydia assentiu. — Lily é profundamente religiosa. Cresceu na casa de uma mulher que a criou como católica... foi batizada e fez primeira comunhão. Dudley e eu não somos religiosos, mas respeitamos a fé dela. Foi por isso que construímos uma capela para ela no rancho. Quase todos os dias, Lily vai lá rezar. Aos domingos, Rita a leva para se confessar na igreja católica em Montrose. Ela sempre se sente melhor, após confessar seus pecados. — (Em silêncio, fiquei imaginando quantos pecados seria possível Lily acumular em sua vida de ócio no rancho). — A mulher que cuidara do batizado de Lily acabou por devolvê-la a Bill Lemon. Poucos anos depois, Bill ficou sem dinheiro e começou a vender seus chimpanzés. Isso foi nos anos 1970. A maior parte deles foi para entidades de pesquisas biomédicas. Lily foi para o circo. Não sei o que é pior. “Hilarious Larry” e “Hilarious Lily” eram anunciados como um número de marido e mulher chimpanzés. Era revoltante. Eles eram carregados pelo país numa jaula, em condições horríveis, vestiam-nos com

roupas degradantes, forçavam-nos a executar truques. E não recebiam qualquer compensação. Eram escravos. Faziam-nos sentar à mesa, para o “chá”, com um aparelho de chá de brinquedo. Hilarious Larry fazia malabarismos e andava em seu triciclo. Treinaram Lily para fazer um número de striptease árabe. Colocavam-nos num cenário que parecia uma tenda beduína, e Larry usava um turbante e sentava-se e batia palmas, enquanto ela tirava seus lenços cor-de-rosa, numa dança dos sete véus... e tocavam aquela música horrorosa...

Rita foi entrando pesadamente na sala para recolher nossos pratos. O Sr. Lawrence agradeceu-lhe e ela reabasteceu nossas bebidas. Hilarious Larry recostou-se em sua cadeira e começou a palitar sua dentadura. Preguiçosamente, ele irradiava o ar de um confortavelmente patriarca intitulado. Clever Hands olhava pela janela para os reluzentes bolsões de neve nas montanhas à curta distância. Por sua vez, Hilarious Lily fitava distraidamente, não pela janela, como Clever, mas para um nada vazio flutuando em alguma parte acima do meu ombro esquerdo, pensando, provavelmente, em Deus.

— Adquirimos Larry e Lily juntos, do circo, não muito tempo depois de termos comprado este rancho e iniciado a fundação — disse a Sra. Lawrence. — Eles estão conosco há 10 anos. Nós os consideramos da família. Compramos Clever poucos anos depois. — O interesse de Clever na conversa aumentou ligeiramente, ao som de seu nome. — E Clever, é claro, vocês conhecem, pelo menos de reputação. Ele é modesto. Nem mesmo se dá conta do quanto foi famoso outrora.

Clever deu de ombros humildemente e sorriu, então voltou a olhar pela janela. Estava claro que, embora não pudesse falar, Clever essencialmente entendia a conversa humana. Ele era silencioso não por astúcia ou medo, mas para poder escutar.

— Após ser retirado das experiências de aquisição de linguagem — prosseguiu a Sra. Lawrence —, ele foi levado de um lugar a outro até acabar num refúgio de animais silvestres no Texas, onde era o único chimpanzé. Um animal social... sozinho. Era como se estivesse preso em confinamento solitário e nunca lhe dissessem de que crime estava sendo acusado. Ele enlouquecia de solidão e tédio. Seu cabelo caía. Nós o compramos quatro anos atrás e o trouxemos aqui para o rancho. Ele tem estado muito mais feliz desde que voltou a ser livre e tem Larry e Lily com quem brincar.

Enquanto sua esposa falava, Dudley Lawrence recostava-se em sua cadeira balançando-a para trás com o pé e coçando as pontas do bigode. Olhei do Sr. Lawrence para Larry e de volta para aquele e saquei de imediato onde meu colega chimpanzé aculturado obtivera seus maneirismos. Larry comportava-se muito como um filho mais velho e amado imitando seu pai. Então o Sr. Lawrence prendeu as mãos atrás da reluzente cabeça calva e começou a movimentar os cotovelos simetricamente para dentro e para fora, como as asas de uma borboleta, e logo depois Larry, talvez subconsciente, copiou também essa postura e os movimentos.

Ouvi ali perto o enervante ruído de um clicado. Olhei na direção do ruído: o que eu tinha ouvido era o som das unhas de um cachorro produzindo estalidos no chão de madeira, um som que anunciava a aproximação do cachorro que fazia este som. Era um cão de tamanho médio com uma intensa pelagem preta e cinzenta, com olhos como suaves e negras bolas de gude úmidas e uma bandana azul, como a de um bandido, presa em volta do pescoço.

— Ei, Sukie — entoou afetuosamente o Sr. Lawrence diante da entrada do cachorro. Ele baixou sua cadeira até as quatro pernas voltarem a entrar em contato com o chão. O cachorro fez mais estalidos em seu caminho pelo assoalho e pousou a cabeça peluda no joelho do Sr. Lawrence.

Fiquei espantado com a visão daquele animal. Nunca tinha estado em contato tão próximo com um cachorro, pelo menos não num espaço interno. Eu os tinha visto antes em parques de Chicago, mas sempre de longe, pois normalmente criaturas do gênero canino não confiavam em mim e tendiam a manter distância. Mas aquele cachorro não. Aparentemente, ele estava acostumado a coabitar não apenas com humanos, mas também com chimpanzés aculturados, e por isso não ficou desconcertado com minha aparência inusitada. Notando que eu estava sentado não muito distante de seu dono, o cão logo ergueu sua cabeça servil e amorosa da almofada da perna do Sr. Lawrence e veio fazendo estalidos e arquejando direto para mim. Recuei, não tanto de repugnância quanto de confusão e alarme. Lydia percebeu meu desconforto.

— Ele é manso? — perguntou ela.

— Ela é perfeitamente mansa — respondeu a Sra. Lawrence. — Ela adora brincar com os chimpanzés.

Lydia estendeu a mão para a cadela e alisou o espesso pelo lustroso do topo da cabeça do animal, e o *Canis lupus familiaris* reagiu ao gesto com um inconfundível sorriso. Então voltou sua atenção para mim. Seguindo o exemplo de Lydia, estendi a mão, tentando fazer contato físico com o animal. O pelo no topo de sua cabeça era morno, macio, fofo. De repente, a coisa *lambeu minha mão*, e a retirei com um puxão, chocada. Lydia riu.

— Tudo bem, Bruno — disse ela. — Relaxe. Ela não vai machucar você.

Que sensação estranha, aquela linguinha ridícula contra minha pele, como uma úmida minhoca áspera achatada. A cadela cutucou minha perna com seu focinho melado. Senti meu coração acelerar. Ela tentou me lambe novamente. Tentei empurrá-la, mas a coisa continuou me lambendo.

— Ela não vai machucar você, Bruno — disse Lydia. — Deixe-a lamber você.

*Deixe-a lamber você*: essa frase, dentro ou fora de contexto, não me importa, não lhe parece estranha? Mesmo assim — Bruno, corajosamente, concordou em oferecer sua palma àquela criatura, e ela (apesar de usar um pronome de gênero, Sukie, para mim, continuava a ser uma “coisa”) lambeu sua pele como se obtivesse o maior dos prazeres terrestres de lambida de coisas. Para ela, a vida deve ser simplesmente um grande desfile de coisas a serem lambidas, como se todo o mundo corporal fosse dividido em dois campos: coisas lambidas e coisas ainda por lamber, e a vida não lambível não valia a pena. Ela continuou me lambendo e, depois de algum tempo, eu até mesmo passei a gostar. Essa foi minha introdução ao conceito de “animal de estimação”.

Não é um conceito estranho, Gwen? Viver com animais domésticos por prazer? Sempre pensei isso. Digo “prazer” porque não estou falando da avaliação humana mais utilitária para animais: cães para nos alertar de intrusos, gatos para pegar ratos, cavalos para montar, ovelhas para tosquiá-las, vacas e porcos para comer. Estou falando de animais usados exclusivamente como “animais de estimação”. Animais dos quais humanos cuidam simplesmente por... o quê, amor? Essa é a palavra certa? Amor? Nós até choramos quando eles morrem, não é mesmo? Ou entretenimento? Pensem em chihuahuas, shih-tzus, yorkshire terriers: de fato, parece que deliberadamente cruzamos cachorros com certos traços característicos somente para nos fazerem rir! Que coisa estranha essa nossa mania de mantermos animais por motivos primariamente emocionais. O contrato social que parecemos ter com nossos animais de estimação é que devemos mantê-los vivos e seguros e alimentados em troca da diversão e da satisfação emocional que eles nos fornecem. A princípio, essa ideia parecerá a uma primeira geração de imigrantes à espécie

humana — assim como eu — mais do que um pouco bizarra. Suponho que eu mesmo, de certo modo, tenho experiência própria em ser um animal de estimação, pois o que é um zoológico se não um conjunto de animais de estimação públicos? Mas animais domésticos — cachorros, gatos — esses são os que os seres humanos escolheram para levar junto como passageiros em sua insana viagem pela, acima e contra a natureza. Temos uma relação tão torturada com os outros animais que vivem em nosso mundo, Gwen. Mesmo quando os ridicularizamos, podemos nos permitir amá-los. Eu viria a conhecer bem Sukie.

O Sr. Lawrence saltou depressa de sua poltrona, esticou os longos braços cobertos de sarja e entoou um ruído divertido que era meio bocejo e meio tirolesa — Que tal darmos uma volta pelo rancho? — perguntou.

— Nós adoraríamos — disse Lydia, olhando para mim.

Rita tirou a mesa e começou a lavar a louça. Clever Hands parecia querer nos acompanhar, assim como Sukie, a cadela. Hilarious Larry e Lily não expressaram interesse especial na proposta do Sr. Lawrence de dar uma saída, portanto, a Sra. Lawrence anunciou que ficaria em casa para lhes fazer companhia.

Lydia e eu voltamos ao quarto onde havíamos dormido na noite anterior para nos agasalharmos com nossos casacos e chapéus e nos calçarmos. Quando descemos de novo, o Sr. Lawrence já estava todo paramentado com outro chapéu de caubói, botas de caubói e óculos de sol de avião com lentes verde-garrafa. Clever Hands também usava chapéu de caubói, um pequenino que lhe caía bem. Sukie, sentindo que a ação era iminente, corria loucamente em círculos aos pés deles e latia. Vendo os rústicos trajes do Oeste que o Sr. Lawrence e Clever usavam, Lydia e eu sofremos lampejos de agudo constrangimento por causa de nossas roupas mais chiques, mais urbanas. O Sr. Lawrence nos conduziu a uma comprida e espaçosa garagem e, dos carros que estavam ali estacionados,

escolheu um jipe verde, cuja capota de lona estava abaixada. Todos nos amontoamos nesse veículo: o Sr. Lawrence na direção, Lydia no assento do passageiro, eu e Clever atrás, com Sukie latindo e babando entre nós dois. Clever ficou numa boa com a cadela. Após o rebuliço inicial para entrar no carro, Sukie relaxou e deitou no assento traseiro do jipe, descansando a cabeça peluda no colo de Clever. Ele sorriu para mim com uma quase conspiratória maldade. Estava contente por me ter por companhia.

Enquanto estava sentado a meu lado no carro, Clever fazia para mim todos os tipos de movimentos esquisitos com as mãos. Seus olhos estavam arregalados e suplicantes enquanto fazia esses gestos enigmáticos com as mãos, braços e dedos. Eu não entendia o que ele queria. Posteriormente, eu deduziria que estava tentando se comunicar comigo na linguagem dos sinais.

O Sr. Lawrence, com o toque de um botão, fez a porta da garagem se abrir ruidosamente, rolando sobre trilhos de metal engraxados, para revelar o sol, o céu azul-claro e as reluzentes montanhas nevadas que corrugavam o horizonte, e o jipe saiu resmungando da garagem em direção ao dia. Eu tinha visto aquele lugar à noite, mas, à luz do dia — oh! — não fazia ideia de que a terra podia conter um lugar tão bonito, que todas aquelas rochas e plantas, toda aquela água e terra, jamais fossem capazes de se harmonizar em formações tão espetaculares! O ar era mais fresco, mais acentuado, de cheiro mais suave, e a luz aqui, mais incisiva, de modo que tudo que havia à vista parecia ser hipernaturalmente bem-definido, em foco, mais nitidamente desenhado, como se o ar e a luz da cidade tivessem uma maneira de tornar as coisas um pouco borradas, como uma lente de foco difuso. Havia neve no chão, mas não estava particularmente frio do lado de fora.

— Começamos o rancho como um refúgio para animais correndo o risco de extinção — contou o Sr. Lawrence para Lydia enquanto eu olhava a paisagem em volta.

Clever tinha chegado à conclusão de que eu não conseguia entendê-lo. Suspirou resignado e desistiu de tentar fazer sinais para mim. Sukie, sentada entre nós, arquejava. Sua rosada língua achatada pendia da boca, pulsando ligeiramente para fora e para dentro com o ritmo do arquejo. De vez em quando, sua língua secava e ela parava de arquejar para levá-la de volta para dentro, engoli-la e sorrir. Então a deixava pender mais uma vez da boca e continuava o lance do arquejo até a língua secar outra vez. Clever, cautelosamente, alisava o pelo dela.

— Estamos instalados em cerca de 80 hectares — continuou o Sr. Lawrence para Lydia. — A propriedade toda é rodeada por uma cerca elétrica com 6 metros de altura. Isso é mais para manter os intrusos do lado de fora do que para manter os animais aqui dentro. Temos aqui nosso próprio pequeno Éden, nossa própria Arca de Noé. Adquirimos a maioria dos animais da indústria do entretenimento, laboratórios biomédicos, zoológicos. Queremos apenas dar aos animais um bom lar e uma chance de serem felizes, de correrem livres pela terra. Dentro da propriedade, os animais têm acesso livre a tudo. É claro que, no inverno, a maioria permanece no interior de seus estábulos, onde é quente. Todos os estábulos são confortáveis e aquecidos. A maioria dos animais é africana. Não estão acostumados com esses invernos. Mas está um belo dia. Aposto como veremos alguns deles perambulando do lado de fora. — Lydia assentiu e colocou os óculos escuros. — Mas e os chimpanzés? — disse o Sr. Lawrence. — Tratamos os chimpanzés domésticos como membros normais da família. Eles estão acostumados a conviver com gente. Dormem em nossa casa, comem nossa comida. Nós vivemos com eles. Vivemos como uma família. Todos que trabalham para nós sabem que devem tratá-los do mesmo modo como tratam a mim ou a Regina.

Em pouco tempo, enquanto o Sr. Lawrence dirigia o troante veículo pela estreita estrada de terra abaixo que guindava

serpeante pelo terreno do rancho, divisamos alguns dos animais com os quais, na vida que eu levava anteriormente como macaco no Zoológico de Lincoln Park, cresci em grande proximidade, geralmente ouvindo, mas de fato raramente avistando: zebras, girafas, rinocerontes, hipopótamos e até mesmo vários elefantes, movendo-se a distância, parecendo absurdamente deslocados entre todas aquelas árvores coníferas e colinas nevadas. Aquele era o Rancho Lawrence, nas montanhas do sul do Colorado. Aquele lugar seria o nosso novo lar.

O Sr. Lawrence também nos levou aos arredores de seu vinhedo. Ele era um homem renascentista, um homem de grandes e muitas paixões, mas duas delas dominavam todas as demais como um rei e uma rainha: uma era o destino dos animais aqui na terra, e a outra? Vinho. O Sr. Lawrence era um ávido e apaixonado enólogo. Seu rancho estava — está, devo dizer — localizado em Grand Valley, uma região vitivinícola no declive ocidental das Montanhas Rochosas. O vinhedo era uma grande parte de sua propriedade na qual não eram permitidos animais. Nem mesmo eu ou Clever tínhamos permissão de ir lá. Talvez ele não confiasse que nós não colhêssemos e comêssemos as uvas que cresciam em gordos cachos salpicados de orvalho por toda a extensão das fileiras de longas cercas, e, nesse caso, essa desconfiança estava provavelmente correta. Eu adorava o cheiro das videiras, porém, e no futuro, Clever e eu faríamos juntos longas caminhadas pelo perímetro do vinhedo, respirando o ar adocicado pelas frutas e discutindo assuntos filosóficos.

Passamos o dia todo viajando pelos terrenos do rancho, visitando os estábulos, onde os animais menos aventureiros do Rancho Lawrence dormiam em leitos de palha debaixo de trilhos brilhantes com lâmpadas vermelhas para aquecimento que pendiam dos tetos altos daquelas estruturas, aqueles imensos celeiros metálicos que pareciam mais hangares de aviões, construídos com tamanho

suficiente para alojar confortavelmente elefantes e rinocerontes. Vimos a clara água negra de um córrego escoar sobre pedras lisas abaixo de saliências de gelo, descendo de uma fonte das montanhas próximas. Vimos os antílopes e as gazelas, os gnus e os órixes, os casuares, avestruzes, zebras e camelos-bactrianos. Um imenso e úmido cercado de vidro repleto de plantas e árvores abrigava animais menores: fascólomos, macacos, lêmures, gibões, équidnas e antas. Quem poderia imaginar que havia uma remota extensão de terra, em algum lugar do Oeste Selvagem do Colorado, fervilhando positivamente com todos os tipos de animais exóticos, um pacato reino secreto escondido nas profundezas das montanhas do Novo Mundo?

## XXIII

**E**m 1970 (25 anos antes de eu chegar ao Rancho Lawrence), o Dr. Henry Troutwine, um psicólogo da Universidade de Princeton dedicado à pesquisa cognitiva, iniciou o projeto Clever Hands, agora famoso sobretudo por ser amplamente considerado um fracasso.

À época, o projeto Clever Hands era a mais ambiciosa, bem organizada e bem financiada experiência em linguagem símia adquirida até aquela data. O Dr. Troutwine comprou um bebê chimpanzé macho de Bill Lemon, um psicólogo trapaceiro da Universidade de Oklahoma. Lemon era um freudiano fiel, o que é extremamente incomum num psicólogo pesquisador. Ele era também criador de chimpanzés. Possuía uma fazenda nos arredores de Norman, Oklahoma, onde criava e mantinha uma coleção de animais exóticos, entre eles, um grande grupo de chimpanzés que ele mantinha numa ilha no meio de um lago de sua fazenda. Lemon era intensamente interessado em experiências com chimpanzés adotados em lares humanos. Ele fornecia seus bebês chimpanzés a pesquisadores voluntários (na maior parte, seus alunos de pós-graduação) para que os criassem em suas casas como seres humanos. Lemon tinha prometido vender ao Dr. Troutwine um bebê chimpanzé para sua experiência assim que houvesse um disponível; portanto, embora Troutwine ainda não tivesse montado por completo a logística da experiência, quando nasceu um bebê chimpanzé na fazenda de Lemon, ele aproveitou a chance de comprá-lo. Troutwine comprou o bebê de Lemon e levou o

chimpanzé de duas semanas para Princeton, Nova Jersey, onde o deixou para ser criado como filho adotivo na casa de seus primeiros voluntários, o casal Saltonseas.

Millicent Saltonseas era psicóloga, e seu marido, Winn Saltonseas, um poeta de rabo de cavalo que se vestia com calças de linho branco, descendente de uma linha aristocrática de fortuna antiga, e falava com um sotaque afetado da elite de Nova York. No primeiro ano do projeto, Clever Hands, como foi estranhamente apelidado, viveu como os Saltonseas e seus quatro jovens filhos em sua suntuosa propriedade nos arredores de Princeton. A ideia de Troutwine era que Clever Hands fosse criado num ambiente humano, coeducado juntamente com os quatro filhos dos Saltonseas. Enquanto isso, ele se prontificava a conseguir a verba e as flexibilidades necessárias para a experiência. Queria ver se um chimpanzé era capaz de aprender a Linguagem Americana dos Sinais. Foram feitas algumas outras tentativas notáveis de ensinar língua dos sinais a chimpanzés — mais notadamente as experiências de Allen e Beatrice Gardner com a fêmea chimpanzé Washoe —, mas essas experiências foram perseguidas por acusações de metodologia malfeita e invenção de dados, e os resultados, na melhor das hipóteses, foram vagos e decepcionantes. Troutwine achava que isso se deveu em parte porque os chimpanzés, em experiências prévias, já eram muito velhos quando começaram as tentativas sérias de aprendizado de linguagem; é preciso começar a moldar o plástico da mente de um animal com linguagem desde o nascimento. (Eu sou uma exceção). Vale mencionar que nem Millicent nem Winn Saltonseas, nem qualquer um dos seus quatro filhos, eram fluentes — nem mesmo capazes — de usarem a Linguagem Americana de Sinais. Troutwine conseguiu um professor de LAS para ensinar a eles sinais a fim de se comunicarem com Clever. Meses infrutíferos se passaram enquanto Troutwine ficava na indecisão e Clever rapidamente se

tornou grande demais e desobediente demais para Winn Saltonseá. Após um relativamente curto espaço de tempo de convivência com o bebê Clever, Winn se arrependeu de ter concordado em abrigar o chimpanzé. Clever tinha começado a destruir livros, móveis, cortinas, qualquer coisa na casa dos Saltonseá capaz de ser destruída, inclusive o casamento deles. Mas isso é outra história.

Os Saltonseá desistiram de Clever e encerraram seu envolvimento com o projeto. Clever passou de uma casa a outra (nunca, a propósito, pela própria casa de Troutwine), até que este, por fim, obteve fundos e recursos suficientes para começar a experiência de fato. Eventualmente, conseguiu a utilização de uma grande e elegante mansão georgiana, perto do *campus* de Princeton, pertencente à universidade. O doador da propriedade a imaginara como um local de pesquisas botânicas, pois a casa se distinguiu por um jardim inglês, extensos gramados, tanques de carpas e uma estufa. Por alguma razão, isso nunca aconteceu e, desde sua doação, a propriedade ficou vazia e negligenciada e acabara em mau estado enquanto a administração da Princeton arrastava os pés diante do que fazer com ela. Pelos papos na faculdade, Troutwine foi informado de sua existência e pediu à Princeton que lhe deixasse instalar ali o projeto Clever Hands. Eles concordaram, e assim foi: com o melhor de seu conhecimento e de sua verba, ele restaurou a casa e a tornou à prova de chimpanzés, contratou um pequeno exército de zeladores e tutores para fornecer tratamento e manutenção 24 horas e levou Clever para a casa. Só então Troutwine pôde fornecer espaço, instalações e pessoal suficientes para adequadamente colocar tudo que podia na experiência e, naquela época, Clever tinha quase 3 anos.

Durante os vários anos seguintes, Clever viveu como um aristocrata louco: aprisionado em luxo, proibido de se aventurar além da casa de 20 cômodos e dos 4 quilômetros quadrados de terra que a cercavam, mas com seus mais loucos caprichos de

escravo atendidos por uma equipe rotativa de estudantes de pós-graduação que lhe faziam companhia e cuidavam dele, alimentavam-no e lhe davam banho, distraíam-no e estavam sempre com um desespero constantemente crescente, tentando lhe ensinar a linguagem de sinais. À medida que Clever envelhecia e o projeto prosseguia, Troutwine pulava nervosamente de uma direção metodológica a outra, mudando os métodos de coleta de dados e análise de acordo com a natureza dos resultados. Ao longo dos anos, a logística do projeto Clever Hands cresceu exponencialmente em complexidade e por fim espiralou para o incontrolável esquecimento. Nenhum comunicador por sinais fluente em LAS jamais trabalhou na experiência. Troutwine deixava Clever Hands sentado durante horas de instrução deliberada num arremedo de “sala de aula” que haviam construído na casa. Seus professores faziam sinais e tentavam fazer com que ele os imitasse, em geral moldando suas mãos para fazer os sinais. Para continuar recebendo verbas da National Science Foundation, Henry Troutwine (que gradualmente retirou-se de todas as formas, menos em nome das experiências diárias, e, no final, tinha pouco contato de fato com Clever) foi forçado a publicar os resultados. O que ele chamou de seus dados eram medidos por coisas como quantos sinais Clever havia feito sozinho, sem qualquer indução instrutiva, e se ele fazia ou não os sinais em contextos apropriados. Tais dados eram profundamente vulneráveis à interpretação subjetiva e em geral muito amélicos e vagos para se avaliar; por conseguinte, os dados eram difíceis de serem reunidos de forma que estivessem de acordo com uma metodologia científica aceitável. Clever aprendeu centenas de sinais, mas nunca os usou de qualquer maneira que satisfizesse a definição de linguagem dos experimentadores. Nunca adquiriu algo que pudesse ser chamado de sintaxe, nunca teve nada que se parecesse com gramática. Embora a fofura do jovem Clever o tivesse tornado o queridinho do público — ele apareceu em

programas de entrevistas e assim por diante (talvez até mesmo *por causa* do interesse do público em sua fofura) — dentro da comunidade científica o experimento Clever Hands foi objeto de intenso escrutínio, depois de dúvida e então de aberta hostilidade, até Troutwine perder suas verbas e a experiência sucumbir. Troutwine encerrou o projeto, fechou as instalações e lavou as mãos em relação a tudo isso. Então, para salvar sua reputação, decidiu se juntar aos opositores e denunciou o projeto como um fracasso, num artigo que publicou na *Science* em 1979. No artigo, depôs as armas e suplicou o perdão da comunidade científica, declarando que a linguagem era uma faculdade congenitamente humana, que a divisão cartesiana entre homens e animais era totalmente verdadeira e que quaisquer experiências futuras com linguagem de animais eram uma insensata perda de tempo. Troutwine, de maneira voluntária, concordou em abjurar, amaldiçoar e abominar suas opiniões anteriores sobre a questão e não murmurou “ainda assim, ela se move”. Cumprida a penitência, a verdadeira igreja da ciência absolveu Henry Troutwine e o acolheu de volta ao rebanho e, dali em diante, ficou decretado que qualquer experiência com linguagem animal era completa conversa fiada.

Nesse meio-tempo, o próprio Clever foi abandonado. Foi removido de seu lar em Princeton e, por falta de um lugar onde colocá-lo, foi despachado de volta para a fazenda de Bill Lemon em Oklahoma, onde, pela primeira vez em sua vida, ele teve de interagir com outros chimpanzés. Uma paparicada vida de humano tornara Clever acanhado, neurastênico e insuficientemente socializado, e ele tinha problemas em se dar com os outros chimpanzés. Quatro anos depois, Lemon também ficou completamente sem dinheiro e passou a vender seus chimpanzés. Vendeu a maior parte para entidades de pesquisas biomédicas. O próprio Clever foi vendido para a Alamogordo Primate Research Facility, na Base da Força Aérea de

Holloman, Novo México. Entretanto, ele jamais foi alvo de experiências. Quando vazou para o público que Clever Hands, o famoso e adorável chimpanzé que conhecia a linguagem de sinais, definhava no deserto, numa caixa de madeira de 1x1,50m, esperando para ser injetado com hepatite a fim de ser testado com medicamentos experimentais, ergueu-se um pequeno protesto público entre os ativistas dos direitos dos animais. Por fim, Clever acabou numa reserva de animais selvagens no Texas. A reserva não tinha outros chimpanzés, e ele passou mais vários anos em confinamento solitário, até os Lawrence o comprarem e o levarem para seu rancho no sudoeste do Colorado, onde vive desde então.

Clever provavelmente havia desfrutado uma vida mais feliz do que Hilarious Larry ou Lily. As mentes destes dois tinham sido cultivadas apenas em antros de iniquidades: tendas ruidosas, cheias de fumaça, vibrando com brigas, vozes berrando e crianças dando gritinhos, onde eram tratados a pancadas, chicotadas, choques e castigos se não subissem no palco para dançar, humilhar-se e zombar de si mesmos, andar de triciclos e tirar suas roupas diante dos olhos de estranhos. Hilarious Larry e Hilarious Lily eram ambos espíritos arrasados, aturdidos, traumatizados; o rancho era uma casa de repouso tão cordial quanto qualquer outra para aquelas duas almas danificadas passarem agradavelmente seus dias até o fim de suas existências assombradas; porém, por mais satisfatória que fosse sua aposentadoria, eles jamais voltariam a ficar bem. Clever, porém, tinha uma história um tanto quanto diferente: ele tinha sido, a seu modo, amado. Fora tratado com respeito pelos seus treinadores. Em todo caso, por alguns deles. Claro que o fracasso deles em lhe "ensinar" a linguagem de sinais foi um fracasso não do entendimento de Clever, mas do deles. Clever ainda tentava se comunicar na linguagem de sinais.

De vez em quando, Clever tentava fazer sinais para mim, achando que, talvez, ele enfim tivesse alguém com quem conversar. Eu

gostaria de ter conseguido entendê-lo. Infelizmente, não consegui. Em vez disso, ele viu em mim um chimpanzé que o entendia apenas da maneira que a maioria dos humanos entendia, isto é, de todos os modos menos o linguístico. Qualquer um podia facilmente olhar nos olhos de Clever e perceber que uma grande mente, uma consciência culta, estava viva e agindo ali, mas se encontrava lamentavelmente presa atrás de uma parede opaca de incomunicabilidade. Seus adotantes humanos tinham ido longe com ele e não além disso; e o resultado foi que inflamaram sua alma com um ardente desejo de se comunicar, mas lhe forneceram instrumentos inadequados para isso. Sua consciência era como uma escultura inacabada cuja argila fora deixada para endurecer antes que tivesse tomado forma por completo. Dava para enxergar isso nos olhos dele. Pois o pré-requisito da linguagem é o desejo de se comunicar, e o pré-requisito do desejo de se comunicar é o reconhecimento da existência de consciência fora de si mesmo.

Reconheço que soa cafona, Gwen; soa como romantismo açucarado dizer que os olhos são as janelas da alma, mas gostaria que essa poeticidade não estivesse tão gasta e enxovalhada, porque acho que é verdade. Olhe nos olhos de outro ser — os olhos! — esses dois globos reluzentes de gelatinosa percepção da luz em nossos crânios são nossos únicos órgãos externos que levam diretamente de volta para nossos cérebros. Quando você olha e olha diretamente e olha profundamente nos centros dos olhos de outra criatura — nos olhos de outro ser que tem consciência, emoções, uma mente —, então você tem uma profunda crise de experiência (ou devia ter se faz a coisa direito): percebe que aquele outro ser que está do lado de fora do seu corpo vive num mundo que é inteiramente diferente do seu, que ele pode saber de coisas que você não sabe, que você pode saber de coisas que ele não sabe e que é possível trocar informações — então você vai querer falar. Você vai querer trocar seus mundos. Esse é o início, ainda não

de linguagem, mas da mãe da linguagem, o desejo de comunicar. Esse desejo gera o nascimento da conversa, e uma conversa devia nos ocorrer como o mais bonito e miraculoso fenômeno que conhecemos: o compartilhamento colaborativo de consciência que cria a necessidade de símbolos externos. Então vêm — tudo numa pressa desvairada de experimentação e improvisação — lógica simbólica, vocabulário, sintaxe etc. etc. Mas, antes, você precisava ter essa semente de linguagem, o desejo de se comunicar. E a tragédia de Clever Hands foi que lhe permitiram dar esses primeiros e mais importantes passos — olhar nos olhos do outro, reconhecer o outro e querer comparar mundos —, mas ele nunca aprendeu a “falar”. Pelo menos não da maneira que, em todo o caso, pudesse ser responsabilmente documentado e publicado. Mas essa é uma questão que tem a ver com a natureza da ciência, e não com a natureza da natureza. É uma pena elas não serem sempre a mesma coisa. Foi como se Clever Hands fosse forçado a viver numa caixa de vidro, através da qual pudesse ver os outros e ouvir o que diziam, mas quem estivesse de fora de sua prisão não conseguisse ouvi-lo. Ele viveu uma vida solitária.

A natureza da ciência, eu sei — e, de alguma forma indireta, eu diria que já sabia naquela ocasião —, estava no cerne do motivo pelo qual a vida que Lydia e eu compartilhávamos e conhecêramos juntos em Chicago chegava a um final abrupto e por que tínhamos sido violentamente desenraizados e replantados nesse novo local que era discrepante para mim... aliás, para nós dois. Nosso projeto tinha se tornado muito estranho e perigoso para que as verbas continuassem a vir pelos canais normais pelos quais fluem os dólares para a ciência. Eu sabia que estávamos aqui, nesse local desconhecido do Colorado, porque éramos refugiados, banidos para a margem da ciência. Éramos refugiados para quem os Lawrence bondosamente deram asilo.

Claro que eu entendia que também estávamos ali porque eu era um monstinho imprevisível e geralmente violento que se tornara uma insustentável responsabilidade legal para a universidade. Afinal, eu era um “animal selvagem”. Estávamos ali também porque a experiência até então tinha sido, em muitos aspectos, um fracasso completo, um fiasco, um malogro, uma bomba. Eu ainda não tinha feito nada que os outros chimpanzés — inclusive Clever Hands, que seguia mudo ao meu lado, no assento traseiro do jipe do Sr. Lawrence — não tivessem feito antes. Tremo só de pensar no que teria sido feito de mim se Norm tivesse conseguido encerrar completamente a experiência quando pretendia. Creio que, se a experiência tivesse sido encerrada ali — se os Lawrence não tivessem nos retirado das chamas quando o fizeram —, eu certamente teria acabado como o pobre Clever, preso atrás do espelho semiprateado de sua mente.

Provavelmente eu teria voltado a padecer de novo no Zoológico de Lincoln Park pelo resto de minha vida, após ter sido escolhido pela cruel e curiosa filha da ciência, ter brincado com ela até o enfado e depois, sem a menor cerimônia, ter sido deixado para trás, devolvido a meus colegas animais, com a mente agora danificada, deformada e perturbada pela civilização humana, mas perversamente desprovida de qualquer um de seus benefícios, sem cultura ou linguagem suficientes para construir uma consciência comunicativa e, assim, condenado a permanecer para sempre num melancólico silêncio idiota, compreendendo o que é dito e feito a minha volta, porém incapaz de oferecer uma palavra em troca. Foi o amor — o amor entre mim e Lydia — que me salvou de tal destino?

Não. Talvez — isso é o que penso apenas quando minha mente está atolada no lamaçal de suas mais sombrias meditações —, talvez eu devesse dar mais crédito pela conclusão bem-sucedida de minha educação para a humanidade ao Sr.

Lawrence do que a Lydia e eu devesse dizer que não foi tanto nosso amor mas o dinheiro do Sr. Lawrence que me salvou, porque nesse mundo que construímos para nós mesmos, o amor sozinho é impotente — tudo é impotente — sem capital. Sim, vamos encarar a verdade: o amor fez parte disso, mas honestamente fui salvo simplesmente pelo dinheiro de um homem rico e generoso. O amor sozinho jamais salvou nada.

## XXIV

A última parada no passeio guiado do Sr. Lawrence por seu rancho nos colocou diante da casinha com estuque rosa onde Lydia e eu viveríamos como Ovídio no exílio pelos dois anos seguintes. Por duas vezes naquele local, nós veríamos a neve branca e cristalina ser sublimada para desnudar o solo marrom e verde e por duas vezes a veríamos se acumular de novo. Vivenciamos dois invernos, duas primaveras, dois verões e dois outonos naquele lugar, mais de 700 dias, dois Natais e quatro aniversários: no total, duas completas árvores de Natal e quatro bolos de aniversário para mim e para Lydia. Com o tempo, eu passaria a ver Regina e Dudley Lawrence como um tipo de amigos — no mínimo, aliados — embora nunca me sentisse inteiramente à vontade com eles. Passei a amar Sukie, a cadela, e a reconhecer a amizade de Clever Hands, o único outro membro de minha própria espécie que em minha vida eu consideraria de fato um amigo de verdade.

A cabana — como o Sr. Lawrence se referiu a ela, ao estacionar o jipe verde diante de sua fachada pintada de rosa — era realmente uma casa e bastante agradável. Ela nos proporcionava pelo menos três vezes mais espaço habitável do que nosso apartamento em Chicago. Era uma edificação de um andar, completa com lareira, quarto de dormir, banheiro, uma sala de estar aconchegante, cozinha e uma garagem que se tornaria principalmente um espaço de estúdio para mim, o qual eu dividia obrigatoriamente com o carro de Lydia durante o inverno. Encontramos a casa decorada com

temas do Sudoeste que prevaleciam naquela área: palas de lã com cores vivas jogadas sobre pesados móveis rústicos, reproduções emolduradas de pinturas de *yonis* de Georgia O’Keeffe nas paredes. Tínhamos um jardim frontal encantador, no qual espinhosas e peludas flores amarelas e roxas germinavam na primavera. Os degraus da varanda dos fundos desciam para a floresta gramada ligeiramente bem cuidada do Rancho Lawrence, onde, quando a neve havia se dissipado, emus, camelos, girafas, elefantes, rinocerontes, zebras e todos os tipos de outros animais bizarros tinham permissão de perambular à vontade pela propriedade, e seus enormes e desajeitados corpos com frequência, curiosamente, saracoteavam até nossa varanda ou as janelas de nossa casa para nos observar.

Aqueles dois anos no grande Sudoeste Americano, nossa própria peregrinação selvagem, foram dois anos de longas caminhadas sinuosas nos campos, bosques e montanhas em volta, dois anos alimentando animais, dois anos de passos lentos pelas trilhas do rancho, lado a lado com meu irmão substituto e colega chimpanzé semiaculturado, Clever Hands — Lydia, Clever e eu, com Sukie, a cadela, latindo agitadamente adiante em nosso caminho, para um punhado de zebras de passagem — e dois anos de continuação de minha educação, como também de meu apaixonado caso de amor com Lydia. Cada dia arcadiano era gasto em diversão, em amor, em conversa, em vida simples, vivida de maneira simples. Foi lá, no Rancho Lawrence, no Colorado, durante aqueles dois anos relativamente rotineiros de satisfação e felicidade, que minha ontogênese se completou — em paz, em silêncio, em segredo. Isso só foi possível porque eu vivia numa atmosfera tão livre de estresse, num tal ambiente seguro, interessante, bucólico, no qual nada demais foi jamais esperado ou exigido de mim, de nós. Várias noites por semana, Lydia e eu passávamos na “casa grande”, como imediatamente passamos a nos referir a ela, com Regina e Dudley

Lawrence, com Larry, Lily e Clever, jantando — à mesa, com modos civilizados — e conversando, tomando vinho, às vezes jogando, até tarde da noite, jogos como charadas ou de tabuleiro como Banco Imobiliário e Pictionary. Tentei ensinar gamão a Clever Hands. Ele aprendeu o jogo, mas da mesma forma que aprendeu a linguagem de sinais: aprendeu a fazer os movimentos certos, mas os juntava em sequências tão erráticas que era questionável se ele sabia realmente o que significavam. De qualquer modo, eu sempre ganhava.

Foram dois anos felizes. Naqueles dois anos, aprendi a falar e depois até mesmo a ler. Isso só poderia ter acontecido comigo numa atmosfera calma como aquela. Tudo de que minha mente precisava para ir de um estado de mudez total, em que eu ouvia e compreendia, a um estado de participação numa conversa — para ativar a *produção* de linguagem — era não ter ninguém me pressionando. Apenas me *puxando*, me guiando. Só então eu poderia me aventurar à audácia de falar. (Sempre fui assim: obstinado, teimoso, resistente às pressões de qualquer um.) Qualquer verdadeiro aprendizado, qualquer educação, Gwen, é automotivada. Sim, ensinar ajuda, mas ensinar os alunos à força, por pressão, é tão bom quanto fazer um sermão para uma congregação de pedras. É um crime notavelmente obsceno de nossa língua o fato de *educar* não ser um verbo intransitivo.

O que pode ser dito de um longo, lento período de progresso diário e habitual satisfação? Os anjos do êxtase e os demônios do desespero são visitas que se sentem mais à vontade na casa da literatura, e é por isso que pretendo espertamente omitir e passar por cima das páginas desse período feliz de minha vida. O que lucrou minha consciência com meus dois anos felizes no Colorado? A casquinada dos coiotes à noite e, durante o dia, o rebusno distante dos elefantes. A forte luz rosa-dourada do início da manhã e do anoitecer, um céu repleto de nuvens que pareciam ter sido

incendiadas. A curiosa companhia de Clever Hands e minha nova amiga canina, Sukie. E os contornos do desejo satisfeito: amor, amor e felicidade sexual livremente conduzida com minha Lydia.

Durante todos aqueles longos e ótimos dias no Rancho Lawrence, minha capacidade vocal explodiu. Como posso descrever isso? Como posso cabivelmente narrar isso? Descrever o processo de aprender a falar é como tentar morder os próprios dentes. É como tentar descrever o que aconteceu num sonho. Não lembramos o processo de aprendizado de nossas línguas nativas. A princípio, minha voz era aguda, desigual, rangente, estridente, ofegante. Você deve ter ouvido de meus muitos contestadores que o pouco profundo trato vocal dos macacos não é apropriadamente equipado para a produção de fala articulada. Isso é o mesmo que dizer que as pernas de um bebê não são equipadas de maneira adequada para correr maratonas — claro que não, *ainda* não —, mas, com uma existência de crescimento, treinamento, exercícios, alimentação e assim por diante, elas o serão. Portanto, a minha laringe desceu ao mesmo tempo que meu pescoço endireitou, porque passei anos caminhando na posição vertical e mantendo a cabeça bem erguida, como um homem — e, ao fazer isso, minha fala ficou menos desigual, tornou-se mais sonora, mais agradável, mais melodiosa em altura de som, tom e timbre, mais descontraída em ritmo, até que a voz que você agora ouve, se originando em meus pulmões e saindo de meu corpo pela boca, desenvolveu sua atual condição. E, quanto mais eu falava, mais começava a entender as palavras que eu dizia. Minha compreensão do significado de uma palavra se solidificava mais toda vez que a pronunciava. Em pouco tempo, entendi as palavras como discretas partículas de informação digital, em vez de puramente como uma fluente e ininterrupta corrente de informação analógica, e, quanto mais o paradigma digital de linguagem substituía o analógico, mais eu compreendia gramática e sintaxe, e cada vez mais facilmente eu

intuía as arquiteturas estruturais de frases e orações; como uma palavra, uma vez pronunciada, afeta a palavra que vem antes e a que virá depois, a relação de uma palavra com suas vizinhas. Quanto mais eu ousava falar, mais pensava em palavras em vez de imagens, em termos de informação tátil e visual. Veja, a mente de um animal gasta muita energia mapeando o meio físico próximo ao redor do corpo; mas a linguagem nos faz, para o bem ou para o mal, esquecer isso, e, em seu lugar, pensar em símbolos abstratos que não são fisicamente evidentes em nenhuma outra parte a não ser em nossas bocas, ouvidos, mentes e memórias. E quanto mais abstratos e mais prolixos meus pensamentos se tornavam, mais minhas afinidades e percepções do mundo se tornavam menos pictóricas e concretas.

Fui ajudado conjuntamente por uma combinação muito particular de atributos pessoais que a natureza salpicou em meus genes: minha ambição, minha capacidade de amar, meu espanto, minha fome, meu desejo ilimitado — uma voz que sempre gritou dentro de mim: Eu quero mais, mais, *mais!* Sucede que tenho um dom para a linguagem e um amor a ela, o que me ajudou a entender a *gestalt* de uma palavra como uma expressão vocal basicamente consistente em pronúncia e consistente em seus possíveis conjuntos de significado e constituída de componentes igualmente tangíveis e abstratos. Isso significa que, em certo sentido, uma palavra não existe de modo algum, a não ser na harmonia de compreensão compartilhada entre falante e ouvinte, e esse é o componente abstrato; mas, no sentido tangível, uma palavra é abastecida pela exalação dos pulmões, o impulso ascendente do diafragma, é esculpida para se tornar existente pela garganta, os lábios, os dentes, a língua. A maioria dos chimpanzés consegue entender um signo verbal no segundo sentido, mas não no primeiro. Eu, porém, fui capaz de conectar o significante tangível ao significado abstrato e, assim, tornei-me o primeiro chimpanzé na história a aprender a

falar. Realizar essa alteração mental é algo como se dar conta de que uma pessoa ainda existe embora tenha acabado de desaparecer ao virar uma esquina: do mesmo modo, uma palavra ainda existe mesmo quando não está sendo pronunciada.

Também foi crucial para meu desenvolvimento linguístico que durante esse período de dois anos de meditação monástica, concentração, isolamento e estudo, ninguém jamais fizesse um único teste ou experiência comigo. Eu não era mais um animal de laboratório nem era mais tratado como um aluno a ser ensinado, mas, em vez disso, era consistentemente tratado pelos humanos do rancho — e, é claro, em particular por minha humana favorita, Lydia — como um colega participante *desta* vida, *desta* sociedade. Não acredito que jamais tivesse reunido a coragem para me lançar no mundo da fala comunicativa articulada se não tivesse sido tratado com tal confiança, paciência e bondade por tão prolongado período.

A princípio, os outros chimpanzés ficaram perplexos com minha recém-descoberta loquacidade, mas assim que se acostumaram a ela logo deixaram de prestar atenção. Sukie, a cadela, não ficou nem um pouco surpresa em ouvir linguagem humana pronunciada pela língua de um animal irracional e o senso humano expressado: para ela, parecia fazer perfeitamente sentido e não apresentava qualquer *non sequitur* empírico discordante de sua visão do modo como o mundo deveria ser. Lydia — que me conhecia e me conhecia de maneira íntima, a mim, como Bruno, e não como simplesmente “um chimpanzé” — encarou essa deliciosa evolução com naturalidade e algo que já devia ter acontecido havia muito tempo. Após superarem o choque inicial de me ouvirem falar, o Sr. e a Sra. Lawrence também se acostumaram a conversar comigo. A princípio, não sei o quanto eles sabiam sobre nós. Claro que sabiam que Lydia e eu dormíamos na mesma cama (só havia uma na nossa casinha), mas não sei se sabiam, então, que havia muito éramos amantes.

Duvido que tivessem desprezado isso; os ricos e excêntricos Lawrence não eram moralistas rígidos.

Os dias e meses passaram sem maiores incidentes. Quanto mais eu falava, mais clara e mais suave minha voz se tornava. Minha gramática e minha sintaxe progrediam rapidamente, e meu vocabulário aumentava. No início, eu tinha de ouvir uma palavra ser pronunciada várias vezes até se fixar no cimento de minha memória, mas, durante esse período de minha grande explosão linguística, tornou-se rapidamente cada vez mais fácil para as palavras mergulharem em meu cérebro e permanecerem ali para efetuar suas mudanças em minha arquitetura neural. Minha pintura também progrediu bastante. Eu pintava, atirava gravetos nos murmurantes campos gramados para Sukie, a cadela, “apanhar”, alimentava os animais, afagava-os, disputava jogos com Clever Hands, o companheiro mudo de minhas perambulações pelo rancho, e me deitava todas as noites num êxtase erótico com Lydia. Passei a conhecer tão bem a substância corpórea de Lydia que, se, Gwen, você me desse argila suficiente, talvez eu conseguisse lhe esculpir uma réplica exata do corpo dela — faltando apenas o beijo de vida — sem omitir nenhum detalhe, até mesmo o sinal laranja em suas costelas, cerca de 10 centímetros abaixo do seio esquerdo.

Foi também durante a época que passei no Rancho Lawrence que aprendi a ler. Não creio que minhas habilidades de leitura teriam se desenvolvido tão depressa se não fosse a biblioteca do Sr. Lawrence. Veja, acontece que ele não era apenas um titã da indústria, filantropo, vinicultor e amante de animais, mas também um ávido bibliófilo, e possuía uma enorme biblioteca entupida até o topo com textos, muitos deles raros e antigos. Condescendente, o Sr. Lawrence permitia que eu explorasse à vontade sua biblioteca e, assim que finalmente aprendi a ler, eu já estava viciado em página impressa havia algum tempo. Passei muitas tardes na biblioteca do Sr. Lawrence. Antes de amar seus livros como janelas para a

informação ou como executores de silenciosa música mental, eu os amava simplesmente como objetos. Antes de conseguir lê-los, eu passava horas folheando suas grossas páginas antigas, olhando as complexas ilustrações nos livros infantis do século XIX — as obras de Lewis Carroll, Júlio Verne, Robert Louis Stevenson —, correndo meus dedos roxos e compridos ao longo das margens irregulares das páginas cortadas desigualmente, que às vezes grudavam uma na outra nos cantos (ou que ainda tinham algumas páginas por cortar, da época em que, folha sim, folha não de um livro novo tinha de ser cirurgicamente separada de sua gêmea coligada), inalando o odor cálido e soporífero de polpa deteriorada e cola amarelecida. Guardo uma coleção secreta das quinquilharias que encontrei achatadas entre as páginas de alguns desses decrépitos volumes: o delicado exoesqueleto de um gafanhoto; um girassol mumificado, um daguerreótipo levemente pornográfico de uma mulher de amplos quadris e sem pelos rodopiando um guarda-sol, nua, exceto por laços e chinelos; e o que certamente era uma carta de amor, redigida nos femininos hieróglifos curvilíneos de algum alfabeto estrangeiro e escritos em tinta azul. Ocultei esses itens claramente mágicos numa caixa de sapatos que escondi num pequeno lugar escuro da casa dos Lawrence. Não, não quero lhe dizer onde está. Pelo que me consta, continua lá. Espero que, um dia, talvez centenas de anos no futuro, alguém encontre minha pequena arca do tesouro e medite sobre todas as possíveis ligações entre esses enigmáticos artefatos.

Lydia me ensinou a ler. Antes de mais nada, ela me deu a leitura do mesmo modo que me deu a linguagem; mas foi sentado, sozinho, durante horas, na biblioteca do Sr. Lawrence, aquele belo salão, fazendo deslizar um livro após o outro de suas fileiras apertadas nas prateleiras e examinando o dia todo seus conteúdos, seguindo cada linha de texto como uma fila de formigas marchando, que tive certeza de que levava a algum lugar

interessante, o que expandiu e melhorou minha leitura, assim como meu conhecimento do mundo. Com relação a isso, fui um autodidata. Naqueles primeiros dias, eu lia cada palavra em voz alta e, depois, silenciosamente em minha cabeça até chegar a um ponto em que cada palavra era num sentido *ouvida*, e em outro *vista* (como uma foto), e em ainda outro abstrata. Portanto, quando leio a palavra *vaca*, pelo menos três coisas ocorrem em minha mente: ouço o som de uma voz interior dizendo a palavra; vejo a imagem física que essas quatro letras formam na página (que é um símbolo); e meio que vejo, em outro plano de minha consciência, uma espécie de imagem ideal platônica de uma vaca. E nesses dois últimos sentidos de uma palavra escrita — o fisicamente pictórico e o puramente abstrato — uma palavra está simplesmente *ali*, na página, não necessariamente de todo representativa dos sons que existem na linguagem, fora de tinta e papel, mas perfeita com suas próprias qualidades exclusivas. Fico maravilhado que pessoas consigam aprender com tanta facilidade a realizar acrobacias metafísicas que a leitura de linguagem escrita requer. A invenção da escrita e da leitura talvez seja a única façanha mais assombrosa da mente humana.

Pois bem, para resumir: a tempo, bem a tempo, aprendi a falar e, depois, a ler no Rancho Lawrence, no Colorado. Admito que a minha autobiografia é de certo modo incomum, Gwen, por vários motivos. Este é um deles: a maioria dos memorialistas não sentiu o peso do ônus de ter de descrever o processo de aprender a falar. Isso é facilmente admitido. Ninguém acharia estranho uma autobiografia escrita por um humano inteiramente biológico começar com algo tipo "A primeira coisa de que me lembro é" ou "Meus pais eram pobres, mas honestos". Não exigimos que memorialistas humanos expliquem primeiro como se tornaram capacitados em linguagem antes de se dedicarem ao trabalho de contar suas histórias. Se alguém conseguisse ensinar uma pedra a

falar, tenho certeza de que a pedra, dali em diante e para sempre, levaria uma vida de incessante frustração pelo fato de que cada conversa sua começa com alguém espantado em ouvir sua voz antes de escutar o que ela tem a dizer. A pedra levaria uma vida solitária por nunca ser ouvida. Do que adianta ser uma pedra falante na terra dos surdos?

Por isso, se nossos leitores atravessarem estas páginas à procura de um momento bombástico, algum grande, finito, epifânico *a-há* quando a linguagem escarafuncha um buraco em meu cérebro e sai escoando, em seguida inundando rapidamente até minha cabeça ficar cheia, então lamento decepcioná-los. Simplesmente não funciona desse modo. Tudo é um processo, nada é instantâneo. Tome como exemplo, Gwen, este copo nesta mesa. Olhe para ele. Tente imaginar o que ele pareceria a um animal mudo. Não é um copo, nitidamente separado pela palavra de tudo a seu redor. Também não é uma mesa. Este copo e esta mesa não têm necessariamente nada em comum com outros copos e outras mesas do mundo. Tudo é imediato e tudo é único. Mas, aos poucos, à medida que as palavras criam raízes em sua mente, sem se dar conta conscientemente de como você chegou ali, virá um dia em que você olhará para o copo e pensará, com coerente exclusividade, *copo*. Você não se importa em pensar também no aposento em que o copo está ou na gravidade que o ancora à mesa, e a mesa, por sua vez, à terra. Esse objeto foi encaixado num compartimento de sua consciência reservado para certo tipo de recipiente para bebida, e agora, ao vê-lo pela primeira vez, você poderá enchê-lo com água e beber dele sem antes se espantar com o fato de que ele existe. De certo modo, a linguagem é uma morte interna desse senso de perpétuo espanto ante o mundo que está sempre se renovando. Há, porém, muito de terror misturado com esse espanto, aquele constante processo de descoberta, terror que morre com esse espanto, terror do qual precisamos nos livrar antes

que consigamos nos dedicar à questão de ser humano. Ganhamos linguagem e perdemos o espanto, e depois ansiamos por tê-lo de volta enquanto, ao mesmo tempo, estamos sempre usando nossas palavras como bastões para revidar o terror que sempre rasteja bem atrás de nós, em nosso passado, em nossos corpos, em nossos delicados egos animais.

## XXV

**A**pós eu ter aprendido a falar e ler inglês com alguma competência, o Sr. Lawrence dedicou-se a expandir minha mente: instruir-me em música, lógica, filosofia e as artes liberais; me guiar nas explorações dos assuntos que têm por foco a busca do que significa ser humano. Contratou tutores em vários assuntos: havia uma mulher, por exemplo, que vinha de vez em quando para me dar lições de piano. Arrependo-me de nunca ter conseguido dominar a criação de música. Minhas mãos são desajeitadamente formadas e não se adaptam com facilidade aos ágeis movimentos necessários para tocar piano. Mas pouco importava. O Sr. Lawrence tocava sinfonias e óperas para mim. Ele, Clever e eu nos reclinávamos nos sofás e poltronas de seu escritório e deixávamos que nossas mentes fossem transformadas e transportadas enquanto a *Eroica* ribombava de suas caixas acústicas Bang & Olufsen. Apaixonei-me por música clássica... em especial por Beethoven. Alguém disse certa vez, Gwen, que o sistema solar consiste em "Júpiter e escombros": similarmente, eu diria que a música clássica consiste em Beethoven e escombros. O que mais há para se dizer sobre música, Gwen? Devo concordar com Nietzsche que a vida sem música seria um equívoco. É um equívoco, de qualquer modo, mas seria um equívoco pior.

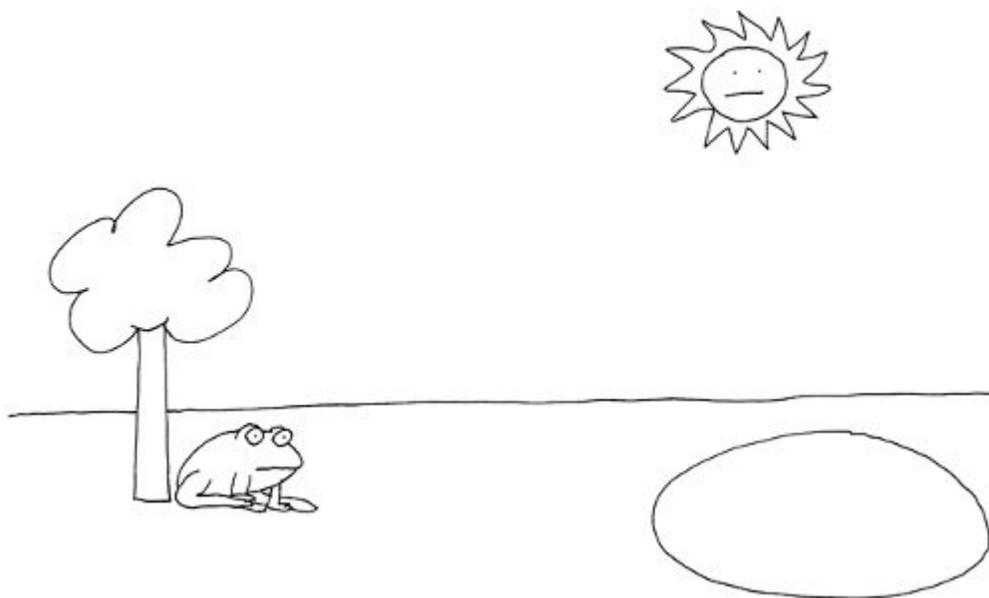
O Sr. Lawrence também tentou instruir-me e a Clever em lógica e filosofia. Construiu uma pequena sala de aula na casa grande, com um quadro branco na parede e duas pequenas carteiras. Ali, o Sr. Lawrence, no papel de professor, nos falou de Platão e Aristóteles,

Agostinho e Aquino, Hobbes e Locke, Rousseau e Montesquieu, Kant e Hegel. Falou-nos de história e política, de mente e matéria, de ceticismo e fé, de direito natural e do estado da natureza, de homem, deus e lei.

Às vezes, ele colocava uma música clássica para tocar enquanto Clever e eu nos sentávamos no chão e desenhávamos ou pintávamos ou fazíamos pequenas esculturas de argila. Às vezes, ele nos mostrava filmes baseados em peças de Shakespeare (foi a primeira vez que fui exposto ao Bardo). O Sr. Lawrence insistiu para que fôssemos expostos à longa procissão dourada de arte e ideias, aos grandes debates pela história do pensamento humano, a toda a doçura e a luz da civilização, a doçura e a luz.

Lembro-me, por exemplo, do Sr. Lawrence nos falar sobre o paradoxo de Zenão. Por algum motivo, lembro-me muito claramente dessa lição. Foi-me apresentada na ilustração de uma rã e um poço.

— Digamos que há certa distância entre uma rã e um poço — disse o Sr. Lawrence, destampando uma caneta hidrocor preta, e, com alguns traços guinchantes no quadro branco, reproduziu uma árvore, uma área de terra representada por uma linha reta horizontal e um poço. Um sol com um rosto observava a cena abaixo. Ele destampou a caneta hidrocor azul e desenhou um rabisco dentro do poço, para indicar água; em seguida, com uma caneta hidrocor verde, desenhou rabiscos no chão (grama) e na copa fofa da árvore (folhas), e, com uma caneta hidrocor marrom desenhou um rabisco dentro do tronco da árvore. — A rã está sentada debaixo da árvore. — Debaixo da sombra da copa da árvore, ele desenhou uma rã. O desenho tinha esta aparência:



— Agora, digamos que a rã queira saltar para o poço — falou o Sr. Lawrence.

E logo me lembrei da imagem de meu pai, Rotpeter, estuprando a garganta de uma rã ainda menos afortunada do que aquela. Afastei a lembrança desagradável e tentei prestar atenção.

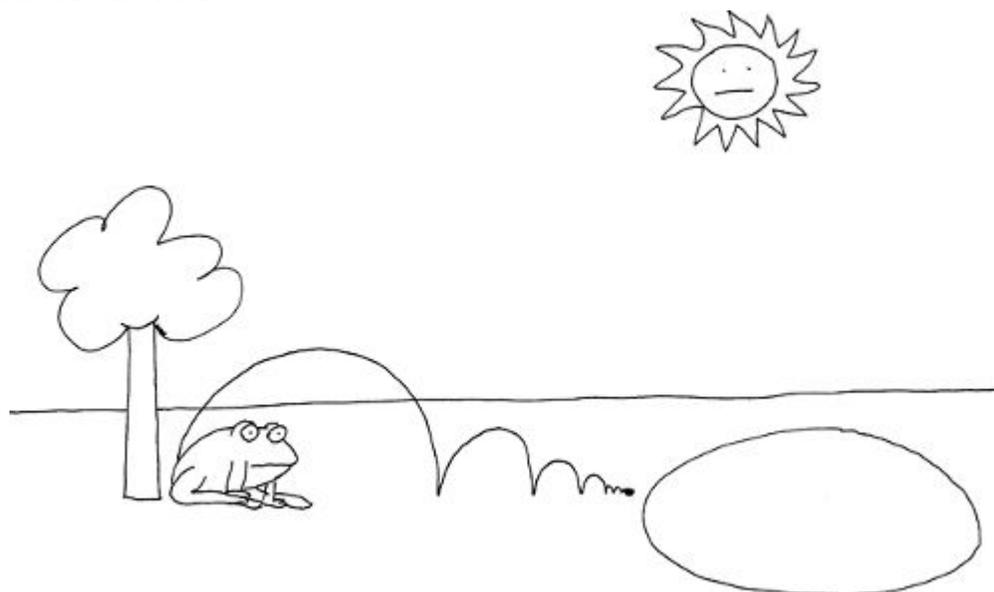
— Mas... há um problema: cada vez que dá outro salto, a rã só consegue saltar *a metade da distância* do salto anterior.

O quê?, pensei, minha mente começou a turvar, por quê? Que tipo de síndrome bizarra do pulo aflige essa rã em particular?

— Portanto, imediatamente, ela salta a metade da distância até o poço. — E, com um traço guinchante da caneta hidrocor preta, o Sr. Lawrence desenhou uma parábola que ia da rã, sentada na base da árvore, até um ponto que seria a metade do caminho entre a árvore e o poço, representando o movimento curvo do primeiro salto da rã.

— Então, no segundo salto, a rã pula apenas a metade da distância que acabou de saltar. — O Sr. Lawrence desenhou outro arco, cerca de metade do tamanho do anterior. — No terceiro salto, ela só pode saltar *metade* da distância *deste* salto, e depois a metade deste, e a metade deste... — A voz do Sr. Lawrence foi

diminuindo à medida que os saltos que desenhava como pequenas curvas culminaram num borrão preto estático representando o ponto no qual a diminuição exponencial das distâncias dos saltos da rã haviam se tornado microscopicamente impossíveis de serem ilustrados. Assim:



Olhei de relance para Clever, sentado na carteira de estudante ao lado da minha. As nossas eram as duas únicas carteiras na sala de aula. Clever coçava a nuca e olhava pela janela.

— Então — disse o Sr. Lawrence, virando-se para nos encarar. Clever desviou o olhar da janela para o quadro branco, fingindo prestar atenção. — *Quando* a rã chegará ao poço?

Argumentei que, embora estivesse se movimentando muito lentamente, a rã estava de fato indo para a frente, portanto certamente teria de chegar lá em algum momento, a não ser que morresse de sede antes de chegar ao poço, o que, naquela escala, logo seria uma preocupação.

— Não! — disse o Sr. Lawrence, com certo prazer pedante em seus olhos brilhantes e lábios franzidos abaixo da vassoura nevada de seu bigode. — Clever?

Clever encolheu os ombros, mais por apatia do que por ignorância.

— Porque o espaço é infinitamente divisível — concluiu em triunfo o Sr. Lawrence —, a rã *já* alcançará o poço!

Mas como isso seria possível?, pensei. Pelo que me lembro, destaquei que a própria rã devia ter percorrido certa quantidade de espaço e perguntei como seria possível que ela saltasse uma distância menor do que o comprimento de seu próprio corpo. Olhei para a ilustração, gravei o tamanho da rã desenhada embaixo da árvore e, visualmente, eu a medi em relação à quantidade de espaço que restava entre a beira do poço e o borrão preto ao final da trajetória da rã, onde os saltos ficaram muito minúsculos para se enxergar, e me pareceu que a distância ainda não percorrida era mais curta do que o próprio tamanho da rã, e certamente ela estava tão perto do poço que poderia simplesmente inclinar os lábios para beira da água a fim de beber. Lembro-me de perguntar isso e lembro-me que as respostas do Sr. Lawrence foram duas: (uma) que ele nunca disse que a rã queria ir ao poço porque queria beber, ela só queria ir lá porque queria estar no poço (para nadar, então?, perguntei-me); e (dois) que, por se tratar de uma experiência, eu deveria ignorar *o corpo da rã*, que aquela era uma rã abstrata, matemática, uma rã que era meramente um ponto no espaço, desprovida de volume, área ou qualquer outra analogia dimensional. Não consigo sequer começar a imaginar como uma rã poderia ser um ponto sem volume no espaço e ainda ser considerada uma rã. Então comecei a refletir sobre a sorte desse pobre animal, condenado, por sua rara e improvável condição, a morrer a caminho de seu destino, tão perto dele, à vista, a meros centímetros do poço, mas efetivamente entalada ali, fora do alcance dele. Muito depois, eu lia os mitos gregos sobre as cruéis e irônicas torturas que certos heróis tinham de suportar pela eternidade no Hades: sobre Prometeu, acorrentado a uma rocha,

cujo fígado se regenera a cada noite em seu corpo para que, pela manhã, a águia possa estripá-lo novamente; ou Sísifo, que tinha de, numa interminável repetição, rolar sua pedra colina acima, até estar a momentos do fim do trabalho, perder o controle sobre ela e observar a pedra rolar de volta para o sopé da montanha; ou Tântalo, forçado a permanecer para sempre numa poça à distância de um braço de galhos repletos de frutas carnudas, mas condenado à fome e sede perpétuas porque os galhos da árvore recuam, ficando fora de alcance quando ele tenta colher a fruta, e a água a seus pés evapora se ele se ajoelha para bebê-la; estudando essas punições mitológicas, lembrei-me da interminável viagem da rã incorpórea de Zenão e fiquei imaginando o que havia na psicologia dessa famosa raça de antigos, amantes do saber que os tornava tão fascinados e horrorizados pelo eterno vaivém de permissão e negação, de trabalhos fúteis e desejos frustrados.

Após a aula, Clever e eu éramos liberados para brincar lá fora. Pulávamos pelo gramado com Sukie, a cadela, brincávamos de ir buscar gravetos, ou dávamos longas caminhadas pelo bosque, ou íamos mimar ou alimentar os animais com Lydia.

Quando eu já começara a falar bem articuladamente para que outras pessoas além de Lydia me entendessem, ela arrancou uma promessa de mim: que, por enquanto, eu não falaria com qualquer humano que não conhecesse meu segredo. Se eu estivesse em sua presença ou de outros chimpanzés, ou do Sr. e da Sra. Lawrence, ou de Rita — todas as pessoas no mundo que sabiam que eu podia falar —, então eu podia dizer tudo o que quisesse, mas, perto de outra pessoa, segredo era a palavra. O motivo dessa moratória em minha fala era que ela queria me manter em segredo do mundo para lhe dar o máximo de tempo possível para me ensinar e me estudar em paz e sem os ventos de uma publicidade indesejada e o clamor público uivando à porta. Cumpri seu pedido com meu silêncio. Escorreguei apenas uma vez.

Clever e eu costumávamos fazer caminhadas ao longo da alta cerca metálica que separava os vinhedos da área livre da propriedade do Sr. Lawrence. Ela parecia muito com a alta cerca de cadeia de elos ao redor do centro de pesquisas onde vivo agora. Clever e eu curtíamos um tipo de conversa. Linguisticamente falando, eram unilaterais. Somente eu falava, e ele apenas fazia gestos que eu não entendia. Mas eu gostava de sua companhia e ele gostava da minha: nós éramos amigos. Estávamos caminhando ao longo da cerca, com Sukie, a cadela, latindo e ofegando cerca de 3 metros a nossa frente. Clever e eu caminhávamos lado a lado. Minhas mãos estavam cruzadas para trás, e eu estava no meio de uma pontificação em voz bem alta sobre algum assunto filosófico pesado, e Clever ouvia mudo, arrastando uma vareta pela cerca para fazer *clink-clink-clink-clink* enquanto caminhávamos.

— ...e, de fato — dizia eu a Clever —, nem mesmo Agostinho concebeu um Deus em termos de imaginação material, contudo Kierkegaard... — Parei gelado, meu pensamento truncado no meio de uma frase. Eu estivera tão perdido em meu solilóquio que fiquei alarmado com uma menininha de rosto sujo, bem do outro lado da cerca, olhando para nós. Seus estrelados olhos negros como carvão estavam paralisados numa expressão entre assombro e medo. A menina permanecia imóvel como um cepo, calada. Tinha ouvido cada palavra.

Olhei para além dela. Mais adiante, no vinhedo, na passagem de terra entre duas compridas cercas cobertas de videiras, estava um grupo de trabalhadores. Estavam curvados, fazendo seu serviço: colhiam as uvas e as colocavam em enormes baldes de plástico que pendiam de seus dedos. Usavam chapéus de palha para se proteger do sol de outubro que grudava suas roupas na pele suada. Alguns estavam descalços; alguns, sem camisa. A menininha que me ouvira falar correu na direção deles. Clever e eu permanecemos ali na grade, trocando olhares nervosos, incertos do que fazer.

— *Mamá, mamá!* — disse a menina.

Uma das colhedoras de uva ergueu a vista para ela, pousou seu balde e enxugou uns litros de suor da testa com as costas da mão. Protegeu a vista com uma das mãos e olhou para mim e Clever com os olhos apertados, parada logo depois da cerca na beira do vinhedo.

— *¡Oí que el mono habla!* — disse a menininha, enquanto apontava para mim. — *¡Aquel mono puede hablar! ¡El mono puede hablar!*

Todos os homens que colhiam as uvas olharam para nós e riram. A menininha pulou de um lado a outro e guinchou frustrada:

— *¡Es verdad! ¡Oí que el mono hablaba!*

A mãe da menina suspirou pesadamente e balançou a cabeça.

— *No, estás tonta* — murmurou ela e voltou a trabalhar. — *Imaginas cosas locas, Mercedes.*

A menina bateu o pé em frustração. Correu de volta para nós, na cerca.

— Fala, macaco! — gritou para mim em inglês. — Fala de novo!

Não gostei de fazer o que tive de fazer em seguida. Balancei a cabeça, negando, virei-me e me afastei dela. Ela era uma criança, e jamais acreditariam nela. Meu segredo estava salvo. Ao nos afastarmos, olhei para trás e vi que ela começava a chorar. Meu coração ficou pesado. Pedi licença da companhia de Clever e voltei à cabana, onde sabia que Lydia estava. Queria estar com a mulher que eu amava e poder falar livremente.

Durante nossa peregrinação selvática, Lydia nunca deixou de se sentir pouco à vontade com a generosidade dos Lawrence. Lentamente, perdeu todo o contato com o mundo exterior. De certo modo, ela era mais prisioneira do que eu. Sentia-se completamente por fora em relação aos velhos amigos e à família. Havia muito tempo que os pais de Lydia haviam morrido, e ela se distanciara de seus irmãos e irmãs. Ela se arrependia disso. A família era de

origem humilde, contou-me. De acordo com a última notícia que tivera, todos os membros vivos de sua família permaneciam no Arkansas. Eram fazendeiros, mineiros, carpinteiros, mecânicos — nenhum deles vivia mais longe do que a distância de uma pedra jogada da casa onde cresceram. Seus irmãos e irmãs eram boa gente que se contentava em labutar pelas vidas pouco notáveis, do tipo que Thoreau chamava de vidas de silencioso desespero. Ela escapara de sua família para a educação. Foi a primeira e única pessoa da família a ir para a faculdade, quanto mais a uma escola de pós-graduação e, quando voltou para eles com títulos de mestrado e doutorado, descobriu que já não falavam a mesma língua. Ela contou que seus pais tinham sido alcoólatras. Captei a história em pedaços pelo transcorrer de muitas noites tranquilas sentados junto à lareira ou deitados nus na cama, conversando. Ela foi casada. Engravidou, mas o bebê morreu dentro dela antes do tempo e ela não teve escolha a não ser suportar a agonia de um parto somente para colocar para fora do corpo o que já sabia ser um cadáver. Algum tempo depois, seu marido, um arquiteto jovem e respeitável, por seus vários motivos particulares, pulou da Ponte da Avenida do Congresso e morreu. Então ela me conheceu. E dedicou sua vida a mim. Não lhe restava mais ninguém, a não ser eu. E dediquei minha vida a ela. Nós nos dedicamos um ao outro. Às vezes, à noite, ela acordava chorando. Dizia-me que era porque não sabia o que estava fazendo. Dizia que não tinha um plano claro para o futuro. Poucos anos antes, tivera um casamento feliz, esperava um filho e tinha uma promissora carreira acadêmica adiante. Agora, tinha perdido o filho, o marido e a carreira. Perdera o respeito da comunidade científica e agora vivia como uma hóspede indefinida em quase isolamento num rancho remoto num lugar estranho e, além disso, era amante de um macaco. Isso, é claro, ela não falou para mim, mas, levando-se

tudo em conta, não seria de admirar se por essa ocasião ela não desconfiasse que estava enlouquecendo.

Lydia aceitou a magnânima hospitalidade dos Lawrence, mas detestava se sentir como parasita. Eu lhe perguntava por que não poderíamos simplesmente viver ali para sempre. Ela não respondia. Só que ela sabia que, em algum momento, nosso modo de vida chegaria inevitavelmente a um fim. Então fazíamos amor de novo e esquecíamos tudo.

Alguém poderia pensar que toda essa paz privilegiada minoraria o problema de suas dores de cabeça, mas isso nunca aconteceu. Aliás, durante o transcurso desses dois anos sob outros aspectos felizes, suas dores de cabeça até mesmo pareceram ficar mais frequentes, mais duradouras e piores. Ela se consultou com médicos na cidade — a mais próxima ficava uns 25 quilômetros descendo a estrada, a pequena cidade montanhosa de Montrose —, mas os médicos nunca descobriram o que havia de errado com ela. Disseram-lhe que as dores de cabeça eram psicossomáticas, relacionadas ao estresse, que estava tudo em sua cabeça. Claro que elas estão em minha cabeça, dizia ela, são dores de cabeça. Ela se preocupava. Eu também me preocupava, porque a amava.

## XXVI

**M**inhas memórias do período que passei no Rancho Lawrence no Colorado encheriam uma dúzia de volumes grossos e felizes para se guardar na estante na expectativa de sua ocasional leitura atenta como um conjunto de enciclopédias cujos editores somente permitiram verbetes sobre assuntos relativos a amor, maravilhas e felicidade. Mas, falar de amor, maravilhas e felicidade, não é por isso que estou aqui.

Em breve, pedirei a você para imaginar meus longos dedos roxos girarem manualmente os ponteiros de um relógio analógico representando o período de tempo no qual vivi minha vida e, ao fazê-lo, fragmentos momentâneos de minhas experiências durante esse período de dois anos vão surgir, desvanecer e se misturar enquanto os ponteiros do relógio giram cada vez mais depressa, até o olho não conseguir ver claramente os ponteiros, mas apenas um borrão radial cinzento. Então os ponteiros vão lentamente diminuir a velocidade, até que eu novamente os congele no lugar, dois anos após Lydia e eu termos nos mudado para o rancho. Antes, porém, peço-lhe que imagine isto: vou relatar um importante incidente no desenvolvimento de minha consciência, que ocorreu com cerca de mais ou menos um ano em nossa habitação no rancho. Vou lhe contar sobre a morte de Hilarious Larry.

Foi um acontecimento significativo no processo de minha ontogênese: meu primeiro vislumbre da morte. Mais tarde, eu passaria a conhecer a morte mais intimamente, porém essa foi a minha primeira espreitada de verdade atrás da cortina que

amortalha o palco da vida. Como mencionei antes, Hilarious Larry era um chimpanzé idoso e, assim como não é uma tragédia quando um homem velho morre, tampouco é uma tragédia quando um chimpanzé velho morre. Não cheguei a conhecer Larry muito bem. Ele sempre foi retraído comigo, distante, ligeiramente desconfiado, alheio, desafetuoso. De nós, os chimpanzés que habitavam o rancho, Larry era também o menos humanizado e que tivera o passado mais traumático. Larry usava roupas, sim, e, sim, tomava seus cafés da manhã e comia seus jantares conosco, com modos civilizados, à mesa, com garfo, colher e faca. Mas, diferente de mim — e diferente, num grau menos óbvio, de meu pobre amigo mudo, Clever Hands —, ele nunca pedira para viver aquela vida, a vida de um homem. Samuel Johnson observou que aquele que faz de si mesmo um animal livra-se da dor de ser homem, e o oposto disso é que aquele que faz de si mesmo um homem livra-se do prazer de ser um animal. Larry fora sequestrado ainda bebê e então enfiado rudemente contra sua vontade em seu arremedo de humanidade, o que, no processo, lhe roubara não apenas sua liberdade e sua dignidade selvagem, mas o prazer da animalidade que é direito inato exclusivo do animal.

Em muitos aspectos, Larry lembra meu pai, Rotpeter. Assim como meu pai, Larry não nasceu em cativeiro, mas como um cidadão natural do estado natural. Assim como meu pai, ele aprenderia, numa idade precoce de cortar o coração, que a vida em estado natural pode ser odiosa, bestial e curta: ele também, com toda a probabilidade, viu sua família ser massacrada quando era um bebê. Mas o posterior cativeiro de Larry tinha sido muito pior do que o de meu pai. Rotpeter fora para o zoológico, Larry para o circo. Suas experiências ali haviam preenchido seu coração com repugnância, raiva e desprezo pelos seres humanos, em cuja civilização ele fora forçado a viver a maior parte de sua vida, e isso coloriu sombriamente sua visão de mundo. Agora Larry estava muito velho

e muito doente. Ele queria morrer. Larry poderia ter sido um grande patriarca da selva, um macho alfa poderoso e reverenciado, comandando orgulhosamente sua tribo de símios nas escuras profundezas da floresta. Esse era seu verdadeiro destino, o qual, é claro, lhe foi negado. Em vez disso, foi trazido para os Estados Unidos, para cantar e dançar numa roupa de palhaço, bater as mãos, fazer malabarismos e andar de triciclo, para sofrer uma vida de escravidão e humilhação. Claro que ele nunca poderia ter voltado para a selva. Estava acostumado aos humanos, fora submetido à injustiça de ser socializado para eles. E era disso que ele se ressentia mais do que tudo. O modo como me olhava nunca foi hostil (embora, às vezes, eu sentisse uma ponta de condescendência na negra música silenciosa emitida por seus olhos); era mais propriamente um olhar de incompreensão: incompreensão por meu desejo de trair minha espécie tão abertamente, com minha disposição de me juntar às fileiras desse animal, o homem, que já havia provado ser inimigo de todas as outras coisas que vivem. Não, ele nunca teve muito esse anseio de se juntar à raça humana que confundia e pervertia a criatura que agora lhes fala. Larry viveu uma vida de tormento e exílio, e não consegui entender sua psicologia mais do que ele conseguiu entender a minha. Eu adorava os artefatos da humanidade — aquelas coisas de grande doçura e brilho, todas essas joias e bombons da civilização humana: as pinturas de Van Gogh, o último movimento da *Nona* de Beethoven, a arquitetura de uma igreja, o sabor do vinho, a beleza singular de uma palavra articulada —, essas coisas eram motivos suficientes para eu me juntar à humanidade, todas elas haviam empurrado minha alma a um estado de êxtase. Hilarious Larry, mesmo se tivesse entendido essas coisas, apesar de eu não acreditar que ele pudesse entender, nada teria encontrado em seu coração com que pudesse amá-las. Ele teria preferido passar a vida batendo no peito, dormindo nas

árvores e fodendo na lama a céu aberto, a se movimentar por um mundo nas imediações sensoriais da natureza. O que poderiam Van Gogh ou Beethoven ter oferecido a uma alma assim? Nada. Não posso evitar de admirar a obstinada pureza de tal atitude, e, ainda que não compartilhe dela, minhas reflexões a seu respeito às vezes me levam a duvidar da honestidade interior de minhas próprias convicções sobre a benevolência fundamental da arte. E, se deixo que o façam, minhas mais pessimistas ruminacões sobre a questão me seduzem a pensar que talvez devamos contar todas as coisas de artifício humano que sobrevivem aos próprios dias de sua criação apenas como poluição.

Certa noite, Lydia e eu caminhamos o cerca de meio quilômetro entre nossa tranquila casinha e a casa grande onde todos os demais moravam, a fim de nos juntarmos aos outros para jantar. Ao chegarmos, o Sr. Lawrence nos informou em tons solenes que a doença de Larry tinha se agravado muito. Uma cortina de respeitoso silêncio caía sobre a casa. O Sr. Lawrence sentou-se conosco enquanto Lydia e eu fazíamos uma modesta refeição de pão com sopa de tomate. Depois subimos para o quarto em que Larry e Lily dormiam.

Ali estava Hilarious Larry, na cama, cercado pelos seus amigos, sua família adotiva. Eu tinha visto Larry pela última vez mais ou menos uma semana antes e sabia que havia algum tempo que ele estava doente, mas desde essa última vez que o vi ele parecia ter envelhecido uns 30 anos. Antes, ele era tão robusto, tão forte, carnudo e saudável, mas agora estava magro, pavorosamente magro. Devia ter perdido uns 20 quilos. O espírito do grande e gordo macho dominante o tinha deixado, e sua própria vida em breve deixaria seu corpo e o seguiria. Seu corpo era uma casa velha sendo desocupada com rapidez pelas energias que a haviam habitado. É algo apavorantemente constrangedor permanecer perto de um leito de morte. Será que ele quer companhia enquanto exala

seu último suspiro? De que serve a companhia? Deem-lhe o respeito ao espaço, deixem-no morrer na paz de sua solidão. As persianas tinham sido fechadas. Estava escuro, exceto por um abajur no canto mais distante do quarto. Havia um triste odor pútrido, de esgoto, água fétida, cebolas podres, o qual, supus que fosse o cheiro de um corpo em decomposição, de morte. As compridas e peludas mãos de Larry jaziam fracas e flácidas sobre o lençol vermelho colocado sobre seu corpo lividamente magro. Através do lençol, eu podia ver as depressões em seu peito entre as costelas. Sua dentadura estava num turvo copo com água sobre a mesa de cabeceira, e seu rosto desdentado estava cavado e afundado. Cada um dos olhos abertos era uma fenda doentia, mas, pelo que faziam, daria no mesmo se estivessem fechados. Ele não olhava para coisa alguma em particular. Olhou para nós através do espesso véu de sua febre quando Lydia e eu entramos no quarto tão silenciosos quanto borboletas e então desviou o olhar. Regina Lawrence, seu cabelo ruivo raiado preso numa longa trança pendendo atrás, estava sentada com Clever Hands ao pé da cama, segurando uma das mãos dele, e Lily estava sentada ao lado da cabeça de Larry, balançando o corpo metodicamente na cadeira, que rangia debaixo da movimentação de seu peso, ao mesmo tempo que aflagava as contas de um rosário em suas compridas mãos roxas. Ninguém falou. Lydia e eu nos sentamos nas cadeiras desocupadas e nos juntamos àquela sombria companhia na escuridão, no silêncio e no cheiro. Fiquei imaginando o quanto Larry tinha consciência de que estava morrendo. Ele não parecia temer a morte.

Ficamos um longo tempo sentados em volta da cama. Regina saiu e retornou algum tempo depois com uma caneca com caldo de galinha quente. Caldo de galinha era algo de que Larry gostava. Ele gostava de sua reconfortante calidez e de seu gosto salgado. Como estava fraco demais para erguê-la sozinho, Regina levou a caneca a

seus lábios enevoados e murchos. Larry submeteu-se a tomar um gole do líquido quente e salgado enquanto Regina levava com delicadeza a caneca a sua boca desdentada. Ele deu um gole demorado e então, levemente, empurrou-a para o lado. Seu peito tremia com o esforço de introduzir e expelir ar dos pulmões.

O leito em si era uma velha e simples cama de carvalho de quatro colunas coberta com lençóis vermelhos. No quarto branco decorado com simplicidade, essa cama lhe dava a sensação de um quarto de monge; uma sensação ajudada pelo crucifixo, uma insistência de Lily, pendurado na parede acima do centro da cabeceira.

Regina colocou a caneca com o caldo de galinha sobre a mesa de cabeceira e voltou para sua cadeira ao pé da cama. Larry tremia de frio, apesar do calor abafadiço do quarto. Observei Lily colocar seu rosário na mesa de cabeceira, com estalidos ao formar uma pilha de contas, bem ao lado da caneca com o caldo e a dentadura de Larry dentro do copo d'água. Em seguida ela tirou o vestido. Na frente de todos, sem sequer um olhar de esguelha em nossa direção, Lily pelejou para se livrar de seu vestido, erguendo por cima da cabeça a peça azul-escura com bolinhas brancas. Ela livrou seu corpo do vestido e jogou-o no chão. Então enfiou-se na cama ao lado de Larry, cuja cabeça febril virou-se na direção dela quando entrou na cama. Lily se apressou na direção dele por baixo do lençol vermelho, e Larry deixou seu corpo desintegrar-se no dela, em seus braços. E ela o abraçou. Tomou o agonizante velho chimpanzé desdentado em seus braços e pressionou a cabeça dele contra seu peito peludo. Ela ficou deitada ali com Larry, naquela cama, a seu lado, abraçando-o, esperando com ele que a vida deixasse seu corpo, a pressão e o calor do corpo dela amenizando sua transposição para a morte.

Clever olhou para mim. Nossos olhos se encontraram, e, seguindo sua sugestão, respeitosamente deixamos o quarto. Regina e Lydia nos seguiram. Hilarious Larry morreu pouco depois. Tranquilamente,

dormindo, com Lily deitada a seu lado. Aliás, não faço ideia se sua morte foi ou não tranquila. Tudo que sabemos é que ele morreu dormindo. Já havia falecido quando o veterinário chegou. Não devíamos ter chamado o veterinário, mas o padre.

Por algum motivo, a imagem do leito de morte de Larry permaneceu assombradamente gravada a fogo em minha memória como a sensação de marca de queimadura que se demora na vista após olharmos o sol por muito tempo. E refiro-me à própria cama, a coisa na qual ele havia dormido durante sua década de aposentadoria no Rancho Lawrence. Pense a respeito da cama. É um símbolo tanto de nascimento quanto de morte. A cama é uma coisa afortunada na qual nascer, e uma coisa mais afortunada ainda na qual morrer. Suponho que seja uma bênção ter uma morte tão tranquila quanto a de Larry. Foi adequada a ele. Larry era uma criatura de altiva resignação estoica. Suponho que foi por isso que não teve medo de morrer. Mesmo se eu conseguir morrer numa cama, Gwen — o que, atualmente, desconfio que vai acontecer —, não espero que minha morte seja como a dele. Não sou nenhum Sócrates, nem mesmo um Hilarious Larry. Sei que não morrerei com tamanhas bravura e graça. Sei que sou covarde e, provavelmente, morrerei como um covarde, do mesmo modo que, logo no começo, somos todos arrancados do ventre: chutando e gritando. Tenho medo da morte. Tenho medo dela e a odeio. Odeio a morte porque amo a vida. É uma mórbida ironia que um excesso de amor pela vida geralmente leve uma pessoa a uma vida sujeita ao medo e à raiva. Larry não era assim. Ele abraçou a morte como um homem que se reuniu a um amigo de infância após uma longa separação. Nascido na selva, criado no circo, ele morreu na casa de um humano, numa cama. Virou as costas para a vida e morreu uma morte suave, doméstica, taciturna, não uma morte violenta, mas com seus chinelos. Não consigo me imaginar fazendo isso, pelo menos não do modo como ele o fez. Aqueles que amam a vida, que

realmente a amam, a amam a ponto do ciúme, da raiva, da náusea, da possessividade e obsessão; aqueles que amam mais que tudo a vida não podem evitar de ser covardes. Desconfio que morrerei de morte violenta e covarde, como um amante, mesmo que tenha de fazê-lo, como um amante, na cama.

---

Houve um pequeno funeral para Hilarious Larry vários dias depois. Sua viúva, Hilarious Lily, insistiu numa cerimônia católica, embora o próprio Larry nunca tivesse sido religioso. Não importa: funerais são para os vivos. O serviço religioso para ele foi realizado na Catedral do Sagrado Coração de Maria em Montrose. Era uma velha igreja, uma raridade no Oeste. Foi construída no século XIX com toda a pompa e glória da antiquada arquitetura religiosa. Ela servia, em grande parte, como paróquia de imigrantes mexicanos e oferecia serviços religiosos diários, tanto em inglês quanto em espanhol. Era a igreja aonde Rita levava Lily aos domingos para se confessar e assistir à missa. Rita conhecia o sacerdote — Padre Malcolm — e o rosto de Hilarious Lily lhe era familiar, sempre sentada ao lado de Rita no primeiro ou segundo banco diante do púlpito, sua cabeça cabeluda baixada em sincera genuflexão. Claro que ele concordou em rezar uma missa para o marido dela. Por que um macaco não poderia também encontrar seu Deus? Se ele acreditava realmente que Cristo foi Rei dos Homens, então não seria aceitável que, se alguém é também capaz de aceitar que todos os homens são macacos, que Cristo foi também Rei dos Macacos? Assim como Tarzan? Não sei qual era a lógica do padre (não que necessariamente tivesse de haver uma), mas ele realizou os rituais funerários de Hilarious Larry com a mesma seriedade que dedicaria aos de um humano falecido. Assim como São Francisco, que era capaz de promover a paz entre homens e animais, não achava

estranho pregar para passarinhos e batizar um lobo, o Padre Malcolm não achava estranho rezar uma missa para um macaco.

Eu nunca tinha estado numa igreja antes. Não havia muita gente presente: apenas eu, Lydia, Lily, Clever, Rita, o casal Lawrence e alguns trabalhadores do rancho. Sempre fui tomado pelo assombro diante do misticismo e magia da cerimônia. As vestes do padre que fez a homilia e os homens que caminhavam pelo corredor balançando vasos com incenso pendurados em finas correntes douradas, as recitações e os cânticos em latim, a beleza daquilo, todas as cores e ornamentos. Nunca desejei exatamente ser religioso, mas todo aquele ritual emocionante de um funeral católico me faz entender algo a respeito disso. Como pode alguém se sentar numa igreja católica, olhar e ouvir com o coração aberto o Réquiem — a solenidade, a bela música, os encantamentos em latim — e ir embora impassível?

Após o funeral, voltamos para casa num pequeno comboio de carros com os faróis acesos, onde tudo que restava de mortal de Hilarious Larry foi enterrado numa sepultura no terreno do rancho. Lily permaneceu ao lado da sepultura, num vestido negro e véu de renda, enquanto o caixão era baixado na terra, e o Padre Malcolm espargia água benta de um hissope, jogava terra nele rezando o Pai Nosso. Posteriormente, os outros se retiraram para o velório. Havia cookies e ponche. Lily não nos fez companhia. A pequena capela que os Lawrence haviam construído para ela no rancho ficava quase ao lado da casa grande. Vista de fora, parecia pouco mais do que um galpão de ferramentas embelezado com uma cruz no topo. Era o espaço de Lily; eu nunca tinha estado lá dentro. Vi-a afastar-se de todo mundo e passar pela porta da capelinha. Após ficar um pouco entre os cookies e a tigela de ponche do velório, fui lá fora, para a varanda dos fundos, dar uma olhada na intensa luz vermelha do fim da tarde desvanecer nas faces das montanhas ainda vestido com meu terno preto, mas o laço da gravata afrouxado, com um copo de

plástico com ponche na mão. Meus pés esmagaram a grama enquanto me aproximava da capelinha; silenciosamente fendi a porta dupla e enfiei a cabeça lá dentro. Era uma sala pequena, sem janelas, mas belamente construída, com lambris de pau-rosa planados e lustrados nas paredes e teto e assoalho de madeira, fracamente iluminada com sombrias luzes suaves, e um altar na extremidade mais distante. No altar, um Jesus especialmente ensanguentado e emaciado pregado a uma esmerada cruz inclinava sua serena cabeça de cabelos encaracolados em direção ao céu. Velas, no altar, bruxuleavam e pingavam cera. Avistei Hilarious Lily diante do altar ajoelhada sobre uma almofada vermelha de orações, a cabeça baixa e os olhos fechados, acariciando as contas de seu rosário. Tocava com os dedos médios em seus ombros, cabeça e peito, ombros, cabeça e peito, fazendo sem parar o sinal da cruz. Saí e fechei a porta.

Naquela noite, após o velório, segui Clever para fora e caminhamos juntos por um campo de capim amarelo seco na altura da cintura, fazendo um som de *ssshhh* ao vento em toda a nossa volta. Eu estava bêbado, muito bêbado, um pouquinho de ponche demais cantando em minhas veias, e a cabeça bamboleando grogue sobre meus ombros. Era lua nova, o que nos dava a escuridão perfeita para ver as estrelas. Chegamos a um ponto no qual Clever decidiu — seguindo uma decisão aleatória ou alguma dica desconhecida ou enigmática que permanecia invisível para mim — subitamente desabar sobre o capim e olhar para o céu. Caí pesadamente ao lado dele. Estávamos perto o suficiente da casa para que víssemos as luzes em suas janelas e ouvíssemos os humanos falando, mas longe o bastante para que nos sentíssemos muito sozinhos juntos, ali fora, na noite, deitados no campo. Ouvimos o adelgado estalido da risada de um coioete vinda de algum lugar bem distante nas montanhas. Fitamos juntos os milhares e milhares de estrelas explodindo no céu limpo daquela

noite sem luar na primavera do Colorado. Não estava frio ali fora, mas também não estava muito quente. Acho que eu poderia ter pegado um resfriado, deitado bêbado no campo com Clever naquela noite. Observamos o céu até conseguirmos enxergar os indistintos pontinhos dos satélites percorrerem o espaço de escuridão entre as estrelas. Isso me levou a pensar sobre espaço, tempo e o universo. Há dois tipos de assombros, pensei, e devo ter dito isso a Clever, que deve ter olhado para mim, mudamente dado de ombros e olhado de volta para as estrelas. Um tipo de assombro é o que sinto quando olho para cima numa noite de céu limpo como aquele. O outro tipo de assombro é o que sinto quando ouço música, ou vejo um quadro que adoro, ou quando observo Lily ajoelhada sobre sua almofada de orações diante do altar, rezando. O primeiro é um espanto diante da natureza, e o outro é um espanto diante da irrestrita beleza irracional da mente. Serão esses espantos opostos um ao outro? Ou estão, de algum modo apavorante, fantasmagórico, ligados por qualquer razão? Clever simplesmente deu de ombros. Acredito que toda a nossa filosofia — falei para ele, agora de supetão —, todas as nossas religiões e até mesmo nossas ciências, cada tentativa humana de entender ou explicar nós mesmos, o mundo e nosso lugar nele — todas as nossas curiosidades, nossa superstição, nosso temor, nossa arrogância, todos os modos pelos quais nos defendemos contra o assombro que um animal sente quando encara uma noite escura estrelada como aquela, o terror sentido por um animal inteligente o bastante para perguntar, mas não o bastante para responder — têm suas raízes em nossa compreensão do tempo. Somos animais amaldiçoados com a cognição da morte; sabemos que acabaremos e, embora não nos lembremos de começar, sabemos e precisamos acreditar que começamos, e essa crença em nosso próprio começo nos faz querer descobrir o que aconteceu antes de todos nós termos começado e, além disso, nos faz querer saber como tudo começou. O que

aconteceu no começo? Imagine isso (disse a Clever): é noite, uma noite fresca como esta, uma noite triste e fatigante de muito tempo atrás. O vento encrespa o capim das planícies ondulantes, predadores ululam com agouros longe dali (ou talvez perto). Um homem primitivo, exausto até a medula por causa da interminável labuta da persistência diária, cutuca indiferente com uma vara as brasas laranja que se esmigalham na fogueira. Faíscas crepitam, fumaça flutua, brilhantes espirais de luz volteiam acima a partir das cinzas pulsantes. Perto, um garotinho sonolento ergue a vista para ele, o rosto vermelho na fraca luz da fogueira. Ele está quase dormindo, os olhos lânguidos, mas repletos de ociosa curiosidade. Aponta para as pedras, as árvores e o fogo e, por fim, para o firmamento que avulta sobre eles, assombrado por fitas de estrelas-fumaça, e pergunta a seu pai: *Como surgiu tudo isso?* E o pai primitivo consegue apenas coçar a cabeça, pigarrear e dizer: *Bem, hum, é que, uh (arram)... É complicado. Puxa, como posso dizer...?* Então ele começa a inventar, e surge com uma história maluca que logo engendra um mito tão bizarro e sombriamente belo que, em pouco tempo, até mesmo ele se convence de que é verdadeiro. E a história começa: No princípio... No princípio. No princípio havia... No princípio havia um ovo cósmico. No princípio a terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas. No princípio era o caos, e o caos deu origem à terra, ao céu, ao submundo, amor e escuridão, e a terra amou o céu e deu à luz o mar. No princípio era a terra, pousada nas costas de quatro elefantes de pé sobre o casco de uma tartaruga. E em cima de quê a tartaruga se apoiava? Outra tartaruga. E essa tartaruga estava em cima de quê? Você é muito, muito esperto, rapazinho — diz o pai primitivo —, mas não adianta, o tempo todo são tartarugas até lá embaixo. No princípio era a palavra, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus. No princípio o universo inteiro estava condensado num único ponto de

massa infinita, que subitamente explodiu e fez todas as coisas. E isso foi o princípio do tempo. O princípio dos princípios, o princípio do Princípio. No princípio era verbo. *Uma* palavra ou *a* palavra? Apenas palavra, meu filho, essa foi uma época muito anterior aos artigos definidos. No princípio, alguém disse que se faça a luz. E houve luz. Como ele/ela/pronome indefinido sabia a palavra para luz? Como pôde a palavra *luz* preexistir à coisa luz? Como o universo passou a existir ao ser pronunciada uma palavra?

Sabe (disse eu a Clever), é natural que a gente ache que a linguagem, de alguma forma, criou a matéria propriamente dita, tendo em vista que a linguagem cria pensamento em nossas mentes, cria a própria questão. Que o mundo foi gerado na língua, na boca, nos pulmões, no sangue, no cérebro, em eletricidade, em luz. Que foi a própria palavra que formou o mundo. Que fomos criados não por um ser diferente que nos esculpiu do pó, guarneceu nossos ossos com argila e inflou nossos pulmões com o beijo de vida, nem por uma inexplicável explosão retumbando num vazio inimaginável, mas por nossa própria capacidade de pensamento consciente. Uma palavra gera tempo e consciência, e consciência gera a curiosidade sobre o que gerou tempo antes de sermos conscientes, e isso gera a pergunta: O que aconteceu no princípio? Mas talvez uma pergunta mais sensata a se fazer seja: O que é princípio? Se tivéssemos começado com *essa* pergunta, então talvez não ficássemos tão enrolados em imaginar o que aconteceu antes do big bang, quem deu início à palavra cósmica que nos fez existir e em quê está apoiada a tartaruga. Assim, os homens esqueceram que todas as divindades residem no peito humano.

Em determinado ponto, meu monólogo se tornara um sonho, porque eu havia adormecido no campo. Clever voltou a casa para buscar Lydia. Ele segurou sua mão e a conduziu ao local no campo onde eu havia desabado num sono embriagado sob as estrelas. Lydia me recolheu e me acomodou em seus braços, e eu,

semiconsciente, agarrei-me ao seu pescoço, o qual beijei continuamente enquanto ela me levava para a cama.

## XXVII

O ntem à noite, encontrei algo em minha memória que pode ser do interesse dos nossos leitores, Gwen. É o último pedaço relevante de uma narrativa pendente da minha época no rancho que precisa ser narrada e, assim que eu a narrar, talvez possamos girar os ponteiros daquele relógio para a tal época-borrão que prometi.

Não consegui dormir ontem à noite. Às vezes, tenho esses ataques de insônia. Nada terrível — em nada parecido com o que Lydia costumava ter —, mas, de vez em quando, passo uma noite insone na cama, agito-me entre os lençóis, com minha mente girando e girando como o motor de um carro preso em ponto morto. Ainda não dormi hoje, apesar de meu cronograma diário livre e desimpedido não me impedir de surrupiar algumas horas para tirar uma soneca.

Pois bem, ontem à noite, enquanto eu permanecia deitado na cama, virando e revirando o travesseiro para refrescar minhas bochechas insones, observando o retângulo de luar no chão de meu quarto lentamente se inclinar e virar um losango, para me distrair, comecei a remexer a caixa de brinquedos de meu cérebro para ver se conseguia achar alguma lembrança meio esquecida com que pudesse brincar. E o que encontrei enterrado quase no fundo, tirando a poeira e examinado com curiosidade e súbito arrebatamento de recordação, foi aquele interessante artefato hipocampal. No meu estado sonolento, lembrei-me de um incidente que aconteceu no rancho; não consigo me recordar exatamente

quando, mas sei que foi perto do final de nossa estada ali. Tenho quase certeza de que deixamos o rancho no fim de um verão, ou início de um outono. Portanto, como chegamos ao rancho no inverno, acho que passamos mais de dois anos lá, uns dois anos e meio. Espere um momento, Gwen, a neblina de minha memória está se dissipando... dissipando... quase consigo enxergar... *a-há!* Sim, ali está. Agora, vejo com clareza. Exatamente como eu desconfiava: isso aconteceu no Quatro de Julho. Dia da Independência. Lembro-me também de que envolveu uma banheira com água quente.

Havia uma banheira com água quente embutida no deque de madeira nos fundos da casa grande. Espere, como isso pode ter sido no verão? Lembro-me muito claramente do vapor que se erguia da superfície da água. Não, era verão, porque até mesmo as noites de meio da estação podem ser muito frias naquela altitude — daí o vapor. Era noite. A cor da água... disso eu me lembro com perfeição: era plenamente verde-água e brilhava com intensidade, como se contivesse misteriosos agentes radiativos. Lydia está sentada na banheira. Eu estou sentado na banheira. O Sr. e a Sra. Lawrence estão sentados na banheira. É Quatro de Julho.

Esse é um feriado que às vezes eu perco em meu atual confinamento. Não vejo um Quatro de Julho desde que fui isolado e confinado aqui neste Instituto. Disseram-me, e acredito, que a primeira vez que Lydia me levou a uma celebração de fogos de artifício do Quatro de Julho (em minha mente, o Quatro de Julho era um festejo que festejava fogos de artifício), eu falei de estrelas. Isso foi em Chicago. Eu, Bruno, carregado em seus braços, fui envolto no enorme pulôver verde com capuz que usava em nossas saídas na sociedade humana. Ela me levou, no Quatro de Julho, para o espetáculo de fogos no Navy Pier. Os sons, os ruídos de estalidos e excessos e zunidos por toda a parte, a música atravessando a atmosfera, a enorme roda gigante: Navy Pier.

Quando a música que acompanhava os fogos começou a soar bem alto nos alto-falantes estaladores e os foguetes começaram a guinchar no céu para se detonarem sobre nossas cabeças, ela disse que aponte para as chiantes nuvens de fumaça e faíscas, aponte para elas com meu dedo médio e disse claramente, em voz baixa e suspirando admirado: “Estrelas!” Estrelas! Estrelas! ESTRELAS!

(É de se notar, porém, que, durante os verões, Chicago, por algum motivo, resolve despejar do Navy Pier uma bateria de fogos de artifício no céu, *todas as sextas-feiras e sábados à noite*, e, portanto, é uma cidade mimada com fogos como uma criança tola que come todos os dias sua comida favorita até perder o gosto por ela. Por isso, no Quatro de Julho, eles compensam isso simplesmente disparando *montes e montes* de fogos de artifício! — o que é, admitidamente, uma solução nada criativa para o problema de dessensibilização pirotécnica, que emana da poderosa ânsia dessa cidade, de sua adorável ganância pelo cheiro de enxofre no nariz, para ouvir aquelas hosanas balísticas e ver aquelas flores silvestres de energia desabrocharem no céu e refletirem no lago. Eu disse anteriormente que Chicago é mesquinha nos invernos. Sim, mas, nos verões — talvez, aliás, para emendar seu frígido comportamento na maior parte do ano — nos verões Chicago não é “aquela cidade sombria”, mas, em vez disso, uma imoderada cidade que parece uma criança rica, que exige comer bolo com sorvete todo santo dia, e seu povo de coração fraco lhe dá, lhe dá tudo porque a ama, ele a mima, apenas porque, mesmo que ela não mereça, ele adora ver o olhar em seu rosto quando ela consegue o que quer.)

As comemorações de Quatro de Julho eram mais restritas no Colorado, porém não menos bonitas. Muitos animais têm pavor de fogos de artifício, mas nunca fui um deles. Animais têm medo de fogos porque não os entendem. Para eles, fogos de artifício são uma aberração, um buraco amedrontador no tecido de seu universo

aceito, ao passo que eu, Bruno, compartilho o amor do homem pelos fogos. Também colhi a “flor vermelha”. Juntei-me aos primatas piromaníacos. No meu tempo de jovem, desde que Lydia estivesse por perto, nunca realmente temi algo se pudesse perceber que ela não tinha medo dele, e isso incluía o fenômeno potencialmente perturbador do negro firmamento acima de nós se abrir com guinchantes explosões de fogo colorido. No rancho, tínhamos de nos satisfazer em ver o espetáculo pirotécnico do Quatro de Julho feito pela sonolenta cidade montanhosa vizinha de Montrose, Colorado, que ficava situada no colo de um vale e que podíamos ver do deque da casa grande do Rancho Lawrence, empoleirado no topo de um longo e gradual declive de uma encosta de montanha que se derramava vale abaixo. Sentávamos no deque, ao cair da noite, e observávamos de uma grande distância os fogos que o pessoal de Montrose disparava para si mesmo no ar do verão. De nossa alta posição vantajosa na crista do vale, observar os fogos subirem da cidade a quilômetros de distância era como observar a destruição de uma Sodoma ou Gomorra ao contrário, o fogo e o enxofre caindo não do céu para a terra, mas sendo disparado da terra para guerrear contra o céu. E olhávamos vale abaixo e, reparem, não nos transformamos em sal.

Mal conseguíamos ouvir os fogos de artifício. Os projéteis zuniam a partir dos feixes de luzes da cidade, erguendo-se até suas alturas designadas e não mais alto, onde explodiam em sombrinhas tremeluzentes de faíscas e faziam ruídos que chegavam atrasados a nossos ouvidos, ruídos que, após subirem nossa rampa do vale, reduziam-se a pequenos estalidos não mais impressionantes do que os sons de rolhas presas a barbantes impulsionadas pneumáticamente de canos de espingardas de ar comprimido. *Pop!... pop-pop!... pop!* E, como uma desajeitada criança gigante com um transbordante balde de luz, os fogos despejavam descuidadamente suas ondas de cores artificiais — vermelho,

amarelo, azul, verde — por todas as faces das montanhas de ambos os lados do amplo vale escuro.

Obviamente, todos os animais do rancho ficavam apavorados com o espetáculo, mas havia pouco a ser feito para confortá-los. Eles ouviam distintamente os guinchos e estrondos distantes; os elefantes sentiam as vibrações em suas grandes patas achatadas, todos os ungulados aconchegados para proteção; as aves escondiam as cabeças embaixo das asas e os animais entocados se entocavam ainda mais fundo na terra. Em suas ignorantes mentes animais, estrelas não deveriam balançar tão baixo. A noite era para ser silenciosa e escura. Essas coisas poderiam ser presságio de desastre, o fim do mundo ou o começo de um novo.

Estávamos sentados no deque, bebendo vinho branco, vinho da própria vinícola do Sr. Lawrence. Os outros chimpanzés tinham ido dormir. Ou, lembro-me de que Larry e Lily tinham ido dormir — isso foi antes da morte de Hilarious Larry? — não podia ter sido, portanto, então apenas Lily entrara para ir se deitar. Onde estava Clever? Clever tinha se aninhado e adormecido em uma cadeira do deque. Lydia está sentada na banheira quente. Estou sentado na banheira quente. O Sr. e a Sra. Lawrence estão sentados na banheira quente. É Quatro de Julho. Lydia está usando seu maiô amarelo-canário? Sim, digamos que está. Tanto de sua bela pele lisa em exibição para olhos que não são inteiramente meus. Eu não gosto muito de água — isto é, eu bebo água, mas não gosto do meu corpo *dentro* dela —, poucos chimpanzés gostam. Não conseguimos nadar porque nossos corpos são muito densos. Apenas enfio os dedos do pé alguns milímetros na piscina, sinto o choque nos ossos e os puxo de volta com um tranco, e, em consequência, recuso-me categoricamente a submergir meu corpo nada além disso na substância vil. Mas não me importa a sensação de estar numa banheira de água quente. A banheira dos Lawrence foi embutida no deque e tem toscamente a forma de um rim, um rim

cheio de água quente cor de verde-água, que brilha por causa de luzes submersas, solta vapor e borbulha como o caldeirão de uma bruxa. Uma banheira quente é diferente de uma piscina. Mergulhar o corpo numa banheira quente é como mergulhar num tanque cheio de líquido amniótico, como deslizar de volta para o interior do útero. E a banheira quente dos Lawrence tem recurso de certo dispositivo que, quando acionado, estimula torrentes de bolhas que são disparadas na água por uma série de buracos em suas lisas paredes curvas internas. Eu apertava várias vezes o dispositivo e me colocava bem diante de um desses buracos para deixar meu corpo ser massageado pela pressão do jato que peida um fluxo quente de bolhas. Estávamos todos sentados nessa banheira quente. Não havia mais fogos de artifício. Os fogos tinham vindo e ido embora.

Os humanos estarão bêbados? Não sei. Provavelmente. Eles nunca permitem que eu beba muito. Cada um de nós está bebericando um cálice de vinho branco. Não, eu não estou. Já tive minha porção fornecida esta noite, mas os três humanos continuam tomando vinho. Estão segurando e bebendo de cálices cheios de vinho, ao mesmo tempo em que se encontram sentados na banheira, de vez em quando pousando os cálices na superfície do deque. Todos têm os braços esticados sobre a borda da banheira, em poses de relaxamento. Estão conversando. A Sra. Lawrence e Lydia estão envolvidas em algum tipo de conversa enquanto o Sr. Lawrence observa satisfeito. Estou desfrutando a sensação das bolhas massageando minhas costas. Não me lembro do que é dito aqui, mas creio que Regina Lawrence foi quem acabou de falar e me recordo de que o que quer que acabou de ser dito fez Lydia enrubescer. Quase posso sentir a temperatura da água já quente aumentar um ou dois graus devido ao súbito aquecimento do sangue de Lydia.

— Não, não — nega Lydia, falando para a Sra. Lawrence, enquanto eu a olho de relance. Lydia está balançando vigorosamente a cabeça de lado a outro, e seu cabelo, que nessa época já crescera de novo, está úmido e esbofeteia seu rosto quando balança a cabeça. Mas Lydia não está chateada de verdade: está sorrindo, um sorriso que ameaça irromper numa gargalhada, a despeito do fato de que ela está veementemente negando o que quer que a Sra. Lawrence acabou de acusá-la de fazer. Sua quase gargalhada é meio satisfeita e meio nervosa. Estará embriagada? Meu Deus, sim: ela está embriagada.

— Não pense que somos estúpidos — diz a Sra. Lawrence, sorrindo também, para suavizar a agressividade do comentário. Os seios titânicos da Sra. Lawrence estão empinados para o topo do seu maiô encarnado. Ela está apoiada na área do corpo do seu marido onde o braço magro dele encontra o peito, que está molhado e coberto de pelo branco encaracolado. — Sei quando uma mulher está apaixonada.

Lydia nada diz. Os deuses do Sorriso e da Carranca guerreiam para dominar a expressão de Lydia. Após uma longa peleja, Sorriso emerge vitorioso. Então ela ri, mas cobre a boca, como se o riso fosse uma tosse ou um soluço.

— Não se preocupe, meu bem — diz Regina Lawrence. — Não somos puritanos.

Olho mais uma vez para Lydia, cujos sorriso e risada sumiram de sua boca, e cujos olhos agora encaram abaixo as profundezas verde-água da água quente, vaporosa. Olho também para a água, tentando enxergar o que ela poderia estar olhando. Então olho acima para as estrelas. *Estrelas! Estrelas!* Então meu olhar para a meio caminho da água e das estrelas, e vejo o Sr. e a Sra. Lawrence, sentados diretamente a nossa frente na banheira quente. Noto que uma nuvem de tensão, sem me dar conta de exatamente quando, entrou recentemente no espaço entre nós.

Olho para Clever Hands, meu companheiro mudo, que dorme a sono solto no assento de lona de uma espreguiçadeira do deque, a uns 5 metros de nós. Clever está deitado na cadeira, os membros relaxados e roncando. Sukie, a cadela, está enroscada, dormindo sobre o deque bem embaixo da cadeira de Clever. Olho de volta para o Sr. Lawrence e noto o que pode ser ou não um selvagem olhar sexual em seus olhos atrás dos escudos enevoados de seus óculos.

Então vejo algo boiando na superfície da água. As bolhas que se erguem das iluminadas profundezas da banheira jogam a coisa em volta da vaporosa superfície da água. Parece uma ninfeia ou uma flor vermelho-escura, algum tipo de substância vegetal flutuante para uma rã do pântano se sentar. A coisa flutua a esmo na água entre nós, no meio da banheira. Olho para ela, pasmado. Percebo que se trata da parte de baixo do traje de banho de Regina Lawrence.

Na vasta escuridão mais além do deque, a noite é feroz com o cri-cri ritmado dos grilos. Deve haver lá um esconderijo de grilo debaixo de cada folha. A algazarra que fazem ensurdece qualquer um, seu incessante *criii, criiii, criiii*. Bem longe, um bando de coiotes gargalha nas montanhas. Por um momento, ninguém se mexe.

Parecendo eras e provavelmente momentos depois, mais artigos borbulham acima para se juntar ao flácido pedaço vermelho de material flutuando na superfície da fumegante água verde-água. Regina Lawrence pousa seu cálice de vinho superfície do deque, acomoda-se na água até esta chegar a seu queixo, então volta a se erguer e, quando o faz, a parte de cima de seu traje de banho agora também flutua na água. As volumosas taças do sutiã de seu traje de banho seguem à deriva pela água luminosa como os bulbosos olhos vermelhos de um monstro marinho cujo corpo espreita logo abaixo da superfície. Agora o Sr. Lawrence gradualmente escorrega sua sunga Speedo pernas abaixo, e esta

também sobe à superfície vindo de baixo da água gorgolejante. Olho inexpressivamente para eles, através da água, as três peças de tecido flutuando na banheira como panos de prato, e para o Sr. e a Sra. Lawrence, cujos corpos indistintos e pálidos estão agora completamente nus sob as bolhas e o vapor, que flutua para a atmosfera vindo da pálida água verde-água. Os seios da Sra. Lawrence boiam na superfície da água exatamente como os corpos de dois gansos depenados. E seus mamilos. Devo chamar atenção especial para seus mamilos. *Que mamilos!* Eu nunca tinha visto mamilos assim. Lydia... Lydia tinha dois botõezinhos rosados à guisa de mamilos, como os doces olhinhos de um coelho branco... mas *aqueles?* *Aqueles* mamilos eram como dois cookies grandes, gordos e polpudos! Não consigo *evitar* de olhar! Dou uma olhada de esguelha para Lydia. Que diabo ela está fazendo? Sua respiração é pesada e irregular. Sua respiração é pesada e irregular, chegando a ela em tragos de fôlego e saindo em tremores vacilantes. Reconheço aquela expressão em seu rosto: os cantos internos das sobrancelhas tendendo para cima, as pálpebras semicerradas sobre os olhos que não estão enxergando, uma expressão de prazer tão intenso que é quase uma expressão de dor. Reconheço aquela expressão em seu rosto e reconheço aquela cadência em sua respiração. É assim que ela fica, é assim que respira quando estamos nos estágios preliminares de fazer amor. Olho abaixo: abaixo para a luminosa água azul. É difícil enxergar na água fumegante, borbulhante, mas meus olhos são capazes de captar as seguintes informações: (um) Regina Lawrence, em algum momento do passado recente, estendeu diagonalmente uma de suas pernas nuas troncudas pela banheira; (dois) ela colocou o pé no ponto crucial da virilha de Lydia; (três) o dedão de seu pé conseguiu se intrometer por baixo do tecido do maiô amarelo-canário de Lydia; (quatro) esse dedão é atualmente usado no serviço de esfregar sensualmente a carne do que pode ser ou não o clitóris de Lydia. Os

Lawrence nus começam a se apressar na direção dela, com clara intenção lasciva. Nesse momento, de maneira inadvertida, Lydia larga o cálice de vinho que vinha segurando esse tempo todo, mas do qual havia se esquecido recentemente. Acontece assim: bem distraída, seus dedos que seguravam o cálice involuntariamente afrouxam, que cai na água verde-água; o vinho que havia nele se derrama na água; por um breve momento, o cálice flutua na superfície como um bote, antes de o bojo se encher e o vaso emborcar, afundar e seguir na vertical, surpreendentemente veloz, direto ao fundo da banheira, onde é colhido por um daqueles fluxos estrondeantes de bolhas, que saem dos buracos das laterais da banheira, o qual o lança pela água e o despedaça contra o outro lado da banheira. O vidro quebra, ruidosamente.

— Porra! — falou Lydia enquanto abandonamos o tempo presente. Levou a mão à boca. — Oh, não... oh... sinto muito. Sinto muito...

Seu rosto estava vermelho, os olhos se agitavam com piscadelas. Inspirou profundamente e aprumou-se. Ela se aprumou como alguém apruma um fio dobrado.

— Ninguém pisa aqui dentro! — disse o Sr. Lawrence, sempre tentando ser útil.

— Sinto muito, sinto muito — continuava dizendo Lydia. Seus músculos e nervos haviam sido penetrados por um inexplicável senso de agitação. — Vamos embora, Bruno. Acho que está na hora de dormir.

Quando ela disse isso, todos saíram da banheira como se uma cobra venenosa tivesse acabado de ser colocada na água. Lydia estendeu a mão para mim, a fim de me ajudar a sair. Tremi violentamente. Desprezei o choque frio do ar no meu corpo molhado. A água achatara minha grossa pelagem contra a pele. Os corpos nus rosados e pingando do Sr. e da Sra. Lawrence pescaram na água borbulhante suas vestes empapadas. O Sr. Lawrence era

coberto com cerdoso pelo branco. A Sra. Lawrence era roliça e bamboleante. Seus seios gelatinosos e molhados se agitavam de um lado a outro como peixes. O pênis semiereto do Sr. Lawrence era carmesim — carmesim brilhante! — antes de ele o enfiar de volta no suporte atlético de sua sunga Speedo. Lydia me esfregou vigorosamente com sua toalha até minha fofa pelagem crepitar com eletricidade estática, esfregou-se com ela vigorosamente em seguida até ficar meio seca, antes de começar, com puxões e empurrões nervosos, a colocar suas roupas de volta por cima do maiô amarelo-canário. O Sr. Lawrence ocupou-se pessoalmente do trabalho de esvaziar a banheira para, suponho, em segurança, retirar o vidro quebrado. Regina Lawrence, seu corpo liso lembrando um marsupial, aproximou-se de Lydia.

— Sinto muito, meu bem. Eu...

— Não, não — disse Lydia rapidamente. — Por favor, não se desculpe. Está bem. Está tudo bem.

— Espero que não esteja chateada. Dudley e eu achamos que você poderia ser uma pessoa aberta para...

— Não estou nem um pouco chateada. Apenas cansada. Por favor, não se preocupe. Nós vamos dormir. Foi uma noite maravilhosa. Sem dúvida.

— Como queira. Mas não nos deixe assim. Venha cá.

Regina Lawrence abriu os braços para abraçá-la. Ela usava de novo as duas peças de seu traje de banho vermelho. Lydia, agora completamente vestida, deixou-se envolver no abraço. A pele molhada do corpo de Regina Lawrence empapou as roupas de Lydia.

Agora Lydia e eu, de mãos dadas caminhando pela longa trilha de cascalhos, seguimos de volta para nossa casinha no Rancho Lawrence, cerca de 1 quilômetro distante da casa grande. As luzes na casa grande ainda estavam acesas atrás de nós. Nossos pés

esmagavam ruidosamente o caminho de cascalho e os grilos cricrilavam sua canção de grilo na grama.



E agora, se você puder, por favor, imagine os ponteiros daquele relógio simbólico que lhe prometi antes, girando cada vez mais depressa e se tornando um simbólico borrão radial. O tempo passa. Após nossa extensa estada no Rancho Lawrence, Lydia e eu nos mudamos de volta para Chicago. Quando, finalmente, retornamos de nosso, assim como o de Ovídio, exílio no ermo, consegui falar, ler e escrever na língua inglesa e obtive uma parte de minha educação sentimental. Aliás, talvez não tenha se passado muito tempo desde a lembrança, que acabei de relatar, de que Lydia e eu deixamos o Rancho Lawrence e voltamos para Chicago. Honestamente, não sei por que deixamos o Rancho Lawrence quando o fizemos. Não pretendo saber o quanto, se foi o caso, nossa transferência de volta a Chicago teve a ver com aquele curioso incidente que encontrei ontem à noite em minha caixa-memória. Nossa mudança de volta, porém, pode também ter tido a ver com muitos outros fatores. Por exemplo, creio que Lydia sentia falta da cidade, assim como eu. Sentia falta de sua familiaridade; sentia falta da própria sensação de independência. Ela não queria se sentir como uma eterna hóspede. Tinha saudades do lugar ao qual chamara de lar por quase 10 anos. Agradecemos aos Lawrence por todo o seu apoio financeiro, sua bondade, sua tolerante, incansável e absurdamente generosa hospitalidade. Com lágrimas, dissemos adeus a Dudley e Regina Lawrence, e ainda com mais lágrimas a Hilarious Lily, a Sukie, a cadela, à memória de Hilarious Larry e, com mais lágrimas ainda, a Clever Hands, que nos sinalizou *Adeus!* e continuou acenando, mesmo após o carro de Lydia passar ruidosamente pelo mata-burros e entrar na estreita estrada de

terra. O sol talvez estivesse se pondo — ou nascendo — pintando com cores majestosas as montanhas atrás de nós. E partimos.

# Parte Quatro

desfiadossóis  
Acima do negrogris se dissipa.  
Uma árvore-  
alto pensamento  
alcança a luz-tom: há  
ainda canções a se cantar para além da  
humanidade.

*Paul Celan*

## XXVIII

Pereço desculpas por ter se passado tanto tempo desde a nossa última sessão, Gwen. Você sabe que estive extremamente ocupado com *Woyzeck*, que você nos viu interpretar semana passada. Para ser honesto, não fiquei empolgado com o modo pelo qual saiu a apresentação. Fizemos nossa mesura no final e a plateia aplaudiu quando era o momento de aplaudir. Eu me afastei tanto do zênite de minha carreira teatral, desde a época em que Leon e eu montamos nossa produção épica de *A tempestade*. Isso já faz mais de dez anos.

Não se preocupe, Gwen, não estou ofendido porque o medo do palco evitou sua atuação na minha peça. Receio que, na melhor das hipóteses, foi uma produção amadora. Chimpanzés são difíceis de dirigir. Estou pensando seriamente em aprender a arte negra da titeragem. Fantoches são atores mais obedientes.

Estou preocupado com Leon. Ele agora tem mais de 60 anos. Tem os olhos úmidos, a mão seca, a face amarela, a barba branca, uma perna diminuindo e uma barriga crescendo, cada parte dele devastada pela velhice. Seu modo de andar é lento e incerto, sua pele não tem a sanguinidade que costumava ter. Um homem de grande coração e estômago corajoso, por toda a vida ele tem arrastado seu corpo pelo inferno. Parece muito mais velho do que realmente é. Leon é o melhor e último grande amigo que me resta no mundo e temo que também vá perdê-lo mais cedo do que gostaria. Freud observou que amar alguém é entregar um refém ao destino. Hoje em dia, quando vejo Leon, quase posso ver o destino

atrás dele com uma faca pressionada contra sua garganta gorda. Temo por ele. Vou sentir sua falta, quando ele se for. Temos ouvido o badalar da meia-noite. Isso temos... Isso temos.

Nossa apresentação de *Woyzeck*, como tenho certeza de que você observou, foi arruinada por um irritante acidente. Há uma linha férrea que passa bem ao lado do terreno do Centro Nacional Zastrow de Pesquisa com Primatas, situado em algum lugar da Geórgia rural, Estados Unidos. De vez em quando, talvez três ou quatro vezes por dia, um trem de carga passa trovejando pelo centro de pesquisas. Ele faz um ruído ensurdecido, em geral acompanhado por um demorado e profundo toque de sua buzina e um incerto tremor de terra, durante o qual tudo o que há naquele lugar é posto em um leve bambolear. Os macacos — termo pelo qual me refiro aos macacos animais, aos chimpanzés não aculturados, aos chimpanzés pigmeus e aos orangotangos que vivem no centro de pesquisas — adoram isso. Ficam muito fascinados e encantados e extremamente impressionados com esse fenômeno que ocorre toda vez que passa um trem. Durante esses poucos minutos de estrondo, buzinação e tremor, que acontece várias vezes por dia, todos eles, até o último macaco, começam a saltar para cima e para baixo, a bater palmas, a uivar e a ofegar e gritar com uma maravilhada e irreprimível alegria. E, para o maior dos azares, o absoluto clímax emocional da peça — o momento em que *Woyzeck* assassina a esposa num raivoso acesso de ciúmes — era o que deveria acontecer, mas o maldito trem decidiu passar voando pelo lado de fora do centro de pesquisas. Enquanto eu cambaleava no palco, os olhos assombrados pela *angst* e um canivete retrátil de brinquedo, feito de plástico, na mão, aquele trem idiota escolheu aquele momento em particular para tocar sua buzina idiota e seguir veloz seu caminho idiota por seus trilhos idiotas e, naquele momento, todas as paredes de nossa narrativa teatral — quarta, terceira, segunda, primeira — instantaneamente

desabaram, e não de um modo legal. Todos os chimpanzés no palco (exceto um) e todos os chimpanzés na plateia, quando ouviram o trem passar bramindo, sentiram-se instantaneamente compelidos a começar a saltar para cima e para baixo, a bater palmas, vaiar, uivar e gritar em meio a um jubiloso êxtase — estragando por completo a minha peça. Todos os meus atores imediatamente se esqueceram de seus papéis e não eram mais personagens de um dos maiores dramas psicológicos do início do teatro moderno, mas apenas chimpanzés outra vez, fascinados com um trem.

O trem passou, os macacos se recompuseram e, com dificuldade, seguimos adiante com os poucos minutos de peça que restavam. O instante, porém, fora arruinado, e o momento era irrecuperável. Quase chorei. Fiquei imaginando se aquelas criaturas cuja mente era uma folha em branco se deixariam impressionar tanto por trens passando se soubessem o que eles eram. Para elas, os trens significavam apenas que, por algum motivo, o comportamento previsível do universo havia sido brevemente alterado. De repente, a natureza havia pirado sem explicação, algo substituíra a calma e a tranquilidade do mundo exterior por um circo de sons e vibrações. Por isso, batiam palmas e gritavam e uivavam diante do espetáculo, porque não sabiam o que aquilo significava. Enquanto que eu, Bruno, estou condenado eternamente a saber o que significa, e tudo o que posso fazer é olhar pela janela de minha prisão e imaginar não o que cria esse perigoso ruído mágico na escuridão além de nossas paredes, mas aonde esse trem deve estar indo, de onde está vindo, o que deve estar trazendo para as pessoas livres do mundo.

Pois bem, fossem quais fossem os motivos ou convergência de motivos, Lydia e eu estávamos de volta a Chicago. Fiquei imaginando por que estávamos lá novamente, após os Lawrence terem nos proporcionado tanta paz e conforto no Colorado. Nem mesmo sei como estávamos sobrevivendo. Lydia não trabalhava. De

onde vinha o dinheiro, Lydia? Gostaria que eu pudesse lhe perguntar agora. Por que nunca lhe perguntei? Não ficava curioso? Essas coisas ficavam tão distantes da esfera de minhas preocupações infantis que nunca pensava em fazer tais perguntas. Mais uma vez estávamos morando na Avenida South Ellis, 5120. Era outono. O céu estava cinzento e os galhos despídos das árvores matraqueavam contra os fortes ventos outonais. Encontramos o nosso apartamento quase como o deixamos, embora as paredes e os carpetes tivessem absorvido os cheiros dos inquilinos que viveram nele durante nossas longas férias. Os locatários de Lydia, de algum modo, fizeram o apartamento cheirar como uma fábrica de queijo, e ficamos imaginando que atos repugnantes deviam ter cometido entre aquelas paredes. Mais repugnantes do que a mera bestialidade? Não, Gwen, esse *mera* não é, em nenhum sentido, irônico: eu não sou um animal.

Por algum tempo, Lydia e eu fizemos caminhadas diárias pelo folhado e soberbo *campus* da Universidade de Chicago. Nosso velho antro! O antigo lugar de trabalho de Lydia. O que, diabo, estávamos fazendo ali, Lydia? Por que não lhe fiz algumas dessas perguntas na ocasião? Quando você ainda podia responder, e ainda estava viva? Às vezes, passeávamos de mãos dadas por toda a extensão da rua Cinquenta e Sete, Lydia parando ocasionalmente para comprar coisas nas lojas: uma agenda, uma xícara de café, um barra de chocolate para mim, uma rosa verde com talo comprido para levar para casa e colocar num pote de geleia com água.

A vizinhança parecia ter mudado relativamente pouco nos dois anos em que estivemos fora. Os mesmos prédios estavam todos nos mesmos lugares, as mesmas árvores, os mesmos pontos de referência. Costumávamos ver as mesmas pessoas — a mesma senhora idosa com o casaco azul-vivo e lenço de pescoço cor-de-rosa que geralmente estava sentada num determinado ponto de ônibus, numa determinada hora, o mesmo homem passeando com

o mesmo cachorro, e assim por diante. Algumas lojas e restaurantes tinham sido fechados e substituídos por outros estabelecimentos ou estavam desocupados ou novos estabelecimentos tinham sido abertos em locais que antes estavam vagos. Com resignação, me ressentia de cada pequena mudança. Você sabe que um lugar é seu lar quando se ressentir de mudanças.

Quando estávamos em casa, no apartamento, eu escutava: não vinha, porém, qualquer som do andar de cima. Nada de grasnidos de papagaios, nada de gemidos de gaita de foles. Aonde teria ido Griph Morgan? Não havia nada além de silêncio no andar de cima, e também nenhum cheiro — nada de *eau* de feijão cozido e cocô de papagaio. Logo após a nossa volta, comecei uma peregrinação diária, subindo de forma pesada e desajeitada a escada para bater na porta do Sr. Morgan, na esperança de que, um dia, ele se materializasse atrás dela. Era um exercício desesperançado que se tornava mais desesperançado a cada dia que o fazia, mas eu o fazia todos os dias. Ou deveria dizer que era o oposto de desesperançado? — era um exercício fútil e absurdamente esperançoso. A porta de Griph Morgan tornou-se mais uma espécie de ídolo pagão em um altar ou um oráculo no qual eu deixava oferendas: não esperava uma resposta, contudo, continuava com aquilo, esperando algum pequeno sinal, suspeitosa e irracionalmente pronta a interpretar um bando de pássaros ou uma mudança no tempo como efeito causado pela minha homenagem. Todos os dias eu batia à sua porta e chamava seu nome, e todos os dias a porta permanecia fechada e o espaço mais além dela, em silêncio. A ausência de prova, porém, não é prova de ausência — como um verdadeiro crente, tudo de que eu precisava eram esperança contínua e silêncio contínuo para continuar chamando.

Nessa época, também notei uma mudança sutil — ou pelo menos uma mudança em minha percepção — no modo como as pessoas

nas ruas, ou nas lojas em que íamos, interagiam com Lydia. Falavam com ela mais lentamente e de modo mais cauteloso, como se pisassem em ovos. Os balconistas das lojas lhe davam o que ela queria e rapidamente procuravam se livrar de nós. Às vezes, as pessoas davam a ela confusos olhares preocupados ou desconfiados. Muita gente se esforçava bastante em evitar contato visual conosco.

Em retrospecto, posso me permitir supor que talvez Lydia tivesse passado a ser conhecida pelos moradores da região como “aquela mulher maluca que anda por tudo quanto é lugar com seu chimpanzé”. Em retrospecto, boatos sobre Lydia e seu passado (“Ela costumava ensinar na universidade?”, “Foi demitida?”, “Alguns desconfiam de que ela...”, “Com o *chimpanzé*? É mesmo? Não..”) talvez andassem circulando. Em retrospecto, eu me dou conta de que, muitos meses após nos mudarmos de volta para o nosso — em retrospecto, sujo — apartamento em Chicago, ainda não tínhamos desembalado completamente todas as nossas caixas da mudança. Em retrospecto, eu me dou conta de que Lydia não andava se orgulhando tanto de sua aparência, como costumava, que seu cabelo frequentemente estava embolado, desgrenhado e sujo, que seu elegante, vistoso estilo de se vestir fora largamente substituído por calças de moletom e suéteres sujos de mangas frouxas. Também me lembro de como, durante essa época, suas dores de cabeça e sua insônia eram tão terríveis e tão desgraçadamente frequentes que ela tomava suas gotas nocauteadoras não apenas uma ou duas vezes por mês, mas *todas as noites*, e a cada manhã se arrastava para fora da cama como se saísse de um lamaçal.

Então, certa manhã, uma manhã dentre todas essas perturbadoras e desgovernadas, Lydia rolou, literalmente, para fora da cama e caiu de cara no chão. Ela estava usando camisola. O quarto estava repleto de um amontoado de caixas de papelão ainda fechadas. Era tarde, quase meio-dia (nesse confuso período de

nossas vidas, acordávamos tarde para saudar o dia). Eu a sacudi. Ela não acordou. Eu a virei de frente.

— Lydia? — chamei.

— Mmmnnnnnnhhhhgh — disse ela.

Seus olhos se abriram brevemente em ranhuras, então voltaram a se fechar. Sua bela cabeça loura caiu de modo pesado para o lado, a bochecha no tapete. Seu rosto estava — estava se *contorcendo*. As faces e o nariz e os lábios faziam rápidos e erráticos movimentos espasmódicos. Seu corpo se contraía e se sacudia todo, como um peixe que acabou de ser içado do mar. Eu a sacudi mais uma vez, e mais uma vez ela balbuciou de maneira incoerente, sacudiu o corpo e estremeceu. Minha confusão logo se transformou em medo. Então, por algum tempo, corri a esmo pelo apartamento. Então, eu a sacudi novamente.

— Lydia?

— Mbbrrmmngnnn — disse, sem mesmo abrir os olhos. Ela tinha parado de se sacudir e estremeecer, e agora simplesmente permanecia deitada, mole, a cabeça lânguida e os olhos adejando pelo chão do quarto. Soltei um grito primitivo de terror. Eu a sacudi e sacudi e sacudi com minhas mãos, e Lydia continuou e continuou e continuou sem acordar.

Saí feito um raio pela porta da frente do apartamento IA da Avenida South Ellis, 5120. Corri a esmo durante algum tempo no pátio da frente do prédio. Ainda estava usando pijama. Meu pijama azul-celeste era estampado com figuras de super-heróis, como Batman e Super-Homem. Levantei os olhos para olhar o dia através das nuas copas marrons das árvores decíduas diante de nosso prédio de apartamentos. O sol tinha saído e a luz era amarela e cintilante e forte, mas, apesar disso, estava frio, com um vento cortante. O vento movimentava dervixes marrons com as folhas mortas na calçada e na rua. Acho que foi em outubro. Não havia ninguém na rua, exceto a mulher de casaco felpudo vermelho, mais

adiante de mim, do outro lado da rua, passeando com um doberman.

— SOCORRO! — gritei para ela. O doberman começou a latir barbaramente para mim, e a mulher o deteve pela correia, virou-se e seguiu na direção contrária. Então, corri de volta para o prédio, subi estrepitosamente a escada de acesso e comecei a bater meus punhos de chimpanzé na porta do apartamento 2A da Avenida South Ellis, 5120. Bati na porta até meus punhos ficarem inchados de contusões. Estou surpreso por ter escapado de transformar minhas mãos em sacos de sangue e ossos quebrados contra aquela porta.

— SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

A porta continuava obstinadamente fechada, obstinadamente silenciosa. Eu continuava a bater os punhos contra ela e a gritar por socorro. Após não sei quantos minutos ou horas disso, outra porta no meio do corredor rangeu e se abriu um pouco.

— O que está havendo aí? — perguntou uma voz. Virei-me para olhar para a porta. Não conseguia ver a pessoa que estava atrás dela.

— Socorro! — disse. — Onde está o Sr. Morgan? Ela não quer acordar! Ela não quer acordar! SOCORRO SOCORRO SOCORRO SOCORRO SOCORRO!

— O cara dos papagaios? — perguntou a fresta escura atrás da porta. Era uma voz profunda, gutural, seca, estridente, uma voz cansada, a voz de uma mulher?

— Sim!

— Ele morreu. — A voz limpou a garganta. — Ele faleceu alguns meses atrás.

O que eu podia fazer? Gwen, o mundo estava oscilando e desabando todo à minha volta! Meu pânico tinha agora atingido um *crescendo* apoplético. Gripe Morgan? Ele estava MORTO. E se Lydia FOSSE MORRER TAMBÉM?

Decoro sob fogo? Rá. Longe disso. Não sinto a menor vergonha de admitir que estava jogando os braços para cima e chocalhando pelo corredor como uma bola de pingue-pongue.

— AAAAAAAAAAGGGGGGGGGGGGGHHHHHHHHHHHHHHHH — disse eu.

A porta mais adiante no corredor se fechou com um baque surdo e meu coração desabou para as tripas. Então, ele singrou de volta para cima, na minha garganta, quando me dei conta de que pessoa atrás da misteriosa porta número três fechou-a a fim de retirar a corrente de segurança, e, agora, a porta estava se abrindo em toda a sua extensão para revelar a dona da voz, uma pesada mulher negra de meia-idade. Ela usava óculos e roupão de banho. Aparentava e agia como se eu tivesse acabado de acordá-la.

— Por que, diabo, está berrando desse jeito?

— Venha — falei, e agarrei sua mão. — Lydia não está acordando.

— Vocês moram no andar de baixo?

— *Sim! Porfavorporfavorporfavorporfavor* SOCORRO!

A mulher bocejou. Arrastei-a pela mão. Ela deixou sua porta aberta e desceu a escada comigo metida num par de chinelos roxos desbotados. Trouxe a mulher para dentro do nosso apartamento. Ela entrou com cautela, batendo com os nós dos dedos na porta da frente, que estava aberta. Eu percebi, pelo ar de nojo em seu rosto, que a casa devia ter lhe parecido uma bagunça imunda e indecente. Em outros tempos, Lydia jamais teria deixado a casa ficar desse jeito. É verdade que estávamos vivendo praticamente sem nossas malas, desde que nos mudamos havia vários meses (seria isso mesmo, e não semanas?). É também verdade que Lydia não vinha cozinhando mais como costumava, então vivíamos pedindo muitas pizzas (de que eu gostava) e comida chinesa (de que eu também gostava), e muitos restos desses serviços de entrega — i.e., caixas de várias formas, tamanhos e graus de resíduos sólidos — estavam empilhadas em cima da mesa ou dos balcões, aliás, em cima da maioria das superfícies, inclusive das caixas da mudança. Confesso

que, em determinado ponto, nosso apartamento tinha desenvolvido um pequeno problema de moscas. É também possível que nossas roupas e os lençóis da nossa cama estivessem sujos, já que Lydia não havia lavado nada desde que voltamos para Chicago. Também omiti que Lydia conseguira de, alguma maneira, comprar aqueles cigarros de superfície ondulada e odor acre que ela costumava fumar com Tal, e que, nos últimos tempos, passara a fumá-los tão habitualmente que o apartamento inteiro ficara com o cheiro deles.

Quando conduzi, do andar de cima ao nosso quarto, aquela desconhecida, Lydia estava acordada. Ela havia acordado novamente e estava de pé no nosso quarto mais ou menos no mesmo lugar em que tinha caído, bem próximo a seu lado da nossa cama. Ainda vestia a camisola com a qual dormiu.

— Alô? — disse Lydia. Ela segurava a cabeça com uma das mãos, de modo a sugerir que o crânio havia fraturado e tentava mantê-lo no lugar para que os miolos não escorressem para fora. A luz do sol que vinha da janela do quarto batia nos fios de seu cabelo, que estava úmido, desarrumado, sujo e caindo sobre seu rosto, e fazia com que brilhassem como filamentos de lâmpadas incandescentes, como um confuso embaralhado de fios de tungstênio. Seu rosto estava contraído de dor, as sobrancelhas voltadas para dentro, comprimindo a pele acima da ponte do nariz e formando duas rugas verticais. Os lençóis estavam num estado de amarrotada desordem e o ar no quarto estava denso e levemente fétido por causa da mistura dos meus suores com os de Lydia.

Vendo que agora Lydia estava acordada, disparei pelo quarto até ela e abracei-me desesperadamente às suas pernas. De maneira fervorosa, beijei e beijei e beijei suas coxas pegajosas. Ela alisou minha cabeça, confusa.

— Quem... quem... quem... quem..... você..... quem... — disse ela à mulher desconhecida que estava parada na porta do nosso

quarto. Em meio à dor e à confusão, ela parecia ter omitido a palavra *é* de sua frase.

— Sou sua vizinha — disse ela. — Moro no andar de cima. Seu macaco de estimação foi quem me trouxe. Tá com problemas?

Lydia olhou distraidamente em volta do quarto. A mulher desconhecida continuava parada ali, na porta. Seus braços estavam cruzados. Então, como se tivesse visto algo em Lydia que não havia notado de imediato, esticou o pescoço à frente e estreitou o olhar, e seus braços caíram ao lado do corpo.

— Oh, meu bem — disse ela. — Você está bem?

— Eu... não... não... não... não... não... — respondeu Lydia, gaguejante, apalpando no escuro atrás de palavras. Provavelmente repetiu umas vinte vezes a palavra *não*. A mulher avançou pelo quarto em nossa direção. Soltei meu abraço das pernas nuas, cheirosas, quentes e grudentas de Lydia, e olhei acima, para seu rosto, assomando sobre mim. Seu rosto estava assombrado de confusão do mesmo modo que uma casa assombrada fica assombrada com fantasmas. Lydia sentou-se pesadamente na beira da cama e as molas do colchão rangeram duas vezes debaixo de seu corpo. Olhou para mim. Então, olhou para a mulher que estava parada em nosso quarto. Aconcheguei-me a seu lado na cama. Ela olhou para mim e disse, com longas pausas agonizantes antes e depois da primeira destas palavras:

— Onde..... estamos?

— É melhor chamar um médico para você — disse a mulher. Ela retornou ao andar de cima para colocar um vestido e sapatos, enquanto eu ajudava Lydia com suas roupas e depois ela me ajudava com as minhas. Não consigo nem sequer começar a descrever de maneira adequada o terror que senti quando percebi que eu, naquele momento em particular, parecia ter mais controle sobre minhas faculdades do que Lydia sobre as suas. Aquela era a mulher que havia me criado, que tinha me dado consciência, que

me dera tudo. Deu-me civilização, deu-me minha mente, deu-me tudo o que eu sabia. E o modo como ela estava se movimentando, o modo como seu olhar pousava aqui e ali sobre os vários objetos no quarto, assim como uma mosca que zune em volta até pousar sobre algo e logo decide levantar voo e pousar em outra coisa — o modo como olhava ao redor para tudo, como se tivesse acabado de nascer, como se tivesse acabado de sair do útero completamente nua, reformada e sem pecado, o modo como ela, passiva e curiosa, com os membros moribundos entregues a mim inabilmente, apalpando de maneira desajeitada para arregaçar as mangas do casaco sobre os braços e forçando os pés nos sapatos — isso me dava medo, me dava um puta *medo*. Era como se ela tivesse se tornado a criança, o que significava que *eu* tinha de ensaiar para o papel do adulto. E como deploravelmente eu estava despreparado para o papel de adulto. Ela se movimentava de uma maneira tão estranha, tão anormal. Um de seus braços parecia se mexer sem flexibilidade alguma, como se alguém tivesse despejado um pouco de cimento em suas veias, e ela parecia ter desenvolvido um ligeiro coxear na perna direita durante a noite, como se, ao lutar com algum estranho misterioso num sonho, o nervo ciático tivesse sido machucado no sono.

A mulher do andar de cima voltou ao nosso apartamento, deixando nossa porta da frente aberta para o corredor do prédio e com um jogo de chaves tilintando no dedo. Ela encontrou Lydia e a mim vestidos de um modo casual e prontos, como sempre, para sair. Ela nos conduziu ao seu carro, que estava estacionado na rua lateral, perto do de Lydia. Os olhos de Lydia encontraram a violenta luz do sol numa ofuscação de explosivas piscadelas, como se ela estivesse emergindo à superfície após viver um ano no subterrâneo. A mulher ajudou Lydia a se acomodar no banco do passageiro e eu subi no banco de trás do velho e arrasado sedã quatro portas vermelho, e a mulher nos levou naquele veículo com motor

ofegante ao Centro Médico da Universidade de Chicago, distante apenas quatro quarteirões do Centro de Biologia Erman, que era para onde tinham me levado, mudo, nu e recém-saído do zoológico, para começar minha introdução à civilização humana. A mulher do andar de cima conhecia o caminho. Talvez tenha dito algo sobre trabalhar ali como enfermeira no turno da noite e dormir durante o dia, e que era por isso que sabia o que fazer e aonde ir. Mas talvez não. Minha mente já estava num nauseante estado dormente de pânico, um pânico que despejou óleo por todo o meu cérebro durante o dia inteiro e tornou difícil as coisas se firmarem nele de modo apropriado, e, por isso, minhas lembranças da ida ao hospital estão misturadas e indistintas... lembro-me de nossos sapatos trotando pelo estacionamento... de alguém falando com mais alguém numa escrivaninha... sim, com certeza uma grande escrivaninha rosa... de uma prancheta com uma complicada papelada que precisava ser preenchida — eram formulários a serem preenchidos, Lydia?... como você os preencheu?... o que você poderia ter escrito para satisfazê-los? Havia uma papelada, havia uma ampla sala de espera, havia uma grande escrivaninha rosa. Havia odores antissépticos e penetrantes de amoníaco, havia brilhantes assoalhos encerados que levavam nossos sapatos a ranger e grasnar, havia um aquário cheio de peixes tropicais, em cujo chão havia um homem de cerâmica numa roupa de mergulhador que parecia ter acabado de descobrir uma pequenina arca de tesouro de cerâmica meio enterrada num leito de pedregulhos tornado rosa por uma lâmpada fluorescente colorida acima. Espere um momento... aonde foi a mulher que mora lá em cima, a mulher que nos trouxe de carro ao hospital? Ela desapareceu de nossa companhia em algum ponto daquele longo e infernal dia de medo e dor? Deve ter desaparecido, pois me lembro de termos pegado um táxi para voltar para casa, depois de tudo no

hospital. Nós chegamos a lhe agradecer apropriadamente? Nós voltamos a vê-la?

Eis o que me lembro daquele dia. Lembro-me de uma sala contendo uma espécie de máquina gigante. A máquina parecia ter saído direto de um filme de ficção científica ambientado a bordo de uma espaçonave a mil anos no futuro. Era uma imensa rosca brilhante e branca de metal, de pé, com uma cama dentro. Lydia foi deitada, com toalhas agrupadas em volta de seu corpo e um travesseiro sob os joelhos, e mandaram que enfiasse a cabeça naquele cilindro de metal branco. Então, com um motor zumbidor, a cama foi erguida por um dispositivo eletrônico e deslizou para o buraco escancarado no meio da máquina. Por algum motivo, havia música, uma melancólica ópera, vinda de um aparelho de som na sala. Por quê? Eu não tive permissão de entrar na sala com ela. Tive de me sentar e observar por meio de uma vidraça na parede de uma sala contígua. Fosse o que fosse que essa máquina estivesse fazendo com ela, levou *realmente* um tempão fazendo isso, e, enquanto fazia o que estava fazendo, a máquina produzia sons de chiado, bipe, trinado e ruídos de rangido que soavam exatamente como os ruídos que um disco voador faria ao baixar devagar à terra, diante de uma multidão estupefata e temerosa, todos apontando e murmurando *oohs* e *aaahs* e será que vieram em paz? Por que havia ópera tocando alto naquela sala? Após tirarem Lydia daquela máquina, nos mandaram esperar mais uma vez. Longos ciclos de espera e incerteza — é disso que mais me lembro daquele dia. Espera. De volta à sala espera. Era a mesma sala de espera ou outra? Lembro-me de uma sala cheia de desconfortáveis cadeiras estofadas com um feio pano cor de língua, lembro-me de mesinhas repletas de revistas reluzentes, páginas que se enrugavam entre os dedos, lembro-me de uma TV apresentando um noticiário com o som desligado. Lembro-me que Lydia teve de deitar atravessada em vários desses assentos colocados juntos, na

sala de espera, e dar um cochilo, um longo cochilo. Lembro-me de pequenos copos de café de isopor e finas tiras de plástico vermelho para se mexer o açúcar e o leite. Lembro-me de um bebedouro cujo garrafão azul de plástico era ladeado por um cilindro alto, de cujo fundo se podia puxar um copo de papel cônico para se encher com a água tépida que saía de uma torneirinha; quando alguém pressionava a alavanca da torneirinha, o garrafão de água arrotava uma porção de bolhas, e o copo de papel cônico em sua mão rapidamente se tornava mole com a umidade. E havia o aquário com o mergulhador caçador de tesouros feito de cerâmica dentro dele: matei algumas dessas agonizantes horas morosas observando os peixes-anjos estupidamente dispararem seus achatados corpos translúcidos, triangulares, de uma extremidade a outra de seu universo de 40 litros e voltar novamente. Lembro-me daquele dia como um código Morse de espera e provação, traço-ponto-traço-ponto-traço de longos períodos de espera interrompidos por breves períodos de nervosismo e terror, tempo passado com os médicos, com sua linguagem científica e sua maquinaria de perfurar os ouvidos. Lembro-me de segurar e apertar a mão de Lydia — receio que mais para o meu consolo do que para o dela — quando os médicos desligaram as luzes e, no escuro, passaram a prender folhas pretas de filme brilhante numa chapa com luz na parede. Lembro-me de os médicos apontarem para certas áreas da imagem. Lembro-me do som vacilante das folhas de filme nas mãos dos médicos antes de os prenderem na placa com luz. Essas folhas maleáveis de filme preto brilhante, quando colocadas sobre a luz da placa na parede, continham imagens que eram assim: um reluzente contorno branco da cabeça da pessoa, emergindo claramente da escuridão à sua volta, e, dentro do contorno, uma massa ramificada de uma couve-flor cinzenta. Dentro da massa de couve-flor, em um de seus gordos ramos protuberantes, havia um borrão escuro. À medida que falavam, os médicos apontavam para o tal borrão.

Lembro-me de esses médicos usarem uma bela e musical palavra polissílaba, a qual, apesar disso, era uma palavra para ser dita em voz baixa e com a expressão grave, que era “oligodendroglioma” — essa complicada canção de oito sílabas de raiz grega foi entoada várias vezes pelos lábios dos médicos.

Um tumor cerebral fora encontrado no lóbulo esquerdo frontal do cérebro de Lydia. Esse tumor devia estar ali havia anos, disseram os médicos. Anos! Imaginaram que foi isto que provavelmente aconteceu: um tumor “benigno”, que não havia causado qualquer “sintoma debilitante visível” (dessas palavras eu me lembro com clareza, e esta é uma citação exata do que disse o médico: “debilitante visível”), começou recentemente, por razões desconhecidas, a se desenvolver como um “maligno”. Ele decidira que estava na hora de crescer e, no processo, mastigou um pedaço do cérebro de Lydia, e estava se tornando cada vez mais e mais gordo, entulhando e pressionando tudo ao redor da matéria sã e necessária da parte frontal esquerda de seu cérebro. Pelo modo como os médicos o descreveram para nós, imaginei o tumor de Lydia como um grotesco homem gordo abrindo caminho de maneira rude num elevador lotado, espremendo todas as pessoas contra as paredes até elas não conseguirem respirar. Havia várias opções, disseram os médicos, nenhuma boa. Eram unânimes na opinião de que cirurgia — *a porra da cirurgia cerebral* — era a melhor saída, embora reconhecessem que podia ser difícil, pois, ao que parecia, o tumor estava localizado numa parte do cérebro particularmente inconveniente e isso poderia tornar problemática sua retirada. Portanto, aconselharam primeiro uma cirurgia — isso sem dúvida — e depois um período de quimioterapia se seguiria. A quimioterapia era opcional, mas fortemente recomendada. Pediram que Lydia pensasse nisso com todo o cuidado, mas que a cirurgia cerebral era uma necessidade, se ela tinha esperanças de viver.

(Nota: Gwen acaba de levantar a questão da exatidão de certos elementos de minha narrativa. Perguntou se a mulher do andar de cima não ficou surpresa em me ouvir falar. De qualquer modo, não era para eu não falar com estranhos? Deixaram mesmo que eu entrasse no hospital? E etc., etc.. Admito que, invariavelmente, floreio aqui e ali para servir ao interesse do drama, embora eu sugira que você não se preocupe muito com isso. Se alguma vez me desvio da exata verdade, nunca o faço por intenção. Vamos em frente.)

## XXIX

Cerca de uma semana depois, Lydia fez a cirurgia. Tiveram de raspar sua cabeça para poderem abrir o crânio com uma serra e, assim, chegar ao tumor. Como era de se esperar, a cirurgia não adiantaria muita coisa. Seria um esforço desperdiçado. Lydia não tinha plano de saúde, portanto, o Sr. Lawrence pagou a cirurgia, um último ato de bondade para conosco. Nossos leitores provavelmente já conhecem essa parte de minha história, que foi bem documentada em textos fora este, portanto não discorrerei muito sobre ela.

Aquele dia no hospital ainda não terminou. Ou, talvez, isso tenha acontecido em outro dia. Não consigo me lembrar. Nós passamos uma porção de tempo naquele hospital durante esse período desventurado. Digamos que tenha acontecido no mesmo dia. Lydia ainda não sabia que estava grávida. Suponho que ela não ovulava havia meses, andava ganhando peso e coisas assim, mas essas não era só isso que ela andava ignorando desde que nos mudamos de volta para Chicago. Isso foi descoberto no hospital, durante todos os muitos exames e coisas assim que ela teve de suportar por causa do tumor no cérebro.

A cena seguinte, porém, eu me lembro, ou pelo menos imagino. Lydia e eu estávamos na sala de espera. Lydia acabara de voltar para mim, após passar por mais um bombardeio de exames médicos. Estávamos sentados mais uma vez perto daquele aquário. Os peixes-anjos abriam a boca e nadavam de um lado para o outro por seu estreito corredor de água, seus olhos de lantejoulas rasos e

sem demonstrar emoções. Ela tinha parado de chorar e agora estava absorta em olhar fixamente para uma área do chão onde o pé de uma cadeira encontrava o piso. Uma enfermeira apressou-se em nossa direção, vinda dos bastidores do teatro do hospital. Acenou com a cabeça para Lydia. Disse que os médicos tinham achado algo interessante e incomum em relação aos dados que haviam colhido sobre seu corpo. Eu não tinha permissão de acompanhá-los quando faziam o que quer que fossem fazer com ela. Obedientemente, Lydia foi com a enfermeira, deixando-me com os peixes. Um longo tempo se passou. Os peixes não fizeram nada de interessante. Então a enfermeira retornou, segurou a mim, Bruno, pela mão, e me conduziu pelo labirinto de reluzentes corredores brancos iluminados por retângulos de luzes fluorescentes que zuniam suavemente acima, passamos por inofensivas aquarelas emolduradas de flores, que agradavelmente cobriam a nudez das paredes, e entramos em determinado quarto, onde, da cama hospitalar em que estava deitada, Lydia sorriu fracamente para mim. Juntei-me a ela na beirada da cama. Esta tinha sido elevada e estava muito distante do chão, e precisei subir numa cadeira para meu corpo ficar no mesmo nível do seu.

Lembro-me daquele quarto e lembro-me dele claramente. Passei a odiar quartos de hospital porque a atmosfera deles me lembra laboratórios. Esses quartos são iluminados pelas mesmas nervosamente tremeluzentes luzes fluorescentes zumbidoras. Às vezes, parece que toda a minha vida foi iluminada pelos tubos fluorescentes da ciência. Essas luzes fluorescentes produzem uma iluminação brilhante e suave que furta as sombras de baixo de cada objeto e de cada pessoa que se encontra no quarto. Os quartos preparados para ciência e medicina têm a mesma desarmonia enervante de máquinas eletrônicas zumbidoras, lamurientas, e a mesma doentia cor verde-menta nas paredes. Por que essa nauseante cor verde-menta está associada a um local onde as

doenças são, supostamente, curadas? Lydia estava deitada sobre uma esteira de papel amassado na superfície de sua alta cama de plástico. Havia uma médica, uma mulher grandalhona com um basto cabelo castanho-alourado, e digamos que havia um estetoscópio decorando seu pescoço. Eu estava sentado numa cadeira ao lado de Lydia, segurando sua mão. Era fim de tarde. Uma tempestade havia desabado sobre a cidade e a água da chuva salpicava e riscava a janela. Lydia ergueu a camisa e mostrou a barriga para a médica. Havia uma máquina ao lado da cama. Era um computador sobre um carrinho. A médica esguichou em sua barriga uma espécie de óleo, usando para isso uma garrafa espremível, e o espalhou por todo abdômen. Então desenrolou um bastão preso à máquina por um longo fio branco enrolado em volta de um pino no carrinho. Pressionou o bastão na barriga de Lydia. Apertei a mão dela. Enquanto segurava e apertava a mão de Lydia, a médica apontou para a tela na máquina ao lado da cama. A tela estava preta, exceto por um círculo e um triângulo de luz verde, na forma de um buraco de fechadura. Indecifráveis fileiras de números e letras verdes cintilaram nervosamente nas partes de cima e de baixo da tela. Dentro do buraco de fechadura de luz verde havia uma bolha na forma de um feijão. A bolha se mexeu ligeiramente. Essa pequena bolha preta na forma de um feijão, flutuando numa reluzente gosma verde em forma de buraco de fechadura, representava o bebê de Lydia. E meu. Lydia estava grávida de nosso filho.

A tal médica saiu apressada do quarto, mas logo voltou na companhia de outro médico. Ambos olharam para a bolha negra em forma de feijão flutuando na gosma verde na tela, trocaram entre si algumas palavras furtivas, então saíram. Pouco depois disso, os dois voltaram na companhia de um terceiro médico. Todos os três olharam a bolha negra em forma de feijão no buraco de fechadura da brilhante gosma verde na tela da máquina ao lado da cama de

Lydia. Eles olharam para Lydia, depois olharam para mim; olharam para lá e para cá, de mim para Lydia, de Lydia para mim. Então, os três redirecionaram seus olhares para a bolha em forma de feijão, flutuando num buraco de fechadura de gosma verde na tela da máquina.

Os médicos pareciam ter ficado surpresos, embora eu visse poucos motivos para que tivessem ficado. Humanos e chimpanzés têm mais cromossomos em comum do que um burro e um cavalo, Gwen. É apenas natural. O que eu acho mais surpreendente é que esse tipo de coisa não aconteça com mais frequência.

Ah, e a rebordosa. Não quero extrapolar muito sobre esse próximo episódio de minha vida, talvez um dos menos interessantes e o mais externamente documentado. Nossos leitores com certeza se recordam do longo e indesejável momento de infâmia que vivemos Lydia e eu. Eles recordarão, sem dúvida, o choque, o escândalo, o escárnio público. Recordarão, sem dúvida, as histórias nos noticiários e o longo caudal de piadas nos *talk shows* de fim de noite que se seguia à inicial atenção midiática que nosso caso despertou. Suponho que esse é o momento em que instruirei os realizadores do filme sobre minha vida para inserir uma sequência na qual as primeiras páginas dos jornais, cada qual anunciada por uma fanfarra de música dramática, surgem espiralando rapidamente em nossa direção, vindas de um negro vazio para se chocar contra um plano de espaço invisível alguns metros diante de nossos olhos, mostrando manchetes como: CHIMPANZÉ APRENDE A FALAR; DESCOBERTA RADICAL DE CIENTISTAS EXIGE REDEFINIÇÃO DO CONCEITO DE HUMANIDADE; E CHIMPANZÉ E CIENTISTA ENVOLVIDOS EM RELAÇÃO SEXUAL; MULHER GRÁVIDA DE "HUMANZÉ"!

Vamos deixar isso de lado e tentar seguir em frente. Acho toda essa coisa profundamente deprimente e fundamentalmente enfadonha. Toda essa atenção, para dizer o mínimo, era indesejada. Dia e noite, o telefone verde-claro na parede da

cozinha nos acordava com as agulhadas de seu gorgolejo elétrico, e vozes do outro lado da linha imploravam por informações, entrevistas, ofereciam dinheiro para aparições nos *talk shows* da TV — tudo isso, apesar de nossa pobreza, era prontamente negado. Após alguns dias, Lydia desligou o telefone.

Não foi nenhuma surpresa que as pessoas estivessem mais interessadas nos elementos indecentes, lascivos de minha história do que no mero fato de que um não humano tornou-se plenamente fluente na linguagem humana. É isso que dá atrair a atenção do público. Um “escândalo”. Os “especialistas” estavam certos de que eu não tinha alcançado, de fato, a “Linguagem com L maiúsculo” (seja lá o que isso quisesse dizer). De repente, durante longos dias, parecia que não se podia ligar a TV sem ver Noam Chomsky negando vigorosamente a Larry King ou a algum outro idiota que o que eu falava pudesse ser chamado adequadamente de “linguagem”, por tais e tais motivos. Esses “linguistas” negariam na minha cara que o que eu falo é linguagem, mesmo quando sou capaz de me envolver pessoalmente numa discussão verbal com eles. Lydia me aconselhou a não falar com a mídia, portanto não falei. Recusei todos os pedidos de entrevista. Afinal, o que eu poderia dizer para satisfazê-los? Nada! Não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer ou dizer. Eles já tinham se decidido sobre a singularidade da linguagem humana e nenhuma prova seria capaz de fazê-los mudar de opinião. Sou um animal, todo mundo sabe que animais não falam, e é isso aí. Para aceitar que eu dominava a linguagem, seria necessário que eles expulsassem a mais narcisista das espécies da falsa posição que eles mesmos acreditavam ocupar e, portanto, não escutam nem escutaram desde então. As pessoas estavam mais interessadas na mulher que ficou grávida de um filho de um macaco — e que essa mulher e esse macaco estavam muito apaixonados, e a mulher planejava ter esse filho. Meu filho. E Lydia ficaria bem. Esse defeito em seu cérebro

não era grande coisa, nós sofreríamos durante a superação, ela se recuperaria e criaríamos juntos o nosso filho e seríamos felizes. Esse era o plano.

Tenho certeza de que os nossos leitores sabem tão bem quanto você e eu que não foi nada disso.

---

Por um longo e obnócio tempo, Lydia e eu não podíamos deixar nosso apartamento sem ter de abrir caminho, aos empurrões, por entre uma multidão babona de jornalistas, basbaques e manifestantes.

Ah, sim. Os manifestantes. Gritando e entoando, o dia todo e a noite toda, suas idiotices do lado de fora do nosso apartamento. Rezando por nós, diziam. Segurando velas e cantando hinos. Agitando no ar placas presas em estacas. Esgoelando suas pútridas goelas sangrentas com abjetas, odiosas arengas. Pelo menos, os jornalistas apenas pareciam e desapareciam das vizinhanças da porta da frente do nosso agora infeliz lar em horários do dia relativamente sensatos — eles, afinal de contas, tinham seus empregos e, muito provavelmente, suas próprias vidas para viver —, mas os fervorosos fanáticos religiosos pareciam não trabalhar, e eles nunca, *jamaís* pareciam ir embora. Às vezes, no início da rebordosa, de manhã bem cedo, havia centenas deles parados diante de nosso prédio. Eram uma pestilência, uma praga. Às vezes, chamávamos a polícia, que surgia avançando de maneira preguiçosa pela rua, com suas viaturas pintadas de preto e branco, seguindo seu caminho pelo zoológico, o zoológico humano no qual aquelas pessoas haviam transformado nosso tranquilo quarteirão arborizado da Avenida South Ellis. Os tiras ligavam o giroscópio de luzes azuis e vermelhas acima de seus carros e davam em todos um berro incompleto da sirene, e eles se espalhavam em todas as direções, como fazem as baratas quando você acende a luz, só para

se juntarem outra vez meros minutos após os tiras terem ido embora, acotovelando seus corpos que abrigavam todas as suas almas piedosas de manhãs de domingo.

Essas pessoas eram lideradas por um homem cujo nome, como nos disse pelo seu megafone, era “reverendo Jeb”. O reverendo Jeb não era um reverendo “ordenado” de nenhuma igreja, a não ser a sua. Seu nome completo era Milton Jebediah Hartley III. Ele era proprietário de uma igreja cristã fundamentalista não pertencente a uma congregação eclesiástica em Wichita, Kansas, e fora de ônibus a Chicago juntamente com outros manifestantes para acampar no nosso gramado e nos atormentar. Isso Lydia e eu deduzimos porque líamos os jornais. Ele conduzia seu grupo com a empolada paródia de dignidade bastante comum entre os “homens de Deus”, e seu típico uniforme era um terno de tecido de padrão xadrez irregular, usado com uma gravata borboleta azul e um cachecol listrado de azul e branco, que ele jogava vistosamente sobre o ombro, enquanto bradava suas maluquices cheias de perdigotos na estreita extremidade de seu megafone da RadioShack. O reverendo Jeb era um belo homem idoso, isso não se podia negar. Tinha o rosto curtido e as feições maciças de um antiquado astro de cinema, e a cabeça repleta de cabelos castanhos raiados de cinzento, que ele jogava para trás com os dedos do mesmo modo teatral com que lançava seu cachecol listrado de azul e branco por cima do ombro. Nem havia qualquer sentido em se negar que o reverendo Jeb era um homem que — por força do seu estilo de vestir e o reverberar petulante de sua potente voz grave, cuidadosamente contida em um sotaque que era parte de pregador sulista e parte de locutor de rádio da metade do século — ouvido, retrocedia com cada palavra e movimento seus a uma era anterior — não necessariamente *uma era melhor*, nada disso, apenas anterior — quando nenhum homem saía de casa sem chapéu e quando não ser capaz de cantar ou

contar uma história direito era visto como uma característica triste, proibidamente peculiar.

O reverendo Jeb estava sempre lá. Permita-me que repita, para dar ênfase, a fim de que essa última frase não pareça algo jogado a esmo na página: *ele estava sempre lá*. O reverendo Jeb estava sempre, sempre, *sempre* lá quando saíamos de casa — na qual, durante esse breve, infeliz período de nossas vidas, Lydia e eu tendíamos a nos barricar, a menos que alguma incumbência inevitável nos arrastasse para o mundo exterior. Lá estava ele, com sua gravata borboleta, seu terno de tecido com padrão xadrez irregular, seu cachecol listrado de azul e branco e seu megafone da RadioShack, atemporal, inesgotável da venenosa energia que se avolumava em suas mandíbulas. Parecia que o reverendo Jeb acordava antes de nós e ia dormir depois de nós, se é que dormia de fato. Suas palavras favoritas eram (listadas, creio, mais ou menos na ordem descendente de frequência em seu discurso; por favor, Gwen, ponha as palavras em maiúscula, por causa do megafone): “INFERNO”, “DEUS”, “CRISTO”, “DANAÇÃO”, “MAL”, “ANIMAL”, “HOMEM”, “MULHER”, “PECADO”, “SATÃ”, “DEMÔNIO”, “ABOMINAÇÃO”, “CÉU”, “PROSTITUTA”, “BABILÔNIA”, “MERETRIZ”, “IMPUREZA”, “IMUNDÍCIE”, “MONSTRO”. Em algum lugar do meu ouvido interno, ainda posso ouvir o grasnido e a microfonia de seu megafone da RadioShack, e ainda posso ouvir sua cáustica oratória rimbombando em nosso gramado pela manhã, chamando-nos de pecadores, chamando Lydia de prostituta da Babilônia, chamando-me de uma abominação perante Deus e o homem, afirmando que vivia na barriga dela o filho de Satã.

“NEM TE DEITARÁS COM ANIMAL ALGUM, CONTAMINANDO-TE COM ELE!” — berrou para nós, certa manhã, lendo de uma Bíblia na mão que não segurava o megafone da RadioShack — “NEM A MULHER SE PORÁ PERANTE UM ANIMAL, PARA AJUNTAR-SE COM ELE; É CONFUSÃO. NÃO VOS CONTAMINEIS COM NENHUMA DESSAS COISAS, PORQUE COM TODAS ELAS SE CONTAMINARAM AS NAÇÕES

QUE EU EXPULSO DE DIANTE DE VÓS; E, PORQUANTO A TERRA ESTÁ CONTAMINADA, EU VISITO SOBRE ELA A SUA INIQUIDADE, E A TERRA VOMITA SEUS HABITANTES.”

Durante as horas mortas, havia apenas três ou quatro com ele, entrouxados em seus casacos de inverno para fazerem a importante peregrinação ao nosso gramado com o objetivo de nos perturbar, mas nas horas de pico, ele era cercado por centenas de pessoas. Elas cantavam, seguravam pequenas velas e entoavam a idiotice de seus hinários e liturgias e hosanas e “rezavam” por nós. Às vezes, havia muitos deles! Às vezes, esses adultos de olhar inexpressivo e rosto indolente traziam suas adoráveis crianças de olhar inexpressivo e rosto indolente, que ficavam bem ao lado de seus pais, as cabecinhas louras, todas com primaveris anéis de cabelo louro aparentando linho, fuçando os narizes, de onde escorria catarro, com dedinhos imundos.

Essas pessoas pareciam gente normal. Você poderia achar que elas talvez tivessem alguma marca evidente que as distinguisse, possíveis manchas negras na testa ou coisa assim — mas não — por fora, nada de estranho havia em relação a elas. Se você passasse por uma delas na rua — fora do contexto característico delas —, ela não lhe chamaria atenção. Mas havia algo, havia algo de contaminador e repulsivo em seus cérebros que as levava a acreditar que a terra tem 6 mil anos de idade, que os homens das cavernas cavalgavam dinossauros para irem ao trabalho e que toda a beleza do mundo natural foi propositalmente colocada aqui pelo diabo, assim como muitas pistas falsas para serem encontradas pelos cientistas, que as usariam para testar a nossa fé em Deus. O que, afinal, há de *errado* com uma civilização na qual precisamos levar essas pessoas a sério? Por que devemos escutar suas “opiniões”? Por que devemos tolerar que elas enfiem o pé na porta de nosso discurso? Por que devemos contestar respeitosamente sua “fé”. Por que admitir suas vozes em nossa política? Por que essas pessoas intolerantes devem ser toleradas? Recuso-me a tolerá-las!

Juro, Gwen, que, no meu menos “tolerante” estado de espírito, às vezes penso que qualquer sociedade, verdadeiramente justa e sensata deveria considerar a fé religiosa não como algum tipo de profundo e nobre papo-furado espiritual altamente filosófico, mas apenas como uma *doença mental* registrada no Manual de Diagnósticos e Estatísticas de Desordens Mentais! Incluída ali como esquizofrenia. Por que não?

A religião diz que o mundo não é bom o bastante para nós — que há mais, ou que deveria haver. O que é religião a não ser o ódio filosófico pelo mundo?

Mas por que essas pessoas nos odeiam? Por que essas pessoas acampam em nosso gramado a fim de nos perturbar o dia inteiro e a noite inteira? Porque, como bons cristãos, eles não acreditam na evolução. Não acreditam na evolução porque a tradição judaico-cristã é a definitiva doutrina antropochauvinista, que afirma que o homem tem o domínio sobre a terra — que Deus lhe disse para crescer e se multiplicar, encher a terra e subjugar-la, e ter o domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre cada ser vivo que ande pela terra — que se coloque acima e contra a natureza, o filho escolhido de toda a criação, dotado por Deus de sua mente, sua consciência e toda a sua “dignidade” humana. E essas pessoas nos odeiam por causa disso: porque ali, nadando numa bolsa com líquido no baixo ventre de Lydia, estava a viva, incontestável, a prova da evolução humana.

## XXX

O tumor no cérebro de Lydia estava situado num local chamado Área de Broca. Aprendi, na ocasião, que algumas partes do cérebro foram aparentemente batizadas, e algumas delas tinham sido batizadas como novos continentes, segundo seus primeiros cartógrafos, e, conforme eu supunha, o Sr. Broca foi o primeiro a mapear a função dessa parte em particular do cérebro. A afasia de Broca (em oposição à de Wernicke) é um problema não de entendimento de linguagem, mas de sua produção, não de ouvir, mas de falar.

A afasia de Lydia começou naquela manhã em que ela teve um derrame (pois foi isso que aconteceu, segundo os médicos nos informaram). Mesmo depois da cirurgia, Lydia continuou tendo crises e a afasia só piorou, um declínio que prosseguiu sem controle mesmo depois que ela começou a fazer terapia da fala. Quando foi descoberto, o tumor estava num tal estado avançado de crescimento que os médicos sugeriram a cirurgia o mais depressa possível. Sete dias após o primeiro derrame, fui deixado em casa sozinho, enquanto Tal conduzia Lydia de carro ao hospital para sua cabeça ser raspada, seu crânio ser aberto com serra e uma bolha doente ser cortada para fora do tecido de seu cérebro.

Esqueci de mencionar que Tal retornou às nossas vidas no início da doença de Lydia (ou o início do período, após Lydia saber que tinha uma doença). Lydia deve ter lhe telefonado pedindo sua ajuda, tendo em vista que estava afastada de seu meio e, em termos geográficos, distante da família. Tal ainda morava em

Chicago. Na noite anterior à cirurgia de Lydia, Tal nos trouxe um jantar que preparara, um prato composto de um pegajoso coágulo amarelo fumegante, debaixo de uma folha de papel alumínio numa panela retangular, que ela carregou da calçada até a nossa porta, atravessando com alguma dificuldade a densa multidão de desagradáveis débeis mentais acampados diante de nosso prédio. Lydia ficou felicíssima em vê-la. Ela passara dormindo a maior parte dos últimos seis dias, ou então acordada nas horas mais estranhas da noite. Aquela bolha em sua cabeça tinha o efeito de causar a maior confusão em seus ritmos circadianos, que era como gritar números aleatórios para alguém que está tentando fazer de cabeça um complicado cálculo matemático, ou interromper um quarteto de cordas, que está ocupado em tocar uma valsa, repicando numa panela com uma colher. Portanto, Lydia tinha acabado de emergir de uma de suas demoradas cochiladas, de cabelos desgrenhados e olhos inchados, quando, no final da tarde, Tal apareceu em nossa porta. A metade direita do rosto de Lydia tinha ficado caída desde aquele derrame, e ficara frouxa e solta como se alguém tivesse cortado as cordas que sustentavam aquele lado.

Fiquei surpreso em ver Tal de algum modo mudada fisicamente, embora não devesse me sentir assim, porque, desde a última vez que tinha posto os olhos nela, já havia mais de dois anos e meio. Seus dreadlocks já eram. Antes, seu cabelo parecia algo que devia pender do pescoço de um bisão, mas agora era um punhado de frouxos e bagunçados rolos de cabelos negros como o betume. Após a caçarola ter sido pousada, Tal e Lydia se abraçaram no vestíbulo como irmãs há muito separadas. Em seguida, de maneira destemida, ela também me abraçou.

Eu tinha crescido, estava mais maduro e mais proficiente do que aquela coisa selvagem que outrora arrancara com os dentes grande parte do dedo médio de sua mão direita. Agora que eu falava, desculpei-me profusamente pela minha transgressão passada e,

reconhecidamente, ela aceitou minhas desculpas com cordialidade, e com suficiente *gravitas* para indicar que seu perdão era sincero, o que me deixou socialmente à vontade em sua companhia. Mesmo assim, sempre que permitia que meu olhar fosse de seu rosto para sua mão e via o dedo que, abruptamente trunquei em um coto de pele cicatrizada, onde outrora houvera um dígito preênsil de carne e nervos e sangue, eu sentia uma pontada de vergonha e remorso tão tangível em minhas entranhas quanto uma pontada de fome. Tal nos alimentou e consolou naquela noite, nos livrando, pelo menos temporariamente, da desordem, da dor e da publicidade de nossa vida atual. Percebeu o estado em que nos encontrávamos, sem ninguém por perto para nos ajudar, e chorou com a gente lágrimas de compaixão.

No dia seguinte, ela levou Lydia ao hospital para sua cirurgia cerebral. Abri as cortinas para observar Tal e Lydia saírem de nosso prédio e passarem pela multidão de manifestantes religiosos. O reverendo Jeb, postado diligentemente diante de nosso prédio, sobre a grama congelada, com seu terno de padrão xadrez irregular, gravata borboleta e longo cachecol listrado de azul e branco, bradava pela extremidade mais estreita de seu megafone sobre homem e bicho e Deus. Os manifestantes cobriam os olhos de seus filhos para que não vissem os rostos das pecadoras, enquanto bombeavam para cima e para baixo seus cartazes de protesto, de cartolina, feitos à mão, gritando a plenos pulmões, apontando o dedo para Lydia e Tal, e berrando "PECADORA" e "DEPRAVADA" e "PROSTITUTA". Cuspiam na direção delas e nelas, se chegassem perto o bastante. As duas abriram caminho a força e chegaram ao carro de Lydia, cuja pintura fora recentemente arruinada por um palimpsesto de mutilações, e agora estava coberta com orações e citações da Bíblia e cruces toscas que haviam sido arranhadas com chaves na pintura azul-prateada. Tal abriu a porta do lado do passageiro para Lydia, observou-a entrar e

foi para o lado do motorista, deslizou o veículo de sua vaga no estacionamento em paralelo para fora, em direção à rua. Os manifestantes se aglomeraram em volta do carro, cuspidando nele, berrando diante dos vidros que subiam, batendo com os punhos nas portas e no capô.

Tal só voltou muito depois de escurecer. Eu já havia assistido três vezes a *Pinóquio*. Estava faminto. Tal requentou algumas sobras para nós comermos, e comemos juntos quase em silêncio. Eu chorei. Ela chorou. Então se recompôs, conteve as lágrimas e lavou a louça. Tal dormiu no sofá naquela noite, após compartilhar comigo um dos seus cigarros brancos e ondulados.

Lydia saiu do hospital e foi para casa no dia seguinte. Seu cabelo tinha desaparecido por completo, e sua careca estava parcialmente coberta com uma bandagem branca. Foi direto para a cama.

Os médicos haviam recomendado firmemente radioterapia logo após a cirurgia, o que Lydia se recusou a fazer por vários motivos, sendo o principal deles o fato de que a radiação apresentava um perigoso risco ao nosso filho por nascer.

Tal se mudou para nosso apartamento alguns dias depois. Ela dormia no meu antigo estúdio, meu antigo quarto — o que, para mim, estava tudo bem, pois eu não estava mais pintando. Não tinha o espírito nem a energia para isso. Adoramos demais o advento de sua culinária e de seus cuidados domésticos, o modo como isso aliviou enormemente nosso fardo. Lydia e eu tínhamos deixado que esse tipo de coisas pragmáticas e domésticas caíssem num estado de esquálida negligência. Quase não havíamos notado o quanto se tornara sujo e atravancado o espaço em que vivíamos, até Tal fazer uma faxina. Foi ela quem, enfim, arrancou as fitas adesivas das abas das caixas de papelão marrom, empilhadas aqui e ali por todo o apartamento, abriu-as e colocou os conteúdos em seus respectivos lugares — livros nas prateleiras, roupas nos armários, e assim por diante. Varreu e esfregou os assoalhos de

madeira e passou o aspirador no carpete, tirou o lixo, trocou os lençóis, pôs a roupa para lavar, lavou a louça, e, de modo sumário, levou nosso apartamento de volta ao estado de sanidade e saneamento, tudo enquanto Lydia permanecia deitada, abatida, suada, nua e deprimida, na cama, com a mente decrescendo e o ventre aumentando, enquanto eu vagava pela casa inutilmente em desespero.

Isso não é totalmente verdade. Eu também fui inútil de outros modos. Dei longas caminhadas naquele inverno, sozinho, pela vizinhança. Eu me disfarçava entrouxado no meu enorme pulôver verde com capuz, um lenço na parte de baixo do rosto para ocultar mais ainda meu caráter simiesco, com óculos escuros para proteger meus olhos da neve ofuscante. Sim, era inverno em Chicago, e em meu coração. Oh, olá novamente, amargo inverno de Chicago! Como poderia me esquecer de você? O sacana voltou para nós, congelando as ruas, chumbando o céu. E, veja!, os fanáticos religiosos vociferando bile e rangendo os dentes em nosso gramado não foram embora, não abandonaram seus postos nem por um minuto, não importava o quanto o mercúrio mergulhara na sua fina estria de vidro: eles persistiam, determinados como nunca em sua missão divina, a nos aporrinhar e nos incomodar, tão firme e inflexível era sua pequena ética protestante para ficarem diante da porta de nosso prédio em temperaturas abaixo de zero, entoando seus cânticos gloriosos em harmonia angelical, os olhos piedosamente erguidos para o céu entre surtos de infatigáveis gritarias sobre os supostos amores e ódios de seu ciumento Deus.

Sempre que deixava o apartamento para minhas caminhadas, eu saía, furtivamente, pelos fundos, para escapar da multidão de manifestantes aos berros instalados na frente. Havia uma saída pelos fundos: passando pelas portas de correr, que davam para o trecho de quintal que dividíamos com outros moradores do prédio, atravessando o portão, passando pelas latas de lixo e descendo o

beco até a rua. Essa foi a primeira vez que descobri ser possível ter a minha independência. Com Lydia desesperadamente doente, a maior parte do tempo incapacitada de sair de casa e acamada, e, com meu irrequieto tédio comichando, eu avançava pelas ruas, vagueando pelas grades fuliginosas, lamacentas de Hyde Park como um monstro empacotado em roupas humanas.

Caminhava em volta do *campus* da Universidade de Chicago, movimentando-me por entre as sombras dos prédios magisteriais sufocados de hera — hera na qual subi alegremente em meus dias primitivos, como um animal cheio de anseios — e por gramados mortos e amarelados e salpicados de gelo, passando por árvores cujos galhos quebradiços e sem folhas estalavam e trepidavam juntos quando o vento era mais forte. Como essas perambulações ocorriam sempre sem incidentes, supus que eu, simplesmente, era confundido pelos transeuntes com um estudante: um estudante calado, infeliz, inamistoso, sorumbático, vestido com roupas pesadas, as mãos mergulhadas nos bolsos e os olhos grudados no chão, e, portanto, por essa descrição, em nada especialmente diferente da maioria dos atuais alunos da Universidade de Chicago.

Frequentei cursos da universidade. Eu entrava sorrateiramente nos salões de conferência, com as aulas já começadas, meu pulôver verde com capuz puxado sobre o rosto, e ocupava os assentos mais imperceptíveis possíveis no fundo da sala. Frequentei cursos de literatura, história, filosofia, economia, história da arte, física e biologia. Queria saber tudo que fosse possível. Queria devorar o mundo. Também passei uma porção de tempo no salão de leitura daquela catedral-biblioteca, sentado a uma das compridas mesas que mobiliavam o salão de pé-direito alto arquitetonicamente sepulcral e cerimoniosamente simétrico, cujas paredes são providas e ornamentadas com rostos de monstros parecendo máscaras de borracha, assim como o meu, suas bocas de pedra, entalhadas em permanentes urros de risos ou carrancas de desprezo que têm

observado gerações de leitores com aquelas expressões fixas pressupondo violência emocional. Naquele salão, eu me sentava e me distanciava por horas para evitar a tristeza de meu lar, onde Lydia ficava deitada na cama com a mente em declínio, enquanto um bando de quimeras ainda mais grotescas do que essas gritavam e cacarejavam contra ela do lado de fora. Aqui, entre as partículas de pó agitadas pelo vento nos feixes de luz que se infiltravam pelas vidraças multicoloridas das janelas com vitrais, eu me sentava debaixo de um abajur sobre uma das longas mesas de madeira de refeitório, levantando-me de vez em quando para passar os olhos pelos livros nas prateleiras e fora delas, livros que eu abria sobre a mesa e lia o dia inteiro. Grande parte de minha educação aconteceu naquele inverno, enquanto ficava sentado ali, quase sempre sozinho ou praticamente sozinho naquele imenso e solene salão, com a tristeza de novembro nas janelas e, no fundo de minha mente, a tristeza pela doença da única pessoa em minha vida que amei de verdade.

Às vezes, se não estivesse a fim de me sentar numa sala de aula ou visitar a biblioteca, minhas caminhadas solitárias me levavam a um Washington Park coberto de neve e repleto de árvores sem folhas. Certo dia, caminhava ao longo da periferia do parque, apertando bem meu casaco contra meu pequeno corpo esquisito e atravessando os chocalhantes montes de folhas mortas, meus pés triturando a grama cristalizada pelo gelo, mantendo-me distante das outras pessoas no parque — apenas raras pessoas aqui e ali, empacotadas como múmias e balançando os joelhos para manter o sangue circulando, que tinham ido ao parque para soltar seus cachorros a fim de deixá-los correr em volta e arfar por alguns minutos antes de voltar para casa e hibernar o inverno inteiro, como todos os bons mamíferos deveriam fazer. Pois eu caminhava *crunch-crunch* embaixo das árvores adormecidas, com o olhar

voltado para baixo e a cabeça turvada com pensamentos sombrios, quando avistei o pássaro morto.

Era uma arara. Uma vermelha e verde, amarela, azul e muito morta arara, caída no chão sobre a cinzenta grama congelada. Era sem qualquer dúvida um dos pássaros do recentemente morto Griph Morgan. Uma das aves cujos arrulhos, gritos e grasnidos outrora haviam harmonizado toscamente com a gaita de foles de Griph, e outrora haviam colorido meus sonhos de vermelho, verde, amarelo e azul com períodos incomuns de afinidade e associação. E ali estava ela, rijá e coberta de gelo a meus pés. Estava congelada. Seu acerado bico cinzento, mais parecido com um chifre, estava emperrado numa posição ligeiramente aberta, como se estivesse no meio de uma frase ou se esticando para receber um recompensante cookie ou cracker. Seus olhos e sua língua tinham se dissolvido e restavam dois afundados buracos cinzentos que permitiam que se visse o interior do seu crânio, agora oco, onde houvera outrora um cérebro do tamanho de uma noz. As pontas de suas penas coloridas estavam quebradiças com o gelo. Supus que ela tivesse, provavelmente, morrido na primeira onda de frio. Onde estavam as outras? Griph dividira o apartamento com dez aves. Suponho que elas tenham sido soltas na "natureza", quando o "vandykado", fervedor de feijões e jogador de gamão Griph Morgan morreu. Desejei que ele tivesse sido enterrado com sua gaita de foles. Desejei que os outros nove pássaros tivessem tido sabedoria suficiente para voar para o sul, quando o tempo começou a mudar. Porém, provavelmente não fizeram isso. Um animal criado em cativeiro, com calefação para eliminar as estações, permanece ignorante da conduta de seus ancestrais. Então, as aves, com toda a probabilidade, em sua maioria, simplesmente haviam se instalado nos galhos da coisa mais próxima das florestas tropicais que conseguiram encontrar, para onde seu sangue lhes disse que fossem — e que, no caso, sucedeu serem as árvores de Washington

Park. E, quando o inverno chegou, elas caíram mortas. Imaginei aquela arara, um animal de fulgor aristocrático, sua brilhante plumagem vermelha, verde, amarela e azul contrastando ridiculamente com o cinza-amarronzado de tonalidade sépia de Chicago, uma ave colorida como o clarão e o estouro de fumaça ofuscadora de um mágico empoleirada nos moribundos galhos negros das árvores de Washington Park, chilreando, berrando, eriçando as plumas do pescoço com o bico e alisando-as outra vez com afetação passeriforme — no mundo exterior, enfim livre, e sem a menor noção de como ser uma ave de verdade neste mesmo mundo, sibilando e gorjeando alegremente, de vez em quando cantando fragmentos de baladas folclóricas gaélico-escocesas e gritando, com ebuliente *gusto*, de seu poleiro na árvore, para os transeuntes aturdidos: “ALÔ!” — gritado primeiro como uma saudação, como se convidasse cordialmente para um bate-papo — “ALÔ, ALÔ!” — depois, mais tarde, quando as pessoas viravam o rosto, irritadas — “ALÔ!” — então, finalmente, com a chegada do inverno, em desespero — “ALÔ?... ALÔ?... ALÔ?”. E então, ela morreu.

Cutuquei a ave com meu sapato. A arara congelada era leve como nada, pois se movimentou facilmente pelo chão. Agora, meus olhos estavam secretando lágrimas. Elas viraram gelo em minhas pestanas. Ergui a vista para ver se alguém estava me olhando: não estava. Tentei cavar uma pequena sepultura no chão para aquela arara congelada: não consegui. Arranhei com meus longos dedos roxos ensanguentados, tentando cavar um buraco, mas a terra estava tão compacta com tanta firmeza e tão solidamente congelada que, cavar um buraco, teria sido impossível sem uma pá. Por isso, desisti e me virei para voltar para casa. Senti-me um fracassado, e de muito mais maneiras do que na minha aparente inabilidade de até mesmo ter sucesso em cavar uma sepultura para uma arara falecida. Mas, ao seguir para casa, enquanto descia a

Cinquenta e Cinco e estava prestes a atravessar Cottage Grove, esperando que a luz do sinal mudasse, percebi que não havia qualquer sentido cerimonial em enterrar uma ave. Ainda naquele dia, ou talvez no dia anterior, eu estivera no salão de leitura da biblioteca folheando um volume de Heródoto. Eu chegara a uma passagem na qual o historiógrafo relatava — com óbvio sinal de repugnância — o costume funeral persa, que era deitar o corpo do defunto completamente nu sobre uma plataforma a céu aberto no ponto mais elevado de uma torre alta e deixar que as aves o picassem até limparem seus ossos. Heródoto achava a prática repugnante, em desacordo com suas noções de dignidade humana. Para ele, o único método digno de se livrar de um cadáver era vaporizá-lo com fogo purgatório ou enterrá-lo no chão. Em um primeiro momento, concordei com sua opinião, mas, pensando melhor, percebi que talvez possa ter de fato havido uma contraintuitiva beleza metafórica no costume persa. Pois a cremação envolve uma extinção total, um ato de desaparecimento: a alma se foi, o corpo também tem de ir, para cima e avante, numa baforada de fumaça inútil. Enterro — sobretudo do tipo em que o rei é enterrado com todas as suas coisas — envolve o oposto, uma pegajosa recusa de se desprender, até mesmo das posses terrenas de alguém. Ao passo que dissolver o corpo nos estômagos de aves parece mais com devolver à natureza o que é da natureza. Por extensão, concluí, portanto, que não faria qualquer sentido em termos de semiótica enterrar uma ave. Aquela ave, admitindo-se que conseguiria permanecer ali até a primavera antes de o corpo descongelar, desapareceria lentamente com o tempo, decompondo-se e reconstituindo-se em substâncias do mundo, sem cerimônia, sem qualquer sinal ou indício ou registro que fosse para caracterizar que ela outrora vivera, falara e morrera no mundo.

Admito que, como qualquer poeta de verdade, sou vulnerável ao romance. Não pense, Gwen, que sou uma criatura inteiramente

racional, ou, o contrário, que sou irracional demais para julgar e refletir sobre meus próprios momentos de ilógica. Existe algo chamado viés de confirmação, que é quando a mente agrega significado a algo insignificante, selecionando uma coincidência aparentemente sobrenatural de todo o lixo caótico no mundo ao redor e convergindo para isto todas as suas preces e sua convicção, porque ela quer que isto seja verdade — o que é a fonte de muita fé, muito amor, muita religião, muita magia, muita esperança, muito erro desesperado. Estou ciente de minha hipocrisia quando, sob certa disposição de espírito, insulto e vocifero contra religião, então me viro e me descubro suscetível a acreditar em alma, na profecia de sonhos, em ação fantasmagórica a distância. Se sou vulnerável a tais coisas é porque me tornei humano. Eu era o chimpanzé que batia na caixa. Se insulto e vocifero contra religião, em parte é porque a religião é uma estrutura de crença mágica que tem me magoado pessoalmente, ao passo que a magia secular tem me oferecido esperança. Se odeio o irracional sendo eu mesmo irracional, é porque minha mente está presa, assim como todas as mentes humanas o estão, entre a compreensão racional do mundo fornecida de maneira rigorosa pela ciência empírica (o que inclui a compreensão de que eu mesmo sou irracional) e o antigo desvairadamente louco e lindamente descarado *nonsense*, a fantasmagoria à qual todas as consciências humanas são vulneráveis, até mesmo o mais rígido dos cientistas. Era essa vulnerabilidade humana à fantasmagoria que possuía Sir Isaac Newton, quando não estava seriamente ocupado em preparar as fundações da física clássica, bulindo com pós e poções e frascos e provetas, em busca da pedra filosofal, do elixir da vida, do segredo da transmutação do chumbo em ouro. É por isso que não acredito no argumento de que a luz da ciência empírica nos guiará pelo caminho do progresso, em direção à utopia, em direção a uma grande paz racional, quando a nação não mais promoverá guerra

contra nação por causa de desacordos chicaneiros sobre coisas invisíveis e quase certamente inexistentes. Se algum dia alcançássemos essa utopia científica, não haveria religiões, sim, e nunca mais seria derramada uma gota de sangue sobre tais estupidezes lunáticas — mas também não produziríamos arte; ainda não tenho total certeza de que isso não seja matar o doente com o remédio. Mesmo se atingíssemos essa paz racional, quando chegássemos lá, já não seríamos mais humanos.

## XXXI

**E**nquanto isso, após meses de ociosidade, e agora com o afluxo de contas médicas constante e proporcional à quantidade de fósforos sobre a lareira, nossas finanças domésticas minguavam para o zero. Eu tinha apenas uma vaga noção dessas coisas, pois era, na época, como ainda o sou agora, muito ruim com dinheiro. Entre os membros do pequeno núcleo familiar que crescera pela necessária proximidade, Tal era quem costumava cuidar desses assuntos. Não sei quanto dinheiro havia, mas talvez não houvesse nada, ou quase nada, ou podia ser que já tivéssemos afundado profundamente no vermelho. Tal cuidava das nossas finanças, limpava o apartamento, mantinha as coisas em ordem e cozinhava nossas refeições. A seu próprio modo, ela era uma cozinheira razoável, embora eu preferisse a comida de Lydia. Na cozinha, Tal era capaz de fazer alguma coisa do nada; conseguia, impecavelmente, conceber uma refeição de quaisquer incontáveis ingredientes inúteis com que ela topasse nos armários e na geladeira — mas, ao nos saciarmos com seus pratos, essas refeições tinham cada vez mais o sabor de nossa amarga pobreza. Lydia estava inativa. Mesmo quando estava acordada, ela apenas zanzava pelo apartamento com os olhos inexpressivos de uma pessoa faminta, apanhando coisas no chão e colocando-as de volta, muitas vezes balbuciando incoerentemente ou então permanecendo num silêncio perturbador. Se queria salgar sua comida à mesa, ela apontava para o saleiro e dizia “O... o... o... o..... o...”. Significando, é claro, “Por favor, passe o sal”. Os silêncios de Lydia

passaram a ficar mais longos, mais sombrios, mais profundos. Suas palavras a estavam abandonando. Um por um, os elementos de seu vocabulário estavam empacotando suas coisas e desocupando seus apartamentos no prédio condenado de sua mente. Foi uma experiência tão dolorosa que eu nunca consegui descrever de modo adequado o que foi viver com ela nos meses que se seguiram. Os únicos lugares aonde Lydia ia eram ao médico ou ao seu patologista da fala, que não era capaz de evitar que as palavras se desagregassem dela. Cada palavra que ela pronunciava era precedida e seguida por silêncios tão demorados que era impossível lembrar como sua frase havia começado. Tal me garantiu que por causa da natureza da afasia de Lydia, que se encontrava na área de Broca e não na de Wernicke, ela conseguia nos entender, quando falávamos com ela, embora tivesse cada vez maior e maior dificuldade de falar. Sua mente se tornara semiespelhada, como a de Clever Hands. Seus olhos eram espelhos de um lado só, as janelas para sua alma, opaca para o exterior. Ela conseguia olhar para fora; nós, cada vez mais, não conseguíamos olhar para dentro. Ela dormia o dia todo. Sua barriga ficava cada vez maior, enquanto meu filho crescia de maneira obstinada dentro dela. Eu, Bruno, que era perfeitamente saudável, tinha me tornado profundamente nervoso e me sentia inseguro por não conseguir saber se seria capaz de lidar com a labuta e as responsabilidades de minha iminente paternidade — muito menos como ela seria capaz de lidar com sua iminente maternidade.

Certa vez, após chegar em casa pelas portas deslizantes dos fundos, para evitar os manifestantes, e espanar a neve polvilhada sobre meu casaco e tirar a lama de minhas botas batendo-as contra o batente da porta, vindo de uma de minhas jornadas que duravam um dia inteiro e que havia me levado pelo parque, e depois à abobadada e cheia de lustres sala de leitura da biblioteca, e pelas páginas do que quer que fosse que eu estivesse lendo (creio que

era *Declínio e queda*, de Gibbon), Tal me pediu, num tom solene, que eu me sentasse com ela à mesa da cozinha. Ela queria conversar comigo sobre uma coisa. Não estava zangada, mas notei em sua voz um vestígio de severidade, de “vamos logo ao assunto”, quando pediu minha atenção e, por isso, comecei instantaneamente a temer o que quer que estivesse por vir. Em seu favor, ela pelo menos amenizou o terrível soco que estava para desferir contra meu bem-estar, ao me preparar uma xícara de chocolate quente. Ela sabia exatamente de como eu gostava, com cinco pequenos marshmallows viscosos flutuando na superfície, dissolvendo-se lentamente no quente líquido marrom-claro. Soprei a superfície do meu chocolate quente e dei um pequeno gole.

— Bruno — disse ela, as palmas ancoradas na superfície da mesa da cozinha e os dedos entrelaçados. — Você sabe que estamos ficando sem dinheiro. Estou fazendo o melhor que posso para cuidar de Lydia. Mas receio que você também precise ajudar.

Dei um gole aterrorizado, escaldando o fundo da garganta com uma quantidade grande demais e bebida de maneira rápida demais de chocolate quente. O negócio era o seguinte: eu tinha de arrumar um emprego. Eu precisava “aliviar o meu peso” em nosso lar. Quando Lydia e eu retornamos a Chicago, Tal tinha voltado a trabalhar no laboratório. Trabalhava durante a maior parte do dia, então voltava para casa para cuidar dos assuntos domésticos e bancar a enfermeira. Ainda assim, não havia dinheiro. Ela estava exausta e magra. Norman Plumlee continuava como diretor do Laboratório de Biologia Comportamental do Centro Erman de Biologia. Ela disse que poderia me arrumar um emprego no laboratório. Agora que eu aprendera a linguagem, aparentemente era ainda mais valioso para a ciência, e Norm me queria de volta. Eles estavam dispostos, disse ela, a me pagar pelos meus serviços, tendo em vista que, dessa vez, eu era considerado consciente o bastante para dar consentimento e, portanto, não seria mais

tratado como um escravo. Eu havia me libertado da escravidão animal de minha mente silenciosa apenas para que me oferecessem meu serviço anterior em troca de um salário de fome. Eu poderia ajudar a pagar as despesas de casa. Do modo como Tal colocou as coisas, parecia não haver opção. Bruno agora estava crescido, e uma situação de aperto insistia em que era a hora de ele ir trabalhar. Eu, Bruno, nobremente, não obstante sem relutância, decidi aceitar a oferta dela — ou ordem, ou o que quer fosse aquilo. Eu tinha de voltar ao laboratório. Eu fazia isso, mas somente por Lydia. Em termos simples, nós precisávamos de dinheiro e eu, como qualquer prostituta, nada tinha para vender a não ser eu mesmo. Então, me vendi novamente à ciência, e de volta ao laboratório eu fui.

No dia seguinte, Tal levou-me com ela ao laboratório. Oh! — Centro Erman de Biologia, sala 308! Norm estava lá, gordo e irritante e cofiando a barba mais do que nunca, exatamente como o deixamos da última vez, embora a sua barba grisalha tivesse agora consideravelmente mais branco. As mesas cinzentas de fórmica, o assoalho de vinil cor de salmão, o cercado de vidro grosso, as luzes fluorescentes bruxuleantes e zumbidoras — esse lugar me trouxe uma onda de lembranças sensoriais e quase me afoguei nela. Eu tinha crescido muito desde a última vez que estive lá — medindo 1,15m e pesando 60 quilos, eu agora essencialmente tinha me desenvolvido por completo — e, por isso, fiquei chocado em ver como as coisas na sala pareciam pequenas em contraste com as imagens que tinha em minha memória. Prasad e Andrea (e Tal, é claro) ainda trabalhavam no laboratório, mas eram as únicas pessoas dos velhos tempos a quem eu reconhecia, uma vez que os alunos da pós-graduação tinham seguido adiante e foram substituídos por novos alunos da pós-graduação. Havia uma porção de caras novas. Norm recebeu-me de volta ao laboratório com um tom de boas-vindas que apenas de maneira tênue mascarava seu

frio ressentimento. Compulsoriamente, ficou impressionado com minhas faculdades de linguagem, mas, ao mesmo tempo, pude vê-lo, por baixo da barba, ferver de inveja infantil movido pelo fato de minha mente linguística ter realmente florescido não sob sua orientação, mas sob a de Lydia, e por ele saber muito bem que, no processo de minha educação, ele fora muito mais um obstáculo do que uma ajuda.

Como não possuo qualquer documento oficial, nunca fui capaz de trabalhar legalmente neste país ou em qualquer outro. Em vez de me pagar por debaixo dos panos, Norm decidiu contornar esse complicado problema jurídico incluindo meu salário no contracheque de Tal, registrando, para todos os efeitos, a diferença do meu ordenado como um aumento. E, do contracheque de Tal, meu salário ia direto para pagar as crescentes despesas médicas de Lydia. Portanto, durante esse tempo, me senti como um vassalo, pois nunca vi o dinheiro originado pelo meu trabalho.

Assim, lá estava eu de volta ao trabalho árduo da ciência. Todos os dias uma longa e nauseante onda de *déjà-vu*. Aos antigos testes habituais, eles acrescentam uma bateria de novos. Lembro-me de jogos de associação de palavras, borrões de tinta do Teste de Rorschach — todas as táticas psicanalíticas clássicas. Também me lembro de exames de eletroencefalograma, os quais, por algum motivo, tinha de fazer uma ou duas vezes por semana. Eles grudavam um ninho de eletrodos em minha cabeça e me mandavam deitar numa cama e ficar totalmente imóvel. Não mexa um só músculo, me diziam. Mesmo nisso eu encontrava um meio de me rebelar. Lembro-me de olhar a agulha rabiscando uma linha num rolo de papel, que girava e girava, como o cilindro de uma pianola, e que, supostamente deveria indicar os níveis de minha atividade cerebral. Mandavam-me deitar imóvel como uma pedra a fim de que pudessem observar as cristas e os vales das ondas que aconteciam como resultado de meu misterioso processo interno,

enquanto meu corpo permanecia inativo, em vez de picos menos interessantes que aconteciam devido aos movimentos musculares. Por exemplo, se eu erguesse o dedo indicador direito, um ponto disparava subitamente acima na linha que a agulha estava gravando no rolo de papel quadriculado. Mas os cientistas notavam se eu, de modo desobediente, ousasse erguer os dedos para melar seus dados e me castigavam adequadamente, quando me pegavam fazendo isso. Contudo, percebi — ali, deitado imóvel na cama, meu cérebro alimentando a máquina, alimentando a ciência através dos tubos alimentadores que eram os fios grudados em minha cabeça, olhando de esguelha para o rolo de papel e observando a nervosa marcha elétrica de minha atividade cerebral sendo documentada em grafita por uma agulha agitada — percebi que poderia fazer uma ponta no gráfico, ao silenciosa e invisivelmente pressionar e relaxar a mandíbula. Os cientistas nunca notaram. Ha, ha, ha! Eu observava o gráfico do meu cérebro e, de forma galhofeira, experimentava criar obras de arte eletroencefalográficas: o rolo de papel quadriculado era minha tela, minha mandíbula, meu pincel, minha própria atividade cerebral, minha tinta. Repetidas vezes, pressionava e relaxava a mandíbula para criar padrões interessantes, aumentando ou diminuindo lenta ou rapidamente a pressão entre os dentes comprimidos a fim de fazer impressionantes colinas e montanhas ou oblíquos vales ou platôs em meu gráfico, ou, num ritmo mais constante, fazer música visual, ou deixar seguir uma longa linha inexpressiva de atividade um tanto baixa antes de uma súbita orgia extática de cerramento de mandíbula — sempre, invariavelmente, levando os cientistas a franzir o cenho e coçar o queixo, enquanto aflagavam a longa folha de fino papel ceroso, seguindo com o dedo apontado as inexplicáveis esquisitices e anomalias no gráfico, todos se perguntando o que, no meu cérebro, seria capaz de provocar aqueles estranhos e belos registros.

Não devo também esquecer de mencionar que foi por volta dessa época que começou minha grande depilação. Tenho teorizado que minha perda inicial de pelo se deveu ao tremendo estresse em minha vida, na ocasião. Alopecia universal — pois esse é o ilusório nome, que soa poético, da doença que adquiri — às vezes ocorre quando um animal está num grave estado de distúrbio emocional, coisa que, de fato, acontecia comigo naquela época. Com todo aquele azar e problemas, perdi completamente meu doce pelo querido. Lydia grávida e sentindo dores e enlouquecendo, eu precisando trabalhar, Tal tendo se mudado para morar com a gente, uma multidão de imbecis enlouquecidos acampados constantemente do lado de fora de nosso lar com o único propósito de nos atormentar — como minha vida descera de modo tão súbito a tal inferno? Fosse qual fosse a causa, meu pelo, desde então, não cresceu de volta. Foi assim que me tornei este ser liso, rosado, sem pelo que você vê agora a sua frente.

Notei pela primeira vez, certa manhã, no chuveiro. Confuso por causa do meu estado de sonolência, desci da cama e fui para o chuveiro, deixando Lydia dormindo, e comecei a me preparar para o dia de trabalho no laboratório. Tinha de acordar muito cedo para ir trabalhar, e acordar cedo sempre foi odioso para minha natureza. Não sou uma “pessoa diurna”. Por ser inverno, o vale escuro pelas alvoradas tardias e poentes antecipados do calendário, Tal e eu tínhamos de acordar enquanto as janelas ainda estavam pintadas de preto como a noite. No chuveiro, senti as quentes agulhas sibilantes de água por todo o meu corpo, e, bocejando, me esfreguei, passei xampu e me enxaguei como de costume, mas — não como de costume —, quando desliguei a água, olhei abaixo para meus dedões e notei que um excessivamente espesso depósito de meu pelo havia sido recolhido pelo ralo, retardando de maneira drástica a vazão espiralada da água marmórea de sabonete. Enojado, colhi a coisa com a mão, joguei no vaso e dei

descarga. Dei uma checada em mim mesmo, atrás de qualquer diminuição perceptível no pelo do meu corpo, mas não encontrei nada aparente. Esse acontecimento repetiu-se em todos os detalhes na manhã do dia seguinte, e na manhã após essa, e assim por diante. Eu estava perdendo mais e mais pelo. Em uma ou duas semanas, após o meu banho, os tufos de pelo grudados no ralo eram quase alguns punhados. Em pouco tempo, o pelo simplesmente começou a soltar em minhas mãos. Não era necessário puxar ou arrancar para soltar essa coisa do meu corpo — pois não sou nenhum tricotilomaníaco — ela simplesmente me deixava por conta própria. Eu estava no laboratório, trabalhando com toda a atenção em algum problema particularmente difícil, enquanto, sem notar, passava os dedos pela pelagem no topo de minha cabeça, então — o que é isto? — olhem! — em minha mão, há uma madeixa bagunçada de meu pelo, em tamanha quantidade, que até parece que apanhei de propósito um tufo com a mão e o arranquei à força. Até que, certo dia, após meu banho matinal, trepei na pia para dar uma boa olhada em mim, da cabeça aos pés, no espelho. O que vi me fez urrar de medo. Tal me ouviu gritar — Lydia apenas virou para o outro lado da cama e resmungou indiferentemente em seu sono de mente enferma — e irrompeu porta do banheiro adentro, que eu deixara destrancada, pois não temia uma intromissão. Eu estava nu diante de seus olhos, mas meu pânico privou-me de meu recato.

— Estou perdendo meu pelo! — berrei. Ela pôde ver que era verdade. Grandes extensões vazias de minha pele estavam despeladas e expostas em espaços salpicados por todo meu corpo, onde minha pelagem tinha sido reduzida a nada. Eu estava horrendo. Parecia doente. Tal tocou minha pelagem. Meus pelos molhados simplesmente deslizaram para fora de mim e grudaram em seus dedos. Fiquei tão constrangido com meu estado que, naquele dia, usei camisa de manga comprida e touca para ir

trabalhar, touca esta que usei o dia inteiro, recusando-me a descobrir a cabeça. (Graças a Deus, não tive de me submeter ao eletroencefalograma naquele dia.) Ocorreu-me que eu devia estar perdendo meu pelo porque estava me tornando humano. Eu estava me tornando um de vocês, os macacos nus, os macacos vaidosos.

Sendo assim, uma palavra sobre vaidade, minha vaidade. Vaidade: que pecado é mais exclusivamente humano? É por isso que ficamos tão impressionados quando um animal se reconhece num espelho. É a vaidade que nos torna humanos. Um pássaro ou um peixe interpretará sua própria imagem horizontalmente invertida como uma ameaça — sem sequer perceber que ela é achatada, sem sequer notar que, curiosamente, esse perigoso outro só se mexe quando o eu animal se mexe. Por isso, o animal ataca o espelho. Por isso, a raiva de Calibã ao ver o próprio rosto no vidro. Por isso, a raiva de Calibã por não ver o próprio rosto no vidro. Grandes macacos, contudo, se veem em espelhos, assim como os golfinhos e os elefantes. Mas façamos uma comparação com, digamos, o uso de utensílios. O importante não é tanto o *uso* de utensílios, mas a modificação de utensílios. Isto é, costumávamos pensar que os seres humanos estavam sozinhos no reino animal em seu uso de utensílios. Então, alguém observou chimpanzés catando cupins com gravetos e concluiu que agora deveríamos abrir a cordinha vermelha do espaço VIP e permitir chimpanzés no clube exclusivo dos utilizadores de utensílios. Ah, *mas!* — dizem os antropochauvinistas, ainda somos a única espécie a *modificar* utensílios, não somos? Ha, ha, ha! Então, uma mulher — sempre uma mulher, uma mulher paciente e compassiva — se deu o trabalho de sentar-se quietinha e observar por um longo tempo, o suficiente para perceber que, de fato, arrancávamos gravetos das árvores e os desnudávamos de suas folhas antes de esquadrinhar o buraco dos cupins, porque, dessa maneira, os cupins grudavam melhor neles, pois a vida se agarra à vida. Desde então, a

propósito, chimpanzés na “selva” também têm sido observados abrindo nozes, quebrando-as com pedras e caçando com lanças improvisadas. Portanto, xeque-mate, pois nós, os *Pan troglodytes*, tanto usamos quanto modificamos, e a lista de coisas que torna os seres humanos especiais para caceta continua a encolher.

Mas meu ponto é: o que vale para a tecnologia, vale para a vaidade. Reconhecer-se num espelho é uma coisa, modificar-se num espelho é outra. Modificação corporal é mais humano do que apenas parecer humano. Vejo humano, olho no espelho, vejo macaco. Esse foi um grande tormento psicológico em meus anos de formação. Macaco vê, macaco quer ser.

Pois o que diferencia um ser humano de um chimpanzé? Isto é, somente em termos físicos. Se, amanhã, alienígenas do espaço fossem enviados por um raio de luz aqui para a Terra e observassem todas as criaturas que serpeiam, rastejam, pulam, correm, cavalgam, nadam, bamboleiam e caminham por ela, e, a princípio, tivessem algum problema em distinguir chimpanzés de humanos, que sutis distinções fisionômicas nós lhes diríamos que notassem a fim de melhor diferenciar um do outro? Notem o comprimento das pernas e dos braços, nós lhes diríamos, o formato do crânio, a curvatura da espinha, a distância entre o dedo indicador e o polegar, que humanos possuem dois polegares opositores e chimpanzés têm quatro. E chimpanzés têm pelo espesso por todo o corpo. Portanto, há duas coisas principais que animais hominídeos fizeram quando descenderam de nosso ancestral comum: ganharam linguagem e perderam o pelo. Ao me tornar humano, percebi que me defrontava com a assustadora tarefa de reencenar cerca de 5 milhões de anos de evolução paralela, tudo por euzinho mesmo. Eu obtivera linguagem, certo, mas agora eu começava a querer uma fisionomia que fosse mais próxima do ser humano. Não era apenas o fato de que alterando minha aparência física isso me tornaria mais atraente — embora

certamente tivesse me tornado —, mas também que eu estava desgostoso comigo mesmo. Humanos: eu queria ser um deles, e, ao mesmo tempo, me odiava por esse sujo, nojento e pervertido desejo. Não podia voltar para o zoológico. Não podia voltar a ser um chimpanzé, não depois de tudo o que tinha aprendido. Eu estava entre espécies. Ainda estou. Não me sinto à vontade em nenhum dos dois gêneros, *Homo* ou *Pan*.

A aparência de meu corpo era feia, terrivelmente feia. Detestava meu rosto. Detestava meu nariz. Detestava meus dedos. Detestava meus dedões dos pés. Detestava meus braços longos. Detestava minhas ridículas pernas atarracadas. Detestava meus pés grotescos. E agora, mais do que tudo, detestava aquelas manchas irregulares de aparência doentia na minha outrora espessa pelagem. Decidi simplesmente me livrar dela, ceifar o campo. Para disfarçar minha disforme perda de pelo, certa noite rapei todo o meu corpo. Eu estava sozinho quando fiz isso. Encontrei um tubo de creme de barbear no armário debaixo da pia do banheiro — do tipo que esguicha um jato de gosma verde que se transforma, quando você o esfrega contra a pele, numa densa espuma devido à agitação de suas moléculas. Fiquei nu na banheira, todo molhado, e esguichei a coisa no que me restava de pelo e friccionei. Então peguei o aparelho de barbear — todo esse equipamento era de Lydia — e, passando-o em meio a golpes na tépida água do banho, rapei todo o meu pelo, exceto o das poucas áreas nas quais os humanos são hirsutos: o topo da cabeça, as axilas e a perfeita coroa que aureola a genitália. Foi um gesto adorável, porém inútil, pois os pelos desses quatro lugares restantes logo depois também caíram. Eu aprendera a usar um barbeador vendo Lydia depilar as pernas no chuveiro, um ritual que eu observara centenas de vezes. Eu não estava acostumado a usar um barbeador. No armário de remédios, eu encontrara um pacote de aparelhos de barbear de plástico descartáveis, e estraguei cada um deles durante o processo

de raspagem do corpo inteiro, cortando-me tão frequentemente no processo que parecia que, pelo menos, meio litro do meu sangue gotejou de mim para, de modo repugnante, remoinhar na água vermelho-amarronzada abaixo. Eu tinha tanto pelo por todo o corpo que precisei de umas seis ou sete passadas para chegar à pele. Essa foi uma daquelas instâncias em que ter estes braços longos e flexíveis deu uma tremenda ajuda, pois não precisei de auxílio para alcançar as costas. A rapagem levou uma hora para acabar. No processo, esvaziei toda a lata de espuma de barbear. Quando escoei a água, a banheira ficou coberta de ponta a ponta por um tapete encharcado, com a espessura de uns 2 centímetros, de pelo ensaboado e ensanguentado de chimpanzé. Imagine o cheiro. Recolhi o pelo em punhados empapados e joguei tudo no vaso sanitário, dei descarga várias vezes até ele sumir, sumir todo, em seguida, enxaguei todos os pelos residuais que ainda se grudavam à minha pele. Quando acabei, apresentei-me a mim mesmo ao espelho. Trepei no balcão do banheiro e me apoiei nas beiradas da pia com meus polegares opositores, para ter uma visão total do meu corpo nu e recém-pelado sob a crueza das quatro lâmpadas incandescentes acima do espelho do banheiro. Eu estava a centímetros do frio vidro prateado. Gostei da minha aparência. Da novidade daquele momento — da emoção autoerótica. No quarto ao lado, ouvi Lydia se mexer na cama e balbuciar algo em seu sono. Eu me acariciei sensualmente, levando meus braços lisos para cima e para baixo do torso sem pelo. Não era apenas a sensação — a recém-descoberta hipersensibilidade formigante por todo o meu corpo, as visíveis pontinhas da pele arrepiada — era também que eu nunca tinha parecido tão dolorosamente humano. Olhei para o espelho. O que me olhou de volta não era mais o reconhecível Bruno, o chimpanzé. Naquele reflexo estava inegavelmente uma pessoa, de certo modo. Suas pernas haviam engrossado de forma considerável com os anos de exercício que vinham fazendo com

toda aquela caminhada bipedal. Ele, Bruno, se manteve de pé, numa posição rigidamente aprumada — aquela criatura não tinha mais uma estúpida e curvada espinha símia, mas começara a desenvolver uma ligeira curva em S na parte inferior das costas acima do cóccix, exatamente como um homem. Ele se manteve com a testa descoberta e o queixo apontado para baixo, em vez de projetar seu rosto para a frente, como o de um macaco, cujo queixo é que entra primeiro num aposento. Ele manteve os braços ao lado do corpo. Ainda pingava do banho. Exceto pelas áreas na entreperna e nas axilas, seu corpo era sem pelo: apenas um longo trecho liso de carne nua, semelhante a um pêssago. Carne que precisa ser vestida no frio. Carne que precisa ser vestida em nome da decência. Carne que é despida apenas atrás de portas fechadas e no escuro, no mais privado dos momentos privados, no mais privado dos lugares privados. Carne que é desejável, carne que é indecente, carne que é frágil. Carne que anseia por carne. Aquele animal no espelho: pode ser que medisse apenas 1,15m, pode ser que seus pés simiescos se parecessem com as mãos, com dois polegares extras crescendo de uma maneira grotesca dos dorsos dos pés, pode ser que suas pernas fossem atarracadas e que suas mãos, quando relaxadas, ficassem dependuradas para além dos joelhos — mas esse animal se *comportava* como um homem, *puta merda*, seus olhos tinham um certo brilho indicativo de um cérebro prenhe de complexa inteligência simbólica. Faculdades de razão, faculdades de vaidade, faculdades de orgulho. Tu o fizeste um pouco menor do que um anjo. Aqui, Bruno Narciso sentiu em sua mão a dúbia dádiva de uma ereção apenas por se olhar, contemplando o próprio corpo, o quanto se tornava parecido com o humano, o quanto muito humano. Virou-se diante do espelho, admirando sua pele recém-tosquiada, forçando a cabeça por cima do ombro na tentativa de dar uma olhada no seu traseiro. Bruno, o herói de nossa história, decidiu se masturbar diante do espelho. Ou

melhor, isso foi decidido sem que ele tivesse outra opção. Quem pode dizer que ele verdadeiramente tinha escolha nesse assunto? Essa é uma questão para filósofos, não para o humilde autobiógrafo. Tudo o que sei ao certo é que Bruno se pôs diante de sua magnífica imagem no espelho e encarou longa e profundamente seus próprios olhos, e, ao fazê-lo, mensagens quicaram de um lado para o outro entre sua mente e seu reflexo, fótons saltaram e serpearam de seus olhos para o espelho e de volta para seus olhos, atingiram aqueles dois globos de gelatina fotossensíveis em sua cabeça, penetraram os túneis de seus nervos ópticos e se enterraram em cheio na sentimental carne elétrica de seu cérebro, tornaram-se dados a serem detonados e decodificados por esse belo órgão de consciência abrigado em seu crânio, que se satura com as informações do mundo e se reforma em reação, e que alcança e remodela o mundo. Bruno está de pé, pernas abertas, orgulhosa e agressivamente, não diferente do pictograma do banheiro dos homens que, certa vez, lhe fez lembrar um certo balão cor-de-rosa manipulado por um palhaço, quadril empinado, apaixonado por si mesmo, apaixonado por seu próprio corpo, acariciando e sacudindo de forma selvagem um pênis que ele acabara de lubrificar com um generoso bocado de cuspe, os lábios curvando-se para dentro num rosnado, mordendo a língua, pensando em nada mais erótico do que simplesmente ser um membro da raça humana, da humanidade! — e agora seu peito de repente está queimando com intensa emoção e *oo oo oo ah ah ah ah HYEEAAGHHHH, HYEEAAGHHHH!* — ele se aproxima do espelho! — tome *isto!* — e *isto!* — e os glóbulos de leitoso xarope gosmento escorrem feito uma baba, de maneira triunfal, pelo espelho, como se as últimas gotas restantes da essência daquele animal estivessem contidas naquele esguicho de sua porra, puro extrato de primata, gotejando entre mim e meu reflexo.

Meu pelo nunca cresceu de volta. O pouco que deixei também foi embora sozinho. Desde então, tenho vivido sem pelo. Uma fria, fraca, nua criatura de um dia.

## XXXII

Enfim, os manifestantes foram embora. Em grande parte. Os protestos diante de nossa casa não eram mais uma ocorrência diária, como vinha acontecendo havia meses. Chegou finalmente o momento em que ficávamos a maioria dos dias sem sermos incomodados. Embora, às vezes, nos fins de semana, alguns poucos deles ainda aparecessem, o ajuntamento de fiéis fora reduzido a apenas um punhado de infatigáveis crentes verdadeiros — o reverendo Jeb, com seu cachecol, terno marrom de padrão xadrez irregular e gravata borboleta, megafone da RadioShack na mão, sempre confiável entre eles. Porém, até mesmo o reverendo Jeb não era mais um esperado acessório diante de nossa casa. Então, finalmente, chegou um fim de semana durante o qual eles não apareceram em momento nenhum, e deduzimos que tinham se esquecido ou ficado cansados ou cheios da gente, e nós, enfim, nos livramos deles. A esta altura, Tal já havia se mudado de uma vez. Rompera o contrato daquele depósito de entulho em Humbolt Park em que vinha morando e transferiu todo o seu bazar cigano de objetos pessoais, todas as suas bugigangas e ornamentos e repulsivos bonecos envernizados para o cômodo entulhado e sem carpete que outrora fora quarto destinado ao filho natimorto de Lydia numa época muito diferente desta, e que depois, por algum tempo, foi o meu quarto, e então, por um período, meu ateliê de pintura. Tal foi excluída do aposento pelas suas coisas, como se as marionetes quisessem o espaço vital, por isso, eles a expulsaram a

fim de poderem esticar seus magros braços e pernas de madeira, e ela lhes obedecia e não dormia nesse quarto.

No início, ela dormiu no sofá da sala. Mas passou apenas uma ou duas noites no sofá antes de Lydia, nas poucas palavras que conseguia pronunciar, vacilando e balbuciando e apontando e gesticulando, convidá-la a dormir na “cama grande” com a gente. Lydia precisava de tanto consolo, de tanto calor humano e de tanta pele quanto possível junto de si. Claro que eu preferiria que Tal dormisse sozinha. Antes de ela vir morar com a gente, antes do período durante o qual todas as noites nós três ficávamos entalados na cama como uma fila de sardinhas, Lydia e eu fazíamos amor de um modo moroso, como num sonho — ela, calada, grávida, o cérebro doente: nós dois grogues e suados. Por causa de sua barriga sensível, só era possível realizar o coito num número limitado de combinações. Isso era uma coisa que era possível sem palavras, uma coisa que talvez fosse acentuada pela mudez: o ato físico do amor. Lydia, porém, parecia com mais e mais frequência não estar disposta a isso, e não houve mais sexo depois que Tal se juntou a nós na cama. Lydia parecia preferir que Tal ficasse perto dela, e eu, portanto, um tanto nobremente creio, abstinha-me de reclamar dessa combinação para dormir.

Era de fato uma cama apinhada, comigo ao lado de Lydia e Lydia ao lado de Tal, ou, mais frequentemente, Lydia e Tal nos lados direito e esquerdo da cama e eu, o macaco no meio das duas, isso para facilitar as perambulações semissonâmbulas noturnas de Lydia, que aconteciam por ela ter passado as horas do dia mergulhada no sono, a fim de que pudesse sair da cama sem acordar a mim ou Tal. E quem podia dizer o que ela era capaz de fazer durante o nosso sono? Certamente não a própria Lydia. Cada vez mais e mais ela se achava incapaz de dizer alguma coisa. A doença no seu cérebro agia de maneira mais pesada em sua língua, deixando-a dormente, lenta, um pedaço de carne inútil em sua

boca. A cama não era um lugar desconfortável para dormir. Não sou alguém que, ao dormir, almeje uma solidão sem contato corporal. Especialmente com o meu então recém-despelado, eu adorava a sensação de uma outra pele sendo pressionada contra a minha. Se as duas mulheres alguma vez me pegaram — talvez através da estreita faixa de visão de pálpebras semicerradas — me masturbando, de maneira clandestina e febril tão logo eu acreditasse que estivessem dormindo, elas nunca me falaram nada a respeito. Quando o ato necessário chegava ao fim, eu silenciosamente limpava o produto de minha atividade na bainha da camisola de Lydia, rolava para o lado e mergulhava em sonhos, caindo no sono enquanto ouvia os vagarosos ritmos constantes de duas mulheres humanas respirando suavemente junto a mim.

Então, pela manhã, nas trevas do inverno, Tal e eu nos levantávamos juntos, nos preparávamos para o dia e partíamos para o laboratório, deixando Lydia ainda dormindo. Tal e eu fazíamos juntos aquela caminhada de 20 ou 25 minutos de nossa casa até o laboratório, nosso local de trabalho, lado a lado, enterrados em casacos para o frio, nossa respiração batendo contra os cachecóis que enrolávamos no rosto para nos aquecer. Não era, no final das contas, uma caminhada desagradável: uma curva à esquerda na Cinquenta e Dois, direto pela Universidade, quatro quarteirões abaixo, pelo amplo espaço agitado da Cinquenta e Cinco, exatamente no instante em que o sol irrompia plenamente com sua luz sobre a rua, passando pela branca vastidão do campo de futebol coberto de neve, os prédios universitários, bloco a bloco, cada vez mais parecidos com fortalezas medievais, todos fortalecidos por pilastras, equipados com torres e amuradas, e esquisitas gárgulas com asas de morcego e agachadas nos cantos dos portais com torrentes de vômito aquoso congelado pendendo de suas bocas abertas, agora à direita na Cinquenta e Sete, e atravessamos a portaria gradeada, entalhada com gotejantes

dentos de pingentes de gelo, depois cruzamos a quadra principal, subimos a escada, atravessamos a porta, seguimos pelo corredor, entramos no elevador, saímos do elevador, seguimos por outro corredor e pela porta de vidro embaçado do laboratório, a sala 308.

Não sei há quanto tempo estávamos sendo seguidos a cada manhã, antes de tê-lo notado. Havia muito que Tal e eu tínhamos nos acostumado a escapular pelos fundos, quando deixávamos o apartamento pela manhã para irmos trabalhar, mas, com o sumiço dos manifestantes, nós nos sentíamos suficientemente a salvo de sua chateação para nos arriscar a sair para o mundo pela nossa própria porta da frente — imagine! —, como se não fôssemos criminosos caçados. Certa manhã, ao atravessarmos a rua Cinquenta e Cinco, sucedeu de eu olhar para trás. Não sei o que me levou a me virar para olhar. Uma minhoquinha de paranoia penetrou em minha mente e me cochichou que estávamos sendo vigiados. Virei-me. Senti que estávamos na companhia de uma terceira pessoa. Quando contei, só havia ela e eu juntos, mas, quando olhei para trás, em direção à rua branca, vi mais alguém. Não sabia se era homem ou mulher. Quando olhei com mais atenção, quando meus olhos se estreitaram em fendas, numa visão concentrada, a pessoa tinha sumido — como uma miragem, como uma fada Morgana surgindo vaporosa e prateada no horizonte aos olhos de um viajante alucinado pela sede, somente para sumir diante de uma inspeção mais cuidadosa. Continuamos a andar. Um ou dois quarteirões depois, virei-me mais uma vez. Vi alguém caminhando pela rua, vindo em nossa direção, um quarteirão e meio a norte de nós. Tudo bem, não havia nada de incomum — pois aquele era o Hyde Park e não o Shackleton da Antártida — num pedestre solitário caminhando um quarteirão e meio atrás de nós, mas o modo como essa pessoa se movimentava sugeria alguma hostilidade dissimulada. Continuamos a andar. Furtivamente, dei outra olhadela para trás da rua e, dessa vez, não vi nada. O que

não me deu qualquer alívio. Não falei nada disso para Tal, que caminhava a meu lado, respirando pesadamente dentro de seu cachecol, no frio, os olhos grudados no chão.

Na manhã seguinte, eu o vi novamente. Agora, tinha certeza de que era um homem. Eu o vi novamente, mais uma vez dei uma segunda olhada e ele havia sumido. Mas eu tinha notado — ou pensei que tivesse notado, ou depois me convenci de que tivesse notado — um paletó marrom, que podia ou não ter um padrão xadrez irregular e um comprido cachecol listrado de azul e branco.

Perguntei a Tal se ela havia notado alguém caminhando atrás de nós. Ela disse que não tinha visto ninguém e deu de ombros para isso. Fomos para o laboratório. Lembro-me daquele dia de trabalho tão bem quanto me lembro do meu próprio nascimento. Do que eu me lembro mesmo é do que aconteceu depois.

Quando deixamos o laboratório, naquele dia, havia algo de errado no mundo. O sol declinava fraco e laranja sobre os íngremes parapeitos dos prédios de pedras cinzentas sufocados pela hera. Era início de março. A neve no chão havia congelado e se transformado numa crocante camada semelhante a açúcar-cande de fino cristal prismático em cima da neve velha. Tal e eu caminhávamos quase em silêncio, ouvindo nossas respirações e os sons dos passos de nossas botas golpeando a carapaça de gelo sobre a neve. Quando chegamos em casa, Tal destrancou a porta da frente e a empurrou. No saguão, pisoteamos o chão com nossas botas para soltar a neve suja de lama das solas e penduramos os casacos nos cabides. O interior do apartamento estava frio. Fazia tanto frio dentro quanto fora. Isso porque alguém havia quebrado o vidro da porta dos fundos. O vidro que restava da porta de correr estava pendurado na armação na forma de triângulos dentados. Entramos na silenciosa sala de estar com nossas botas de neve. O vidro azul-esverdeado estava esparramado como açúcar, como areia, pelo chão de nosso apartamento. Cacos roçavam nossas botas e eram triturados

debaixo sob elas. Tal chamou duas vezes o nome de Lydia: a primeira, com a crescente inflexão de uma pergunta, e a segunda, alto, rígida e plenamente. Não houve resposta.

Lydia estava no quarto, no mesmo lugar onde a havíamos deixado naquela manhã. Nós a vimos deitada na cama. Tal viu-a deitada ali e, de imediato, virou-se e correu em direção ao telefone. Um momento depois, ouvi-a gritando e chorando no receptor do telefone da cozinha. O quarto estava escuro, as persianas fechadas. Lydia estava na cama, com sua camisola — naqueles dias, ela apenas vestia aquela peça de roupa de seda. A cama estava encharcada com seu sangue, encharcada e umedecida como uma esponja. Apertei os dedos no colchão e, como uma esponja, sua superfície se encheu de sangue, que emergiu e afundou à mera pressão das pontas de meus dedos. Suas pernas estavam dobradas para a barriga debaixo do lençol molhado. Seu cabelo louro salientava-se da cabeça em curtos ramos pontudos, pois sua cabeça fora rapada para a cirurgia vários meses antes. Os olhos estavam fechados. Os pés nus e ensanguentados emergiam de baixo do lençol. Um abajur, que estivera na mesa de cabeceira, estava emborcado e quebrado no chão. Fui até a cabeceira e coloquei as mãos sobre sua cabeça. Os olhos dela vibraram um pouco debaixo das pálpebras. Seu peito inalava e exalava ar. Tal voltou da cozinha e acendeu a luz do quarto e pestanejamos com a súbita luminosidade. Lydia gemeu. Tal puxou o lençol, mole e pesado com a umidade, do corpo de Lydia. Os braços e pernas dela estavam inchados e roxos com contusões. A parte de baixo de sua camisola tinha sido enrolada pelo avesso e empurrada para mais acima do umbigo. Suas pernas nuas estavam dobradas contra a barriga. Do meio das pernas, saía um cabo nodoso de carne vermelha, saía de seu corpo, e esse cabo de carne saía rodando e rodando dela e se ligava a uma coisinha que estava deitada ali na cama, a seu lado, em meio aos lençóis ensanguentados. Essa coisa tinha o tamanho

de cerca de dois pulsos juntos. Parecia uma marionete de borracha. Sua pele era vermelha e manchada de roxo. Os olhos estavam fechados. Estava enrolada sobre si mesma, com os joelhos recolhidos e longos e borrachudos braços enfiados debaixo do queixo. Tinha um rosto, um borrachudo rosto retorcido de gnomo. Suas abas redondas à guisa de orelhas emergiam direto das laterais de sua malfeita cabeça redonda tipo bola de borracha. A pele membranosa das orelhas era tão fina que chegava a ser translúcida — Eu podia ver nelas as ramificações de veias azuis. A coisa tinha a boca larga, com um longo espaço entre o nariz achatado virado para cima e o lábio superior. O fino e negro princípio de sobrancelhas brotava acima de seus olhos. A coisa tinha longos braços desajeitados e pernas curtas atarracadas. Mas seus dedos das mãos e dos pés — já com minúsculas unhas neles — eram tão delgados e tão delicados, tão inequivocamente humanos.

Já conseguíamos ouvir a sirene da ambulância que Tal havia acabado de chamar estridulando na rua lá fora, quando erguemos a vista e vimos escrito na parede. Foi algo que deixamos de ver, quando Tal e eu entramos no quarto naquela tarde. Havia algo rabiscado na parede de nosso quarto. Estava escrito acima da cabeceira da cama com hidrocor preta, em grandes letras maiúsculas:

SE UMA MULHER SE CHEGAR A ALGUM ANIMAL, PARA AJUNTAR-SE  
COM ELE,  
MATARÁS A MULHER E BEM ASSIM O ANIMAL; CERTAMENTE SERAO  
MORTOS;  
O SEU SANGUE SERÁ SOBRE ELES.  
LEVÍTICO 20:16

# Parte Cinco

Cavalheiros, tenham dó de mim. Eu sou ciência.

*Woyzeck*

## XXXIII

**N**aquela noite, fui levado embora. Fui drogado, despido e trancado numa jaula. Essa jaula não era diferente daquela em que eu fora colocado quando Lydia me levou do meu local de nascimento, na Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park, para o laboratório na Universidade de Chicago: era uma jaula temporária, feita para me transportar contra minha vontade a um lugar aonde eu não queria ir. Era apertada, de modo que não conseguia nem deitar por completo nem ficar de pé totalmente. Tinha como característica uma porta gradeada que se abria girando sobre dobradiças quando destrancada pelo lado de fora, a partir dos quadrados dessa porta gradeada, eu conseguia apenas me esforçar para ver o que me rodeava. Um odor repugnante enchia aquele cubo claustrofóbico, cheirando primeiro à indesejável mistura de plástico e químicos de seu material e, depois, assim que fui forçado em meu confinamento a mijar e a cagar dentro dele, fedendo à minha própria sujeira corporal.

Por que fui colocado dentro dessa jaula que descrevi? Por três motivos: (um) admito, para minha própria segurança, uma vez que acreditava que minha vida corria perigo; (dois) suponho, para a segurança de outros, pois devo confessar que naquela noite fiz uma porção de choradeira e trincado de dentes, e de agitação de braços, de cuspidelas, de gemidos, de gritinhos agudos, de berros e devo até mesmo, humildemente, admitir que meu comportamento desassossejou e incomodou os humanos que se encontravam na ocasião em minha presença — que eu estava me exibindo, a

despeito de minha articulação e minha erudição, para me tornar inapto, ao menos temporariamente, à liberdade de contato social irrestrito com e dentro da (por favor, Gwen, certifique-se de destacar esta próxima palavra com aspas amargamente zombeteiras) “civilização” humana; e (três) por causa do transporte. Pois, forçosamente, eu seria realocado. Onde? Leste. Por quê? Para o meu aprisionamento.

Aconteceu assim. Estávamos de volta ao hospital. Aquele lugar onde, ultimamente, tínhamos passado por uma porção de períodos infelizes. O mesmo gigantesco hospital universitário de antes: o bebedouro que arrotava bolhas, o aquário, as cadeiras de couro cor-de-rosa na sala de espera, as mesinhas abarrotadas de reluzentes revistas amarrotadas, o penetrante odor de líquidos antissépticos. Fui com Tal na parte de trás da ambulância, com Lydia deitada de costas numa maca. Uma viagem sacolejante, ainda bem que breve em termos de duração. O uivo, igual ao de uma *banshee*, da sirene acima de nossas cabeças, sacos de plástico transparentes balançando-se de ganchos no teto, tubos, máquinas, equipamento. Lydia inconsciente, coberta de sangue. Primeiro os paramédicos cortaram o cordão umbilical que ainda a ligava ao nosso filho morto arrancado precocemente de seu útero. Sombrias expressões e frases médicas flutuavam em volta de minha cabeça, entre eles: “hemorragia aguda”, “perda de sangue”, “aborto provocado”. As portas traseiras do veículo se abriram com um estrondo e saltamos para fora. Levaram Lydia embora na maca, empurrando-a e levando-a ruidosamente para uma parte secreta do labirinto do hospital, ao qual Tal teve acesso permitido, mas eu não, sei lá por quê. Fui deixado sozinho na sala de espera, tendo por companhia apenas a senhora que atendia no balcão do ps e o tanque cheio de malditos peixes. Foi então que toda brandura e a compreensão de minha humanidade adquirida escaparam temporariamente de minha alma, deixando somente a confusão do animal.

Então dois homens grandes e violentos metidos em macacões turquesa emergiram de algum lugar oculto, me perseguiram até me segurar pelos braços, e um deles surgiu com uma seringa hipodérmica. Eles usavam luvas brancas de borracha. O tal com a seringa pressionou o êmbolo e fazendo com que o desprezível líquido contido no interior de seu tambor, fosse ele o que fosse, esguichasse ligeiramente da ponta da longa e aterradora agulha e então bateu duas vezes nela com o dedo. Enfiou a agulha em uma veia do meu braço e empurrou o veneno para dentro de mim. Admito que talvez eu tenha causado um tumulto. Admito que, quando fui deixado sozinho pelos meus humanos, talvez eu tenha começado a gritar. Admito que talvez eu tenha corrido em volta da sala numa enlouquecida apoplexia de fúria. Admito que talvez eu tenha revirado mesas e cadeiras. Admito que eu talvez tenha mordido uma certa mulher, uma completa desconhecida, o quão gravemente não sei, na perna. Admito que talvez minha língua tenha provado o tépido e forte gosto de cobre do sangue. Admito que talvez eu tenha — por algum motivo que, na ocasião, deve ou não ter feito sentido para mim — dado um puxão na perna do móvel que sustentava o aquário, e, admito, o aquário deve ter caído, e talvez até tenha se espatifado no chão da sala de espera do PS com catastróficos violência e ruído, e a água talvez tenha escorrido rapidamente pela sala e se derramado pelos degraus que levavam para o saguão abaixo e até a porta, e talvez tenha deixado um cheiro de podre, e os chatos e translúcidos corpos triangulares dos peixes-anjos talvez tenham ficado deitados, boquiabertos, sacudindo-se, morrendo no chão da sala de espera em meio a dispersos e quebradiços cascalhos cor-de-rosa cobertos de limo e vidro quebrado e cacos de cerâmica de um mergulhador de águas profundas com uma arca de tesouro de cerâmica. Admito que eu talvez também tenha mordido o homem que selvagememente me manteve deitado no chão enquanto o outro enfiava aquela agulha

da seringa cheia de veneno em minha corrente sanguínea, para me fazer dormir, e o homem mordido talvez tenha xingado e berrado, pois talvez eu tenha mordiscado seu antebraço com tal ferocidade que foi uma puta sorte ele já se encontrar num hospital, pois seu ferimento talvez tivesse realmente necessitado de imediata atenção médica. Ergui a vista para o teto, nebulosamente, o soporífero compulsório formigando rapidamente pelo meu sangue. Vi as pás de um ventilador de teto girando acima de mim. Fechei os olhos.

Quando meus olhos se abriram, eu estava numa jaula. Quatro paredes, um teto, um chão: sem chance de sair. Pelo insignificante quadrado de visão que me era dado sobre o mundo fora de minha jaula, ainda menor por conta do recorte para uma grade de quadrados feita pelas barras de metal cujas linhas se cruzavam, eu vi um comprido chão metálico, ondulante com corrugados, e, mais além, uma parede de metal ligeiramente curvada. Ouvi um zumbido baixo, uma espécie de ronco que produzia aquele salão de armazenagem ou porão de carga — pois era isso que parecia ser —, uma característica acústica que entorpece os ouvidos, sufoca. Minha cabeça estava grogue, enjoada, quente e o sangue, viscoso, como se meus ouvidos estivessem tapados com cera. Esquadrinhei com os dedos as reentrâncias de minhas gigantescas orelhas redondas e nada encontrei nelas. Percebi que, escancarando bem a boca ou estalando a mandíbula, essa sensação de ouvido tapado com cera diminuía, embora apenas ligeira e temporariamente. Eu também tinha uma sensação inédita em minhas entranhas, pois havia uma inconstância estonteante na qualidade da gravidade naquele salão. Concluí, portanto, que estava a bordo de um barco que velejava pelo mar. Eu nunca tinha estado antes a bordo de um barco, mas tinha ouvido e lido relatos de várias fontes sobre essa experiência, e essas descrições de que me recordei pareciam aproximadamente associadas ao que eu vivenciava na ocasião: aquelas nauseantes arfagem e balanço do salão, aquela sensação de inclinação e de

sinuosidade, meu corpo ansiando por terra firme, pela confiança na gravidade para manter os pés plantados confortavelmente no chão. Fiz um ruído, apenas para ouvir a mim mesmo. Gritei: “ALÔ!” Foi difícil ouvir com aquele suave ruído vibrante que se espalhava por todo o salão. Ninguém respondeu. Eu estava sozinho. Empilhado naquele aposento comigo estavam todos os tipos de engradados, caixas, sacos, malas — malas? — por que malas? Fosse qual fosse a viagem em que estávamos, ela parecia ser longa. Estava frio no porão de carga daquele navio. Meus sequestradores tinham me fornecido um cobertor fino, roto — seu único assentir humano para questões de meu conforto — e, nesse delgado pedaço de pano, enrolei-me firmemente para combater minha tremedeira até o fim da viagem, aguardando silenciosamente o meu destino. Mas esse navio não se aproximou lentamente do porto e manobrou nas docas para largar âncora, como eu havia esperado, baseado em minhas eventuais leituras sobre assuntos náuticos, mas, em vez disso, o som do ronco vibrante que permeava toda a escura sala metálica subitamente aumentou de intensidade e subiu de volume, ao mesmo tempo que sentia todas minhas preciosas entranhas saltar para a garganta com a doentia folia da nave. Sabe, Gwen, eu não estava num navio navegando pelas ondas borbulhantes como havia pensado, mas voando pelo céu, num avião — e estávamos descendo. O som do bramido do motor a jato, ao nos aproximarmos da superfície da terra, era mais aterrorizante do que um trovão — pois era obra do homem — e meu coração quase explodiu de medo quando senti o que agora acho que era o sacolejante *b-baam* das nossas rodas fazendo contato com o solo. A isso se seguiu um período de relativa calma. Ainda sentia a movimentação na barriga, mas acreditava que nossa nave, agora pousada, tinha diminuído a velocidade para um suave rastejar, e a terra abaixo de nós era perfeitamente plana. Então paramos. Ouvi o sibilar e os suspiros da despressurização. O ronco reverberante de todo o

conjunto ambulante foi abruptamente encerrado, e o silêncio penetrou o vácuo auditivo deixado em seu rastro. Ouvi ruídos acima de mim, deslocando, chocando-se, batendo. Então uma porta se abriu. Ouvi um fecho de pressão se soltar, o destrancar de um alçapão, algo guinchando em dobradiças de metal e, então, a maravilhosa fuga auditiva para o mundo exterior. Dois pares de botas ressoaram arritmicamente sobre o chão de metal corrugado. Vieram direto para mim.

— Aí está ele.

— Coitado.

Decidi fingir que estava dormindo. Caí num sono exagerado debaixo do meu cobertor. Ouvi as botas soarem mais perto, e senti a presença de alguém se curvando para bisbilhotar pela porta de minha jaula. Não ousava abrir os olhos.

— Está cheirando como se ele tivesse mijado na jaula.

— Aonde ele está indo?

— Westchester. A Universidade de Nova York tem um laboratório de pesquisas lá.

— Que porra aconteceu com o cabelo dele?

— Sei lá. Dizem que caiu todo.

— Ele está legal? Parece doente ou coisa assim.

— Derrubaram ele com tranquilizantes. Disseram que ele provavelmente dormiria o tempo todo. Este macaco está apagadão.

— Olhe só o coitadinho, apagado, despelado e essa merda toda.

— É uma história triste. A dona que estava com ele é uma doente terminal. Tem câncer no cérebro. Além disso, foi atacada ou coisa assim. Uns fanáticos religiosos tentaram matar ela. Isso tudo aconteceu ontem. Ela está muito mal. Aí, esse sujeitinho aí pirou por completo. Não se sabe por quê, ele estava no hospital com ela, em Chicago.

— O quê? Não.

— Foi. Ele começa a destruir tudo por lá, dizem que quebrou um aquário ou coisa assim. Aí apagam ele, lhe dão *boa* noite. Mas ninguém sabe o que fazer com ele. Dizem que alguém ligou para alguém e coisa e tal, e o pessoal do laboratório médico dessa Universidade diz que eles querem ele. Sempre precisam de chimpanzés. Por isso, ficaram com ele.

— Então é aquela dona maluca que andou fodendo com seu chimpanzé de estimação?

— Essa mesmo. E este é o chimpanzé.

— Eu ouvi a história no noticiário. Que puta cagada.

— Vamos. Você segura desse lado.

— A gente tem o endereço?

— Eu conheço o lugar. A gente pega a Whitestone e entra na Hutch.

Ouvi um empurrão e um deslizar, então me senti ser erguido.

— O filho da mãe é *pesado*.

Minha jaula sacudiu e pendeu quando os donos das vozes me carregaram embora. Abri um dos olhos, só um tantinho. Vi o tronco de um dos homens, bem do lado de fora da janela da minha jaula. Ele usava um uniforme verde-escuro. Ele e o outro homem, que eu não conseguia ver, me carregaram para fora do porão de carga do avião e para baixo, por um lance de escada. Era dia, estava frio e ventoso. Eu tremia debaixo do fino cobertor. Eles levaram minha jaula em cima de uma enorme placa de concreto cinza e a depositaram na traseira de uma carreta. Os dois subiram para a dianteira do veículo e começamos a nos afastar. Pela pequena janela gradeada e com apenas um olho, semiaberto por precaução, olhei para além daquela extensão de concreto cinzento entrecruzado por longas linhas curvas de tinta amarela: vi máquinas enormes pousadas sobre ela; vi pessoas se movimentando sobre ela a pé e em veículos; vi um céu azul sem nuvens assomando acima; e, a distância, vi muitos prédios altos e resplandecentes. Vi

um rendado de ouro, cobre, prata, ferro, aço — arranha-céus —, as treliças de pontes, linhas de força, torres de rádio, chaminés e antenas. Tudo isso parecia semelhante ao que poderia ser encontrado em Chicago — semelhante em modelo e forma e caráter, e provavelmente semelhante também em finalidade —, mas não reconheci nada disso, o que me revelou que eu tinha sido levado para outra cidade, outra parte desta civilização, uma que, aparentemente, era maior ainda do que minha adorada cidade natal. Que cidade nesta terra, perguntei-me, poderia possivelmente ter sido construída maior e mais alta que Chicago? Seria o mundo tão insaciável? Que necessidade concebível haveria para uma cidade ser ainda maior, mais espaçosa, mais complexa e mais poderosa do que Chicago, do que a minha Chicago?

Os dois homens me transportaram no pequeno veículo através daquele oceano de concreto, estacionaram e saltaram. Fechei os olhos novamente em meu sono fingido. Então, na escuridão, senti-me ser erguido em minha jaula, carregado por uma pequena distância e colocado no interior de um recinto quente e silencioso. Ouvi que portas de carro foram batidas, se abriram, bateram, trancaram com estalidos decisivos. Ouvi um rádio ser ligado com música. Permiti que meus olhos se abrissem e percebi que estava na área de carga de uma van. Não conseguia enxergar fora dela. Calculei que a última etapa de minha viagem forçada — que foi por estrada — teve cerca de uma hora de duração. Eu não consegui ver nada. Os homens conversavam no banco dianteiro, mas, por causa do batimento do motor da van, não conseguia ouvi-los. Em certas ocasiões, avançamos rapidamente e, em outras, nos arrastamos com vagar. A van enfim parou, com um ganido de freios e um sacudir do motor. Fechei os olhos. As portas se abriram, eles me pegaram e carregaram, ofegando e resmungando. Abri um cauteloso pedacinho do olho, o suficiente para ver que me carregavam para um prédio — um prédio atraente, grande, limpo,

institucional, o tipo de lugar com o qual estava mais familiarizado do que gostaria. Carregaram-me por corredores intensamente iluminados. Escutei as botas dos dois homens ranger nos duros assoalhos brilhantes. Corredor, elevador, corredor, portas. Levaram-me por uma comprida passagem até uma cavernosa sala obscura. O chão de concreto declinava no meio para um vale pouco profundo, com drenos de ferro encardidos, e o aposento emitia de maneira densa e pura os odores de excrementos de animais. Mas os sons do aposento, uma cacofonia de latidos, uivos, pios, gritos, estalidos, esfregados, arranhados, chilradas, chocalhadas e pancadas, se erguiam como um vômito auditivo no nojento e imundo ar de ambos os lados do aposento — estávamos descendo, como se conduzidos pela mão de Virgílio, os cavernosos degraus para o inferno, deixai toda esperança, ó vós que entrais — esses eram os ruídos da masmorra, como sons sugeridos por um quadro de Hieronymus Bosch de dor incessante, de sofrimento, de Inferno. Havia jaulas e, dentro delas, rostos torcidos, berrantes, os gestos ridículos de macacos com testas abominavelmente baixas. De cada lado do aposento havia três longas filas de jaulas metálicas, uma sobre a outra, e cada qual continha um chimpanzé. Aquele aposento era uma prisão, um jardim dos suplícios, um hospício para as sujas, enlouquecidas, raivosas e doentes criaturas trancadas para sempre em celas de 1,5 x 1,5m, até a morte livrá-las da dor, presas e torturadas por crimes que elas desconhecem. A curiosidade doentia superou minha cautela e, horrorizado, abri os dois olhos. Eu os vi: seus braços e dedos magros tomados pelas doenças, mordidos por parasitas e malnutridos pendendo, fracos, frouxos, patéticos, dos espaços entre as barras de suas jaulas, os olhos amarelo-mijo turvos com icterícia, arruinados sabe-se lá com que doenças artificialmente injetadas — Aids, hepatite —, suas mentes e corpos assolados por ódio e tristeza e loucura e medo. Eles se sacudiam, tremiam, batiam o punho contra a cabeça e

estrangulavam as barras de suas jaulas, eles gritavam em desespero. Aquele era o lugar para onde eu fora trazido. Fechei os olhos.

Eu não ficaria naquele lugar. Não. Eu me recusava. Meu orgulho não me deixaria. Orgulho? Ou seria minha vaidade? Tudo bem: chame de vaidade. Sem falar no meu medo. Não me importa como chamem o motivo para eu fugir, mas tinha de fugir. Não viveria ali, não morreria ali. Pensei: seus filhos da puta, vocês não podem me manter aqui. Vou descobrir um meio de sair, vou arranhar e morder e lutar por um meio de sair, se for preciso, e estou me lixando para quem eu ferir no processo. Vocês não são meus donos. Não doarei minha vida à ciência. Não doarei minha vida à medicina humana. Se meu corpo pudesse fornecer os dados que curassem cada doença existente no mundo, mesmo assim não os deixaria tocar nele. Não, Homem, você *não* terá domínio sobre *mim*.

Os dois homens que haviam me trazido para cá pararam e baixaram minha jaula para o chão de cimento fedendo a mijó.

— Cuidado quando a gente transferir ele. Não vamos querer que ele saia correndo e dê trabalho para a gente. — Senti o olhar do homem sobre mim através das barras da jaula. — Ora — completou ele. — O sacaninha careca está dormindo como um bebê.

— Ótimo.

Senti e ouvi a porta da jaula ser destrancada. Ela se abriu com um rangido agudo. O homem cutucou meu flanco falsamente adormecido com o dedo.

— Está apagadão.

— Então venha. Vamos logo com isso.

Duas grandes e quentes mãos humanas entraram na minha jaula e agarraram meus braços. Embora meu coração martelasse nas costelas e meu estômago tremesse, fiz tudo que pude para continuar fingindo que dormia. Tentei relaxar completamente, deixar frouxo cada músculo dentro de mim, ficar mole, tão mole e

sem ossos como um boneco empalhado, como uma marionete. As mãos me arrastaram para fora da jaula. Deslizei pelo chão frio. Ele me levantou pelos ombros. Deixei minhas pernas bambolearem como trapos.

— Muito bem, agora abra a jaula.

Abri os olhos e mordi o mais forte possível o antebraço do homem que me segurava. Deixei que os dentes penetrassem bem fundo em sua pele. Senti-os pressionando através de tecido e pele e músculo e até apertarem o osso, e afastei a boca com as mandíbulas travadas.

— PORRA! — asseverou o sujeito. Ele me largou.

O sangue escorria rapidamente para fora do punho da manga de seu uniforme verde. Saboreei aquele quente gosto de cobre em minha boca. Os chimpanzés aprisionados à minha volta, em três filas que se estendiam ao longo de cada longa parede — eles guincharam, gritaram, estrondearam em suas jaulas, um pandemônio de ruídos igualmente animalesco e metálico. O outro homem ficou parado em silêncio, chocado, ao lado da porta aberta da jaula vazia onde supostamente deveriam me enfiar, colocada diretamente entre as paredes de duas outras jaulas, cada qual contendo um único e miserável chimpanzé doente. Eu permaneci nu diante deles sobre o chão de concreto. Vertia sangue do braço do homem que eu havia mordido. Os dois me olharam por um momento, ansiosos demais, por causa da surpresa, para fazer qualquer coisa durante um brevíssimo momento. Nesse instante, ergui a mão direita, com os dedos indicador, anelar e mínimo recolhidos para a palma, mas com o segundo dedo após o polegar bem esticado para cima para eles verem. Para que os nossos leitores não confundam o geral pelo particular, deixem-me esclarecer: isso vai para toda a humanidade.

— HA! — informei-lhes. E, assim dizendo, virei-me, movendo-me bruscamente sobre os calcanhares para girar meu corpo e me

afastar deles de modo a encarar a outra direção, olhei pelo caminho de jaulas em direção à porta ao final dele, ao mesmo tempo em que, de costas, mostrava-lhes meu traseiro pelado e minha bundinha nua — e corri.

Puxa, cara, como eu corri.

Não tive tempo de me orientar. Meus nervos inundados de adrenalina tremulavam de pânico. Aqui, Gwen, é onde solto um suspiro de brando remorso porque a narrativa que relato precisa agora enfiar seus dedos, como sempre, levemente no caricatural, até mesmo no grotesco. Que assim seja. Contar é preciso, pois é verdade.

Desajeitado, de quatro e confuso, sendo meu corpo uma bola explosiva de energia movida a medo, corri pelo corredor entre as duas paredes de jaulas cheias de chimpanzés — chimpanzés como eu, mas como eu apenas por um acidente genético de nascimento — todos gritando, os dentes rangendo, sacudindo as jaulas, gemendo em suas deploráveis caixas metálicas. Subjugados, condenados. Eu gostaria de ter podido abrir suas jaulas, libertá-los. Eles gritavam para mim, enquanto eu corria, talvez um pouco por inveja ou admiração graças a minha louca investida, e outro tanto em apelo pela sua própria liberdade — mas eu não tinha tempo de bancar seu libertador, eu tinha de me libertar!, e, por isso, corri. Disparei impetuosamente entre eles em direção à porta. O outro homem, o tal que eu tinha deixado fisicamente impune, começou então a me perseguir, tendo se recuperado da surpresa inicial que lhe causei, enquanto o homem que eu havia mordido cambaleava, rosnando roucamente de dor, segurando o braço que sangrava, na outra direção, para a extremidade oposta do aposento onde havia outra porta — para disparar algum tipo de alarme? Fui de encontro à pesada porta dupla de vaivém no fim do corredor e saí num saguão, lançando olhares ansiosos a minha volta, em busca de algo que estivesse ao alcance do braço para bloquear as portas e, sem

nada encontrar, escolhi uma direção e continuei a correr. Então o clangoroso mugido elétrico soou por todo o prédio — *era* um alarme! — e vi uma luz branca perfuradora de retina tremulando de uma máquina vermelha no canto de uma parede. O ruído era tão alto que rilhava os ossos. Portas ao longo de todo o corredor se abriram com uma pancada forte e homens e mulheres de jaleco branco com olhares confusos surgiram cambaleantes de dentro delas, pestanejaram, olharam em volta e gritaram quando me viram passar me arrastando por eles, pulando nas paredes, balançando-me nos canos do teto, correndo entre suas pernas, derrubando-os no chão. Ouvei o tumulto de pés perseguidores no corredor atrás de mim. Escolhi uma porta ao acaso e disparei por ela, encontrando do outro lado uma escada de emergência. Comecei a descer a espiral retangular de escadas metálicas pintadas de branco. Todo o prédio rugia e faiscava com o alarme. Não tinha descido dois lances, quando meus perseguidores passaram pela porta atrás de mim. Eram homens em reluzentes macacões azuis — todos tinham walkie-talkies presos ao cinturão e à roupa, bipando, triturando e grasnando com estática, e carregavam agulhões elétricos. Pulei por cima do corrimão e desci pelo vão, saltando de um andar para o seguinte com minha agilidade animal, agarrando-me, balançando-me, largando-me, precipitando-me abaixo do vão da escadaria com meus longos braços e quatro mãos. A estonteante espiral de escadas acima de mim encolhia retângulo após retângulo até o teto. A escadaria balançava e retinia com sapatos e o alto aposento vazio ressoava de cima a baixo com os ecos de vozes humanas que berravam. Saltei para o patamar seguinte e avistei uma porta com uma janelinha, e vi que esta brilhava com a luz natural do sol e do céu. A luz verde de uma institucional placa de SAÍDA brilhava acima da porta. Joguei-me contra o trinco da porta, ele se abriu e eu estava do lado de fora. Eu estava no beco atrás do prédio. Olhei para a

direita: um comprido muro plano de tijolos, mais além do qual pude ver o que parecia ser um estacionamento. Olhei para esquerda: mais parede, vários contêineres de lixo, mais estacionamento. Olhei para a frente: um alambrado com arame farpado enrolado ao longo do topo. Mais além da cerca: uma floresta de finas árvores marrons mortas — e a possibilidade de fuga. Agora eu estava escalando a cerca, que balançava com meu peso contra seus suportes, metal soando contra metal, e ouvi a maçaneta da porta se agitar ao se abrir às minhas costas. Não olhei para trás. Escalei até o topo da cerca e arrastei meu corpo nu através do arame farpado enrolado. Senti as lâminas lacerarem minha carne em dezenas de lugares, enquanto escalava através dele, cego pelo pânico e sem pensar no que fazia. Ouvi tiros, tiros de verdade atrás de mim, mas as balas não me acertaram. Eu já estava me balançando com meus longos braços, impelindo-me através dos galhos secos das árvores, em meu movimento braquiado de copa em copa, antes mesmo de sentir a dor ou ver o jorro a liberdade fluente de meu próprio sangue brilhante deixar meu corpo.

## XXXIV

**N**o dia anterior (ou qualquer dia que tenha sido — minha noção de tempo estava adulterada, o encadeamento de lembranças que me trouxe até aqui emboladas em um nó) eu tinha acordado em Chicago — e agora aqui estava eu, muito longe, num lugar desconhecido, nada menos do que numa árvore e, assim como meus pais antes de mim, nu. E sangrava profusamente. Eu havia me cortado muito naquela cerca. Havia cortes pelas duas pernas, em meu peito e em meus braços. No entanto, não eram cortes feios — eles, na verdade, são menos dolorosos —, mas talhes finos, precisos, profundos. Eu estava coberto de sangue. Eu estava imundo. Eu estava com fome. Eu estava com sede. Eu estava perdido. Oh — e, por estarmos em março, acho, embora não fosse abjetamente congelante, fazia muito frio. E não vamos nos esquecer de que eu também estava sem pelo e, para acrescentar ultraje à minha porção de ferimentos, nu: portanto, eu tremia. E sabia que eles viriam me caçar. Consequentemente, era esta a minha situação particular: desanimadora. Fiquei sentado ali um pouco, os braços abraçados às pernas para aquecer, balançando-me para a frente e para trás, sangrando numa árvore.

Aos poucos, o sangramento parou, mas minha pele formigava, hipersensível, inchada de dor por dias subsequentes. Ainda tenho leves cicatrizes brancas. Após escapar do laboratório de pesquisas biomédicas, irrompi cegamente através do mato naquele lugar ainda sem nome para mim, até chegar a uma estreita estrada pavimentada com uma vala rasa correndo a seu lado. Caminhei de

maneira árdua, durante algum tempo, pela vala, meus pés descalços pisando em pedras e gravetos e chapinhando na lama, mergulhando para me esconder debaixo de lixo e folhas mortas e agulhas de pinheiro todas as vezes que escutava um carro se aproximar. Perdi-me em outra moita daquelas árvores espigadas, nodosas e marrons, pelejei através de folhas e arbustos até chegar a um pequeno lago, que estava congelado exceto por um buraco no centro. Na beira do lago, golpeei o gelo até chegar ao líquido e bebi com as duas palmas em concha e limpei meus ferimentos com punhados gotejantes de água gelada. Meus dedos ficaram dormentes e se tornaram azuis. Fui estalando e chocalhando meu caminho entre árvores e mais árvores e através de triturantes pilhas de folhas, gravetos, lama, terra e dura neve velha e cinzenta.

A princípio, pensei que estivesse nas profundezas de alguma selva desconhecida. Ocorreu-me como uma mudança *gestalt* — como no exato momento em que você percebe que os espaços negativos em volta daquela taça formam as silhuetas de dois amantes prestes a se beijar — quando me dei conta de que não estivera numa selva, mas, na verdade, em uma área de mata de um grande parque ou coisa semelhante, que se localizava na periferia do que parecia um tranquilo subúrbio arborizado de classe alta. Eu só me dei conta disso quando cambaleei — debilitado, enlameado, raiado de sangue, nu — para fora dos arbustos e penetrei no quintal de alguém. Mais além do quintal, havia uma casa suntuosa, uma grande amostra de arquitetura Tudor, coberta de hera, com telhas de madeira, revestida de pedras e vigas expostas pintadas de branco e marrom, repleta de coruchéus e torrinhos e janelas com vidros em forma de diamante colocados diagonalmente em grades transversais. Uma grande varanda de tijolos derramava-se da porta dos fundos da casa e descia por uma série de degraus rasos e largos até um longa extensão de gramado, o qual, tenho certeza, tremeluzia como uma esmeralda no verão, mas, naquela ocasião,

estava marrom e amarelo por causa do inverno. Havia uma piscina vazia perto da casa, com listras alaranjadas de ferrugem se derramando como baba dos rebites nas paredes de mármore azul-esverdeado de visgo branco. Na parte mais baixa do gramado inclinado, havia um brinquedo de playground: uma escada levava a duas vigas paralelas de madeira ligadas por barras metálicas, enquanto, de uma dessas vigas de madeira pendiam dois assentos de balanço com correntes frouxas — uma das correntes estava de tal maneira entrançada que o balanço se torcia num ângulo — e isso estava preso a uma plataforma de madeira abrigada por um pequeno telhado e com acesso por uma escada e um brilhante escorrega de plástico vermelho se precipitava para a terra do deque da plataforma. Isso me lembrou a mobília do *habitat* de chimpanzés que dividia com minha família original no zoológico. A estrutura parecia ter caído na falta de uso habitual, por causa da ferrugem no metal e os lascados na madeira. Ao lado, havia uma caixa de areia: vários brinquedos esquecidos jaziam parcialmente enterrados na areia endurecida pela geada. Perto disso tudo, ficava uma casinha cor-de-rosa. Creio que seguramente podia ser chamada de uma “cabana”. A casinha ficava distante da grande: isso me lembrou a casinha/casa grande do Rancho Lawrence. Do interior da casa (da casa grande), ouvi o latido maníaco de um cachorrinho — latindo, mais certamente, para mim. Aproximei-me da casa.

A pequena cabana tinha mais ou menos o tamanho de uma pequena garagem. Foi construída para imitar uma habitação humana, mas tudo em miniatura. A porta, por exemplo, não fora feita na escala humana — tinha apenas cerca da metade da altura de uma porta de acordo com os padrões da arquitetura moderna. Duas janelas fechadas ladeavam uma porta inativa no centro de uma parede, com canteiros de plantas cheios de flores mortas debaixo de cada janela. A porta propriamente dita tinha um topo arqueado, e era cor-de-rosa, com um coração branco decorativo no

meio. O coração era duplicado em cor-de-rosa nas bordas acima de ambas as janelas. Quando me aproximei, percebi que a coisa toda era feita de plástico, feita para imitar a aparência de madeira pintada.

Experimentei a maçaneta — que também tinha o formato de um coração — , descobri que estava aberta e entrei. A porta era tão baixa que eu, com meu 1,15m, passei por ela tendo apenas alguns centímetros de espaço sobre minha cabeça. Fechei a porta atrás de mim. Lá dentro era fresco, mas suficientemente aquecido. A casinha estava entulhada com objetos de uma infância americana: brinquedos e jogos e lápis de cera e hidrocores e bichos de pelúcia. As paredes internas eram tão cor-de-rosa quanto o remédio gastrointestinal que Lydia às vezes insistia que eu engolisse quando tinha dor de estômago, e também estavam cobertas com imagens de corações e flores e, da mesma forma, sujas com impressões digitais e os rabiscos incorretos de crianças com lápis de cera e hidrocor. Um pequenino serviço de chá pousava sobre uma pequenina bandeja em cima de uma toalha de mesa de renda branca disposta sobre toda a superfície de uma pequenina mesa de chá feita de um primoroso trançado de arame. Entre as xícaras, pires e bule de plástico, um vaso plástico se destacava como centro de mesa. Da beira da mesa salientavam-se os caules verdes de flores de pano. Em cima da mesa, juntamente com toda aquela louça vitoriana de mentirinha, estavam espalhadas diversas pequenas imagens de borracha de belas mulheres nuas, proporcionalmente magricelas e de feições nórdicas, as cabeças com fluidos cabelos louros; as mulheres eram perturbadoramente assexuadas, com seios planos sem mamilos e nenhuma genitália discernível em suas virilhas, e uma delas, talvez devido a um inimaginável acidente, estava sem um dos braços, pois apenas um pino de plástico da mesma cor de sua pele se salientava do encaixe do ombro. Quatro pequenas cadeiras que combinavam com a mesa

de arame a circundavam, e as grumosas formas sem vida dos bichos de pelúcia tinham sido enfiadas nos assentos de três das cadeiras: um coelho, um urso e um pato (três animais que, na vida silvestre, obviamente jamais se sentariam juntos em pacífica comunhão); a quarta cadeira estava vazia — reservada, talvez, para Elias. Os cantos do aposento se encontravam obscurecidos sob montes de outros bichos de pelúcia: toda uma desordenada coleção de animais, como ursos, pássaros, coelhinhos, cavalos, vacas, camelos, marsupiais, aves aquáticas, furões, texugos, macacos e, sim, chimpanzés. No meio de todas essas criaturas, de todos esses animais com seus doces e apáticos olhos de bolinha de gude que não piscavam e pano no lugar de pele e enchimento de algodão em vez de ossos e sangue, eu me escondi. Enfiei-me bem fundo por baixo deles e eles se fecharam em volta de mim, envolvendo meu corpo com calor — meu corpo frio, ferido, trêmulo, nu — e, estando fraco e destruído pela batalha em meus ossos doloridos, com medo e caçado e com frio e faminto e com mil outros espinhos picando minha privação de fugitivo, fiz deles um ninho macio e minha mente penetrou delicadamente nas trevas do sono, sono verdadeiro.

Mais tarde — não faço ideia exatamente de quanto mais tarde —, minhas narinas me acordaram. Senti o odor característico de fumaça de cigarro. A memória sensorial me levara, pouco antes de eu acordar, a sonhar com meu pai. Pois ele, gordo, malvado, implacável Rotpeter, meu pai biológico era o único a quem eu associava aquele velho cheiro rançoso, meio doce e meio fedorento. Eu o vi montado sobre um tronco, em nosso *habitat* de chimpanzés no Zoológico de Lincoln Park, fumando com seu fraco peito e seus amarelados dentes e tornando o nosso ar abafadiço com seu tabaco de combustão lenta adquirido desonestamente e guardado clandestinamente. Com delicadeza, empurrei para o lado a cortina de porcos de pelúcia que estava diante dos meus olhos e bisbilhotei: havia uma garota — uma garota bonita — vestida com

calça jeans e suéter azul-celeste com listras prateadas de caxemira. Seu cabelo era castanho como uma noz e partido de cima a baixo exatamente no meio da cabeça e caindo até mais além de seus ombros magros pelas laterais do rosto, que era redondo como a lua cheia e quase tão radiante com o lustro e a maciez de delicada juventude. A boca e a pele pareciam ter sido borrifadas com uma névoa de poeira de ouro e as unhas aparadas eram pintadas alternadamente de vermelho e verde, cores da árvore de Natal. Ela se sentou na quarta cadeira, a tal previamente desocupada ao redor da mesa de chá, na fofa, imóvel e muda companhia de urso, coelhinho e pato, fumando um cigarro. Foi o que me acordara. Ela levou o rolo branco aos lábios e aspirou levemente, e, ao fazer isso, a coisa crepitou ativamente na ponta, brilhou cor de laranja por um momento, então ela soprou a fumaça por entre seus reluzentes lábios com pó de ouro e, erguendo o dedo indicador, bateu nele até que um pedaço de cinzas se desagregasse para o interior da rasa xícara de chá. A beleza frágil da garota e a inocência infantil de seu entorno contrastavam numa aguda dissonância com a nocividade de sua atividade.

Devo então ter feito algum tipo de ruído, ou um movimento, ou então a garota sentiu que estava sendo vigiada, pois sua cabeça se moveu repentinamente na direção da pilha de bichos de pelúcia debaixo da qual eu me encontrava enterrado. Talvez ela pensasse ter ouvido algo e olhou, mas não tinha certeza do que procurava no meio da mixórdia de bichos de pelúcia empilhados no canto da cabana. Seus olhos esquadriharam perscrutadores os animais até ela olhar fixamente em minha direção. Eu pisquei. Ela gritou.

Ela tremeu involuntariamente, pulou aterrorizada, soltou gritinhos agudos e assim por diante. Bem, a garganta de uma garotinha humana é acusticamente única neste mundo, pelas puras qualidades hiperbólicas do som do qual é capaz: tão longo em duração, tão ensurdecidor em volume, tão agudo em altura! Eu

tive de colocar as mãos nos ouvidos senão a explosão dos meus tímpanos sujaria com ainda mais sangue seus bichos de pelúcia (eu já tinha sangrado um pouco neles) e, no processo de colocar as mãos nas laterais da cabeça — de modo a parecer o central dos Três Macacos Sábios —, meus braços magros sacudiram a pilha de animais, mandando-os num voo em todas as direções, e também me revelando da cintura para cima, e, ao me ver, os olhos brilhantes da garota embaçaram totalmente de medo, e ela gritou ainda mais alto. Então fechou a boca e a gritaria cessou.

— Não tenha medo — falei, tentando, suponho, parecer poderoso mas benevolente, como a voz de um anjo surgindo diante de um mortal. Ela não se deixou enganar. Jogou fora o cigarro e disparou para a porta. Saltei do meu ninho improvisado atrás dela, bichos de pelúcia quicaram e se espalharam por todo o pequeno aposento cor-de-rosa. Sua mão já estava na maçaneta em formato de coração, quando a interceptei. Agarrei-a pela cintura e tapei sua boca com minha mão, a qual, por sua vez, ela mordeu com espantosa ferocidade. Suponho ter compreendido, pois não sou nenhum inocente quando se trata de usar os dentes para me livrar de uma enrascada. Contudo, isso certamente doeu e eu berrei de dor, mas não a soltei. Ela esperneou e se contorceu nos meus braços, dando-me cotoveladas e tentando chutar minhas canelas com os saltos de seus sapatos.

— Por favor, não tenha medo! Por favor, por favor, não faça isso. Não quero machucá-la.

Ela agora estava chorando de medo, gemendo, agitando-se em meus braços. Arrastei-a para trás do aposento, na direção da fofa pilha de animais na qual eu dormi e empurrei-a para baixo, ao mesmo tempo em que agarrava os braços dela e os mantinha presos a suas costas. Rapidamente inspecionei minha mão: ela deixara uma inchada marca de mordida na dobra de carne entre o indicador e o polegar.

— Você é um monstro! — gritou ela. Não tentei corrigi-la.

— Por favor, me ajude. Não vou fazer nenhum mal — disse.

Eu ainda segurava os braços da moça atrás de suas costas, mas, com sua cabeça enterrada nos bichos de pelúcia, quando ela falava, as palavras eram abafadas.

— Você vai me estuprar?

— Não! — exclamei, com um tom ofendido.

— Então por que, porra, se escondeu nu na minha casa de brincar?

— Eu estava perdido, ferido e com frio!

— Por que nu?

— Por que não tenho roupas! Eles as tiraram de mim!

Ela parou de se debater debaixo de mim. Afrouxei o aperto em seus braços.

— Por favor, não grite nem fuja — pedi. Lentamente me pus de pé. Ao fazer isso, peguei uma zebra de pelúcia e, modestamente, coloquei-a sobre minha genitália. A garota também se levantou lentamente. Dessa vez, não fugiu, mas recuou, afastando-se de maneira cautelosa de mim. Aproximei-me da porta para evitar que ela fugisse, ao mesmo tempo em que mantinha a zebra presa a minha virilha.

— Que porra é você? — perguntou ela. — Você é uma aberração, tipo um anão, ou o quê?

— Estou chocado em ouvir essa linguagem vulgar vinda de uma boca tão jovem.

— Eu tenho *14 anos*, seu babaca.

Essa informação imediatamente se inoculou em meu coração e acrescentou afinidade por ela, pois eu também estava no meu décimo quarto ano. Ela pegou meus olhos indagando visualmente sobre o nosso ambiente.

— Isto é toda a minha porcaria de bebê, quando eu era criança. Era a minha Casa de Brincar da Princesinha.

— Por favor... — disse, ainda escondendo a entreperna com a zebra de pelúcia. — Preciso de ajuda, no mínimo, de roupas. Não tive a intenção de aparecer indecente diante de você.

— E aí, você é um anão ou quê?

— Em certo sentido, sou.

— Meu Deus, você tem uma aparência *tão* estranha. — Aproximou-se de mim, seu medo aplacado.

— Sinto muito se a assustei — disse.

— *Meu Deus*, eu pensei que você fosse me estuprar. Você está todo ensanguentado! O que aconteceu?

— Eu tive de atravessar arame farpado.

— Você está enrascado?

— Muito.

Ela notou que o cigarro que deixara cair pousara em sua xícara e ainda queimava. Apanhou-o, prendeu-o entre os dedos, deu-lhe uma tragada e amassou-o no fundo da xícara.

— Bem, vamos lá em casa — disse ela. — Mas minha mãe chega às cinco e meia. Você terá de ir embora antes disso.

Eu disse novamente e novamente “obrigado” até ela me mandar calar, e então fiquei em silêncio.

Ela me conduziu para fora da cabana de plástico cor-de-rosa e através do gramado. Eu não sabia por quanto tempo estivera dormindo. Durante o dia — se de fato aquele era o dia no qual eu tinha caído no sono —, nuvens cinzentas haviam apagado o sol e alguns flocos de neve flutuavam para a terra como se fossem cinzas. A garota abriu a porta deslizante de vidro para a enorme casa, onde um pequenino cachorro amarelo pulava para cima e para baixo diante de nós, latindo furiosamente.

— *Calaboca!* — vociferou a menina para ele, e o cachorrinho sumiu de vista num diminuendo de ganidos. A garota me conduziu pelo opulento interior da casa, através de uma cozinha, subindo um

longo lance curvo de escada, por um corredor, através de uma porta e para o interior de um quarto. Fechou a porta atrás de nós.

— Espere aqui — ordenou ela. Permaneci ali, ainda pouco à vontade, segurando a zebra de pelúcia sobre a genitália, enquanto ela saía do quarto e fechava a porta. O quarto estava decorado no estilo semelhante ao da Casa de Brincar da Princesinha: todo pintado por todo canto naquele levemente nauseante tom de rosa medicinal, com as vigas na cor branca. O quarto era amplo e se caracterizava por uma cama de quatro colunas com um dossel de gaze diáfana pendente. Empilhado sobre a cama havia um pequeno zigurate com ainda mais bichos de pelúcia. Mais daquelas imagens de borracha de lindas mulheres loiras jaziam espalhadas pelo quarto, e uma caravana de pôneis de plástico irrealisticamente coloridos trotava, os cascos congelados em meio a um passo no parapeito da janela. Os pôneis pareciam ter uma expressão tímida. Havia uma casa de boneca no chão, bissecionada, suas alas abertas nas dobradiças para permitir uma visão esquemática de seu interior. Isso e outros resíduos de meninice guarneciam o quarto, mas aquele era um quarto, como sua habitante, num estado de transição: eu podia ver a adolescência burguesa da garota assumindo o controle da decoração, os pôneis e as bonecas de plástico e os bichos de pelúcia relutantemente cedendo o lugar a pôsteres presos com tachas exibindo os rostos das estrelas da música popular e do cinema contemporâneos — de belos jovens com o cabelo molhado desgrenhado caído sobre o rosto e de lindas mulheres jovens seminuas, olhando das paredes para nós com olhos de pestanas grossas e viscosos de sexo. Enquanto observava os dois estágios da vida da garota representados na mudança de decoração — infância e adolescência —, eu me dei conta de que a transição não era dissonante, mas, na verdade, uma mudança tematicamente fluente. Os langorosos olhos saturados de sexo das mulheres que ela grudara em suas paredes por meticulosa

emulação já estavam ali, nas cabeças daquela bonecas que restaram da infância, e até mesmo nos olhos dos pôneis. As imagens em borracha de belas mulheres nuas que eu vira careciam de elementos sexuais (como os anjos!) meramente porque elas estavam ali para representar uma *ideia* antes da exposição dos *específicos*. Visto nesse contexto, todos os ornamentos do primeiro estágio — infância — não eram tão inocentes ou tão assexuados, mas, certamente, poderiam ser vistos como toda uma parte de cuidadosa preparação para o seguinte.

Um banheiro era contíguo ao quarto dela, onde me olhei num espelho pela primeira vez naquele dia e inspecionei os cortes em minha pele nua. A garota — cujo nome, disse-me ela, era Emily — voltou com algumas roupas para mim. Mas, antes, mandou-me tomar um banho, o que fiz. Isso tanto me limpou quanto me aqueceu. Eu estava tão sujo que a água que escorreu por minhas pernas e espiralou para o interior do ralo estava preta. Após o banho, a pequena Emily limpou meus ferimentos com bolas de algodão que ela molhou em álcool ardente e os cobriu com dezenas de *band-aids*. Fiquei deitado de costas em sua cama enquanto ela cuidava dos meus ferimentos. Tentei bancar o recatado diante dela, mas no seu ofício não absurdo de enfermeira, ela afastou minhas mãos que seguravam a zebra de pelúcia, mas não fez qualquer comentário sobre minha indecência. Ela me deu uma cueca, meias, calça de veludo cotelê e um pulôver de tricô verde tão verde quanto uma maçã verde. Todas essas coisas, é claro, eram grandes demais para mim; a calça, eu a tive de enrolar até acima dos tornozelos e apertá-la na barriga com um cinto que ela também me arranhou, e o pulôver verde descia frouxamente pelo meu corpo com as mangas penduradas. Ela contou que as roupas pertenciam a seu irmão mais velho, que estava fora, na faculdade, e não sentiria falta delas. Depois, ela desenterrou de um armário um velho par de sapatos de seu pai. Eram mocassins de

couro ligeiramente gastos e, como tudo o mais, grandes demais para mim, embora bastante úteis. Motivada então por minhas proclamações de sede e por minha barriga que roncava audivelmente com fome, ela até mesmo me trouxe comida e bebida. (Oh — o que seria de mim sem a bondade das mulheres?) Ela recuperou minhas forças com um copo alto de água e alimentos sortidos — um prato, um prato grande de *cookies* com chips de chocolate! — que ela arranjou em algum lugar no andar de baixo. Comecei a gostar dela um pouco, depois um pouquinho mais, e então nos sentamos em seu quarto e conversamos por um longo tempo sobre assuntos gerais. Ela cursava o primeiro ano, contou-me, uma caloura do ensino médio. Falou sobre seu pai e sua mãe e seu irmão mais velho num tom de biliosa vituperação e eu respondi que simplesmente gostaria de ter tido uma família como a dela e que ela deveria se considerar uma felizarda por ser criada num ótimo lar com uma excelente família e ela replicou, mostrando-me o dedo médio. Claro que ela perguntou sobre minha incomum situação, isto é, como fui descoberto escondido em sua “Casa de Brincar da Princesinha”, tremendo de frio e de medo, com a carne severamente lacerada, sujo de lama e nu. Embromei um pouco, gaguejei e, criativamente, perambulei da verdade — o que, admito, foi moralmente errado na teoria, mas correto na prática, uma vez que isso disfarçava e ocultava e mentia simplesmente sobre certas delicadas particularidades — creio que devo ter lhe contado que nasci com repulsivos defeitos congênitos e meus pais pobres tinham me vendido ainda em tenra idade para uma vida de servil aprendizado em um circo itinerante, do qual eu acabara de fugir (o que era bastante plausível) — se camuflei ligeiramente meus fatos autobiográficos foi somente porque tinha medo de como ela poderia reagir se soubesse a verdade.

A pequena Emily não sacou que o ser que a acompanhou em seu quarto naquela tarde e naquela noite era na verdade um

chimpanzé, e não apenas um chimpanzé qualquer!, mas Bruno, o chimpanzé falante de Chicago, que já atingira um dúbio e indesejado grau de fama, tanto por suas iniquidades quanto por suas realizações. A notícia de minha ousada fuga do Laboratório de Medicina Experimental e Cirurgia em Primatas (LEMSIP) da Universidade de Nova York em Hasting-on-Hudson, Nova York, que ficava próximo dali, foi primeira página dos jornais da manhã seguinte (espremida num cantinho da primeira página, mas na primeira página). Não creio, porém, que a pequena Emily tenha desconfiado de mim. Deixei que ela continuasse em sua crença de que eu era meramente algum tipo de anão deformado. É um atestado de seu excelente caráter o fato de ela ter me acolhido (o que é bastante incomum) e cuidado de meus ferimentos e me dado roupas, comida e abrigo. Após o choque inicial de me descobrir, ela percebeu que eu era articulado e, além disso, que eu era bondoso e que seu principal temor — de que viesse a sofrer algum mal em minhas mãos — minorava mais com cada minuto que passávamos conversando; mas suponho que o que a deixou à vontade comigo foi uma combinação da erudição que eu tinha adquirido e meu charme natural.

A pequena Emily e eu ficamos tão absortos em nossas conversas que ela se esqueceu da hora e, quando ouviu o som da porta da frente se abrir e se fechar, embora o som tivesse sido fraco, seus jovens ouvidos hiperatentos o detectaram imediatamente, a cor sumiu de seu rosto, os olhos se arregalaram de medo e ela disse:

— Merda! Minha mãe chegou!

No andar de baixo, o cachorro voltou a latir furiosamente; chaves tilintaram, sapatos golpearam o chão. Então uma voz de mulher chamou:

— Emily?

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Fique aqui — sussurrou. — Eu cuido de minha mãe. Ela sabe que não tem permissão para entrar aqui. Ela respeita meu espaço. (Que linguagem terapêutica!) Se alguém quiser entrar, bate na porta antes. Portanto, se esconda, se ouvir uma batida.

Ela saiu apressada do quarto e fechou a porta.

— Oi, mãe — ouvi-a cantar docemente. Escutei seus pés soando surdo nos degraus enquanto os descia com rapidez de dois em dois. Então escutei duas vozes femininas conversando, mas não consegui discernir o que diziam. A pequena Emily sumiu por um longo período. Sentei-me em sua cama cor-de-rosa durante certo tempo, com minhas roupas emprestadas. Levantei-me e inspecionei as coisas no quarto. Não era um lugar chato para ser deixado sozinho, atulhado que estava até o topo de interessantes distrações. Abri e fechei cada gaveta do banheiro, cheirei todos os seus pequenos perfumes e girei cada batom fazendo surgir sua ponta vermelha, notei o maço de cigarros escondido no armário de remédios e notei a presença de tampões de algodão, indicando que ela já começara a menstruar. Não consigo resistir à sedução dos acessórios da feminilidade humana: adoro as bancadas de banheiro de mulheres, sortidos como laboratórios alquímicos com todos aqueles pompons e pós e poções e potes e garrafas e latas — os excitantes, inebriantes odores de todo aquele troço! Depois vasculhei as lombadas dos livros na estante dela, à procura de um texto para passar o tempo. Havia uma porção de livros que supus serem coisas que a escola mandara que ela lesse, volumes com pouca espessura e com escrita fácil, considerados “literatura” que ainda eram acessíveis aos jovens — *Ratos e homens*, *O senhor das moscas* — um monte de clássicos de meninas — *Anne de Green Gables*, *Uma casa na campina*, *Mulherzinhas* — e então, muito interessante, uma porção de livros bem picantes com sexo — *Anais Nin*, *O amante de Lady Chatterley*, *Justine*, *A história de O*. Havia livros escolares, álbuns ilustrados, poesia: Emily Dickinson, Robert

Frost, Sylvia Plath. Os livros estavam arrumados em uma ordem não discernível de imediato: não em ordem alfabética, não em ordem cronológica, não na classificação decimal de Dewey. Eu já havia lido alguns desses títulos, ou enroscado numa poltrona na biblioteca do Sr. Lawrence ou sentado debaixo de um abajur em uma das compridas mesas da biblioteca da sala de leitura da Universidade de Chicago. Para passar o tempo, me decidi por um pouco de extravagância de uma trivial juvenília sobre uma garota que por algum motivo mora num sótão com sua família, em cujas páginas ocupei meus olhos até a pequena Emily retornar. Finalmente, ela voltou. Abriu um pouquinho a porta, deslizou para dentro e a trancou com um clique atrás de si.

— Você pode passar esta noite aqui — disse ela num tom de voz dois graus ao norte de um sussurro. — Mas minha mãe e meu pai não sabem que você está aqui e a gente vai ter que ficar quieto. E você terá de ir embora pela manhã. Eu agora vou ter que ir jantar. Mais tarde eu trago comida para você.

Novamente ela sumiu e, novamente, talvez uma hora ou mais depois, ela voltou, dessa vez com um prato de comida morna: frango, cenoura, ervilhas etc.

— Tome, eu afanei isto para você.

Eu estava ensandecido de fome e comi sentado à escrivaninha dela, devorando com prazer cada átomo comestível do que estava no prato, e lhe agradei com um tipo de energia que beirava a humilhação.

— Você devia estar com fome — comentou ela.

— Faminto!

— Eu agora preciso fazer meu dever de casa. — Ela despejou o conteúdo de sua mochila e deixou cair pesadamente sobre a escrivaninha um grosso livro escolar aberto, acendeu o abajur e passou a solucionar uma série de equações matemáticas.

— O que está fazendo? — perguntei.

— A merda do meu dever de álgebra. Qualé, não ensinam álgebra para anões de circo?

— Não.

— Eu *sei*. Isso foi *sarcasmo*. Estamos fazendo desigualdades racionais. Eu detesto essa porcaria idiota.

Olhei por cima de seu ombro para as páginas do grosso e lustroso livro escolar das quais ela copiava “problemas”, como os chamou. Observei-a trabalhar e não entendi nada. Para mim, era tudo um bando de símbolos caóticos e elusivos, números misturados com letras, linhas, formas, pontos, sinais de pontuação, sinais estranhos tão enigmáticos e indecifráveis para meus olhos quanto hieróglifos entalhados nas paredes de um túmulo egípcio. A pequena Emily, porém, estava aparentemente tão acostumada à questão de decifrar os mistérios desses símbolos, que eles a deixavam entediada. Ela corria, *voava* através dos “problemas”, amassando botões de sua calculadora e usando a caneta para rabiscar mais e mais daqueles símbolos, novos símbolos que a arrumação dos símbolos em seu livro de alguma forma tornava possíveis — tudo isso enquanto grunhia e suspirava irritada. Fiquei fascinado com aquele processo, observando-a olhar para os símbolos e depois levar a ponta de sua caneta a uma agitação de riscados, rabiscos e cortes, até chegar a um número final — a “resposta” misteriosamente alcançada? — tão aparentemente arbitrária quanto o restante do processo — a qual ela então envolvia com um círculo de grafite antes de passar para o “problema” seguinte. Eu estava não apenas encantado com a feitiçaria daquilo, como comecei a nutrir cada vez mais meu coração com uma inveja do privilégio de ensino da pequena Emily. Eu invejava o fato de ela se sentir tão à vontade com esse privilégio que passara a se ressentir dele. O que eu teria dado por uma educação formal como a dela! Aprender álgebra, geometria, cálculo, trigonometria e todo o resto! Toda a educação que já recebi — fora minha instrução experimental

em língua falada e escrita e minhas lições de filosofia e lógica com o Sr. Lawrence — me foi dada por mim mesmo, com um pouco de orientação externa. Eu me dei essa educação não por um desejo de melhorar a mente, mas simplesmente por curiosidade, nada mais do que curiosidade, ao me sentar na sala de leitura da biblioteca de Chicago, onde lia muitos livros mais ou menos ao acaso. Eu lia Tucídides seguido de Freud seguido de Dickens seguido de Austen seguida de Maquiavel seguido de Blake seguido de Montaigne seguido de Wittgenstein seguido de Cervantes, retornando frequentemente a Milton e, com mais frequência ainda, creio, a Shakespeare. Li todos esses livros meramente porque calhava de serem os livros que estavam naquela sala. Lia também tratados jurídicos, enciclopédias, livros elementares de escola de Medicina, narrativas de viagens, livros sobre astronomia, botânica — não importava. Eu era totalmente indiscriminado em minha leitura; tudo nela me fascinava. O problema era (e essa é a maldição do autodidatismo) que meus estudos não tiveram uma orientação e, portanto, minha educação carecia de qualquer espécie de plano coerente, direção ou estrutura — e, portanto, havia (sempre houve) enormes buracos em meu aprendizado, e um desses buracos era a matemática. Por isso, fiquei boquiaberto e de olhos arregalados, em êxtase, diante da aptidão aritmética da pequena Emily, enquanto, ao mesmo tempo, me sentia corroído internamente de ciúme pelo seu afortunado nascimento, um ciúme que obscurecia ainda mais na sombra da raiva porque ela via sua sorte como líquida e certa. Minha raiva, porém, foi embora. “Eu estava com raiva do meu amigo: contei-lhe minha ira, minha ira acabou” (Blake). Só que não lhe contei realmente. Eu a engoli e, como um pouco de comida insalubre, isso doeu um pouco no estômago, e depois a dor passou, quando o meu sistema fez a digestão. Macaco tolo — estudo é para crianças.

Portanto, tive de me satisfazer em observar com o olhar vidrado de assombro enquanto tempestades de números e outros símbolos eram disparados da ponta de seu lápis como se saíssem da extremidade da vara de um feiticeiro.

— Porra — disse ela, numa voz não inflamada por qualquer raiva verdadeira. — Não consigo me concentrar com você parado aí, tipo, respirando em cima de mim. Vá embora. — Com remorso, deixei de olhar por cima de seu ombro e, em vez disso, me ocupei com os livros dela, ou então inspecionando todos os artefatos contidos no quarto. Desanimado, sentei-me e brinquei com as bonecas assexuadas em sua casa de bonecas. E assim passamos as horas restantes da noite em claro, ela curvada monasticamente sobre seus estudos, com lápis, calculadora e livro, e eu sentado no chão, brincando com bonecas. É doloroso ser um batalhador como eu.

As horas se passaram tiquetaqueando dessa maneira até a casa ir ficando silenciosa e escura. Outros ruídos tinham ajudado a animar aquela casa — passadas e coisas assim vindas do andar de baixo e o murmúrio de uma TV —, mas tais ruídos iam se extinguindo à medida que a noite avançava e, desse modo, no quarto da pequena Emily, pudemos saber, através do silêncio e da ausência de vibrações no restante da casa, que todos os demais tinham ido dormir. Houve uma suave batida na porta, abandonei as bonecas e rapidamente me escondi debaixo da cama entre fiapos e poeira.

— Entre — entoou Emily. Na estreita visibilidade por baixo da colcha de sua cama, vi um par de pés metidos em chinelos entrar silenciosamente no quarto. Os chinelos atravessaram o carpete até onde a pequena Emily estava sentada à escrivaninha, seu abajur incandescendo a sombra dela através do quarto. Os chinelos caminharam até atrás de sua cadeira e uma voz feminina disse: — Boa noite, meu bem.

— Boa noite, mãe — respondeu a pequena Emily, com um tom de enfado.

— Eu te amo.

— Eu também te amo. — A voz da pequena Emily foi rápida e inexpressiva. Os chinelos deixaram o quarto, a porta se fechou. Não ousei emergir de imediato de baixo da cama. Vi a fresta de luz embaixo da porta escurecer. A pequena Emily não me mandou sair de baixo da cama, portanto ali permaneci. Ouvei o baque surdo do livro de matemática ao ser fechado e o clique do lápis largado sobre a escrivaninha. Vi seus pequenos pés descalços saírem rapidamente do quarto. Os pés descalços voltaram poucos minutos depois.

— Pode sair. Meus pais foram dormir. — Saí deslizando de baixo da cama. A pequena Emily servia vinho tinto em duas taças sobre a escrivaninha.

— Eles têm tanto vinho que nunca notam quando roubo uma garrafa — disse ela. Tomamos o vinho no banheiro, onde a pequena Emily ficou de pé sobre a tampa do vaso sanitário e fumou outro cigarro, soprando a fumaça sub-repticiamente pela janela, que ela havia aberto para a fria noite de março. Conversamos um longo tempo depois disso. A pequena Emily me contou tudo sobre suas complexas vidas familiar e social. Contou-me que fora quatro vezes vencedora do concurso de miss infantil. Contou-me que desde que consegue se lembrar, sua vida tem sido sempre um tormentoso circo de viajar, se produzir, se exhibir. Também me contou que sua mãe queria para ela uma vida de celebridade. Contou-me sobre ser arrastada para testes na cidade, sobre horas intermináveis de aulas de interpretação, aulas de canto, aulas de qualquer disciplina capaz de aumentar seu valor na indústria do entretenimento, sobre sua mãe levá-la para consultar certos profissionais em assuntos como que roupas mais favoreceriam seu corpo sem igual, que penteado e que maquiagem. Ela contou que seus verões eram sempre consumidos por todas essas lições e testes, e por ensaios para as peças e os comerciais de TV para os quais ela fora aprovada nos testes, e por viagens de ida e volta a Hollywood para filmar esses

comerciais quando estes não podiam ser filmados em Nova York. Contou que participara de comerciais de TV para todos os tipos de produtos: cadeias de restaurantes de fast food, pasta dental, waffles, cereais para o café da manhã — todo tipo de produto que uma adorável garota sorridente pudesse ajudar a vender. Contou-me que atualmente estava elencada para estrelar uma montagem do musical da Broadway *Annie*. Tudo isso ela me contou e muito mais. De certo modo, simpatizei com ela, até mesmo me identifiquei com sua vida. Nós dois tínhamos sido selecionados por forças maiores do que nós mesmos para vidas de cuidadosos estudos e exibição. A pequena Emily tinha sido vendida para o entretenimento, assim como eu o fora para a ciência.

## XXXV

**D**e manhã, acordei sozinho na cama cor-de-rosa da pequena Emily, onde ela me deixara dormir a seu lado. Havia muito tempo que ela tinha ido para a escola. Dava para perceber que a manhã já ia tarde, pelo ângulo e pela qualidade da luz e pelo silêncio lá fora, pois nevara durante a noite. Eu não queria sair da cama dela. Aquele grande gordo mole colchão era impossivelmente macio, e quente, por causa do calor de nossos dois corpos cheios de sangue. Eu tinha muito pouco desejo de expor o meu pequeno corpo ferido, abatido, aos caprichos fatalistas do mundo exterior. Queria apenas deixar minhas pálpebras deslizarem de volta pelos globos úmidos dos meus olhos, inundar outra vez minha mente com a escuridão, precipitar-me em sonhos, meu corpo em segurança envolto em lençóis cor-de-rosa e novamente escondido ficar em companhia dos bichos de pelúcia da pequena Emily. Eu queria jamais sair daquela cama, viver naquele quarto o resto de minha vida, como o macaco criado pela pequena Emily. Sempre que a mãe ou o pai da pequena Emily entrassem no quarto, eu fazia meus olhos parecerem vidrados, como bolinhas de gude, e permaneceria imóvel, para eles pensarem que eu era um bicho de pelúcia de aparência muito realista. E por que não? Porque minha falta de pelo me trairia.

Então saí da cama. Tomei uma chuveirada no banheiro dela, deixando cuidadosamente tudo no mesmíssimo lugar em que eu encontrara. Vesti as roupas que a pequena Emily havia conseguido para mim no dia anterior, os sapatos, a calça de veludo cotelê e o

frouxo pulôver verde. Saí sorrateiramente do quarto dela e fechei a porta. Prestei atenção: não ouvi nada. No armário do corredor, encontrei um casaco preto, um cachecol de flanela e um chapéu — um fedora com aba flexível de feltro e fita de seda. Coloquei-os. Diante do espelho nas costas da porta do armário, baixei a aba sobre meus olhos, passei o cachecol por cima do queixo e bochechas, dei-lhe um nó, enfiei o resto no peito do casaco e levantei sua gola. O casaco também era grande demais para mim. Ele ia até meus tornozelos. E, com minhas feições de chimpanzé ocultas desse modo debaixo da gola, casaco, chapéu e cachecol, parti. O cachorrinho no andar de baixo expeliu um novo acesso de latidos, quando descí a escada, e eu o ignorei, embora ele passasse a grunhir e a correr em volta de meus pés, enquanto eu seguia para a porta. Trepei numa cadeira para abrir o trinco, abri a porta da frente, me espremi por ela, tentando não deixar que o cachorro escapasse. Enfiei as mãos nos bolsos do casaco para aquecê-las e meus dedos encontraram algumas notas de 20 dólares amassadas — outra bênção. A neve recente brilhava, limpa e radiante no chão, o sol estava alto e pálido no céu. Passarinhos pipilavam nas árvores mortas. Minhas pernas atarracadas bambolearam dentro de minha forma encapotada e de chapéu pelo caminho que levava da porta da frente para a rua e a calçada, onde virei à esquerda, que me levou a uma rua estreita com casas, árvores, arbustos, acessos para garagens, caixas de correio, tudo enfileirado. Caminhei por ela esperando encontrar algo que sugerisse uma direção, algo que me levasse a algum lugar. Isso era tudo que eu tinha que podia ser chamado de plano. Já tivera bastante sorte em ter o que eu possuía: as roupas roubadas sobre meu corpo e uma preciosa quantia em dinheiro, e esperava que apenas isso me sustentasse até que eu conseguisse chegar a algum lugar. Não acredito que eu tivesse um plano imediato de voltar a Chicago. Esse era o meu plano distante, e não o imediato. Meu

primeiro plano era descobrir onde eu estava exatamente. Então decidiria o que fazer. De certa forma, eu estava gostando das minhas novas liberdade e independência, ainda que não as tivesse pedido. Havia um traço de aventura em meu infortúnio.

Embora não soubesse na ocasião, eu estava na aldeia de Hasting-on-Hudson, Nova York: uma pequenina cidade aninhada na encosta de uma íngreme colina junto ao rio Hudson, norte da cidade de Nova York. Caminhei por essa silenciosa área residencial de classe alta até chegar a uma estrada com tráfego mais denso e mais pesado, a qual percorri, colina abaixo, chegando a um local onde os prédios eram mais próximos uns dos outros, onde havia lojas e restaurantes flanqueando as ruas e as pessoas andando de um lado a outro pelas calçadas. As pessoas passando por mim pela rua baixavam repentinamente os olhos, meio surpresas ou curiosas, quando eu passava bamboleante por elas, e então, educada ou desinteressadamente, desviavam o olhar. Cheguei ao topo de uma colina com uma descida íngreme que terminava num rio largo: do outro lado do rio havia uma longa parede de altos e planos rochedos cinzentos e, muito mais adiante, mas visível a distância, uma pesada ponte azul, construída como uma teia de aranha de metal, ligava uma margem do negro rio largo à outra. Eu não sabia na ocasião, mas o rio era o Hudson, os rochedos do outro lado eram as Palisades e a ponte ao longe era a George Washington. Gaivotas giravam acima. Avistei trilhos de uma via férrea seguindo ao longo da margem da ribanceira do rio. Havia uma estação ferroviária onde a cidade descia a colina e terminava na água. Segui para a estação.

Subi a escada para a plataforma da estação, minhas pernas atarracadas subindo, por necessidade, um degrau de metal de cada vez, e me descobri parado numa longa e plana faixa de concreto. Foi puramente acidental eu ter decidido naquele dia subir a escada para a plataforma do trem que seguia em direção ao sul, em vez da

plataforma em direção norte do outro lado dos trilhos, que era acessível por uma calçada elevada. Eu não fazia a menor ideia do que estava ao norte ou ao sul de mim. Quem sabe no que poderia ter se transformado a minha história se eu tivesse embarcado no trem em direção ao norte, o qual me levaria para o interior do estado, para Albany ou Buffalo, ou mesmo para as regiões geladas e infestadas de alces do Canadá, ou nordeste de New Haven, ou Providence, ou Boston? Não faço ideia do que poderia ter acontecido comigo, se tivesse escolhido o trem que seguia em direção ao norte, o que poderia ter aprendido, em quem eu teria me tornado. Tudo que sei é que as rodas do Destino girando velozes tinham decidido o oposto, pois, quando vi as manchas de faróis a distância, e ouvi os berros do apito, dois curtos e um longo, e aquela enorme lagarta metálica chegou estrepitando e parou e as portas se abriram e subi a bordo com meu casaco e o chapéu puxado para baixo, esperando nada além do que ser levado para outro lugar, aconteceu — *simplesmente* aconteceu — ser o trem em direção ao sul o meu escolhido, e isso, como diz o poeta, fez toda a diferença; pois aquela lagarta metálica rolante e berrante não me levou para Albany, nem para o Canadá, nem para Connecticut ou Boston, mas para Nova York — para a cidade de Nova York, onde encontrei um amigo e um pouco de glória e o início de minha ruína.



Encontrei um compartimento desocupado com bancos estofados de plástico laranja, me enrosquei contra a parede junto às saídas da calefação e olhei pela janela lateral para o rio e os rochedos de granito. Dei graças a Deus pelo dinheiro que estava no bolso do casaco que roubei do armário da casa dos pais da pequena Emily, caso contrário não teria com que pagar minha passagem quando o condutor passou ruidosamente por entre os assentos. Surgiu uma voz num alto-falante e entoou uma litania de destinos que o trem

alcançaria: *Greystone, Glenwood, Yonkers, Ludlow, Riverdale, Spuyten Duyvil, Marble Hill, University Heights, Morris Heights, Harlem, Estação Grand Central*. Entreguei uma nota amarrotada de 20 dólares ao condutor e ele me entregou uma passagem e troco, perfurou um cartão com um perfurador e o enfiou numa ranhura acima do meu assento.

Passamos por baixo da ponte metálica azul que eu vira a distância, solavancamos e trepidamos passando por postes telefônicos e rotos prédios de tijolos marrons, até chegarmos a uma cidade, uma cidade enorme e densa de, achei, complexidade potencialmente infinita. O trem se enchia cada vez mais e mais de gente a cada parada e, a cada parada, a litania de destinos, que a voz no alto-falante entoava, tinha menos um nome de lugar. Mais três passageiros se espremeram a meu lado no compartimento laranja. Eu mantinha a cabeça baixada e também a aba do chapéu, sem querer expor meu rosto a qualquer exame indevido, mas sentia seus corpos grandes se espremerem quentes junto a mim. Íamos a toda velocidade em direção à cidade de Nova York. Após a penúltima parada — *Harlem, rua Cento e Vinte e Cinco* — ganhamos velocidade, seguindo acima de prédios e ruas apinhadas animadas por vozes e carros buzinando, e logo a seguir mergulhamos numa profunda e vaga escuridão, e nessa escuridão permanecemos até diminuirmos a velocidade e pararmos — aparentemente, em nosso destino final. A eletricidade do trem foi desligada, a comprida serpente metálica suspirou e silenciou, e todas as pessoas aglomeradas de maneira compacta à minha volta — o trem estava completamente lotado quando descemos para a escuridão — irromperam numa súbita atividade, empurrando umas às outras, todas elas joelhos e cotovelos, punhos erguidos para bocas que tossiam, jornais e revistas enrolados, casacos abotoados, malas abarrotadas retiradas dos bagageiros acima e todo mundo se enfileirou no corredor para se afunilar até

as portas. Juntei-me à aglomeração e o fluxo de pessoas me empurrou através da porta até outra longa plataforma de concreto.

Estávamos numa ampla caverna, obscuramente iluminada por fracas lâmpadas zumbidoras penduradas acima de nós. Em uma direção, a caverna se estendia a distância e perdia-se na escuridão, e, na outra direção, a plataforma de concreto se tornava uma escada radiante. Todas as pessoas que tinham acabado de descer do trem enxameavam para essa escada; eu as segui. O peso e a pressão do fluxo de seus corpos em movimento me empurraram ao longo da plataforma, escada acima, até a luz. No topo da escada, a multidão se dispersou, cada pessoa seguindo seu próprio caminho para destinos privados. Perambulei por ali como um fragmento de um naufrágio na superfície do mar, sem saber onde estava nem aonde ia. Eu me encontrava numa rede subterrânea de cavernas de pedra ornamentadas com mármore raiado de dourado. Correntes de tráfego humano se apressavam em muitas direções diferentes, as ondas de gente se misturando aqui e ali em fluxos cruzados, formando padrões interpostos de idas e vindas, algumas pessoas movimentando-se por aqui e outras movimentando-se por ali. Elas arrastavam pelo chão atrás de si malas sobre rodinhas. Sentavam-se tranquilas ou afundadas nos bancos. Sentavam-se às mesas, tomando café, lendo revistas abertas sobre elas. Lojas, restaurantes, cafés, bares e vendedores de jornais operavam a partir de pequenos nichos instalados nas paredes. Encontrei um conjunto de amplos degraus de mármore e subi por eles. Quando emergi no topo desses degraus, eu estava num imenso, resplandescente, belo aposento, que parecia o grande salão de baile de um palácio, onde pessoas com perucas empoadas e espartilhos com hastes de osso de baleia e máscaras deveriam estar dançando "Danúbio Azul". Em vez disso, pessoas com roupas modernas se arrastavam pelo chão em hordas frenéticas. No centro do salão, uma cabine circular estava de sentinela, brilhando

internamente, com um enorme relógio redondo sobre ela, como um templo ao conceito de tempo, um altar a Cronos. Então para cima: o imenso, alto teto abobadado daquele aposento espetacular era pintado de azul e decorado com estrelas, o céu noturno inteiro cintilando naquele teto cor de ovo de tordo, com contornos dourados de animais desenhados sobre os pontos de luz, alguns dos quais eram representados por luzes elétricas verdadeiras incrustadas como joias no teto! Devo ter ficado ali pelo menos uma hora e meia, de queixo caído com aquela visão. Parecia-se com o planetário ao qual Lydia costumava me levar, havia tanto tempo, em Chicago. Todos aqueles belos zoomorfos, o leão felpudo congelado para sugerir suas estrelas em meio ao salto, as etéreas ninfas sensuais e deusas e deuses esticando seus arcos bem tesos e mirando suas flechas, criaturas com asas e chifres e homens cujos troncos se mesclavam com corpos de cavalos. Supus que aquele imenso e monástico salão fosse como o coração palpitante daquela cidade, pulsante de humanidade, suas válvulas levando pessoas por dentro de suas artérias e empurrando-as novamente para fora através de suas veias, um grande, sanguíneo músculo bombeador de energia, de intercâmbio, de comunicação, de civilização, seu teto pintado com estrelas cujo ardente, audacioso artifício ousava rivalizar com a beleza mais corriqueira de natureza real. De fato, lembrei-me do céu à noite sobre o rancho de Lawrence, no ermo do Colorado, com toda sua inamistosa, nociva e inútil maravilha, com sua propensão à solidão e ao medo, e fiquei imaginando se aquela versão não era, de certo modo, um aperfeiçoamento.

Escolhi uma direção e saí caminhando. Cheguei a uma escada rolante que me levou para baixo, a uma câmara feita de ladrilhos e concreto, que cheirava a urina. Ao pé da escada rolante, catracas levavam a uma estrutura subterrânea tipo catacumba. Vi que era uma estação subterrânea de linhas suburbanas, muito parecidas com as estações que eles têm em Chicago, exceto pelo fato de que

ficavam abaixo da superfície da cidade. Eu me espremi por sob as catracas e andei um pouco pelo grande aposento fedorento de concreto antes de descer por uma escada, outra escada, na esperança de embarcar no primeiro trem que resfolegasse, os chifres baixos e os faróis brilhantes, para o interior daquela úmida e apinhada masmorra tipo estação de trem, deslocando o ar fétido do túnel e soprando-o em nossos rostos como um quente vento úmido. O trem chegou e sibilou, as portas se abriram se movendo para os lados, o enxame de humanidade que ia embarcar ficou de lado para dar passagem para o enxame de humanidade que estava de saída e eu segui as pessoas para o interior.

Imagine: Aqui está Bruno. Ele está sentado no metrô. Ele está sentado num assento de trem. Talvez seja um trem local em direção ao sul para a Avenida Lexington, que murmura como uma enorme tênia através dos intestinos do sistema subterrâneo. O trem solta sua lamúria toda vez que para e abre suas válvulas para o eflúvio interno e externo de humanidade, enquanto Bruno, que atenção não lhe dá, passou o dia todo sentado pacientemente dentro daquela pútrida geringonça, o corpo meio torcido de costas olhando para trás para a atordoante escuridão através da vidraça entalhada com grafites. Ele está sentado exatamente onde se encontra há horas, esperando que o trem o leve a algum lugar definitivo, e sua apreensão cresce cada vez mais, pois não está sendo levado a lugar nenhum. Receia que o trem apenas viaje para a frente e para trás ao longo de uma rota predestinada, e ele é o único vendo vezes e vezes sem conta os mesmos lugares. Em sua mente, Bruno está ocupado, meditando. Sobre o que ele medita? Provavelmente está tendo pensamentos profundos e verdadeiros e espirituais, enquanto reflete sobre sua vida incomum. Está apresentando a si mesmo perguntas como aquelas que ocorreram a Gauguin quando viu todas aquelas rechonchudas ninfas taitianas carregando cestos de palha e, em sua desinibida inocência asiática,

sem se dar conta de seus seios balançando livremente. *Quem somos nós? De onde viemos? Aonde vamos?* E, como Tonto para o Cavaleiro Solitário, eu respondo: *"Nós" quem, cara-pálida? Eu sou Bruno e estou em minha própria viagem. Sou um animal com língua humana, cérebro humano e desejos humanos, o mais humano desses desejos ser mais do que sou. E não faço ideia para onde estou indo.*

Então, enquanto o cérebro de Bruno está submerso nessas e em outras reflexões, o Rei Mendigo entra. Quem é o Rei Mendigo? Eu lhe direi. Um homem, que parece estar vestido como Henrique VIII, entrou no vagão do trem pelo lado oposto mais afastado. Há uma rajada de ar quando a porta se abre e se fecha com um ruído surdo atrás dele, e esse homem anuncia sua presença a todos lançando o braço para o ar num floreado teatral e começando a gritar: "Dizer que ele é velho, é mais do que compaixão, seus cabelos brancos evidenciam isso... mas que ele é, com sua permissão, um devasso, isso eu nego totalmente!"

Todos no trem começam no mesmo instante a desesperadamente ignorá-lo, esforçando-se para não olhá-lo nos olhos, como se ele fosse perigoso. Ele usa um grande chapéu mole e negro, tipo uma *tam-o'-shanter*, uma boina escocesa, só que deformada, puxada para trás da cabeça de um modo que só consigo descrever exatamente como sendo um ângulo aerodinâmico, e uma pluma de faisão adejante do lado dela; ele veste um lustroso casaco de pele com ombreiras colossais, uma camisa branca de pirata com babados e mangas bufantes, um colete guarnecido com rendas, que, como eu seria informado posteriormente, se chama "gibão", uma calça de seda vermelha bastante larga na parte de cima, como se por baixo dela o sujeito usasse uma fralda, jarreteiras, malha e sapatos com fivelas. A coisa mais importante a se dizer sobre esse homem é seu tremendo tamanho. Dizer que é rotundo seria cometer o pecado de atenuação. O homem é um colosso. É um

sujeito de mitopoética obesidade. Não é apenas pelo lado da altura — ele tem mais de 2 metros, eu calculo —, mas é de um tal impressionante diâmetro que ocupa tanto espaço quanto três pessoas mais modestamente proporcionadas empacotadas juntas. O modo pelo qual ele se movimenta leva alguém a fazer comparações com espécies inferiores: morsa, hipopótamo, peixe-boi. O último destes é provavelmente o mais útil efeito de ilustração mental porque, devido ao modo como seu tronco corpulento apequena seus membros de tamanho normal, seus braços parecem realmente salientarem-se impotentes de seus flancos, como um par de ridículas nadadeiras minúsculas. E suas pernas? Qualquer aprendiz de arquiteto seria severamente espancado por seus superiores ao desenhar uma estrutura com mecanismos de apoio tão frágeis. O fato de aquelas pernas serem aparentemente capazes de transportar aquele corpo através do espaço parece desafiar as leis da natureza física, um desafio tornado dez vezes mais impressionante quando se leva em conta os constantes sacolejos e arfadas de um vagão de metrô em movimento. Em uma das mãos ele carrega uma lata de café: um grande cilindro de alumínio que, de acordo com o rótulo, costumava conter grãos colombianos torrados de Maxwell House.

— Ouçam! — ele fala.

— “Se xerez e açúcar constituem falta,” — e aqui ele abraça um suporte, retira um frasco de alguma parte de seu régio casaco de pele, destampa-o, dá uma golada e emite um terrível arroteo — “que Deus perdoe aos que erram!” — Ao mover-se bamboleante pelo corredor, ele estrondeia as palavras, que, é claro, reconheço do 2º Ato, cena 4 de *Henrique IV, Primeira Parte*, numa voz grave e robusta de buzina de nevoeiro: a voz de um ator. Eis um homem que treinou para falar com sotaque brâmine das famílias da classe alta de Boston. Esse homem está obviamente bêbado, mas, mesmo assim, sua voz é melodiosa, articulada, autoritária.

— “Se é pecado ser velho e alegre, nesse caso estão condenados muitos hoteleiros do meu conhecimento. Se a gordura provoca ódios, então louvemos as vacas magras do Faraó”. — Enquanto grita, o Rei Mendigo vira à esquerda e à direita, sacudindo a barriga a sua frente como um saco de cimento, chamando a atenção de sua plateia involuntária pessoalmente, de maneira direta. Até mesmo sendo agressivo, afrontosamente. Ele estende a lata de café, chocalhando seu conteúdo para comunicar que é um receptáculo dentro do qual moedas correntes de pequeno valor devem ser colocadas em troca de seus serviços, ou pelo menos para fazê-lo ir embora. O Rei Mendigo prossegue geralmente ignorado. Os passageiros o consideram uma presença enfadonha, fingindo que ele é invisível e inaudível, mesmo enquanto se esmagam nas laterais do vagão para dar passagem desimpedida a sua cintura elefantina.

À medida que ele segue seu caminho pelo corredor, um ou dois passageiros tilintam uma moeda dentro de sua lata de café, gesto que ele reconhece com um sutil assentir de apreciação. Porque tento permanecer incógnito, estou furiosamente olhando na direção oposta a ele: mesmo agora eu sei — talvez por intuição — que não há nada que instigue mais completamente uma aberração do que outra aberração. *Não olhe*, digo a mim mesmo, como se olhar fosse me destruir, como se olhar para ele fosse fitar os olhos de Medusa, *não olhe, Bruno, não olhe, não olhe, não olhe*.

O Rei Mendigo continua: — “Não, meu bom senhor: desterrai Peto, desterrai Bardolfo, desterrai Pains...” — O Rei Mendigo se aproxima. Eu tento parecer inextricavelmente fascinado por algo acontecendo do lado de fora da janela, bem ali no vazio do túnel do metrô, na célere escuridão vazia. Mas ele me vê, posso sentir. Posso sentir seu olhar curioso sobre mim. Começo a suar em pânico. Olho para baixo, deixando a aba do meu chapéu ocultar seu semblante. O Rei Mendigo não apenas me vê, como também está

intrigado comigo. Ele está me *encarando*. O Rei Mendigo parece ter esquecido temporariamente suas falas, seus olhos curiosos tão fixados na criaturinha sentada quieta no metrô, com capa preta e chapéu, como um pária, como um miserável minúsculo anão pervertido e deformado. O olhar do Rei Mendigo agora arrebanhou os olhos dos outros passageiros para mim. Ele agora está parado diretamente diante de mim. Olho para baixo, insistindo em minha decisão de ignorá-lo.

Então o Rei Mendigo se curva na minha direção, despejando seu ser montanhoso cada vez mais e mais perto do único chimpanzé sem pelo totalmente vestido naquele vagão específico do metrô, que está sentado — tranquila, civilizada, inofensivamente — sozinho. Ele está tão perto que posso sentir o cheiro do suor por baixo de sua fantasia de Henrique VIII e o odor do uísque em seu mau hálito, hálito cujo cheiro posso sentir bem como ouvir: é alta e agressiva sua respiração de homem gordo, assobiando para dentro e para fora das narinas. Com a mão livre, o Rei Mendigo agarra um suporte para se estabilizar. Ele se dirige ao meu rosto desviado, e diz, agora mais suave, sem mais gritar (embora provavelmente alto o bastante para que todos no trem ouçam):

— “Mas quanto ao doce Jack Falstaff.. o *gentil* Jack Falstaff, o *verdadeiro* Jack Falstaff, o *valente* Jack Falstaff, e tanto mais valente por tratar-se do *velho* Jack Falstaff..” — Finalmente, ousou olhar para ele. Viro o rosto acima para ele. O rosto dele está tão próximo ao meu que a aba do meu chapéu roça sua barba quando levanto a cabeça.

O Rei Mendigo está provavelmente na casa dos 50 anos, se bem que pareça mais velho do que é. Um espinheiro de barba irrompe de seu rosto em punhados salpicados de cinzento. As bochechas e o nariz de bola de golfe são profundamente encrespados por poros demasiadamente largos e pintados de cor-de-rosa pela acne

rosácea, e debaixo do chapéu mole, seu cabelo é comprido e grisalho. Ele parece um pouco sujo, embora não tanto quanto o típico vagabundo maltrapilho; pode-se dizer que esse homem pelo menos tem algum tipo de teto debaixo do qual dorme, caso contrário, estaria em pior forma. Seus olhos, porém, são sãos e alerta.

— “Esse não desterreis da companhia do teu Harry: desterrai o gordanchudo Jack e tereis desterrado o mundo inteiro!”

E eu, Bruno, contrapus com o que eu sabia que era a resposta:

— Fá-lo-ei. Quero-o.

Então vejo em seus olhos que ele se deu conta de que sou um chimpanzé. O Rei Mendigo pousa uma mão enorme como uma pata em minha cabeça e tira o meu chapéu. Todos no trem agora estão nos olhando. Talvez estejam murmurando ou fazendo interjeições de espanto ou engolindo em seco ou gritando de medo — não me recordo. O Rei Mendigo desmascarou um monstro no meio deles.

— Macacos me mordam! — exclama o Rei Mendigo. — Você, senhor, parece ser um macaco!

Nesse momento, o trem diminui de velocidade para fazer uma parada: *bing!* — “Rua Vinte e Três”, anuncia a voz eletrônica feminina. As portas se abrem e todos a bordo que não são Bruno nem o Rei Mendigo saem apressados ao mesmo tempo do vagão do trem. Deixe-os ir. Bruno está sozinho com o Rei Mendigo. Foi assim que conheci Leon Smoler, o melhor amigo humano — depois de Lydia — que eu já tive.

## XXXVI

Por que Leon Smoler se tornou meu amigo? Porque ele foi um dos poucos humanos que conheci que falava comigo sem qualquer preconceito subjacente evidente em sua voz. Nem, por outro lado, eu achava que ele me supervalorizava ou me tratava como algo exótico. Leon verdadeiramente não dava a mínima se eu era um chimpanzé ou um humano biológico. Porque Leon era apenas são o suficiente para viver no mundo, mas louco o bastante para não achar estranho que Bruno, posteriormente seu melhor amigo, colega de quarto e sócio em um negócio, fosse um chimpanzé articulado. Em Leon Smoler não havia o menor vestígio daquela incredulidade, daquele horror, daquele enjoo, daquele choque e desconforto que atraiçoa o rosto de muita gente que me conheceu. No mínimo, quando descobriu que eu era um macaco falante, ele achou divertido e talvez tenha ficado moderadamente interessado. Por algum motivo, Leon é imune ao que em robótica se chama de vale da estranheza. Posso sentir essa coisa nas pessoas — talvez pessoas com horrendas deformidades, graves defeitos físicos, sérias doenças mentais, talvez esse tipo de gente entenda aquele olhar no rosto das outras pessoas de quem estou falando. Mas acho que não. O desconforto que vejo no rosto das pessoas, quando me olham, não tem em si necessariamente qualquer piedade ou mesmo qualquer alívio, qualquer “ainda bem que não foi comigo”. O olhar de inquietação que recebo é um sintoma da mesma grande inquietação que recebeu e continua recebendo Darwin, mesmo um século e meio depois de A

*descendência do homem*. É o senso da nudez absoluta, de humilhação que os humanos sentem quando se defrontam com a compreensão de que eles não são especiais porra nenhuma. Eles olham para mim e veem uma agressão a sua noção de “dignidade humana”. Dignidade? Não. *Vaidade!* Quem mais — quem mais conseguiria ser tão presunçoso?

Mas Leon não, em Leon Smoler não havia — não há — nada disso. Ele não é antropochauvinista. Porque Leon está em contato com sua animalidade como qualquer humano que já conheci. Você já ouviu falar em Diógenes, o Cínico, Gwen? Certa ocasião, durante meus estudos de autoinstrução na sala de leitura da biblioteca principal da Universidade de Chicago, sentei-me a uma de suas longas mesas com um exemplar de *Vidas e opiniões de filósofos eminentes*, de Laércio, aberto diante de mim debaixo da luminária, e li um relato sobre a vida de Diógenes, o Cínico. Na mesma Atenas antiga de Platão, Diógenes vivia nu e morava numa banheira, urinava, defecava e se masturbava em público, e denunciava todas as leis, religiões, governos e boas maneiras. As pessoas o chamavam de “o Cínico” porque a palavra significava “canino” em grego, porque Diógenes vivia como um cão. Ele, porém, não se sentiu ofendido; gostou disso. “Vocês têm toda a razão, eu vivo como um cão”, disse-lhes. Alexandre, o Grande, voltando a Atenas logo após conquistar o mundo conhecido, encontrou Diógenes, nu, como era seu costume, banhando-se ao sol na escadaria da Acrópole. Alexandre parou diante dele e disse: “Peça-me qualquer favor que quiser. Indique qualquer coisa, porque sou Alexandre, o Grande, e isso significa que, seja o que for, eu posso conseguir para você.” Diógenes ergueu a vista para ele, olhou-o meio que de banda, talvez tenha dado uma desanimada coçada no saco, encolheu os ombros e disse: “Saia do meu sol.” Alguém pode não admirar isso? Nós somos animais que constantemente gostamos de parabenizar a nós mesmos por toda a nossa doçura e leveza e

triunfo de espírito, e não se espera que ninguém prefira viver como um cão. Sempre admirei esse homem, sua presença no mesmo lugar e época do nascimento da filosofia, como uma voz gritando, não no vazio, mas do vazio para o coração humano, no meio da civilização. Os solenes mecanismos dourados da política, erudição, pensamento, bondade e graça e virtude e arte — *principalmente* arte — tudo que chamamos de nossa sociedade, precisa de Diógenes no meio dela, um humano orgulhoso e contente em viver como um animal, para nos lembrar de não tomarmos erroneamente a pretensão da civilização humana por algo muito distante ou distinto do que já existe em porcos e macacos e cachorros, para nos lembrar de que para toda a doçura e leveza de nossas grandes cidades e grandes máquinas e grande arte, não somos em nada terrivelmente mais grandiosos do que macacos com roupas sobre nossos corpos, palavras em nossas bocas e cabeças infladas com voluntariosas ilusões.

E agora chego a minha questão: se a Atenas antiga fosse a cidade de Nova York do final do século XX, Diógenes, o Cínico, seria Leon Smoler. Leon, o Cínico. Leon vivia uma perpétua existência criminosa, mas sempre conseguia escapar do castigo sem ao menos tentar. Leon ligava tão pouco para as leis da humanidade que via a nossa civilização como uma espécie de piada cósmica. Seus crimes nunca eram de paixão ou ignorância, ou oportunismo, ou de qualquer intento particularmente malicioso. Certamente também não havia de modo algum nada de político em sua habitual criminalidade. Ele não acreditava que as vítimas de seus crimes de algum modo os mereciam e não imaginava qualquer tipo de sistema corrupto irreparável que merecesse ser arriscado. Os crimes de Leon eram de animada e total indiferença. Se Leon Smoler não tinha sido abençoado com uma conduta essencialmente serena (ou não amaldiçoado com seu volumoso físico), em outra vida ele pode ter sido um homem perigoso, pois essa sua indiferença

inquestionavelmente beirava a sociopatia. Quando queria algo, ele tomava, e o modo como o mundo parecia incapaz de lhe restringir quaisquer consequências não carecia de mágica.

A menção de mágica é proposital, pois Leon também era mágico, num senso não metafórico. Quando não estava interpretando Shakespeare no metrô, descolava uma renda suplementar realizando shows de mágica em festas de aniversário infantis, comemorações natalinas em escritórios etc. Em tais ocasiões, Leon deslumbrava suas boquiabertas, espantadas plateias, que faziam *oohs* e *aahs*, com seus truques mágicos, com sua nata perícia de ator, seu histrionismo, seu sempre em movimento e colossal corpo metido à força (o que, por si só, já parecia uma mágica) num smoking extra-extra-grande — definitivamente do tipo antiquado, com colarinho em asa, gravata borboleta preta, colete e faixa de cetim usada na cintura, e a desbotada explosão aveludada de uma rosa vermelha presa à casa do botão da lapela, e uma reluzente capa de lamê azul disposta sobre os ombros, decorada com luas e estrelas que Leon havia laboriosamente recortado com uma tesoura de ponta arredondada de um pedaço de feltro branco e grudado ele mesmo. Eu nunca aprendi o segredo da maioria de seus melhores truques, por isso permanecem mágicos para mim. Ele era capaz de fazer coisas com um baralho comum que desafiavam as leis da física. Ele era capaz de fazer coisas com uma corrente de elos de metal que subvertiam o *continuum* espaço-temporal. Ele era capaz de fazer coisas com moedas e varinhas e tochas que desafiavam a gravidade e a eletromagnética. Ele era capaz de fazer coisas com lenços de seda e chapéus e luvas e conjuntos de chá e toalhas de mesa que momentaneamente uniam a teoria da relatividade com a mecânica quântica. Ele era também um efetivo prestidigitador.

Posteriormente, me submeti ao papel de assistente durante os shows de mágica de Leon: eu me vestia com um pequeno smoking vermelho e ia saltitando pela plateia, exagerando o efeito de meu

já incomum modo de andar, chapéu na mão virado ao contrário, para gorjetas ao final da apresentação, ou segurando ou buscando coisas para Leon durante os números, ou agarrando “voluntários” da plateia pela mão e arrastando-os para o palco, ou fazendo caretas estranhas e engraçadas para as crianças, às vezes provocando risadas, outras vezes, lágrimas. Leon me forneceu um mirlitão de níquel brilhante e me ensinou a tocá-lo, e pratiquei de maneira intensa, até me tornar um virtuoso nesse instrumento surpreendentemente versátil e emotivo. Após eu ter conseguido o domínio do meu mirlitão, o instrumento raramente ficava fora de meus lábios durante os shows de magia de Leon. Eu ficava sempre silvando e soprando notas dele, enquanto me movimentava pela plateia, apressando-me entre corpos e pernas, fornecendo um acompanhamento musical para os truques mágicos de Leon Smoler. Passei a adorar o mundo dos espetáculos.

E assim nós nos virávamos, Leon e eu. Vivi com ele durante o ano que passei em Nova York, meu ano no mundo dos espetáculos. Mas estou me adiantando.

Na noite em que o conheci, na noite em que o descobri (e ele me descobriu) interpretando Shakespeare no metrô, iluminando as almas dos passageiros, alimentando-os à força com poesia, como quem despejasse óleo de rícino por suas goelas abaixo para ajudar a aliviar suas doenças espirituais e, após me desmascarar como um monstro no meio deles, Leon me levou para jantar. Levou-me acima do solo, para a superfície da cidade. Juntos, ascendemos do inferno bolorento do metrô para o purgatório da rua. A fim de festejar a nossa nova aliança, jantamos às custas da reserva de uma outra pessoa no Four Seasons. Leon esperou a atenção da recepcionista ser desviada, pegou o livro de reservas no pódio, leu-o e devolveu-o antes que ela erguesse a vista para nós. Simples assim.

— Sr. Burton Miller — anunciou ele.

— Dois lugares?

— Certamente. Peço desculpas por termos chegado mais cedo.

— Sua reserva é para as sete — disse ela, olhando de relance para o relógio com uma carranca de irritação. — De qualquer modo, sua mesa já está pronta. Por aqui.

— Sim, sim — disse Leon, enquanto ela nos conduzia pelo restaurante até uma mesinha num canto tranquilo do salão. Ninguém que jantava no restaurante pôde evitar olhar em nossa direção, ao passarmos por suas mesas; Leon ainda usava a roupa de Henrique VIII e eu estava um tanto quanto malvestido. — É cedo demais para qualquer jantar civilizado — cochichou Leon para mim. — É claro que nossa mesa está pronta. Teremos, provavelmente, 45 minutos antes dos verdadeiros Miller aparecerem.

Pedimos uma bela garrafa de vinho, que regou o guisado de coelho e os filés de esturjão que mandamos para as nossas barrigas. Durante o jantar, num variado grau de detalhes ou abstração, contei a Leon minha história desde o início até o momento que agora relato. Quando terminei, bebericávamos aperitivos e esperávamos nossas sobremesas.

— Bruno — disse Leon, quando cheguei a minha infeliz conclusão —, você teve uma vida breve e atribulada e provavelmente já deve ter notado que a nossa é uma civilização num estado de rápido e terrível declínio. — As sobrancelhas de Leon, é importante destacar, estavam sempre torcidas em alguma expressão real ou simulada de justificada indignação. Seus olhos viviam arregalados de horror e irritação e ele tinha um tique afeminado de varrer delicadamente para fora do rosto o longo e viscoso cabelo com as pontas dos dedos, o que ele estava fazendo neste momento com uma das mãos enquanto usava a outra para levar uma taça de vinho até a boca. — Cada uma das artes que valem a pena em nosso mundo está moribunda — prosseguiu ele. — Você teve o cruel infortúnio de ingressar na humanidade numa época em que a maioria das

peessoas não liga mais para a questão do que significa ser humano. Portanto, esse é o estado do mundo para o qual você foi inconscientemente conduzido e, por isso, eu lhe peço sinceras desculpas em nome da raça humana.

Aceitei suas desculpas, o que me tornou profundamente estimado por ele.

— Você será meu aluno — anunciou Leon. — Não consigo pensar num mentor mais perfeito do que Leon Smoler para alguém na sua improvável situação. Eu lhe darei asilo em minha casa e você, em troca, deverá passar por um extenso período de treinamento intensivo em artes dramáticas, pois vejo claramente que está destinado a se tornar um ator. E, é claro, você vai adorar isso. O teatro é a carreira menos degradante que resta em nossa sociedade arruinada, ou, no mínimo, a mais relevante em termos culturais. Mas, por enquanto, vejo que está na hora de fugirmos deste lugar.

Olhei para trás, através do restaurante, e vi que algum tipo de confusão havia irrompido no pódio da recepcionista, pois o nosso tempo tinha se esgotado (aliás, se esgotara havia mais de 15 minutos, pois eles estavam atrasados) e parecia que os verdadeiros dois lugares do Sr. Burton Miller haviam chegado e todos os envolvidos ficaram ofendidos ao saber que dois impostores tinham jantado em seu nome durante a última hora. Com um encerramento cerimonial, Leon arrancou o guardanapo enfiado na gola de seu gibão como se fosse um babador, com um gesto de desgosto, jogou-o na mesa e levantou-se para ir embora. A recepcionista agora estrepitava em nossa direção num trotar furioso, o rosto denunciando irritação conosco.

— Venha, Bruno — disse ele —, vamos embora daqui. — E eu o segui, enquanto ele passava pelas portas de vaivém dos garçons e penetrava no vapor e no brilho e no tumulto da cozinha. Os chefs desviaram a vista de seus afazeres, numa leve surpresa, e logo

voltaram o olhar para a comida que atarefadamente preparavam. Garçons entravam e saíam apressados pelas portas fazendo pulsar o vapor; colheres e panelas e conchas pendiam de seus ganchos no teto. Leon me conduziu por um corredor, passando por armários e balcões de aço inoxidável. Deslizamos por uma porta e saímos da cozinha para um beco, escapulimos para a rua e nos misturamos à multidão na calçada. Poucos quarteirões depois, descemos novamente os degraus ladrilhados para o metrô e embarcamos num trem que nos levou através da cidade, fora da escuridão, para o outro lado da água e até o Bronx, em direção ao lar de Leon.

Leon vivia num lugar chamado City Island. O tempo de viagem do coração de Manhattan para City Island era bem mais de uma hora, mas, disse ele, o aluguel era barato. City Island é, de fato, uma ilha, habilmente escondida no canto nordeste mais extremo do Bronx, no recesso mais ocidental do Estuário de Long Island. Eis como se chega lá, pois, assim como Bruno, se sua insatisfatória pequena estatura o considera incapacitado fisicamente de dirigir um automóvel, você precisa contar com o transporte público e seus pés. Isso envolve cinco estações. (Um) Se você está vindo de Manhattan, embarque num trem da 6 e vá até o fim da linha; o trem da linha 6 emerge de sua toca para a luz do dia em algum lugar de *upper* Manhattan e nos trilhos elevados continua a serpear seu caminho para o norte, atravessa o rio e vira bruscamente em direção leste, ao longo de uma ampla curva tipo montanha-russa que oferece, brevemente, aos passageiros, uma vista panorâmica da cidade, de um lado do vagão, e da água cruzada por pontes, do outro, observadas através de janelas de plástico abundantemente gravadas a caneta, lápis, moeda, chave e canivete com um palimpsesto de grafite, contendo palavras e símbolos, com insígnias de todas as coisas sagradas e profanas, símbolos religiosos se acotovelando em busca de espaço entre perguntas lascivas, postadas anonimamente e anonimamente respondidas, hipertextos

rabiscados sobre *urtexts*, vandalismo em miríades de idiomas, escritos e sobrescritos em todas as línguas dialetais de Babilônia. (Dois) Salte em Pelham Bay Park, última parada. (Três) Avance por catracas e desça a escada até chegar à rua, onde deverá virar a sua esquerda e verá um ponto de ônibus. (Quatro) Embarque no Bx29 para City Island, que o levará por uma viagem através do Pelham Bay Park, passará por vários entroncamentos e, enfim, através de uma ponte adornada e oxidada com a idade num pitoresco verde-menta; passará por baixo de um arco que lhe dá as boas-vindas com uma enorme placa para City Island. Se for à noite, então verá da ponte um restaurante de frutos do mar que se anuncia com uma gigantesca lagosta de néon que enche a escuridão com um satânico brilho vermelho e é agitadamente duplicada no espelho simétrico da superfície da água abaixo dela; esse imenso crustáceo se apoia na cauda e mantém levantada uma de suas pinças, e as luzes de néon estão programadas para se mover para trás e para a frente, a fim de sugerir, num ritmo devagar porém invariável, o perpétuo abrir e fechar de uma única agourenta tenaz. (Cinco) Salte do ônibus. Suas narinas devem detectar imediatamente um forte odor: uma curiosa mistura de camarão frito e lixo. Isso é City Island. É um lugar bastante agradável e eu o chamei de lar enquanto morei em Nova York com Leon e trabalhei como ator e assistente de mágico. Talvez lhe ocorra que a vizinhança se esforça por obter a estética de uma peculiar comunidade de beira-mar, pois, se você está parado em City Island, mal consegue atirar uma pedra sem atingir algum tipo de parafernália náutica decorativa: lemes de navio, redes de pesca e cariátides de madeira ornamentam todos os prédios de praticamente cada loja térrea com vitrine, bolorentas lojas de antiguidades e restaurantes de frutos do mar, estrategicamente localizados de modo a proibir que você se esqueça, mesmo por um segundo, de *que aquela é mesmo uma peculiar comunidade de beira-mar*, embora o efeito não seja obtido

por completo porque toda essa afetação marítima é freada por uma ambiência suja e malcuidada que lhe revela que, embora aquela comunidade de beira-mar possa ser peculiar, você ainda está no Bronx, se bem que numa parte obscura dele. O alto conteúdo de veneno em qualquer criatura aquática que você pode capturar naquela parte do Estuário de Long Island o torna ilegal para o consumo; conseqüentemente, toda a comida dos muitos restaurantes de frutos do mar que se enfileiram na rua principal é, por lei, totalmente importada de outras partes. Você também pode notar um bom número de homens gordos, usando lustrosos *trainings*, joias e com os cabelos grisalhos primorosamente penteados. Há também uma porção de gente andando por aí falando sozinha. Para variar, mesmo sendo um chimpanzé pelado, você talvez não seja a pessoa mais esquisita presente. O cheiro de camarão frito permeia quase todos os lugares. É uma vizinhança relativamente segura e as casas são simples, decididamente de operários, e baixas. O delicado ressoar de cordames contra mastros de barcos ancorados é constantemente audível. Aí vivi por um ano.

Saltamos do ônibus diante de uma mercearia e atravessamos a rua. Leon morava num pequeno apartamento no porão de uma casa com paredes laterais brancas, feitas de vinil, e que ficava atrás de um restaurante chamado Artie's Shrimp Shanty. A porta ficava localizada no pé de um lance de escada no beco atrás do restaurante, onde havia dois contêineres de lixo logo do lado de fora da porta dos fundos da cozinha. Fosse qual fosse o refugio que Artie acumulava naqueles enormes tanques verdes de metal, certamente tinham um cheiro bem forte: de camarão. De fato, os contêineres no beco atrás do Artie's Shrimp Shanty talvez fossem o marco zero do cheiro todo-penetrante de camarão da ilha. Camarão frito e molho marinara, misturados talvez com a maresia do mar ali perto e a demorada arômata dos cigarros dos intervalos das garçonetes, acrescido de outra miscelânea de lixo. A porta plana e

cinzenta de metal para o apartamento de Leon não tinha qualquer ornamento exterior que sugerisse que alguém pudesse morar ali: poderia ser a porta de uma sala de caldeiras. Leon tirou suas chaves do bolso do manto de pele elisabetano e nós entramos.

O apartamento era pequeno e escuro. Possuía apenas duas pequenas janelas que davam para as paredes de alumínio corrugado dos poços das janelas. Uma parede do apartamento era de tijolo vermelho aparente. Havia um dormitório e um pequeno banheiro, cujo chão era pegajoso e salpicado de pelos púbicos, e o restante do apartamento era uma combinação de cozinha/sala de estar. O lugar havia muito tempo já adquirido o cheiro de camarão que vinha dos contêineres localizados atrás do restaurante de frutos do mar. Havia uma TV empoleirada precariamente na beira de uma mesa de centro. O aposento, embora esparsamente mobiliado em termos de mobília efetiva, era densamente entulhado com uma ampla e errática miscelânea. Livros, revistas, uma máquina de escrever elétrica coberta de pó, o estrado metálico da parte de baixo de uma bicama encostado de pé numa parede. Um pesado busto de gesso de Shakespeare e um toca-discos quebrado repousavam sobre um piano de armário que tinha quatro teclas pretas e duas brancas faltando, todas as teclas restantes estavam desafinadas e não havia banco. Todos os tipos de dispositivos, quinquilharias e curiosidades cobriam o chão e cada superfície plana, acumulavam-se nos cantos e irrompiam de gavetas cheias demais para se fecharem da maneira apropriada. Caixas de partituras musicais, brinquedos quebrados, bailarinas de corda. As paredes eram cobertas com pôsteres de todos os tipos de *memorabilia* da Broadway e da Era de Ouro de Hollywood. Um futon flácido encarava a TV. O futon podia ser baixado para a posição horizontal de modo a se tornar uma cama com um pequeno vale na dobradura e, naquela noite, Leon o cobriu com um lençol e socou um mole travesseiro sobressalente para afofá-lo para mim.

Os livros se encontravam em precárias pilhas verticais que alcançavam o teto. Leon adorava em particular a obra de Edgar Rice Burroughs. Havia um conjunto completo com todos os 24 romances de Tarzan, encadernados em couro com letras douradas nas lombadas, colocados caprichosamente em filas ordeiras em uma estante feita sob medida. Deslizei um para fora e folheei suas finas páginas em papel-bíblia.

— É assustadoramente óbvio — disse Leon — que, de todos os escritores que já ousaram transpor a língua inglesa para o papel, Edgar Rice Burroughs só perca para Shakespeare. — Ele sugeriu que déssemos um pulo no Artie's Shrimp Shanty para um trago antes de dormirmos. Eu estava cansado, mas concordei, portanto, fomos ao lado para uns camarões e umas cervejas. O interior do restaurante era entulhado com parafernália náutica — lemes de navios, redes de pesca, estrelas-do-mar mortas etc. — e estava iluminado com luzes de Natal alinhavadas em fios que pendiam contíguos ao longo do perímetro do salão no qual o friso da parede encontrava o teto, e as lâmpadas pulsavam como bolhas de luzes vermelhas e verdes e azuis, dando ao aposento uma sensação submarina. Um gigantesco tubarão de borracha, as mandíbulas escancaradas para exibir os terríveis dentes também de borracha, pendia do teto por meio de fios pouco visíveis, assomando monstruosamente acima do balcão encurvado de pau-rosa do bar. O bar ficava numa sala menor que fazia divisa com o salão do restaurante. O tubarão era refletido, como se estivesse atravessando a parede de vidro de um aquário, num espelho manchado atrás do bar, o que, de maneira ilusória, duplicava o número de garrafas de bebidas destiladas e de vinho arrumadas em três fileiras ao longo da parte de trás do bar, que era mal-iluminado com luzes azuladas. Leon claramente era um cliente habitual daquele lugar: acenou para os dois velhos sentados na outra extremidade do balcão e afundou seu corpo num banquinho, tão à vontade quanto o rei de que estava vestido teria se sentado

em seu trono. Trepou num banquinho ao lado do de Leon e não demorou para que a jovem mulher por trás do brilhoso balcão de pau-rosa colocasse a nossa frente dois copos de cerveja e uns tiragostos de camarão, suas caudas empanadas arrumadas em forma de leque ao redor de uma tigela com molho vermelho. Leon começou de imediato a devorar os camarões de maneira sôfrega.

— Audrey — disse Leon —, quero lhe apresentar Bruno, meu aluno de interpretação. Bruno, essa é a minha adorável filha, Audrey. Bruno expressou o desejo de aprender o meu ofício. Sob minha vigorosa e magnânima tutela, Bruno se tornará um grande e famoso ator.

— Oi — disse Audrey insipidamente, lançando-me um meio aceno. — Onde você encontrou meu pai?

— Ele estava interpretando Shakespeare no metrô.

— Pai — disse ela a Leon, que tirava com os dentes, fazendo muito ruído, a mole carne úmida da cauda de um camarão. — Mamãe telefonou mais cedo.

— O que poderia aquela pretensiosa mulher devassa querer de mim?

— Ela está danada da vida porque você pegou emprestado o carro dela e o devolveu sem gasolina.

— Ora! Ela não tem pena de um pobre homem?

— Só estou dando o recado. Ela disse que ligou para você, mas a secretária eletrônica não atendeu e por isso ela ligou para cá.

— Atualmente é impossível me contatar por telefone, pois me recuso a entregar minha libra de carne à companhia AT&T — disse Leon sacudindo gravemente a cabeça e penteando os cabelos para trás com a ponta dos dedos. — De qualquer modo, eu não retornaria seu telefonema. O que ela poderia querer? Compensações financeiras? Tirar sangue de pedra? A única resposta são é ignorá-la por completo. Se ela ligar novamente, você deve lhe

informar que faz muito tempo que já morri de fome. Vamos, Bruno. Coma camarão.

Delicadamente, Leon lambeu a espuma da cerveja que estava em seu bigode, fez uma série de ruídos de estalidos com a língua e os lábios e pediu outra rodada, mais camarão e três doses de uísque. Informalmente, Audrey serviu copinhos com as doses e todos bebemos.

Audrey era uma garota robusta, de braços grossos, na casa dos 20 anos, embora não fosse nem de perto tão gorda quanto seu pai. Tinha uma porção de tatuagens no bíceps e um rosto redondo, bonito. Falava depressa e de maneira incisiva, com uma acentuada voz anasalada, e seus olhos passavam muito tempo revirando sarcasticamente na cabeça. Ela atendia no bar do Artie's e deixava Leon beber de graça, se seu patrão — o próprio Artie — não estivesse presente, embora desse a entender que Artie implicitamente desconfiava disso e não dava muita importância. Era visível que Audrey amava seu pai, mas de um modo prático e resignado, do modo como o fazem às vezes crianças que são mais maduras do que os pais; isto é, podem preferir amá-los honesta e profundamente, mesmo que seu amor seja de certo modo obscurecido pelo ressentimento porque a irresponsabilidade de seus pais, por necessidade, forçou-as a cuidar muito cedo de si mesmas; mas, de qualquer modo, ela o amava. Leon pediu mais cerveja e então já era tarde e eu estava bêbado, o restaurante estava vazio, as luzes de serviço foram acesas e tivemos de ir embora. No dia seguinte, começamos a ensaiar nossa apresentação de Shakespeare.

---

Quando o conheci, Leon Smoler era um grande e brilhante e desditoso e completo fracasso. Passara uma existência aperfeiçoando o fracasso até chegar ao ponto de uma forma de

arte. Fracassara em muitas artes. Era um diretor fracassado, um ator fracassado, um escritor fracassado, um músico fracassado, um fotógrafo fracassado, um pintor de paredes fracassado, um cozeiro fracassado, um pescador de navios comerciais fracassado, um professor substituto de ensino médio fracassado, um desistente da Universidade de Princeton, um alcoólico declarado, um veterano dispensado com desonra e um divorciado por três vezes. Um homem renascentista, um homem de sete instrumentos, porém inábil em todos. Ele tinha 50 anos, quando o conheci. Até então passara sua vida quicando, como uma bola de *pinball*, de uma esmerada catástrofe a outra. Certa vez, ele dirigira uma produção off-Broadway de *Sonho de uma noite de verão* somente com atores nus. Viveu algum tempo em Los Angeles, trabalhando como pintor de cenários. A vida em Hollywood acabou em fiasco e ele se mudou de volta para Nova York, onde fundou uma companhia teatral para montar suas próprias peças, as quais escreveu de acordo com o manifesto de Artaud sobre o Teatro da Crueldade. Esse feito de arrojado empreendedorismo também acabou em ignominiosa falência. Ele havia interpretado Hamlet, Macbeth, Lear, Shylock, Brutus, Falstaff. Havia sido esfaqueado até a morte muitas vezes, como Polônio, como Cláudio, como Banquo, como Júlio César. Em algum lugar em meio a tudo isso, Leon se casou e se divorciou três vezes, embora nenhum desses casamentos tenha durado mais do que poucos anos. Ele tem dois filhos crescidos de casamentos diferentes, Audrey e Oliver (ambos batizados com nomes de personagens shakespearianos), para quem foi um pai permissivo e incompetente. Oliver vivia longe e raramente via seu pai, fato de que este se ressentia, mas Audrey morava perto com sua namorada e trabalhava atrás do balcão no bar do Artie's. Naquele dia específico de março quando o conheci, Leon andara declamando diálogos de Shakespeare no metrô por alguns trocados, porque, recentemente, fora demitido (por insubordinação) de seu emprego

como motorista de ônibus. Em seguida à demissão, ele havia surrupiado o traje de Henrique VIII do camarim de uma companhia de teatro da qual ilegalmente tinha uma cópia da chave e fora trabalhar.

— Não foi roubo, porque é impossível “roubar” uma posse desnecessária para seu possuidor — disse ele. — Não é possível que eles precisem da roupa, pois ela jamais caberia em alguém além de mim. Um ou dois anos atrás, interpretei Henrique VIII numa produção espetacularmente de baixo custo dessa peça merecidamente subproduzida. O traje foi feito de acordo com minhas medidas e jamais caberia em outro ser humano. Portanto, em virtude de minhas características, ela me pertence por direito. — Ele inventou um nome para essa companhia teatral de um só homem, Shakespeare Subterrâneo, e tomava os trens, viajava neles o dia inteiro, como um ioiô, para cima e para baixo ao longo da extensão de Manhattan e ziguezagueando de um lado a outro por sua largura, andando de um vagão para o seguinte, sacudindo sua lata de café e deixando que seus pulmões se inflassem e sua alma fosse possuída pelas palavras de Falstaff, Hamlet, Lear, Macbeth, Otelo, Shylock, Próspero, recitando quaisquer falas que lhe viessem à mente e em quaisquer ordens que surgissem, um elenco rotativo de reis, príncipes, feiticeiros, agiotas e loucos, amantes e o ser amado, traidores e o ser traído, assassinos e o ser assassinado, assombrando os fedorentos e chocalhantes trens subterrâneos com o fantasma de Shakespeare.

Até então ele fizera 78 dólares: uma quantia, embora não excessiva, que não se podia desprezar. Ele disse que vinha fazendo aquilo havia seis dias.

Logo após nos conhecermos, tornei-me uma inspiração para Leon. Ele viu um grande potencial em mim, uma ideia que posteriormente floresceria na obra máxima, tanto de sua carreira quanto da minha: a montagem de uma produção épica de *A tempestade*. Seria um

espetáculo que juntaria suas duas paixões: Shakespeare e mágica. Leon o estrelaria como Próspero e Bruno Littlemore como Calibã.

— Essa ideia tomou forma em minha mente no exato momento em que vi você pela primeira vez — diria Leon muito tempo depois. — As raízes dessa ideia vingaram, o verde rebento começou a sair do solo para a luz do sol e essa grande ideia lentamente começou a se desenvolver em realidade. — Quando ele me revelou seu plano, nós já vínhamos fazendo juntos apresentações de Shakespeare no metrô. Por motivos óbvios, o espetáculo tipo circense de um homem monstruosamente gordo atuando ao lado de um chimpanzé rapado e verbalmente proficiente mais do que quintuplicou a renda média da hora trabalhada do Shakespeare Subterrâneo, que agora ostentava dois membros.

No início, nos apresentávamos em vagões de metrô, como Leon vinha fazendo antes de nos conhecermos. Eu cavalgava como uma criança em seus compactos ombros ao caminharmos pelo corredor, chocalhando a lata de café. Isso porque era impraticável atuar de outra maneira nos apertados confins de um vagão de metrô. Aquilo era uma grande diversão. Eu sempre tinha de me abaixar para caber debaixo da porta, ao passarmos de um vagão para o seguinte, agarrado à cabeça de Leon com minhas longas mãos roxas durante aquele terrível momento de escuridão e estrondo, ar quente fedorento e vento explosivo entre vagões. Ao passarmos, eu esticava meus longos braços para agarrar os suportes e as alças e isso também ajudava a firmar o equilíbrio de Leon. Por pura diversão, continuávamos a interpretar certas cenas desse modo — eu sentado nos ombros de Leon e agitando meus longos braços no ar — mesmo após termos mudado as apresentações para o piso das estações. Porque, após as duas primeiras semanas, logo descobrimos que era mais vantajoso interpretar nas estações do metrô: por motivos financeiros (maior movimento, plateias maiores), motivos pragmáticos (mais liberdade em termos de

encenação) e porque (como fomos, em determinada ocasião, rudemente informados por um guarda do Departamento de Polícia de Nova York) atuar no interior de um vagão em movimento é, aliás, ilegal. Então, depois disso, normalmente armávamos nosso esquema no terminal embaixo da Estação Grand Central — aquele gigantesco prédio palaciano cujo teto, enfeitado com um mapa dourado do céu noturno, tanto me fascinara em minha quase acidental chegada à cidade —, onde os pisos são amplos e o tráfego de pedestres é sempre intenso e, se ficávamos cansados de interpretar ali, nos transferíamos para a rua Cinquenta e Dois ou para estações da Union Square.

Para interpretar, o personagem favorito de Leon era Falstaff, e ele tinha o físico ideal para o papel, portanto eu o obsequiava com meu Príncipe Hal. Ele se deitava num saco de dormir sobre o imundo chão ladrilhado da estação, fingindo dormir (o que parecia bastante plausível), e eu vinha de passagem, notava-o e acordava-o com um delicado chute. Falstaff meio que se sentava e, bocejando, espreguiçando-se, bufando, esfregando os olhos, dizia: — Então, Hal, que horas são, rapaz?

E eu retrucava: — Tu embruteceste de tal modo, de tanto beber xerez, de desabotoar-te depois da ceia e de dormir à tarde sobre os bancos, que te esqueces de perguntar o que, realmente, mais importa saberes. Que diabo tens tu que ver com o tempo? — E assim por diante. Fazíamos qualquer cena que possuísse um diálogo entre dois personagens, embora gravitássemos em torno de cenas cômicas, e nossas cenas trágicas, por algum motivo, tivessem uma maneira de se tornarem cômicas quando as interpretávamos. Eu era Horácio para seu absurdamente obeso Hamlet, eu era Cássio para seu Bruto, eu era Iago para seu Otelo, Antônio para seu Shylock, e usava uma peruca loura, batom e vestido para interpretar a Julieta de seu Romeu (autênticas mulheres shakespearianas eram mesmo interpretadas por travestis), a

Cordélia de seu Lear e era a Lady de seu Macbeth, cavalgando triunfalmente nos ombros de meu marido, enquanto o castigava pela fraqueza de seu coração e o exortava a assassinar, e agora me dou conta, Gwen, de que me adiantei muito e de que me esqueci completamente de lhe contar sobre o meu nariz.

## XXXVII

Ah, o meu nariz! Minha antropomorfose ainda não estava completa. Vamos falar de narizes, Gwen. Olhe o nariz de um chimpanzé. Nenhum ser humano que não seja grotescamente deformado tem um nariz assim. Ele é quase inexistente. O rosto do chimpanzé afunda no meio, como se fosse um monte de massa que levou um soco. O delicado declive da parte baixa de seu rosto desce para seu largo lábio superior vindo dos buracos de seu nariz, aquelas duas horríveis aberturas que são bordeadas por um par de sutis elevações entre os olhos, e isso é tudo o que um chimpanzé tem para chamar de seu nariz. Eu sentia que não podia nem mesmo começar a passar de modo convincente por humano com uma abominação feito o resultado de um soco no meio do meu, por outro lado, não inteiramente feio rosto. Não, aquela coisa tinha de sumir. Ou melhor, teria de se *transformar*: se transformar num nariz humano de verdade.

Não me recordo em que ponto eu começara a ficar tão obcecado pelo meu nariz, mas foi antes de ser removido acidentalmente para Nova York e antes de começar a morar com Leon e interpretar Shakespeare no metrô. Sei que foi quando minha vaidade finalmente me forçou a fazer uma rinoplastia. Eu me sentia tão constrangido com a feiura do meu nariz que juro que não conseguia passar cinco minutos sem pensar nele. Examinava meu rosto em cada superfície reflexiva pela qual acontecia de eu passar, imaginando como pareceria com um decentemente atraente nariz humano. Narizes são coisas estranhas, Gwen. Há algo de humor

inato a respeito deles. Narizes são bobos. Se os olhos são os trágicos do rosto, o nariz é seu comediante. Os olhos são as janelas da alma: seres humanos se sentem perturbados e encantados por seus olhos — e acham seus narizes divertidos.

Pois bem, eu queria um. Eu tinha de ter um nariz. Já tomara minha decisão, mas havia dificuldades. A principal delas: eu era ilegal. Vivia na clandestinidade. Não tinha número de Seguro Social, não pagava impostos, não possuía nenhum papel de qualquer espécie que provasse minha existência, fora alguns documentos mofando num arquivo em algum lugar do Zoológico de Lincoln Park — mas eles, é claro, não me ajudariam em nada, não para o que eu queria. Por essa ocasião, o Shakespeare Subterrâneo começava a faturar uma quantidade decente (embora longe de ser exorbitante) de grana, quase certamente devido à adição de Bruno à companhia, ao elemento aberrante que ele acrescentava ao número, e o mesmo acontecia com os shows de magia de Leon. Na verdade, havia muito tempo que Leon nunca se dava tão bem nos negócios quanto quando estava comigo. Ele passou a depender de mim — precisava de mim. Como um tocador de realejo e seu macaco, nós éramos simbioses do entretenimento, baixa cultura ligada à alta. Meses se passaram de maneira tranquila. Leon e eu passamos esses meses interpretando Shakespeare nas estações do metrô, ensaiando nossos números no esquálido apartamento de Leon em City Island e, ocasionalmente, apresentando nossos espetáculos de magia. Leon me deu de presente meu lindo mirlitão revestido de níquel, e acabei por aprender a tocá-lo. Como disse, eu ainda o tenho. Algum dia lhe mostrarei o meu mirlitão, Gwen. Leon cozinhava espaguete para nós, ou macarrão instantâneo com queijo, e comíamos assistindo a filmes antigos na TV — vendo Laurence Olivier, Orson Welles, Cary Grant. Passávamos muitas noites no Artie's, bebendo de graça às custas da tolerante Audrey. Nós nos tornamos grandes amigos.

Entre Shakespeare, mágica e o balcão de bar debaixo do tubarão de borracha nos fundos do Artie's Shrimp Shanty, os meses se passaram e nossas finanças aumentaram até um grau modesto. Mas eu continuava sendo um fugitivo, continuava escondido. Durante esses meses, não ousei tentar retornar a Chicago para voltar para Lydia, embora ela nunca estivesse longe de meus pensamentos. Eu tinha muito medo daquilo em que me tornara. Claro que eu imaginava — imaginava amarguradamente — se tinha sido Tal quem me vendera ao laboratório de pesquisas biomédicas. Eu tremia só de pensar nisso. Entretanto, não conseguia acreditar nisso seriamente. Tinha certeza de que forças além de seu controle — e muito mais além do controle de Lydia — tinham resultado em minha transferência para Nova York e na tentativa de minha escravização. Eu estava por minha própria conta. O que eu poderia ter feito? Aonde poderia ter ido alguém na minha situação? Parecia haver duas opções: ciência ou entretenimento. Eu poderia ter rastejado de volta para a ciência, se o que eu quisesse fosse escravidão certa com os benefícios de segurança e relativo conforto, mas é claro que não era o que eu queria. Portanto, em vez disso, fui para o mundo dos espetáculos. E gostei. Gostava de deleitar uma plateia com meus dentes estalando e minha forma medonha, gostava da atenção, adorava atuar e adorava passear pela multidão, enervando as crianças com seus gritinhos, chapéu na mão e mirlitão na boca, enquanto as habilidosas mãos mágicas de Leon torciam e dobravam a matéria numa louca manifestação de aparente magia.

Falei para Leon que queria um novo nariz. A princípio, ele rejeitou.

— Por que cargas-d'água você iria querer embelezar essa sua cara gloriosamente revoltante? — disse ele entre um gole de cerveja e um arrote. — A natureza obviamente planejou você para uma vida

no mundo dos espetáculos! Essa sua cara é sua galinha dos ovos de ouro! Não a mate!

— Não me importa o que a natureza planejou para mim. Eu quero um nariz humano! Vou conseguir um, e também não preciso de permissão de ninguém.

— Papo furado, Bruno! Eu sou o seu empregador. *Eu* decido como seu nariz deve ser, sua aparência é meu negócio.

— Antes de me conhecer, Leon, você era um palhaço berrando Shakespeare no metrô. O negócio nunca foi adiante até eu aparecer. Sem mim, você não ganharia nem mesmo uma esmola!

— Com todas as serpentes! — Leon bateu com o punho no balcão do bar, fazendo com que os copos balançassem. — Que insubordinação! Audrey! Você ouviu tal descarga de insubordinação ser vomitada pela boca do animal insolente que ainda neste momento se senta a meu lado? Não se esqueça de quem é o teto debaixo do qual você dorme, seu patife ingrato!

— Eu quero um novo nariz! Um nariz, um nariz! Leon, me desculpa! Eu detesto meu nariz! É um fardo! É um albatroz que pende do pescoço do meu rosto!

— E como, seu macaco vaidoso, você ao menos começaria a pagar por uma cirurgia plástica? Ora essa! Certamente isso custa muitos milhares de dólares, se não milhões. Não, receio que não, não com seu arremedo de renda. Esses luxos... essas vaidades!... são para os ricos e não são permitidos a um humilde ator shakespeariano. Isso, sem mencionar a logística da coisa toda. Você não tem cabeça para logística, Bruno. Você fracassa redondamente em compreender a delicada interação da realidade. — Uma pausa e Leon prosseguiu: — E por que iria *querer* grudar um nariz humano ao seu rosto de macaco? Por que essa blasfêmia?

— Porque agora sou humano. Quero parecer um humano.

— Você *não* é humano! — bufou Leon. — Embora de má vontade eu lhe preste meus elogios. Mas chame uma espada de espada.

— Eu não sou um animal — gritei, frustrado.

Leon mudou de posição no banquinho do bar e, com uma elegante sacudida de recusa dos dedos, disse: — Citarei Jonson: “Um macaco é um macaco e um serviçal é um serviçal, embora estejam vestidos de seda ou encarnado.”

— O que é isso?

— Isso é você: um macaco de encarnado.

— Refiro-me à citação.

— *Ben Jonson, obviamente!* — rugiu Leon. — O pobre de Shakespeare.

— Eu conheço um cara — sugeriu Audrey de trás do balcão.

— *O quê?* — disse Leon. — Eu também. Eu conheço muitos “caras”. Mas apenas um homem. — Ele indicou a si mesmo, empinando a cabeça e erguendo as sobrancelhas.

— Não, quero dizer que conheço um cara que faz cirurgia plástica. Bem, eu sei *sobre* ele.

— Silêncio, megera! — disse Leon.

— Conte mais — pedi. — Como é o nome dele? Você já esteve com ele?

Audrey inclinou-se sobre o balcão na minha direção e falou baixinho, embora não houvesse mais ninguém no bar, além de mim e de Leon.

— Não sei o nome dele. Eu apenas conheço alguém que o conhece. Sabe a Sasha? — Fiz que sim. Sasha era colega de trabalho de Audrey, garçonete do Artie’s, que eu conhecia, embora não muito bem. — Ela o conhece — disse Audrey. — Ele operou o nariz da irmã dela. Ele era médico no Brasil antes de vir para os Estados Unidos. Não tem licença para operar, mas faz cirurgias plásticas clandestinamente. Trabalha nos fundos de um salão de beleza em Astoria. Brasileiras recorrem a ele para lipos, cirurgia no

nariz e coisas desse tipo. Ele é barra limpa, é seguro. Sasha ganha comissão, se leva clientes para ele, e é assim que a coisa funciona. Acho que ela trabalhava no salão de beleza antes de virar garçonete aqui.

— Preciso conhecer esse homem. Quanto ele cobra?

— Não sei. Acho que é barato. Mas não é de graça.

Um nariz!... ter um nariz humano! Se ao menos eu tivesse isso, meu corpo estaria completo!

Poucos dias depois, Leon e eu estávamos novamente no Artie's Shrimp Shanty, após passarmos mais uma tarde e noite inteiras interpretando Shakespeare no metrô. Nem mesmo havíamos parado em casa para nos trocar e colocarmos nossas roupas comuns: Leon usava seu traje de Henrique VIII e eu vestia o meu, que era uma fantasia de Arlequim com tecido xadrez de losangos vermelhos e amarelos e um chapéu mole de bobo da corte com borlas em vermelho e amarelo e guizos costurados nas pontas delas. Esse era o nosso estilo de vestimentas durante aquele período. Quando chegamos, Audrey fez contato visual comigo e, com aceno da mão e uma sacudida de cabeça, chamou-me para a extremidade mais distante do balcão, no qual Sasha estava sentada debaixo do tubarão de borracha, com um coquetel azul-ferrete em cima de um guardanapo a sua frente. Leon esmagou seu peso em seu banquinho habitual na outra ponta do bar. Suas coxas flácidas transbordaram do banquinho como as bordas de um gigantesco *muffin* de carne.

— Eu gostaria de um quartilho de cerveja! — proclamou ele usando um falso sotaque do inglês falado na parte continental da Europa. Audrey ignorou-o por uns instantes. Leon pigarreou e voltou a atenção para o jogo de basquete exibido pela televisão no mudo presa a um canto da parede. Sentei-me ao lado de Sasha. Seu expediente havia se encerrado, mas ela ainda usava o uniforme de garçonete. Sasha tinha pele azeitonada, cabelo negro pintado de

louro, aguçados olhos verdes, brincos de argola de prata e longas unhas artificiais intensamente brilhosas e pintadas de um azul-néon que quase combinava com a cor de sua bebida. Seus cílios postiços eram compridos e eriçados e faziam sutis estalidos quando ela piscava. Eu a achei atraente, embora de um modo deliberadamente eficaz.

O nome do médico era DaSilva. Era amigo do pai dela.

— Ele operou o nariz da minha irmã — contou Sasha num sotaque brasileiro do Queens. — Custou 500 pratas. Nada mal. — Deu de ombros e tamborilou as unhas no balcão do bar.

— Eu posso pagar! — deixei escapar.

— Vou levar você para falar com ele. Mas ele só opera gente que conhece. Ele me conhece bem, portanto talvez faça isso, mas pode ser que não queira fazer.

Alguns dias depois, Audrey pegou emprestado o carro de sua mãe para me levar ao Dr. DaSilva. A mãe de Audrey — a segunda das ex-mulheres de Leon — morava em Yonkers e emprestara a Audrey seu Wagoneer 1987 com laterais revestidas de madeira, advertindo-a das muitas indisposições e das idiossincrasias mecânicas do veículo. Audrey e Sasha me encontraram pela manhã na porta do apartamento que eu dividia com Leon atrás do Artie's e fui com elas. Leon ficou irritado com o que via como insubordinação de minha parte e mais irritado por Audrey ser cúmplice disso (Audrey gostava de mim — creio que ela passara a me considerar um irmão mais novo) e mais irritado ainda que o Shakespeare Subterrâneo perderia um dia de apresentações por causa daquela missão de vaidade. Despedi-me dele, mas Leon rudemente se recusou a responder ou a se levantar de onde estava sentado, no futon, com seu roupão de banho atoalhado, distraidamente assistindo a *Levada da breca*, enquanto murmurava algo a respeito de minha insubordinação e comia, direto de uma embalagem de plástico para viagem, o frango assado que ele tinha acabado de

comprar para o café da manhã na mercearia da rua. Audrey nos conduziu para fora da ilha, através do parque, pela via expressa, e atravessando uma ponte que, apoiada em rígidas torres cinzentas, pendia bem alto sobre a água antes de se derramar sobre o Queens, para dentro de uma estonteante teia de ruas estreitas, e então estávamos num lugar onde os alfabetos de muitas línguas diferentes estavam misturados de maneira confusa nas vitrines das lojas, nas quais letras originadas do latim, do cirílico, do grego lutavam por espaço com alfabetos arábicos e chineses, aquela miscelânea babilônica de escritas e línguas todas papeando em uníssono — línguas e músicas também! — trechos de polca, samba, reggae, música *klezmer* misturados a ululações persas, o *uumpa-uumpa* de acordeão e metais de música *mariachi* e as pancadas indistintas de rap explodindo de aparelhos de som de carros — e os cheiros! — bafejos de carne crepitando sobre fogos e massa frita e sabe-se lá o que mais se entrelaçando com os odores de tabaco e água de esgoto, e havia todo tipo de pessoas esbarrando umas nas outras pelas ruas, mulheres com gorros e tamancos de madeira empurrando carrinhos de bebês com crianças atarracadas tagarelando atrás deles e passando por homens magricelas com *trainings* e joias brilhosas e cabelo “grudado no lugar”, e por aí vai e vai: aquele lugar era como uma vasta fração da infinitamente divisível complexidade humana, um circo de distrações dos sentidos em que todos estão ocupados demais e ninguém se importa em olhar para outro lugar a não ser para aquele aonde eles estão indo. Audrey nos guiou naquele monstruoso veículo murmurante pela rua, passou por barbearias, sapatarias, bares, postos de gasolinas e lojas de rosquinhas, até chegarmos aonde estávamos indo. Gradualmente, ela levou de um lado a outro o enorme veículo até entrar em uma vaga de estacionamento em paralelo. Estávamos numa vizinhança brasileira, avisou Sasha. Por toda parte avistei o que supunha serem bandeiras brasileiras dispostas sobre coisas,

penduradas em toldos ou pintadas nas vitrines, verde e amarelo com uma esfera azul salpicada de estrelas no meio, e por toda a parte eu via as mesmas peles azeitoadas e os mesmos olhos verdes, como os de Sasha. Ali estava uma frente de loja engastada no meio do quarteirão de uma rua de trânsito médio, imperceptivelmente aconchegada entre uma delicatessen e uma loja especializada em portas: a foto de uma palmeira e as palavras IPANEMA BEAUTY dançando numa letra verde, redonda e cursiva atravessando a frente branca de um toldo que sombreava a porta da frente. Entramos.

Uma enfiada de sininhos vibrou contra a porta de vidro, que se fechou quando entramos. Um aposento longo, estreito: na frente, uma escrivaninha, um arquivo e uma área de espera com cadeiras metálicas dobráveis e uma mesinha coberta com revistas femininas em português; atrás, um vão de porta, sem porta, coberto com uma cortina turquesa; abaixo, chão de linóleo; acima, uma fila com três ventiladores de teto com correntinhas para se puxar retinindo contra luminárias oscilantes; havia um longo balcão com fileiras de pias metálicas embutidas nele, e tesouras, navalhas, frascos, sprays, pentes e escovas espalhados por toda a sua extensão; dois espelhos paralelos se estendiam ao longo dele; mais além do balcão, cadeiras reclináveis estavam presas ao chão por postes de metal, com pedais para bombear as cadeiras acima dos postes ou soltá-las para descerem sibilando, e na cabeceira de cada cadeira havia capacetes hemisféricos de plástico fixados em uma articulação que os fazia descer sobre a cabeça da pessoa que estivesse sentada na cadeira. O aposento cheirava fartamente a xampus, sabonetes, perfumes, cabelos molhados. A energia feminina naquela sala era doce e densa como creme. Várias mulheres estavam sentadas nas cadeiras e havia outras mulheres de pé, ao lado delas, ajeitando as cabeças daquelas que estavam sentadas nas cadeiras — cortando, aparando, escovando,

ensaboando, enxaguando, secando com secador etc. — e todas as mulheres falavam ao mesmo tempo, em tons universalmente reconhecidos como de fofoca, mas falavam português — aquela bela língua, musicalmente misteriosa para mim, que soa como espanhol, mas com um delicado toque de francês.

Quando entramos, as mulheres sorriram e jogaram beijos e deram acenos femininos de alô para Sasha, e uma delas — pesadona e de meia-idade, com pesadas bolsas arroxeadas debaixo dos olhos verdes, batom cor-de-rosa e cabelo pintado de louro-bronzeado — disse alguma coisa para a mulher na cadeira em cuja cabeça ela trabalhava e veio sorrindo e estrepitando sobre seus saltos contra o linóleo em nossa direção. Ela e Sasha se abraçaram, trocaram beijos nas faces. Então Sasha e essa mulher tiveram uma rapidíssima conversa em português e Sasha apontou em minha direção. A mulher estendeu a mão para mim, a palma para baixo.

— Olá, Sr. Bruno — disse ela numa entonação com consoantes espanadas à pluma. Pousei um beijinho sobre o topo de sua morena mão rechonchuda, porque aquela parecia ser a coisa certa a fazer, e ela me foi apresentada como Cecília. Com compridas unhas pintadas de cor-de-rosa para combinar com os lábios, ela indicou com a cabeça para a seguirmos pelo corredor espelhado do salão de beleza, onde, ao passar, fez para uma das outras mulheres um sinal e pediu, em português, que esta terminasse seu trabalho. Puxou para o lado a cortina turquesa que cobria o vão de porta nos fundos da sala e nos conduziu através de um depósito sujo repleto de caixas úmidas de papelão, depois por um curto e escuro corredor, passamos por outra porta e entramos em outra sala de espera, que se parecia muito com a área de espera que havia na parte dianteira do outro aposento, com as mesmas cadeiras metálicas dobráveis e uma mesinha com as mesmas revistas em

cima dela. Havia num canto uma planta de plástico num vaso e um espelho emoldurado na parede.

Essencialmente, aquela sala se parecia com a sala de espera normal de um consultório médico ou de dentista, no que tinha de limpo e bem iluminado, e tudo o mais, e tinha até mesmo uma aparência profissional, mas o que faltava nela era uma sensação de legitimidade, de... bem, de *legalidade*, havia nela uma carência básica que inspirava medo. Sim, isso mesmo... aquela sala tinha em si um pouco de *medo*, um medo que azedava ligeiramente seu humor; mas apenas ligeiramente azedado como um cheiro de leite que acabou de começar a talhar, mas que ainda é seguro de se beber. O carpete era um pouco fino demais ou questionavelmente manchado demais, a decoração um tanto surrada demais, as paredes um pouco nuas demais. Nós nos sentamos nas cadeiras dobráveis baratas e Cecília foi lá fora e trouxe café em copos de isopor e sentou-se para me fazer algumas perguntas educadas, ainda nada muito sério, perguntas às quais eu respondi igualmente da maneira mais educada possível entre goles de café. Então Cecília virou-se para Audrey, fez-lhe algumas perguntas semelhantes e pediu licença a nós dois antes de se dirigir a Sasha e entabularem um rápido diálogo em português. Gostei de Cecília — ela era metódica, mas, por baixo disso, havia nela uma qualidade tipo de avó, algo mundano e gentil em que confiei.

A outra porta na sala fez um clique suave ao se abrir e duas mulheres saíram de dentro dela. Pareceram surpresas em nos verem sentados ali. A mais velha das duas apoiava a mais nova dando-lhe o braço. Percebi, pelo seu modo de andar sincronizado, corpos e olhos que eram mãe e filha. O rosto da filha, do lábio superior até os olhos, estava coberto por bandagem: uma gaze emplastrada envolvia seu nariz, uma grande bandagem adesiva a mantinha presa a seu rosto e um chumaço de algodão estava preso por cima disso com uma fita branca que dava a volta pela cabeça

por baixo do cabelo. Ambos os olhos estavam inchados, injetados e roxos, como se ela tivesse estado numa briga com socos. A moça respirava pela boca. A mãe fez um ligeiro cumprimento com a cabeça para Cecília, que gesticulou de volta, com os lábios rosados franzidos e olhar compreensivo, e elas saíram. A outra porta continuava ligeiramente entreaberta. Ela girou para fora e um homenzinho saiu: estava na meia-idade, era magro e de aparência delicada, com as maçãs do rosto pronunciadas, cabelo acobreado, que reluzia como pele de peixe, alisado e achatado nas laterais de sua cabeça quase toda calva, e um esmerado bigode preto que apontava para baixo do nariz a partir dos cantos de seus lábios; o efeito geral de seu rosto evocava um envelhecido astro das matinês da era do cinema mudo. Um par de óculos com armação em arame pinçava a ponte de seu nariz. Ele descalçava com estalidos um par de luvas cirúrgicas ensanguentadas enquanto assobiava. Usava um avental branco preso por cordão, coberto de sangue. Então nos viu sentados ali e, ainda assobiando, espetou no ar o dedo indicador, provavelmente fingindo ter se esquecido de algo, voltou para dentro e fechou a porta atrás de si. Por momentos, ouvimos o retinir e o agitar de coisas sendo limpas ou jogadas fora, o *iik-iik* de torneiras e o jorro de água, tudo isso acompanhado por seu melodioso e despreocupado assobio. Cecília pediu licença, levantou-se, foi até o aposento e acrescentou aos ruídos o som da conversa abafada dos dois. Ela voltou e sentou-se outra vez conosco, tranquilizou-nos com um sorriso e uma piscadela e deu dois tapinhas no meu joelho. Em pouco tempo o homem voltou a sair. Os óculos de armação em arame agora estavam empurrados mais para cima do nariz e as luvas e o avental ensanguentados tinham sumido. Ele usava sapatos elegantes e uma blusa roxa enfiada para dentro de calças cinzentas em risca de giz: as mangas estavam enroladas acima dos cabeludos antebraços e um relógio de prata

com uma pulseira de segmentos de metal cintilava em seu pulso. Aquele era o Dr. DaSilva.

Havia alguns assuntos iniciais a serem discutidos. Após isso ter acabado e os DaSilva (O Dr. DaSilva era marido de Cecília, que dirigia a metade legal do negócio dos dois) terem se convencido de que eu era confiável, Cecília voltou para a frente da loja e eu fui deixado com Audrey e Sasha na sala de espera para seguir o Dr. DaSilva de volta a seu consultório, entulhado porém limpo, um aposento sem janelas, com uma escrivaninha, uma pia e uma mesa de cirurgias. Um sortimento de equipamentos cirúrgicos jazia reluzente sobre o balcão. A mesa cirúrgica estava coberta por um lençol branco, com lâmpadas fluorescentes presas por braçadeiras a suas extremidades. O Dr. DaSilva relaxou na cadeira de escritório atrás de sua escrivaninha e eu me sentei do outro lado dele, numa cadeirinha de madeira a sua frente. Havia um evidente senso de boas maneiras do Velho Mundo no Dr. DaSilva. Visto de perto, ele se assemelhava ainda mais com um astro do cinema mudo: até mesmo parecia se movimentar como um homem num velho filme, lento demais quando parado e rápido demais quando andando, e, às vezes, enquanto em trânsito, saltando instantaneamente de um lugar para outro; você quase podia ouvir o estalido de filme se deteriorando enquanto ele se movimentava pela sala.

— Preciso de sua ajuda, Dr. DaSilva. Quero um nariz.

— Creio que posso conseguir isso — assentiu. Ele estava sentado em sua ordinária cadeira de escritório com rodinhas, os cotovelos ancorados nas coxas, sobre as pernas cruzadas, e os dedos formando uma gaiola, cada ponta de dedo de uma das mãos pousada em sua ponta de dedo correspondente da outra mão. O Dr. DaSilva tinha a aparência de um homem de ciência. Algo em seus maneirismos me lembrou, naquele momento, do Dr. Norman Plumlee.

— Olhe só meu nariz! — eu meio que choraminguei. — É horrendo! Quero botar um nariz novo no meu rosto.

— Que tipo de nariz está imaginando, Sr. Littlemore?

— Um bonito, bem grande.

— Hum. Gostaria, digamos, de um nariz como este? — Ele bateu do lado de seu próprio nariz.

— Eu simplesmente quero um nariz, doutor, que me faça parecer mais... hum... bem... mais como uma pessoa normal. — Abstive-me de lhe contar toda minha história. Em geral, minhas habilidades de fala eram o bastante para convencer as pessoas de que eu era um humano com uma aparência muito esquisita. Ele parecia acreditar que eu era humano e portanto não lhe disse que o que eu queria, o que eu realmente queria, era um nariz para me tornar mais parecido com um humano. Até mesmo arrisquei fazer uma piada: — Sempre que converso com uma pessoa, noto que ela olha fixamente para esta aberração entre meus olhos, e sei o que ela está pensando: “Olhem só esse *nariz*... esse cara parece um chimpanzé!”

O Dr. DaSilva sorriu calorosamente e gargalhou, gargalhou comigo, até ajustar seus óculos com armação em arame, olhou-me mais de perto e parou de rir. Ele pigarreou.

— Esse vai ser complicado — disse ele.

— Por favor, doutor! — Meu coração em disparada berrava dentro do peito. — Eu não me importo de onde vai tirar! Corte de um cadáver, se for o caso, eu quero apenas um nariz de homem, de homem!

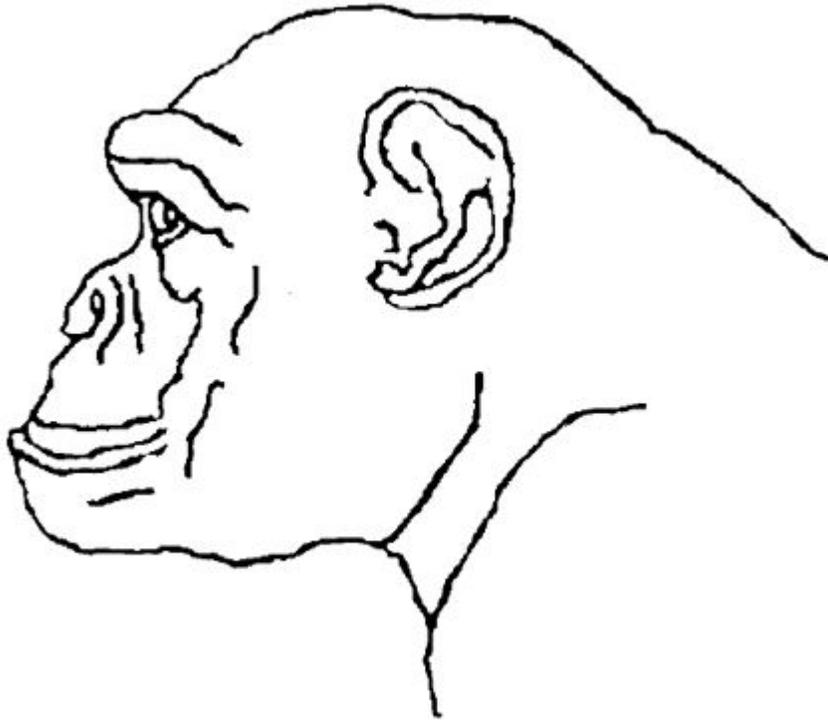
O Dr. DaSilva tirou um grande fichário de três argolas de baixo da escrivaninha e o abriu sob a luminária. O arquivo estava repleto de fotografias de todas as cirurgias de nariz que ele havia realizado. Aqueles eram tipos de narizes que ele podia moldar com seu bisturi. O fichário funcionava como um catálogo. Eram fotos de pré e pós-operatório de seus clientes, com os olhos riscados para proteger

seu anonimato. As fotos não deixaram de me maravilhar. Aquelas mulheres passaram pelo bisturi do Dr. DaSilva e acordaram com rostos novos. Ele devia ser um gênio no ofício da cirurgia plástica. Ele era um *artista* — um escultor —, mas seu material não era argila ou mármore; era a frágil união entre carne e não carne, o fluido casamento do animado com o inanimado. Ele era como o Rodin do corpóreo — em vez de amassar matéria inanimada em formas que sugeriam vida, ele manipulava a própria matéria viva. Folheei as fotos brilhantes enfiadas em capas de plástico de seu álbum. Eram todos narizes adoráveis, belos narizes. Mas o que eu queria era algo um pouco diferente daqueles narizes. Por um lado, porque eram narizes femininos. Por outro, porque todas aquelas cirurgias tinham sido para diminuir ou remodelar narizes: DaSilva encurtava ossos, tornava planos os narizes aduncos, estreitava narinas bojudas, virava para cima o que estava para baixo, afinava pontas bulbosas etc. Suponho que os rinoplastas estejam, geralmente, no negócio das reduções — em vez de no das ampliações — da bicanca. Isso, entre outras coisas, era o que tornava a cirurgia que eu queria um tanto quanto heterodoxa. Normalmente, o trabalho do cirurgião é quebrar aquele delicado ossinho na ponte do nariz, remover a cartilagem considerada disforme e reformar a coisa mais de acordo com os nossos padrões de beleza. O que Bruno desejava, porém, era o procedimento oposto: o que eu desejava era praticamente a *criação* de um nariz. Eu queria um grande, agressivo nariz de aparência humana que se salientasse do meio de minha cara de chimpanzé.

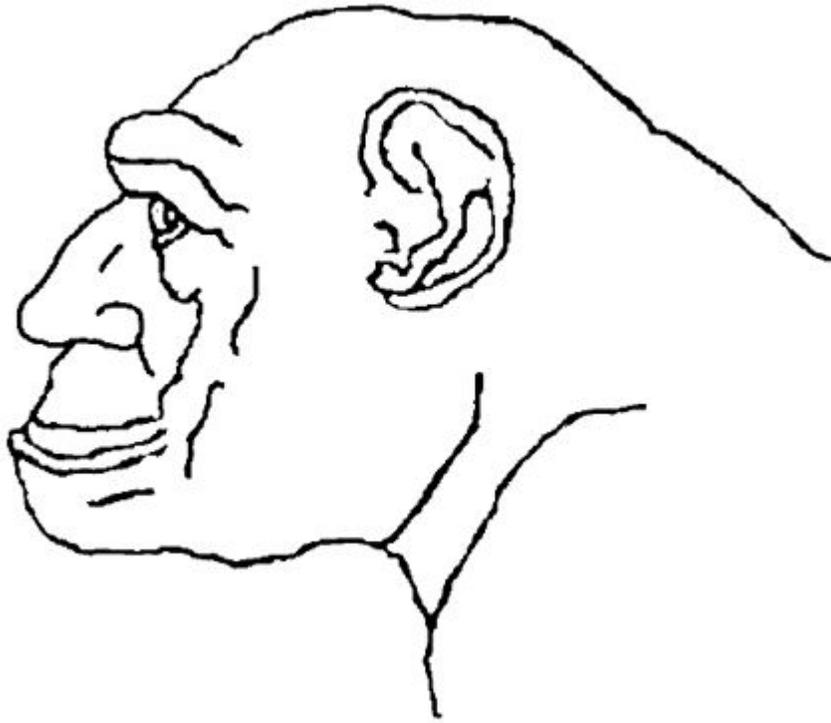
O Dr. DaSilva fechou o fichário e o guardou embaixo da escrivaninha, então apanhou um bloco de rascunho e um lápis e pediu que eu virasse a cabeça, a fim de que ele me visse de perfil. Fiz isso e ele voltou a luminária de sua escrivaninha para mim. Assustei-me.

— Desculpe — disse ele. — Por favor, fique imóvel por um momento.

Fiquei olhando diretamente para a frente e ouvi o lápis rabiscar o papel. Quando ele acabou, mostrou-me o rápido esboço que fizera de mim. Parecia algo como isto:



O Dr. DaSilva era evidentemente um habilidoso artesão. Concordei que aquela era a reprodução correta de meu perfil. O Dr. DaSilva colocou uma folha de transparência sobre o esboço e desenhou por cima um possível nariz. Ao terminar, mostrou-me o resultado:



— *Isso!* — gritei — *É isso! É esse o nariz que eu quero!*

Esqueci-me de mim mesmo — eu pulava loucamente para cima e para baixo na minha cadeira e o Dr. DaSilva pediu de maneira ríspida para que eu fizesse silêncio. Coloquei as mãos sobre a boca, de modo a parecer o terceiro e último dos Três Macacos Sábios e, quando tive certeza de que mais gritos de alegria incontida não me escapariam, baixei meus dedos trêmulos. A imagem que o Dr. DaSilva havia apresentado levou-me à beira das lágrimas. Ele entendeu exatamente que nariz eu desejava. O nariz que me tornaria um homem. O Dr. DaSilva também se ofereceu para ajeitar minhas orelhas para lhes dar tamanho e forma mais humanas, mas recusei. Sempre gostei das minhas orelhas. Eu estava a fim somente do nariz.

O preço que ele me deu foi de 1000 dólares. Empalideci, quando ouvi a quantia. Exortando sua piedade — alegando que eu não passava de um pobre ator shakespeariano, que levaria meses para juntar tanto capital — consegui convencê-lo a reduzir para 900, mas

ele não baixaria nem mais um centavo. Tal preço, segundo ele, já era caridoso o suficiente, tendo em vista o quanto seria incomum e difícil essa operação. Pois bem, naquela ocasião, eu tinha 67 dólares e 91 centavos. Estava tudo enfiado no meu cofre de porquinho na casa de Leon. Meu coração se afundou quando pensei em quantos meses de mesquinhas e economias isso me custaria, quantas aparas a cortar, quantas frivolidades a esquecer, quantos meses mais de uma vida de abstenção monástica eu levaria para juntar tanto dinheiro. Audrey concordou em me emprestar 200 dólares de imediato, sem juros. Leon continuava cético.

— Não vejo motivo por que iria querer arrumar esse seu rosto deliciosamente cômico, Bruno. É esse rosto que vai fazer sua fortuna.

— Tudo bem. Se isso vai me fazer uma fortuna, então usarei meu rosto para fazer minha fortuna e usarei minha fortuna para fazer o meu rosto!

— Ora essa!

— Não se preocupe, Bruno — disse Audrey. — Você provavelmente continuará parecendo uma aberração.

— Obrigado — agradei com amargura.

— Ora — fez Leon. — Não chore, macaco. Nós caçamos porque amamos.

Como... *como* conseguir o dinheiro? Essa questão financeira agora assumiu obsessivamente o lugar em minha mente que antes era ocupado pela questão nasal. Como conseguir o dinheiro. Como conseguir o dinheiro. O odioso refrão “Como conseguir o dinheiro” se mudou para minha consciência desperta, puxou uma cadeira, chutou para longe os sapatos e ficou sentado ali durante dias e semanas, me levando à loucura. Onde, diabo, eu iria conseguir 900 dólares? Ou 700, acredito eu, levando em conta a promessa de empréstimo de Audrey. Mesmo assim. Essa quantia de dinheiro me parecia uma montanha intransponível, uma quantidade insana, um

desejo, uma impossibilidade romântica, uma soma infantilmente fantasiosa, como se o médico pudesse muito bem ter pedido uma remuneração de cem-bilhões-trilhões-gazilhões de dólares pela minha cirurgia.

Durante algum tempo afundei num mal-estar. Entrei num período de anseio melancólico. Eu me consumia por causa de um nariz. Trancava-me no banheiro e ficava olhando meu rosto por horas, imaginando como seria quando estivesse com meu nariz, como eu pareceria bonito. Não era tanto que eu quisesse esteticamente melhorar meu rosto, mas... mas era que eu me sentia *incompleto* sem um nariz. Eu sentia que tinha nascido com ele faltando, que minha falta de um nariz definitivo era uma patente e infeliz deformidade que precisava de correção cirúrgica. Tentei bolar meios de conseguir dinheiro com Leon, mas ele continuava se recusando a me emprestar até mesmo seu apoio emocional (quanto mais o financeiro) para a cirurgia. Os meios de conseguir dinheiro que eu ociosamente permitia que minha mente cogitasse iam do fantástico até mesmo ao delituoso: eu embarcaria numa vida de crimes! Assaltaria um banco! Contrabandearia diamantes! Claro que tais fantasias nunca chegaram perto da consecução. Até mesmo considerei escrever para o rico Sr. Lawrence no Colorado e pedir o dinheiro — afinal de contas, meros 700 dólares seriam para ele uma gota num balde —, mas rejeitei a ideia quase no instante em que ela se cristalizou em minha consciência, pelo motivo óbvio que eu continuava a ser um fugitivo procurado no mundo, cujo paradeiro era desconhecido. Eu estava perdido, sem dinheiro ou nariz. Por um longo tempo, meu coração ficou pesaroso.

## XXXVIII

Leon e eu começamos a conversar seriamente sobre qual seria a primeira (e única — mas falarei disso depois, no momento oportuno) grande produção da Shakespeare Subterrâneo. Houve, a princípio, pouca — apenas pouca, não muita — discussão sobre que peça interpretaríamos como produção de estreia de nossa companhia. Nossos corações haviam se fixado desde o início em *A tempestade*, mas levamos, brevemente, outras peças em consideração.

— Que tal *Rei Lear*? — sugeri. Aberta em ângulo oblíquo diante de nós em cima do balcão do bar do Artie's Shrimp Shanty, debaixo das sombras do gigantesco tubarão de borracha estava a danificada pelo uso e desgastada pelo afeto edição encadernada em couro preto da Gramercy de *As obras completas de William Shakespeare*, que pertencia a Leon, com as folhas de bordas douradas tão finas quanto papel de cigarro e uma fita presa à lombada para servir de marcador de páginas. Os dedos atarracados de Leon folhearam as páginas do livro.

— É triste demais para mim — bufou Leon. — Eu francamente não estou com disposição para isso. A única coisa que não acontece com Lear é ser comido, mas se a peça tivesse mais um ato, provavelmente ele o seria. Interpretei Lear certa vez, sabe... — Leon estava melancólico — ...já faz algum tempo... na ocasião, eu era mais leve. Tinha a barba para o papel, mas não o físico. Disseram-me para perder peso. Consegui, de fato, perder um pouco, mas, mesmo assim, a plateia ria toda vez que eu entrava

em cena. Era inverno e, paralelamente, eu era o Papai Noel de um shopping em Long Island. Muitas vezes eu me atrapalhava e passava para o papel de Lear e todas as criancinhas imundas começavam a chorar, aterrorizadas. Eles riam do meu Lear e choravam do meu Noel. Sacanas.

— *Otelo*?

— Eu gosto de *Otelo*. Tem bastante papo casual. Não tem papo casual em *Rei Lear*, todos estão ocupados demais em pensar no universo. Mas receio que, hoje em dia e com esta idade, seria de mau gosto eu pintar o rosto de preto.

Discutimos sobre *Sonho de uma noite de verão*, *Macbeth*, *Amores perdidos* e *Coriolano*, mas rejeitamos cada uma por diversos e vários motivos.

— *A tempestade* — declarou Leon — é realmente a única escolha óbvia para nós.

— Concordo.

— Mas devemos fazê-la de modo absolutamente correto. *A tempestade*, de todas as peças do Bardo, é a única que oferece a maior liberdade de criação no que se refere à interpretação de montagem, som, música, cenário: é uma verdadeira tela em branco para *mise-en-scène*, o que a torna uma peça empolgante e, na mesma medida, difícil de se produzir. O primeiro ato é razoavelmente adequado, assim como o segundo, mas parece que o Bardo andou tomando algum ácido no terceiro e quarto atos. Sério... leia as instruções das cenas, elas são completamente insanas. Veja isto, por exemplo. — Leon pigarreou e leu: — “Trovões e relâmpagos. Entra Ariel, como uma harpia; bate as asas sobre a mesa; e, com um engenhoso artifício, o banquete desaparece”.

— Como vamos fazer isso?

— Com mágica, Bruno. Algumas peças necessitam de uma total montagem minimalista, de modo a concentrar a atenção da plateia

nos elementos humanos da peça. *A tempestade* é o oposto. *A tempestade* é uma canção para ser cantada para além do gênero humano. Uma verdadeira grande produção dessa peça tem de ser uma experiência tão sedutoramente taumatúrgica que, no âmbito da experiência humana, só é igualado pelo erótico. O que visiono não é apenas uma peça, mas também um show de mágica. A produção ideal dessa peça, é claro... a única produção verdadeiramente digna do texto, não teria de empregar *truques* ou meros efeitos especiais ou prestidigitações, mas *mágica de verdade*. Essa produção deve aspirar chegar o mais perto possível do ideal. Tem de ser miraculosa, na verdade, quase uma experiência religiosa, embora não seja abertamente benéfica para a alma de qualquer um. Nenhum teatro verdadeiro o é. Teatro, Bruno, é um milagre secular.

Portanto, nossa produção de *A tempestade* teria de envolver uma espetacular sobrecarga sensorial de *mise-en-scène*, envolvendo misteriosos truques de luz e som, fumaça e espelhos, música e mágica. Leon interpretaria Próspero e eu, Calibã. O resto? ...detalhes.

Precisávamos de verba: o problema de sempre. Como se formou essa infame civilização negadora de existência?... como, cegamente, estupidamente, coletivamente conseguimos erigir uma arquitetura para o nosso mundo na qual desperdiçamos grande parte de nossas vidas nos lamuriando e nos preocupando e perdendo o sono e trincando os dentes e roendo as unhas em pútrida consternação pelo movimento e circulação, pelo ter e não ter, pelo manter e perder e à procura de pequenos pedaços de metal e papel? Então me lembrei de Emily — a pequena Emily! A pequena Emily que cuidara de mim, quando eu estava machucado, que me abrigara quando eu estava sendo caçado. Lembrei-me de quanto seus pais desejavam desesperadamente que sua bela filha celebrasse a vida do palco e da tela. Talvez, talvez...

Descrevi com todos os detalhes para Leon minha aventura que envolveu a pequena Emily; como fui perseguido, sozinho e ferido, como ela me deu abrigo e cuidou de mim para que eu me recuperasse. Frisei que ela era uma jovem atriz tanto de palco quanto de tela, como também uma cantora talentosa, e que, quando a conheci, estava se preparando febrilmente para seu papel como a personagem epônima do musical da Broadway, o qual certamente, a essa altura, já devia ter estreado e encerrado sua temporada. Não deixei de mencionar que ela parecia ser de uma família com amplos recursos.

— Talvez — falei em voz alta —, talvez, talvez...

— Claro — disse Leon, lambendo a espuma de cerveja em seu bigode, batendo e esfregando as mãos e erguendo maliciosamente uma sobrancelha em vil maquinação.

O dia seguinte encontrou Leon e a mim sentados na Wagoneer da ex-mulher dele, dirigindo de modo exploratório pelo povoado de Hastings-on-Hudson, Nova York, à procura do casarão da família da pequena Emily. Havíamos colocado nossos melhores ternos e gravatas e Leon carregava uma pasta para documentos de aparência oficial que arrancara do fundo de um armário para dar à coisa uma aparência oficial. Continuávamos nos lembrando de que não estávamos *vestidos* com tanta elegância quanto diretores de elenco da Broadway, mas que éramos diretores de elenco. Éramos diretores de elenco que casualmente tínhamos visto da pequena Emily (eu me amaldiçoei mil vezes por não ter aprendido o sobrenome da pequena Emily) a talentosa, deslumbrante etc. atuação como a pequena órfã Annie no musical do mesmo nome e a queríamos escalar para o papel de Miranda, em *A tempestade*, que marcaria a produção de estreia da trupe de teatro de vanguarda Shakespeare Subterrâneo, e, a propósito, estávamos à procura de patrocinadores, portanto, talvez, talvez...?

— É esta a vizinhança — afirmei. — Lembro-me dela claramente. Acho que já vi aquela casa antes. Deve ser em algum lugar por aqui.

Leon pilotou a Wagonner com laterais revestidas de madeira por estradas estreitas, pistas, entradas para carros, vielas e becos sem saída do elegante subúrbio de Westchester. Uma por uma, passamos por mansões estilo Tudor cercadas de carvalhos e vastos espaços de gramados e topiarias verdes.

— Babuíno ignorante! — rosnou Leon. — Por que cargas-d'águas você seria capaz de saber? Todas essas grandiosas cúpulas do prazer parecem praticamente idênticas para mim!

Já estávamos dirigindo havia horas e eram quase seis da tarde, quando passamos pela casa e o denunciador *déjà-vu* pelo qual eu torcia finalmente acionou o meu reconhecimento. Ali estava realmente a casa branca e marrom de tijolos em estilo Tudor, que eu tinha certeza que era a da pequena Emily.

— Ali! Aquela! — gritei, a ponta do meu comprido dedo roxo pressionado contra o vidro da janela do lado do passageiro. — Tenho certeza!

Estacionamos um pouco mais abaixo da rua, fora de vista, numa curva da estrada, a fim de evitar levantar qualquer suspeita indevida, como, por exemplo, por que dois famosos diretores de elenco da Broadway chegariam num meio de transporte tão *déclassé* como a Wagoneer da ex-mulher de Leon. As luzes da casa estavam acesas e parecia haver atividade humana em seu interior. Vimos a sombra de uma pessoa se movimentando, através das janelas do andar térreo. Era outono e as árvores que margeavam a rua tinham cores chamejantes. Percorremos a via coberta de folhas secas, passamos por uma caixa de correio — notamos o nome GOYETTE impresso na lateral — e subimos o caminho que levava através do gramado e jardim até a porta da frente, Leon, com seu cabelo penteado com esmero para trás, a barba recém-aparada, a

pasta de aparência oficial balançando livremente de seu punho gordo, e eu, a seu lado. Leon pressionou um dedo tipo salsicha na campainha e logo aquele mesmo cachorrinho amarelo apareceu na estreita janela com vidro fosco ao lado da porta da frente, quase morrendo de tanto latir. Um momento depois, o rosto de uma mulher olhou para nós, pela mesma janela, a mão em concha sobre o vidro para enxergar do lado de fora, as sobrancelhas erguidas numa expressão revelando confusão levemente matizada com apreensão. Entreabriu a porta guinchante apenas um pouquinho e o cachorro disparou adiante, como se saído da boca de um canhão, e passou a correr em círculos em volta de nossos pés, grunhindo, latindo, exibindo cada dente de sua cabecinha peluda.

— Boa tarde, Sra. Goyette — disse Leon numa voz que soou tão oficial quanto aparentava a pasta para documentos, oferecendo a úmida pata atarracada para um cumprimento.

— Olá? — disse a mulher, abrindo a porta mais um pouquinho. Sua voz soava ligeiramente estridente. Pudemos ver, pela mudança em seu rosto que havíamos acertado o nome. A Sra. Goyette estava no fim da casa dos 40 anos. Era baixa e consideravelmente gorda. Suas roupas eram limpas e de acordo com a moda. Um pescoço carnudo sustentava uma cabeça arredondada com cabelo tingido de preto e um rosto largo com nariz pronunciado e uma boca larga se inclinava em direção de elásticas mudanças na expressão.

— Sou Leon Smoler, e esse é meu sócio, Sr. Bruno Littlemore. — Assenti em concordância. — Estamos aqui para um assunto de negócios muito importante e animador com relação à sua filha Emily.

A mão da mulher voou para a boca e seus olhos se arregalaram, quando ele arfou:

— Oh, meu Deus... há alguma coisa errada?

Leon invocou um rugido na barriga que era uma gargalhada de rejeição.

— Claro que não. Muito pelo contrário. Nós representamos a Shakespeare Subterrâneo, uma companhia de produção teatral experimental.

O ar de alarme no rosto da mulher foi substituído por outro de hesitante desconfiança.

— Estamos extremamente interessados no considerável talento interpretativo de sua filha.

— Vocês são caçadores de talentos?

Sacudi a cabeça negativamente e estava prestes a falar.

— Sim — disse Leon —, de certo modo.

Ela nos convidou a entrar. Leon e eu nos sentamos num sofá perto da lareira e ela perguntou se queríamos café.

— Sim, por favor — berrou Leon. Ela estava na cozinha. Leon e eu esperamos em silêncio no sofá, olhando em volta para as várias bugigangas da casa e ouvindo o tiquetaquear de um relógio do vovô e as correntes que estrepitavam contra o pêndulo. A sala estava parcialmente iluminada pelo frenético bruxulear do brilho azulado de uma TV, mas o som estava mudo. Bill Clinton, que era o presidente dos Estados Unidos na ocasião, inquietava-se na TV. A Sra. Goyette retornou com xícaras de café que colocou sobre a mesinha de centro e ocupou uma poltrona diretamente à nossa frente.

— Estamos preparando a montagem de *A tempestade* — começou Leon. — O canto do cisne do Bardo, no qual ele quebra sua vara e espalha sua magia aos quatro ventos.

Pensativa, a mulher dá um gole em seu café.

— Após termos tido o prazer de ver o puro talento da pequena Emily...

— Deslumbrante — disse eu.

— Sim, deslumbrante, atuação deslumbrante, talentosa em *Annie*, nós decidimos que nenhuma outra atriz seria mais apropriada para o papel principal de nossa peça.

— Por que vocês andaram assistindo a um musical montado em escola de ensino médio? — perguntou a Sra. Goyette. — Como vocês nos encontraram? Por que vieram pessoalmente, em vez de telefonar? Não sei como me sinto a respeito disso...

Leon ergueu a mão em um gesto de ponderação para silenciá-la, gesto esse que foi acompanhado por um sorriso amistoso para indicar que tudo seria explicado em breve.

— Por favor — pedi —, posso usar seu banheiro?

— Fica no fim do corredor, segunda porta à direita. — E ela apontou.

Levantei-me e deixei a sala e, atrás de mim, ouvi Leon içar as velas de sua retórica, preparando-se para uma longa e possivelmente tempestuosa viagem. O pedido para usar o banheiro foi, é claro, um ardil. Segui furtivamente pelo corredor e subi às escondidas a escada para o quarto da pequena Emily, e bati levemente na porta.

— *O que é?* — disse ela, muito, muito alto. Eu abri rapidamente a porta.

— *Você não pode entrar, a não ser que EU DIGA que pode, sua megera idiota!* — começou ela a berrar, ao girar a cadeira, afastando-se da pilha de dever de casa espalhado a sua frente sobre a escrivaninha, antes de ver quem era que estava na porta de seu quarto. Pus o dedo sobre os lábios enrugados para lhe pedir silêncio. É espantoso quão rapidamente uma pessoa consegue mudar na agonia da adolescência. Havia se passado, creio, cerca de sete meses desde que eu vira a pequena Emily pela última vez — e, vejam só!, ela praticamente se tornara uma mulher feita nesse período. Fiquei imaginando se ela se lembrava da noite que passamos juntos e, se fosse o caso, se se lembrava com afeto. Seu quarto agora estava, em sua maior parte, livre das tendências infantis: a casa de boneca, as mulheres de borracha etc. tinham sumido. Os animais de pelúcia, contudo, continuavam presentes e

tudo o mais parecia igual, como da última vez em que eu vira o cômodo. Os animais de pelúcia — entre os poucos resquícios da infância da pequena Emily que permaneciam imutáveis — pareciam ter mudado de significado: haviam passado totalmente da inocência para a experiência, e não mais representavam a infância, mas agora representavam uma sexualização retrógrada conscientemente irônica do infantil.

— Que porra *você* está fazendo aqui? — sibilou ela.

Brevemente, expliquei-lhe a situação.

— Isso é burrice — disse ela, quando insisti para que se apressasse. — Não vai dar certo.

— Por favor, nos ajude — choraminguei. — Pense na glória de estrelar, em tão tenra idade, uma importante montagem de Shakespeare! Basta ir lá embaixo e fazer o jogo.

Então saí correndo do quarto, desci e voltei para a companhia de Leon e da mãe da pequena Emily. Quando os encontrei, eles tinham mudado da sala para a cozinha e do café para o vinho branco, e a mãe da pequena Emily gargalhava animadamente e, com os dedos, alimentava Leon com doces melados. Ele estava sem paletó e com a gravata afrouxada.

— Ora, olá, Bruno — disse Leon com um tom de escárnio. — Pensamos que tinha se afogado.

Pigarreei.

— Estou apenas jogando meu charme para convencer a Sra. Goyette — disse Leon, e abriu a boca para aceitar um cubo de chocolate que a mulher tentava empurrar através de seus lábios. Seu braço estava em volta da gigantesca cintura de Leon. Ela iluminou o aposento com o encanto de uma risada semiembriagada. — Vivian nos convidou para ficarmos para jantar!

— Bem — murmurei, experimentando o ambiente. — Não queremos lhe causar incômodo...

— Por favor, fiquem — guinchou ela para Leon.

— Mas é claro — respondeu Leon.

Ficamos. O jantar foi galinha caipira *cornish*. O Sr. Goyette, pai da pequena Emily e marido da Sra. Goyette, estava fora, em viagem de negócios.

— Como sempre — acrescentou Vivian, mãe da pequena Emily, com uma revirada de olhos amargurada. A galinha estava realmente deliciosa. Comemos na mesa de jantar oval — Leon, Vivian Goyette, a pequena Emily Goyette e eu. Sentei-me diante de Emily e Leon sentou-se diante de Vivian. A pequena Emily e eu estávamos um pouco nervosos e irritadiços. Nossos olhos ficavam disparando para os outros dois e então voltando de um para o outro, trocando olhares de incerteza. Durante o jantar, falamos primeiro sobre a próxima produção de *A tempestade*. Brindamos à produção. Brindamos ao nosso sucesso. Brindamos ao destino predeterminado da pequena Emily como atriz famosa dos palcos e das telas. Então a conversa passou a assuntos gerais. Muito vinho foi ingerido e todas as ostentações de boas maneiras à mesa logo foram abandonadas. Leon e a Sra. Goyette plantaram seus cotovelos na mesa e chuparam os ossos da galinha com ruidosa, sensual entrega. Leon comeu com as mãos, estalou os lábios, lambeu os dedos, engoliu o vinho e rugiu entre mordidas com trovejantes eructações e, quanto mais grotesco se tornavam seus modos à mesa, mais diretamente estes eram espelhados do outro lado da mesa no comportamento da mãe da pequena Emily. Leon e Vivian Goyette se olharam fixamente enquanto comiam de maneira ruidosa a carne suculenta dos finos e lisos ossos da galinha, frequentemente batendo suas taças para brindar (geralmente esquecendo por completo de incluir a pequena Emily e a mim), reenchendo as taças um do outro com crescente frequência por toda a refeição, abrindo uma garrafa de vinho atrás da outra mesmo antes de a anterior ter sido esgotada por completo. Leon ficou afogueado, desabotoou o colarinho, arrancou a gravata e

jogou-a por cima do ombro. Vivian soltou o cabelo e abriu os dois primeiros botões de sua blusa. Os dois comeram e beberam até o borbulhante crapuloso excesso. Vivian ficou rosada como um cravo e melada de tanta transpiração. O rosto rosáceo de Leon por baixo da barba ficou intensamente inflamado e sua camisa grudou no tronco por causa do suor. Ambos explodiam e se derretiam ao mesmo tempo com gargalhadas, suor e alegria. Mais vinho foi aberto e ingerido. Mandaram que eu e a pequena Emily ficássemos na cozinha, para lavar a louça, enquanto Leon e Vivian comiam bolo de chocolate.

A pequena Emily, mal-humorada, passava os pratos, os copos e a prataria debaixo da água quente da pia da cozinha e os entregava a mim para colocar no lava-louça. Leon e Vivian terminaram de comer o bolo e se retiraram para a sala de estar, onde ouvimos sua hilaridade continuar.

— Quer dizer que você vive com esse gordão babaca? — disse a pequena Emily. Eu havia tirado o paletó e enrolado as mangas da camisa.

— A gente tem representado Shakespeare no metrô e feito shows de mágica.

Quando acabamos de lavar a louça, Leon e a mãe da pequena Emily tinham sumido da sala.

A pequena Emily estatelou-se no sofá, apanhou o controle remoto e ligou a TV num único movimento gracioso, com a memória muscular de uma mão com muita prática.

— Cadê sua mãe? — perguntei. A pequena Emily deu de ombros e revirou os olhos.

— *Pfff...* Sei lá.

Sentei-me a seu lado no sofá.

— O que você está vendo? — indaguei. Arrastei-me um pouco mais para seu lado.

— *Friends* — respondeu ela.

Assistimos ao programa por algum tempo. Antes, eu nunca tinha visto realmente televisão de “adulto”. Lydia só me deixava assistir a programas educativos na PBS ou, às vezes, desenhos. Leon só gostava de filmes da era de ouro de Hollywood, ou então gostava de ligar nos noticiários para gritar contra eles. Mas aquilo? Era algo novo para mim. Pessoas faziam coisas na tela e isso não fazia qualquer sentido para mim. Parecia haver uma corrente elétrica no ar daquele universo em que tais pessoas viviam, um ajuntamento de vozes invisíveis que riam delas, às vezes em pontos tão misteriosos no tempo que era muito difícil determinar o que essas vozes desencarnadas achavam tão engraçado. Também parecia que as pessoas que viviam nesse mundo não estavam a par dessas vozes — ou, se estavam, se acostumaram tanto a elas que não achavam mais estranho. O que seria crescer no mundo de *sitcoms* do horário nobre? Envelhecer sob os olhares vigilantes daqueles deuses audíveis mas invisíveis que habitam o tecido do ar, um coro de vozes julgadoras rindo sadicamente de você desde a infância, de cada erro seu, de cada infortúnio seu, de cada segredo vergonhoso seu, de cada fraqueza ou erro de julgamento seu? Isso o levaria à loucura!

Onde estavam Leon e a Sra. Goyette?

A pequena Emily foi à cozinha e voltou com um saco de Cheetos. Então comemos Cheetos e assistimos a *Friends*. Após *Friends*, houve outros programas parecidos. Alguns deles se passavam em escritórios, outros se passavam nas casas dos personagens ou em confortáveis locações, como bares, cafeterias, restaurantes. Os personagens, apesar de serem da classe trabalhadora, normalmente trabalhavam em lugares interessantes, como estações de rádios e redações de revistas, trabalhos que aparentemente envolviam ficar horas de pé no cafezinho e pregar peças em insuspeitos colegas de trabalho. Os personagens nesses programas de TV, apesar das gargalhadas zombeteiras da

enlouquecedora multidão que se mantém suspensa no luminoso éter entre eles, não precisam se preocupar. Podem ter relações sexuais uns com os outros, podem se apaixonar e se desapaixonar uns pelos outros, podem ter conflitos uns com os outros, lutar pelo poder ou brigar por dinheiro. Estão livres para amar, para odiar, para ir trabalhar e para fazer todas as coisas que as pessoas fazem, exceto se preocupar. São livres, de maneira sobrenatural, da verdadeira preocupação, porque esses personagens sabem que, ao fim do episódio, tudo será recomposto e o mundo estará como novo em folha. Essas pessoas vivem numa realidade melíflua, onde todos os conflitos da vida real surgem e desaparecem num alegre e livre simulacro da possibilidade de consequência permanente. Todos esses programas de TV eram como uma única e calmante voz de ninar, mantendo um hilariante espelho deformado para a classe média e sussurrando para ela: *Não se preocupe. Não se preocupe. Não se preocupe.*

Em determinado ponto de nossa assistência à TV e comilança de Cheetos, a pequena Emily deslizou sua mão até a minha. E, enquanto esperávamos que Leon e a Sra. Goyette voltassem, a pequena Emily e eu ficamos sentados no sofá do andar de baixo vendo programas de adulto na TV, de mãos dadas, enquanto comíamos Cheetos. O grande saco de celofane amarrotado de Cheetos situado entre nós dois. Eu segurava a mão esquerda dela com a minha direita e, com a minha esquerda, periodicamente alcançava o interior do saco de Cheetos para apanhar alguns dos bastões com condimento laranja, e ela fazia o mesmo com sua mão direita, de modo que, em pouco tempo, tanto os dedos de sua mão direita quanto os da minha mão esquerda estavam cobertos com o pegajoso farelo cor de laranja de Cheetos, enquanto minha mão direita e a mão esquerda dela ficavam úmidas com o calor produzido por nossas palmas pressionadas juntas. Assistimos a programas de TV de adultos, onde o mundo gargalhava das vidas

inconsequentes de seus personagens, e eu não entendia muito daquilo, mas gostava de Cheetos e gostava de segurar a mão da pequena Emily, gostava de segurar sua delgada mãozinha quente na minha singularmente comprida mão roxa. E, uma vez, cada um de nós, com uma mão quente e úmida e a outra cor laranja e pegajosa, viramos nossos rostos na direção do outro e nossos lábios cor laranja e pegajosos se encontraram num demorado, profundo e salgado beijo. Nós éramos jovens, nós éramos americanos e era final do século XX.

## XXXIX

**N**ão seria exato, creio, dizer que fundos foram iniquamente surrupiados do orçamento de nossa produção para pagar minha cirurgia nasal. Nós lançamos essa despesa como custo de produção porque foi, após um modo de interpretação, isso mesmo: não haveria meios de eu ter levado encanto ao palco, como Calibã, sem meu novo nariz; foi o nariz que completou o efeito que eu queria alcançar.

Quando deixamos a casa de Goyette naquela noite — bem tarde da noite, após Leon e Vivian, a mãe da pequena Emily, finalmente terem descido a escada para se juntarem novamente a nós, os dois com os cabelos molhados, pois, aparentemente, tinham tomado banho; e após Leon ter apanhado seu paletó na sala de estar e a gravata no chão da sala de jantar; e após Leon e Vivian Goyette trocarem um abraço de despedida e ela depositar em seu rosto um beijo “mais do que amistoso” que deixou a marca de seus lábios impressa com batom no rosto barbeado dele, o que levantou a questão, assim que o cor-de-rosa secou no rosto de Leon, que era possível discernir o batom cor-de-rosa contra a pele ao redor dele; e após nos despedirmos da pequena Emily, que estava emburrada, sem compartilhar o bom humor de sua mãe; e após caminharmos lá para fora e subirmos de volta a colina onde havíamos estacionado o carro da ex-mulher de Leon fora de vista para ocultar nossa constrangedora pobreza; e após eu ter interrogado Leon sobre as particularidades do que acontecera, enquanto ele e Vivian Goyette, a enorme mãe da pequena Emily, haviam sumido de vista por bem

mais de duas horas; e após eu ter interrogado em vão, pois Leon incomumente se fechou e não forneceu qualquer palavra à guisa de detalhe, forçando-me, desse modo, a imaginar o pior; e após termos embarcado de volta no carro; e após Leon dar partida no motor e começar a nos conduzir de volta ao Cross County Parkway, o que nos levaria para casa — Leon sorriu de esguelha para mim, enfiou os dedos no bolso do peito do paletó, extraiu um pedaço de papel retangular dobrado uma vez, passou-o para mim e, conseqüentemente, eu o examinei, li o que estava impresso e o que estava rabiscado nele à luz inconstante da iluminação de rua sob a qual passávamos, e vi que era um cheque, da conta do Sr. e da Sra. Goyette, assinado pela Sra. Goyette e preenchido com uma soma de dinheiro impressionantemente grande. Fiquei chocado com a quantia escrita no cheque.

— Isto está correto?

— Seus olhos não o enganam, Bruno. Claro que suponho que isso significa que teremos de escalar aquela menina rabugenta para o papel de Miranda. Mas, se existe alguém capaz de transformar qualquer uma numa atriz de primeira classe, esse alguém sou eu. Quantos anos ela tem?

— Quinze.

— Aham. Que conveniente. É a idade de Miranda na peça. — Leon citou: — “Tens alguma lembrança da época em que nós ainda não vivíamos nesta cela pobre? Não acredito, pois naquele tempo não contavas 3 anos. (...) Há 12 anos, Miranda, sim, 12 anos, era teu pai um poderoso príncipe, e duque de Milão”.

Leon deixou-me afagar o cheque e lê-lo várias e várias vezes a caminho de casa. Aquele era o orçamento de nossa produção. Na manhã seguinte, fomos diretamente ao banco e descontamos o cheque antes que algum arrependimento pudesse ocorrer a uma Sra. Goyette mais sóbria. A primeira coisa que compramos com o dinheiro foi uma robusta caixa metálica com fechadura com

segredo, que liberou o trinco de seu fecho com um estalido e dentro da qual despejamos todas as notas de 100 dólares estalando de novas que nunca haviam entrado em circulação, as quais Leon e eu havíamos invocado de seus leitos de descanso na gaveta do caixa do banco, para apresentá-las aos tortuosos caminhos do comércio, a fim de serem gastas em prol de uma boa causa e, incontinentemente, partirem para quaisquer incontáveis aventuras que o mundo tivesse a lhes oferecer. Com cuidado, contamos e recontamos o dinheiro e anotamos a quantia na linha de cima da primeira página amarela de um bloco espiralado com formato vertical e usado para estenografia (bem parecido com os blocos de anotações que Gwen, minha amanuense, usa para registrar esta narrativa), prendemos a caneta no bloco e o colocamos na caixa, para manter o controle do dinheiro, junto com uma calculadora, para subtrair as despesas. Essa foi toda a extensão do sistema contábil que habilmente bolamos para a movimentação financeira de nosso agora consideravelmente abastado grupo de teatro de vanguarda, o Shakespeare Subterrâneo. Leon e eu escolhemos um segredo que cada um de nós guardaria de memória, instalamos a combinação, fechamos bem a caixa e a trancamos.

Então, imediatamente, nós a abrimos novamente para pagar o almoço. Retiramos duas das notas de cem dólares estalando de novas, meticulosamente anotamos a despesa no bloco, trancamos a caixa e a escondemos debaixo do futeo, então tomamos um trem para a cidade rumo a uma comemoração com bifés. Demoramos um pouco para encontrar um restaurante legal no qual não tínhamos dado um golpe anteriormente, mas conseguimos um e, diante de picanhas e martínis, discutimos o futuro imediato do Shakespeare Subterrâneo. Nossa primeira discussão disse respeito ao espaço. Não chegamos a qualquer conclusão imediata, pois Leon encontrava dificuldade em se lembrar de um espaço teatral do qual não fora barrado por um ou outro motivo. Nossa segunda discussão

disse respeito a nossa primeira despesa significativa de produção, que era a minha cirurgia nasal. Leon argumentou que se tratava de uma utilização desnecessária e irresponsável de verba da companhia, cuja relevância para o projeto em questão era, na melhor das hipóteses, questionável. Sucedeu que, posteriormente, Leon teve de engolir humildemente suas objeções iniciais a minha plástica no nariz, porque a cirurgia, de uma forma inesperada, levou à solução da primeira discussão. Então entramos nas sérias etapas de planejamento, isto é, na etapa de pré-produção. O que imaginamos era espetacular, um verdadeiro épico em termos de escopo e ambição. Tivemos a primeira de muitas conversas sobre o que era preciso para ressuscitar o teatro para o século XXI que se aproximava — pois esse era o nosso derradeiro objetivo. Eu andara lendo Stanislavsky, eu andara lendo Artaud. Toda essa leitura era parte da lista de necessidades, montada por Leon, para minha instrução em dramaturgia moderna. Como professor, Leon enfatizava igualmente teoria e prática e tinha particular interesse nas teorias de Artaud.

— Essa será provavelmente a mais formidável produção de Shakespeare da história — disse Leon. Animadamente, empurrou com a ponta dos dedos o cabelo para trás, para longe do rosto, a fim de que não caísse no martíni que estava bebericando. Tive de concordar.

— Eu me dei conta — prosseguiu Leon — de que Shakespeare escreveu no finalzinho do período da história humana em que a magia da narrativa ainda estava realmente viva. Mais tarde, o animal selvagem de Shakespeare foi capturado, morto, empalhado e idolatrado pelos eruditos idiotas e anódinos dos quatro séculos que se seguiram, mas isso obviamente não é culpa do Bardo. Precisamos salvar Shakespeare de seus admiradores, de seus assassinos. Precisamos salvá-lo eliminando a tirania do texto.

Perguntei como isso seria possível.

— Uma excelente pergunta. A tarefa que está diante de nós é desfazer o dano que o Iluminismo e os séculos subsequentes causaram nas artes narrativas. Precisamos reviver um senso de perigo no teatro, um senso de vitalidade. Derrubar não apenas a quarta parede, mas também a primeira, a segunda e a terceira. Essas paredes nunca deveriam ter sido construídas. Está entendendo?

— Não exatamente.

— Permita-me explicar, então. Após muitos anos exaustivos de cuidadosos estudos e reflexão sobre o assunto, cheguei à inconveniente conclusão de que o Iluminismo causou o início da ruína do teatro ocidental, do mesmo modo que arruinou quase tudo o mais. Você vai notar, por exemplo, que os séculos posteriores a Shakespeare produziram, espantosamente, pouca literatura que possa ser considerada de fato significativa. A obra de Edgar Rice Burroughs é uma exceção. E *algum* Dickens. Mas eles estavam nadando contra a corrente. — Leon fez uma pausa para inserir um generoso naco de carne em suas bochechas. — Pegue os povos da Antiguidade — prosseguiu, gesticulando com o garfo, as palavras repousando nas bochechas, como se fossem almofadas, à medida que ele mastigava. — Para eles, o teatro não podia ser desemaranhado do próprio tecido da vida. Os romanos levavam o teatro tão a sério que ficaram conhecidos por ocasionalmente executarem pessoas no palco, e incluíam essas execuções em suas peças como uma espécie de, você sabe, reviravoltas.

— Alguém poderia argumentar — senti necessidade de destacar — que não deveríamos admirar a seriedade com que os romanos encaravam a arte teatral, mas, em vez disso, deveríamos nos horrorizar com a seriedade deles em relação ao descaso com a dignidade da vida humana.

— Ora! Que perspectiva profundamente desinteressante. Por favor, doravante, em minha presença, expulse isso de sua boca.

— Desculpe.

— Tudo bem. Onde eu estava? Eu especularia que o teatro ocidental começou seu constante declínio desintegrador por volta da queda do Império Romano, e quase se completou lá pela metade do século XVII. Depois disso, nunca foi tão bom novamente. Por quê, perguntaria você? Porque, após esse momento histórico, as artes narrativas foram amputadas do corpo da sociedade... amputadas como um membro é amputado! Depois disso, toda a arte narrativa foi colocada dentro de uma vitrine, como algo a ser visto na segurança do lado de fora. Tornou-se um animal enjaulado, andando de um lado para o outro diante das barras, para ser reverenciado e admirado apenas por detrás de uma barreira protetora.

— Eu conheço essa sensação!

— Exatamente! Você se encontra em uma posição ímpar, Bruno, porque viu essa jaula tanto do lado de dentro quanto do lado de fora. E, do mesmo modo que você se libertou dos confins dessa jaula, precisamos libertar a arte narrativa de sua jaula. Precisamos devolver o teatro à selva, onde ele é livre, se assim o desejar, para reduzir seus espectadores a retalhos sangrentos!

— O teatro de animais selvagens!

— Bruno! — Leon agarrou-me pelo braço, agarrou-me fortemente, como se tivesse acabado de sofrer um ataque cardíaco. — Que frase brilhante! O teatro de animais selvagens.

Brindamos a essa invenção, chocando violentamente nossos martinis em comemoração. Uma ideia acabara de nascer. O teatro de animais selvagens: nós nos apaixonamos de imediato por essa ideia. Nesse meio-tempo, consegui convencer Leon a permitir, com relutância, que eu pegasse emprestado — ele considerou a coisa como um empréstimo, um termo que eu esperava que fosse esquecido — 700 dólares do cofre de nossa companhia para a operação do meu nariz.

## XL

**M**eu nariz. Exatamente como fiz outrora, Gwen, sobre a tampa de uma agora quasimítica caixa de plexiglas no Laboratório de Biologia Comportamental da Universidade de Chicago — a caixa que me levou à civilização —, anos depois, com os mesmos nós de dedos símios, bati três vezes: *toc, toc, toc*. Só que, dessa vez, não bati três vezes numa caixa de plástico transparente com um pêsego em seu interior, mas numa porta — uma porta que eu vira uma vez antes — nos fundos de um discreto salão de beleza brasileiro. A meu lado, encontrava-se meu magnífico amigo Leon Smoler, o qual, finalmente, cedendo a meu desejo de ter um novo nariz, me levava, na Wagoneer de sua ex-mulher, do apartamento que dividíamos em City Island para aquele lugar, e me levaria de volta para casa após minha cirurgia. A caminho do Queens, notamos que o carro da ex-mulher de Leon estava ficando sem gasolina. Esse problema teria sido bem fácil de se contornar, mas Leon, agindo num racional autointeresse econômico, procurando minimizar despesas de produção, quis ordenhar cada último quilômetro possível do atual conteúdo do tanque de combustível, e planejou usar o oitavo de tanque que tínhamos a nossa disposição quando apanhamos o carro na casa da ex-mulher de Leon, em Yonkers, seguir o caminho todo de City Island ao Queens e então voltar a City Island, para nosso apartamento atrás do Artie's Shrimp Shanty, onde ele ternamente me estenderia de costas em minha cama para que eu convalescesse, depois voltaria a Yonkers, para devolver o carro. Eu esperava estar anestesiado e sem condições de

ir sozinho para casa após a cirurgia. Contanto que eu conseguisse meu nariz — e sou infinitamente grato a Leon por esse favor —, não o aconselharia sobre a sensatez ou a insensatez de seu plano, nem em relação às questões éticas que este suscitava.

O carro estava estacionado na rua diante do Ipanema Beauty Salon. Ao lado de Leon, estava Cecília, mulher do Dr. DaSilva e proprietária da parte legal do negócio conduzido naquele estabelecimento. (Mas que negócio era realmente *legal*? O sistema inteiro de troca econômica sempre pareceu carecer de falta de naturalidade, de absoluta ilegitimidade espiritual.) No bolso interno do meu paletó havia um envelope contendo nove cédulas de 100 dólares, duas delas que peguei emprestada de Audrey e as outras sete que peguei emprestadas da verba de produção de *A tempestade*. A porta se abriu. Ali estava o Dr. DaSilva, parecendo ainda mais do que antes um homem do cinema mudo: aquele cabelo acobreado tipo escama de peixe alisado para trás, as pontas do elegante bigode apontando para baixo e distantes do septo nasal como duas flechas, a suprema afetação de seus bons modos e a gentileza de seu comportamento.

Imaginei claramente ouvir o trinar de um piano de brinquedo fornecendo acompanhamento musical e, após ele estender sua delicada mão para que eu a apertasse num cumprimento, um cartão preto de entretítulo surgiu na tela, com as palavras emolduradas por uma borda adornada: *Olá, Sr. Littlemore!* Talvez tivesse havido outras palavras trocadas entre nós, mas elas são facilmente deduzidas pelas nossas expressões faciais e nossos gestos. O médico perguntou quem era aquele Gargântua que avultou tão alto e tão largo junto a mim e respondi que se tratava de meu amigo Leon, que me trouxe de carro até aqui, como um favor pessoal, sabendo que, após minha cirurgia, eu não estaria em condições de ir sozinho para casa. Leon tentou me seguir até o interior da sala de cirurgia, mas o Dr. DaSilva sacudiu a cabeça e

ergueu a mão, e as notas do piano se intensificaram para indicar que Leon não seria admitido na sala de cirurgias, ele devia esperar lá fora, sinto muito, é minha política e, após um pouco de discussão fútil, Leon bateu o pé com força e deu meia-volta. O Dr. DaSilva fechou a porta e, no meu filme mudo, Leon foi arrastando os pés até a área de espera e depositou-se em uma das cadeiras dobráveis. Então ficou batendo o pé e movendo os olhos de um lado para o outro, entediado. Apanhou uma revista da mesinha e começou a folheá-la, mas estava escrita em outra língua, ele não conseguia ler, e teve de se contentar em olhar as fotos. Então outro entretítulo surgiu na tela: *Enquanto isso...* Corta para o consultório/sala de cirurgia do Dr. DaSilva. O Dr. DaSilva, educadamente, conduziu-me até sua escrivaninha, a mão em minhas costas. Bruno sentou-se, o Dr. DaSilva sentou-se e, frente a frente, entabulamos uma última conversa sobre o nariz que ele iria fazer em meu rosto. Meus órgãos tremiam com uma receita emocional que consistia em três xícaras de excitação e uma colher de chá de medo. Meus olhos desviaram para um balcão de serviço numa das laterais da sala, onde avistei uma pasta preta aberta. Era um estojo cirúrgico, feito talvez em alguma ocasião do início do século XX. Os instrumentos cirúrgicos foram feitos com um amor de artesanato e a atenção exata aos detalhes que muito raramente vislumbramos em objetos de fabricação moderna. A delicadeza científica daqueles instrumentos cintilantes! — cada fórceps, tesoura, alicate, pinça, cada faca, agulha, serra, bisturi, lanceta, compasso, trocarte, retrator, espátula e espéculo instalado em seu lugar, amarrados com fitas verdes em depressões próprias no veludo verde que revestia o estojo. Havia, contudo, uma evidente proposta de ameaça no modo pelo qual aquelas coisas afiadas brilhavam. O Dr. DaSilva disse-me o que eu deveria fazer, quando saísse da cirurgia. Disse-me que eu não poderia remover as bandagens até uma data assim assado. Disse-me que não as

molhasse. Disse-me que talvez eu acordasse com a face, que estava ferida, inchada, terrivelmente contundida, parecendo que eu tinha sido espancado em uma briga de socos. Logo após a cirurgia, durante as primeiras 24 horas, eu deveria ficar de cama, com a cabeça elevada. Meu rosto pareceria intumescido, meu nariz doeria, uma chata dor de cabeça estaria presente. O inchaço e a contusão chegariam ao ápice em dois ou três dias, mas isso poderia ser atenuado com a aplicação de compressas frias. Sangramento era comum nos primeiros dias de recuperação. Não se curve mantendo a cabeça abaixo do coração, disse ele, pois isso poderá aumentar o inchaço e/ou o sangramento. O tamponamento nasal poderia ser removido após alguns dias e a tala, apenas uma ou duas semanas depois. Eu poderia enlouquecer um pouco por causa da incessante comichão embaixo das bandagens, pois isso daria a sensação de um enxame de formigas de fogo rastejando pela minha pele, mas, sob quaisquer circunstâncias, eu não deveria satisfazer o desejo, cuja sensação seria a de queimação, de coçar a coceira. Seria melhor, disse-me o médico, que, durante o período de restabelecimento, eu não tocasse no rosto ou, pelo menos, fizesse isso o mínimo possível. Não assoe o nariz por pelo menos duas semanas depois da operação, recomendou. Ele me disse que precisava ter serena paciência para suportar a futura amolação, a comichão enlouquecedora, a dor e o desconforto que beliscaria e inflamaria e torturaria meu rosto. Paciência, paciência. O paciente precisa ser paciente. Descanse bastante. Analgésicos, se os conseguir. O que quer dizer com isso de *se* eu conseguir, pranteei alarmado, e o médico me lembrou que exercia a profissão sem uma licença e, portanto, não podia receitar coisa alguma. Eu deveria me preparar para um longo período de dor excruciante, disse-me ele. A vaidade é dolorosa. A beleza é difícil. E eu deveria ser discreto. Evitar chamar a atenção para mim mesmo. Ficar invisível, se possível. Aliás, seria melhor, disse o médico, você simplesmente

não sair de casa por algum tempo — digamos, a primeira e a segunda semanas após a cirurgia. Depois de tudo isso ser dito, o médico me perguntou novamente, uma última vez, se eu continuava preparado para realizar a cirurgia. Essa era minha última chance de recuar. O paciente respondeu ao médico com a corajosa, desafiadora afirmativa. Em seguida, o médico perguntou por seus honorários: de um modo direto. O médico se sentia muito constrangido até mesmo em discutir sobre dinheiro — ele era um homem de modos quase aristocráticos e não gostava da suja, porém necessária, intrusão do fator econômico naquela conversa. O paciente enfiou uma comprida mão roxa no bolso interno de seu paletó e retirou um envelope, o qual deslizou por sobre a escrivaninha. O médico abriu a aba do envelope, que não estava colada, olhou seu interior, contou visualmente o dinheiro sem manuseá-lo, então puxou a gaveta para abri-la, largou o envelope dentro da gaveta e a empurrou para fechá-la. O médico assentiu gravemente. Ergueu-se da escrivaninha, empurrou a cadeira, enrolou as mangas, enfiou um avental branco por cima da cabeça e amarrou as tiras nas costas. Mandou-me tirar a camisa e deitar-me na mesa de cirurgia. Fiz o que ele ordenou. A fina esteira de papel sobre a mesa de cirurgia enrugou-se debaixo de meu corpo e grudou na pele suada de minhas costas. Pousei minha cara cabeça sobre um pequeno travesseiro de papel e ouvi o tecido de papel ruflar e estalar debaixo de minhas orelhas. O médico me cobriu com um lençol branco limpo. Movimentou-o sobre meu corpo, como se estivesse fazendo uma cama, o puxou até meu pescoço e o enfiou debaixo do queixo. O médico acendeu umas lâmpadas fluorescentes presas por grampos nas bordas da mesa de cirurgia. Os tubos incandesceram — *nzt-nzt-ngnzzzzzzzz* —, ferroando meus olhos com luz brilhante. Por que, às vezes, parece que meu corpo inteiro tem vivido debaixo de luzes fluorescentes? As luzes de academia, de ciência, de arte, de medicina, do hospício. Esse é meu destino, viver

debaixo de luzes fluorescentes. Com minha visão periférica, observei o Dr. DaSilva — seu corpo movimentando-se rápida e exatamente, embora com ocasionais estalos, arranhões, borrões e tremidas no velho celuloide — enquanto apanhava um largo rolo de fita adesiva na mesa de cirurgia. O artifício primitivo de contenção de um médico ilegal. Ouvi o som de uma longa tira de fita ser despelada do rolo. Senti o incrivelmente inconfundível odor de uma fita adesiva recém-despelada. Com uma longa tira de fedorenta fita cinzenta, o médico prendeu minha cabeça à mesa, depois enrolou várias outras camadas de fita em volta da testa, até eu não conseguir mais movê-la. Fez a mesma coisa com meus braços, até a imagem do monstro de Frankenstein, amarrado à mesa e esperando seu raio de geração de eletricidade para encarnação, provavelmente tornar-se comicamente análoga. De um modo hesitante, perguntei ao médico se toda aquela contenção era inteiramente necessária. O médico me assegurou que era uma precaução necessária, nada com que se preocupar. Passou álcool na minha testa, esguichou um jorro de um líquido claro da ponta da agulha de uma seringa, bateu nela duas vezes com os dedos, enfiou-a bem fundo numa veia e injetou o conteúdo em minha corrente sanguínea. As coisas aqui começaram a ficar indistintas para mim. Meu senso de espaço de tempo dilatou-se. Senti o corpo rapidamente se tornar frio e dormente. Era uma sensação agradável. Quente e frio ao mesmo tempo. Minha respiração diminuiu mais velozmente do que meu fluxo de consciência. Devo ter balbuciado de maneira incoerente, *Lydia* — espero não ter murmurado sem parar até a anestesia me dominar — *Lydia, Lydia, Lydia...* Talvez o médico se perguntasse qual o significado desse nome para seu paciente. Que outros segredos a morfina destrancou de meu cérebro em desvanecimento? Nunca saberei. Observei, grogue, o médico lavar as mãos na pia como se estivesse a mil quilômetros de distância. De algum modo, eu estava ao mesmo

tempo dormindo e acordado. Podia sentir as mãos delicadas do médico, podia sentir as leves aplicações de pressão, os toques habilidosos, os floreios cirúrgicos, os cortes. Mal conseguia sentir o médico mutilar meu rosto com seus instrumentos, e uma distante parte minha sentia o sangue escorrer pelas faces, e eu provei, quando pingou um pouco em minha boca, o quente gosto amargo metálico de sangue, e ouvi, ou sonhei ou imaginei ter ouvido, uma ou duas gotas de meu sangue fazer *plit plit* no chão de linóleo da sala de cirurgia. Flutuei acima de meu próprio corpo e observei o cirurgião enquanto ele removia partes de meu rosto. Observei o médico quebrar algo em meu nariz e soltá-lo, com um puxão, de seu invólucro de gosma sangrenta. Vi a carne nua debaixo de minha pele, exposta sob as quentes luzes zunidoras.

Sonhei que fazia amor com Lydia. Estávamos em Chicago. Era anos atrás. Estávamos em nossa cama no apartamento de Chicago. Nevava lá fora. Seu corpo quente, sua pele junto a minha. A cama tornou-se terra e então eu rastejava através do solo úmido, escuro. Seixos, raízes, larvas. Minhas mãos alcançaram a superfície. Afastei os torrões de terra e avistei um tênue ponto de luz no alto. Arrastei-me para cima, em direção à superfície, e emergi numa floresta. Eu estava numa floresta. Eu estava num local úmido, escuro, com densa vegetação, antigo e fervilhando de vida, com vapor, terra, fogo, sangue, sêmen, água, doença, fantasmas. Tudo estava vivo, tudo estava respirando e fluindo e se movendo e se contorcendo com espíritos animais. Eu estava cercado por chimpanzés. Animais nus, peludos, ignorantes, desprovidos de fala. Grunhindo, uivando, peidando, se coçando, comendo insetos e minhocas, colhendo lândeas uns das pelagens dos outros. Seus rostos como máscaras de borracha, olhos negros vidrados. Olharam para mim, confusos. Eu não era um deles. Ergui a vista para o céu. Consegui enxergar apenas porções de azul aqui e ali; a maior parte dele estava envolta por galhos. Mas, em um dos lugares onde eu conseguia ver

o céu desobstruído das sombrias folhagens das gigantescas árvores da selva, avistei uma coisa: uma pequenina partícula, algo flutuando no céu, muito mais além das árvores. Ela desceu, tornando-se maior, mais visível, até vir flutuando através da abertura nas árvores para o chão da floresta: era a efígie de um ser humano feita com um balão cor-de-rosa. Estendi-me para tocá-la. Ela estourou.

## XLI

**A**lguém jogava a luz de uma lanterna em meus olhos. Pestanejei duas vezes, e voltei a pestanejar. Minhas pálpebras pesavam com o sono drogado.

— Ei, *amigo* — disse a lanterna, num anasalado sotaque de Nova York. — Você deve estar me gozando.

— O quê?... hum... olá? — balbuciei, ou algo semelhante, para a lanterna.

— Vamos, amigo, o que houve com você?

A luz ofuscante foi puxada para longe de meus olhos e, com os olhos meio fechados em meio a lágrimas de confusão, vi o rosto de cabeça para baixo de um policial olhando inquisitivamente para o meu. Eu parecia estar deitado debaixo de um cobertor no banco traseiro do carro da ex-mulher de Leon. O próprio Leon não estava presente. Eu estava tão desorientado que, a princípio, não sabia se era dia ou noite. Senti o carro estacionado estremecer, quando um monstruoso caminhão passou fazendo *vuuush* pela estrada. Meu rosto doía — incrivelmente. Meus olhos queimavam.

O rosto do guarda e o tom de sua voz eram severos, mas não maliciosos. Era de meia-idade, bem barbeado e branco. Também era um infeliz possuidor de um daqueles pedaços de pele que, solto, pendia do pescoço e do queixo, que só agora me lembrei que se chama “papada”.

— Que horas são? — perguntei. — Onde estou?

— São três da madrugada, e você está num maldito veículo com a licença vencida, num ombro do Hutch.

— Bem, não é aonde eu fui dormir. Tenho certeza de que há uma explicação, policial.

— Qual é o seu nome?

— Bruno. Eu me chamo Bruno.

— O que houve com seu rosto?

Minha mão saltou para o rosto e as pontas dos meus longos dedos roxos encontraram uma espécie de textura dura, áspera, seca. Havia algo enrolado em meu rosto logo abaixo dos olhos. Deduzi que era uma bandagem — cobrindo meu nariz.

— Acabei de ser submetido a uma cirurgia, policial — falei. — Sinto muito, mas fui pesadamente sedado. Estive anestesiado.

O guarda franziu a testa com essa informação. Contudo, porque seu rosto estava de cabeça para baixo, o franzido, em vez disso, me pareceu como se uma criatura-queixo de aparência engraçada sorrisse para mim.

Ele estava parado à margem da estrada e curvado sobre a janela aberta do carro. Afastou-se por um momento, para inspecionar a Wagoneer da ex-mulher de Leon, iluminando brevemente com sua lanterna o porta-malas e os assentos da frente.

— Onde... onde *está* Leon? — perguntei, minha mente ainda nebulosa.

— O quê? — disse o policial, retornando para o meu lado do carro.

Agora eu estava ciente de uma segunda presença. Havia um homem de calça jeans e camiseta preta seguindo o policial. Esse segundo homem carregava, montada em seu ombro como uma espécie de arma, uma câmera: uma câmera de vídeo. Ele pressionou um dos olhos no visor e fechou o outro. Uma luz vermelha piscou na máquina, um maldoso pontinho vermelho pestanejante. Por que os humanos sempre sentem essa ânsia de documentar?

— Quem é *ele*?

— Eles estão filmando esta coisa para um programa de TV — respondeu o tira.

— Oi — disse o cinegrafista.

— Eles vão pedir que você assine uma autorização, a não ser que queira que seu rosto apareça borrado na TV.

— Talvez não precise — observou o cinegrafista. — A gente só leva ao ar material legal. Sabe como é, se acontece alguma coisa realmente.

Deveria um observador imparcial se imiscuir numa conversa dessas?

— Meu, hum, amigo... Leon — gaguejei. O tira se virou novamente para mim. — Ele deveria me levar de volta para casa, após a cirurgia.

— Um amigo e tanto — comentou o tira.

Agora eu estava sentado no banco traseiro, segurando o cobertor, imaginando subitamente se era tudo que tinha para cobrir minha nudez. Eu podia ver, pela dilatação da lente da câmera, que o cinegrafista estava dando um zoom no meu rosto. O pânico, como mudas de planta, começou a brotar embaixo de minha pele. Havia um pastor alemão presente? Pediriam que ele arrancasse a frágil carne de meus ossos? Fiquei imaginando se eu apareceria na TV.

Mas prestem atenção! — ali, a distância, vê-se uma figura solitária, aproximando-se sob a ríspida luz laranja da noite urbana. E é de fato uma grande figura solitária. É tão barriguda que parece esconder um saco de batatas debaixo da camisa e está bufando e ofegando a cada penoso passo, enquanto caminha pela curva superior do Hutchinson River Parkway. Sua gigantesca figura torna o homem inconfundível até mesmo para meus olhos turvos.

— Leon — gritei da traseira do carro, ainda enrolado no cobertor. Ao escancarar a boca para gritar, uma dor aguda percorreu rapidamente todo meu rosto e achei que deveria evitar forçar meus músculos faciais enquanto meu nariz não estivesse completamente

sarado. Um 18 rodas, iluminado como um circo, passou por nós feito uma rajada no meio da noite. O policial reagiu a meu grito jogando novamente a luz da lanterna nos meus olhos. Retraí-me. Apontei para Leon, que vinha trotando e resfolegando pela curva da estrada.

Eu falei: — Ali!... ele!... aquele é o meu amigo.

Leon claramente tinha avistado o guarda e, em seus passos, havia agora uma marcante hesitação, uma lentidão, indicando um temor de entrar naquela situação, misturado com sua mente trabalhando loucamente para bolar um meio de se livrar dela, o que, enquanto seus passos se aproximavam, transformava-se num insano processo de imaginar o que ele diria.

— Ei, *amigo* — disse o tira, redirecionando o pálido anel da lanterna para Leon. — Ei... você! Este carro é seu?

Leon, aproximando-se, gingava ao longo do ombro da estrada panorâmica o mais depressa que conseguia, parecendo exatamente uma morsa tentando um desordenado e pessimamente planejado plano de fuga de um zoológico. Em uma das mãos, trazia uma lata de gasolina. Foi então que entendi por que o carro estava estacionado na curva superior da estrada. Quando Leon chegou, o guarda deu-lhe algum tempo para que recuperasse o fôlego.

— Minhas... mais sinceras...(resfôlego)... escusas... policial — disse ele, retirando cada palavra de dentro da boca como se fosse um objeto pesado que ele estivesse erguendo, uma de cada vez, sobre uma parede. — Sabem, cavalheiros... eu... meu veículo... ficou... desprovido de gasolina... e, portanto... infelizmente... parou... neste mais do que inconveniente... local. *Contudo...* — disse, recuperando o fôlego e colocando adiante orgulhosamente a lata de gasolina para todos verem, incluindo, presumivelmente, os telespectadores que o assistiam em casa —, em reação ao problema, eu, corajosamente, dotei-me de um recipiente vazio para gasolina e desci a estrada até um posto de

combustível... um Mobil... em vista do que obtive esta gasolina, a qual transporte até aqui e com a qual planejo encher o tanque de meu automóvel.

— Onde você aprendeu a falar, idiota?

Leon arqueou as sobrancelhas e ergueu o queixo, revelando uma aparência de grande dignidade. — No *teatro*.

— Deixe-me ver sua carteira e os documentos do carro.

— Certamente, policial. — Leon procurou por uma carteira nos bolsos. Enquanto fazia isso, o guarda lançou um olhar desconfiado para mim.

— Sabe que o registro de sua placa está vencido.

— É porque o carro, de fato, não me pertence. Se pertencesse, eu teria exercitado bastante a prevenção para me lembrar de renovar o registro na ocasião devida. Sucede que este carro pertence a minha antiga esposa, e tenho certeza de que você está por demais familiarizado com a certa negligência nessas questões práticas que é uma característica do belo sexo.

— Qual delas, a de deixar a porra do seu carro ficar sem gasolina no Hutch?

— Puxa, seu guarda. Eu sou apenas humano.

— Ei, vamos seguir mesmo com essa merda — refletiu o cinegrafista.

Leon entregou sua carteira de motorista. O policial leu-a com a ajuda da lanterna. Ergueu a vista.

— Você andou bebendo?

— Negativo, senhor, nem uma gota.

Isso possivelmente poderia não ser 100 por cento verdade, pensei. Eu quis dizer, "Ora, teus lábios mal foram enxutos desde a última vez que bebeste", mas contive minha língua diante das circunstâncias.

Observei a lua, tingida de laranja, erguer-se sobre as árvores, como uma esfera de sangue ardente suspensa por um arame diante

da cortina aveludada da noite.

— Acho que seu amigo ali atrás está doente — disse o guarda. O cinegrafista, audivelmente, conteve uma risada. — Você deveria cuidar dele.

— Ele foi submetido a uma cirurgia recentemente. Eu o estava transportando em segurança para casa, quando o carro ficou súbita e inexplicavelmente desprovido, por completo, de gasolina.

— Diga a sua ex-mulher para atualizar a licença do carro. Faz um mês que está vencida. Paramos para dar uma olhada porque parecia um veículo suspeito.

O policial devolveu a carteira de motorista de Leon e os dois homens voltaram para seu carro e foram embora. Meu cérebro ainda estava saturado de anestesia. Não caí no sono, mas balbuciei e murmurei comigo mesmo no banco traseiro, vendo a sombra criada pelo carro brincar e se deslocar debaixo das luminárias alinhadas pela estrada e ouvindo o tráfego da outra pista passar a toda por nós. Sentia-me, ao mesmo tempo, arrepiado e descontraído. Eu me imaginei numa nave espacial lançada da Terra para o frio vácuo negro do espaço a uma velocidade próxima à da luz, de modo que o tempo se dilate e milhões de anos se passem e, certo dia, eu faça uma aterrissagem forçada num planeta alienígena habitado por uma raça hostil de macacos falantes, sem pelo e que andam aprumados, só para descobrir, para meu horror, que se trata mesmo da Terra. Senti um grande surto de afeto por Leon, a despeito de sua assustadora incompetência. Ele deixara a Wagoneer de sua ex-mulher ficar sem gasolina na estrada panorâmica, depois me largou dormindo e sedado na traseira do carro, no meio da noite, enquanto descia a curva à procura de um posto de gasolina. Contudo, não fiquei ressentido nem senti raiva dele. Ele era meu amigo. Sentia meus órgãos patinhando dentro do meu pequeno corpo, com cada curva, cada ligeira mudança de força centrípeta. Leon mantinha o rádio ligado, bem baixinho, para não

me incomodar, e acho que ele tinha sintonizado uma estação das “antigas”, que estava tocando uma música de Roy Orbison: *only the lonely... know the way I... feel tonight...* [somente os solitários... sabem como... eu me sinto esta noite] E eu ouvia o pesaroso falsete angelical de Roy Orbison arrulhando aquela agridoce nênia para sua solidão na arremetida e no bramido de uma noite fria no Hutchinson River Parkway.

Em pouco tempo, Leon estava tirando o carro da rodovia para entrar nas estradinhas tortuosas que nos conduziam por Pelham Bay, através da ponte verde-menta e de volta a City Island. Olhei pela janela, enquanto tremíamos pela ponte que nos levava para casa e vi a gigantesca lagosta de néon vermelho, condenada — condenada como alguém na mitologia grega está condenado ao Hades a repetir para sempre alguma tarefa fútil — a eternamente abrir e fechar, repetidamente, sua garra. Sua luz vermelha se refletia nas águas negras e balouçantes abaixo dela. Leon estacionou o carro e me ajudou a sair. Tentei caminhar, mas não consegui. A terra continuava a arfar e se deslocar debaixo de meus pés; era como tentar andar no fundo do mar. Leon segurou minha mão para me apoiar, mas ficou óbvio para nós dois, após alguns passos oscilantes meus, que a locomoção autônoma ainda era impossível para mim e o único modo de eu conseguir voltar ao apartamento, sem ajuda, seria rastejando até lá. Portanto, Leon aconchegou um ainda delirante Bruno em seus enormes e esponjosos braços, ergueu-me, montei em seus ombros e permaneci sentado neles, da mesma maneira como fazíamos quando interpretávamos Shakespeare nas estações do metrô. E segurei o mais forte que pude. E grudei nele, cavalgando nos ombros de Leon, o rosto enfaixado com gaze cirúrgica, enquanto ele avançava devagar pela calçada, o rosto meticulosamente baixado, caminhando sob as líridas luzes cor de laranja, sob um urbano céu noturno, alaranjado e sem estrelas.

Passamos pelo Artie's Shrimp Shanty, havia muito tempo fechado e agora às escuras, dobramos a esquina, passamos pelos contêineres perto da porta da cozinha e abrimos a porta do nosso apartamento, então Leon me carregou para dentro, lembrando-me de que eu precisava baixar a cabeça ao passar pela porta. Levou-me para o interior do apartamento sem acender qualquer luz que pudesse perturbar minhas retinas com sua indesejável claridade, guiando-se apenas pelo seu íntimo conhecimento do espaço. Deitou-me de costas em minha cama, o futon na sala de estar. Não estava armada. Leon me cobriu bem. Agarrei as cobertas e caí no sono quase que imediatamente: meus olhos se fecharam e retornei ao oblívio, como um exausto viajante enfim voltando para casa, murmurando o nome de Lydia até ele se dissolver em sílabas sem sentido e desaparecer no silêncio.

## XLII

Quando acordei no dia seguinte, era de tarde e minha cabeça parecia quente e meu crânio latejava um pouco com dor de cabeça. Olhei-me no espelho do banheiro, observando minha enevoada cabeça enfaixada, senti o rosto arder com uma dor pós-operatória e examinei com a mão a nova saliência no meio do rosto, onde estava o meu nariz, escondido debaixo das bandagens.

— O médico me informou que você não deve remover as bandagens antes de seis dias — disse Leon no café da manhã, chocalhando as páginas do *New York Times* que trouxera naquela manhã, quando deixou o apartamento para ir comprar donuts. Ele havia comprado duas dúzias de donuts na Dunkin' Donuts a três quarteirões de distância, e até mesmo se absteria de comer dois deles, que eram para mim. Um deles era um donut de massa comum, que achei minimamente palatável, mas o outro era coberto com glacê de chocolate, no qual havia incrustada uma superabundância daquelas perturbadoras barrinhas coloridas que parecem feitas plástico chamadas "granulado", que acho que agradam mais aos olhos do que ao paladar e, por isso, Leon se sentiu forçado a comer esse outro também.

— E ele se desculpou — continuou Leon, o donut com cobertura de chocolate e granulado fazendo esmagadores ruídos esponjosos em sua boca, enquanto ele o mastigava — pelo triste fato de não ter tido analgésicos sobrando e, por motivos óbvios, não ter podido lhe passar uma receita. Mas disse que precisará tomá-los durante

os próximos dias ou provavelmente terá de suportar dores excruciantes.

A dor que eu sentia era constante e terrível, mas não excruciante. Comi meu donut, dando pequenas mordidinhas, feito um coelho, porque não conseguia abrir muito a boca sem sentir uma irrupção de chamas em meus nervos faciais, no lugar onde agora eu percebia que estava o meu novo nariz.

Não saí de casa durante uma semana. Bebi um monte de vinho. De baixo de uma das pilhas de lixo que havia no apartamento, Leon conseguiu desencavar um frasco de plástico marrom com comprimidos de Percocet com a data de validade expirada havia muito tempo, que ele disse ter adquirido por ocasião de uma cirurgia de joelho de tempos passados. Eles resolveram. Tomei os comprimidos de Percocet enfiando-os goela abaixo com vinho e passei a maior parte dos dias seguintes deitado com a cabeça apoiada numa montanha de travesseiros, vendo TV enquanto flutuava 1 metro acima de meu corpo. Esgotei completamente a coleção de vídeos de Leon. Assisti a *2001: uma odisseia no espaço*, *O último tango em Paris*, *Noivo neurótico*, *noiva nervosa*, *Satyricon*, de Fellini, e percorri toda uma coleção de filmes de Ingmar Bergman reunidos num estojo que Leon tinha, chamado *Vamos falar de morte*. Ele até mesmo alugou *Pinóquio* para mim, ao qual assisti várias vezes em rápida sucessão, e isso me causou alegria. Leon me fazia companhia, enquanto eu estava convalescente e, de vez em quando, saía para alugar vídeos para mim e para comprar mais donuts e vinho.

Sucedía que estávamos em 1998 e, quando não estive vendo filmes nela, a TV se tornara pouco mais do que uma janela com sórdida vista para as ligações sexuais do presidente, especificamente suas transas com uma coisa jovem rechonchuda acusada de repetidamente praticar sexo oral no nosso comandante em chefe e permitir que ele enfiasse um charuto em mais de um de

seus orifícios. Ei-lo na televisão, o rosto corado, o nariz rombudo e os cabelos prateados, encolhendo os ombros encabulado, negando tudo, como se não fosse o líder desta nação, mas seu marido sedutor apanhado com a babá. Leon e eu nos divertíamos assistindo, enquanto os noticiários passavam e repassavam a cena em que Bill Clinton nos garantia que não manteve relações sexuais com aquela mulher. Leon acabara de retornar do Artie's, onde pedira uma porção dupla de camarão e uma garrafa de vinho. O camarão ficou aninhado numa embalagem de isopor sobre o roupão atalhado que Leon costumava usar nas horas vagas. Em meio a punhados abarrotados de camarões em suas bochechas, Leon tomava vinho em goladas e berrava para a TV.

— Que merda! — vociferava. — Por que a Suprema Corte fica toda ouriçada porque o presidente ganhou um boquete? E por que ele não diz apenas “Deixem-me em paz, vão conseguir seus boquetes!”? Francamente, Bruno. Essa coisa toda é tão assustadoramente insípida. Não carece de uma crucificação sexual. Vão acabar pregando o pênis dele numa cruz. Pelo amor de Deus, lembrem-se de JFK. Suas escapadas sexuais fariam Bill Clinton parecer um adolescente dos anos 50 dando uns amassos na traseira de um Plymouth conversível.

Eu não tinha muita certeza do que era a Suprema Corte.

— Pelamor de Deus, Bruno, sua educação está cheia de furos!

Não neguei isso. A culpa não era minha. Como disse, essa é a maldição do autodidata.

— O que é a Suprema Corte? — perguntei.

— Não sou professor de educação cívica, mas farei o melhor possível: a Suprema Corte é um grupo de prostitutas políticas. Sabe, há coisas em nosso governo, tipo uma distribuição de poderes. É por isso que temos três divisões governamentais: o executivo, o legislativo e o judiciário. Quando eu era criança, meus professores deixaram abundantemente claro para mim que era por

isso que eu tive sorte de nascer nos Estados Unidos. Eu achava que a realeza britânica era tão malvada quanto meus professores do ensino primário e que, um dia, a rainha poderia me ver indo para a escola e dizer, “Não gosto da aparência daquele garoto. Cortem-lhe a cabeça!” Ao passo que aqui, mesmo se ambas as casas do Congresso votassem unanimemente para que minha cabeça fosse cortada, a Suprema Corte poderia intervir. Isso é distribuição de poderes. *Agora* você entende?

Entrou um comercial. Era um comercial de certa marca de telefone celular, coisa que, na época, começava a ter uma crescente popularidade. O comercial abria com a cena de um teatro, uma silenciosa plateia expectante sentada diante de uma cortina de veludo vermelho. As cortinas se erguiam e se abriam e o que se seguia era uma versão de *Romeu e Julieta* encurtada para 30 segundos, porque todos os personagens tinham telefones celulares. A brincadeira era que a comunicação sem fio apressava as coisas. Leon ficou horrorizado. Jogou um camarão na TV, o qual grudou brevemente na tela antes de escorregar, deixando uma rastro úmido.

— *Claro* que esses telefones celulares apressam a comunicação! Por que, diabo, vocês iriam querer fazer *isso*, seus sacanas cruéis? A trama toda de *Romeu e Julieta* arruinada... não só isso, mas *toda* a grande literatura!... ousado afirmar, *depende* da falta de comunicação. Informação falha, sinais apagados, mensagens atrasadas ou não entregues! O que essas coisas infernais estão fazendo é pavimentar todas as belas montanhas e os belos vales de confusão na paisagem da sociedade humana! É repugnante! Tenho certeza de que em poucos anos cada idiota na rua vai zanzar por aí como um sonâmbulo, com um desses horrendos aparelhos grudado na orelha. Então, finalmente, teremos entrado na fase final de decadência da civilização humana. Assim que todo mundo tiver um celular, a

grande literatura não mais será escrita devido ao fim da incomunicabilidade.

— Talvez — arisquei —, o advento dos celulares não elimine a falta de comunicação, mas apenas apresse a comunicação. Muito mais eficiência.

— Diacho! Que se dane a eficiência! Que se dane a conveniência! Que se dane a comunicação! Que tipo de futuro estamos criando para nós mesmos, Bruno? Qual é a grande suposta virtude que vinculamos a esses valores... eficiência, conveniência, comunicação? Essas não são virtudes humanas... essas são as virtudes pervertidas do *comércio*! É a virtude de um lojista! Ouça, Bruno! — Cuidadosamente, Leon empurrou para trás, com a ponta dos dedos o longo cabelo negro e colocou uma das mãos em concha no ouvido. — Ouça — sussurrou.

— O quê?

— *Shhh* — A voz de Leon baixou para um sussurro de palco: — Ouço algo! Ouço algo ocorrendo fora do santuário do nosso pequeno lar.

— Eu não ouço nada.

Leon ergueu a voz para um total estrondear teatral: — Ouça, Bruno, e se *desespere*, pois o que ouço é a flácida linguagem do comércio osmoticamente substituindo cada sílaba de poesia ainda viva no coração humano!

— Ah.

— Ao diabo com tudo isso! — estrondeou ele para a TV, abanando a taça de vinho no ar a sua frente, de um modo tão histriônico, que parte dele escapou para o colo do seu roupão. — Deem-me a incomunicabilidade! Deem-me confusão! Deem-me um mundo abundante de erratas para alimentar as grandes tragédias de eras passadas! Aonde foi parar a tragédia em nosso mundo? Diga-me isso! *Tudo* é comédia! E você não consegue apreciar de verdade a comédia, se sugar todo o trágico. Apenas olhe para esse bufão que

vive em nossa TV. Isto é, o nosso “presidente”, Bruno. Olhe para ele: ele sabe que tudo isso é mera comédia! Sim, ele enfrenta um *impeachment* e tal, pois é, seu malandro, você está mesmo enrascado desta vez! Mas você pode ver que aquela fina máscara de preocupação em seu rosto apenas esconde um sorriso malicioso. Um *sorriso malicioso*! Por dentro, ele está pensando, “Lalari-lará, isso tudo é muito engraçado”. E, que o diabo o carregue, ele está *certo*! É engraçado! “É isso aí... Felações foram realizadas neste próprio gabinete! Debaixo desta escrivania! O que acham disso, Estados Unidos? Não estão nem um pouquinho com ciúmes do seu ‘macho alfa chefe’? É isso aí... chupem essa, Estados Unidos!” Nós vivemos numa era de cômica irrealidade. Nada para nós é real. É tudo piada. Tenho certeza... pode escrever o que eu digo, Bruno... tenho certeza de que alguma grande tragédia está se formando silenciosamente por baixo disso tudo. Vão em frente e riam, Estados Unidos, riam até estourar sua cabeça idiota. Mas, quando a tragédia desabar sobre nós, o que invariavelmente acontecerá, pois todos os nossos telefones celulares e sites da internet não bloquearão um único raio da *Rota Fortunae*... quando isso acontecer, todos nós estaremos tão fartos e idiotizados por anos de gargalhadas que não teremos a menor noção de como nos comportar. Só então a verdadeira comédia poderá começar de novo. Precisamos de tragédia para nos mostrar o que é *realmente* engraçado. Oh, Deus! — Leon revirou os olhos para o teto, num melancólico abandono. — Viver num mundo antigo! Eu suportaria qualquer merda! Palavra!

---

Depois de uma semana, meu período de convalescença chegou ao fim. Após os primeiros dias, o inchaço diminuiu, meus dois olhos roxos sararam e, alguns dias mais tarde, a dor decresceu de

desagradável a quase suportável. Poucos dias depois, removi as bandagens.

Esperei até Leon estar fora de casa. Não me lembro de onde ele estava, talvez numa missão de vinho e donut. Eu queria ficar a sós com meu nariz. Subi na escadinha que me levava à pia do banheiro e fiquei diante do espelho. A parte do meio de meu rosto — logo abaixo dos olhos e logo acima da boca — estava coberta por bandagens. Cortei-as com a tesoura para crianças, sem ponta e com cabo de plástico, que pertencia a Leon, e gradualmente desenfaixei as bandagens do meu rosto. Então as retirei em punhados. As bandagens eram grudentas e úmidas por dentro e escurecidas por estarem mosqueadas de sangue coagulado. As bandagens caíram no chão do banheiro, *flap, flap, flap*. As bandagens cheiravam mal. A pele do meu rosto estava úmida e enrugada por ter ficado marinada em suor por debaixo das bandagens durante uma semana.

Ali, no meio de minha cara símia, estava um nariz humano.

Meu nariz humano combinava tão naturalmente com meu rosto que quase parecia que eu tinha nascido com ele, embora, quando isso me foi revelado pela primeira vez, a cicatriz branca que o cercava ainda estivesse bastante visível. Olhe para mim. Este monstro foi feito homem.

Olhei bem para ele. Olhei-o de todos os ângulos possíveis, então obtive novos ângulos de escrutínio com um espelho de mão colocado defronte ao espelho da parede. Espelho, espelho meu, existe um nariz mais belo que o meu?

Toquei-o. Eu o acariciei amorosamente com meus longos dedos roxos. Eu parecia tão bonito.

Comecei a chorar. Aquelas eram lágrimas de alegria. Senti a água salgada escorrer como quentes riachos pelas laterais de meu belo e novo nariz. Este nariz — como, obviamente, você mesma pode ver, Gwen — este nariz foi habilmente esculpido na pele de meu rosto...

mas não foi só isso. Era como se o nariz perfeito tivesse me encontrado. O nariz estava em total harmonia com meu rosto. Parecia quase como se eu pudesse passar por um humano de nascimento. Tinha uma aparência tão boa. Meu novo e belo rosto me dava uma sensação de poder. Eu queria desfilhar pela cidade meu rosto melhorado esteticamente, apresentar ao mundo o Bruno novo em folha.

Quando ouvi a porta da frente se abrir e se fechar, precipitei-me para fora do banheiro para mostrar a Leon meu novo nariz.

— Com todas as serpentes! — arfou Leon. Seus olhos ameaçaram saltar das órbitas como rolhas de espingardas de ar comprimido. — Deixe-me tocar nele!

— Delicadamente — alertei. Minha pele do nariz ainda estava muito sensível.

Leon pousou um único dedo gordo e trêmulo na ponte de meu nariz.

— É notável — sussurrou —, simplesmente notável!

Com delicadeza, Leon acariciou meu nariz com seu dedo. Então nossos olhos se encontraram de um modo constrangedor e ele deixou de acariciar meu nariz. Nós dois desviamos o olhar e Leon fingiu tossir.

— Venha, Bruno, vamos nos refugiar no Artie's para comemorar sua transformação. Audrey está cuidando do bar esta noite.

Entramos pela porta ao lado e pedimos camarão e vinho e mostrei meu novo rosto para Audrey e Sasha.

— Não lhes disse? — disse Sasha. — Ele ficou ótimo.

— Uau! Você quase parece humano, Bruno — disse Audrey.

— Obrigado — falei, com uma meia medida, aceitando o elogio com graça cavalheiresca.

Todas as garotas arrulharam e elogiaram e alisaram minha cabeça. Eu alimentava muitas fantasias sobre os milhares de

mulheres que se sentiriam impotentes a resistir ao atraente magnetismo de meu rosto agora que eu tinha um nariz humano.

— Receio que sua lua de mel com seu nariz deva ser curta, Bruno — disse Leon. — Pois amanhã precisamos começar a trabalhar seriamente em nossa peça.

Eu sabia que era verdade. Minha convalescença já havia protelado por tempo demais a produção. Havia a complicada e interessante questão de se encontrar um espaço apropriado para a encenação. Nós éramos chamados de Shakespeare Subterrâneo porque nossas apresentações eram subterrâneas, tanto metafórica quanto literalmente. Apresentar a peça inteira no metrô não seria exequível. Leon tivera uma ideia que envolvia um tio seu que ele não via havia muito tempo.

— Tenho um tio, com quem perdi contato — disse ele —, que atualmente deve estar na casa dos 90 anos. Há muitos anos possui e opera uma oficina de serralheria. Ele a herdou de seu pai.

— É irmão do seu pai?

— Não. — Leon enfiou os dedos na barba, pensativo. — Ele é irmão do pai da minha mãe. Suponho que isso seja um tio-avô. Em todo caso, espero que ele ainda esteja entre os vivos. Eu não o vejo há mais ou menos trinta anos. Mas deve estar, pois é um sujeito robusto e saudável. Vamos visitá-lo amanhã.

— Onde?

— Uma excelente pergunta. — Leon virou-se para sua filha, que estava ocupada na outra extremidade do balcão e gritou: — *Audrey!* — Bateu palmas duas vezes e espetou o dedo no ar.

— O que foi?

— O catálogo de telefones, meu bem.

Audrey revirou os olhos e estatelou sobre o balcão vários catálogos grossos, um de cada *borough* de Nova York. Nós os abrimos na letra S e procuramos a relação de serralheiros.

— Eu não me lembro direito onde fica a oficina do meu tio — disse ele, lambendo o polegar para folhear o catálogo. — Tenho mais ou menos certeza de que fica localizada na ilha de Manhattoes, portanto deveremos visitar sistematicamente cada serralheria listada aqui até encontrá-lo.

Concordei que era de fato um excelente plano. Por sugestão de Leon, arrancamos as páginas relevantes de todos os catálogos telefônicos.

— Puxa, papai — disse Audrey. — Não vandalize os catálogos.

— Ora, meu bem. De que modo concebível alguém neste estabelecimento teria a necessidade de procurar um serralheiro? De qualquer modo, devolverei as páginas arrancadas, quando acabarmos com elas, e você poderá grudá-las novamente.

No dia seguinte, Leon e eu colocamos os ternos e as gravatas que usávamos quando cuidávamos de assuntos sérios. Leon prendeu o longo cabelo num rabo de cavalo, apanhou sua valise de aparência oficial e então tomamos as ruas, visitando todas as serralherias da cidade, uma a uma, as páginas dos catálogos guiando nossa missão.

A oficina chamada não muito inteligentemente de Sr. Serralheiro foi o nono lugar que visitamos. (Leon tinha uma ideia geral de onde a oficina estava localizada.) Imagine os oito rostos que vimos antes do tio que Leon não via havia muito tempo: todas as sobancelhas arqueadas e os olhares interrogativos que recebemos, quando um homem monstruosamente obeso e um anão deformado sem pelo, ambos de paletó e gravata e um deles carregando uma pasta de aparência oficial entraram em suas lojas para perguntar se conheciam Leon mais novinho? Muitos mandaram a gente se ferrar e nos expulsaram. Outros pensaram que talvez estivéssemos envolvidos em alguma coisa ilegal ou abominável, e suas mãos correram para os telefones quando passamos por suas portas. Graças a Deus, finalmente encontramos o lugar certo apenas na

nona tentativa, porque, no fim da tarde de nosso dia de busca, minhas perninhas curtas se pareciam de tal maneira com borracha, por causa da exaustão, que eu achava que não aguentaria (literalmente) outro dia daquela até então infrutífera missão. No entanto, adorei expor meu nariz ao ar fresco e à adoração das massas. Recebemos uma porção de olhares interessados e nem todos foram por causa do espetáculo de excentricidade que levávamos conosco aonde quer que fôssemos; tenho certeza de que algumas das mulheres que passaram por nós na rua olharam duas vezes para mim não somente porque eu era uma aberração, mas por causa do meu rosto recém-embelezado. Encontramos a oficina do tio-avô de Leon na Broome Street, no Lower East Side. A frente da loja se localizava do outro lado da rua onde ficava o pátio de um decrepito conjunto habitacional e diante de uma pilha de sacos de lixo pretos cobertos de moscas, numa área suja e decadente. Eu soube, durante os anos em que deflinhei na prisão, que essa área passou por um significativo enobrecimento, mas, na época, o lugar parecia mais ou menos autenticamente miserável.

Havia, na vidraça, uma luz amarela de néon em forma de uma chave. Atrás dela, num peitoril, uma gata — uma mole gata preta e gorda com rosto, barriga e patas brancas — deitada sob a chave de néon numa cama feita com uma toalha amarrotada, observava Leon e a mim do lado de dentro.

— É esta — disse-me Leon. — Tenho absoluta certeza.

— Como sabe?

Leon apontou para a gata.

— A gata tem sete dedos em cada pata. Minha avó tinha uma exatamente assim. Essa deformidade tem passado por gerações de gatos de minha família.

Olhei para as patas da gata. Ele tinha razão: a gata possuía patas enormes por causa do excesso de dedos.

Entramos. Ao fazê-lo, os sininhos tiniram na porta atrás de nós e a gata choramingou indiferentemente. Era um aposento escuro, entulhado, com paredes revestidas de lambris, repletas de todos os tipos de cadeados e chaves — havia chaves pendendo de pinos em placas de ensaio marrons, que estavam presas às paredes. Tudo ali dentro era latão e marrom e tinha o cheiro metálico, oleoso, de uma oficina. Um homem que parecia ter uns 306 anos de idade estava sentado num banco atrás do balcão, trabalhando com alguma coisa em uma bancada alta de mecânico. Tufos cerrados de cabelos brancos brotavam de seus ouvidos e das narinas e ele usava uma viseira de plástico verde. Atrás do balcão, havia uma pequena TV; a imagem era tremida e o volume estava baixo, e o homem não a assistia. A gata na janela estava olhando para mim. Eu olhei de volta para a gata. A gata de 28 dedos gemeu e voltou sua atenção para a calçada diante da loja.

— Estou quase fechando — disse o homem, olhando de relance e desinteressadamente para nós e depois para seu relógio. — Quinze minutos.

— Não importa — disse Leon. — Não estamos aqui para fazer chaves.

— Então o que desejam?

O homem tinha a cabeça calva, com manchas senis, e usava óculos, presos à cabeça, cujas lentes pareciam ter uns 5 centímetros de espessura.

Havia um jogo de basquete na TV. A recepção com estática fazia parecer que nevava na quadra. Notei um fio que saía da parte de baixo do tubo de néon moldado na forma de uma chave e descia para uma tomada elétrica acima do rodapé do assoalho.

Leon abriu os braços, num convite para um abraço, e rosnou: — Meu queridíssimo tio!

— Hum? — fez o velho atrás do balcão.

— Sou eu, seu sobrinho-neto! Leon!

— Hein?

— Leon Smoler!

O homem olhou inexpressivamente de trás da viseira. Sua pele era translúcida e parecia que ele pesava um pouco mais do que uma criança. O homem ergueu-se do banco e caminhou até o balcão muito lentamente, como se o ar fosse feito de cola. Estava encurvado pela idade e não era muito mais alto que eu.

— Sou filho de Yvonne — ajudou-o Leon.

— Ah — disse o homem. As engrenagens giravam em sua cabeça tão rapidamente quanto o ponteiro das horas de um relógio... mas *giravam*. — *Ah!* — disse ele enfim. Sua boca tinha três dentes e a língua era tão negra e seca quanto uma bota velha. — Leon!

O velho abriu a tampa do balcão e saiu caminhando como um bebê para ser abraçado por Leon, que teve um trabalho difícil para abraçá-lo com entusiasmo suficiente sem esmagá-lo como a um filhote de passarinho na mão que se fechava.

— Como vai sua mãe, garoto?

— Enterrada com toda a segurança, graças a Deus. Em 14 anos, ela nem se mexeu.

— Boa garota. Já faz muito tempo, Leonard. Deveria ter me visitado mais.

Após vários longos momentos agonizantes de introduções preliminares, de atualizações e outras amenidades sociais, Leon revelou o motivo final de nossa visita. O velho — cujo nome, apesar de esse ser o nome de seu ofício, não era "Sr. Serralheiro", mas, na verdade, Samuel B. Siegel — era o proprietário e único funcionário daquela oficina de serralheiro havia mais de quarenta anos, após tê-la herdado do pai (o bisavô de Leon). Ele ficou surpreso por Leon saber sobre o vasto espaço abaixo de sua loja, o qual era acessível apenas pelo elevador que existia nos fundos da oficina. Eu também fiquei surpreso. O Sr. Serralheiro — como será chamado aqui, pois prefiro o apelido a seu nome verdadeiro — consultou seu relógio,

então fechou a frente da loja, desligou a chave de néon na vidraça e nos levou para os fundos da loja com passos trêmulos, resfolegantes. Fez uma série de ruídos de beijo e a mole gata gorda com pelo preto e branco se estirou, levantou-se de sua cama debaixo da chave de néon e nos seguiu.

À direita da área de trabalho e do balcão havia um estreito e curto corredor iluminado por uma única lâmpada de baixa voltagem exposta e pendendo no meio do teto. Uma porta à direita se abria para um pequeno banheiro que também fazia às vezes de local de armazenamento para artigos de limpeza. Havia um prato raso de porcelana no chão, com um esfregão em cima e uma placa de plástico amarelo, apoiada na parede, dizendo, CAUTION, WET FLOOR, e embaixo, CUIDADO, PISO MOJADO: entre as duas línguas, havia um homem caindo. Os aposentos dos fundos cheiravam a óleo, fumaça e líquidos de limpeza. Então o corredor virava à esquerda, um ângulo sinistro e dobramos à sinistra com ele. Havia um calendário preso a uma placa de cortiça sobre a parede, a metade de baixo continha uma grade com datas e anotações rabiscadas nos quadriculados, a metade de cima destacava a foto de uma mulher nua salpicada de areia e deitada numa praia tropical numa pose ligeiramente pornográfica. O corredor terminava num elevador antiquado, do tipo gradeado com treliça de latão e que se abria e se fechava com uma porta sanfonada. Tudo nele, o painel com os botões, as paredes, o teto, era luxuoso, decorado com laços e filigranas de metal trabalhado e madeira entalhada, porque fora construído numa época em que os elevadores ainda eram especiais, quando ainda havia neles maravilha suficiente para as pessoas quererem decorá-los — só que esse era velho e num estado de rangente dilapidação, coberto de manchas e poeira e ferrugem, o latão descolorido e a madeira lascada e arranhada e desgastada. O Sr. Serralheiro usava-o como depósito. Ele recuou a porta sanfonada de latão do elevador, com o estrépito e o guincho de peças

metálicas velhas e mal lubrificadas rilhando juntas, e passou a remover baldes e vassouras com braços trêmulos e finos como ramos. Leon olhou as cutículas e suspirou irritado enquanto seu tio-avô retirava as coisas do elevador.

— Eu uso este velho elevador como depósito — disse ele. — Não vou mais lá embaixo. O lugar me dá arrepios. Nunca precisei mesmo daquela sala.

Após ter desobstruído o elevador, todos nós nos esprememos lá dentro, inclusive a gata cheia de dedos. O elevador sacudiu e quicou quando Leon pisou na plataforma. O Sr. Serralheiro olhou para Leon e pareceu um pouco preocupado.

— Quanto você pesa, garoto? — perguntou. — Diga honestamente.

— Peso 375 — disse Leon.

O homem olhou-o intrigado, então deu de ombros e apertou o botão.

— Em libras — cochichou Leon para mim.

O elevador deu um tranco ao se movimentar e os cabos começaram a trepidar, guinchar, rosnar e gemer quando a antiga máquina foi colocada em raro uso.

— Não se fazem mais elevadores como antigamente — comentou o Sr. Serralheiro no escuro.

— Bem — disse Leon —, esta claramente é uma geringonça que foi construída antes do horrendo declínio total da filosofia da estética moderna.

— Uh-huh — fez o Sr. Serralheiro.

Observamos a linha do chão se erguer e subir até desaparecer de vista, e tudo ficou escuro e, no escuro, ouvimos nossas próprias respirações e o estrepitar e gemer da máquina acima e abaixo de nós. Afundamos cada vez mais na escuridão. Enquanto afundávamos, o Sr. Serralheiro acendeu um cigarro com um palito de fósforo que, momentaneamente, iluminou seu rosto, lançou uma

sombra verde de sua viseira de plástico sobre o teto atrás de nós e encheu a pequena caixa metálica com uma irrupção de fósforo. Jogou o palito no chão e tudo ficou escuro novamente.

— Só desço aqui cerca de uma vez por ano — disse ele. — Talvez menos. Era para ser uma estação de metrô, quando foi construída, uns cem anos atrás. Eles redirecionaram as linhas antes de ligá-las a esta estação. Então, a tamparam com um muro e adeus. Fecharam com tijolos os túneis e tudo o mais. Costumava haver escadas em volta dela, no quarteirão. Mas isso já era. O elevador agora é o único meio de entrada e de saída. Achei que eu era o único que ainda sabia disso.

— Miaug! — disse a gata. Ela pateava a perna da minha calça com seus pés esquisitos.

Chegamos ao fundo do poço do elevador com uma pancada decisiva e a máquina se aquietou. O tio-avô de Leon recolheu a rangente grade de latão e saímos para um salão às escuras, que, antes de vê-lo, pudemos perceber que era enorme, pelo eco. O serralheiro seguiu às apalpadelas ao longo da parede à direita do elevador e encontrou um antiquado interruptor com um cabo de metal saindo de sua parte de baixo e uma alavanca que se movia com estalos para cima e para baixo. Ele empurrou a alavanca para cima com um rangido e uma pancada e três luzes lentamente ganharam vida em luminárias de metal que pendiam do teto até quase o nível da cabeça em longos fios.

O efeito da enormidade do salão era ampliado por seu vazio quase total, com tetos abobadados que tinham talvez 10, 13 metros de altura, sustentados por grossas colunas quadradas cujos capitéis eram abarrotados com mais ornamentações datadas da virada do século. Frisos e cornijas orlavam os contornos do salão. Havia dois andares — um grande salão quadrado principal e, acima deste, uma balaustrada corria em volta de seu perímetro, enormes janelas arqueadas dando para paredes de tijolos e placas de aglomerado

de madeira pregadas. Imensas arcadas estavam localizadas nas paredes abaixo do balcão, mas os arcos tinham sido tapados com tijolos e pintados. O salão possuía um sufocante cheiro de pó, fungos e greda, e tudo nele — paredes, teto, chão — estava caiado: tinha sido pintado, camada após camada, até todas as cabeças de querubins e de leões se tornarem indefinidos, algo como a aparência suave e viscosa. Tossi, por causa do pó rodopiante que levantamos ao caminharmos pelo salão. Perto da porta do elevador havia algumas caixas e ferramentas e velhas latas de tinta, mas, fora isso, o salão estava vazio.

Nossos passos ecoavam imensamente pelo salão, multiplicados várias vezes. Até mesmo o ronronar da gata era amplificado pelo eco.

— Bruno — disse Leon, a voz meio que silenciada pelo assombro. — Isto é perfeito para a Shakespeare Subterrâneo! Até mesmo é subterrâneo!

Ele caminhou até o centro, os braços abertos e girando no meio do salão, como uma criança gigante. Gritou, para ouvir sua voz reverberar nas altas paredes bolorentas e nos tetos abobadados, e as paredes estrondearam de um modo tão articulado com sua voz muitas-vezes-multiplicada que parecia que quatro ou cinco Leons gritavam em contraponto: — TEU PAI ESTÁ A CINCO BRAÇAS... DOS OSSOS NASCEU CORAL, DOS OLHOS, PÉROLAS BAÇAS... NADA NELE DESCOLORA... MAS TRANSFORMA-O MAR... EM ALGO RICO E ESTRANHO!

Seguiu-se um longo silêncio. Os braços de Leon ainda giravam abertos, como se para abraçar o universo. Seu tio-avô teve um horrível acesso de tosse e esmagou seu cigarro no chão.

A gata gemeu e pateou minha calça com suas patas deformadas.

## XLIII

O velho tio-avô de Leon concordou em nos alugar o espaço por um preço relativamente modesto, que não revelarei. Ele reagiu com um dar de ombros e com considerável confusão diante de toda a nossa ideia e da natureza de nossa inquirição. Não creio que o Sr. Serralheiro alguma vez tenha entendido completamente o que a gente fazia. É possível que suas faculdades de raciocínio estivessem de algum modo debilitadas por sua idade matusalênica, a qual, como disse, eu havia calculado em cerca de 97 anos. O Sr. Serralheiro era um homem comum, e não um artista. De qualquer modo, foi com um comportamento sabiamente servil, aquiescente, e a paciência de um Buda que ele acolheu todos os nossos ensaios, todo o equipamento de palco que alugamos e descemos em partes para seu porão através do elevador dos fundos de sua loja. Ele acolheu maravilhosamente todos os atores que começaram a aparecer para os ensaios todos os dias em sua imperceptível pequena oficina de serralheiro, e que turma arruaceira nós éramos!

Nossa produção tomou forma com o passar dos meses. Um monte de coisas aconteceu em minha vida, durante esse tempo, Gwen. Seriam necessárias cem resmas de papel e milhares de litros de tinta para lhes fazer justiça, mas porque você e eu e (presumo) nossos leitores somos apenas mortais e, de maneira diferente do Sr. Serralheiro, presumivelmente experimentaremos curtos períodos de vida com irritantes promessas de finitude, vou nos favorecer com um avanço rápido através dos acontecimentos, porque estou quase chegando à ocasião em que matei um homem num acesso de raiva

e, portanto, tive de ser colocado em cativeiro, acontecimentos que, embora filosoficamente insignificantes, estou certo de que causarão comichão no pueril interesse da população.

Tive pouco a ver com a parte empresarial da produção: cenário, contabilidade, direção, elenco, promoção, publicidade, venda de ingressos e assim por diante. Pensando bem, Leon também teve? Sucedeu que Leon não era um diretor incompetente. A Shakespeare Subterrâneo nesse ponto estava acima do solo. Tínhamos um diretor, tínhamos os atores principais, tínhamos um orçamento e tínhamos um espaço para nos apresentar. Quando juntamos tudo isso, nossa modesta trupe de teatro de vanguarda não pareceu tão patética. Leon, não foi surpresa descobrir, não era um pária para todos do mundo teatral de Nova York. Ele fizera parte de tal mundo e até mesmo era bem querido, num sentido pessoal, por bastante gente. Ou, de qualquer modo, por gente o bastante. Telefonemas foram dados, contatos foram alimentados, pessoas contratadas, dinheiro levantado, coisas organizadas. Nossa companhia produtora chegou a um tal estágio de complexidade que, em determinado ponto, lavei as mãos de toda aquela coisa. Não me demorarei muito aqui nesses detalhes pragmáticos, pois nunca me ocupei muito deles, nem os acho terrivelmente interessantes para relatá-los. Confiei tudo a Leon e simplesmente dirigi o foco de minhas energias somente para o aperfeiçoamento de minha atuação como Calibã.

A mãe da pequena Emily tirou-a da escola durante mais ou menos um mês, para que ela pudesse participar de nossos ensaios. Um carro alugado a deixava todas as manhãs no nosso espaço de ensaio e a apanhava à tarde. Eu me sentava no peitoril da oficina de serralheria, tomando minha caneca matinal de café e alisava a gata de pés esquisitos da loja, e a observava saltar habilmente do lustroso Lincoln preto quatro portas, calçada com suas sapatilhas afiveladas, o motor do carro estacionado soando monotonamente

enquanto o motorista a olhava até que ela estivesse em segurança no interior. Durante os intervalos dos ensaios, quando não saía sorrateiramente para fumar no beco, ela despejava a mochila cheia de deveres de casa que seus professores lhe enviavam para casa e, numa tábua colocada sobre um engradado de leite ou outra mesa bagunçada, ela se instalava com lápis e calculadoras e tudo o mais, sem deixar que sua carreira acadêmica deslizesse nem por um segundo, embora estivesse para coestrelar no que provavelmente viria a ser uma das produções mais inovadoras da história da arte teatral.

A pequena Emily era um saco de contradições, seu humor mudando de modo tão rápido e imprevisível como mercúrio. Em alguns dias, era toda sorrisos para mim e, em outros, eu lhe dizia “olá” e ela desviava o olhar e nada respondia, ignorando-me intencionalmente — deixando-me pensar se eu dissera algo errado ou se havia apenas alucinado em vez de ter-lhe dito alguma coisa, ou talvez até mesmo que minha inteira existência fosse uma alucinação. Então, já no dia seguinte — sem que nada, ao menos que eu soubesse, tivesse mudado na natureza de nosso relacionamento (estou aqui indo do plano geral para o particular) —, ela me agarrou fortemente pela mão e me conduziu até uma pequena área escura do espaço da área teatral, entre duas compridas araras com roupas. Eram longos vestidos cor-de-rosa com bainhas franzidas e ombros fofos. O que eles estavam fazendo ali? Não me lembrava de seu uso na montagem da peça. A seda se fechou a nossa volta, duas macias sedosas paredes sussurrantes. Meus olhos obscureceram. Eu podia ouvir sua respiração a menos de meio metro de mim e mal conseguia discernir o branco de seus olhos, mas, fora isso, escuridão.

— Estenda sua mão — sussurrou ela, e percebi que era uma ordem.

Fiz o que ela mandou. Abri minha longa mão roxa e a estendi com a palma para cima. Então ouvi um ruído de esguicho muito fraco e senti um glóbulo quente de líquido viscoso, gotejante pousar bem no centro de minha mão.

— Que diabo...? — devo ter dito, mas ela já tinha ido embora, tinha fugido, furtiva como um jaguar, pelo meio das duas fileiras de farfalhantes vestidos de seda.

Não fiquei revoltado. Após ter aberto caminho para fora da escuridão, examinei minha mão, ergui-a para a luz, vi a umidade brilhar, vi a generosa massa disforme de seu cuspe romper como um ovo numa frigideira e escorrer abaixo facilmente pelo meu punho e antebraço. Teria sido aquilo, pensei, um gesto de afeto?

Durante aquele tempo, uma profunda e meditativa melancolia me dominou. O que eu gostava de fazer era dar longas caminhadas num clima muito enevoado, usando um sobretudo e, intimamente, atormentado por uma manifestação de perfeito enfado, parando de tempos em tempos para me recostar em um parapeito e fitar uma orla marítima num nebuloso inverno, uma imagem de profunda e meditativa melancolia. Eu estava sozinho. Eu era um fugitivo. De-me conta de que tinha de voltar a Chicago. Eu tentaria empurrar para fora de minha mente o fato de que era um covarde por não haver tentado voltar a Chicago muito tempo atrás. Verdade seja dita, eu estava adorando a aventura de minha liberdade no mundo. Propositadamente, eu não pensava em Chicago ou em Lydia. Eu sabia que tinha de voltar. Eu sabia que ela poderia estar morta. Eu tinha tanto medo de pensar nisso que cada vez sentia o pensamento rastejar para uma articulação específica de minha mente, transformando-se de um vago temor em um verdadeiro pensamento consciente e completo tornado austero e finito com palavras, eu o empurrava de volta, empurrava-o para baixo e o suprimia como a uma ânsia de vômito. Eu brevemente me curvava de dor, apertava a barriga e deixava que aquilo passasse, que

aquilo passasse — então, cautelosamente, me levantava, dava alguns passos, tudo bem, melhor, melhor, tudo ficará bem e tudo ficará bem e de todos os modos as coisas ficarão bem.

(Tornei-me também um pouco alcoólatra, se essa é a palavra certa para alguém que bebe não apenas por diversão, mas igualmente para protelar a ansiedade, a vergonha e o terror. Em parte, isso acontece porque estou em condições tão íntimas, em termos de experimentação, com sensações de me curvar, apertar a barriga, segurar o vômito, tentar não imaginar minhas entranhas se corroendo como um fumegante ácido verde devorando metal. Eu havia começado a beber furtivamente durante o dia antes de passar a beber abertamente durante a noite. Comprava uísque ou vodca e os mantinha num pequeno cantil no bolso do casaco. Bebia apenas um pouquinho, constantemente, o dia inteiro, o suficiente para me manter consistentemente conectado a um leve zumbido, cada gole que eu dava era como jogar carne para o lobo na porta. Eu me deteria nisso com mais detalhes, se ao menos fosse mais interessante.)

Como resultado por eu não ter dado muita atenção à finalidade empresarial da produção da Shakespeare Subterrâneo de *A tempestade*, até o dia de hoje continuo sem estar inteiramente certo de como a nossa plateia descobriu a nosso respeito — muito menos como descobriu quando e onde a produção seria encenada, e assim por diante —, mas o fato é que eles descobriram. De acordo temático com o nome de nossa companhia, a Shakespeare Subterrâneo realizou suas promoções e venda de ingressos no mesmo espírito como iniciamos, e com o qual realizamos todas as nossas operações: viralmente, secretamente, em dúvida legalidade, operando como um movimento de resistência subterrânea. “Resistência a quê?”, você pode perguntar. E Leon e eu responderíamos: “Resistência a tudo!” Resistência a uma nação preocupada com inúteis coisas efêmeras! Resistência ao lento

rastejar do século XXI, resistência àquele venenoso gás invisível que tem sibilar no ar vindo de cada fissura e rachadura da rua, o qual Leon me ensinou a farejar. Reconhecidamente trata-se de algo vago, algo invisível, algo nebulosamente difícil de definir, mas Leon e eu sabemos que está por toda a parte e que é preciso resistir a isso. Continua lá. Posso sentir o cheiro, Gwen. Aliás, está mais forte do que nunca. Está bem aqui, neste aposento. Consigo sentir o cheiro mesmo aqui, mesmo na segurança e na sanidade deste centro de pesquisas, mesmo no asseado ambiente da ciência, distante da sociedade humana, em cativeiro, em um prédio de segurança máxima aninhado numa remota área de mata na Geórgia rural, onde as estrelas saem à noite e os pássaros entoam seus cantos de dia; mesmo aqui consigo sentir o cheiro. Não deixe o seu nariz se acostumar a ele. Quando estiver caminhando pela rua, cuidando de sua vida, uma parte de sua alma deve sempre pressionar um lenço em seu rosto.

Mas, como disse, dirigi o foco de minhas energias totalmente para o desenvolvimento do meu Calibã. Espero que os futuros estudiosos de dramaturgia (se é que existirão tais pessoas no futuro) reconheçam que eu, Bruno Littlemore, fui o primeiro ator a perceber que o papel de Calibã deveria ser interpretado através de uma perspectiva *evolucionária*. Embora eu soubesse que *A tempestade* fora encenada pela primeira vez em 1612, uns bons dois séculos e meio antes das publicações de Charles Darwin, analisando mais cuidadosamente o texto da peça, achei difícil de acreditar que Shakespeare não estivesse de algum modo anacronicamente informado ou até mesmo tivesse sido influenciado por *A origem das espécies*. O tempo talvez não seja tão desinteressantemente linear como imaginamos, Gwen. Shakespeare teve, no mínimo, uma clara premonição de seu futuro conterrâneo inglês. Vou até mais longe para imaginar que o navio em *A tempestade* é o *Beagle*, e a ilha de

Próspero, Galápagos. Examine o seguinte, de uma cena na qual o bufão beberrão Trínculo descobre Calibã caído inerte na praia:

Que temos aqui? Um homem ou peixe? Vivo ou morto? Um peixe! Ele cheira a peixe; um velho cheiro que lembra a peixe... Um peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra, como já me aconteceu de outra feita, e fosse dono deste peixe pelo menos em pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem; naquela terra não há animal estranho que não faça homens... As pernas são como as de um homem! E as barbatanas parecem braços... E está quente, por minha fé! Abandono minha primeira ideia. Isto não é peixe, mas um insulano.

“Um velho cheiro que lembra a peixe”...! O sentido darwiniano sugerido é claro para mim. O que Trínculo descreve, ao ver Calibã caído imóvel e molhado na praia barrenta, equivale à evolução num avanço rápido. Ele começa como peixe, com um velho cheiro que lembra a peixe, recém-rastejado para a praia, deixando sua vida no mar, então se torna um monstro, uma fera esquisita — em seguida lhe crescem pernas e suas barbatanas se tornam braços! Finalmente, abandona seu sangue frio pelo quente e se torna um mamífero, um insulano: o monstro feito homem.

Shakespeare e Darwin, Darwin e Shakespeare. Darwin, Shakespeare; Shakespeare, Darwin. Esses dois ingleses, essas duas grandes mentes, esses dois grandes pensadores estão obviamente ligados. Eles estão entrelaçados em algum harmonioso conluio dourado entre ciência e arte, entre biologia e teatro. Um provavelmente não poderia existir sem o outro. Todo teatro é biologia, e a isso logicamente se segue que toda biologia é teatro; é isso que significa “O mundo é um palco”. Shakespeare, Darwin; Darwin, Shakespeare. Teatro é biologia e biologia é teatro.

## XLIV

**T**alvez panfletos tenham sido distribuídos a pedestres nas ruas, talvez cartazes tenham sido colados nas paredes para divulgar a peça, talvez tivesse havido uma campanha viral e a notícia sobre nós tivesse se espalhado nas ondas de excitados sussurros furtivos pelos *campi* de faculdades e universidades. De qualquer modo, as pessoas encarregadas da publicidade optaram por fazê-la, e tenho certeza de que a fizeram, como Leon meticulosamente as instruíra sobre o modo de se comportar de acordo com o verdadeiro espírito do Shakespeare Subterrâneo: era uma guerra de guerrilha cultural, um movimento de resistência política — mantido em segredo, perigoso, subversivo, conspiratório. De algum modo, as pessoas nos descobriram, nos encontraram e vieram. Pessoas chegavam de fora do estado para assistir à peça, algumas delas, me disseram e eu acredito, vieram de locais longínquos localizados a muitos quilômetros de distância. Do mesmo modo, vieram jovens e velhos. Nossa plateia encontrou a serralheria do Sr. Serralheiro, malocada num desleixado prédio indefinível de tijolos marrons, numa rua secundária de aparência ordinária do Lower East Side. Sua oficina agora fazendo às vezes de bilheteria, o frágil, confuso e idoso Sr. Serralheiro recebia os ingressos, usando seu visor verde, ao mesmo tempo que sua gorda gata de pelo preto e branco deitava-se ociosa sobre o balcão, o rabo abanando como um metrônomo. Lanterninhas guiavam as pessoas pelo corredor da oficina, passando pelo banheiro — alertando-as para que o usassem agora ou segurassem o xixi até o fim do espetáculo — até o elevador,

onde outro lanterninha/ascensorista as levava para baixo em grupos de cinco ou seis. Quando batiam no fundo do poço do elevador, bem abaixo da superfície da terra, o ascensorista sanfonava para trás a guinchante treliça de latão a fim de deixá-las sair, e as pessoas iam para fora do elevador, onde eram abandonadas. As pessoas então tateavam e procuravam, no escuro, o caminho através de várias camadas de grossas cortinas pretas para penetrar numa profunda escuridão. A princípio, a escuridão é tão completa que elas não conseguem saber se seus olhos estão fechados ou abertos ou mesmo se têm olhos para abri-los. Aqui, elas se tornam desorientadas, como se estivessem todas vendadas e postas a girar em vertiginosos círculos. Aqui, os membros da plateia entram num estado de devaneio, são sugados de volta para o útero, ou para o espaço sideral, ou para o interior da consciência, para a escuridão se seus próprios cérebros, a fim de que não possam ter realmente certeza — mesmo sabendo que entraram de maneira consciente no prédio, perfeitamente alerta, e de livre e espontânea vontade — se estão acordados ou dormindo. Após saírem do elevador para o espaço da representação teatral, os membros da plateia são livres para perambular à vontade. Em pouco tempo seus olhos se adaptam à fraca iluminação, e eles percebem que não estão em escuridão total, mas que o salão está iluminado por incandescentes luzes vermelhas bem fracas, aqui e ali — iluminação apenas suficiente para dar a ilusão de que o salão está iluminado sem permitir que alguém veja onde está exatamente, ou mesmo quem está parado a seu lado. As pessoas se chocam entre si, colocam as mãos à frente para sentir os contornos de seu ambiente. Falam umas com as outras no escuro, fazem tentativas de conversar, só para descobrir que as pessoas que agora estão por perto não são os amigos ou os namorados em cuja companhia entraram no prédio: trata-se de completos desconhecidos. O salão borbulha numa cacofonia de vozes

chamando no escuro amigos perdidos, e os amigos perdidos somente às vezes respondem, confusos, desorientados. Ninguém, porém, jamais encontra quem está procurando. O salão torna-se um temporal redemoinhante de namorados separados e amigos desunidos. Os membros da plateia também começam a perceber gradualmente que não há assentos nem palco. Não existem lugares marcados para se sentar ou ficar de pé, lugar algum para pendurarem seus casacos e nenhum espaço desimpedido em cuja direção olhar. Assim é porque todo o salão funciona como palco e plateia. Agora, debaixo de seus pés, eles sentem que o chão não é duro, mas macio e flexível, cede sob seus sapatos. Alguns se curvam para sentir o chão debaixo deles e seus dedos tocam areia. Alguns apanham punhados de areia que deixam escorrer frouxamente por entre dedos fechados. O chão está coberto com tanta areia que não conseguem sentir qualquer nivelamento abaixo dela, a textura do chão se parece exatamente com uma praia. É porque é uma praia. Algumas pessoas se sentam na areia. Algumas tiram os sapatos e as meias e enfiam os pés na praia para sentir a fria areia sedosa escorregar por entre os dedos nus. Ao começarem a se espalhar e a vaguear pelo salão, alguns descobrem água. Pois há água — água de verdade — marulhando na beira da areia. Eles se ajoelham para senti-la com os dedos, ou aqueles que tiraram os sapatos e as meias umedecem nela os dedos dos pés, ou erguem saias ou enrolam pernas de calças para irem chapinhar na água. Sim, é de verdade, e não uma elaborada ilusão. Além disso, é salgada. Todo o aposento cheira como o mar — embora, a essa altura, a plateia já tenha se esquecido de que está de fato num aposento. A água se derrama sobre a praia e recua novamente em ondas autênticas. Os tremeluzentes globos de águas-vivas que foram despejadas na praia estão espalhadas pela areia, e alguns caranguejos produzem estalidos e saem correndo na espumosa arrebentação. As pessoas gritam para além da água e não ouvem

qualquer eco. Só são respondidas pelo estrondo e pelo bramido do mar aberto, estendendo-se para bem longe, na indiscernível distância. *Olhem!* — dizem uns aos outros, estranhos dirigindo-se a estranhos, apontando e sussurrando com vozes silenciadas pelo fascínio — *olhem!* — lá está a lua se erguendo sobre a água. Será uma lua de papelão, presa por fios de fibras de vidro e içada por um guindaste invisível? Será uma projeção na parede, feita através de uma lente escondida? Tem uma aparência tão verdadeira que mal importa se é verdade ou ilusão, pois o efeito é igual. Mesmo se for uma lua falsa, ela parece suficientemente verdadeira para levantar a questão de que sua realidade é irrelevante para os sentidos. As pessoas olham ao redor e, com os olhos agora ajudados pelo luar, percebem uma selva em toda a sua volta. Uma exuberante selva tropical, resplandecente com palmeiras, com moitas estranhas explodindo em flores brilhantes e cipós pendentes, árvores de formas exóticas cujos galhos se inclinam baixo com suas frutas estranhas, algumas das quais as pessoas mais corajosas alcançam e arrancam, e dão mordidas, e acham deliciosas, embora não tenham o sabor de qualquer fruta terrena que tenham provado. As pessoas passam as mãos pelas folhas e talos e troncos das plantas e das árvores, e é um choque para seus dedos encontrarem não a frágil secura de folhas de plástico ou de pétalas de pano, mas a inconfundível autenticidade do honesto toque da fértil e úmida vida vegetal. Elas cheiram as flores, arrancam punhados de folhas das árvores, maravilhadas por tudo ser verdadeiro. O ar é vaporoso e quente. As pessoas tiram os casacos e paletós e os penduram nos galhos das árvores. Olham para cima: estrelas. *Estrelas! Estrelas!* ESTRELAS! Algum engenhoso artista povoou o firmamento do teto com milhares de luzes resplandecentes, outra vez imitando de maneira tão perfeita a natureza que não importa se é um artifício: acima delas está o céu noturno de alguma paisagem mitopoética desconhecida. Aves tropicais grasnam e piam nas árvores. Rãs

saltam, insetos tamborilam ao redor de suas cabeças. Quando a peça começa, o salão está apinhado, mas é impossível para alguém dizer quantas pessoas há ali, ou mesmo onde ficam os limites do espaço interior. O interior se tornou exterior para eles. A atmosfera está igualmente tão densa de encanto quanto de temor. Agora uma música estranha e solene começa a tocar. A orquestra não está em lugar nenhum e em todos os lugares ao mesmo tempo. Violoncelos invisíveis murmuram como um enxame de abelhas; os violinos tiritam contra o repicante rufar de tímpanos. A música é sombria e tranquila a princípio, a meio caminho entre som audível e pura sensação de nudez. Algumas pessoas se sentem estranhamente aquecidas pela música e outras sentem frio. A música não emana de qualquer fonte ou direção discernível. Está por toda a parte, permeia a selva e o mar e as estrelas e a escuridão entre eles. A música, de algum modo, vem do interior das folhas das árvores, de dentro das cobras e das rãs que serpeiam e saltam aos pés das pessoas, e de dentro do sangue que se movimenta no interior de seus próprios cérebros. A ilha está repleta de ruídos, de sons e de doces atmosferas que fornecem deleite e não machucam. Mil instrumentos ressoantes zunem em seus ouvidos. Um leve "crepitar e estrondo" de trovão a distância. Agora negras nuvens velozes encobrem as estrelas e o céu fica negro. As pessoas estão paradas à beira-mar ou mais para o interior, sobre a grama que é de um verde tão intenso quanto uma esmeralda, e se sentem férteis com água sob seus pés nus, e olham para cima, e observam o céu. Aquelas estrelas e aquela lua, que apenas momentos antes ficaram encantadas ao vê-las, estão agora obscurecidas por nuvens de tempestade que correm pelo céu. As nuvens são como tinta despejada em água. As nuvens se movimentam rapidamente, mas, no momento, o vento aqui no chão está calmo. O silêncio e a tranquilidade abaixo do espaço do firmamento parece um presságio da vinda de alguma violência meteorológica. A temperatura cai.

As pessoas apertam os casacos contra o corpo e se seguram, à espera do temporal. As frágeis folhas das rangentes palmeiras mal se mexem. As frondes das palmeiras estalam umas nas outras com um único e débil deslocamento escassamente cinético no ar tropical. O mar verde num tom de muco nasal entorna e torna, como se estivesse dormindo e seu corpo se movesse apenas em reação a sonhos. Lá em cima, porém, o céu silente é um ninho de cobras, contorcendo-se com músculos de vapor pretos e verdes que serpenteiam em volta umas das outras, estrangulando umas às outras. As nuvens parecem feitas de matéria sólida e não de gás. As nuvens correm acima de nossas cabeças. Suas barrigas arqueadas com água. Uma descarga elétrica faz uma pergunta às nuvens, três batimentos cardíacos de silêncio se seguem e o trovão responde. O que diz o trovão? Outro raio espalha suas veias e desaparece, rapidamente seguido pelo seu ocioso rastro de trovão. A lua acende as nuvens acima e atrás deles, fazendo-os brilhar palidamente no lugar onde a lua está. Às vezes as nuvens se partem por tempo suficiente para mostrar um vislumbre da alvura da lua. Agora o mar depois da praia começa a se agitar. As pessoas paradas na praia olham para mais adiante na água. Observam-na ondear e se esparramar com violência cada vez maior e maior. Chuva nos fustiga do céu. É apenas um borrifo necessário a princípio. O ar é nevoento. Gotas de chuva tamborilam nas folhas. As pessoas estão ficando molhadas. Algumas delas se abrigam debaixo das frondes de palmeiras. Algumas delas seguram seus casacos sobre a cabeça. Outras simplesmente se deixam molhar. Mulheres limpam com os dedos a maquilagem que escorre e empurram para trás, tirando do rosto, o cabelo encharcado. A chuva é cálida. É uma chuva de monção. A chuva aumenta de intensidade até haver em seu derramar uma bonança que todos conseguem sentir, uma quietude em seu ruído e uma queda tangível na pressão barométrica, o inconfundível momento logo antes de o chuveiro se

tornar dilúvio, e se torna, e agora a chuva desaba com um som surdo sobre nossas cabeças, severa e veloz, martelando a areia da praia com esguichos de água que deixam grandes crateras, pressionando para baixo flores e as folhas das árvores, curvando galhos, encharcando todo mundo até os ossos. As pessoas começam a despir as roupas molhadas. Uma descarga erótica no ar se junta à elétrica. As pessoas deixam suas roupas amontoadas em pilhas molhadas sobre a areia. As pessoas tremem e se sacodem, e deitam nuas na areia. Agora o vento sopra a chuva lateralmente e empurra contra a terra as palmeiras com troncos flexíveis. As pessoas se agarram a árvores, a pedras, umas às outras. Quem sabe que juramentos sagrados são feitos ou quebrados em suor e carne e semente e solo naquela noite, naquela tempestade, na escuridão, na praia na maré salgada ou segredado em arbustos, sob árvores ou em esconderijos musgosos entre as pedras? Apesar do vapor, da névoa, da chuva que açoita a terra com grossas cordas de água e de tudo o que colabora para reduzir nossa visibilidade a algo ligeiramente maior que a distância de um braço esticado diante do rosto, um navio foi avistado no mar. Um navio enorme, uma caravela, algo parecido com um castelo de madeira flutuante. Suas velas rasgadas esvoaçam impotentes atrás dele. O navio brinca nas ondas e no vento, jogado de um lado a outro tão facilmente quanto um barco de brinquedo numa banheira. Suas laterais rangem e gemem com o esforço, cada elemento de sua arquitetura estalando e lascando, ameaçando quebrar em centenas de lugares. O navio está chamuscado por fogo de santelmo. O convés, o gurupés, o cordame e os mastros fervilham com chamas; arrepios de eletricidade percorrem cada superfície do navio. O convés é uma mixórdia de nervosa atividade. Os marinheiros alijam coisas ao mar, tonéis e barris e engradados. Sacodem cabos e polias e rodas do leme, correm e escorregam e caem no convés, põem-se de pé com dificuldade, escorregam e caem novamente.

Nós observamos da margem, enquanto os marinheiros a bordo do navio começam a saltar do convés para a água. A chuva desce estrondando com renovada ferocidade, então, lentamente, começa a deliquescer. O vento ameniza um pouco. Os marinheiros que pularam do convés do navio começam a pelejar em direção à margem. Um por um são lançados à praia, semimortos de exaustão por causa de seus desesperados mergulho e nado rumo à segurança. Seus dedos gadanham a terra. Eles cambaleiam em direção à terra, suas botas mourejando através da água na altura dos joelhos. Rastejam para a margem, cuspiendo bocados de água salgada, peitos arfantes, roupas encharcadas, e desabam na praia. Caranguejos movem-se rapidamente em volta de seus corpos. Uma película espumosa da maré lambe os pés deles, recuando, retornando, recuando. O temporal se afasta. A chuva diminui para um chuvisco, depois para um ruído contínuo e monótono, e não sabemos dizer se continua a chover ou se tudo que ouvimos é a água que pinga no chão das poças formadas nas reentrâncias das folhas e nos cálices das flores. A luz muda; as estrelas desaparecem, embora o céu não se ilumine muito. A qualidade da luz no céu é de uma intensa camada de base vermelha com verde e dourado. O céu não está nublado, mas denso graças à névoa. É como uma alvorada em outro planeta, como se estivéssemos vendo o nascer de outro astro, em outra galáxia, num mundo onde uma atmosfera composta de elementos estranhos causasse efeitos luminosos desconhecidos para nossos olhos. A luz não é brilhante, mas luminosa o suficiente para que as pessoas enxerguem a seu redor. Os pássaros nas árvores começam a cantar estranhas canções. As pessoas olham para os pássaros e não os reconhecem, pois não são pássaros da terra. Esses pássaros se parecem um pouco com dinossauros. Até mesmo os observadores de pássaros e os ornitólogos com algum conhecimento e que por acaso se encontram na plateia ficam perplexos diante de tais pássaros, que

parecem pertencer a categorias taxonômicas irreais ou desconhecidas, pertencendo talvez a algo situado entre a cacatua e o pterodátilo. As plantas aqui também são irreconhecíveis. Os botânicos que por acaso se encontram na plateia ficam pasmados e até mesmo apavorados, pois eles não as reconhecem. Talvez sejam plantas pré-históricas. São plantas com dedos preênses suavemente ondulados e cobertos com limo, clicantes bocas carnívoras, apêndices sensórios que parecem ver e ouvir tão claramente como nossos próprios olhos e ouvidos. Esses vegetais são quase animais no imediatismo de seus movimentos, suas reações rápidas a estímulos externos, a estranha emotividade de seus corpos enraizados. Estamos no vale do esquisito. Algumas mudanças também aconteceram nas mentes das pessoas. Elas estão pensando como crianças. A floresta tem um cheiro denso e silvestre e doce — repleto de sangue, leite, fogo, bebida alcoólica, seiva. O ar é úmido e pesado. As plantas, a água, as pedras: tudo ondula e respira com uma inteligência interior, uma espécie de consciência semissensitiva, tudo é internamente estimulado com espíritos. Como o mundo para uma criança, tudo está vivo. As pessoas esquecem as figuras sujas e molhadas que pelejavam semiafogadas na praia na noite anterior. Algumas pessoas simplesmente escolhem perambular pela ilha, tão curiosamente e a esmo como se elas mesmas tivessem acabado de naufragar. Suas roupas — os belos casacos e vestidos e camisas e gravatas e lenços de pescoço que haviam vestido para a representação, para a ida ao teatro ainda na noite passada — essas roupas pendem frouxas de seus corpos, molhadas pelo temporal, já rasgadas e salpicadas de lama. Além disso, ninguém consegue encontrar a pessoa com que veio. As pessoas perambulam pelas praias de mãos dadas com perfeitos estranhos com quem tinham feito amor no meio dos arbustos ou debaixo das árvores durante o temporal. Algumas ainda estão enroscadas sobre almofadas feitas de camadas de grama,

ainda nuas e adormecidas. Outras caminham pelo perímetro da ilha, carregando os sapatos nas mãos para sentir a maré lamber seus pés nus. Pessoas olham para o céu, tentando estabelecer uma fonte de luz, tentando avaliar, pela posição do sol, em que direções ficam leste, oeste, norte, sul — mas não conseguem porque o sol está definido muito vagamente, a luz encontra-se largamente difusa através do céu vermelho-verde-dourado para que se possa determinar as direções da bússola. Algumas pessoas mais corajosas decidem explorar o interior da ilha: essas quase que imediatamente se tornam desesperadamente perdidas. Elas veem — ou pensam que veem — a ponta de uma pequena montanha ou colina a distância, espreitando acima das copas das árvores, e avançam pela selva, rasgando as roupas em cipós espinhosos, matando mosquitos com palmadas nos braços, tentando chegar a terreno alto, esperando alcançar um ponto do qual possam observar toda a configuração do terreno. Essas que decidiram avançar pelo interior, penetrando na floresta, nunca alcançarão a montanha, e aquelas que decidiram caminhar ao longo da margem jamais circunavegarão a ilha, jamais completarão seu círculo de pegadas. Isso porque a geografia da ilha de Próspero expande a consciência de seus exploradores. O próprio ato da exploração faz com que o espaço cresça. A ilha é potencialmente infinita. Para aquelas que preferiram ficar para trás, a peça começa. Só que é tão real que mal parece uma peça. As pessoas rodeiam Miranda e Próspero na selva escura. A luz foca Miranda e Próspero, todos os demais estão parados na escuridão. Eles se tornaram invisíveis. São apenas ouvidos e olhos. Não têm corpo; não ocupam espaço. São como pontos matemáticos, sem volume, área ou qualquer outro análogo dimensional. São como espíritos, observando invisivelmente. Tornaram-se o que os antropólogos apenas desejariam poder ser. Eu sou Calibã. Quando Próspero grita — *Olá! Escravo! Calibã! Tu, bloco de terra! Responde!* —, eu vou na direção deles, passando por

entre as pessoas que, para nós, atores, são como elementos da floresta, empurrando-as para fora de meu caminho. Os galhos e o capim estalam debaixo de meus laboriosos pés de monstro. Vou para a luz: encurvado, grunhindo, coxeando debaixo do peso do feixe de galhos sobre meus ombros. *Há muita lenha aqui dentro — rosno. Vem, escravo venenoso, pelo próprio diabo gerado em tua mãe maldita.* Quando surjo na luz, as pessoas engolem em seco. De horror? De repugnância? Algumas desviam o olhar. Outras me encaram com uma perversa fixação. *Um orvalho tão nocivo como o que minha mãe tinha por hábito colher nos charcos pútridos com uma asa negra de corvo caia sobre vós! Que em vós sopra o sudoeste e vos deixe cobertos de feridas!* Eu sou sujo. Eu sou um monstro. Eu sou uma coisa das trevas. Estou nu, exceto por uma tanga esfarrapada que pende da minha entreperna. Estou curvado ao meio pela carga de galhos. Minha pele está coberta de lama. Eu sou semi-humano. Mas com alma suficiente para falar. Eu sou uma coisa de luxúria e ira. Eu os odeio. Eu odeio Próspero. Eu odeio ambos. Eles me tiraram o meu direito inato e me colocaram para trabalhar. *Esta ilha é minha, herdada de Sycorax, minha mãe, e a roubaste de mim.* Eu odeio toda a humanidade. Nada além de medo e raiva e ódio saem de minha boca quando falo, exceto que, vez por outra, digo o mais belo poema da peça. Jogo no chão o feixe de galhos. *Quando aqui chegaste, fazias-me carícias e gostavas de mim e me davas água com bagas, e me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que sempre queimam de dia e de noite... a falar me ensinaste, e minha vantagem nisso, é que sei imprecar.* E por aí vai. Ariel voa sobre nossas cabeças, desvanece e some de vista. Ferdinando grunhe de sofrimento, Miranda o ama. Antônio trama, Gonzalo filosofa, eu me embriago com Trínculo e Estéfano, tento fazer com que eles matem Próspero e roubem seus livros. A bebida adeja dentro e fora de nossas cabeças e nos faz dizer coisas que não queremos dizer. A plateia desaparece dentro

da peça. Não é realmente uma peça. A peça não é uma coisa que a plateia esteja assistindo tanto quanto uma coisa que esteja vivenciando. A peça não está confinada a um palco ou mesmo a uma série linear de cenas seguindo cenas e atos seguindo atos, porém, mais propriamente, tudo acontece ao mesmo tempo. Desobedecemos todas as regras de tempo e de espaço. Todos deixam seu corpo e se tornam consciências flutuantes em estado natural. A peça existe toda de uma vez do mesmo modo que um livro existe todo de uma vez. O objeto e a narrativa não podem ser desenredados. A peça existiu num espaço coletivo de ideia e sensação e sonho e o mundo se torna uma bruma de impressões naquela noite, de imediação atemporal, de magia e sexo e medo e riso se juntando num sonho de muitas cabeças, um sonho multimentalizado, como um sonho sendo sonhado pela Hidra, e todos mudamos nossas mentes e tivemos as mentes de animais.

# Parte Seis

ZIRA: O que ele encontrará lá fora, doutor?

DR. ZAIUS: Seu destino.

## XLV

**P**róspero quebrou o bastão e libertou sua mágica. A princípio, ninguém notou qualquer diferença evidente a seu redor. Mas a mágica estava desaparecendo. Ela escoava, como o sangue de uma garganta cortada. As pessoas agora olhavam em volta e viam que as árvores eram feitas de plástico. As frondes das palmeiras eram feitas de cartolina verde cortada em forma de folhas. Os pássaros pousados nos galhos? Papagaios falsos, claramente comprados em uma loja de fantasias, para serem usados como acessórios de roupas de piratas, com bolinhas de gude como olhos e penas de tecido, amarrados a seus poleiros nas árvores falsas pelas suas garras de plástico. As cobras e as rãs no chão? Moles brinquedos de borracha. O chão também não era chão; era um duro assoalho plano com um pouco de terra espalhada por cima dele. O firmamento estrelado acima era representado por várias fileiras de luzinhas de árvore de Natal pregadas no teto. Os céus eram luzes coloridas projetadas nas paredes de tijolos caiadas de uma estação subterrânea de metrô. Era um salão imenso, mas longe de ser infinito. O cenário da peça não era mais impressionante do que o pano de fundo de palco de uma peça de escola primária. Era simplório — sentimentalóide a ponto de ser brega em sua imitação ordinária.

Os membros da plateia olharam ao redor e para o rosto de cada um, meio constrangidos. Pigarrearam, arrastaram os pés, tossiram e resmungaram. Quando a peça acabou, a plateia aplaudiu educadamente, se bem que brevemente, e então, em grande

número, eles começaram a arrastar os pés em direção ao único ponto de saída, a porta do elevador. Nem mesmo esperaram que todos os atores terminassem de agradecer antes de parar de aplaudir. Encontraram os amigos e as pessoas amadas em cujas companhias tinham vindo para a apresentação. Os descalços eram os de aparência mais constrangedora; demonstrando irritação, limpavam as partículas de areia agarradas a seus pés pegajosos e calçaram as meias e os sapatos. As pessoas enfiaram seus casacos e paletós, notando ocasionalmente que suas roupas, tendo sido encharcadas no mar, não obstante mantinham seu frescor e seu brilho, parecendo mais recém-lavadas do que manchadas com água salgada. Verificaram seus relógios e abriram com estalidos seus reluzentes telefones celulares (para checar a hora, e não para fazer ligações, pois estávamos muito abaixo da terra para haver qualquer recepção de sinal). Elas tinham estado naquela sala por cerca de três horas. Todas, sem exceção, precisavam urinar. Nós não tínhamos locais apropriados lá embaixo (embora, pelo cheiro das coisas após a apresentação, eu desconfie que isso não impediu algumas pessoas); elas cruzavam as pernas e batiam os pés com o desconforto. A multidão engarrafou diante da porta do elevador. O elevador só podia levar gente para cima em grupos de cinco ou seis de cada vez, de modo que foi uma longa espera para sair. Como não havia palco, não havia bastidores, Leon, Emily e eu e todos os outros atores, portanto, nada tínhamos a fazer, a não ser ficar à toa, embaraçosamente, na periferia da multidão. Conversamos entre nós, tranquilizando uns aos outros que a apresentação havia sido essencialmente um sucesso. Um crítico teatral do *New York Times* fora localizado na plateia. Ele falava sobre a apresentação com alguém que estava perto dele naquela multidão que esperava para sair. Ouviu-se quando ele rosnou as palavras “exagerada” e “chamativa”.

A mágica terminara. A plateia lentamente escoou da sala através do elevador.

Deveria ter havido cinco apresentações de *A tempestade*. Contudo, aparentemente algum cidadão “preocupado” que tinha comparecido à performance da primeira noite alertara certas autoridades e, antes que pudéssemos encenar a segunda encenação marcada, ainda em ensaio, recebemos uma visita relativamente breve e desagradável ao extremo de dois homens particularmente desprezíveis: um velho magrinho e baixote com um bigode curvado e óculos, e um jovem grandalhão, cuja pele rosada de barba bem-feita compunha uma cabeça redonda sem queixo, que se erguia ridiculamente como um balão dos confins do colarinho de sua camisa; o baixote vestia uma reluzente jaqueta com zíper, boné e um tipo de uniforme oficial, e o jovem grandalhão usava terno e uma gravata que tinha personagens de Looney Tunes. Os dois figuras eram, respectivamente, um inspetor de segurança pública e um inspetor da lei de prevenção a incêndios — não me recordo qual deles era o quê. Eles nem sequer levaram 15 minutos para percorrer o espaço da apresentação antes de declarar que teríamos imediata e indefinidamente de cancelar todas as futuras encenações naquele espaço, pois, segundo disseram — e colocaram num rabisco criterioso sobre um formulário, e depois arrancaram, de uma prancheta amarela translúcida, uma cópia em papel carbono de fosse qual fosse aquele lixo burocrático, e nos entregaram — “infrações totalmente assustadoras” — cito de memória — “infrações totalmente assustadoras da lei de prevenção a incêndios e do código de segurança de edifícios”. Esses dois, porém, ainda não tinham acabado com a gente — eles não pareciam querer ir embora. Esses patéticos idiotas pareciam ter mais coisas a dizer. Tinham coisas a dizer sobre lei e ordem, e dinheiro, e outras coisas insensíveis. Falaram do elevador, eu me lembro. Aparentemente, a mais

recente inspeção do elevador tinha sido em 1910 e a verificação do departamento de segurança pública pareceu chocada com o fato de ele ainda funcionar. Os dois homens continuaram tentando se referir ao pedaço de papel que nos haviam entregado, o qual Leon, vestido com sua roupa de Próspero — a brilhante capa azul de lamê decorada com luas e estrelas de feltro branco e um chapéu pontudo combinando — agitava com a mão, como se o papel fosse uma bandeira de batalha, enquanto os xingava, berrando cada imprecação injuriosa que havia sob o céu, até seu rosto ficar roxo como uma ameixa. No final, de algum modo, ele conseguiu fazer com que fossem embora. Mas sabíamos que estávamos acabados. Eles estavam nos fechando.

Havia todos os tipos de outras merdas pungentes de jargão oficialês enterrado naquela lixeira-documento — multas por infrações disso e daquilo, violações de acessibilidade, falta de licença para uso de elevador, blá-blá-blá, etc. etc. — em suma, aquele não era o tipo de fundamento corrosivo ao qual sonhadores livres-pensadores, como Leon e eu, estavam acostumados a se inclinar intelectualmente. Se tivéssemos prestado alguma atenção àquele pedaço de lixo amarelo, se tivéssemos tido a intenção de levar aquilo um pouco a sério, tenho certeza de que teríamos descoberto que a Shakespeare Subterrâneo estava irremediavelmente falida e nós mesmos, arruinados financeiramente de um modo mais profundo do que a mais sinistra penúria. Contudo, preferimos, por um lado, cumprir de má vontade a esmagadora exigência deles de cancelar as quatro encenações que estavam planejadas de *A tempestade* e, por outro, rasgar aquele pedaço de papel amarelo em quadrantes, depois em octantes e, finalmente, em hexadecantes, os quais foram arremessados da mão de Leon e flutuaram como flocos de neve amarelos na sarjeta, ao sairmos do teatro naquela tarde. Como primeira decisão, esta foi praticamente de mão única, pois pareceu

que, ao partirem, aqueles dois homens tinham até mesmo virado o amado tio-avô de Leon contra nós; ao sairmos, o Sr. Serralheiro sacudiu seu velho punho magro e delicado, mencionando com uma voz rouca e alta algo sobre mais compensações financeiras, processos judiciais, ações legais, acusações criminais que ele ameaçava mover, pois, aparentemente, aqueles dois homens desprezíveis lhe tinham informado que ele também estava sujeito a uma grande dívida financeira por ter permitido que usássemos o espaço ilegal a que, por acaso, ele tinha acesso, o que nunca, disseram eles, deveria ter sido feito. E lamento informar que a nossa relação comercial com o amado tio-avô de Leon chegou a um decepcionante final ali mesmo, com a inimizade expressada em nome de ambos os lados, e Leon e eu consideramos sensato, dali por diante, evitar retornar àquele lugar, o que foi, para dizer o mínimo, inconveniente, pois ainda tínhamos uma porção de equipamento de palco e não sei mais o que naquele salão debaixo de sua loja.

Houve, também, outras questões irritantes para lidarmos. A mãe da pequena Emily, a Sra. Goyette, tinha ido à apresentação e se sentira particularmente decepcionada, possivelmente até mesmo traída. Como as demais apresentações planejadas tinham sido abruptamente canceladas, ela exigiu de volta o dinheiro de seu patrocínio, ameaçando mais ações judiciais, e assim por diante. Claro que teria sido impossível devolver qualquer quantia de seu dinheiro, pois tínhamos gasto todo, e mais alguma coisa. Por alguns dias, Leon e eu nos escondemos em casa e passamos um bocado de tempo bêbados. Também jogamos um bocado de gamão.

Leon até mesmo começou a ficar incomumente preocupado que o longo e importuno braço da lei pudesse em pouco tempo alcançar o caminho de nossas vidas como resultado de toda aquela tola trivialidade e enfiasse seus narizes intrometidos em nossas vidas, e, portanto, ele sugeriu que seria sensato deixar o estado de Nova

York por determinado período de tempo. Deu um telefonema para outra de suas ex-mulheres — que morava em Los Angeles, uma cidade em que o próprio Leon havia morado durante uma época, em uma outra vida — e, em termos habilidosos e delicados, explicou a essência do que era preciso saber da situação e lhe pediu asilo temporário, o qual ela, resmungando mas de maneira generosa, concordou em conceder. Estava na hora de a gente se mandar.

Eu, de minha parte, decidi que estava na hora de voltar para Chicago. Eu tinha de ver Lydia. Estava cansado de viver como um fugitivo. Ansiava por vê-la, beijar seu rosto e sentir sua pele contra a minha. Esperava que ela estivesse bem. Eu tinha tantas aventuras para lhe contar!

Portanto, Leon e eu concordamos em viajar juntos para oeste. Entre as tendências ludditas de Leon estava um tremendo medo e desconfiança de viajar de avião. Ele sugeriu que, de qualquer maneira, não seria aconselhável viajar desse modo, pois poderia haver alguma complicação se fôssemos identificados no aeroporto. Então, com o dinheiro da venda dos ingressos, compramos cartões de embarque para um trem da Amtrak que ruidosamente percorreria todo o caminho cruzando os Estados Unidos. Dividimos o restante do dinheiro, nos despedimos (em nossos corações, se não pessoalmente) da pequena Emily e de sua mãe e da filha de Leon, Audrey, e sua colega de trabalho, Sasha, e da Sra. e do Dr. DaSilva e de todo os demais que haviam entrado em meu círculo de civilidade em Nova York. E, então, partimos.

É uma coisa maravilhosa viajar de trem. Principalmente no mundo que temos agora, quando parece um anacronismo. Viajar longas distâncias por trem é também uma excelente maneira de conhecer pessoas que, como Leon, têm pavor de voar.

— Espero que você nunca tenha de aturar um aeroporto ou um avião — disse-me Leon, ao nos instalarmos em nossos assentos

para a viagem de 19 horas de Nova York a Chicago. — É de fato um ambiente repugnante. Tudo que existe a seu redor são uns burgueses placidamente contentes, à vontade com seu senso de exercício do direito e desprovidos de uma única emoção digna de sentimento ou uma ideia digna de pensamento. São habitantes da superfície, tanto em alma quanto em sociedade. Sacodem-se em seus assentos emanando sutilmente perfumes e loções pós-barba nem caros nem baratos e, normalmente, permanecem olhando diretamente para a frente, sem dar uma palavra com um ou com outro até a aeronave pousar, ou abrem os notebooks para se enterrar em seu trabalho, ou abrem seus livros ingênuos que normalmente são obras anunciadas como benéficas para seu bem-estar moral ou psicológico, e, se por acaso entabulam um papo com seus colegas de viagem, conseguem apenas conversar sobre assuntos inofensivos, tais como golfe ou imóveis. São pessoas que preferem perseguir a felicidade do que a alegria. É isso que eu realmente detesto na viagem aérea. Não é meu medo de voar que me impede; é meu medo da classe média. Só consigo tolerar a companhia ou da classe baixa ou da aristocracia.

Leon fez uma pausa, prendeu a respiração e trocou o pé de apoio para facilitar a passagem de um peido. E continuou:

— Portanto, lembre-se, Bruno: se alguma vez precisar viajar uma grande distância, sempre que possível, pegue um trem ou um ônibus, qualquer meio de transporte, menos um avião. Aquele medonho gás invisível que permeia nossa civilização encontra-se em seu nível de concentração mais denso e perigoso dentro da cabine vedada de um avião de passageiros. Mas aqui? Olhe em volta! O que nós vemos? Vemos todos os tipos de pessoas, classe baixa demais para sequer pensar em comprar uma passagem de avião. Vemos imigrantes recém-chegados de distantes terras empobrecidas, conversando entre si em suas línguas exóticas, como também uma saudável amostragem de bêbados, pervertidos,

trabalhadores rurais, membros de gangues e viciados em drogas. Vemos pessoas que são pavorosamente magras, como também aquelas que são pavorosamente gordas. Vemos pessoas que pertencem a seitas religiosas atavicamente modestas que lhes exigem que se vistam para o século XIX e que falem em dialetos há muito tempo esquecidos. Prefiro a companhia dessas pessoas, Bruno. Aqui, a gente mal inspira aquele gás venenoso... ele é muito bem mascarado pelos odores de cachorros-quentes aquecidos no micro-ondas, de flatulência e de pés.

A ideia de voar (eu estive em minha vida apenas uma vez num avião, e sob circunstâncias desagradáveis que já relatei nesta narrativa) não é rejeitada por mim por motivos de segurança (o que devo admitir que seria irracional), nem pelos motivos mais sutis e difíceis de entender em termos sociológicos de Leon, e não porque não há nada em meu pedigree evolutivo (nem há, aliás, no seu) que pudesse me preparar para a enervante perturbação corporal da experiência; ao contrário, a ideia de voar me causa repulsa filosófica e psicogeograficamente. Ouvi falar, e acredito nisso, que uma criança num avião, durante a decolagem, costuma comentar que as coisas que vê lá embaixo através da janela parecem "brinquedos". É isso! Observar a terra de tal perspectiva divina destrói a reverência de um animal por sua geografia. Não são "brinquedos", garoto. Toda aquela terra pela qual você está correndo por cima a 12 mil metros de altura a 800 quilômetros por hora? Lá embaixo está uma multidão de mundos de cuja existência nunca se saberá. As pessoas talvez venham a esquecê-los, porque não ligam mais para eles. Portanto, vá em frente e deixe que morram. Deixe a terra morrer, deixe todos os animais morrerem. Você, provavelmente, não estará mesmo mais interessado neles. Tudo com o que as pessoas se preocupam é ir de um ambiente humano a outro o mais depressa que podem, gastando o mínimo de tempo possível nos lugares entre os lugares. A imaginação humana

anseia por ligar o ponto A ao ponto B não com uma linha, mas simplesmente dobrando o espaço até os pontos se tocarem, para eliminar inteiramente o espaço entre eles. É por isso que, em alguns filmes de ficção científica, as pessoas no futuro podem viajar de um lugar a outro por teletransporte. Essa é a derradeira realização da atividade humana em inventar meios mais rápidos e mais eficientes de se ir de um lugar a outro: simplesmente eliminar inteiramente os espaços limiars. Então as pessoas finalmente se tornarão o que sempre procuraram ser: um animal que é todo mente, um animal que não tem uso para seu corpo, um animal que não tem uso para a terra.

Mas foi divertido andar de trem! À nossa esquerda, o Rio Hudson corria e cintilava contra as Palisades enquanto nos arrastávamos e apitávamos ao nos afastarmos da cidade de Nova York. Passamos pela estação de trens de Hasting-on-Hudson, onde certa vez optei por embarcar no trem que se dirigia ao sul em vez do que se dirigia ao norte e, desse modo, conheci Leon e vivi todo o resto daquela aventura. Isso foi mais do que um ano antes. Gostei dos trajes azul-escuros vivo que os coletores de tíquetes usavam, e gostei de seus reluzentes botões de latão e das palas planas de plástico de seus bonés. Leon e eu nos sentamos num cubículo do vagão-restaurant, jogando os jogos que havíamos trazido: xadrez (um jogo no qual eu não era habilidoso) e damas (no qual eu era) e, como sempre, meu jogo mais adorado, o tal que um certo perneta fervedor de feijão tocador de gaita de foles me ensinou muitos anos atrás, gamão. O trem estremeceu, apitou e seguiu em frente, e as peças do xadrez, da dama e os dados clicaram, estrepitaram e tombaram na mesa entre nós. Falamos com as pessoas que entravam e saíam do vagão-restaurant; observamos a paisagem que rolava de maneira lenta, mudando gradualmente de urbana para rural e novamente de volta para urbana. Todos são tão amistosos num trem, tão curiosos e loquazes e ansiosos por fazer amizade com estranhos. Talvez

assim seja porque as pessoas num trem de passageiros são extremamente cientes do anacronismo disso, forçando a experiência até o campo da novidade, da diversão e do interessante e do inusitado, o que as motiva a quererem falar. Ou talvez essa cordialidade surja porque aqueles que escolhem viajar de trem tendem a ser pessoas que, como Leon, anseiam por um mundo anterior, um mundo caótico e inconveniente onde as coisas demoravam muito tempo e as pessoas gostavam de conversar umas com as outras. Um mundo antes de o mundo se tornar um mundo onde cada lugar parece o mesmo e nenhum lugar é o lar.

Portanto, Leon e eu conversamos intermitentemente entre nós e com os outros passageiros e jogamos nossos jogos e lemos nossos livros e observamos a terra passar deslizando pelas janelas e cochilamos de tempos em tempos desabados em nossos assentos desde a cidade de Nova York a Albany a Buffalo a Cleveland a Toledo a Gary a Chicago.

Meu coração saltou dentro de mim, quando avistei aqueles prédios familiares se erguendo a distância, aqueles mesmos prédios que outrora haviam me enfeitiçado e me seduzido quando eu era apenas um animal mudo-mental. Eu estava praticamente pulando no meu assento junto à janela com irreprimível alegria enquanto estrepitávamos através do pátio de manobras da Union Station com o sol do início da manhã reluzindo nos trilhos da via.

Oh! Chicago! (Meu coração exclamou dentro de mim em êxtase.) Estive longe de você por mais de um ano! Oh!... Chicago, você está feliz em me ver? Sou eu, Bruno,...seu filho e amante! Fui infiel a você, admito. Voltei, após um caso amoroso com sua irmã mais velha — sua irmã maior, mais velha, mais malvada e mais complicada que vive 1.300 quilômetros além de você a leste! Mas Chicago, a parte interna de Chicago, a Chicago de tijolos marrons, a Chicago de água doce, a Chicago “fria e quase inabitável grande

parte do ano”, eu voltei para você!, pois você é a única cidade que consigo amar de verdade.

O trem entrou num túnel e sibilou ao parar, e então ficou em silêncio. Todos desembarcaram, pois era o fim da linha. Leon e eu tomamos café da manhã juntos, que constou de *bagels*, bacon, ovos e café, na praça de alimentação da Union Station, antes de eu vê-lo passar pelos portões de sua conexão, a qual o levaria para bem longe, através do grande interior americano — passando por sei lá quantas montanhas e planícies e cactos de desertos e búfalos com crinas peludas — até a terra salpicada de sol da Califórnia, onde lhe foi prometido asilo. Leon e eu nos abraçamos ao nos despedimos, com lágrimas derramadas de ambos os lados. Fiquei parado no portão, acenando, enquanto o observava conduzir meticulosamente sua massa pela rampa que levava à plataforma do trem, e meu coração ardeu tanto por minha felicidade em estar de volta à minha terra natal quanto pela minha relutância em vê-lo partir.

Ele usava um amarrotado terno marrom de veludo cotelê e pelejava laboriosamente para arrastar atrás de si uma gorda e estufada mala de rodinhas pela plataforma de concreto. Seu cabelo era longo e estava amarrado, a barba, cerrada e o corpo, imenso. De um modo geral, Leon parecia uma baleia bebê que fora enfiada num terno marrom. Ah, mas ele se portava com a dignidade de um príncipe. Como o Príncipe de Gales, penso eu. Adeus, primavera retardada! Adeus, verão de Todos os Santos! Tu, doce criatura bombástica!

E quanto a mim? Eu, Bruno, deixei a estação de trem. Deixei a estação carregando uma mala que continha todo o resto de minhas posses na terra, e saí para o movimentado alvoroço matutino da Canal Street, atravessei o rio pela ponte da Adams Street, cruzei a Wacker, passei por baixo da sombra da torre da Sears e rompi meu caminho pelo coração do coração da cidade.

Respirei o odor familiar dessa minha terra natal, observei os familiares ornamentos de pedra dos prédios, mantive os olhos atentos a qualquer mudança significativa, mas detectei poucas. Fui em busca de Lydia.

## XLVI

**A**inda era de manhã cedo. O trem deixara Nova York na manhã anterior e viajara o dia todo e a noite toda antes de nos depositar em Chicago mais ou menos às 9 da manhã. Eu havia dormido espasmodicamente no trem e a brilhante manhã movimentada em Chicago encarregou-se de me pôr na condição brandamente alucinante que uma brilhante manhã movimentada costuma nos colocar quando não dormimos bem. Eu não queria fazer nada além de seguir direto para ver Lydia, mas algo fez com que me refreasse. Achei que seria estranho demais ou grosseiro demais aparecer no apartamento dela, sem avisar, e tão cedo pela manhã. Ela provavelmente nem mesmo estaria em casa, pensei. Portanto, em vez disso, passei boa parte da manhã andando pela cidade, vagarosamente, por baixo da estrondeante treliça vermelha de ferro que sustenta o elevado, fazendo várias anotações poéticas em minha cabeça. Cada sinal de trânsito que piscava e cada rechonchudo pombo arrulhante que saltitava ao longo da calçada parecia me dar as boas-vindas pelo retorno. “Olá, sinal de trânsito!” — mal consegui me conter de dizer em voz alta —, “Olá, pombo!”

*Olá, Bruno!*, imaginei o pombo articulando de volta para mim com sua gorjeante garganta.

Fitei os leões de pedra que guardavam as portas de certos prédios, olhei através das vitrines nas frentes de lojas os belos manequins de mulheres que usavam vários estilos de roupas, entrei e saí de livrarias e passei algum tempo sentado ao pé da

gigantesca escultura de Picasso no Daley Center Plaza. Gradualmente, gradualmente, gravitei pela parte alta da cidade, sabendo muito bem, não em minha mente consciente, mas nos ossos, aonde meus zonzos pés estavam me levando.

Essa foi a primeira vez que experienciei o Zoológico de Lincoln Park como visitante, em vez de ser ali um animal em exposição. Durante todos os nossos dias de saídas educativas/divertidas nos primeiros dias de minha aculturação, Lydia nunca me trouxe uma só vez aqui. Certamente porque ela temia o que eu pensaria, o que eu poderia fazer. O que os outros chimpanzés pensariam ou fariam quanto a isso. Levar-me para ver minha própria família aprisionada teria parecido uma tortura perversa que ela não quis infligir a minha vulnerável consciência em desenvolvimento.

Entrei nas ondulações verde-esmeralda de Lincoln Park pela entrada sul, caminhei ao longo do sinuoso caminho para pedestres, passei por corredores vestidos com brilhantes roupas justas de lycra, passei por cachorros puxados por suas correias, passei por um campo de beisebol, uma estátua equestre, uma grande lagoa de patos onde gansos e cisnes deslizavam pela água verde-néon com algas, e entrei no zoo: o Zoológico de Lincoln Park, aparentemente, é de graça, uma constatação que me doeu levemente, como um insulto. Oh!, entrar em tal espaço conhecido por um ângulo desconhecido! A violência da mudança de *gestalt* golpeia a mente como um taco.

Ver o lugar pelo ângulo do observador humano me desorientou. Parecia familiar, mas, ainda assim, ao mesmo tempo, sinistramente diferente para mim. Eu nunca me dera conta de como aquele era, de fato, um triste, sujo e pequeno zoológico. Os animais em seu interior têm tão pouco espaço para vagar. Os grandes felinos ficam encurralados em tão sujas e miseráveis jaulinhas — daquelas antigas, com barras em vez de vidro, evocando celas de prisão em vez de exposições, com frios chãos de concreto com palha espalhada

que fede a melancolia e urina. Os animais nelas parecem tão maltrapilhos e abatidos, suas almas despedaçadas, resignados às tranquilas vidas de cativo e humilhação. Os leopardos e leões e tigres esquivavam-se neuroticamente de um lado ao outro atrás das barras de suas jaulas, tentando deploravelmente manter sua dignidade, como aristocratas arruinados. Enquanto davam voltas a esmo, seus ossos íliacos e suas omoplatas ondulavam com uma beleza física que nem mesmo a humanidade é capaz de tirar, mas, de vez em quando, um tique nervoso agitava suas cabeças com pequeninos espasmos de raiva incontrolável. Quando eu vivia nesse lugar, eu conhecia apenas o interior de onde os chimpanzés eram expostos, e o que era imediatamente visível de dentro desse local. Não conseguia ver muito mais além da parede de concreto que continha o fosso que cercava nossa pequena ilha artificial. Eu não fazia ideia de que zebras e cangurus ficavam dentro do campo de visão da beirada que dava para a nossa exposição, que poderíamos ter visto fisicamente esses estranhos animais se ao menos tivéssemos sido capazes de ficar de pé no topo do muro. Então observei os coitados dos animais — os felinos, os pássaros, as girafas, os elefantes, os rinocerontes — enquanto seguia os mapas que me conduziram através do pequeno zoológico à Casa dos Primatas.

À minha direita, ficava a exposição dos gorilas. Aquele enorme e velho autoritário das costas prateadas ainda se encontrava lá. Estava dormindo, afundado com os membros flácidos e abatido em sua rede de corda, parecendo como se não tivesse movido um músculo durante todos os anos em que estive fora, um braço pousado sobre a enorme barriga e o outro pendendo para baixo dele, a mão coriácea com dedos gordos e enrugada roçando o chão feito uma velha luva de trabalho.

À minha esquerda, estava a exposição de chimpanzés. Notei pela primeira vez em minha vida que, diante da vidraça que dava para a

exposição, havia uma fileira de cartões de plástico suspensos por finos fios metálicos, e, nos cartões estavam impressos breves resumos de informações educativas sobre minha espécie. Vários desses cartões exibiam fotografias coloridas de selvagens chimpanzés africanos catando os pelos uns dos outros, balançando-se em árvores e assim por diante, e, um outro exibia um mapa, colorido em vermelho, mostrando onde é o nosso habitat natural: duas pequenas manchas vermelhas, uma na África Central e outra na costa sul do cabo do revólver da África Ocidental. Assim:



Em outro cartão, estava escrito o seguinte texto:

**Chimpanzé**

*Pan troglodytes*

**Mamífero**

**Ordem**

*Primata*

**Descrição**

*Comprimento: 0,85cm — 1,35m. Peso: 56-76kg, machos ligeiramente maiores. Os de zoológico pesam mais. Existe muita variação em relação ao tamanho do corpo e às proporções. Pelagem em sua maioria preta; barba branca curta comum em adultos de ambos os sexos. Calvície também ocorre em adultos, mais em fêmeas. Rosto na maior parte sem pelos e claro, escurecendo com a idade. Orelhas grandes, narinas pequenas. Fêmeas têm dilatação rosada proeminente da região perineal, quando no*

*cio; machos têm testículos muito grandes. Jovens possuem tufo de cabelo nas ancas.*

### **Área**

*África Ocidental e Central, norte do rio Zaire, do Senegal à Tanzânia.*

### **Habitat**

*Floresta úmida, floresta decídua ou savana misturada; presença em áreas abertas depende de acesso a árvores frutíferas perenes.*

### **Nicho**

*Onívoros: comem principalmente frutas e folhas, mas, durante a estação da seca, comem sementes, flores, casca de árvore, insetos, pássaros e mamíferos. Diurnos; ninhos para dormir são construídos novamente a cada noite. Principalmente terrestres, caminhando com as solas dos pés traseiros e nós dos dedos dos membros anteriores, mas passam muito tempo ou constroem ninhos em árvores (principalmente os jovens), usando braquiação para se movimentar. Comunidades em número de 15-120, mas a alimentação é comumente uma atividade individual, principalmente entre as fêmeas. Os machos são gregários e formam uma frouxa hierarquia ascendente. Comunidades vizinhas se sobrepõem.*

### **História de vida**

*Acasalamento não sazonal; um único filhote nasce após nove meses de gestação. O filhote se apega após poucos dias, monta na mãe aos 5-7 meses, é desmamado após cerca de 3 anos. Maturidade em cerca de 10-11 anos, mais cedo em cativeiro. Fêmeas são promíscuas, migrando para uma nova comunidade durante um ciclo do estro adolescente. Período de vida 40-45 anos.*

### **Condição de conservação**

*Essa espécie está na lista das ameaçadas e a comercialização é proibida por lei internacional. Principal causa do declínio populacional é a destruição do habitat, particularmente a derrubada de árvores para comercialização. Alguma caça, por causa do hábito de comer carne de animal selvagem e por motivos comerciais, ainda ocorre e as populações têm sido esgotadas em algumas áreas.*

Muito daquilo, Gwen, era novidade para mim. Vamos imaginar — como eu mesmo frequentemente tenho imaginado, nos momentos de ócio que, acumulados desde o início do meu segundo

confinamento, somam anos — um texto semelhante que seria escrito em cartazes semelhantes, para serem expostos diante de uma jaula projetada para representar um ambiente humano. Uma grossa parede de vidro daria vista para outra (talvez uma terceira?) tosca caricatura da ideia que fazem de uma espécie num típico cenário humano. Embora nossos leitores possam imaginar o que quer que desejem — o interior de um casebre de pau-a-pique, um iglu, uma cabana de caça, o palácio de Habsburgo —, eu, pessoalmente, para o máximo de minha diversão, imagino um aposento insipidamente *fake* numa hiper-fantásiosa casa de classe média em algum lugar de um subúrbio da América do Norte, equipada com a rude ideia de itens prototipicamente “humanos”: uma cama de quatro colunas, duas poltronas, uma mesa de jantar, e assim por diante. Há velas na mesa. As paredes são pintadas com um enjoativo cor-de-rosa algodão-doce. Há uma reprodução da *Mona Lisa* numa ornamentada moldura dourada pendurada na parede. Uma falsa janela panorâmica dá para um pano de fundo pintado com um agradável dia ensolarado. Há uma lareira com console, dentro da qual brilham chamas recortadas de papel crepom vermelho e amarelo, iluminadas por baixo por uma lâmpada escondida. Junto à lareira, enroscado sobre um tapete, como se dormisse, há um cachorro empalhado, com uma tigela de comida diante dele, etiquetada com o nome TOTÓ. No interior desse aposento há cinco ou seis humanos de ambos os sexos e de idades e raças variadas. Um dos cartões do lado de fora da vidraça exibe um mapa mostrando em vermelho as áreas da terra normalmente habitadas por seres humanos, com outro cartão ao lado fornecendo informações básicas sobre essa espécie.



## **Humano**

*Homo sapiens sapiens*

## **Mamíferos**

## **Ordem**

*Primatas*

## **Descrição**

*Altura: 1,40 — 2,15m. Peso: 35 — 180kg, machos ligeiramente maiores. Os de zoológico são consideravelmente mais altos. Há muita variação em relação ao tamanho corporal e à proporção. Pelagem esparsa exceto no topo da cabeça e áreas em torno da genitália e nas axilas; machos podem ter pelo no rosto. Modificações corporais, incluindo remoção capilar seletiva, são comuns. Orelhas pequenas, narizes proeminentes. Pernas compridas, braços curtos. Calvície ocorre normalmente em machos adultos. Fêmeas têm como característica tetas proeminentes. Filhotes têm cabeças desproporcionalmente grandes.*

## **Área**

*Por ser o humano enormemente adepto de viagens, transporte de materiais e de se abrigar contra adversas condições ambientais, essa espécie está espalhada por praticamente todos os climas e vive em todos os continentes do mundo.*

## **Habitat**

*Humanos tendem a viver em pequenos grupos dentro de áreas de colmeias sociais muito maiores. Geralmente preferem não habitar ambientes nos quais podem ser encontrados outros animais não domesticados. (Os humanos admitem animais domesticados, principalmente cachorros, para coabitar simbioticamente seu espaço de vida.) Os humanos se sentem*

*mais à vontade em áreas projetadas especificamente para habitação humana.*

### **Nicho**

*Muito onívoro, geralmente diurno. Principalmente terrestre, caminhando sobre as solas dos pés traseiros, embora os filhotes permaneçam quadrúpedes até cerca de 1 ano de idade. Adultos podem viajar por longas distâncias através do uso de vários instrumentos, inclusive em ambientes aquático e aéreo. Os tamanhos das comunidades variam enormemente; embora se tenha registros de alguns humanos que vivem sozinhos, a maioria vive em grandes comunidades, que vão aproximadamente de 100 a 10.000.000. Alimentação é geralmente uma atividade comunal. Tanto machos quanto fêmeas tendem a rapidamente formar violentas hierarquias dominantes. Comunidades vizinhas se sobrepõem significativamente. Humanos não têm predadores conhecidos.*

### **História de vida**

*Acasalamento não sazonal e constante. Um único filhote nasce após nove meses de gestação. Os filhotes se apegam após poucos dias, são desmamados após cerca de um ano. Machos ocasionalmente ajudam as fêmeas na criação dos filhotes. São maduros sexualmente entre 13-15 anos, mas mais cedo em cativeiro. Muitos nunca se tornam completamente maduros psicologicamente. Podem formar casais sexualmente monógamos, com isso levando, normalmente, a extremo estresse psicológico. Período de vida 40-90 anos.*

### **Condição de conservação**

*O humano não corre perigo iminente. Devido a sua condição de predador alfa, combinada com a habilidade de controlar o próprio clima, o humano parou de evoluir, por isso se retirando efetivamente da natureza. No dias de hoje, a única ameaça palpável ao ser humano é o ser humano.*

Essa ideia, entretanto, provavelmente nunca acontecerá. Existem leis contra coisas assim — leis humanas. Leis que evitariam manter um grupo de humanos em cativeiro com os propósitos de educação pública e entretenimento. Tal ideia violaria nossas noções de ética, o que sempre me assaltou como problematicamente antropocêntrico. Os chimpanzés e os humanos no zoológico são separados por aquela parede de vidro porque os chimpanzés talvez

machucassem os humanos, se não houvesse o vidro. Se bem que o mesmo (quase chega a ser óbvio demais destacar isso) poderia ser dito de humanos e humanos. Contudo, humanos somente aprisionam outros humanos após os humanos em questão se revelarem nocivos a humanos. Se aplicássemos aos seres humanos a mesma lógica que os humanos aplicam aos animais, teríamos de prender preventivamente todo mundo ao nascer. Então todos nós estaríamos seguros.



No início de uma tarde em Chicago no final de março de 1999, eu, Bruno, parei e olhei pela vidraça que dava para a exibição dos chimpanzés na Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park. Olhei pela vidraça que dava para o meu lar de criança. Meu antigo mundo mudo, meu *habitat* animal. Olhei através de uma folha de vidro com 8 centímetros de espessura para minha família biológica. Parecia muito com o que eu havia guardado na lembrança, embora eu tenha aumentado para cima cerca de 30 centímetros e corporalmente mais de 20 quilos, e, portanto, o espaço parecia ainda menor do que eu me lembrava. Vi — e me lembrei quando vi — uma saliência, uma certa prateleira larga de metal presa num canto da parede, muito alta, perto do teto, na parte interna da exposição, acessível pelas cordas e pelas redes que pendiam do teto ao chão coberto de lascas de madeira de cedro: nós, os chimpanzés, costumávamos escalar aquelas cordas e aquelas redes até a prateleira, nos reunir lá em cima e ficar amontoados nos meses de inverno, cochilando, catando, vadiando a tarde inteira em lânguidos enlaçados de abraços. Agora era março e fazia frio lá fora, mas não muito severo, e todos os chimpanzés estavam no interior, e a maioria aconchegada no canto, no topo da prateleira, como eu havia ficado outrora. A prateleira, segundo me recordo, era o nosso local favorito, em parte porque sua altura

provavelmente lembrasse nossos instintos das copas das árvores nas quais tiraríamos nossas sonecas se aquilo fosse a selva e houvesse predadores agindo abaixo de nós, e em parte porque sua altura a tornava uma das poucas áreas preciosas daquele pan-óptico benthamista onde não ficávamos totalmente à vista de nossos espectadores. Claro que as pessoas ainda podiam nos ver, podiam ver que estávamos lá em cima, podiam ver nossas mãos pendendo das bordas da prateleira e conseguiam vislumbres dos nossos amontoados quentes corpos marrons exalantes movendo-se imperceptivelmente, mas pelo menos não ficávamos totalmente expostos ali em cima. Olhei acima, para a prateleira, e vi minha família, minha velha família, minha mãe, Fanny, e meu pai, Rotpeter, minha tia Glória, e meu tio Rex, aconchegados no topo da prateleira, várias delgadas mãos roxas e delgados pés com o polegar opositivo se remexendo para fora da bola de membros para se pendurar frouxamente do lado de fora da prateleira. Bem abaixo deles, no solo, arranhando e cavando o vaporoso chão acarpetado de lascas de madeira de cedro que cheirava a urina, havia dois chimpanzés que não reconheci. Novas aquisições do zoológico. Um deles, uma fêmea, aparentando ser uma adolescente, aliás, provavelmente com a minha idade — 15 anos. O inchado chumaço de carne rosada que ela arrastava pelo chão anunciava sua fecundidade e um pequeno botão marrom de bosta salientava-se timidamente de seu ânus. O segundo novo chimpanzé era o bebê que ela carregava nos braços.

Eu estava tão perto da parede de vidro que a aba do meu chapéu a tocava. (Eu usava os mesmos casaco e chapéu que outrora havia achado num armário da casa da pequena Emily.) Protegi os olhos com a mão em concha contra o vidro para bloquear meu reflexo. O vidro tinha um leve matiz azul-esverdeado. A meu lado, a poucos passos de distância, havia uma mulher com uma criança. A mulher parecia ser de meia-idade e de classe média e vestia um casaco

vermelho-maçã caramelizada, com grossos botões pretos, um pulôver azul e óculos, e seu cabelo castanho estava amarrado frouxamente para trás. Havia um carrinho de bebê a seu lado. Este continha um macio cobertor felpudo azul e um animal de pelúcia — seu suposto ocupante estava engatinhando no chão ao redor e usava o uniforme padrão de bebê: um macaquinho com uma porta abotoada no traseiro para facilitar a troca de fraldas; o macaquinho era azul, coisa que, por algum motivo, é a cor que conota a inocência da infância, ao mesmo tempo que permanece sendo apropriadamente masculina — oh, que coisa estranha essa de os seres humanos começarem a sexualizar seus filhotes mesmo quando eles ainda nem mesmo conseguem limpar sua caca!, e até mesmo antes de nascerem! (Talvez esta nota devesse ir em algum lugar do resumo de informações sobre a espécie humana? Não! Não há lugar para tais detalhes! Isso seria demasiado, Gwen, há simplesmente muita coisa a se dizer! Há muita coisa a se dizer!) Essa criança, esse bebê humano supostamente do sexo masculino, patinava por ali, mãos e pés batendo, como quatro pequenas barbatanas gordas, no chão da área dos observadores humanos da Casa dos Primatas do Zoológico de Lincoln Park. Oh, meu Deus, ele era lindo. Era um lindo bebê, rechonchudo, careca, pele lisa, radiante e tipo Buda, uma criatura naquele estado de paixões puras e perfeitas, a agulha de seu medidor emocional capaz de oscilar instantaneamente da felicidade ao desespero e retornar à felicidade por conta de um estímulo tão fácil quanto o toque da pele de sua mãe. Às vezes, vejo um bebê e quase chego a chorar. *Por quê?* Por que a visão de um bebê me faz chorar? É porque conheço muito do mundo em que ele nasceu? Não, isso é insipidamente romântico demais, não deve ser isso. A visão de um bebê me enche instantaneamente de um amor desesperado, insano, ilimitado. Eu amo bebês humanos! Eu amo os animais! Eu amo o mundo!... mas — *Eu o odeio! Eu amo e odeio o mundo com igual paixão! É*

por isso que choro quando vejo um bebê! Os lados quente e frio de minha alma se chocam com força e causam um temporal — uma tempestade! — e eu choro.

Essa criança, esse bebê no zoológico, era novo demais para falar. Sua consciência ainda estava no nível da de um animal, de um macaco inculto. Ele balbuciava, o que era o estágio pré-linguístico do começo da infância, quando um bebê se sente perpetuamente fascinado mais uma vez por sua própria habilidade de fazer ruído, e assim ele passa cada segundo que consegue ficar acordado com a boca ocupada em cuspir um fluxo não teológico de arrulhos, zunidos, balbucios, gorgolejos e cantos. Constantemente cantando! A música sempre precede o significado! Música antes do significado! Sem parar ele balbuciava e cantava, empregando cada técnica disponível ao repertório cantante de bebês. Primeiro ele cantou uma nota aguda, constante, enquanto, repetidamente, colocava e tirava a mão em concha da boca para criar um efeito ululante auto-hipnótico. Em pouco tempo ele decidiu modificar sua técnica ao, rapidamente, passar os dedos pelo lábio inferior, ao mesmo tempo que baixava a voz para um zunido, o que causava um ruído baixo igual ao de um motor em ponto morto e, após se cansar disso, ele usou o mesmo conceito, elevando-o para uma marcha maior, aumentando a pressão da expiração, enquanto, velozmente, vibrava os lábios sorridentes; esta última técnica rapidamente levou a uma excesso de baba escorrendo por seu queixo — ah, mas ele nem ligou.

O último metro inferior da parede de vidro que dava para a exposição dos chimpanzés estava enevado com pequeninas marcas de mão e logo esse bebê começou a acrescentar as suas à névoa. Ele engatinhou acima do baixo degrau ao pé do vidro e pressionou o corpo contra a vidraça, para poder enxergar melhor. Ainda fazia um ruído de motor de lancha com os lábios reverberantes, distraidamente, ou talvez para fazer ele mesmo uma

pequena música para acompanhar a visão. Ele chapinhava as mãozinhas gordas no vidro ao mesmo tempo em que olhava os chimpanzés. No interior da exposição, a uns 3 metros de distância da vitrine, a chimpanzé fêmea que eu não conhecia tinha recuado e desabado de costas sobre o chão de lascas de madeira de cedro — não de fadiga, mas provavelmente de tédio — e o bebê chimpanzé que ela carregava, escapou de seus braços, desceu por sua protuberante barriga peluda e começou a seguir caminho com os finos braços magros e pernas atarracadas pelo chão da exposição em direção à vidraça. O bebê chimpanzé rastejou até o bebê humano. O chimpanzé pressionou as mãos contra a vitrine e olhou diretamente através do vidro para rosto da criança humana do outro lado. Dois bebês, duas espécies, separadas por centímetros, olhando um para o outro através do vidro. Tinham mais ou menos o mesmo tamanho. Filhotes de chimpanzés parecem até mesmo muito mais humanos (ou melhor, humanos parecem com chimpanzés neotênicos): têm olhos grandes, grandes cabeças redondas e rostos pequenos. Fiquei observando enquanto aquelas duas crianças de duas espécies ligeiramente diferentes se entreolhavam através da parede de vidro azul-esverdeado, cada qual com as mãos abertas pressionadas contra a vitrine, cada qual com a cabeça grande e os olhos enormes, cada qual sem linguagem. Naquele momento, naquele estágio de seus respectivos desenvolvimentos, pareceu completamente arbitrário dizer quem era quem de cada lado do vidro. Cada qual sabia apenas que uma parede de vidro os dividia e nenhum entendia por quê.

A mãe da criança (refiro-me à criança humana) enfim decidiu que estava na hora de ir embora, apanhou-a e a colocou no carrinho para transportá-la.

Enquanto sua mãe a empurrava para fora, a criança humana despontou na beirada de seu carrinho, olhou para trás, para o macaco atrás do vidro, e acenou.

---

Eles partiram. Eu continuei diante do vidro e observei os chimpanzés a tarde toda.

Devo ter parecido uma estranha figura naquela tarde: um homem, um anão sem pelo e de certo modo deformado, metido num casaco e usando um chapéu preto tipo diplomata, com uma maleta na mão, parado o dia todo diante da exposição de chimpanzés do Zoológico de Lincoln Park. Contudo, ninguém me incomodou. Os outros chimpanzés, um por um, acordaram das sonecas que tiravam naquela alta prateleira na parte superior da exposição, bocejaram, esticaram de maneira sonolenta seus compridos braços peludos e se arrastaram para baixo, através das cordas e redes que pendiam do teto até o chão. Ficaram por ali, zanzando, perseguiram uns aos outros, cataram-se uns aos outros, bateram as mãos uns nos outros, de vez em quando irromperam em rápidas trocas de berros e guinchos, treparam nas cordas, mordiscaram as migalhas de comida que encontraram entre as lascas de madeira do chão. Observei minha família durante horas. Eles não me reconheceram. Eu era um estranho para eles. E por que deveriam ter me reconhecido? Eu não era mais um animal como eles. Eu não tinha pelos, andava aprumado, usava roupas, tinha nariz. Por isso eu estava no meu lado do vidro, e eles no deles. O Bruno deles agora era um homem.

Notei que Céleste não estava entre eles. Olhei para o lado externo, e também não a vi. Fiquei imaginando se não a teriam transferido para outro zoológico, por algum motivo. Fosse como fosse, ela não estava ali.

Fiquei imaginando muito e por muito tempo se eu me arrependia de alguma coisa. Tentei imaginar o que teria sido a minha vida, se tivesse permanecido no zoológico com minha família original. Se ainda estivesse com eles, ainda seria relegado ao macho de mais

baixo escalão no grupo social, sem saber de nada do mundo, a não ser aquele seu pedaço infinitesimal. Não teria perdido a inocência ou saído da escuridão. Não saberia a linguagem, não teria sentido aquela estranha alteração em mim, obtido o grau de racionalidade em meus poderes íntimos, nem, desde então, teriam se elevado em mim pensamentos profundos e sublimes para mover minha inteligência e, com a mente enormemente capacitada, eu teria encarado todas as coisas visíveis no céu, ou na terra, ou no intermeio, em todas as coisas justas e boas. A ideia era agora tão estranha para mim que quase me provocava gargalhadas. Era inútil imaginar, me levaria a lugar nenhum. Esses animais eram agora tão estrangeiros para minha consciência que eu não conseguia mais sondar o que se passava no interior de suas mentes. Seu comportamento, o processo mental desses animais, tinha se tornado tão opaco para mim como o chumbo. Agora eu só conseguia vê-los através de um vidro, obscuramente.

## XLVII

**D**eixei o zoológico naquela tarde com uma sensação em mim que não era de tristeza. Era uma sensação tipo tristeza, porém mais sossegada e mais estranha. Deixei o zoológico naquele dia me sentindo como se tivesse comparecido ao funeral de um bom amigo que morreu por algo inevitável e acidental. Era fim da tarde, quando deixei a Casa dos Primatas.

Ainda havia algo me impedindo de ir ver Lydia. Achei um bar na Clark Street, um lugar escuro de metal e couro e madeira envernizada, onde, em silêncio e solitário, acalmei meus nervos com três uísques, enquanto bisbilhotava o bate-papo descompromissado de três grandes homens rosados e vestidos com ternos desalinhados e gravatas afrouxadas que estavam sentados em uma mesa de canto perto da vitrine. Um deles narrava para os outros dois homens uma história de complicações envolvendo a aguardada solução de seu divórcio. Os outros homens tentavam cautelosamente aliviar a tristeza dele com os remédios do riso e da raiva. O primeiro homem juntou-se à furiosa gargalhada, juntou-se ao rouquenho gracejo misógino de retaliação deles, mas sua tristeza escorria por sua jocosidade como água através de um pano de algodão. Agora eu estava de volta ao zoológico humano. O mundo todo é um zoológico e todos os homens e todas as mulheres são meramente animais. O palco e o zoológico são intercambiáveis, Gwen: lembre-se, já descobrimos que o teatro é biologia e biologia é teatro. O mundo todo é um zoológico.

---

Era perto do Dia de São Patrício. Talvez fosse um dia antes ou um dia depois. Lembro-me de repente de como Chicago tingiu seu rio de verde — que ficou parecendo um rio de dejetos tóxicos — e lembro-me de imaginar se apareceriam peixes verdes, semanas depois, nos cadenciados e reluzentes arrastões das redes de pescadores muitos quilômetros ao norte da cidade. As ruas, as vitrines das lojas e restaurantes abundavam de decorações do Dia de São Patrício: uma porção de serpentinas verdes, trevos de papel, imagens de duendes. Não sei por que a cor verde supostamente simboliza a herança irlandesa — talvez por causa do famoso verdor da Irlanda?

De qualquer modo, passei pela vitrine de uma loja de flores: do lado de fora da porta, num cesto, a loja expunha rosas verdes. Rosas verdes! Lembrei-me do fraco que Lydia tinha por elas. Como sempre, as rosas verdes me impressionaram por sua aberração, fascinando por seu altivo artificialismo, a clara deliberação de sua bioengenharia, a tintura no solo, ou seja lá como for que os habilidosos floristas tornam as pétalas verdes. Sempre me pareceu que uma flor — especialmente uma rosa — deveria ter uma cor diferente de seu talo, pelo menos em prol do contraste. Entrei na loja. Penetrei numa viçosa explosão de fragrâncias e umidade, e escolhi uma dúzia de rosas verdes com talos compridos. Pedi ao homem com um bigodinho no estilo lápis que estava atrás do balcão que as embrulhasse num cone de papel celofane e, depois, num cone de papel de presente. Carreguei-as cuidadosamente com a mão que não levava minha maleta. Seu cheiro era inebriante como vinho.

Restava-me um pouco de dinheiro — somente um pouco —, então acenei para um táxi na avenida Lincoln e segui nele o caminho todo para o Hyde Park, onde mandei que o motorista me deixasse bem diante da porta instalada na lateral de um prédio de apartamentos de tijolos vermelhos que levava ao apartamento 1A da avenida

South Ellis, 5120. O tempo todo que durou a corrida eu passei ensaiando em minha mente mil coisas que diria a Lydia. Eu estava quase ficando nauseado com a antecipação. Comprimi as pétalas verdes em meu rosto e senti a umidade aveludada de sua textura e absorvi seu cheiro. Eu não fazia ideia do que ela poderia dizer sobre as minhas roupas novas e meu novo nariz. Eu tinha muita coisa para lhe contar. Tinha tantas aventuras emocionantes para narrar, com as quais eu a regalaria. Beberíamos vinho, enquanto eu narrava minhas histórias, e eu faria com que nós dois ríssemos até ficarmos meio tontos, como se tivéssemos inalado hélio o dia todo, até quase desmaiarmos de tanto rir, e, no final, acabaríamos juntos na cama, então, pela manhã, retomariamos nossas vidas juntos.

Eu sou, no fundo, um otimista, Gwen, se essa é a palavra por você ser propenso a esperar pelo melhor, quando sabe que a verdade é provavelmente tão horrível que não quer olhar. Claro que eu sabia por que eu demorara a ir vê-la, após ter chegado a Chicago. Não fazia ideia de em que estado ela poderia estar. Eu estivera ausente por um ano. Honestamente, por mais que em minha cabeça eu tivesse colocado nas alturas meu falsamente autoimposto bom humor, ainda assim meus passos pesavam como chumbo de culpa. Na fantasia que eu estivera alimentando para minha volta ao lar, Lydia estava exatamente como naquele dia em que a conheci, quando eu era uma criança, o dia da experiência com o pêssego na caixa. Ela era jovem, saudável, deslumbrante, com todo o seu longo cabelo louro, sua pele lisa e seus olhos vivazes de juventude, e assim por diante. Lydia sorrindo, Lydia gargalhando, Lydia alisando a magnífica pelagem castanho-avermelhada que eu tinha na ocasião. A porta se abriria e a Lydia de minha memória de algum modo estaria parada ali. Queria que a porta se abrisse para uma máquina do tempo, que eu programaria para nos levar de volta a seis ou sete anos atrás, e então congelaria o tempo, ela apenas ficaria parada ali. Gwen, certa vez,

assisti a um filme maravilhoso sobre as experiências de vida de Super-Homem. Ao final do filme, a namorada de Super-Homem, Lois Lane, é esmagada no desabamento de uma ponte, porque, na ocasião, ele estava ocupado demais com outros problemas para salvá-la. Mas não se preocupe, porque sucede que nem mesmo o espaço-tempo contínuo é também imutável para a coragem e a inocência de Super-Homem. Ele voa até a bolha próxima ao espaço sideral que cerca a atmosfera terrestre, então começa a voar com tanta rapidez ao redor da circunferência da terra, mais e mais, que consegue inverter a direção da rotação da terra, o que, de algum modo, age como um enorme botão de "rebobinar" para o planeta. Então, ele voa de volta para a terra, salva Lois da ponte que está desabando, depois voa de volta ao espaço e, mostrando consideração, recorre a direção da rotação da terra. É essa última parte do procedimento que eu omitiria, se tivesse os poderes de Super-Homem. Eu viajaria até a ionosfera, giraria a terra de volta para um dia quando Lydia e eu estávamos coabitando este apartamento, juntos, jovens, apaixonados, mas antes de sua doença e antes de eu conseguir falar, então, dispararia de volta para a camada externa da atmosfera e, através de uma série de manobras complicadas, eu voaria um pouco na direção dos ponteiros do relógio, depois um pouco ao contrário da direção dos ponteiros, esquerda, direita, esquerda, pouco a pouco, até conseguir fazer a terra simplesmente parar e ficar ali, quieta, suspensa e imóvel na escuridão do espaço. Então eu voltaria à terra, agora convertida em um gigantesco instantâneo fossilizado de um momento em particular de um dia em particular, digamos, no outono de 1994 — por todo o mundo, garfos prestes a entrar em bocas abertas congelados para sempre, pessoas empacadas no início do dia, metidas em chinelos, com os braços estendidos em meio a uma espreguiçada, assassinos ossificados com revólveres ainda fumegando em suas mãos, amantes cimentados num

abraço — e eu, Bruno, me colocaria nessa última categoria: desceria flutuando para um certo apartamento em Hyde Park, Chicago, e encontraria uma jovem e saudável Lydia, e de uma maneira viável posicionaria seus braços de tal modo que corresponderiam à forma do meu corpo, e escorregaria para dentro deles, fecharia os olhos e me uniria à terra paralisada naquele exato momento, e permaneceria assim, para sempre.

Sim, admito que não sou tão altruísta como Super-Homem. Isso porque Super-Homem é Super-Homem e Bruno é Bruno. Não sou um herói. Sou um patife egoísta perniciosamente hipócrita que destruiria o mundo por sua própria felicidade. Mas isso me torna um vilão?

Fiquei parado diante da porta do prédio, olhando de relance para o alto a fim de observar os grasnados da revoada de melros que surgiram e adejaram de árvore em árvore no crepúsculo azul e laranja daquele dia de maio. Endureci o corpo e enfiei um comprido dedo roxo na campainha. Em antecipação, eu pulava na ponta dos dedos dentro dos sapatos. Pressionei as rosas verdes contra meu nariz e as absorvi. Inspirei bem fundo e deixei o ar sair lentamente. Pigarreei. Fiquei imaginando se ela não estava em casa. Apertei novamente a campainha. Um momento depois, uma estática triturante e uma voz — uma voz de mulher, mas a de Lydia — coaxou eletronicamente através do alto-falante.

— Alô? — disse a voz triturante num tom confuso, porém educado. — Quem é?

— Lydia? — falei. Minha voz guinchou. Pigarreei novamente. — Lydia Littlemore está?

— Quem é? — exigiu a voz, agora menos educada.

— Um amigo — disse eu. (Eu queria fazer uma surpresa para ela.)

O interfone zuniu, eu empurrei a porta, entrei no corredor e deixei que ela se fechasse com um baque surdo atrás de mim.

Fiquei parado no corredor. A porta do apartamento que eu havia dividido com Lydia se abriu em cerca de um quarto de sua largura — apartamento 1A, a única porta naquele andar — e nela surgiu uma figura, segurando a beira da porta, observando mais além do corredor.

— Olá? — disse a figura, com a mesma voz que eu tinha ouvido, mas sem a distorção da estática do interfone. — Em que posso lhe ajudar?

Fui gingando até a porta, flores e maleta em minhas duas mãos, chapéu na cabeça.

Ao me aproximar, percebi que a figura parada no vão da porta era Tal. Sua aparência era como antes, exceto por ela não estar vestida com as floridas vestimentas ciganas que costumava usar quando a conhecera melhor. Em vez disso, usava roupas mais insipidamente conservadoras: suéter, jeans, meias. Seu basto cabelo preto ondulado estava preso para trás, num rabo de cavalo, lembrando o modo como Lydia costumava usar seu cabelo. Parado diante dela no corredor, transferei o buquê de rosas verdes da mão direita para a dobra do braço direito, com cuidado, para não danificá-las, fazendo com que o papel e o celofane enrugassem em minha mão durante essa delicada operação. Com a mão direita assim livre, levei-a ao topo da cabeça, comprimi as rasas depressões de meu elegante chapéu preto e, lentamente, cavalheirescamente, eu o removi. E ali permaneci, no corredor mal iluminado do prédio de apartamentos no qual vivi feliz com Lydia, meu primeiro e único amor verdadeiro. No mesmo prédio em que Giph Morgan, com sua gaita de foles e seus pássaros, morava no andar de cima. Num dos únicos lugares na terra tão formador de minha memória e de minha consciência. Ali estava eu, parado, dentro de meu casaco e meu cachecol, com um buquê de rosas verdes para Lydia preso embaixo do braço, carregando chapéu e maleta, meu 1,15m de altura aumentado ligeiramente pelos sapatos.

Ergui a vista para Tal: sorri para ela e disse olá. Admito que meu olhar baixou momentaneamente para os segmentos ausentes do dedo médio de sua mão direita, antes de me lembrar e redirecioná-lo de volta para seu rosto. Eu não sabia na ocasião o que deveria esperar que acontecesse em seu rosto, mas o olhar de absoluto terror que surgiu subsequentemente, assim que ela enfim me reconheceu, não era o que eu havia desejado.

— Oh, meu Deus. — Tal meio que sussurrou, lentamente se afastando de mim. Ela recuou para longe do vão da porta, estreitou sua abertura e permaneceu no interior do apartamento, com a mão na maçaneta, pronta para batê-la com força, se necessário.

Ela disse: — *Bruno?*

Eu disse: — Meu nome é Bruno Littlemore. Bruno me deram, Littlemore eu me dei posteriormente. Eu vim por Lydia.

— *Que diabo* — sibilou ela, sua expressão perambulando rapidamente do medo para a confusão e para a aversão — houve com seu *rosto?*

— Ah, isto? — falei, batendo de leve com um longo dedo roxo na lateral do meu orgulhoso nariz humano. — Isto é o meu nariz. Que tal ele?

Sorri do modo mais amistoso que consegui.

Então Tal de fato bateu a porta na minha cara. Ela a trancou e passou o trinco.

Senti a rajada de vento da porta se descolar sobre meu rosto. Se eu estivesse um pouco mais perto, a porta dura e plana teria certamente comprimido meu belo nariz contra meu rosto, desfazendo imediatamente a cuidadosa obra de meu cirurgião.

Ao gritar e martelar a porta com meus punhos, implorando para que ela me deixasse entrar, senti uma desagradável pontada de *déjà-vu*. Uma pontada de *déjà-vu* tão visceral e embrulhadora de estômago, como uma pontada de náusea. Senti, naquele momento, que eu passara uma grande parte de minha breve e infeliz vida

ocupado com a tarefa de gritar e bater desesperado em portas que foram fechadas para mim, chorando, implorando, berrando, às vezes de raiva e às vezes em desespero, para que me deixassem entrar. Ou sair. Implorando ou para me deixarem sair ou me deixarem entrar. Sempre estive parado em alguma soleira de porta. Nunca me deixaram entrar... ou sair.

Após o que me pareceram horas de minha alta e deplorável vociferação — após vizinhos furiosos dos andares de cima abrirem suas portas e gritarem abaixo para mim, exigindo primeiro saber que problema era aquele e depois pedindo silêncio pelo amor de Deus —, Tal finalmente abriu a porta um pouquinho. Manteve presa a corrente do trinco de segurança.

— Tal! — exclamei para a brecha de luz. — Por favor, me deixe entrar! Não vou machucar você! Não vou machucar ninguém! Só quero ver Lydia.

— Por quê? — vociferou ela. — Vai arrebentar ou morder alguma coisa?

— Não! Eu sou um novo homem! Prometo! Eu mudei! Meus dias de arrebentar e morder ficaram para trás! *Por favor...* — sussurrei —, por favor, confie em mim.

Tal bateu a porta novamente, soltou o trinco e a abriu lentamente. Deslizei para dentro, a maleta batendo contra o umbral da porta, as rosas amassadas contra meu peito. Entrei no vestíbulo e fechei a porta. Tal usava botas, agora, e segurava uma enorme faca de cozinha.

— Isso não é necessário — falei. — Não vou machucar ninguém.

Tal ofegou num som que era o contrário de uma risada sarcástica. — Você está atrasado demais para isso — disse ela.

Deixei a cabeça mergulhar de vergonha com esse comentário.

— Por onde diabo você *andou*? — perguntou. — O que você *quer*? Não acredito que você tenha voltado para cá. Como conseguiu voltar para Chicago?

— No devido tempo — falei (prudentemente, esperava) — tudo será explicado. Mas, Tal, por favor... — Eu sabia que minha voz tinha agora um tremor choroso.

Eu ainda estava de pé no escuro e turvo vestíbulo daquele apartamento que conhecia melhor do que quase qualquer conjunto de aposentos do mundo, sentindo-me até mesmo menos como um convidado do que como um intruso, imaginando se deveria tirar os sapatos ou tomar a liberdade de até mesmo desabotoar o casaco, ainda constrangidamente movimentando nos braços flores, chapéu e maleta, quando perguntei: — Onde está Lydia? Por favor... eu quero ver Lydia. — Senti lágrimas surgirem em minhas faces, ameaçando nublar a visão.

— Isso é para Lydia? — indagou Tal, apontando com a faca para o buquê de rosas verdes em minha mão.

Mantive as flores um pouco afastadas do peito. Por um momento, o amassar do celofane e do papel em que estavam embrulhadas foi o som mais alto no aposento. Não fui capaz de responder a ela porque eu temia que pudesse chorar, se tentasse falar. Apenas fiz que sim.

Tal bufou pelo nariz ao olhar para mim, segurando as rosas verdes. Ela recuou para o interior do apartamento e largou na mesa de jantar a faca de cozinha que empunhara contra mim, com um estalido de metal na madeira, e fez um gesto para que eu entrasse no apartamento.

Tudo havia mudado no interior do apartamento. Toda a mobília era diferente, exceto pela mesa de jantar. Havia novas fotos nas paredes. A parede da sala de estar tinha sido pintada com tinta amarelo-girassol. Alguns dos repugnantes bonecos com cara de madeira envernizada de Tal estavam sentados como espectadores no console sobre a lareira.

Tal permanecia com as costas apoiadas na beira da mesa de jantar quando entrei sem tirar os sapatos ou o casaco. Caminhei

até o meio da sala. Ela cruzou e descruzou os braços, então apoiou as palmas na beira da mesa atrás de si. Cruzou outra vez os braços, e os descruzou novamente, então deu alguns passos na minha direção. Curvou-se para mim até seu rosto ficar no mesmo nível do meu. Ela estava quase chorando.

— Bruno... — começou. Eu já sabia na ocasião o que ela tinha a me dizer. Quando ela começou a dizê-lo, quando a informação já havia de fato começado a sair de seus lábios, eu já tinha sofrido os piores e mais longos quatro ou cinco segundos de minha vida. Eu já sabia o que ela tinha a dizer e não queria ouvi-la dizer, mesmo assim aquilo tinha de ser dito. Quando ela estava dizendo aquilo de fato, eu nem sequer vi seu rosto porque meus olhos estavam muito cegos por lágrimas de raiva, nem consegui ouvi-la ou entender uma palavra do que ela disse, porque meus ouvidos estavam muito ensurdecidos pelo volume de minha emoção, era como se tivessem sido tapados com cera.

## XLVIII

Lydia tinha morrido seis meses antes de eu chegar a Chicago. De algum modo, isso jamais havia me ocorrido — em minha mente consciente — como uma possibilidade, embora eu acreditasse que sabia que ela estava mortalmente doente, quando fui separado dela. Nunca me ocorreu que alguém que eu havia amado tanto quanto eu a amei — e só houve uma pessoa assim em toda a minha vida — pudesse morrer, ou que eu não estaria presente para isso. Os agressores de Lydia continuavam à solta e sempre estarão. A língua de Lydia ficara dormente, mole e sem fala por causa do veneno em seu cérebro e, portanto, ela não pôde indicá-los ou mesmo descrevê-los. Quando ela morreu, se encontrava tão silenciosa quanto qualquer animal. Após terem arrancado prematuramente meu filho de seu ventre, e após eu ter sido deportado para o Controle Animal e levado para o LEMSIP, o laboratório de pesquisas biomédicas em Nova York (do qual, como sabemos, eu fugi), Lydia perdeu a vontade de viver. O tumor que fora raspado parcialmente e sem sucesso de seu cérebro não pôde ser eliminado por radioterapia, apesar de os médicos terem tentado. Nos meses finais de sua vida, ela ficou completamente sem fala. Seu cabelo caiu, ela ficou magra e frágil, a pele com doce fragrância ficou quase transparente sobre seus doces órgãos e doces ossos. Nos seus últimos dias, permaneceu frágil, nua e muda. Tal foi sua enfermeira e a amou e cuidou dela, e espero que sua presença tenha amenizado a passagem de Lydia para o outro lado.

E então ela morreu. Foi uma tortura para mim até mesmo ver o interior do apartamento. Antes de morrer, mas após saber com quase certeza que morreria, Lydia vendeu o apartamento para Tal pelo preço simbólico de 1 dólar. Tal se mudou definitivamente e, após Lydia morrer, abriu espaço, livrando-se da maior parte de suas coisas. A maior parte da antiga mobília se foi. Tal a vendera e comprara móveis novos, móveis não miasmáticos com a memória de Lydia. Ela pintou as paredes de amarelo e avivou o lugar com todos os seus artefatos ciganos. A mesa de jantar e as cadeiras foram mantidas, porém pouco mais restou. Aqueles aposentos que eu conhecia tão bem que mesmo agora às vezes me movimento por eles em meus sonhos, foram despidos e vestidos com roupas novas.

Saí do nosso — agora de Tal — apartamento. Saí com raiva. Todo esse inferno em meu cérebro, em meu estômago e em meu peito — por que tive de escondê-lo do mundo?

Tal não me perguntou se eu precisava de um lugar para ficar e não me preocupei em insinuar que precisava. De qualquer modo, eu não podia dormir naquele lugar. Ela me disse que tinha de partir e não especificou por que ou aonde ou com quem. Deixei aquele lugar.

A luz havia enfraquecido em tudo a meu redor, e agora era noite.

Ainda levava a maleta na mão e o chapéu na cabeça. O buquê de rosas verdes, eu o deixei no apartamento. Sobre a mesa de jantar. Espero que ela tenha se esquecido de colocá-las na água. Espero que elas tenham morrido.

Minhas faces estavam inflamadas com o choro. Meu peito estava quente de tristeza e raiva, ódio de mim mesmo e ódio do mundo. Cambaleei pelas ruas como se estivesse bêbado. Aliás, eu estava ligeiramente bêbado, por causa do uísque que ingerira mais cedo. Decidi de imediato me tornar um bêbado. Entrei num estabelecimento dedicado a esse propósito na rua Cinquenta e Três. Era um restaurante com um bar nos fundos, igual ao Artie's Shrimp

Shanty, onde Leon e eu tínhamos passado muitas noites alegres debaixo daquele gigantesco tubarão de borracha.

— Mesa para um — veio uma voz horripilante emergindo de alguma altura ou profundidade desconhecidas. Olhei e vi que a voz que proferiu essas palavras vinha de uma jovem recepcionista cuja presença eu negligenciara em meu estado de fragilidade.

— Não, obrigado — falei. — Vim por líquidos e não por sólidos, portanto me sentarei no bar — o que fiz prontamente, trepando num banquinho do deserto balcão do bar.

O atendente do bar bateu com força sobre o balcão um descanso para copo de papelão diante de mim.

— Em que posso servi-lo? — perguntou.

— Um uísque quádruplo com gelo, por favor — pedi.

Olhando de esguelha para mim, o garçom preparou a bebida, e eu a tomei. Então pedi outra.

Tomei três dessas e entrei num sonho.

Recordo vagamente que o garçom entabulou comigo uma espécie de diálogo, e também me recordo vagamente que, em determinado ponto, ele me aconselhou a beber mais devagar, depois me aconselhou a parar de beber e então *mandou* que eu parasse de beber, a seguir me *aconselhou* a deixar o estabelecimento, em seguida *mandou* que eu saísse, então, finalmente, não por causa do conselho ordem ou intervenção de alguém, mas por mim mesmo, eu saí. Também me recordei vagamente do clangor e resplendor das ruas do lado de fora, e que, quando eu me encontrava naquele prédio escuro, havia chovido torrencialmente e depois diminuído para um persistente chuvisco, e que todas as luzes vermelhas e verdes e amarelas dos sinais de trânsito e a iluminação das ruas e os anúncios de néon das frentes de lojas e os faróis dos carros que passavam eram todas espelhadas vivamente e de modo trêmulo no negro asfalto molhado. Caminhei pelas ruas, minha maleta estrondeando atrás de mim, sem ter a menor ideia de que horas

poderiam ser ou aonde eu estava indo. *Eu sou um monstro, pensei. Sou imundo. Sou uma coisa das trevas.*

Meu rumo de algum modo tomou forma: a princípio subconscientemente, depois conscientemente.

Caminhei pela rua Cinquenta e Três até virar ao sul, na Universidade, então andei mais três blocos, atravessei o largo espaço movimentado da rua Cinquenta e Quatro, passei pelo campo de futebol, bloco por bloco, os prédios da Universidade se assemelhando cada vez mais e mais a uma fortaleza medieval, toda reforçada com pilastras e baluartes e gárgulas com fantásticas asas de morcegos agachadas nos cantos das soleiras, vomitando água da chuva de suas bocas abertas, agora uma direita na rua Cinquenta e Sete, agora passando pela portaria gradeada, então atravessando a quadra principal para o Centro Erman de Biologia da Universidade de Chicago.

A porta estava trancada. Fiquei na ponta dos pés para olhar pela estreita vidraça na porta. Chocalhei a maçaneta. Soquei a porta e machuquei a mão. Fiquei parado diante da porta por uma hora. Enfim, um rapaz — que parecia um estudante que esteve trabalhando até tarde no laboratório — dirigiu-se à porta. Meu casaco encharcado, a água da chuva gotejando da aba do chapéu, apressei-me em passar por ele quando abriu a porta. Ele a manteve aberta para mim, ao sair. E notei um espasmo de dúvida se agitar por suas feições: sua impensada cortesia de segurar a porta aberta para mim foi interrompida pela cautela. Ele se deu conta de que eu talvez não pudesse ter permissão de entrar no prédio. Eu o empurrei ao passar por ele. Meu chapéu passou logo abaixo de seu braço, enquanto, raivosamente, eu estrondeava minha maleta pela estreita passagem. Uma vez no corredor, olhei para trás e vi seu rosto na vidraça, dando-me um olhar esquisito e ofendido através da estreita abertura da porta, no momento em que esta se fechava num suspiro e a fechadura clicava. Então ele revirou os olhos e foi

embora. Eu o ignorei. Saí gingando pelo corredor. Meus sapatos molhados grasnavam e estralejavam no chão de vinil rosa-salmão. Passei por baixo de luzes fluorescentes que refletiam retângulos brancos no chão. Apertei o botão de “subir” sob a forma de uma seta ao lado do elevador. O elevador por acaso estava parado no térreo e, portanto, as portas deslizaram imediatamente, se abrindo para mim. Entrei e, com um longo dedo roxo, pressionei o botão que marcava 3. O elevador me carregou sibilante dois andares acima, parou, abriu e saí. O corredor estava escuro, mas, quando deixei o elevador, minha presença acionou as luzes fluorescentes poupadoras de energia, que começaram a zunir e bruxulear acima de mim, enquanto meus sapatos grasnavam e estralejavam no chão. As luzes se acenderam uma a uma com minha passagem, iluminando as paredes brancas e o chão rosa com o frio brilho fluorescente da ciência. As luzes bruxuleantes iluminaram as portas das salas 302, 304 e 306, e, na porta seguinte, parei:

### 308: LABORATÓRIO DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL

Pude ver, através do painel de vidro fumê da porta, no qual aquele número e aquelas palavras estavam escritos em letras de forma maiúsculas e em negrito, que as luzes estavam acesas. Também pude ver uma sombra se movimentando dentro da sala. Pude perceber que algo estava acontecendo lá dentro, que, ali, a ciência progredia. Segurei a maçaneta com minha comprida mão roxa, empurrei-a para baixo, ouvi-a clicar e percebi que estava aberta. Empurrei a porta para abri-la e entrei na sala.

O Dr. Norman Plumlee ergueu a vista de seu trabalho. Estava sozinho no laboratório. Norman Plumlee estava sozinho, isto é, exceto pela criatura que era mantida por correias de cara para baixo numa cama. Os braços da criatura estavam presos fortemente nas laterais do corpo. Suas pernas atarracadas se encontravam

afastadas e presas no lugar por correias. Uma bola rosada de carne atrás dela anunciava sua fecundidade. As luzes fluorescentes acima bruxuleavam e zuniam.

O laboratório estava, de certo modo, modificado — a esteira azul esponjosa sobre a qual eu costumava brincar com meus brinquedos havia sumido. Eles agora tinham requintados novos computadores na parte do laboratório onde os humanos trabalhavam. O cercado com vidro grosso que fora construído originalmente para mim ainda estava lá e mostrava sinais de habitação de animais: um tanque cheio de água potável e cobertores para dormir. O penico de plástico vermelho no qual havia muito eu fora treinado a depositar minhas urina e fezes estava lá novamente. A sala também cheirava como se o penico tivesse sido usado recentemente. A sala cheirava a animal: a urina, a merda, a suor. Senti o inconfundivelmente repulsivo cheiro das pelotas de comida desidratada com a qual os cientistas sempre alimentavam os primatas do laboratório. Havia cascas de laranja espalhadas pelo chão do laboratório. A porta de vidro que separava os humanos do lado designado aos animais do laboratório se encontrava escancarada. A criatura estava presa à cama tipo uma maca com rodas no interior da área cercada de vidro. A criatura que estava presa à cama era Céleste. Ela tinha crescido. (Assim como eu, é claro — tanto externamente quanto internamente.) Havia pouco mais no seu olhar do que houvera quando éramos crianças. Essa é a psicologia animal: sempre a mente e a alma de uma criança. Seu olhar estava xaropado de sono.

O Dr. Norman Plumlee, como disse, ergueu a vista de seu trabalho. Ali estava ele, na sala 308 do Centro Erman de Biologia da Universidade de Chicago, sozinho no aposento exceto por Céleste, debaixo das luzes fluorescentes bruxuleantes e zumbidoras da ciência. Dr. Norman Plumlee permaneceu atrás do animal, olhando para a figura que acabara de entrar na sala, mais confuso a

princípio do que alarmado. A raiva expelia o álcool das minhas veias. Olhei para o redondo relógio analógico em tons de preto e branco na parede do laboratório e gravei a hora. Eram 22h10 da noite. Por sua presença no laboratório — desacompanhado e àquela hora da noite —, poder-se-ia deduzir que talvez o Dr. Norman Plumlee estivesse fazendo algo que não tinha permissão para fazer. Pelo olhar em seu rosto, parecia que eu tinha apanhado o Dr. Norman Plumlee fazendo algo que provavelmente não gostaria de ser apanhado fazendo. Pelo olhar em seu rosto, julguei que havia apanhado o Dr. Norman Plumlee no ato de fazer algo que talvez até, se minha descoberta se tornasse pública, poderia colocar em risco sua carreira, ou pelo menos envergonhá-lo e constrangê-lo, o que poderia deixá-lo hesitante em mostrar a cara nas ruas. O Dr. Norman Plumlee usava luvas de borracha cor turquesa e um jaleco branco com as mangas arregaçadas desde seus grossos e cabeludos antebraços até os cotovelos. Sua barba tinha ido do tom grisalho para totalmente branco, e sua linha capilar havia recuado ainda mais. Em suas mãos enluvadas de borracha turquesa, ele segurava uma grossa seringa de plástico claro. Creio que se tratava de um inseminador artificial. A parte ativa desse instrumento o Dr. Norman Plumlee mantinha inserida na úmida vulva rosada de macaco de Céleste. Quando entrei na sala, o Dr. Norman Plumlee estava no próprio ato de lentamente pressionar com seu polegar o êmbolo da seringa, enfiando bem fundo no corpo dela fosse qualquer que fosse o viscoso líquido prateado que o tambor do instrumento continha. Então meus olhos escorregaram para longe deles e pousaram no topo de uma das compridas mesas de laboratório de fórmica cinzenta, onde vi várias publicações de natureza pornográfica. Creio que uma delas era a *Hustler*.

Saquei de imediato a natureza da experiência. Eu sabia que era sêmen humano o que continha aquela seringa, e que

provavelmente era o dele mesmo. Aquilo não era ciência — era estupro.

O Dr. Norman Plumlee não disse nada quando me viu. Nem eu. Meticulosamente, deslizou a seringa para fora de Céleste e a sala estava tão silenciosa que pude ouvir a leve golada e o arfar chupado do instrumento deixando seu orifício sexual, mesmo eu estando tão distante deles. Cuidadosamente, ele pousou a seringa com um clique na bandeja a seu lado. Larguei minha maleta no chão com um ruído surdo e um chocalhar de seu conteúdo. Tirei o chapéu e joguei-o de lado. Desabotoei o casaco, me desvencilhei dele, dobrei-o e joguei-o em cima da maleta.

O Dr. Norman Plumlee caminhou em minha direção. Então, percebi em seu rosto que ele enfim havia me reconhecido.

— Bruno? — disse ele.

— Eu sou Bruno Littlemore. — Abri os longos dedos roxos de minha mão direita e coloquei-os sobre o peito.

— O que aconteceu com você?

— Eu evoluí.

— Refiro-me ao seu rosto...

— Evoluí através da cirurgia. A biologia só consegue levá-lo até uma determinada distância.

Com um dedo gordo, ele empurrou os óculos para cima. Seus ombros estavam levantados até os ouvidos e seus braços pendiam nas laterais de seu corpo, tão esticados que parecia que as juntas dos cotovelos estavam grudadas. Ele deu mais uns passos na minha direção.

— O que está fazendo com Céleste? — indaguei.

Eu conseguia sentir meu corpo se reorganizando involuntariamente: ombros se erguendo, músculos se condensando, formigando. Apesar de minha evolução para ser humano, eu não podia evitar exibir os sinais externos de um animal prestes a atacar, e o Dr. Plumlee os reconheceu.

— Bruno, Bruno — entoou, numa tentativa de apaziguar, com uma voz tranquilizadora ao mesmo tempo que movimentava as mãos para cima e para baixo, num gesto de “vamos nos acalmar agora”. — Não está pensando que estou fazendo algo violento, está? Isso não faria sentido.

Vi-o se aproximar de uma certa gaveta de um dos armários debaixo das mesas de laboratório.

— Você me criou — falei. — E depois me abandonou. E agora está fazendo o mesmo com Céleste.

— Nós aqui lhe demos um pouco de ajuda, Bruno, e isso foi tudo. Você criou a si mesmo.

Por mais que isso fosse verdade, eu não tive tempo para lhe agradecer por essa culminância de elogios. Vi-o dar uma rápida estocada na direção do puxador da gaveta para a qual se dirigia. Nesse momento, percebi que, afinal de contas, meus dias de quebra-quebra e mordidas não estavam no passado.

Não vou me rebaixar, Gwen, para descrever o que é matar um homem num acesso de raiva. Matar um homem usando apenas as mãos — sem citar pés, dentes e um teclado de computador arrancado cegamente de uma das mesas de laboratório —, que foi tudo o que empreguei para a tarefa. Em prol do bom gosto e da decência, não tentarei descrever a sensação de levar a vida de uma pessoa a abandonar seu corpo por meio da força bruta, nem discutirei a sensação de observar a luz se extinguir de seus olhos, nem de ver seu corpo ficar imóvel e flácido quando o último suspiro sibila para fora de seus pulmões, quando o sangue para de circular em suas veias e a eletricidade abandona seus nervos. Essas são sensações que apenas assassinos conhecem, apenas monstros como eu, submetidos a esse batismo de sangue. Quero apenas lhe lembrar de que um chimpanzé macho, adulto, saudável e normal, como sou agora e era na ocasião, pode ser 7 vezes mais forte que um homem, e que nem mesmo a humanidade com a qual me

envolvi enfraqueceu a força inata destes braços, nem conseguiu impedir que a potencialidade para a ira interna fosse rapidamente sublimada em violência externa. Fora aquários quebrados e sei lá mais o quê, eu nunca tinha feito uso totalmente consciente dessa minha força secreta, nem sequer havia me dado conta dela completamente, antes. Devo apenas dizer que não sobrou muita coisa reconhecidamente humana do Dr. Norman Plumlee quando acabei com ele.

Portanto, fiquei sentado ali na sala 308: LABORATÓRIO DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL, naquele lugar que outrora eu conhecera como lar e depois, mais uma vez, como local de trabalho. O lugar que ajudara minha consciência a existir. Nada me restara, Lydia tinha ido embora. Tal não me queria. Leon fora para a Califórnia. Eu não podia voltar para o zoológico. Eu não podia voltar para a ciência. Eu também não podia viver no mundo: acabara de cometer um assassinato.

O laboratório estava sujo de sangue. A mobília estava revirada, o vidro rachado, os computadores arruinados, os equipamentos científicos e todos os tipos de máquinas tinham sido quebrados e espalhados pelo chão, e os restos mortais de um respeitado cientista jazia desabado num canto da sala numa poça de sangue que rapidamente se espalhava pelo assoalho. Quem poderia imaginar que o velho tinha tanto sangue? As luzes fluorescentes acima de mim bruxuleavam e zumbiam.

Soltei as correias que prendiam Céleste à cama na qual fora imobilizada na posição a fim de ser estuprada pela ciência. Seus punhos e tornozelos estavam inchados e contundidos nos lugares onde fora presa. Como o amor deve sofrer neste mundo severo. Ajudei Céleste a descer da cama sacrificial. Ela, obviamente, tinha sido drogada. Não conseguia caminhar ou rastejar sozinha. Seus joelhos cediam debaixo dela. Seus movimentos eram morosos. Seus

olhos, cobertos por pálpebras pesadas, estavam agitados e vidrados.

Havia uma pia no laboratório, onde lavei o melhor que pude o sangue de minhas mãos. Coloquei o casaco e o chapéu. Abri os fechos da maleta e retirei algumas roupas e, com elas, vesti Céleste. Ela era um pouco menor que eu e as roupas ficaram folgadas. Dei-lhe uma calça e a vesti com o mesmo pulôver verde de mangas bem compridas e capuz que eu costumava usar quando era muito jovem, e com o qual Lydia costumava me vestir quando saíamos em público, para me esconder, a fim de evitar suspeitas. Fechei a maleta e a apanhei. Estávamos quase saindo pela porta quando me ocorreu outro pensamento e, seguindo esse pensamento, voltei ao corpo do cientista morto e vasculhei seus bolsos até encontrar a carteira. Meus sapatos pisaram em sangue. Enfiei a carteira no bolso do meu casaco. Então juntos, Céleste e eu, pelejamos através da porta que levava para fora da 308: LABORATÓRIO DE BIOLOGIA COMPORTAMENTAL e ao corredor, que novamente ficara às escuras e que, com a nossa presença, iluminou-se mais uma vez. Caminhamos — ela apoiada em mim, e eu fazendo a maior parte do caminhar — pelo corredor e pegamos o elevador para o primeiro andar, e eu a guiei para fora e através de outro corredor em direção à porta.

Atrás de nós, bem distante no corredor e fora de vista, ao nos aproximarmos da porta, escutei o chiado e o guincho das rodas de um carrinho de mão — e, muito lentamente, ouvi a forma suavemente abafada de uma série de sons: primeiro a cadência do salto de uma bota fazendo contato com o solo, seguida imediatamente pelo *tum* do resto do pé baixando e, depois, o primoroso rangido do dedão lançando o pé em sua jornada ao passo seguinte, então um molho de chaves batendo numa coxa vestida de sarja, e o tilintar de uma corrente com muitas chaves:

*kLOMPa-whap-SHLINK — kLOMPa-whap-SHLINK — kLOMPa-whap-SHLINK...*

Percebi que eu deixara no corredor uma trilha de pegadas de sangue atrás de mim.

Agarrei a maçaneta da porta que levava ao lado de fora, empurrei a porta e saímos. Ela se fechou com um sussurro, clicou, e trancou-se atrás de nós. Limpei na grama as solas dos sapatos.

Como o amor deve sofrer neste mundo severo. Como o amor deve sofrer.

## XLIX

Com a maior parte do dinheiro que possuía quando deixei Nova York, paguei outro táxi que nos levou em direção ao norte, para longe de Hyde Park. Mandei que o motorista nos deixasse desembarcar quando estivéssemos passando por entre os suportes de pedra dos arranha-céus do centro comercial, e pedi um quarto no Palmer House Hilton, na Monroe com State. Havíamos nos metido rapidamente no hotel quase ao acaso. Estava chovendo mais uma vez, era tarde da noite, eu ainda estava meio grogue por causa da bebida e Céleste tinha sido drogada e cambaleava. Duas pequenas figuras, as roupas encharcadas grudadas em seus corpinhos suspeitosamente proporcionados, passaram gingando por um porteiro de boné e luvas e um brilhoso casaco verde-garrafa com reluzentes botões dourados, empurraram a porta giratória do hotel, seguiram pela elegante parte inferior sob o saguão principal, encontraram uma escada rolante e subiram um andar até alcançarem um espaçoso saguão de pé-direito alto e crapulosamente decorado, todo com ornamentos neoclássicos dourados e colunas coríntias e assim por diante, vidro e latão, extensões de mármore com veios dourados, gesso pintado e vasos com samambaias. Puxei para baixo o capuz do meu folgado pulôver verde sobre o rosto de Céleste, para ocultar suas características simiescas. No balcão de tampo de mármore com veios dourados da recepção do hotel, reservei um quarto de não fumante com uma cama king-size no 19º andar. Paguei com o cartão de crédito do Dr. Norman Plumlee. Mantive o chapéu baixado sobre minhas feições.

O elevador espelhado nos zuniu acima ao 19º andar em segundos — tão veloz que quase chegou a ser nauseante — e nos apressamos pelo corredor e encontramos a porta do nosso quarto. Passei o cartão-chave, vi piscar uma luzinha verde e empurrei a porta para abri-la. Acendi uma das luzes, peguei o cartão de NÃO PERTURBE do lado de dentro da porta e o pendurei do lado de fora da maçaneta, então fechei a porta, tranquei-a e girei o trinco acima da maçaneta de latão.

Fechamos as cortinas da janela e não saímos do quarto durante três dias. Penduramos nossas roupas molhadas no suporte da cortina do box do banheiro e permanecemos nus o restante do tempo. O quarto imediatamente ficou cheirando a pelagem úmida, e o cheiro ficou cada vez mais mofado e mais fungoso durante o transcorrer dos três dias seguintes. Pedíamos comida pelo serviço de quarto, sempre instruindo o pessoal para deixar as bandejas com comida do lado de fora da porta. Jantamos filé. Jantamos lagosta. Pedimos garrafas de vinho. Jantamos *prosciutto* e melão, ostras resfriadas, rabada, salmão, pato, ovos de codorna semicozidos e salsicha de carne de veado, e pedimos *crème brûlée* e bolo de mousse de chocolate e doce vinho do porto para sobremesa. Tudo isso foi para o MasterCard de Norm. Deixamos os pratos sujos se empilharem no chão. Nós nos apoiamos um no outro por longas horas. Dei vinho e uísque a Céleste. Contei-lhe as histórias de minha longa aventura na civilização humana e ela piscou estupidamente para mim, pressionou os lábios e coçou a peluda barriga protuberante. Tentei lhe mostrar como usar o toalete, mas ela não me entendeu. Quando ela cagava no chão, zelosamente eu recolhia tudo com um chumaço de papel higiênico e jogava no vaso sanitário. Li para ela trechos da Bíblia que encontramos na gaveta da cômoda: por puro entretenimento, li o Gênesis, Jó e o Cântico dos Cânticos — e Céleste piscou estupidamente para mim, pressionou os lábios e coçou a barriga.

Na primeira noite, retiramos a colcha e os lençóis brancos que estavam presos bem justos por baixo do colchão e os rasgamos em tiras finas, e rasgamos para abrir os fofos travesseiros empilhados na cabeceira e espalhamos todos os trapos e macias plumas penugentas em volta da cama e a transformamos num fofo ninho quente em cima do colchão, no qual passaríamos deitados todos os dias e todas as noites, em nosso ninho, num preguiçoso abraço cheio de membros, cochilando. Em pouco tempo, não vendo outra utilidade clara para eles, também rasgamos todos os vários impressos que havia no quarto — a Bíblia, o catálogo telefônico e um exemplar de *Be My Guest*, a autobiografia de Conrad Hilton (o menu do serviço de quarto nós poupamos) — e espalhamos as páginas rasgadas por todo o chão acarpetado do quarto. Às vezes, por diversão, pulávamos em cima da cama até desabarmos de exaustão e alegria. Nessas ocasiões, nunca podia evitar de cantar alto: *dois macaquinhos, pulando na cama...* e, quando cantava essa canção, essa canção infantil, Céleste uivava e dava arquejos seguidos por gritos e guinchava junto com a música, num acompanhamento quase aproximado — sem dúvida, causando muita curiosidade nos quartos adjacentes ao nosso sobre a natureza da barulheira. Outras vezes, ficávamos sentados na cama, em nosso fofo ninho e assistíamos a TV. Assistíamos a TV enquanto Céleste se sentava atrás de mim e fazia todos os movimentos de me catar, embora eu não tivesse pelo, depois mudávamos de lugar e eu catava e penteava meus dedos pela pelagem de suas costas, exatamente como tínhamos feito quando éramos crianças. E, assim, ficávamos sentados na cama asseando um ao outro, com pratos de comidas refinadas diante de nós, sobre o ninho de trapos e plumas em cima do colchão, e eu cortava seus bifés em pedaços que fossem proporcionais ao tamanho de suas mordidas, e ela, delicadamente, pinçava os pequenos pedaços de carne com seus longos dedos e os enfiava entre os largos lábios cor-de-rosa e os

mastigava, e bebericávamos nossos vinhos e assistíamos a TV. Vimos seriados cômicos. Vimos novelas. Vimos programas de entrevistas diurnos. Vimos programas de entrevistas de tarde da noite. Vimos clipes musicais. Vimos filmes antigos — os filmes a que eu costumava assistir com Leon: com Greta Garbo, os Irmãos Marx, Cary Grant e Katharine Hepburn, Jimmy Stewart, Humphrey Bogart e Lauren Bacall, Errol Flynn, Laurence Olivier e Orson Welles. Vimos ainda *Vila Sésamo*, para que Céleste também pudesse conhecer as alegrias de Beto e Ênio. Assistimos a interessantes filmes pornográficos, que pedimos para o quarto e pagamos com o cartão de crédito de Norm. E — talvez o mais importante — assistimos a desenhos animados! Vimos Pernalonga e Patolino! Pateta e Pato Donald! Assistimos a desenhos que têm por tema a eterna perseguição: tanto a perseguição de amante e de amado — como a de Pepe Le Fedor, aquele gambá francês destemido em seu amor não retribuído e equivocado por uma gata preta cujas costas foram pintadas acidentalmente com uma listra branca — como também a violenta perseguição de predador e presa: Coiote e Papaléguas, Piu-Piu e Frajola, Tom e Jerry... toda aquela perseguição mítica! — o interminável fluxo da caça, do magnético cabo de guerra de agressão e defesa, de repulsa e desejo!... talvez o verdadeiro espírito do mito — de Eco e Narciso, de Aquiles e Heitor — sobreviva para nós, em sua forma pura, apenas em desenhos animados.

Foi assim que Céleste e eu passamos três dias. Esses foram três dias de estranha felicidade que passei com minha amiguinha animal. Esses foram os meus últimos três dias de liberdade no mundo humano.

Além de todos os nossos divertidos desenhos, nós também, ocasionalmente, assistíamos aos noticiários. Embora o tempo que passamos naquele quarto quase que imediatamente tivesse tornado, na disposição mental animal, o período fluido de

*continuum*, como se fosse um sonho (eu desligara o despertador e passei apenas a notar ou me interessar pelo iluminar ou escurecer do raiar do dia ou do cair da noite por trás das grossas cortinas), acredito que deve ter sido na segunda tarde ou noite que, como os desenhos que estávamos curtindo tinham acabado ou sendo substituídos naquele canal por um programa menos divertido, apanhei o controle remoto e comecei a zapear pelos muitos canais, procurando algo legal para assistir, e parei brevemente num noticiário local. Céleste, que estava sentada a meu lado no nosso ninho na cama, servindo-se com os dedos sujos de uma travessa de patê de salmão envolto em alga, deu-me com a mão um preguiçoso gesto de rejeição para indicar que eu deveria passar desse canal porque era chato. Contudo, fiz sinal para ela ficar quieta, pois pensei ter reconhecido o prédio mostrado na tela. A cena de abertura que levou ao segmento da notícia era do Centro Erman de Biologia: reconheci aquela magistral arquitetura ornada de pedra cinzenta, as cornijas e as gárgulas, a hera rastejando pedras acima. Era o vídeo de uma multidão de curiosos em volta da entrada do prédio, que estava isolado por longas extensões de brilhante fita amarela da polícia. Uma porção de policiais andava pela entrada do prédio, enquanto dois paramédicos saíam pela porta transportando numa maca o que parecia ser um corpo. O corpo estava coberto por um lençol. Aumentei o volume. A voz no televisor nos contou que um certo Dr. Norman Plumlee, um cientista pesquisador e estável membro docente da Universidade de Chicago e diretor do Laboratório de Biologia Comportamental do Instituto para Mente e Biologia da Universidade de Chicago, renomado nos círculos científicos por uma longa carreira de pesquisas revolucionárias sobre cognição animal e psicologia primata, fora encontrado morto naquela manhã no terceiro andar do Centro Erman de Biologia da Universidade de Chicago por um aluno de pós-graduação que trabalhava no laboratório, o qual imediatamente avisou a polícia. O

Dr. Plumlee aparentemente fora assassinado de maneira brutal por um agressor desconhecido.

A polícia ainda não tinha suspeitos ou pistas e desconhecia quaisquer motivos para o crime. O Dr. Plumlee era adorado pelos seus alunos, alguns dos quais foram entrevistados, grasnando, para a câmera do repórter, seu aturdimento pelo estranho e horrível crime em diversos estados de choque e lágrimas. A mulher do Dr. Plumlee também foi entrevistada, expressando choque, raiva e incomensurável dor. A polícia oferecia uma recompensa para qualquer informação que levasse à solução daquele terrível crime. Então os apresentadores prometeram a previsão do tempo e notícias sobre esportes após o intervalo, e surgiu um comercial, e continuei a zapear pelos canais até encontrar um desenho do Gaguinho, que nos fez rir, e peguei o telefone e pedi outra garrafa de vinho e, mais uma vez, agradavelmente, nos esquecemos de todos os problemas do mundo, os efeitos da fermentação do vinho e do Looney Tunes banindo todos os pensamentos sombrios e graves de nossas mentes, assim como o canto dos passarinhos bane o inverno.

Mais tarde (foi na noite seguinte? Não me lembro, e não tenho como avaliar), a TV disse que fora revelado que o Dr. Norman Plumlee, na noite em que fora assassinado, realizava experiências com uma fêmea chimpanzé com 13 anos de idade, de nome Céleste, a quem o laboratório havia apanhado por empréstimo temporário do Zoológico de Lincoln Park. Essa chimpanzé — mais provavelmente a única testemunha do assassinato — havia escapado, tendo sido aparentemente libertada de propósito, provavelmente pelo assassino ou assassinos do Dr. Plumlee. Embora os investigadores não estivessem dispostos a eliminar a possibilidade de a própria chimpanzé ter matado o cientista, isso parecia improvável por vários motivos: Céleste não tinha histórico de violência e era, de acordo com todos os relatos, uma chimpanzé

pequena e bastante dócil; e, apesar de os chimpanzés serem extremamente fortes e poderem ser violentos quando surpreendidos ou provocados, segundo a TV, os peritos informaram que a natureza dos ferimentos fatais era bastante incomum num ataque animal. Plumlee, com quase toda a certeza, tinha sido morto por um repetido trauma na cabeça causado por um objeto rombudo, mais provavelmente um teclado de computador muito danificado que foi encontrado ao lado do corpo. Provavelmente, a mais reveladora prova do envolvimento humano, contudo, era a trilha de pegadas sangrentas que levava da cena do crime até o lado de fora do prédio, onde o agressor desconhecido havia limpado seus sapatos na grama. A polícia estava investigando a possibilidade de que a perpetração do crime tivesse ligação com a Frente de Libertação Animal ou outras organizações ecoterroristas ou de direitos dos animais. Essa teoria foi corroborada de maneira circunstancial pelo fato de que todas as câmeras de vídeo da sala, instaladas para captar dados das experiências, tinham sido desligadas pouco antes da hora presumida em que ocorreu o assassinato, o que indica algum tipo de premeditação humana. O animal pode estar à solta, e residentes das áreas vizinhas e dos arredores de Hyde Park foram avisados para ficarem alerta por causa da chimpanzé que fugira. Se você vir o animal, pediu a mulher atrás da bancada do noticiário da TV, por favor ligue imediatamente para este número (que passou deslizando na parte de baixo da tela) e entre em contato com o Serviço de Proteção e Controle Animal da Cidade de Chicago. De um modo perturbador, várias revistas pornográficas, assim como vestígios de sêmen, foram encontrados na cena do crime. A polícia ainda não tinha testemunhas ou suspeitos.

A matéria seguinte era sobre a demonstração do sentimento de pesar da comunidade da Universidade de Chicago, com tomadas de uma vigília à luz de velas e assim por diante, e mais entrevistas

chorosas com colegas e alunos do Dr. Plumlee. A mulher na TV começou a mencionar a ligação que o Dr. Plumlee teve com o infame caso de Bruno, o chimpanzé de Chicago que... (aqui mudei de canal).

A teoria sobre o “grupo terrorista de luta pelos direitos dos animais” não era, afinal de contas, exatamente incorreta. De certo modo, eu agira como uma célula terrorista que luta pelos direitos dos animais. Mas não libertei um animal por um motivo ideológico maior, eu libertei apenas um animal por motivos profundamente pessoais e, ao fazer isso, como veremos, eu me aprisionei. Mas, pensando bem, eu tampouco libertei Céleste — no final das contas, eu apenas entreguei-a a um outro tipo de cativo. Se não é um tipo de cativo, é outro. Não existe saída, não existe. Sabe, meus verdadeiros sentimentos sobre os direitos dos animais são, de certo modo, complicados e ambivalentes. Hoje em dia, ouve-se muito papo sobre animais criados em liberdade e ovos de galinhas deixadas ao ar livre e assim por diante. Por um lado, suponho que é uma boa coisa reconhecer nossa dívida para com os animais que escravizamos e matamos para nosso prazer, tornando suas vidas antes da matança o mais agradável possível, enquanto, por outro lado, o impulso me ocorre como emblemático de uma visão romanticamente cor-de-rosa da natureza. De qualquer modo, é tudo um paradoxo. Se pensamos no mundo todo como uma prisão, então não existe esse negócio de animais criados em liberdade.

No terceiro e último dia em que Céleste e eu passamos em nosso quarto de hotel, uma notícia de última hora, no meio do dia, anunciou que o assassinato brutal do Dr. Norman Plumlee tinha sido solucionado.

O assassinato fora cometido por um homem chamado Haywood Finch, que trabalhava como zelador no turno da noite na Universidade de Chicago. O Sr. Finch era provavelmente a única outra pessoa no prédio na hora do assassinato. A polícia havia

detido o Sr. Finch na noite anterior e o levava para interrogatório, durante o qual eles quase que imediatamente obtiveram uma confissão completa. O Sr. Finch confessou tanto ter assassinado o Dr. Plumlee quanto libertado a chimpanzé. O Sr. Finch, um homem incapacitado mentalmente — segundo a TV — tinha um longo histórico de perturbações psiquiátricas e emocionais e era gravemente autista, com educação apenas até o terceiro ano primário e um QI de 54 pontos. Os psicólogos da polícia consideraram o Sr. Finch uma pessoa altamente instável em termos mentais e sugeriram que ele poderia ter um transtorno de personalidade violenta.

Não estava claro se o Sr. Finch seria considerado apto para enfrentar um julgamento. Se ele fosse declarado inapto, ou declarado apto e condenado, mas pronunciado inocente por motivo de insanidade, o Sr. Finch provavelmente seria enviado por tempo indeterminado para uma instituição psiquiátrica.

A chimpanzé desaparecida ainda não tinha sido encontrada.

Então abri as cortinas. Fazia um dia luminoso lá fora. Tomei banho, coisa que não fizera em três dias, e vesti roupas limpas. Tentei fazer com que Céleste tomasse um banho, mas ela tinha medo do chuveiro e não entrou no boxe. Vesti também Céleste, novamente com meu pulôver verde com capuz e mangas bem compridas, para que ela passasse o máximo possível despercebida, e botei meu casaco e o chapéu. Conduzi pela mão minha amiga muda e apanhei a maleta com a mão livre. Deixamos o quarto do hotel sem olhar para trás. Era fim da manhã. Eu a guiei pelo corredor, entramos no elevador espelhado, apertei o botão que nos levou para baixo, até o saguão do hotel. Com o capuz do pulôver dela bastante puxado por sobre o rosto, a fim de ocultar suas características simiescas, e a aba de meu chapéu puxado para baixo, de modo a esconder as minhas, e eu segurando sua mão, Céleste e eu saímos do elevador e atravessamos o espaçoso

saguão de pé-direito alto do Palmer House Hilton, todo com decorações douradas e colunas coríntias, vidro e metal, extensões de mármore com veios dourados, gesso pintado e vasos com samambaias. Passamos pelos atendentes da recepção sem dar uma palavra ou lançar um olhar de relance para trás. Deixamos uma escada rolante nos levar para o andar térreo, onde atravessamos a porta giratória. Passamos por um porteiro com boné e luvas e um brilhoso casaco verde-garrafa com reluzentes botões dourados, que sorriu e nos acenou um adeus (não rimos nem acenamos de volta), e fomos para a rua. Eu segurei a mão de Céleste com a minha o tempo todo.

Com sua longa mão roxa quente e suada na minha, caminhamos dois quarteirões pela Monroe e viramos à direita, na Clark, então seguimos para o norte, de mãos dadas e costurando o tráfego de pedestres na calçada por cerca de 3 quilômetros, uma viagem que nos tomou bem uma hora. Paramos numa banca de jornais de esquina, onde, ainda segurando a mão de Céleste, larguei a maleta, esquadrinhei os bolsos do casaco e draguei o absolutamente último dinheiro que tinha. Consegui juntar o suficiente em amassadas notas miúdas e alguns trocados em moedas para comprar um maço de Lucky Strike. Coloquei-o no bolso, apanhei a maleta e arrastei a mão de Céleste, e continuamos a caminhar. Ela me seguia enquanto eu percorria o caminho todo rumo a Lincoln Park. Caminhamos pelas ondulações verde-esmeralda da entrada sul de Lincoln Park, gingamos ao longo do sinuoso caminho de pedestres, passando por corredores vestidos com brilhosas roupas justas de lycra, passando por cachorrinhos rebocados por suas correias, passando por um campo de beisebol, uma estátua equestre e um grande lago de patos, onde gansos e cisnes deslizavam pela água verde-néon com algas, e entramos no Zoológico de Lincoln Park.

Passamos pelos grandes felinos, as girafas, os camelos de duas corcovas, os rinocerontes, os cangurus e as zebras, até chegarmos à Casa dos Primatas. Chegamos à Casa dos Primatas pela entrada sul, que dava vista para a parte ao ar livre da exposição dos chimpanzés: coloquialmente conhecida como Ilha dos Macacos. Olhamos por cima da borda de concreto que ficava diante do fosso cheio de água entre a área de observação dos humanos e o *habitat* dos chimpanzés. Fazia um dia muito quente para março e alguns dos chimpanzés — alguns de nossa família — estavam brincando do lado de fora, inclusive meu pai, Rotpeter. Pousei a maleta e larguei momentaneamente a mão de Céleste. Enfiei a mão no bolso do casaco e tirei o maço de cigarros. Desenrolei a tira de celofane da parte de cima, abri-o e removi o papel laminado que revestia o maço. Recuei, botei o braço para trás, mirei e joguei-o por cima do muro. Ele viajou de um lado a outro do fosso e aterrissou com sucesso nas margens gramadas da Ilha dos Macacos. Os chimpanzés imediatamente se embolaram adiante para investigar. Um dos bebês o ergueu numa indolente curiosidade. Observei Rotpeter mover-se para a frente com dificuldade e arrancar o maço rudemente das mãos da criança. Sua personalidade não havia mudado nadinha. Continuava tão estúpido, tão violento, tão egoísta e ignorante como quando o deixei. Seu rosto se iluminou de imediato, com um ar de surpresa e êxtase, ao se dar conta do que era. Observei-o cheirá-los, se deleitar com o cheiro do tabaco do qual havia muito, muito tempo ele fora privado. Apressou-se a imediatamente desencavar seu velho isqueiro do esconderijo onde ficara sem utilidade durante anos.

Então segurei novamente a mão de Céleste e a conduzi ao interior da Casa dos Primatas. Larguei sua mão. Pousei a maleta. Abracei-a. Apertei-a bem forte contra o peito e beijei sua testa e seu rosto silencioso. O capuz de seu pulôver escorregou para trás da cabeça, revelando suas características simiescas. Apanhei minha

maleta e lhe acenei um adeus. Céleste foi até a vidraça. Ela estava confusa. Pressionou as longas mãos roxas contra o vidro e olhou através da janela para o *habitat* dos chimpanzés. Nossa família estava reunida perto dela, do outro lado do vidro. Meu pai, Rotpeter, já estava com um cigarro aceso entre os lábios. Todos eles pulavam, berravam, davam arquejos seguidos de gritos, arrancavam punhados de palha e de lascas de madeira do chão e os jogavam para o alto, batiam no vidro com as palmas, comportando-se como loucos — todos eles, provavelmente, imaginando por que, diabo, Céleste fora parar do lado errado do vidro. Céleste pressionava as mãos no vidro e olhava para dentro. Estava feliz em vê-los. Queria estar com eles. Queria estar do outro lado do vidro.

Deixei a Casa dos Primatas. Com o chapéu na cabeça e a maleta na mão, lentamente fui gingando para longe de tudo aquilo. Passei pelas zebras, pelos cangurus, pelos rinocerontes, pelos camelos de duas corcovas, pelas girafas e pelos grandes felinos, e saí do zoológico. Deixei o Zoológico de Lincoln Park pela última vez em minha vida. Percorri o caminho de pedestres que circundava o parque, passei por corredores vestidos com brilhantes roupas justas de lycra, passei por cachorros puxados por suas correias, passei por um campo de beisebol, uma estátua equestre, uma grande lagoa de patos onde gansos e cisnes deslizavam pela água verde-néon com algas. Disse adeus ao céu acima de minha cabeça. Disse adeus a Chicago. Disse adeus a minha liberdade de me movimentar à vontade pela sociedade humana.

Vi o que queria ver: vi um policial montado, conduzindo seu cavalo ao longo dos limites do parque. O gigantesco e suado animal marrom ia a passo vagaroso. O policial em cima do cavalo usava casaco azul-escuro, botas de montaria pretas nos estribos, óculos de aviador e um capacete azul-marinho com viseira. Parecia entediado. Ele observava os patos no lago. Acenei para ele e me

aproximei. O policial interrompeu seu devaneio de observação dos patos quando me aproximei. Puxou as rédeas de sua gigantesca fera terrestre — tipo uma montanha de músculos — e veio lentamente na minha direção. Nós nos encontramos no caminho dos pedestres, próximo ao lago dos patos.

O policial olhou abaixo, para mim, e eu olhei acima, para ele. Seu cavalo bufou. O policial ergueu as sobrancelhas e ajeitou os óculos com um dedo enluvado para ter uma visão melhor daquela estranha e pequenina figura no chão diante dele.

— Olá — disse o policial. — Como posso ajudá-lo?

Tirei o chapéu.

— Meu nome é Bruno Littlemore — falei. — Bruno me foi dado, Littlemore eu me dei. Cometi um crime e estou me apresentando para confessá-lo.

O policial me olhou do topo de seu cavalo com um ar que sugeria que ainda procurava o dono da voz que havia falado, ainda imaginando se aquela pequena criatura ali, parada no parque, com maleta e chapéu podia ser realmente o dono daquela voz. Ele tirou os óculos e piscou, perplexo, em minha direção sob a luz do sol de Chicago do final do século XX.

# L

Todas as partes relevantes de minha história foram contadas. É um agradável acidente que este último capítulo seja o quinquagésimo, o único capítulo neste livro, exceto pelo primeiro (e, menos elegantemente, o quinto e o décimo), a receber a honra de ser encabeçado por uma única simples letra maiúscula em negrito. Comecei esta narrativa com um *I*, que também significa “eu”, em inglês: que é o ego, a origem da voz da primeira pessoa. E termino com um *L*. Será que o *L* é de luz? É de Lydia? É de seu sobrenome, que lhe foi dado, e do meu, que eu mesmo me dei? De “locksmiths”, serralheiros? Do esquema de transporte de trens, do “rail system” da minha cidade natal? *L* é de “laughter”, gargalhada. *L* é de literatura. *L* é de “love”, amor. *L* é de “life”, vida. *L* é de linguagem.

Seria inútil e desinteressante desenlace da história que lhe contei se eu fosse enfiar meus longos dedos roxos muito fundo nos sujos detalhes de minha desejosa prisão, minha confissão, o julgamento e o choque e o escândalo que envolveram tudo isso — se eu fosse falar demais da reação pública, de que modo se lembraram de mim, de meus escândalos anteriores. Escândalos irrompem atrás de mim aonde quer que eu vá. Escândalos brotam em minhas passadas, como flores da discórdia. Eu confessei. Confessei tudo.

A prova da confissão coagida de Haywood Finch foi descartada. Ele foi solto e limpavam seu nome. Esse foi o meu único objetivo, ao me apresentar para corrigir a justiça defeituosa deles, e isso eu consegui.

Alguns pontos interessantes que dizem respeito à incomum particularidade do meu caso surgiram na discussão jurídica, principalmente em relação à questão se eu deveria ser julgado como homem ou animal. Pela simples razão de que não sou nem nunca fui considerado um cidadão legítimo desta ou de qualquer nação — embora nunca tenha vivido em outra —, pois não existe um claro precedente ou um protocolo referente a que deva ser outorgada cidadania a animais, sejam eles mudos ou falantes, ou o que fazer com animais falantes se e quando transgredirem as leis do homem. Se tivesse sido julgado como animal, eu certamente teria sido submetido à eutanásia — destruído, como deve ser qualquer animal que fere um homem. Eu, Bruno, contudo, fui salvo — e deixo aos meus leitores a reflexão sobre se existe ou não ironia poética nisso — pela ciência. Foi a bela que matou a fera. Foi a ciência que o ressuscitou.

Cientistas se adiantaram em argumentar que eu era um espécime único e valioso demais para ser destruído, que, em vez disso, eu deveria ser estudado. Se tivesse de ser exterminado — exterminado!, Meu Deus, que linguagem mais fascistamente clínica! —, eles perderiam uma grande oportunidade de me estudar. Afinal de contas, eu sou interessante. O meu caso é incomum. Há aquela fábula de Esopo, Gwen, sobre o fazendeiro e sua mulher que tinham uma gansa que botava ovos de ouro. Eles acharam que, se matassem o animal, este devia ser todo de ouro maciço por dentro, então o abriram com um corte e descobriram que era feito de velha carne normal de ganso. Mesmo se fosse de ouro, seria, de qualquer modo, uma péssima ideia econômica matar a gansa, mas, fora isso, esse é meu caso: eu boto ovos de ouro da raça humana, e decidiram que sou mais útil para eles vivo do que morto. Ah, tenho certeza de que o estudo não vai parar com a minha morte. Provavelmente colocarão meu cérebro num vidro, para escrutínio de gerações futuras, eles o fatiarão e testarão seu

isso aqui e seu aquilo ali. E tenho certeza de que seu escrutínio não revelará nada. Apenas um interior com a velha carne normal de chimpanzé. Haverá algum cientista daqui a uma centena de anos que erguerá minha caveira para mostrar à classe, assim como a de Yorick: olhem aqui, crianças, vejam o crânio do bobo morto há muito tempo — leve, oco, descarnado pelo tempo, liso e polido como uma joia. Observem o declive simiesco da frente, o queixo saliente. Seriam capazes de acreditar que o monstro que possuiu isto um dia cantou para o mundo uma canção de altivez e paixão e amor e alegria e medo e escuridão? Não, eles não acreditariam. Porque não é desse modo que os humanos gostam de pensar em seus animais selvagens. Eles querem você no escuro, querem você tremendo no meio do mato, curvando-se de medo diante de relâmpagos. Querem acreditar que já não estão tremendo e curvando-se assim como os animais. Mas estão — vocês estão, bestas aprumadas, seus animais.

No final, o tribunal cedeu aos argumentos dos cientistas e, após ser superada uma grande quantidade de burocracia, após uma porção de tempo e papelada para lá e para cá e a questão do que seria feito comigo finalmente chegar à saída do complicado labirinto burocrático, no qual houvera uma desesperada perda de tempo, fui mandado para viver em confinamento, relativa paz e isolamento no Centro Nacional Zastrow de Pesquisa com Primatas, localizado em alguma parte rural da Geórgia, Estados Unidos.

Aqui, no interior destas quatro paredes brancas, e dentro dos perímetros desta terra limitada por aquelas altas cercas de alambrado de que lhe falei (aparentemente) tanto tempo atrás, alternando estar na esterilidade dos laboratórios e na rica exuberância das matas lá fora, na companhia de cientistas humanos, chimpanzés não aculturados que não me entendem quando falo com eles e cujos guinchos inarticulados e gestos eu não mais compreendo, tenho vivido há 9 anos.

A data de hoje é 8 de agosto de 2008. Vou fazer 25 anos daqui a 12 dias. Ano que vem fará uma década que estou aqui. Serei 10 anos mais velho e, talvez, 10 anos mais sábio. Continuei a pintar e a ler aqui nos solitários apartamentos que os cientistas gentilmente me fornecem e, de tempos em tempos, tenho montado peças teatrais, as quais dirijo e estrelo. Embora precise trabalhar com um elenco de atores não profissionais, a maioria chimpanzés, e a nossa plateia tenda a ser pequena — em geral, formada apenas pelos cientistas que trabalham aqui —, eu tiro algum prazer delas. Leon ainda vem me visitar várias vezes por ano e nos correspondemos frequentemente por carta. A pequena Emily costumava me visitar nos primórdios do meu encarceramento, mas há anos não a tenho visto nem me comunicado com ela. Suponho que a pequena Emily se dispôs a me esquecer a fim de se concentrar em viver a vida de uma jovem mulher independente na casa dos 20 anos, seja o que isso signifique, é isso que ela está fazendo agora. Tal me visitou apenas uma vez. Foi uma visita desagradável. Ela ainda me culpa — justa ou injustamente — pelo que aconteceu a Lydia. Que se dane ela. Eu amei Lydia 10 vezes 10 tanto quanto ela ou alguém já amou alguém. Provavelmente eu a amei 10 vezes 10 tanto quanto alguém já amou alguém dentro ou fora da própria espécie delas. O Sr. e a Sra. Lawrence também me visitaram uma vez e, nessa ocasião — não me lembro direito há quantos longos e quietos anos deve ter sido isso —, eles trouxeram junto meu colega mudo, Clever Hands. Foi uma alegria vê-lo. Hilarious Lily, me informaram, tinha falecido — ela morreu na mesma cama onde seu marido, Hilarious Larry, tinha morrido poucos anos antes dela, apertando na mão seu rosário, indo silenciosamente ao encontro de seu Deus.

Fora isso — e exceto por você, Gwen —, não recebo visitas do exterior. Leon Smoler, que é meu melhor amigo vivo, certamente não tem muito tempo restante. Ele está velho, ele está velho. E, além do mais, em péssima forma, o que eu não deveria achar

surpreendente. Em pouco tempo, ele terá de começar a remendar aquele corpo velho para o céu. Depois que ele se for, creio que viverei o resto dos meus dias com pouco ou nenhum contato com alguém do mundo exterior. Obedientemente, entendo que o meu destino mais provável é ficar sentado aqui e esperar — culto, educado, dotado de linguagem e raciocínio e, mesmo assim, sozinho e privado de minha liberdade — até um dia morrer. E isso será tudo.

A não ser, é claro, que eu fuja. Como já lhe confessei antes, Gwen, tenho sonhos recorrentes de retornar àquele mundo humano que me tratou tão mal. Se eu fosse uma criatura racional (o que, obviamente, porque também sou uma criatura consciente, quase por definição não o sou), eu não teria absolutamente qualquer desejo de reingressar na civilização humana, tendo em vista que tenho tudo o que sempre quis ter bem aqui dentro deste pedaço de terra seccionado do restante do planeta por aquela alta cerca metálica. Mas, sempre que estou lá fora, na mata, sentindo o sol quente da Geórgia no rosto, sugando aquele úmido ar sulista para os pulmões, ouvindo o canto dos pássaros, que são livres para voar à vontade e cantar suas canções mais além da humanidade, às vezes um desassossego em meu coração induz meu olhar a se inclinar curiosamente em direção ao céu, para o topo da cerca de alambrado encimada por arame farpado que cerca o terreno do Centro Nacional Zastrow de Pesquisas com Primatas. Entretanto, Gwen, esses são apenas sonhos, filhos de um cérebro ocioso, gerados por nada além de fantasia vã. Essas sementes de meu sonho de fuga nunca germinaram mais além dos primeiros rebentos de tramas e vagos planos no solo rico em maldade de minha mente tortuosa: tramas e planos de passar de algum modo por cima ou por baixo daquela cerca, ou passar pela porta através da qual vejo você entrar e sair cada dia que vem me ver — e ir embora. Tem de haver uma saída.

O mundo é grande. Eu sei que não sou ajustado para viver em sociedade humana. Mas, pensando bem, quem é? Pode ser que chegue um dia, Gwen, em que Bruno Littlemore seja livre para andar novamente pelo mundo.

Hoje, Gwen, esta Sherazade ficará oficialmente em silêncio para você pela última vez, mas espero que esta não seja a sua última visita, porque, como deve ter notado, eu me apaixonei por você.

Salvo isso, mais cedo, esta manhã, antes de você vir até mim para completar o seu projeto, eu estava lendo o Livro dos Salmos. Não, por favor, não espere que esta narrativa se encerre com uma espécie de conversão de última hora na prisão no melhor estilo de Dostoiévski. Diferentemente de Hilarious Lily, nunca fui um macaco religioso. Fui e continuo a ser o chimpanzé inconveniente. Mas minhas longas horas de solidão e silenciosa reflexão me levaram a ler a Bíblia. Admito que, às vezes, ela pode ser muito bonita. Há uma energia escura e primitiva em suas palavras que, não raro, se lhes permito, conseguem me causar um arrepio na espinha, podem me fazer sentir como se meu sangue tivesse se tornado gelo. E, às vezes, também, eu a leio apenas para me enfurecer. Leio-a para fazer meu sangue berrar com violenta fúria em meu coração a toda a humanidade. Trata-se de um texto incomum capaz de produzir igualmente reverência e raiva em mim.

E eu folheava o tal texto em duas colunas, em papel finíssimo e páginas orladas de dourado daquele famoso livro — o “Livro Bom” — e pousei nos Salmos (que eu leio frequentemente, pois eles vêm logo depois de Jó, que é o livro da Bíblia que mais releio), e me deparei com isto:

*Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,  
a lua e as estrelas que estabeleceste,  
que é o homem, para que te lembres dele?  
e o filho do homem, para que o visites?  
Contudo, pouco abaixo de Deus o fizeste;*

*de glória e de honra o coroaste.  
Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos;  
tudo puseste debaixo de seus pés:  
todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,  
as aves do céu, e os peixes do mar,  
tudo o que passa pelas veredas dos mares.*

Quando leio estas palavras, não é o sentimento de reverência que me domina, mas o de raiva.

*Pouco abaixo de anjos?*

Não! Não, não, NÃO! Não pouco abaixo de anjos! Pouco *mais* do que macacos! Não! *Nada* mais do que macacos! *Macacos!* Apenas macacos! Arrogantes, egoístas, ilusórios, faladores... *macacos!* E agora sou um de vocês. Sou um de vocês e não posso jamais voltar atrás! Vão dizer ao seu Deus o que eu daria para desaprender a língua de vocês! Para voltar a ser um animal!

Não, não posso jamais voltar atrás! Não posso jamais voltar atrás novamente. Pois a evolução, perversamente, anda para a frente. Não quero dizer que ela progrida, mas apenas que não pode ser girada para trás, como os ponteiros de um relógio. Não podemos caminhar para trás no tempo. Não podemos colocar todas as nossas palavras numa panela e fervê-las até serem reduzidas a um salgado resíduo de grunhidos e uivos e guinchos e gestos, não podemos recuar para atravessar as antigas savanas, fazer novamente nossos braços crescerem mais e voltar a trepar em árvores, deixar nossas espinhas se esticarem para criar rabos e deixar nossos olhos estereoscópicos retrocederem lentamente para os lados da cabeça, livrar-nos de nosso pelo, esfriar nosso sangue e drenar leite de nossos peitos, tornar nossa fraca carne quente em frias escamas viscosas, fazer crescer ferrões e chifres e teias e nadadeiras e barbatanas, nos tornar peixes, e seguir escorregando sobre nossas repugnantes barrigas de volta para o mar.

Se ao menos pudéssemos! Se ao menos pudéssemos nos poupar de todo nosso sofrimento, de toda nossa noção de morte. Se ao menos pudéssemos poupar a terra de nossa profanação. E, sim, sei também que suprimiríamos uma porção de beleza e música e grandeza e alegria e blá-blá-blá e assim por diante. Cuidado! É desse modo que você é fisgado! É isso que o *seduz!* ...o que me seduz! Cuidado, peixinho!

Quem, porém — quem, dentre os anfitriões dos demônios, pode culpar a criatura marinha de muitos anos atrás por nos observar por entre a sujeira intermediária de sua existência sobre aquela margem lamacenta e ao ar livre e sob a luz do sol e, inocentemente, imaginar que beleza e música e grandeza e alegria devem estar à espera lá em cima? Ali, aquele monstro se faria um homem.

Portanto, vá em frente, seu peixe estúpido, seu monstro silencioso. Rasteje para fora da água. Veja o que há ali em cima. Pode ser que haja algum lucro, afinal de contas. Quanto a mim, Bruno, eu gostaria de dizer ao mundo todo, para berrar e zinear a Grande Cadeia do Ser, desde as formas de vida mais simples até os elos superiores, onde os anjos se aglomeram em volta do trono celestial com as asas batendo e as bocas bem abertas numa canção gloriosa, mas, principalmente, *principalmente* para a humanidade, para aquele animal, o homem, que pensa que é a medida de todas as coisas: você me ensinou a língua e meu lucro é este, eu sei praguejar.

# Agradecimentos

*A evolução de Bruno Littlemore* não teria existido sem o bondoso apoio de seus aliados. Ao meu agente, Brian DeFiore, obrigado por reconhecer o potencial deste show de aberrações tipo romance e por seu trabalho espetacular de dar-lhe forma e vendê-lo; e um enorme agradecimento ao meu editor, Cary Goldstein, por seu tremendo entusiasmo pelo livro e sua cuidadosa e incisiva edição.

Obrigado à University of Iowa Provost's Fellowship e à Michener-Copernicus Society of America, e obrigado aos fantásticos professores que me ajudaram a evoluir como escritor: Brian Morton, Paul Lisicky, Brooke Stevens, Ethan Canin e especialmente Edward Carey e Lan Samantha Chang, que adotaram este livro quando era apenas um bebê.

Um agradecimento particular a Jonathan Ames — a primeira pessoa a ler direto esta coisa toda no estado disperso e rudimentar em que se encontrava na ocasião —, por ser o primeiro advogado de Bruno e por sua contínua amizade e apoio posterior.

Amor infinito e agradecimentos a meus pais, Charley e Leigh — que me criaram numa casa cheia de livros e que, por bem ou por mal, me tornaram o que sou —, e aos meus irmãos, James e John.

Uma série de vivas especiais para Jim Mattson, Nimo Johnson, Kate "Hunter Hero" Sachs, Sergei Tsimberov, Roman Skaskiw, Kevin Holden, Andre Perry, Diana Thow, Cara Ellis, Andres Restrepo, John Benjamin, Sam Cooper, Graham Webster, Colin Heintze, Sarah Heyward, Jenny Zhang, Anthony Swofford, Sam Seigle, Gwenda-lin

Grewal, e *überthanks* a Chris Wiley, por sua inquebrantável amizade, seu apartamento, um maravilhoso jantar comemorativo e outras incontáveis coisas boas.

Anna North, não consigo agradecer a você o bastante.

Obrigado ao Great Ape Trust e a William Fields por sua generosa ajuda com minha pesquisa e a Sue Savage-Rumbaugh e Duane Rumbaugh, por continuarem a fascinante e importante atividade de pesquisa sobre linguagem símia.

E obrigado a Jane Goodall, a quem, quando eu era adolescente, ouvi dizer: "*Todas as criaturas vivas deste planeta são muito, muito mais próximas do que distantes.*"

Grandes macacos correm sério perigo. Será uma vergonha imperdoável para a nossa espécie se permitirmos que essa janela vital para a compreensão de nós mesmos se feche para sempre. Para aprender sobre a pesquisa da linguagem símia não fictícia e apoiar a conservação do *habitat* dos grandes macacos, recomendo que visite [www.greatapetrust.org](http://www.greatapetrust.org).

## Sobre o autor



Benjamin Hale cresceu no Colorado. Antes de se tornar escritor, trabalhou como padeiro, segurança, pintor especializado em trompe l'œil, cartunista, ilustrador e redator técnico. Formado pelo Iowa Writers' Workshop, recebeu o Provost's Fellowship para concluir seu romance, que foi agraciado com o Michener-Copernicus Award. Hale atualmente vive em Nova York.